REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E

GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

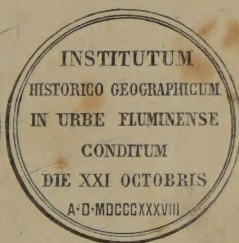
DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO LII

PARTE II

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per anno.
Et possint serâ posteritate frui.

INSTITUTUM
HISTORICO GEOGRAPHICUM
IN URBE FLUMINENSE
CONDITUM
DIE XXI OCTOBRIS
A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO

Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

1889

VIDA

DO

Padre Estanisláo de Campos

da sociedade de Jezus *

SACERDOTE NA PROVINCIA DO BRAZIL

CAPITULO I

Seo nacimento e educação

§ 1. N'essa região do Brazil, que fica quazi nos confins d'ele, está situada a cidade de São-Paulo no interior do paiz, em 23 gráos meridionaes e 36 milhas distante do mar. Aqui naceo Estanisláo, aquele sobre cuja vida e costumes determinamos escrever as poucas couzas, que, escapas da calamidade e injuria dos tempos, foi-nos possivel conhecer.

VITA

PATRIS STANISLAI DE CAMPOS

e societate Jesu

IN BRASILIENSI PROVINCIA SACERDOS

CAPUT I

Ortus ejus, et educatio

§ 1. In eà Brasiliæ regione, quæ pars ejusdem est ferè ultima, in vigesimo tertio meridionali gradu, ab ora maritima in mediterraneum sex et triginta milliaribus, Urbs Paulopolitana sita est. Hic natus est Stanislaus is cujus de vita et moribus pauca, quæ temporum calamitati injuriæque prœrepta, ac nobis esse comperta potuerunt, scribere statuimus.

---

* Esta biografia foi escrita em Roma em 1765. A prezente tradução portugueza, que fazemos, vae impressa com a ortografia fonica,de que uzamos, como o permite o Instituto. Veja-se no fim a nota sob o titulo:—OBSERVAÇÃO.

T. Alencar Araripe.

§ 2. Seos progenitores (para de mais alto buscarmos a sua geração) procedem da Espanha e da Belgica, n'aquele tempo sugeita ao rei da Espanha, pelo motivo que agora exporei.

§ 3. Filipe de Banderborg, nobre Belga, fôra pelos seos patricios mandado duas vezes como embaixador ao rei : da primeira vez certamente o exito correspondeo aos seos dezejos ; da segunda porém baldados foram o trabalho e o cuidado da embaixada, e inuteis foram os rogos junto ao rei.

Assim envergonhado, não animou-se a voltar para os seos concidadãos, e renunciou a patria. Dominado pela angustia em consequencia de similhante motivo, e mudando de parecer (como costuma suceder) não demorou-se na Espanha : cazou-se com Antonia del Campo, e transferindo dali o domicilio, passou da Espanha para Portugal.

§ 4. Então Filipe de Campos Banderborg, o mais moço dos trez filhos aqui gerados, vendo agitadas as couzas pelos sucessos da guerra, e concitado pelo amor da gloria umana, alistou-se como soldado voluntario, veio para o Brazil, e do Rio de Janeiro, que é a metropole do Brazil, trasladou-se para Paulopolis, * que é outra cidade da mesma região.

---

§ 2. Progenitores (ut ejus genus altius repetamus) ab Hispaniis ac Belgio Hispaniarum regi eo temporis subjecto originem duxère, ea porrò occasione, quam mox subjicio.

§ 3. Philippus Banderborg nobilis Belga semel à suis atque iterum fuerat ad regem legatus: prima quidem vice par votis successus, alterà verò nequicquàm labor ac cura fuit, legationesque, irritis apud regem precibus, infelix eventus. Ad suos proindè reverti ob pudorem non ausus, Patriæ nuntium remisit, nec longam in Hispaniis moram concepta ob id ipsum, et amaritudo animi, et ejusdem (ut fit) ad meliorem frugem conversio permisere : etenim juncta sibi in uxorem Antonia del Campo domicilium aliò transmittens pro Lusitania Hispaniam mutavit.

§ 4. Igitur ex tribus filiis hic procreatis Philippus de Campos Banderborg natu minimus, cum eo maxime temporis arderent omnia belli tumultibus, inter milites voluntarios humanæ gloriæ cupidine adscriptus in Brasiliam venit, et à Januarii Flumine, quod Brasiliæ urbs est, alteram ejusdem civitatem rigionis Paulopolim se contulit.

---

* Cidade de São-Paulo.

§ 5. N'esta cidade cazou-se com Margarida Pires, natural d'esta ilustre terra, e não menos recomendavel pela riqueza do que pela nobreza da prozapia: com este matrimonio estabeleceo a primeira estirpe da familia, que denominam Campos, oje extensamente propagada.

§ 6. De Margarida teve duas filhas e cinco filhos, dois dos quaes, isto é, Filipe e Estanisláo, deveriam militar sob a diciplina ecleziastica, e deram seos nomes, um á sociedade de Jezus, o outro á ordem dos clerigos.

§ 7. Quão santa e piamente vivêra Filipe perante Deos, embora nenhuns monumentos nos restem da sua inteireza e santidade, assás o demonstra o seo nobre despojo corporeo, sendo a cabeça admiravelmente conservada, e espargindo de si grato perfume em todos os sabados.

§ 8. Conta-se além d'isso, que Filipe, depois de morto, aparecêra a Bartolomeo de Quadros, sacerdote verdadeiro e probo, e lhe lembrara o pacto, que em vida ambos fizeram acerca da morte, para que aquele que primeiro morresse viesse certificar ao superstite o dia proximo do obito. Na verdade a morte de Bartolomeo aconteceo no dia que fôra dezignado pelo predefunto amigo, que assim cumprio o pacto, e o divulgou.

§ 9. De taes progenitores naceo Estanisláo no anno de 1649 da redenção, governando a Luzitania João IV

---

§ 5. Hac in civitate uxorem duxit Margaritam Pires, nobili loco natam, nec minus divitiarum copià, quàm claritate generis commendabilem: quo matrimonio primam posuit stirpem familiæ, quam Campos vocant, injustam hodié amplitudinem propagatæ.

§ 6. Duas ex Margarita suscepit filias, filios quinque, quorum duo, Philippus silicet et Stanislaus, sub ecclesiastica disciplina militaturi, alter societati *Jesu*, alter clericorum ordini nomen dedêre.

§ 7. Quam sancte pièque apud Deum vixerit Philippus, quandoquidem nulla de ipsius probitate ac sanctimonià monumenta ad nos pervenerunt, insigne ejusdem spolium, caput nimirùm decentèr servatum, et jucundum singulis sabbatis odorem spirans, non obscure demonstrat.

§ 8. Traditur præterea Philippum cuidam sacerdoti Bartholomæo de Quadros, vero etiam probo, se post obitum spectandum dedisse, ac de morte præmonuisse ex pacto, quod dum agerent in vivis, mutuò inierant, ut videlicet qui primus obiisset, superstitem de proximo ipsius obitu faceret certiorem. Sanè Bartholomai mors eodem secuta die, qui à præmortuo amico fuerat designatus, et implevit pactum et manifestavit.

§ 9. Iis itaque parentibus natus est Stanislaus anno salutis millesimo sexcentesimo quadragesimo nono, regente Lusitaniam Joanne.

d'este nome, o qual, expelido o jugo da Espanha, fôra aclamado em Lisbôa como rei de Portugal no anno de 1640.

§ 10. Educado por seos paes conforme os preceitos de piedade, apenas xegou á idade considerada idonea para o ensino das letras, incetou os primeiros rudimentos sob a diciplina e cuidado dos padres da sociedade de Jezus, entrando para as escolas dos mesmos.

§ 11. Embora por vicio ingenito a mocidade em geral seja mais accessivel e inclinada ao mal, todavia com igual proveito corresponde á industria e ao trabalho dos preceptores nas letras e virtudes : assim o nosso mancebo já então dava claros indicios da futura probidade.

§ 12. Quanto a Deos agradou esta inocencia de vida, e quão amparado e defendido foi por especial favor providencial é facil conjeturar pelo iminente perigo de vida, de que foi salvo por intercesssão divina, como devemos crer. Pois conflagrada a cidade de São-Paulo pela guerra intestina, que entre si faziam as duas mais poderozas familias, Pires principalmente e Camargos, com grande alvoroço e incomodo dos cidadãos, foi contra Estanisláo disparada uma bala de espingarda, a qual o mataria, si acazo Deos por particular proteção não permitisse, que o atirador errasse o tiro, quando aliás era perito e bom escopeteiro.

---

hujus nominis IV, qui excusso Hispanorum jugo Ulyssipone salutatus fuerat rex Lusitaniæ anno millesimo sexcentesimo quadragesimo.

§ 10. A suis pié educatus, cum ad eam pervenisset ætatem, quæ addiscendis litteris censetur idonea, prima ipsarum rudimenta posuit sub disciplina et cura Patrum societatis Jesu, eorundem scholas ingressus.

§ 11. Licèt naturæ vitio ad malum plerumque facilior ac pronior sit juventus, non minori tamen in litteris, quàm in virtutibus profectu præceptorum industriæ ac labori respondit; non levia jam tum prœbens futuræ probitatis indicia.

§ 12. Quantum hac vitæ innocentià Deo placuerit, et quàm speciali providentià protectus ab ipso fuerit atque defensus, facile est conjicere ex imminenti vitæ periculo, ex quo divinitus, ut est par credere, ereptus fuit. Cum enim Paulopolitana urbs intestino bello flagraret, quod inter se duæ ex potentioribus familiæ, Pires nimirum et Camargos, ingenti civium tumultu atque incommodo promovebant, explosa in Stanislaum fuit glans plumbea, qua trajectus efflasset animam, nisi Deus pro peculiari in eum cura falli jaculatorem, alioquin peritum atque erroris plerùmque nescium permisisset. Nec alia suberat causa, cur innocens hæc victima eo vulnere peteretur, nisi quod ex altera dissidentium familia originem ducerit ac naturam.

Nem outra cauza podemos prezumir, que existisse para contra esta inocente vitima dirigir-se o golpe, sinão porque de outra familia de dissidentes tirava a sua origem e condição.

CAPITULO II

O que fez desde a sua entrada na sociedade até o seo magisterio de filozofia

§ 1. A sua virtude e inteireza tornaram-se assás notorias ainda na licencioza juventude de modo tal que, como digno de nós, foi aceito na sociedade.

Admitido pois n'ela pelo padre Antonio Gonçalves, comissario geral do Brazil, seguio para o seo colegio do Rio de Janeiro, onde tambem era o noviciado ; e no dia 1°. de Abril de 1667 foi alistado entre os alunos, quando contava 17 annos e alguns mezes de idade.

§ 2. Vestindo o ábito da sociedade, satisfez vantajozamente a esperança e expectação dos padres, pois embora as novas vestes, que tomára, o constituissem entre os mais recentes alunos, todavia a virtude, que rapida se robustecêra, o colocára entre os mais provectos.

CAPUT II

Quæ egerit ab ingressu in societatem usque ad philosophiæ magisterium.

§ 1. Hunc maximè in modum absoluta juventute, satis nota ejus virtus ac probitas extitit, ut a nostris dignus, qui societati posset adscribi, judicaretur. In eam igitur admissus à P. Antonio Gonsalves Brasiliæ commissario generali, ad collegium Fluminis Januarii, ubi etiam domus probationis erat, se contulit, et die prima Aprilis anni millesimi sexcentesimi sexagesimi septimi inter tyrones cooptatus est, cum menses aliquot supra septemdecim ætatis suæ annos numeraret.

§ 2. Societatis veste indutus Patrum spei, ac expectationi non œgre satisfecit: nam etsi nova, quam induerat, vestis eum tyrones inter nuperrimos constitueret, virtus tamen, quam brevi adultam fecerat, inter provectiores collocabat.

Assim conformou as suas ações e vida com as normas e regras da sociedade de tal maneira, que depois ainda creceo na inteireza de costumes, a qual, emquanto ele permaneceo entre os noviços, trazia ao seo preceptor grande consolação e não pequena gloria.

§ 3. No tirocinio teve por mestre o padre Alexandre de Gusmão, varão famozo tanto por insigne virtude como por extraordinarios feitos : este depois, quando falava da louvavel vida e santidade de Estanisláo, afirmava com certa exaltação de animo, que não podia deixar de assás gloriar-se e comprazer-se, porque fôra ele o primeiro em dar a provar e a sugar o leite, com que a nossa sociedade costuma alimentar na primeira infancia a virtude de seos filhos.

Felicissima foi certamente a sorte de Estanisláo por incetar a via espiritual sob a direção de tal guia : e claramente podemos conjeturar qual seria a santidade do mesmo Estanisláo, quando pôde excitar o elogio de um varão santissimo, e mereceo ser por este recomendado.

§ 4. Feitos os votos depois do bienio do tirocinio, por ordem dos seos superiores permaneceo no colegio fluminense,afim de estudar retórica,a qual então ensinava-se aos seculares promiscuamente com os nossos mancebos em aulas publicas, e não em escolas particulares, como agora sucede.

Adèo enim societatis norma ac regulis se, actiones, vitam composuit, ut in illam exinde creverit morum probitatem, quæ suo, dum inter novitios ageret, præceptori magnum deinde solatium, et gloriam afferebat non exiguam.

§ 3. Magistrum in tyrocinio habuit P. Alexandrum de Gusmam, virum non minus insigni virtute, quàm prodigiis clarum : hic postea, cum de laudabili Stanislai vita et sanctimonia haberetur sermo, identidem et quadam animi exultatione, affirmabat, se non parum gloriari, neque sibi gratulari non posse, quod spiritualis doctrinæ lac, quo in tenera virtutem infantia filios suos alere societas solet, Stanislao primus ipse gustandum prœbuerit, atque sugendum. Felicissima quidem fuit Stanislai sors tali sub duce spiritualem viam capessere : neque obscure conjici potest, qualis esse debuerit ipsius sanctitas, ut sanctissimi viri animo invidere potuerit, ab eodemque meruerit commendari,

§ 4. Emissis post biennium tyrocinii votis,in eodem collegio januariensi superiorum jussu permansit, ut studio rhetoricæ operam daret, quæ tunc sæcularibus promiscue ac nostris junioribus publice, non verò, ut fieri nunc solet, privatim legebatur. Que ut plane assequeretur

Para conseguir adiantamento n'essa diciplina com o vigor, que fortalecêra o seo engenho, aplicou assiduo cuidado, e com perseverante diligencia obteve realmente ser enumerado entre os mais adiantados cultores d'essa faculdade, de modo que, cursando-a por um bienio, foi considerado perfeitamete abilitado.

§ 5. O amor da virtude, que por cauza da umana corrução, torna-se mais remisso, si lhe adimos o amor das letras, Estanisláo não o vio desmerecer em si; conservou sempre o mesmo teor de vida, que tivera durante o tirocinio, tornando-se mais proficiente nas letras; por isso resplandecia nas virtudes, e a todos mostrou, que as obras divina e umana não são opostas entre si, e podem exercitar-se com amigavel concordancia, e coadjuvar-se mutuamente. Por isso servio de admiração aos escolares externos, e nas nossas escolas deo norma e exemplo de vida.

Não foi menos amante cultor das virtudes no tempo em que aplicou-se á filozofia e á teologia; pois nunca o rumor e o trabalho d'estas poderam obliterar no seu animo o afecto d'aquelas.

§ 6. Iniciado no sacerdocio, xamou como da sombra á luz meridiana as palestras meramente literarias em beneficio das almas.

Em verdade n'esse tempo, por dispozição da providencia de Deos, axou campo mais amplo, onde mais

---

disciplinam vivido, quo pollebat ingenio, diligentem curam adjunxit: qua certe diligentia obtinuit, ut inter primores hujus facultatis cultores immeraretur, ut ad eam per biennium tradendam maxime idoneus haberetur.

§ 5. Jam verò virtutis studium, quod, humana exigente corruptione, remissius fit, si cum studio litterarum conjungatur, Stanislaus nihil imminui passus est: eumdem, quo vixerat in tyrocinio, vitæ tenorem plane servavit; imò quo plus in litteris proficere; eo videbatur in virtutibus splendere, et utramque facultatem divinam scilicet ac humanam non nihil inter se oppositas amicabili quadam in illo frui concordia posse, mutuoque juvari omnibus patuit.

Unde externis scholaribus admirationi fuit, nostris vivendi in scholis normam ac exemplar se exhibuit. Nec perinde minus fuit studiosus virtututum cultor, quo tempore philosophiæ ac theologiæ incubuit, cum nunquàm in jus animo illarum amori ac cultui obesse potuerint harum strepitus ac labor.

§ 6. Sacerdotio initiatus, à litterarum palæstra ad animarum lucra tractanda, velùt ex umbra in solem evocatur. Quo sane tempore, Dei

largamente espalhasse os raios da sua virtude, que aliás fulgia em particular.

§ 7. Como no governo de Pedro Segundo, que administrava a Luzitania em nome de seo irmão Affonso, foram entregues aos nossos cuidados trez povoações de indios no distrito de Pernambuco, aconteceo por felicidade de Estanisláo ser ele adido como sexto aos cinco companheiros destinados para essa expedição. Aceitando com animo alegre a comissão, e conformado sobretudo com a vontade do superior, não o dissuadiram da empreza nem a barbaria do gentio, nem a aspereza do lugar, distante mais de 200 milhas do colegio de Pernambuco.

§ 8. Com quanta benignidade começasse a tratar do rustico rebanho confiado ao seo zelo, e quanto fruto correspondesse aos seos pios desvelos, embora nos não xegasse noticia, ou pela incuria dos nossos antepassados, ou pela injuria dos tempos, nos levam a conjeturar já a sua insigne virtude, já a sua pericia na lingua brazíleira, em que primava: duas couzas que a experiencia tem mostrado serem as mais idoneas para abrandar os barbaros, e inclinal-os á piedade.

§ 9. Aqui porém não pôde demorar-se por muito tempo, sendo pelos superiores xamado para outro lugar. Assim provado e assás conhecido nas letras mais severas,

---

providentia disponente, campum invenit ampliorem ubi virtutis suæ radios, quæ adèo fulserat in privato, latius explicaret.

§ 7. Cum enim ex imperio Petri II, qui Alphonsi fratris nomine Lusitaniam administrabat, tres Indorum pagi in Pernambucano tractu nostris curandi traderentur, felicissimum id accidit Stanislao, quod sociis quinque ad hanc expeditionem abeuntibus sextus adderetur. Nec ab ea alacri animò suscipienda, hominem ad superioris voluntatem maxime conformatum vel gentium barbaries, vel asperitas loci a Pernambucano collegio ducentis plusquam milliaribus dissiti demovere potuerunt.

§ 8. Jam verò quonam studio rusticum gregem sibi commissum excolere, aggrederetur, quantusve fructus piis ejus sudoribus responderet, etsi vel majorum incuria, vel temporum injuria ad nos usque non pervenerit, conjecturæ locum faciunt tum insignis ipsius virtus, tum linguæ brasilicæ, qua imprimis valebat, peritia: quæ duo molliendis barbaris, et ad omnem pietatem inclinandis aptiora esse jamdudum docuit experientia.

§ 9. Sed diu hic immorari non potuit, a superioribus aliò vocatus. Nam ipsis probato ac plane noto ejus in litteris etiam severioribus, et scientiis profectu, á sylvis in scholas reducitur, designa-

e aperfeiçoado nas siencias, foi xamado dos bosques para as escolas, sendo dezignado para ensinar filozofia aos nossos alunos e aos estudantes externos no colegio de Olinda, onde felismente permaneceo no exercicio de cursos regulares.

CAPITULO III

Gozou do munus apostolico

§ 1. Entretanto ocorreo um acontecimento adverso, que veio provar quanta e quão solida era a sua virtude.

Ignoro, porque motivo dezavieram-se alguns cidadãos notaveis de Olinda e o bispo, e porque circunstancia não coube a Estanisláo interpor previo juizo sobre a controversia.

Consultado pelos dissidentes, que muito confiavam na sua opinião, pronunciou-se ele com inteira sinceridade a favor dos cidadãos e contra o bispo, convencido de que jamais devêra praticar acto algum, que se afastasse da justiça e equidade.

§ 2. Mal podemos crer qual foi a ofensa do prelado, que por tal modo avultou, que nenhum outro remedio pode aplacal-a, sinão a retirada de Estanisláo da cidade de Olinda. Portanto os seus superiores determinam

---

turque, ut in collegio olindensi philosophiam nostris ac externis legeret, quo feliciter exacto curriculo in eodem collegio jussus permansit.

CAPUT III

Apostolico munere perfungitur

§ 1. Adversus interim fuit eventus, quo perspicue, quanta et quàm solida fuerit ejus virtus probaretur. Super re nescio qua, primores quidam Olinda cives ac episcopus inter se dissidebant: nec potuit Stanislaus, quin suum hac in controversia judicium interponeret. A' dissidentibus, qui ejus doctrinæ plurimum deferebant, consultus, ea qua par erat, modestia pro civibus adversus episcopum pronuntiavit; certus nihil unquàm committere, quod ab æquo justoque declinaret.

§ 2. Credi vix potest, quantam incurrerit præsulis offensionem, quæ adèo crevit, ut nullum aliud ejus sedandæ extiterit remedium, quam Stanislai ab Olindensi urbe remotio. Ipsi ergo discessum imperant supe-

retiral-o, e o mandam para o Maranhão, onde para o seo fervor apostolico preparava-se abundante mésse.

§ 3. Acatando com umildade e placidez o dever de obediencia, prontamente tomou o caminho ordenado, e em breves dias xegou á provincia do Ceará, creada junto aos limites do Maranhão. Como porem por urbanidade e costume procurasse os companheiros, que n'aquela região tinham um ospicio de estreitas proporções, foi obrigado, por cauza de molestia, a ter entre os seos confrades maior demora do que esperava, e a permanecer ali por algum tempo.

§ 4. Entretanto mudava a face dos negocios, acalmava-se o tumulto dos discordantes, o prelado, voltando a si, abrandava, e finalmente desvanecia-se a cauza da ofensa, que Estanisláo pagava com o exilio, embora muito immerecidamente.

Por isto os superiores, mudando de parecer, o xamam da começada viagem, e mandam, que o padre João Antonio Andrioni parta da cidade de Olinda para a Bahia, vizitando todos os lugares de missões intermedias, e dezignam Estanisláo como seo companheiro no ministerio apostolico.

§ 5. Aceito por cartas o mandato, inceta com maximo fervor o trabalho, que se lhe destinára. N'esse labor parecia totalmente esquecido de si, e só lembrado e solicito da salvação do proximo.

---

riores, ac Maragnoniæ, ubi multa apostolico ejus fervori parabatur messis operarium deputant.

§ 3. Obedientiam humiliter et pacatè reveritus, imperatum iter prompte suscepit brevique ad Cearaensem venit provinciam, non procul á Maragnoniæ finibus constitutam. Cum verò ad socios, qui ea in regione angustæ domus utebantur hospitio, urbanitatis et consuetudinis causa divertisset, infirmata apud eos valetutudine longiorem spe moram trahere, et aliquandiu subsistere coactus est.

§ 4. Inter hæc rerum facies mutari, dissidiorum componi tumultus, præsul ad se reversus mansuescere, eaqüe demum evanescere offensionis causa, quæ Stanislai exilio, etsi prorsus immerito, luebatur. Quare superiores, mutata sententia, eum ab inceptò itinere revocant, et P. Joanni Antonio Andrioni, qui Olindensi ab urbe ad Bahiensem, omnia quæ interjacent loca missionibus excurrendo, iter facturus erat, apostoloci ministerii socium designant.

§ 5. Ille, accepto per litteras mandato, laborem, cui destinabatur, fervore aggreditur, quam qui maximo. Quo in opere sui planè oblitus, proximorum verò salutis unice memor, sollicitusque videbatur.

Assiduo em ouvir os confitentes, infatigavel em congregar e instruir, prezente e aplicado a todas as demais funções do oficio apostolico, constante e paciente em tolerar as atribulações ocurrentes da vida, a ponto de excitar a admiração dos circunstantes,—nenhum maior empenho tinha do que dedicar-se ao culto e salvação das almas.

§ 6. Certamente n'esta narração geral eu deceria a cada uma das circunstancias, em que mais se manifesta o espirito d'este missionario, si por ventura a procela, que arrancou-nos do Brazil para Roma, não incumbisse a outrem o comentario das nossas couzas.

Não falta quem, revolvendo os monumentos dos archivos bahianos, se recorde de aver encontrado, em mais de um d'eles, que Estanisláo fôra decorado com o titulo de *egregio missionario*.

Pois si aos nomes e titulos devem corresponder os meritos, quanto merecimento não devemos atribuir a este omem? Certamente o padre Andrioni, varão egregio, que teve Estanisláo por companheiro na excursão, de que falamos, muitas vezes o comparava a um engenho de assucar, para exprimir a opinião, que da sua indole formava.

§ 7. Esta explicação, embora pareça rustica, não é desgracioza, nem inadequada ao omem, que definia. Por-

---

Nihil antiquius habuit, quàm animarum cultui ac curæ omninò vacare, confessionibus audiendis assiduus, concionandi instruendique munere infatigabilis, cæteris officii apostoloci functionibus præsens et intentus, atque in ærumnis quæ passim occurrunt, tolerandis ad videntium usque admirationem constans ac patiens.

§ 6. Enim verò ad singula, in quibus manifestior apparuit hujus missionarii spiritus, a generali ista enarratione descenderem, nisi eadem procella, quæ nos e Brasilia avulsos Romam transtulit, omnia rerum nostrarum commentaria detulisset alio. Non desunt tamen, qui meminerint, se, cum bahiensis archivii monumenta pervolverent, Stanislaum *egregii missionarii* titulo decoratum non una in pagina offendisse.

Jam si nominibus ac titulis debent merita correspondere, quot hominis istius merita ex hoc titulo manent inferenda? Certè Pater Andrioni, egregius sane vir, qui Stanislao ad illam, de qua diximus, excursionem usus est socio, eum sacchareæ arcæ, ut conceptam de ipsius indole opinionem exprimeret, sæpenumero comparabat.

§ 7. Quæ sanè explicatio, etiamsi rustica videri possit, nec illepida est, nec homini definiendo incongrua. Quemadmodum enim saccharea

quanto não obstante ser o engenho de assucar aspero e rude no exterior, no interior porem é xeio de suavidade e doçura; assim Estanisláo, posto que rude no aspecto e austero no teor de vida, encerrava no animo mirifica doçura e costumes suavissimos.

§ 8. Quando os pecadores apreciavam a amenidade d'este varão, não podiam deixar de patentear-lhe todos os segredos da consiencia, e entregar-se completamente á sua direção.

CAPITULO IV

E' promovido á prefeitura

§ 1. No dia 15 de Dezembro de 1693 foi nomeado reitor do colegio do Espirito-Santo, onde, mediante paternal caridade para com os suditos e zelo na restauração da diciplina,realizou a observancia das nossas leis, que tambem persuadia com o exemplo.

§ 2. Confessavam todos os suditos, que tributavam-lhe reverencia e amor igual ao de filho para pae; e isto fazia a sua prezença formidavel ao invizivel inimigo da salvação umana.

---

arca exterius, rudis est atque aspera, intùs verò suavitatis plena atque dulcedinis, sic Stanislaus, etsi rudis aspectu esset ac vitæ ratione austerus, mirificam animo dulcedinem moresque condebat suavissimos.

§ 8. Quam hominis dulcedinem quotquot semel gustabant peccatores, non poterant quin eidem omnes conscientiæ latebras patefacerent, seque omnimò traderent dirigendos.

CAPUT IV

Promovetur ad præfecturas

§ 1. Primum Spiritus Sancti collegio datus est rector die decima quinta Decembris anni millesimi sexcentesimi nonagesimi tertii: ubi tum paterna in subditos charitate, tum disciplinæ vindicandæ cura, integram legum nostrarum observantiam, quam etiam exemplo suadebat, per diligentem operam exegit.

§ 2. Id subditi fatebantur omnes,dum illum pari, ut filii parentem. reverentia et amore prosequerentur; idque fortasse invisibili salutis humanæ hosti formidabilem vel ejus aspectum fecerat.

Pois, quando a certo individuo mal-assombrado aplicavam-se exorcismos, o demonio, constrangido pela virtude d'estes, declarou, que pouco antes entrára na fabrica de assucar do colegio, e excitando o vento, dispersara uma porção de algodão, que estava exposta ao sol para secar; porem tentando de novo entrar no mesmo lugar, vira em pé e olhando da janella o filho de Ignacio, cuja prezença lhe impedira o ingresso, e o obrigára a retroceder

Por diligente indagação do lugar, das circunstancias e do tempo conheceo-se, que Estanisláo fora o filho de Ignacio, que o inimigo comun declarára ter visto n'aquele lugar.

§ 3. A concordancia de tão insigne prudencia e virtude induzio os superiores logo a promover a maiores magistraturas o omem, que mostrava-se assás preparado para governar.

Por este motivo, entregue a outrem a administração do colegio do Espirito-Santo, foi ele reger o colegio de Olinda aos 6 do mez de Setembro do anno de 1698. Como o seu fim era a aquizição de bens, isto é, espirituaes, para mais facilmente conseguil-os cuidou do seo governo com a industria e solicitude costumada.

§ 4. O primeiro estudo foi unir a si os companheiros de oficio, e o segundo foi aumentar as forças do colegio;

Nam, cum obsesso cuidam exorcismi adhiberentur, horum virtute constrictus dæmon fassus est, sacchaream collegii officinam se non ita pridem ingressum, et quamdam gossipii portionem, aprico, ut exsiccaretur, expositam turbine excitato dispersisse; verùm, cum eumdem ingredi locum rursus tentaret, stantem vidisse atque a fenestra respicientem Ignatii filium, cujus aspectu fuerat et ab ingressu prohibitus, et reverti coactus. Quare facta loci, circumstantiarum, ac temporis diligenti perquisitione cognitum est Stanislaum eum fuisse Ignatii filium, quem in illo se loco vidisse communis hostis pronunciarat.

§ 3. Tam insignis prudentiæ, ac virtutis concordia superiores vel imprimis impulit, ut hominem, qui ad regendum maxime comparatus videbatur, ad ampliores magistratus in dies proveherent.

Quare Spiritus Sancti collegii cura alteri tradita, Olindense excepit moderandum octavo idus Sptembris anni millesimi sexcentesimi nonagesimi octavi. Jam veró ut propositum sibi finem, bonorum videlicet spiritualium comparationem, assequeretur facilius, ea qua solebat, industria et sollicitudine congrua ad illum media curavit.

§ 4. Primum ipsi studium socios continere in officio: alterum collegii facultates augere: cum probe sciret spiritualia bona, nisi temporalia accedant ad victum necessaria, difficulter posse per legum obser-

pois bem sabia, que os bens espirituaes, si acazo não se proporcionam os temporaes necessarios á subzistencia, dificilmente podem obter-se com a observancia das leis.

E para o aumento das forças do colegio não empregou outra industria sinão a ereção de fazendas n'aqueles lugares, em que reconhecia darem as despezas da cultura lucros avultados.

§ 5. Por esta razão no terreno, que xamam Cursahi, construio um engenho de assucar; e em pouco tempo obteve rendimentos, com que não só provêo á sustentação de numeroza familia, mas tambem pôde acudir á mizeria dos pobres; e porque importava ao seo oficio, tratou mais livremente de vigiar sobre as ações dos seos subalternos para conformarem-se com as normas e regras da sociedade.

Pelo contrario porem os que tiveram a administração do colegio de Olinda, depois de Estanisláo, sofreram todos grande carencia de viveres, desde que, embora por justa cauza, mas com exito infeliz, transferiram o predio para outro local; pois dahi por diante a abundancia converteo-se em penuria, e contrahidas muitas dividas, mal podiam manter pequena familia dos socios.

§ 6. Estanisláo ocupava-se da comodidade dos seos subditos, e tamanha era a liberalidade para com elles, que só julgava-se suficientemente provido, quando os viveres preparados para um anno pudessem ser consumidos com fartura e sobras.

---

vantiam acquiri. Neque ad facultates augendas alia usus est industria, quàm fundorum iis in locis erectione, quos noverat culturæ expensas magnò cum fœnore reddituros.

§ 5. Quare in eo terrœ tractu, quem Corosaim vocant, sacchaream officinam construxit: ac brevi eos inde redditus accepit, ex quibus non alendæ solum numerosæ familiæ necessaria paravit, sed inopum etiam miseriis potuit occurrere, et quod sui officii intererat, suorum actionibus ad normam societatis ac regulas componendis liberius invigilare.

Contra verò magnam annonæ difficultatem, qui post Stanislaum olindensis collegii præfecturam inierunt, experti sunt omnes, ex quo prædium illud justa quidem de causa, eventu tamen non pari, alio transtulere; cum deinceps, rerum affluentia in penuriam versa, multisque contractis nominibus, vix exiguam sociorum familiam alere protuerint.

§ 6. Adèo subditorum commodis vacabat Stanislaus, tantaque in eos erat liberalitate, ut quidquid ipsi de parato ad annum victu etiam ultra mensuram insumpsissent, optime collocatum æstimaret.

§ 7. Alguem denunciou-lhe os irmãos ajudantes do arranjo domestico, porque uzavam com demazia do vinho. Porventura (perguntou Estanisláo) amam o vinho ao ponto da embriaguez? Respondendo negativamente o delator, acrecentou ele, que portanto consentiria, que esses irmãos consultassem a sua sede, como quizessem, e so não queria, que bebessem alem das duas ou trez pipas de vinho do consumo uzual.

§ 8. De quanta benevolencia uzava para com os seos subditos, de outra tanta por esse tempo uzou para com a barbara nação dos Tapuias; e por este meio obteve xamar a conselhos de paz esses animos ferozes e acerrimamente infensos aos soldados paulistas e indigenas d'aquele territorio, e arredal-os da sociedade e da federação com outros barbaros, com cuja multidão podiam ser oprimidas as poucas tropas luzitanas, afligidas então pela peste da variola.

§ 9. N'este tempo outra ocazião apareceo a Estanisláo para exercer e comprovar a sua caridade.

Dôze companheiros nossos, partindo do porto de Cadiz para transportar-se á provincia de Buenos-Aires, por erro do piloto foram ter ás praias do Rio-Grande em terras de Pernambuco, consumido todo o mantimento e periclitando o navio: e recebendo-os Estanisláo com paternal caridade, ospitaleiramente os agazalhou durante

---

§ 7. Fuit qui fratres rei domesticæ adjutores apud illum deferret, quod vino largius uterentur. An usque ad ebrietatem (delatorem rogavit Stanilaus) vino indulgerent? Illo negante, addidit; sineret ergo siti illos suæ, ut libuerit, consulere, nec eosdem potiús sitire, quàm duo vel tria vini dolia ultra solitum consumi vellit.

§ 8. Quanta in subditos benevolentia tanta per id temporis erga barbaram Tapujarum nationem usus est: qua obtinuit industria ut ferocientes animos, et Paulopolitanis militibus indigenisque illius territorii acritèr infensos ad pacis consilia revocaret; averteretque a societate ac fœdere aliis cum barbaris ineundo, quorum multitudine paucæ ac variolarum morbo affectæ Lusitanorum cohortes opprimi potuissent.

§ 9. Alia sub id tempus Stanislao se obtulit exercendæ ac probandæ charitatis occasio. Duodecim ex familia nostra socii, cum e Portu Gaditano solvissent ad Boni aeris provinciam transmissuri, errore navarchi ad Flumen Magnum in ora Pernambucana appulerunt, consumptis omnino comeatibus, et nave periculum minitante: hos Stanislaus paterna charitate amplexus, partem in olindensi collegio, partem

quatro mezes, parte no colegio de Olinda e parte em outras rezidencias, e os obzequiou com oficios de benevolencia, que mal se poderiam esperar de outro.

§ 10. Todo o detrimento sofrido ele reparou, e deo dinheiro, com que comprassem victualhas para o resto da viagem; finalmente aparelhado navio menor, em que mais depressa alcançassem o porto do destino, e satisfeitas liberalmente as obrigações de todos, os despedio cativos de tanta benignidade.

§ 11. Julgo não dever omitir quanta foi a gratidão d'eles para com o beneficentissimo ospedeiro. Em verdade por algum tempo todos eles viveram no Paraguai, e foram pregoeiros do beneficio recebido, recommendando aos posteros a memoria de varão tão benemerito ante eles.

§ 12. Ainda depois de muitos annos os nossos confrades d'aquela provincia lembravam-se d'ele, não se esqueciam de perguntar por noticias suas, e queixavam-se com pezar de nunca lhes ter pedido obzequio algum aquele que cumulára os seos antecessores de tantos e tamanhos beneficios.

§ 13. Por isso buscando ocazião de corresponder ao favor, apareceo oportuno ensejo de o fazerem.

Certo sugeito, Paulista de nacimento e sobrinho de Estanisláo, conforme se dizia, fôra levado aos carceres de Buenos-aires como suspeito de crime, embora fôsse

---

in residentiis quibusdam, per quatuor menses habuit hospitalitèr, iisque fovit benevolentiæ officiis, quæ vix ab alio expectari possent.

§ 10. Nam quidquid detrimenti acceperant, reparavit; pecuniam contulit, qua reliquæ navigationi necessaria emerent: ac tandem minori navigio parato, quo ad destinatum portum citiús accederent, omniumque condonata liberaliter solutione, eos insigni captos begninitate a se demisit.

§ 11. Neque hic omittendum censeo, quænam ipsorum fuerit erga beneficentissimum hospitem gratitudo. Siquidem omnes, cum accepti beneficii, quandiu in Paraquaria vixere præcones extitissent, benemeriti erga se viri memoriam ad posteros transmisere commendandam.

§ 12. Unde multis etiam post annis ejus meminisse, ac de ipso sciscitari non destiterunt illius provinciæ socii, hoc ægre ferentes quod ab iis nihil unquam obsequii postulasset, qui majores suos tot, tantisque beneficiis cumulaverat.

§ 13. Quare omnem occasionem captantibus, qua eidem gratiam rependerent, opportuna se obtulit id exequendi ratio.

Ad Boni aeris carcerem ductus fuerat vir quidam, domo Paulopolitanus, et Stanislai, ut ferebatur, sobrinus, quod in suspicionem

inocente. Sabido o cazo pelos padres, intentaram por todos os meios livral-o da prizão e das penas. Não tardou muito ; pois, reconhecida logo a sua inocencia, e livre do carcere e da pena, o enviaram ao tio na patria com demonstrações de gratidão.

CAPITULO V

Governa o colegio da Bahia

§ 1. Emquanto pela India ocidental percorria a fama da caridade de Estanisláo, preparava a Divina Providencia nuncios, que tambem a levassem aos indios do oriente.

Estanisláo governava o colegio da Bahia desde o dia 17 de Outubro de 1705, quando Francisco Laines, que fôra tirado da nossa sociedade para ir ás ilhas de Meliapor, xegou á Bahia aos 2 de Agosto de 1708, trazendo um esquadrão de quazi 30 confrades, com os quaes partira do porto de Lisbôa para as missões da India oriental.

§ 2. Embora fôsse mais estreito do que convinha o espaço d'aquele colegio para comportar o numero de confrades sobrevindos, todavia a ampla caridade do reitor fez com que se contentassem todos com a ospitalidade, que efectuou-se á custa da propria comodidade dos seus.

---

criminis cujusdam, et si insons, venisset. Re patres cognita, cum vinculis, ac pænis subducere per omnem operam aggressi sunt. Nec diu fuit, quin, cúm de ejus innocentia brevi constitisset, et a carcere, et a pæna subeunda liberum, suæ erga avunculum gratitudinis nuntium in patriam rimitterent.

CAPUT V

Præficitur collegio bahiensi

§ 1. Dum hac de Stanislai charitate per occidentalem Indiam vagaretur fama, non pauci a Divina Providentia parabantur nuntii, qui eam ad orientales Indos etiam deferrent.

Collegio bahiensi a die vigesima septima Octobris anni millesimi septingentesimi quinti præerat Stanislaus, cum Franciscus Laines, qui á societate nostra ad Meliaporenses infulas assumptus fuerat, postridie kalendas Augusti anni millesimi septingentesimi octavi Bahiam attigit, agmen ducens sociorum fere triginta, quibus cum ex Lisbonensi portu ad orientalis Indiæ missiones navigabat.

§ 2. Enim verò angustius erat illius collegii spatium, quàm ut supervenientium sociorum numero posset sufficere : ampla tamen rectoris charitas fecit, ut omninò cónsuleretur hospitalitati, quam me-

Assim mandados para uma quinta suburbana os mancebos estudantes de retórica com o seo professor, depois distribuio os demais confrades de maneira que cedessem aos socios forasteiros, como mais necessitados, quazi toda a capacidade do colegio.

Acolhendo-os na abitação mais comoda, que tinha, e tratando-os com franca liberalidade, reparou-lhes as forças abatidas pela prolongada navegação, e a quazi perdida saude.

§ 3. Como já se aproximasse a monção oportuna para a navegação, nada omitio para que os viajantes tudo tivessem abundantemente para o espaço de trez mezes, e os premunio copiozamente de tudo quanto fôsse necessario para a diuturna viagem maritima. As quaes couzas preparou com tanto afecto de caridade, que cauzou não pouca admiração aos estranhos e aos familiares.

E posto que Estanisláo primasse em caridade para com todos, e nada poupasse em seo detrimento para acudir a todos os necessitados, comtudo maior era a sua solicitude para com aqueles a quem administrava. Não só os confrades, mas tambem os famulos, principalmente infermos e valetudinarios, o encontravam benefico e liberal.

§ 4. D'entre os predios rusticos pertencentes ao colegio da Bahia o mais notavel era a fazenda da Pitanga, util pela fabrica de assucar, e frequentada por grande numero de escravos, que avultam nas oficinas d'este genero.

---

ritò duxit proprio suorum commodo præferendam. Itaque junioribus, qui rhetoricæ operam dabant, in suburbanam villam cum præceptore dimissis, reliquos deindè socios ea distribuit ratione, ut peregrinis totam fere collegii amplitudinem utpote egentioribus concederent. Nec eos tantúm commodiore, qua potuit, habitatione, sed larga etiam liberalitate excepit, nullis parcens sumptibus, quo ipsorum vires longa navigatione fractas, valetudinemque penè amissam repararet.

§ 3. Jam verò, cum tempus instaret navigationi opportunum, nihil non egit, ut quos trium mensium spatio laute habuerat, eosdem copiose instrueret rebus omnibus, diuturno itineri, eique maritimo necessariis. Quæ omnia tanto præstitit charitatis affectu, ut externis æquè atque domesticis admriationi fuerit non exiguæ.

Et si verò Stanislaus eximia in omnes charitate flagraret, nullique parceret sui detrimento, ut calamitosis quibuslibet opem afferret; eorum tamen, quorum pro numere curam gerebat, attentior illi erat sollicitudo. Nec socii modò sed etiam mancipia, infirma præsertim et valetudinaria, beneficum experiebantur ac liberalem.

§ 4. Ex prædiis, quæ ad Bahiense collegium spectant, insignius erat Pitangense, officina saccharea utile, eaque frequens servorum multitudine, quæ in officinis hujusmodi nequit esse non magna.

Quando Estanisláo ia a esse predio, não indagava logo da cultura dos campos, nem da quantidade e qualidade do assucar, perguntava porém pela saúde dos servos e pelo cuidado com que eram tratados.

§ 5. Vizitando as cazas, onde abitavam, inquiria d'eles, si sofriam algum mal, si padeciam molestias, e si eram tratados com brandura ; e os exortava a que, si de alguma couza precizassem, claramente o dicessem com inteira confiança.

Si descobria alguma falta, logo provia e mandava providenciar para que dali por diante por nenhum motivo de despeza ela se reproduzisse.

§ 6. A esta pia liberalidade correspondiam largos gastos ; mas tambem Estanisláo nenhuma industria poupava para aumentar decentemente os reditos do colegio. Dotou a fabrica da Pitanga, cujos gastos quazi todos os anos consumiam a receita, com moenda d'agua, e por meio d'esta conseguio, que se fabricasse com maior celeridade maior quantidade de assucar, do que antes se fazia, e com despeza menor.

§ 7. Edificou cazas na cidade para alugal-as aos moradores, afim de que não proviessem as rendas de uma só fonte. Na execução d'estas couzas consumio tudo quanto podia obter de parentes a titulo de esmola, de sorte que,

---

Prædium istud quoties adiret Stanislaus, non prius de agrorum cultura, de sacchari copia et bonitate, aut aliis de fructibus rationem exigebat, quàm de servorum valetudine, deque cura circa ipsos adhibita interrogaret.

§ 5. Domos, ubi jacebant, invisens, ab eisdem, quid paterentur, quo afflictarentur morbo, qua sedulitate curarentur, quæritabat ; hortabaturque, ut si cujusquam rei indigerent, apertè exponerent et confidenter. Defectui, siquem deprehenderet, providebat, et provideri deinceps, nulla sumptuum habita ratione, imperabat.

§ 6. Piæ huic largitati non poterant magni sumptus non respondere : at Stanislaus nulli etiam parcebat industriæ, qua collegii redditus honestè augendos reputaret. Pitangensem officinam, cujus expensæ singulis ferè annis cum lucro certabant, aquaria instruxit machina, eaque obtinuit, ut magna sacchari copia et celerius, quam antea, et minoribus expensis deindé conficeretur.

§ 7. Domos etiam in urbe extruxit civibus locandas, ut non uno ex capite facultatum augmento provideret.

In his verò moliendis perficiendisque rebus, quæcumque a consanguineis eleemosinæ nomine corrogare poterat, consumebat omnia ut collegio, cui operum laborumque fructum destinabat, lucrum

removida toda a ocazião de dispendio, coubesse mais solido lucro ao colegio, a quem destinava o fruto das suas obras e trabalhos.

Procedia de maneira, que a sua solicitude não ficava absorvida pelo cuidado das couzas temporaes; antes cumpria com tanto ardor a observancia da diciplina regular, como si por seu oficio outra couza lhe não tocasse fazer. E promovia a disciplina não só com palavras e aplicação de penas, mas principalmente com o exemplo.

§ 8. Como admoestava os companheiros por tudo aquilo que ofendia o uzo comun, assim tambem d'este nunca afastava-se um apice. Fugia da nota de singularidade em qualquer couza, e principalmente a evitava na comida e no vestuario; por isso reputava como ofensa, si era tratado com mais distinção do que outro qualquer por aqueles que tratavam dos negocios domesticos.

§ 9. Aconteceu, que o servente do colegio colocou no seo logar certa iguaria além das que tinham-se preparado para os demais confrades.

Exaltou-se com isto o piedozo monge, e esteve a ponto de punir publicamente a culpa; pois si o obzequio parecia inocente ao servo, ao reitor parecia grande pecado, e intoleravel ofensa á comunidade.

§ 10. Era porém despido de severidade nas couzas relativas ao comodo dos suditos; pois embora fôsse

---

afferret solidius, amota omni expendendi occasione. Aberat tamen, ut ejus sollicitudo una temporalium cura absorberetur: imò regularis disciplinæ observantiam tanto exigebat ardore, ac si ex officio nihil aliud haberat commendatum. Eam verò non verbis tantùm, aut pænarum inflictione, sed exemplo maximè promovebat.

§ 8. Quemadmodum enim reprehendebat in sociis, quidquid communem usum offendisset, sic etiam nihil unquam admisit, quod ab eo transversum vel unguem declinaret.

Qua singularitatis notam cùm cæteris in rebus effugeret in victu præsertim vestituque oderat infensissime: adeò ut offensionis loco haberet, si ab iis, quibus erat rei domesticæ cura, delicatius quam cæteri tractaretur.

§ 9. Contigit, ut ei præter obsonia quæ sociis parata fuerant, nescio quid exquisitius apponi fecerit collegii minister. Exarsit homo re illa commotus, vixque abstinuit ab eo publice puniendo, quod ministro innocens quidem obsequium, ipsi veró grande piaculum, et non toleranda comunitatis offensio videbatur.

§ 10. Ab hac porrò severitate alienus erat in iis, quæ ad subditorum commoda pertinerent: nam, etsi in asserenda disciplina constans

constante e incansavel na pratica da diciplina, inteiramente repelia a austeridade, e procedia em tudo como pai verdadeiramente benevolo.

Por isso sempre intentou e pretendeo conseguir a emenda das ofensas, quando tinha cabimento, sem o emprego de pena mais acerba do que a repreensão. Por este motivo uzava de calçado bulhento, para que, si encontrasse confrades conversando fóra do tempo da recreação, os advertisse com o estrepito, e os corrigisse, sem confundir os culpados com outra mais pozitiva exprobração.

§ 11. Si lhe pediam licença para receber alguma soma de dinheiro emprestado de estranhos, primeiramente perguntava de quanto precizavam, e conhecida a justa cauza do pedido, contava toda a quantia do seo peculio. Isto que fazia com os mais necessitados, tambem praticava com aqueles que em suas mãos tinham dinheiro depozitado.

Estes na verdade julgavam gastar do proprio depozito; mas depois, quando recebiam inteira a soma depozitada, sabiam então, que não tinham despendido do seo dinheiro, porém sim do dinheiro do reitor.

A ele porém nada jamais impedio de sustentar essa beneficencia ; e não cauzava detrimento ás posses do colegio, pois uzava da liberalidade dos seos parentes, que para com ele eram dadivozos.

---

omninò esset atque indefessus, austeritatem maximè abhorruit, et quidquid aliud patrem vere benevolum dedeceret.

Undè noxarum emmendationem, si locus daretur, absque acerbiori pæna, aut etiam reprehensione consequi et semper habuit in animo, et conatus est. Quamobrem calceis non nihil strepitantibus utebatur, ut siquos offenderet extra recreationis tempus colloquentes, edito admoneret strepitu, atque corrigeret, quin objurgatione alia propriús confunderet deprehensos.

§ 11. Siquis pro pecuniæ sùmma ab externis accipienda facultatem peteret; primum, quanam in re foret expendenda, interrogabat : cognita deinde justa petendi occasione, totam pecuniæ summam numerabat de suo ; id quod cum egentioribus præstabat, atque etiam cum iis, qui tenuem summam apud ipsum depositam haberent.

Hi equidem de proprio deposito putabant se expendisse ; at cùm integram, quam deposuerant summam, postea reciperent, non sua, sed rectoris pecunia usos se illatenus fuisse deprehendebant.

Huic vere beneficentiæ sustentandæ nihil unquam impendit, quod collegii facultatibus detrimentum afferret, usus cognatorum liberalitate, quæ erga ipsum erat non mediocris.

§ 12. Quanta fôsse a sua beneficencia para com os seos companheiros é facil deduzir do cuidado, que aplicava para que lhes não faltasse couza alguma necessaria ao bom passadio da vida.

Procurou manter exatamente tudo quanto estava prescrito nos cadernos de apontamento dos costumes em relação á economia dos alimentos e vestuarios, embora essa observancia algumas vezes custasse mais do que permitiam as forças do colegio.

§ 13. Por estes meios ligou a si o animo dos suditos por tal fórma que o amavam quazi como pai, e apenas algum averia, que, advertido por ele, molestamente o sofresse, ou o contraditasse.

Posto que porém fugisse a toda a especie de austeridade, como acima dice, não podia absolutamente dispensal-a n'aqueles cazos, em que alguem procedia pouco umildemente, e então posposta qualquer intercessão, aplicava o castigo.

§ 14. Por acazo viera á cozinha um dos nossos novatos para n'aquele lugar receber os vazos de ablucão, como muitas vezes se pratica em sinal de umildade. Como porém n'este trabalho, que costuma ser feito por dous, visse, que a ele se não reunia companheiro, que fósse de condição religioza, arrogantemente perguntou ao cozinheiro, si por ventura lhe destinavam fazer o serviço de parceria com um escravo? pois lhe não cabia emparelhar com servos.

---

§ 12. Cum autem ea in socios esset beneficentia, planum est intelligere, quantam adhiberet curam, ne quid ipsis deficeret ad vitam ducendam necessarium. Certe quidquid ad victus vestitusque æconomiam in consuetudinum adversariis esset præscriptum, servari omnino curabat, etsi hæc observantia cariùs aliquandò constaret, quam collegii rationes paterentur.

§ 13. Quibus omnibus adeò sibi devinxerat subditorum animos, ut eum quasi parentem diligerent, ac vix unus aliquis fuerit, qui factam ab illo animadversionem aut œgre ferret, aut recusaret.

Verùm etsi omnem, quod superius dixi, fugeret austeritatis speciem, ea in quibus parum demissè quis ageret, omninò sustinere non poterat, quin, postposita qualibet intercessione, puniret.

§ 14. Forte coquinam adierat junior quidam ex nostris, ut eo in loco, quemadmodum humilitatis causa persæpe fit, vasa susciperet abluenda. Cum verò ad opis istud, quod a duobus præstari solet, nullum sibi videret adjungi socium qui religiosæ cònditionis foret, coquum petulanter rogaverat: an esset cum mancipio destinatum laborem aggressurus? quasi ipsum mancipii societas dedeceret.

Estanisláo, por isso que tratava-se de umildade, recebeo com desgosto a noticia do facto, e não dispensou o mancebo do merecido castigo, apezar de interpor-se a autoridade do principal religiozo.

§ 15. Foi constante defensor do livre ensino dos mestres e principalmente d'aqueles que explicavam tudo quanto pertencia á boa governação.

Advertira, que os mancebos estudantes externos das nossas escolas de filozofia, aplicavam-se menos cuidadozamente do que era necessario para fazerem progressos reaes.

Por tanto dando oportuno remedio a este mal estatuio e determinou, que dahi em diante ninguem fosse admitido ao exame necessario para obter aprovação sem que soubesse de cór e recitasse todos os argumentos, com que pretendesse defender as suas concluzões, antes que satisfizesse as objeções propostas contra um e outro; de maneira que por este modo se pudesse mais facilmente indagar e conhecer quem estivera ociozo e quem ocupado no estudo.

§ 16. Dentre os estudantes nenhum apareceo, que quizesse sugeitar-se a esse grave onus, e que o não recuzasse com animo obstinado; pois esperavam n'este facil negocio mudar o parecer do reitor, apenas interpuzessem suplicas das pessoas notaveis da cidade para o conseguir.

Falhou porém o dezejado intento. Porquanto não

Stanislaus pro eo, quem gerebat erga humilitatem, affectu rem sibi delatam gravissime tulit, ac debit pæna carere juvenem passus non est, nequicquam interposita religiosi etiam primarii auctoritate.

§ 15. Constans perinde fuit præceptorum assertor, eorumque maximè, quæ ad rectam gubernationem spectarent. Animadverterat, quòd externi juvenes philosophiæ nostris in scholis novantes operam, studio minùs accuratè pergerent applicari, quàm est congruos exinde progressus facere possent.

Igitur malo huic opportunum allaturus remedium, statuit præcepitque, nequisquam ad examen pro laurea obtinenda necessarium admitteretur deinde, quin argumenta, quibus tuendæ inniterentur conclusiones, memoriter priús teneret recitaretque omnia, quàm objectionibus contra unum vel aliud propositis satisfaceret, ut hac ratione, utrum otio, an studio vacaverit unusquisque, explorari faciliús posset, atque cognosci.

§ 16. Nemo ex scholaribus fuit unus, qui grave illud onus subire vellet, atque obfirmato, animo non detrectaret; sperabant enim facili negotio mutandam rectoris sententiam, quam primùm dynastarum preces ad id obtinendum interposuissent.

obstante intervirem tambem o bispo e o governador, Estanisláo permaneceo firme em sua opinião, e por fim solvidas as razões de um e outro com modestia e evidencia, continuou a exigir a observancia da sua determinação.

§ 17. Vencida esta dificuldade, outra logo sobreviera. Por antigo costume da sua provincia eram dezignados dois moços para cada uma das questões de filozofia, um secular e outro religiozo; o primeiro dos quaes preparava á sua custa o que necessario era para a função, o outro porém ficava izento de qualquer pensão além da reprezentação literaria.

Assim Estanisláo deveria deferir a petição dos alunos, ou mandar o colegio fazer as despezas. Como porém prezasse menos as caducas riquezas do que o bem da republica, de modo algum dezistio da exata observancia do estatuto, com cujo cumprimento preparava-se a utilidade da republica, que não é pequena com o progresso dos alunos.

§ 18. Por esta razão, xegado o tempo destinado aos exames de filozofia, mandou, a expensas do colegio, ornar a sala da escola, vir os principaes muzicos da cidade, e fazer outros preparativos, afim de que os estudantes externos perdessem a falsa opinião, em que estavam, de não poderem os nossos estudantes assistir a festas literarias, si não fossem coadjuvados por suas riquezas.

At omnes concepta fefellit opinio. Nam, intercedentibus etiam episcopo et gubernatore, firmus in sententia perstitit Stanislaus, atque tandem, utriusque rationibus modestè quidem, sed evidenter solutis, præcepti observantiam exigere perrexit.

§ 17. Ea victa difficultate, alia supererat expedienda. Pro antiqua illius provinciæ consuetudine duo ad singulas philosophiæ disputationes designabantur juvenes, alter sæcularis, religiosus alter: quorum primus, quidquid ad functionem opus erat, propriis parabat expensis, alius veró cujuscumque pensionis præter unam litterariam manebat immunis. Itaque vel scholarium postulationibus concessurus erat Stanislaus, vel sumptus faciendos collegio imponere debuisset.

At cum minoris faceret caducas opes, quam bonum reipublicæ, ab incepto nequaquám destitit, ut omninò servaretur statutum, cujus beneficio ea reipublicæ comparabatur utilitas, quæ ab scholarium progressu solet esse non parva.

§ 18. Quarè, adventante tempore subeundis philosophiæ examinibus destinato, scholasticam ornari aulam, primarios civitatis musicos collegii sumptibus conduci, et id genus alia imperavit, ut externi

Com este facto reconheceram emfim o seo erro, e no proprio mal aprenderam não ser tanta a sua influencia, que pudessem a seo arbitrio alterar aquilo que o diretor dos estudos prudentemente rezolvêra e determinára.

CAPITULO VI

Administra por trez annos a fazenda da Pitanga, e é nomeado vizitador da parte meridional da provincia.

§ 1. Entretanto quazi decorrido o quatrienio do seu governo entregou o cargo ao seu sucessor aos 13 de Julho do cadente anno de 1709. Não passou muito tempo sem que se recolhesse ao predio da Pitanga, assumindo a administração d'ele conforme as ordens dos seos superiores, no dezempenho da qual realizou em beneficio e comodidade do mesmo predio tudo qnanto o reitor planejára.

§ 2. Estas couzas ele executou com tanta alacridade, quanto mais desprezivel e umilde era decer da onorifica prefeitura do maior dos colegios ao dezempenho do oficio de feitor; no que claramente mostrou, que não dezaprendêra a faculdade de obedecer com o exercicio de mandar, antes

---

scholares falsam, qua laborabant, opinionem deponerent, non posse juniores nostros litterarias obire functiones, nisi eorum opibus adjuvarentur. Quo facto suum tandem illi errorem agnoverunt, proprio malo docti se suaque tanti non esse, ut propterea ipsorum mutaretur arbitrio, quod ab studiorum rectore prudenter constitutum fuerat; atque prœceptum.

CAPUT VI

Pitangense prœdium triennio administrat, et visitator pro parte provinciœ meridionali instituitur.

§ 1. Intereà elapso magistratús fere quadriennio, regimen apud successorem deposuit decima tertia Junii vertente anno millesimo septingentesimo nono. Nec diu fuit, quin ad pitangense prædium se reciperet, ejusque administrationem iniret superiorum imperio commendatam: quo in munere cuncta, quœ rector moliri curaverat, magno illius prædii emolumento, commodoque perfecit.

§ 2. Hæc verò tanta executus est alacritate, quanto abjectius erat, atque humilius ab honorifica collegii maximi prœfectura ad munus villici obeundum descendere; quo luculentèr ostendit, se diuturno

estava igualmente bem preparado para as funções onorificas e para as ignobeis.

§ 3. Decorria o terceiro anno d'esta sua administração, isto é, o anno da graça de 1712, quando Estanisláo foi mandado vizitar a parte meridional da provincia pelo padre Mateos de Moura, regedor da provincia do Brazil. Então eram infestas todas as couzas n'estes lugares.

§ 4. A cidade do Rio estava entregue á depredação dos inimigos; o colegio na comun calamidade fóra abandonado pelos nossos; e outras couzas iguaes aconteceram, como passo a expôr.

§ 5. Os Francezes com uma esquadra beligera dirigiram-se para as plagas fluminenses; e feito o dezembarque em praia distante, procuraram a cidade com exito infeliz.

Porquanto, repelidos com grande estrago dos seos, recolheram-se aos navios e depois partiram para França.

§ 6. Aparelhada porém outra esquadra de dezoito embarcações, voltaram no fim de um anno; e ocupada a ilha contigua á cidade, dahi por espaço de oito dias arremessaram sobre a cidade vizinha bombas igneas e outros projetís.

§ 7. Não faltaram valorozos defensores; porém o governador portuguez, com pleno indicio de traição, mandou

---

imperandi exercitio facultatem obediendi minimè dedoctum, imò paratum omninò esse ad munera et honorifica et abjecta pari animo ineunda.

§ 3. Tertius decurrebat hujus administrationis annus, salutis verò millesimus septingentesimus decimus secundus, cum a P. Matthæo de Moura, brasiliensis provinciæ moderatore, Stanislaus ad meridionalem provinciæ partem visitandam legatus est. Omnia per id tempus iis in locis erant infesta.

§ 4. Urbs fluminensis hostibus in spolium tradita: collegium in communi calamitate a nostris derelictum; atque id genus alia, quæ occasione, quam mox subjicio, evenerunt.

§ 5. Galli classe ad bellum instructa oræ fluminensi appulerant, urbemque, facta ad littus non longè dissitum excensione, adorti fuerant infelici eventu. Nam ingenti suorum strage repulsi, se ad naves primùm, deinde in Galliam recepere.

§ 6. At comparata octodecim navium classe eódem rediere post annum; occupataque insula, quæ urbi adjacet, inde octo dierum spatio tomenta, igniariasque ollas in proximam civitatem librarunt.

§ 7. Non deerant defensoribus animi: lusitanus tamen gubernator, haud levi proditionis indicio, milites, præsidiariosque omnes urbe

retirar da cidade todos os soldados e a guarnição da praça.

Com este facto ficou livre a entrada ao inimigo, sendo entregues á preza e rapina as riquezas dos cidadãos.

§ 8. Os Francezes ameaçavam a cidade com incendio e destruição ; e já começavam a escavar minas sob os alicerces de quatro das paredes do nosso colegio, para introduzir polvora e lançar fogo, afim de destruir toda a fabrica do edificio. Por isso tratou-se de paz com o inimigo e a cidade foi remida por 600.000 cruzados, 200 bois e 100 caixas de assucar, das quaes levaram algumas nossas.

Nem foi este o unico detrimento do colegio, pois ficamos despojados de todas as alfaias, dano que mal poderia reparar-se com cem mil cruzados.

§ 9. Estanisláo, mandado para esses lugares, precizava mostrar no dezempenho do seu oficio muita destreza e sagacidade. Assim partio do porto da Bahia, e passando pela rezidencia de Camamú, e pelo convento de Porto-Seguro, com prospera navegação xegou á cidade do Espirito-Santo.

§ 10. Aqui porém sabendo pelos que voltavam do Rio de Janeiro, que a cidade tinha sido saqueada pelos Francezes e não julgando assás seguras estas paragens, mandou demorar o navio, em que vinha, para que (como podia acontecer) não sofresse algum dano dos mesmos Francezes.

---

jussit abscedere. Quo factum ut liber hosti pateret aditus, universaque civium gaza in prædam cederet, atque rapinam.

§ 8. Incendium Galli ac excidium captæ urbi minitabantur; jamque cœmentarios collegii nostri parietes quatuor suffoderant cuniculis, ut nitrato pulvere, adhibito injectoque igne, tota ædificii moles dirueretur. Quarè paciscendum fuit cum hoste; urbsque sexcentis aureorum millibus, bobus ducentis, et tribus mille sacchari congiis redimenda: quorum alia alii, saccharum nostri contulerunt.

Nec unum istud fuit illius collegii detrimentum; nam supellectile spoliatum omni eam fecit jacturam, quæ vix centum aureorum millibus reparari posset.

§ 9. Unde Stanislaus, cum ad ea mitteretur loca, magnam debuit in præstando munere dexteritatem adhibere, atque solertiam. Solvit itaque Bahiensi è portu, atque Camamûensi residentia, et Portus securi domo in cursu perlustratis, Spiritus Sancti oppidum prospera tenuit navigatione.

§ 10. Hic verò, cum ftuminensem oram à Gallis spoliata urbe redeuntibus minimè tutam crederet, nostràm, qua vehebatur, navem jussit subsistere aliquandiù, ne (quod impune evenire poterat) aliquid ab iis damni pateretur.

§ 11. Ele tomou caminho por terra para o Rio de Janeiro, afim de que, conhecido o estado da cidade, depois providenciásse sobre a vinda do navio ; e arranjadas as couzas do colegio fluminense conforme a necessidade dos tempos, seguisse para a cidade de São-Paulo e Santos, e tambem para outras rezidencias situadas na região interior.

§ 12. Executou felizmente todas as couzas, que com acerto determinára. Depois, devendo regressar á Bahia, mandou partir para o porto do Espirito Santo o navio, que já tinha vindo para o Rio de Janeiro, emquanto ele, percorrendo algumas rezidencias que faltava inspecionar, seguia a mesma viagem por caminho terrestre.

§ 13. Porém o navio sahido antes d'ele, combatido por violenta tempestade, e ultrapassando a cidade do Espirito Santo, procurou a Bahia em direitura, e só depois de alguns mezes, acalmados os ventos, pôde xegar ao porto.

Pelo que Estanisláo, a quem faltavam outros meios de transporte, fez a viagem por caminho xeio de perigos e raramente frequentado por outras pessoas além dos barbaros indigenas. Nem esteve longe do termo da vida antes de xegar ao termo da viagem.

§ 14. Porquanto, passando junto á foz do rio de São-Mateos, foi levado pela forçoza corrente das aguas para o mar, e infalivelmente pereceria, si, contra toda a esperança, não fôsse livre do perigo por singular favor divino.

---

§ 11. Ipse ad Flumen Januarium terra iter suscepit, ut explorato urbis statu, navi prospiceret eodèm postea venturæ, atque, inde rebus fluminensis collegii pro temporis necessitate compositis, Paulopolitanum, et Sanctense, unaque residentias in ulteriori regione positas etiam adiret.

§ 12. Omnia, quæ decreverat ratione, feliciter implevit. Bahiam deinde reversurus, navem à Fluminensi, quò jam appulerat, ad Spiritus Sancti portum solvere imperavit, dum ipse non nullas, quæ invisendæ supererant, residentias lustrando, eamdem itinere terrestri viam conficeret.

§ 13. At sæva tempestate effectum, ut præmissa navis, prætergresso Spiritus Sancti oppido, Bahiam recta contenderit, non ampliùs nisi post aliquot menses, iis cadentibus ventis, reditura. Quamobrem Stanislaus, cui alia deerat transfretandi commoditas, terram iter suscepit periculis plenum, et raró ab aliis, quam a barbaris indigenis frequentatum. Nec longe abfuit, quin priùs ad vitæ, quàm viæ terminum perveniret.

§ 14. Nam cum Sancti Mathæi flumen transiret prope ostium præcipit aquarum cursu abreptus in mare periturus omninò erat, nisi præter omnium spem singulari Dei beneficio eriperetur.

CAPITULO VII

Exercita o governo de toda a provincia.

§ 1. Estava passada quazi metade do anno de 1713, quando, findos estes perigos, aportou Estanisláo á cidade da Bahia, onde, em virtude do diploma do prepozito geral, pouco antes expedido de Roma, é declarado governador de toda a provincia aos 3 de Junho do mesmo anno.

§ 2. N'este cargo mais evidentemente manifestou quão adornado era de virtudes. Resplandeceo principalmente pela prudencia, sob cujo ditame dirigem-se as obras das demais virtudes ; pois entre todos fazia reinar e permanecer admiravel concordia.

§ 3. Por isso entregava tudo á mansuetude e mizericordia, afim de que nada sofressem a justiça e a constancia ; cultivou a umildade e a paciencia de fórma que nunca deprimisse a autoridade do cargo ; e na observancia da diciplina uzou de tal moderação, que em todos os castigos, que infligia a severidade emparelhava com a brandura.

§ 4. Vizitando a provincia todos os annos, como era costume, foi-lhe denunciado no colegio do Rio de Janeiro

---

CAPUT VII

Juit universæ provinciæ magistratum

§ 1. Anni millesimi septingentesimi decimi tertii pars fluxerat pene dimidia, cum his perfunctus periculis urbem tenuit Bahiensem ; ubi præpositi generalis diplomate, Roma paulo ante expedito, renuntiatus est universæ provinciæ moderator tertia Junii ejusdem anni.

§ 2. Hoc in munere evidentius patuit, quot ille virtutibus ornaretur. Prudentia, cujus dictamine reliquarum virtutum diriguntur opera, præsertim enituit, dum mira omnes inter se concordia non conjungeret modò, sed exerceret.

§ 3. Adeò mansectudini, ac misericordiæ deferebat, ut nihil justitiæ atque constantiæ detrahi pateretur: humilitatem, ac patientiam ita excoluit, ut muneris auctoritatem nunquam deprimeret ; quemadmodum in asserenda disciplina eo est usus temperamento, ut in omnibus, quæcumque infligeret, suppliciis mixta cum lenitate severitas videretur.

§ 4. Cum provinciam, ut moris est, quotannis lustraret, delatus apud ipsum fuit in fluminensi collegio quidam ex nostris sacerdos,

um dos nossos padres, e feita a indagação da culpa, Estanisláo o axou tão maculado de crimes, que o considerou merecedor de ser despedido da sociedade e o conservou incarcerado em quanto esperava o consentimento do prepozito geral para a expulsão do culpado.

§ 5. Como porem o padre, emquanto estava no carcere, exprimisse verdadeiro arrependimento com taes lagrimas e palavras que persuadiam emenda futura, Estanisláo não só compadeceo-se do filho arrependido, mas tambem, interpondo a sua autoridade junto ao geral, pedio o perdão e a conservação do delinquente na sociedade.

§ 6. Qual fôsse a mizericordia de Estanisláo para com os arrependidos, tambem a experimentou outro individuo, que reunira grave desprezo do superior com declarada dezobediencia.

Não sei que ordem lhe dera Estanisláo concernente ao governo domestico ; porém tal foi a temeridade d'esse omem, que ouzadamente negou-se a cumpril-a, e logo retirou-se dezatenciozo da prezença do provincial. Este guardou silencio, esperando que o companheiro, acalmado o impeto da furia, voltasse a melhor conselho, e retratasse por qualquer motivo o cometido crime da dezobediencia.

§ 7. Estanisláo não enganou-se no seo juizo ; pois o réo, ponderando na sua temeridade, e arrependido do

---

eum Stanislaus, acta criminum inquisitione, tot sceleribus maculatum invenit, ut omninò dignum judicaverit, qui è socitate dimitteretur, tandiuque in carceris detineretur custodia, quandiù generalis præpositi ad illius dimissionem expectaretur consensus.

§ 5. At cum sacerdos, dum carcere custodiretur, veram cordis pœnitentiam ita verbis expressisset lacrymisque, ut futuram persuaserit, emendationem ; Stanislaus non modò resipiscentis misertus est filii sed sua etiam auctoritate apud generalem interposita, et veniam, et conservationem deprecatus est.

§ 6. Quænam fuerit Stanislai erga resipiscentes misericordia, etiam expertus est alius qui gravem ipsius contemptum cum aperta inobedientia conjunxerat.

Nescio quid ei præceperat Stanislaus, gubernationi domesticæ opportunum: at ea fuit hominis temeritas, ut se id facturum petulanter negaverit, statimque à provincialis conspectu recesserit inurbanè. Rem hic silentio tenuit, sperans fore ut socius, mitigato furoris impetu, ad mentem rediret saniorem, commissumque inobedientiæ crimen ratione tandem aliqua retractaret

§ 7. Nec sua Stanislaum decepit opinio: reus enim, temeritatem suam cum perpenderet paulo maturius, facti pœnitens ad ipsum rediit, paratum se affirmans ad omnia, quæcumque præceperat, exequendum.

facto, voltou afirmando estar pronto para cumprir tudo quanto lhe determinasse.

Sendo governador excelente, e inclinado á mizericordia, aceitou benignamente a desculpa, e admoestando com brandura o companheiro, congratulou-se, por aver-se este arrependido e ter mudado do primeiro conselho, que lhe traria infalivel ruina.

§ 8. Procurou sempre a perseverança dos suditos na vida religioza; e assim nunca consentio, que alguem se despedisse da sociedade, embora com razão, si ainda alguma esperança avia de emenda.

Certo companheiro, dominado pelo tedio da diciplina religioza, solicitára durante um anno e com grande obstinação dispensa da sociedade. Todavia Estanisláo, comizerado da sua fatal sorte, negou deferimento a esta petição; não preterio preces, exortações ou qualquer sinal de benevolencia até que, afastado o máo pensamento, volveo o suplicante a melhor alvitre, e permaneceo na religião até a morte.

§ 9. Assim como n'estas e outras couzas mostrou-se mizericordiozo e benigno, assim tambem quando as circunstancias o exigiam, mostrava inabalavel firmeza d'alma.

Entre os confrades brazileiros contava-se um sacerdote, a quem todos muito temiam, porque, em lugar de outro que faltava na suprema curia da sociedade, a muitos

---

Quam optimus moderator, ut erat ad misericordiam pronus, retractationem exsepit benigne, sociumque blande compellans ipsi gratulatus est, quod resipuerit, primumque mutaverit consilium, quo ad certam perniciem ferebatur.

§ 8. Adèo ipsi semper cordi fuit subditorum in religiosa vita perseverantia, ut nullum unquam, etiam merente, e societate dimitti passus fuerit, si modo aliqua emendationis spes affulgeret.

Socius quidam religiosæ disciplinæ tædio affectus, dimissionem è societate, magna animi obstinatione per annum petierat. Stanislaus tamen fatalem illius sortem miseratus, negavit unquam se ipsius petitioni consensurum: neque preces, adhortationes, au tullum benevolentiæ signum prætermisit, donec ille, insana mente deposita, ad meliorem frugem se convertit, et in religione ad mortem usque perseveravit.

§ 9. At quemadmodum in his, aliisque misericordem se præbuit, ac benignum, sic etiam cum res postularet, animi constantiam ostendit, quam qui magnam.

podia prejudicar ou aproveitar; nem era tamanha a probidade d'esse omem, que não désse cauza a recear-se d'ele algum dano injusto.

§ 10. Embora na exata observancia das leis ele claudicasse em alguns pontos, e fôsse isso exemplo para claudicar em outros, todavia ninguem animava-se a arguil-o como culpado, para não incorrer em odio, que então era temivel.

Estanisláo ouvio estas couzas, quando vizitava o colegio fluminense, e posposta toda contemplação de motivos particulares, que sempre contrariam a cauza publica, repreendeu aquele sacerdote com tanta aspereza de palavras quanta convinha.

§ 11. Bem sabia ele, que dahi lhe proviria mal, como depois sucedeo; mas antes quiz adquirir inimizades, que outros evitavam, do que faltar aos deveres do seo cargo e oficio.

Argumento foi este de grande constancia; comtudo em poucas palavras exporei outro, que mais claramente a demonstra.

§ 12. Conheceo Estanisláo, quando na fórma do costume vizitava a provincia, certo confrade italiano, o qual

---

Socios inter brasilienses quidam numerabatur sacerdos, quem propterea reverebantur omnes, quod per alium, in suprema societatis curia degentem, multis obesse poterat, aut prodesse: nec tanta erat hominis probitas, ut nihil ab eo damni timeri posset non injustum.

§ 10. Quamobrem, etsi ab exacta legum observantia et ipse deficeret in aliquibus, et aliis ad deficiendum exemplo esset, nemo audebat unus peccantem arguere, ne odium fortasse incurreret ea tempestate metuendum.

Audiit hæc Stanislaus, dum fluminense collegium inviseret, nulloque habito rerum privatarum respectu, quæ semper officere publicis, sacerdotem illum tanta, quanta par erat, verborum gravitate reprehendit.

§ 11. Noverat sane aliquid calamitatis, ut postea evenit, sibi hac de causa moliendum: at omninò maluit, quas vitabant cæteri, inimicitias subire quam suo deesse muneri, atque officio.

Magnæ hoc fuit argumentum constantiæ; aliud tamen, quod eamdem luculentius ostendit, paucis subjiciam.

§ 12. Cognovit Stanislaus, cum provinciam de more lustraret, Italum quendam socium, qui apostolici ministerii causa in Brasiliam venerat, eam tenere cum externis agendi rationem, quæ apostolicum

viera ao Brazil por cauza do ministerio apostolico ; e tinha para com pessoas extranhas procedimento, que pouco convinha ao munus apostolico, e não pequenas maculas lançava sobre o bom nome da sociedade. Communicou o cazo por cartas ao prepozito geral; e tardio seria o remedio ao mal, si esperasse resposta das cartas enviadas a Roma.

§ 13. Nada parecia mais necessario para reparar a fama da sociedade do que arredar da provincia braziliense similhante colega.

Isto porém era dificil, pois elle tinha grande valimento na autoridade e favor do prefeito geral do Brazil. Não obstante Estanisláo julgou dever mandal-o para Roma e anunciou-lhe a partida, que ele com industria, mas debalde, tentou procrastinar.

Na verdade o provincial procurou tenasmente dissolver o impedimento oposto á viagem, e intimidou o reluctante com imperio e constancia, desprezado o empenho dos seus protetores.

§ 14. Feito isto, com o que destruio-se completamente o germen do mal, ficou assás manifesto quanta fôsse a fortaleza de Estauisláo na rezolução das emprezas, e quanta a constancia na execução d'elas, quando o exigia o bem da sociedade.

---

munus parum decebat, et bono societatis nomini maculas inusserat non exiguas.

Rem per litteras aperuit præposito generali : at serum esset mali remedium, si differendum esset, quoad litterarum, quas Romam dederat, haberetur responsum.

§ 13. Nihil reparandæ societatis famæ videbatur præsentius, quam hujusmodi socium à Brasiliense provincia longe arcere.

Verùm et hoc arduum, cum is apud summum Brasiliæ præfectum et auctoritate et gratia multum valeret. Nihilo tamen minus Romam, unde venerat, mittendum censuit Stanislaus, hominique profectionem indixit, quam ille industria protrahere, sed frustra tentavit.

Siquidèm provincialis objectum navigandi impedimentum expedivit strenuè, reluctantemque et imperio, et constantia terruit, contempta ipsi faventium invidia.

§ 14. Quo factum, ut mali germen funditus avelleretur, palamque fieret quanta esset Stanislao, quoties id societatis bonum exigeret, in rebus aggrediendis fortitudo, constantia in exequendis.

CAPITULO VIII

Outros factos do seo provincialato

§ 1. Emquanto Estanisláo praticava estas couzas, nem por isso preteria o cuidado de outras, que a obrigação do cargo pedia, que fôssem averiguadas com atenciozo exame, por isso cogitava ele, si por ventura na familia da sociedade jezuitica se deveriam admitir individuos, que antes lhe servissem de decoro do que de futuro detrimento.

§ 2. Assim ele renunciava ora aos mais estrictos vinculos da necessidade, ora aos da amizade. Certo parente seo dezejava alistar um filho na nossa sociedade, e confidencialmente declarou-lhe isto, feito o requerimento de admissão. Perguntou-lhe Estanisláo, si nas escolas fóra da sociedade o mancebo aplicava-se aos estudos ?

Dada resposta afirmativa, então replicou ele, que ninguem podia ser admitido na sociedade, si, previamente examinado, não fôsse julgado idoneo e digno ; e isto não podia fazer-se sem perigo, si acazo não frequentasse as nossas aulas para ser diariamente observado pelos mestres ; e por esta razão, si dezejava, que seu filho fôsse contado entre os nossos confrades, convinha sugeital-o á nossa disciplina social.

CAPUT VIII

Alia in provincialatu gesta

§ 1. Neque verò, dum hæc agerent Stanislaus, aliorum prætermisit curam, quæ suscepti muneris ratio postulabat sedulo scrutabatur examine, an in societatis familiam cooptandi tales existerent, qui decori potiùs essent, quàm detrimento futuri ?

§ 2. Ad id autem strictioribus etiam tum necessitudinis, tum amicitiæ vinculis constanter renuntiabat. Suum familiæ nostræ adscribi filium cupiebat quidam ejus cognatus, idque ipsi, facta postulatione, confidenter aperuit. Num extra societatis scholas, rogavit Stanislaus, adolescens ille operam daret litteris ?

Affirmante alio; tum reposuit non posse quemquam in societatem admitti, quin exploratum prius diligenter fuerit, an idoneus existeret, ac dignus; hoc autem vix posse periculum fieri, nisi a præceptoribus quotidie observandus scholas nostras frequentaret: quapropter, si filium cuperet suum inter nostros numerari, eorum submitti disciplinæ pateretur.

Não agradou esta resposta ao pretendente, o qual por isso retirou-se queixozo; Estanisláo porém despedio-se do óspede satisfeito, porque com esta repulsa ao parente consultára os interesses da sua carissima sociedade.

§ 3. Não confiando de ninguem o cuidado do rebanho, fazia por si a vizita. Percorria as cazas, rezidencias e colegios, ainda os mais remotos. Antes quiz efectuar a viagem, embora ardua, e todos os annos mais dificil em razão da idade e de sofrer os graves incommodos e trabalhos dahi rezultantes, do que vêr com olhos alheios o rebanho, que recebêra para governar.

§ 4. Quando viajava, evitava toda a ospedagem secular, e quazi esquecido de si, buscava a sombra das arvores ou algum tugurio, onde se abrigasse do ardor do sol meridiano e refizesse as forças corporeas com a refeição. Em igual pouzada passava as noites, acostumado a uzar do leito familiar dos indios, principalmente a rede pensil atada em estacas enfincadas no solo.

§ 5. Quando vizitava alguma caza ou colegio, com maduro conselho providenciava sobre tudo quanto pertencia ao bem temporal e espiritual dos mesmos.

Nada ele com mais solicitude recomendava a si e aos companheiros, e mais encarecidamente exortava a todos

---

Non adeo homini placuit ista responsio, proindeque mœstus recessit : at contra Stanislaus ab hospite se lætus collegit, quòd eâ vel consanguineo facta repulsa charissimæ societatis bono consuluisset.

§ 3. Sollicitudinem gregis nulli committens, id quod erat onus officii gravius, visitationem obibat per se ipsum. Domos, residentias, collegia, etiam remotiora, perlustrabat.

Arduum propterea iter, atque sibi devexam ob ætatem difficilius quotannis suscipere, gravia exinde in commoda laboresque perferre maluit, quam alienis tantùm oculis gregem aspicere, quem susceperat moderandum.

§ 4. Dum verò iter faceret, sæcularium hospitia sibi interdicebat omninó : ad arboris proinde umbram, aut tugurium, quoad imminentis solis ardor remitteret, ciboque corpora reficerentur, sui quasi oblitns divertebatur.

Simili plane diversorio noctes ducebat, lectum Indis familiarem usurpare solitus, rete nimirum pensile, deffossisque hinc inde perticis alligatum.

§ 5. Quoties domum aliquam, aut collegium inviseret, maturo concilio providebat, quidquid ad ejus emolumentum cùm temporale, tùm spirituale pertineret. Nihil illi prius, quam sociis vitæ innocentiam commendare, hortarique omnes, ut suos quisque mores ad instituti nostri regulas exacte componeret.

do que que cada qual conformasse bem os seus costumes com as regras do nosso instituto.

Tambem lhe era uzual rememorar o exemplo dos antigos padres da provincia, cuja imitação procurava inculcar com palavras e factos, e ardentemente imprimir no animo dos companheiros.

§ 6. Por isso, finda a vizita, deixava por escrito aquilo que se deveria observar, concluindo as suas determinações com estas palavras: « Finalmente advirto e mando, que todos comportem-se com modestia nos costumes, no gesto e nas ações, e sigam os exemplos de virtudes, em que brilharam outr'ora os nossos antecessores, cujas pégadas cada um deve esforçar-se por acompanhar.

§ 7. Admitio varões idoneos para promover beneficios taes, e costumava não admitir nos encargos da sociedade sinão colegas de provada virtude e prudencia.

Seguindo as pégadas dos mais velhos, nunca pôde rezolver-se a utilizar-se do trabalho e serviço de qualquer famulo, nem em razão da avançada idade, nem do decoro da pessoa, a que ordinariamente pouco atendia.

Nunca recebia donativo dos seos colegas; antes porém, quando vizitava as aldêias dos indios, ou as rezidencias dos nossos confrades afligidos pela inopia, dava aos mais necessitados qualquer dinheiro, que nos colegios recebia para os gastos da viagem.

Id etiam habuit familiare, ut antiquorum provinciæ patrum commemoraret exempla, quorum imitationem verbis factisque inculcare, sociorumque animis imprimere ardenter curabat.

§ 6. Unde, cum peracta visitatione quædam in scriptis relinqueret observanda, his fertur verbis ordinationes suas clausisse: Tandem adverto ac mando, ut singuli in moribus, gestu, et actionibus modestiam præ se ferant, et quibus olim claruere seniores nostri, virtutum exempla sequantur, quorum sibi quisque vestigia omninò observanda proponat.

§ 7. His promovendis idoneos ubique viros adhibuit; neque enim socios, nisi probatæ virtutis, et prudentiæ ad publica societatis officia assumere consuevit.

Seniorum itaque vestigiis ipse plane insistens, neque ætate in senium devexa, neque personæ dignitate, cui ferme parum consuluerat, potuit unquam adduci, ut operam, aut servitio cujusquam famuli uteretur.

A sociis donum accepit nullum: imò verò indorum pagos, aut nostrorum residentias cum inviseret inopia laborantes, quidquid ad itineris sumptus pecuniæ acceperat in collegiis, egentiori donabat.

§ 8. Não contente com estas pequenas couzas, tambem praticava ações de maior importancia.

Nos canhenhos da aldeia de Guajurú lê-se, que com suma liberalidade ornára o templo com ombreiras de madeira dourada, e tambem dera paramentos sagrados para os altares e calice.

Era para com os escravos e indios tão benevolente e mizericordiozo, que recuzava nas vizitas da provincia ser levado nos ombros d'essa gente, dizendo não atrever-se a ser carregado em ombros umanos, quando com seos pés ou a cavalo podia andar embora com incomodo.

§ 9. A esta sua comizeração para com aqueles omens nem sempre os caminhos correspondiam em razão da aspereza; e quando algumas vezes não podia vencer arduos obstaculos, era então carregado em uma grosseira cadeirinha pelos escravos.

Quando porém vencida a dificuldade dos caminhos, xegava aos colegios ou cazas, não ficava em ocio ou socego; e não só cuidava com todo o empenho das couzas respectivas á vizita, como tambem, para tratar dos objétos estranhos, ocupava-se em receber assiduas confissões.

§ 10. Estava tão abituado ao ministerio do confissionario, em quanto ocupou o provincialato, e o exercia

---

§ 8. Neque his minutioribus contentus majora etiam faciebat. In Guajurúensis pagi adversariis legitur, summa illum liberalitate templum ligneo pigmate deaurato exornandum curavisse, nec non sacra altari ornamenta, calicemque donasse.

Utque erat erga mancipia, Indos que lenis et misericors, humeris eorum portari, dum provinciam percurreret, recusabat omninò, non audere se, inquiens, hominum deferri humeris, cum pedibus aut equo iter peragere, quanquàm ægre, posset.

§ 9. Huic tamen ejusdem erga homines illos commiserationi non semper itinera, ut erant difficilia, respondebant, cùm ardua eorum impedimenta superare aliquando non posset, quin a mancipiis vili quadam lecticula gestaretur.

Cum verò, superata viarum difficultate, ad collegia pervenisset ac domos, nihil sumebat otii ad quietem: nec tantùm illa, quæ visitationis intererant, omni curabat studio, verùm etiam, ut externis consuleret, accipiendis eorum confessionibus operam dabat, quamqui maximam.

§ 10. Hoc enim habuit in more, ut confessarii munus, dum provincialem egit, tanta exerceret perseverantia, ac si nullis occupationibus destinaretur.

com tanta perseverança, como si a nenhum outro serviço se destinasse.

Embora envolvido em grandes negocios, dezempenhava por si este oficio util á salvação das almas; porém por via dos companheiros buscava fazer outras couzas, que julgava poder bem executar-se por imediatos coadjutores.

Por isso conhecendo por experiencia propria quão util era o trabalho dos nossos padres, quando percorriam as povoações ruraes em missões, diligentemente providenciava para que em todos os annos se fizessem taes excursões, quanto o permitissem as demais ocupações.

§ 11. E logo no primeiro anno, em que Estanisláo recebeo a provincia para governar, sahiram dous confrades do colegio da Bahia, e outros tantos do colegio de Olinda e do colegio de São-Paulo, os quaes, percorrendo os lugares suburbanos e os mais remotos, espalharam a semente da palavra evangelica, e colheram mésse aumentativa dos celeiros celestiaes.

§ 12. Igualmente sahiram em excursão quatro confrades fluminenses. Dividida a região em duas porções, partiram dous para cada uma d'elas com grande proveito dos povos.

Depois outra missão creou-se no sertão de Pernambuco; assim tambem dous padres do colegio da Bahia penetraram no interior das terras por mais de 210 milhas.

Id profectò curæ, magnis licet implicatus negotiis, animarum saluti adhibebat per se ipsum: at per socios alia præstare curavit, quæ proximis adjuvandis maximè noverat opportuna.

Unde, cum proprio sciret experimento, quàm utilis evaderet nostrorum opera, quoties ad rurales populos sacris excurrerent missionibus, diligentèr providit, ut singulis fere annis, quantùm per alias occupationis liceret, ejusmodi fierent excursiones.

§ 11. Et quidem primo statim anno, quo Stanislaus provinciam suscepit moderandam, duo ex Bahiensi collegio socii, totidem ex Olindensi, et Paulopolitano egressi sunt, qui suburbana, remotioraque loca peragrantes, Evangelici verbi semen spargerent, messemque exinde colligerent cælestibus horreis inserendam.

§ 12. Procursum æque fuit à sociis Fluminensibus quatuor. Hi, regione in duas partes divisa, bini ad singulas profecti sunt magno, populorum emolumento.

Alia deinde in agro Pernambucano missio instituta: ut etiam Bahiensis collegii duo in mediterraneum ad milliaria decem supra ducenta penetrarunt.

§ 13. Qual o fruto rezultante d'estas excursões não nos consta com certeza, porque pereceram os documentos d'aquele tempo.

Esta perda pcrém é compensada por outra missão feita entre os Paulistas no anno de 1715 : pois d'esta, como atestam as cartas annuas então enviadas a Roma, tão copiozo foi o fruto, que induzio o governador a pedir por cartas oficiaes ao provincial esse trabalho dos nossos confrades no anno subsequente.

§ 14. Entretanto não deixou cessar o trabalho dos nossos predicantes nas cidades ; e dezignou para cada colegio pregadores que, na praça publica e em dias determinados atemorizassem os omens com o orror dos vicios, e os convidassem á piedade. Providenciou para que ao povo e aos meninos não faltasse catechista, que no templo e nos caminhos explicassem a catecheze cristan.

A estes adicionou outros, que ensinassem os sacramentos e a doutrina da religião cristan aos escravos transportados do reino de Angola, falando-lhes no seo idioma nativo.

§ 15. Entretanto Estanisláo praticou outras couzas, em que empregou bem o seu trabalho e o dos companheiros

N'este tempo a provincia de Pernambuco ardia em ferinas dissenções e era despedaçada por tumultos de guerra intestina com perigo de extrema ruina. Eis a origem das dissenções, e a cauza da guerra.

---

§ 13. Quisnam harum excursionum fructus extiterit, nobis certò non constat, quandoquidem illius temporis monumenta perierunt.

Hæc tamen jactura utcumque compensatur in alia missione, anno millesimo septingentesimo decimo quinto ad Paulopolitanos facta; hujus enim, ut annuæ testantur litteræ sub idem tempus Romam datæ, *adeò copiosus fuit ubique fructus ut magistratum etiam induxerit ad postulandam scriptis ad provinciatem litteris, eamdem nostrorum operam in sequentem annum.*

§ 14. Neque interim eamdem nostrorum operam cessare in urbibus permisit : in singulis enim collegiis concionatores, qui statis in foro diebus, et a vitiis homines absterrerent, et ad pietatem moverent deputavit. Providit. ne plebi, pnerisque erudiendis deessent catechistæ qui in templo. et in viis christianam catechesim exponerent.

Iis áddidit, qui mancipia e regno Angolano asportata proprio ipsorum idiomate christianæ religionis sacris, doctrinàque instituirent.

§ 15. Hæc inter aliud habuit Stanislaus in quo suam, et sociorum operam satis consumeret.

Acribus ea tempestate dissidiis flagrabat Pernambucensis provincia, et intestini belli tumultibus discerpta erat, non sine extremæ cladis periculo. Hæc dissidiorum origo, ac belli causa.

§ 16. Como os Recifenses aumentassem constantemente em riquezas e em numero, receberam do rei faculdade para eleger o seo senado ; e suspeitando com razão o que aconteceria, nas trevas da noite levantaram na praça publica a coluna indicativa do poder recebido.

Os Olindenses, que não queriam aquela cidade subtrahida á sua jurisdição, e reputavam o direito a ela outorgado como injuria propria, manifestaram o furor excitado por esta cauza, commetendo grande flagicio.

Assim com trez tiros de bacamarte feriram a Sebastião de Castro Caldas, governador da provincia, o qual abertamente favorecia os Recifenses ; e por tal sorte o aterraram, que, preparada com toda pressa uma embarcação, fugio ele para a Bahia com alguns membros do novo senado do Recife.

§ 17. Os Olindenses, agitados por este facto, e convocadas tropas do resto da provincia, rezolveram invadir e assolar o Recife; e posto que diminuissem o rigor da deliberação mediante suplica dos nossos confrades, todavia de mão armada entraram na vila do Recife, derribaram o pelourinho, e depozeram o novo magistrado.

§ 18. A estes males dos Recifenses acreceo outro, e foi a substituição do governador auzente pelo bispo de Olinda Don Manoel Alvares da Costa, a quem reputavam pouco justo n'esta questão. Portanto recorrem ás armas para sustentar a sua cauza e o seo direito, visto como por mimilhante

---

§ 16. Recifenses cùm opibus et numero augerentur in dies, protestatem eligendi sibi senatùs a rege acceperant, nec temere id, quod erat futurum, suspicati, per noctis tenebras medio in foro columnam erexerant, acceptæ potestatis indicium.

Olindenses, qui oppidum illud suæ jurisdictioni subtractum nollent, jusque ipsi collatum propriam reputabant injuriam conceptum his de causis furorem ingenti prodidere flagitio.

Nam Sebastianum de Castro Caldas provinciæ prefectum, qui Recifensibus aperte favebat, explosis tribus sclopis vulnerarunt, adeôque terruere, ut cum aliquibus ex novo senatu Recifensibus, parata quàm festine potuit naviculam, Bahiam se fuga eripuerit.

§ 17. Qua re commoti Olindenses Recifium, convocatis ex reliqua provincia copiis, invadere populariquedecreverunt; et quanquàm nostrorum precibus consilii acerbitatem minuerint, nihilominus armata manu Recifense ingrediuntur oppidum, columnam evertunt, novumque magistratum exautorant.

§ 18. His Recifensium malis illud etiam accessit, quod Olindensis episcopus Dominus Emmanuel Alvares da Costa. quem rebus suis parum œquum arbitrabantur, absenti præfecto successerat, ab

motivo não havia meio de proceder em contrario. Assim excitados os animos de ambas as partes, por alguns annos tudo alterou-se e confundio-se com motins.

§ 19. Na verdade muito trabalharam os nossos padres, mas debalde, no fervor da discordia : todavia d'entre eles alguns apareceram, que, esquecidos das nossas leis, aderissem a um dos partidos e de certo modo favorecessem aos Recifenses.

Aos padres, em quem falecia o amor da sua profissão, Estanisláo repreendeo conforme a gravidade do delito, mandando-os retirar para outro lugar, e aos demais impoz severamente, que, afastado todo o espirito de partido, se empenhassem pela obtenção da paz.

§ 20. Este cordato procedimento não agradou aos Recifenses, que só queriam protetores. Por esta razão acuzaram Estanisláo e a todos os companheiros, embora com injustiça, nas cartas dirigidas ao rei.

Os nossos companheiros, porém sofrendo estas e outras mais graves injustiças, continuaram a esforçar-se por armonizar as couzas e restabelecer a paz entre os contendores, até que, correspondendo o feito á obra e ao trabalho, desvaneceram-se todos os incitamentos das sinistras suspeitas contra os membros da sociedade, pois eram vans e temerariamente concebidas.

---

eodem subrogatus. Igitur ad arma confugiunt, causæ merito jurique suo, quandoquidem secus agendi locus non esset, ea ratione consulturi. Unde, incensis utrinque animis, omnia per aliquot annos miscere tumultibus, atque confundi.

§ 19. Multum quidèm, sed frustra, ut in flagranti discordiarum incendio elaboratum a nostris : ex quibus tamen fuere nonnulli, qui legum nostrarum immemores, alteri adhærerent parti, et Recifensibus utcumque faverent. Hos, quem admodum sui officii interessat, juxta delicti meritum reprehensos alió abire jussit Stanislaus, cæterisque districte imposuit, ut paci componendæ, secluso partium studio, invigilarent.

§ 20. Non placuit Recifensibus, qui ubique fautores vellent, prudens hæc agendi ratio; proptereaque Stanislaum, sociosque omnes tanquam rebus suis iniquos, datis ad regem litteris, accusarunt.

At nostri hæc, et graviora constantèr passi, componendis tamen rebus insudare, ac paci inter dissidentes restituendæ perrexerunt, quoad operæ ac labori fructu respondente, omnia sinistrarum contra societatis homines suspicionum incitamenta, ut erant vana ac temere concepta evanuere.

§ 21. Sendo estes os factos, bem mostram quão prudentemente procedêra Estanisláo na direção das couzas, e quanto esforço e solicitude empregaram os seos companheiros na extinção do incendio, e quanto louvor mereceram todos pelo empenho na restauração da paz.

Por isso foram xamados *Anjos da paz*, e o rei João V d'este nome, em atencioza carta de agradecimento por este serviço, os elogiou.

CAPITULO IX

Couzas por elle pacientemente toleradas emquanto exerceo o provincialato

§ 1. Embora fôsse este o modo de Estanisláo governar a provincia, todavia não faltavam pessoas, até entre os famulos, que lhe apurassem a paciencia com actos e palavras.

Aconteceo, que no colegio do Rio de Janeiro ele repreendesse com paternal caridade a um dos nossos sacerdotes, porque vivia afastado dos uzos da comunidade.

---

§ 21. Nec id tantùm, sed etiam patuit, quàm in re dirigenda prudenter se gesserit Stanislaus, quantam socii opem et sollicitudinem extinguendo adhibuissent incendio, et quantum laudis restaurandæ pacis studio comparassent. *Angeli* idcirco *pacis* vocati, et a serenissimo rege Joanne hujus nominis V, datis humanissimis cum gratiarum actione litteris, collaudati.

CAPUT IX

Quædam ab eo, dum provincialem ageret, patientèr tolerata.

§ 1. Etsi verò hæc Stanislao fuerit provinciæ gerendæ ratio, non defuere aliqui, etiam ex domesticis, homines, qui ejus patientiam dictis, fatisque exercerent.

Accidit in Fluminensi collegio, ut quemdam ex nostris sacerdotem, quod vitam viveret a societatis usibus alienam, paterna charitate

Passou-se o cazo em particular; porém o padre, pretendendo destruir os crimes contra ele articulados, exaltou-se por tal fórma, que lançou sobre Estanisláo, que tal não merecia, apodos xeios de falsidade e ignominia.

§ 2. Maior do que a grande temeridade do companheiro foi a paciencia do prelado, o qual não punio com pena alguma aquele convicio, embora gravissimo, nem o repelio com palavras.

A noticia do facto divulgou-se, mas nunca ninguem persuadio-se, que em couza referente a mera individualidade uzasse ele da sua autoridade contra um companheiro

Como é familiar aos varões santos, antes quiz ele tolerar as injurias, que lhe eram dirigidas, do que punir, quando aliás louvavel é buscar meios de atenuar a culpa do ofensor.

§ 3. Por justas cauzas transferio ele da fazenda de Camamú outro padre, que a administrava para a fazenda da Tijupeba. Dezagradou ao padre essa mudança de clima; e não tardou, que com insolita ouzadia propalasse a raiva contida em sua alma.

Pois sabendo que Estanisláo viria por vizita em dia proximo á fazenda da Tijupeba, partio para os indios Sachenses na distancia de 100 milhas, sómente para não receber o provincial no ospicio, e não saudal-o pessoalmente.

---

reprehenderet. In privato res agebatur: at sacerdos, dum objecta crimina conatur diluere, adèo commotus est, ut Stanislaùm, nihil tale merentem, probro affecerit falsitatis æque, ac ignominiæ pleno.

§ 2 Magna socii temeritate maior fuit moderatoris patientia, qui convicium illud, etsi gravissimum, nec ulla vindicavit, pæna, nec verbo quidem refellit.

Imò cum facti hujus notitia ad alios pervenisset, nunquam ab iis adduci potuit, ut in re, quæ unum se tangeret, sua in socium potestate uteretur. Id enim viris sanctis familiare est, ut quibus afficientur, injurias tolerare maluit, quàm punire; aliquam rimantes viam, qua offensoris culpam extenuent.

§ 3. Sacerdotem alium e Camamuensi prædio, cujus procuratorem agebat, justis de causis ad Tijupebense transtulerat. Displicuit homini hæc cæli mutatio: nec diu fuit, quin conceptam animo rabiem propalaret insolenti facto.

Nam, cum audisset Stanislaum ad Tijupebæ prædium, visitandi causa, propediem venturum, ipse ad Sacchenses indos centum milliarium itinere profectus est, alio quidem prætextu, re tamen ipsa, ne provincialem hospitio exciperet, præsensque salutaret.

§ 4. Que esta fôsse a intenção do padre, bem o conheceu o prudente provincial, e como, avizando-o da sua chegada, debalde o esperasse, retirou-se d'aquele lugar, depois de razoavel demora, afim de percorrer os demais lugares que devia vizitar.

Este insolente facto abalaria o animo mais paciente. Estanisláo porém procedeu com inteira moderação de palavras, e de ações, como si reputasse justa e necessaria a auzencia do procurador, que assim abertamente quizera menoscabal-o.

§ 5. Em verdade embaraçado d'este modo pelos proprios companheiros, conseguio muitas vezes triunfar; e não superou com menor louvor aquelas couzas, que padeceo dos extranhos por cauza dos seus confrades.

Determinára Estanisláo a um confrade, que se mudasse de uma aldeia de indios, que dirigia, para outro lugar, deixando o encargo da administração. Esta transferencia do padre não pôde fazer-se sem que muito dezagradasse a certa pessoa extranha, que com elle contrahira amizade.

§ 6. Com efeito essa pessoa privada da abitual convivencia do amigo, escandalizou-se por tal fórma, que, exarando em carta a sua ira, vomitou contra Estanisláo tantos improperios quantos pôde proferir em plena liberdade, e no primeiro impeto de furor.

Como porém, contra toda a espectativa, recebesse

---

§ 4. Quænam homini mens esset, prudens agnovit moderator, cumque illum de suo adventu monitum frustra expectasset, post justum moræ tempus discessit e loco, cætera, quæ lustranda erant excursurus.

Insolens hoc factum etiam patientissimo cuique stomachum movere posset: nihil ominus ea tum verborum, tum animi moderatione se gessit Stanislaus, ac si procuratoris absentiam, qua illudi sibi aperte noverat, justam, necessariamque reputaret.

§ 5. Hac porrò ratione, cum a suismet circumveniretur sociis, sæpe alias triumphavit: nec minore superavit laude, quæ ab externis suorum occasione perpessus est. Socio imperaverat Stanislaus, ut ab Indorum pago, cui præerat, alium in locum, deposita administrationis cura, se conferret. Fieri non potuit hæc socii translatio, quin externo cuidam, quo cum ille amicitias contraxerat, mirum displiceret in modum.

§ 6. Siquidem amici consuetudine orbatus homo adeo excanduit, ut, exarata ad id epistola, tot in Stanislaum probra evomerit, quot per summam licentiam, et in primo furoris impetu effundi poterant.

resposta xeia de palavras cortezes, mudou inteiramente de opinião, e transformado o descomedimento em admiração e urbanidade, mostrou-se agradecido pelo mesmo facto, que temeraria e impudentemente reprovára.

§ 7. Leve tempestade agora levantaram os Recifenses, si a compararmos com aquela que suscitou-se contra Estanisláo por ocazião do grave tumulto da guerra civil, de que acima falei.

Dous eram os alegados motivos de ofensa contra ele. O primeiro, porque mandára para fóra certos confrades imprudentes, que lhes favoreciam o partido; o segundo, porque entregára ao bispo de Olinda, a quem odiavam, uma carta onroza escrita pelo prepozito geral da companhia, não sei sobre que motivo.

§ 8. Daqui grandes queixas contra a companhia; as principaes porém erguiam-se contra Estanisláo, a quem por estes motivos acuzavam como fautor dos Olindenses. Nada deixaram de tentar, por meio de cartas escritas ao rei, para o macular com a infamia d'este crime.

Tanta porém foi a tolerancia de Estanisláo em sofrer estas couzas, quanto foi o agradecimento dos Recifenses para com ele e seos colegas, depois que, aplacados os animos, tornaram a si, e á sua indole nativa.

Verum, cum præter omnem suam opinionem responsum accepisset verborum comitate plenum, sententiam omnino mutavit, conversàque in admirationem, et urbanitatem licentia, gratias referre non destitit pro ea ipsa dispositione, quam temere, impudenterque reprobaverat.

§ 7. Levis hæc tempestas, si cum ea comparetur, quæ in Stanislaum flagrante, quod superiùs dixi, civilis belli tumultu à Recifensibus mota est.

Duo erant, quibus se ab eo putabant offensos. Primum, quod imprudentes quosdam socios, qui eorum favebant partibus, aliò misisset; alterum, quòd Olindensi episcopo, quem maximè oderant, honorificam tradidisset epistolam ab universæ societatis præposito, nescio qua occasione, conscriptam.

§ 8. Hinc magnæ in societatem querelæ; maximæ verò in Stanislaum, quem ex his capitibus, quasi Olindensium fautorem, accusabant. Nihil non tentatum, ut eum, datis ad regem litteris, hujus criminis infamia macularent.

At verò, quanta fuit Stanislai in his perferendis tolerantia, tanta erga ipsum, sociosque extitit Recifensium gratia, postquam, sedatis animis, ad se ipsos, nativamque indolem redierunt.

§ 9. Arduo e dificil certamente é sofrer injuria grave; porém si esta procede de alguem de infima condição, maior virtude é sofrel-a com animo tranquilo, do que quando a recebemos de pessoas vulgares. Nem a Estanisláo faltou ocazião, durante o provincialato, de tirar dahi cauza de louvor.

§ 10. Retirava-se ele de certo predio rural do colegio fluminense, cuja vizita acabava de fazer, e o acompanhavam por curto espaço os confrades encarregados da administração d'esse predio, e os escravos empregados no fabrico do assucar.

Pouco tinham andado, quando do meio da turba dos escravos uma vil serva começou a bradar: — que ela admirava-se de que o padre provincial perante suas parceiras dicesse d'ela couzas, que se envergonharia de proferir qualquer omem dissoluto; que ela era de condição, cuja fama pouco se prezava; mas que não podia deixar de doer-se, porque n'aquele coloquio fôra difamado outrem, cuja onra se deveria poupar.

§ 11. Com estas palavras alguns ficaram absortos, outros estremeceram, e todos anciozos esperavam as determinações do provincial sobre essa mulher dezavergonhada. Então Estanisláo, falando-lhe com rosto sereno, dice: *Retira-te, estás bem ensinada.*

---

§ 9. Gravem sustinere injuriam arduum profectò est, atque difficile: verùm, si ab infimæ conditionis aliquo irrogetur eam pacato animo ferre majoris videtur esse virtutis, quàm quæ vulgo haberi soleat. Nec defuit Satanislaò, cum provincialem ageret, unde hanc sibi laudem promereret.

§ 10. A quodam Fluminensis collegii prædio, cujus visitationem absolverat, recedentem ad breve comitabantur spatium et socii, quibus prædii ejusdem cura erat, et famuli, quorum opera in saccharo conficiendo utebantur.

Parum processerant, cum e media servorum turba clamore cæpit vilis ancilla: *mirari se, quod P. provincialis quædam de ipsa cum suis conservis oblocutus fuisset, quæ vel perditus homo proferre erubesceret, ejus se conditionis esse, cujus fama parùm curatur; verum non posse non dolere, quòd alius fuerit eo in colloquio diffamatus, cujus honori parcendum erat.*

§ 11. Ad hæc verba alii obstupescere, fremere alii, omnes, quid provincialis in effrontem fæminam decerneret, avide expectare. Tum Stanislaus eam alloquens sereno vultu: *Facesse*, inquit *bene edocta es.*

Com estas palavras despedio a escrava furioza e o obsequiozo acompanhamento; e jamais castigou com pena alguma a audacia d'aquela mulher mentiroza.

§ 12. Em razão d'essa sua indulgencia para com os seos confrades persuadiram-se todos, que nenhum meio melhor avía de evitar qualquer castigo por parte de Estanisláo do que irrogar-lhe alguma injuria grave.

Nem por isto devemos julgar, que todos quantos contra ele pecaram foram induzídos ao acto por esta persuasão. Pois pelo contrario sucedia, que por essa cauza não diminuia a sua autoridade, quando alias ela crecia na estimação de todos, porque assim aparecia mais adornado de virtudes.

§ 13. E' certo, que a Estanisláo nenhuma infamia trouxeram as couzas,que lhe foram assacadas como cauza de oprobrio ; pois era tão notoria de todos a sua inocencia, que a não poderia expugnar a mais acrimonioza maledicencia.

Quão aceita de Deos fôra a sua tolerancia em suportar oprobrios, os sucessos o mostraram por mais de uma vez ; porquanto esta mansidão mais facilmente conseguio a emenda dos pecadores do que costuma fazer a acerbidade das penas.

Quibus verbis et furentem ancillam, et officiosum comitatum dimisit; quin mendacis fœminæ audaciam ulla unquam pœna mulctaret.

§ 12. Jam verò ex hac erga offensores suos indulgentia non uni persuasum est, viam cujusvis pænæ sub Stanislao evadendæ nullam esse aptiorem, quàm ipsum gravi aliqua affecisse injuria.

Nec propterea opinandum est omnes, quotquot in illum quandoque peccarunt, ea fuisse ductos persuasione. Longe enim aberat, ut hac de causa ejus minueretur auctoritas, cum apud omnes èo plùs existimatione cresceret, quò virtutibus ornatior comparebat.

§ 13. Idque certum Stanislào nullam peperisse infamiam, quæ in ipsum opprobrii causa jactata fuerunt; siquidem omnibus notior erat ejus probitas, quàm ut a vehementiore etiam maledicentia expugnari posset.

Imò, quantum Deo accepta fuerit ejus in sustinendis opprobriis tolerantia, non semel probavit eventus ; cum hæc plerumque mansuetudo facilius, quàm solet pænarum acerbitas, peccantium emendationem obtineret.

CAPITULO X

Fica na Bahia com poder absoluto

§ 1. Passado o trienio do governo, e deixada a administração da provincia, Estanisláo ficou no colegio da cidade da Bahia, onde depuzera o cargo.

§ 2. Aqui excitava todos á perfeição com o exemplo de sua vida e com a inocencia dos seos costumes; pois n'ele foi constante o amor da virtude e a solicitude na observancia da diciplina, quer obrasse como particular, quer procedesse como superior.

Embora cultivasse com esmero as virtudes convinhaveis a um religiozo, todavia em nenhuma d'elas punha maior empenho do que na umildade, como si fosse ela o fundamento de toda a perfeição.

§ 3. Não sei sob que pretesto pedio e obteve para abitar um cubiculo na parte inferior do convento destinada á moradia dos irmãos serventes.

Entre eles vivia satisfeito, como si nunca exercera o supremo regimen da provincia, e si na sua pessoa não estivesse ali prezente um conselheiro da ordem.

Acostumado a despensar famulos para o seo serviço pessoal, executava por si tudo quanto precizava. Frequentemente com suas proprias mãos lavava lenços e

---

CAPUT X

Bahiæ perstat magistratu absoluto

§ 1. Elapso regiminis triennio, curàque provinciæ dimissa, permansit Stanislaus in Bahiensis urbis collegio, ubi magistratum deposuerat.

§ 2. Hic exemplo vitæ, morumque innocentia reliquos ad perfectionem excitabat: nam constans in eo fuit, vel privatum ageret vel superiorem, tum virtutis amor, tum observandæ disciplinæ sollicitudo.

Etsi verò singulas, quæ religiosum decent, virtutes coleret diligenti opera, nihil humilitate, quasi totius perfectionis fundamento, antiquius habuit.

§ 3. Cubiculum, nescio cujus commodi prætextu, ad habitandum petiit, obtinuitque in ima ædium parte, quæ adjutorum fratrum habitationi destinata erat.

Hos inter degebat contentus, omni seclusa auctoritatis specie; ac si supremum provinciæ regimen exercuisset nunquam, neque ejusdem in præsentia consultor existeret.

meias do seo uzo, e a quem se lhe oferecia para taes serviços agradecia com urbanidade, dizendo que ninguem o servia tão bem como ele proprio.

§ 4. Procurou sempre viver ignorado, e não consentia facilmente em ser vizitado, principalmente por pessoas extranhas, com as quaes quazi não tinha outras relações alem das do confissionario.

Em funções publicas, que alias buscava escuzar, embora sempre aceito com onra, nunca entrava sinão coagido.

Era infenso á ostentação de conhecimentos doutrinarios, e engenhozamente evitava ocaziões de os exhibir: e antes queria parecer ignorante, do que fazer ostentação de siencias, em que aliás era perfeitamente instruido, com prejuizo da umildade.

§ 5. Este era o seo modo de viver e obrar, quando foi mandado para uma caza de noviciado ultimamente construida, mas ainda não acabada, nos arrebaldes da cidade, levando como companheiro um joven estudante, que convalecia de recente infermidade.

Não trouxe ninguem para esta abitação antes que podesse observar as leis da sociedade, e exigir a observancia d'elas, quanto o permitisse a saude do companheiro.

Embora este não suportasse a rigida destribuição do tempo, nem todos os deveres da sua condição, Estanisláo

---

Alterius sibi famulatum ubique solitus interdicere, quidquid opus haberet, per se ipsum exequebatur. Cum sudaria, tibialiaque suis ipse manibus passim lavaret, cuilibet operam ad id suam offerenti grates urbanè referebat, neminem sibi inquiens gratius famulari se ipso.

§ 4. Latere ubique studuit, nec adiri se facile patiebatur, maximè ab externis; quibus cum nihil ferè habebat commercii extra pænitentiæ tribunal. Publicis functionibus, in quibus se honore exceptum iri prævideret, numquam intererat nisi coactus.

Doctrinæ ostendendæ perhorrebat occasiones, et industriosè vitabat; maluitque indoctus videri, quam scientiarum, quibus erat pulchrè instructus, spcimen dare cum aliquo humilitatis dispendio.

§ 5. Hæc illi erat vivendi, agendique ratio, cum ad probationis domum, nuper in suburbio extructam, nec dum perfectam, missus est; addito in comitem, qui e recenti ægritudine convalescebat, scholastico juniore. Hanc natus habitationem nihil duxit prius, quàm ut societatis leges servaret ipse, earumque exigeret observantiam, quantum socii valetudo ferret.

predispoz as couzas por tal forma que consultasse a caridade e a diciplina.

§ 6. Portanto assim dispoz tudo, que por muito tempo ficou por costume: rezar quotidianamente a missa na ora, que menos incomoda fosse ao mancebo infermo; não xamal-o para a missa antes de estarem prontas todas as couzas para o sacrificio da consagração da ostia; concluida a ação de graças, lêr para ele ouvir durante meia hora o livro das couzas sagradas; explicar a lição com os devidos comentarios; então preparar por suas proprias mãos uma porção de xocolate para o companheiro; e depois fazer tudo aquilo que o exigissem as condições do lugar e tempo.

Por isso para este mancebo nada jamais foi tão grato como a memoria d'aquele tempo, em que experimentou a eximia caridade do emerito ancião, bem como outras suas virtudes.

§ 7 Tamanha era a sua caridade, que não podia ficar contida nas estreitezas do claustro. Não foi Estanisláo n'aquela epoca bemfazejo somente para o companheiro, com quem abitava; a outros, que viviam nas vizinhanças do colegio, tambem extendeo a sua beneficencia.

Entre estes avía certo mancebo, a quem faltavam quazi todos os livros, que o uzo da sua escola exigia para poder proseguir no estudo das letras superiores.

Quoniam verò is nec rigidæ temporis distributioni, nec omnibus conditionis suæ officiis par erat, res ita disposuit Stanislaus, ut charitati æquê consuleret, ac disciplinæ.

§ 6. Igitur hæc statuit, diuque habuit in more: quotidiè sacrum hora illa conficere, quæ valetudinario juveni minus videbatur incommoda: eum non prius ad sacrum vocare, quam omnia in promptu essent immolandæ hostiæ necessaria: peracta gratiarum actione, librum de piis rebus tractantem eidem legere per semihoram: lectionem additis comentationibus explanare: tum chocholatæ potum suis ipse manibus socio parare: alia deinde agere, quæ loci, temporisque ratio postularet.

Undè nihil erat, quod illum postea juvenem demulceret suavius, quàm temporis illius memoria, quo emeriti senis tum eximiam erga se charitatem, cum virtutes alias expertus est.

§ 7. Major erat ejus charitas, quam ut se intra domus illius septa contineret. Non illi tantum, quocum habitabat, socio beneficus per id temporis fuit Stanislaus: ad eos etiam, qui proxime in collegio degebant, suam ipse beneficentiam extendit.

Hos inter quidam erat juvenis, cui libri deerant ferè omnes, quos, ut humanioribus litteris navaret operam, illius scholæ usus postulabat.

§ 8. Apenas Estanisláo soube d'isso dirigio-se por carta a um seo parente, que pertencia ao gremio da nossa sociedade, para que á sua custa remediasse a indigencia e necessidade do mancebo.

Não recomendou somente, que lhe comprasse os livros, que o uzo da escola exigia, mas tambem que adicionasse outros, com que ele podesse instruir-se mais dezembaraçadamente, e estudar com maior comodidade.

Com este mancebo Estanisláo não tinha comunhão de sangue nem de patria; todavia mui estreito era o vinculo da caridade, a qual, quando é sincera, não ama somente com palavras e com a lingua, mas tambem com obras e com a verdade.

§ 9. Da liberalidade de que costumava uzar para com os outros, procurou sempre evitar a reciproca retribuição.

Isto experimentou certo confrade, que, vindo da India para Portugal, tocára no porto da Bahia, como era costume, e se demorara n'aquela caza.

Lembrado talvez da caridade, com que outr'ora Estanisláo recebera no seo ospicio varios alunos da sua provincia, ofertou-lhe consideravel donativo de objétos da India, que como couzas peregrinas costumam apreciar-se.

---

§ 8. Simul atque id cognovit Stanislaus, consanguineo suo, qui et ipse de societate erat, per litteras injunxit, ut juvenis indigentiæ, detrimentoque suis expensis consuleret. Nec tantum præscripsit, ut libros emeret, quos exigeret scholæ usus, verà etiam ut alios adderet, quibus erudiri liberius, atque instrui commodius posset.

Et quidem eo cum juvene nulla erat, Stanislao nec sanguinis, nec patriæ communio: arctius tamen erat charitatis vinculum, quæ sanè, cum sincera est, *non verbo tantum atque lingua, sed opere diligit ac veritate.*

§ 9. At verò qua largitate in alios ut consueverat, eamdem in se vicissim usurpari omninò voluit interdictum.

Id, cum ea in domo commorantem inviseret, quidam expertus est socius, qui ab orientali India in Lusitaniam pergens, Bahiensem portum de more attigerat.

Hic fortasse charitatis memor, qua olim Stanilaus, dum collegium regeret Bahiense, plurimos suæ provinciæ alumnos hospitio exceperat, indicarum rerum, quæ uti peregrinæ amari solent, donum ipsi obtulit non exiguum.

§ 10. Estanisláo porém recuzou o donativo com tal insistencia, que o socio de Goa perdeo toda a esperança de o dobrar; por isso durante a auzencia de Estanisláo buscou introduzir no cubiculo d'este os sobreditos objétos; e feito isto, retirou-se para o colegio antes que se descobrisse a fraude.

Soube Estanisláo do facto, assim transformado em obzequio, e xegando logo o óspede, entregou-lhe generozamente tudo quanto axára no cubiculo, rezervando tam-somente para uzo dos sacros altares os mais preciozos estofos de seda.

§ 11. O dinheiro, que seos parentes repetidas vezes lhe mandavam, punha ele á dispozição dos superiores, deduzindo apenas a quantia necessaria para comprar xocolate para uzo dos companheiros, que d'essa bebida careciam.

§ 12. Deixando o ospicio do noviciado, voltou para o colegio, e dentro de pouco tempo foi mandado como vice-provincial das regiões interiores da prefeitura da Bahia.

Era Estanisláo maior de 70 annos, e tinha a saúde arruinada; por isso parecia impossivel meter-se a caminho em regiões distantes quazi 900 milhas, e dificeis de tranzito em varias localidades pela falta de mantimentos e pela penuria d'agua. Todavia como era omem disposto á obediencia, pronto e satisfeito obedeceo, e executou a viagem ordenada.

---

§ 10. Quod Stanislaus tanta recusavit constantia, ut Goanus socius omnem ejus flectendi amiserit spem, proindèque in ipsius cubiculum, dum abesset, res illas introduci curaverit: quo facto, antequam fraus detegeretur, in collegium profectus est.

Non sine animi aflictione rem, utut. in obsequium adornatam, agnovit Stanislaus, statimque accersito comite, quiquid inductum reperit, elargitus est: pretiosiore tantum serico ad sacri altaris usum reservato.

§ 11. Nummos perinde, qui passim a propinquis mittebantur, superiorum arbitrio statuebat omninò, emendæ tantum chocholatæ parem summam accipiens, unde etiam sociis ejusdem potionis egentibus subveniret.

§ 12. Cum, relicta probationis domo, in collegium rediisset, non diu fuit, quin ad mediterraneas Bahiensis præfecturæ regiones pro-provincialis mitteretur.

Erat Stanislaus septuagenario major, et affecta gravatus valetudine; proindeque impar videbatur itineri suscipiendo in regiones nongentis

Com este exemplo de obediencia a todos servio de modelo, e mostrou quanta perfeição n'esta virtude tinha ele conseguido; assim como pouco antes ja tinha dado prova da sua completa umildade, quando sujeitou-se a vêr publicados os seos defeitos, e a ser punido com severidade.

§ 13. Com efeito ordenou o supremo prepozito, que ele com publica admoestação lavasse a culpa, que, como provincial, parecia ter cometido, deixando de executar certas ordens do mesmo prepozito; o qual todavia permitio, que a arbitrio do culpado ficasse a satisfação da pena.

Sobravam razões, pelas quaes poderia Estanisláo não só desculpar a sua omissão perante o prepozito geral, mas tambem aprezental-a como couza louvavel; todavia preferio sugeitar-se a grave pena, quando aliás a propria consiencia testimunhava a sua inculpabilidade.

E para servir de exemplo não só referio a sua culpa perante os companheiros, e beijou os pés dos que sentavam-se á meza, como tambem, inclinado sobre o xão, assistio á ceia, e flagelou-se com aspero azorrague.

Partindo para percorrer os pontos interiores como provincial, deixou estes recentissimos exemplos de obediencia e de umildade.

---

fere milliaribus remotas, atque victus, et aquæ penuria multis etiam in locis perdifficiles. Attamen, quæ erat hominis ad obediendum alacritas, promptus libensque obtemperavit, atque præscriptum iter suscepit.

Quo obediendi exemplo magnæ omnibus fuit ædificationi, atque una ostendit, quantam fuerit ejus virtutis perfectionem adeptus: quemadmodum in eo, quòd voluerit defectus suos palam exponi, et cum severitate puniri, humilitatis eximiæ paulo ante argumentum præbuerat.

§ 13. Etenim ipsi mandaverat supremus societatis præpositus, ut animadversione publica noxam elueret suam, quam, dum provincialem egerat, contraxisse videbatur in omittenda quorumdam ipsius præpositi ordinum executione: pænam tamen subeundam ejus arbitrio permiserat.

Rationes suberant bene multæ, quibus posset Stanislaus omissionem suam non modò apud generalem prœpositum excusare, verùm et laudabilem persuadere: maluit tamen, quem propria conscientia innocuum testabatur, grave se pænæ subjicere.

Quod ut præstaret, non tantùm suam ipse coram sociis recitavit culpam, simulque pedes in triclinio sedentium osculatus est, at humi etiam accumbens cænam habuit, seque verberatione affecit severissima.

Hac ille, cum ad lustranda provincialis loco mediterranea profectus est, recentissima tum obedientiæ, tum humilitatis exempla reliquit.

§ 14. Feita a vizita, dentro de poucos mezes regressou ao colegio da Bahia, onde não afrouxou na cultura de uma e outra virtude, como anteriormente costumava praticar.

Com grande reverencia cumpria a vontade de qualquer superior, embora relativa a couzas despreziveis; e nunca a idade avançada nem outra qualquer circunstancia servio de pretesto á sua decrepitude para não obedecer aos preceitos dos governantes.

§ 15. Não obstante amar o silencio e a solidão, estava sempre pronto para acompanhar aos confrades que tinham de sahir do convento para qualquer fim, quando ao reitor assim aprazia determinar.

Certo da sua dezignação para este mister, respondia á notificação com admiravel placidez d'alma, que ficava siente, e com igual satisfação indagava da óra destinada para a sahida, afim de oportunamente colocar-se na porta, e não cauzar ao confrade o incomodo da espera.

CAPITULO XI

Passa do colegio da Bahia para o de São-Paulo.

§ 1. Xegando Estanisláo quazi á extrema velhice, e aumentando necessariamente as infermidades proprias da

---

§ 14. At verò, cum paucos intra menses, peracta visitatione, ad Bahiense collegium rediisset, non destitit ab utraque virtute colenda, quemadmodum omni antea tempore consueverat.

Superioris cujuscumque, abjectiora etiam imperantis, summa reverentia voluntatem exequebatur: nec unquam aut ætatem senio gravem, aut quid aliud causatus est, ne moderatorum nutui obtemperaret.

§ 15. Quamquàm silentium amaret ac solitudinem, paratus omninò erat, ut quoties rectori placeret, omnes quotquot essent domo egressuri, comitaretur.

Audita sui ad hoc munus designatione, dicto audientem se fore mira animi æquitate respondebat, horamque exeundo destinatam inquirebat pari alacritate, ut opportune ad januam veniret, nec socium afficeret expectandi molestia.

CAPUT XI

E Bahiensi collegio ad Paulopolitanum emigrat

§ 1. Cum ad ultimam ferè ætatem pervenisset Stanislaus, ægritudinesque ætati coævas auctum iri necesse esset, visum est superioribus eum ad urbem Diví Pauli transmittere, ubi senectutis incommoda

idade, pareceo aos superiores conveniente, que ele se transportasse para a cidade de São-Paulo, onde menos penozamente suportaria os incomodos da senectude em consequencia da benignidade do clima patrio, e ao mesmo tempo esmolando entre os seos conterraneos (conforme lhe permitisse a molestia) obtivesse algum dinheiro, com que se podesse promover a beatificação do veneravel padre Jozé d'Anchieta.

Portanto, correndo o anno de 1722 e tendo Estanisláo 74 annos de idade, transferio-se ele para São Paulo.

§ 2. Nem esta mudança de lugar trouxe acontecimento algum dezagradavel.

Pois sendo confessor do vice-rei da Bahia, n'esta auzencia axára meio de dispensar-se da onra d'aquele encargo, como muito dezejava, sem ofensa alguma do mesmo vice-rei.

§. 3. Aportando com feliz navegação ao Rio de Janeiro, como lhe fôra recomendado, declarou o encargo de que fora incumbido de vizitar no seo tranzito, e com os poderes e predicamento de provincial, o convento de S. Miguel na cidade de Santos, e o de S. Ignacio entre os Paulistas, assim como as aldeias adjacentes dos indios e as nossas rezidencias.

Por esta razão começada a viagem e partindo para ali, executou equitativamente todos os encargos da sua comissão com tanto louvor, quanto já merecêra no dezempenho de outras funções do seo ministerio.

---

minus ægrè patri cæli beneficio perferret, simulque a suis quòad per valetudinem liceret) aliquam emendicando coligeret pecuniæ summam, qua venerabilis patris Josephi Anchietæ beatificatio promoveri posset.

Igitùr, vertente anno millesimo septingentesimo vigesimo secundo, ætatis verò suæ septuagesimo quarto, eò se retulit Stanislaus.

§ 2. Neque injucunda illi contigit hæc loci mutatio. Nam, cum esset Bahiensi pro-regi a confessionibus, ea tandem absentia modum invenerat, quo illius muneris honorem, ut summis optarat votis, nulla pro-regis justa offensione declinaret.

§ 3. Secunda navigatione ad Januarii Flumen appùlsus, quod in mandatis deferebat, munus exprompsit, loco videlicet provincialis, ipsiusque nomine tum Divi Michaelis in opido Sanctorum, tum Divi Ignatii apud Paulopolitanos collegium, unàque adjacentes Indorum pagos, ac nostrorum residentias in transcursu perlustrandi.

Quare, instaurato itinere, eò profectus, muneris commissi partes tanta implevit æquitatis laude, quantam sæpe alias eodem in officio promeruerat.

§ 4. Assim deo exemplo de perfeição evangelica digno da imitação dos varões religiozos, e da admiração dos demais omens.

Na verdade o principio da vizita deo logo em rezultado a despedida de um filho de sua irman do gremio da companhia, desprezado o vinculo do sangue. Tal era a dezapego d'este omem polos parentes!

§ 5. Percorridos os ospicios do Brazil austral, dos quaes falei, fixou rezidencia no colegio de São-Paulo. Aqui disposto para o exercicio do sagrado ministerio, nada fez antes de dar conta da sua vida.

§ 6. Era costume recebido por uzo antigo dos nossos templos celebrar os oficios divinos todos os dias de madrugada, para que não faltasse comodidade de ouvir missa aos que vivem do trabalho diario. Esta óra escolhêra ele no colegio da Bahia para consagrar as primicias do dia á ostia celestial; a mesma conservára em São-Paulo, onde o clima é frigido.

Porquanto em toda a parte costumava despertar os outros, e isto que outr'ora fazia por piedade, agora determinára cumprir por caridade, afim de que livrasse de incomodo os seos companheiros.

Por isso, advertido o sacristão, acautelou, que dali por diante ninguem fosse xamado para celebrar n'esse tempo; ele porém dezempenharia o sagrado oficio na fórma estatuida.

---

§ 4. Imò evangelicæ perfectionis exemplum edidit, non minus imitatione dignum apud reliogiosos viros, quàm apud cæteros admiratione. Siquidem visitationis initium ab eo duxit, quòd, spreto consanguinitatis vinculo, sororis filium è Societati demitteret. Tanta hominis erat à propinquis alienatio.

§ 5. Lustratis, de quibus dixi, Australis Brasiliæ domibus, habitationem fixit in Paulopolitano collegio. Hic otium natus ad exercenda societatis ministeria, nihil egit prius, quàm ut vitæ suæ rationem institueret.

§ 6. Mos erat in templis nostris antiquo usu receptus, ut quotidie sacrum fieret sub auroram, ne iis, qui ex diurno labore victitant, audiendæ missæ commoditas deesset. Hanc sibi horam, ut diei primitias cœlesti hostiæ consecraret, in Bahiensi collegio elegerat Stanislaus: eandem in Paulopolitano, ubi frigidius est cælum, etiam retinuit.

Nam, ut erat aliis sublevandis ubique pronus, id, quod ex pietate olim susceperat, etiam ex charitate obire decrevit, ut socios ab incommodo liberaret.

Quare ædituum præmonendo cavit, nequis deinceps ad celebrandum eo tempore vocaretur; siquidem ipse statutum sacrum obire poterat.

§ 7. Isto nunca preterio, sinão quando era detido por molestia grave; e depois consumido longo espaço de tempo em ação de graças, e empregados breves momentos no trato corporal, voltava ao templo para acudir á confissão dos penitentes.

Tão assiduo freguentava o tribunal sagrado, que d'ele não se arredava (couza assás admiravel em um velho septuagenario e fraco) sem verificar que ninguem mais avía para expiar culpas.

§ 8. Então o infatigavel velho vinha para a sala proxima da porta principal, onde, em tribunaes a cada passo levantados, se costuma ouvir os omens, como as mulheres ouvem-se no templo, afim de ajudar ali aos companheiros dedicados ao mesmo ministerio até que recebessem a confissão de todos quantos acudiam.

Com este procedimento não só prestava grande serviço aos penitentes, como excitava os confrades a praticar a mesma couza.

§ 9. Na verdade o reitor do colegio acostumado a empregar-se com Estanisláo em ouvir os confitentes, ingenuamente confessava, que nunca atrevia-se a deixar o trabalho emquanto tinha diante dos olhos o exemplo do venerando ancião, que proximo estava.

Quando porém concorria multidão de povo com maior frequencia, concluida a ação de graças depois da missa,

---

§ 7. Ilud propterea, nisi gravi detentus morbo, intermisit nunquam: longo deinde temporis spatio gratiis agendis collocato, curandoque corpori brevissimè consulens, ad excipiendas accurrentium confessiones redibat in templum.

Atque adeò sacro tribunali adhærebat assiduus, ut (quod in septuagenario, debilitatoque seni valde mirum) non prius ab eo recederet, quàm superesse neminem cognovisset a noxis expiandum.

§ 8. Tum verò ad aulam communi januæ proximam, ubi erectis passim tribunalibus viri, sicut in templo fœminæ, audiri solent, indefessus accurrebat senex, ut ibi socios eidem ministerio intentos adjuvaret, donec, quotquot confluxerant, omnium confessiones exciperentur.

Qua agendi ratione non modò strenuam ipse pænitentibus expiandis præstabat operam, verùm etiam alios ad idem præstandum excitabat.

§ 9. Equidem collegii rector, unà cum Stanislao confessionibus audiendis vacare solitus, fatebatur ingenuè nunquam a labore ausum se paulisper cessare, cum venerandi sènis, qui proximè aderat, sibi ante oculos obversaretur exemplum.

Quoties verò frequentiores populi multitudo conflueret, absoluta

Estanisláo dirigia-se ao tribunal da penitencia, esquecido da uzual refeição matutina.

Algumas vezes suportava a fraqueza do estomago para não demorar o sacramento da reconciliação aos que o procuravam.

§ 10. Este genero de austeridade porém, que ele por umildade buscava encobrir, não tardou em manifestar-se pela debilidade das forças corporaes.

Em certo dia, ouvindo penitentes, por ocazião de mais diuturno e numerozo concurso, o ancião desfaleceo, e por fim cahio em deliquio.

Por isso o reitor do colegio, conhecida a origem do mal, diligentemente prevenio para que dali por diante Estanisláo não ocupasse o confessionario, estando em jejum.

Cumprio Estanisláo o preceito; mas todo o tempo, que perdia com esta obediencia, recuperava com a omissão do jantar todas as vezes que, dado o sinal do refeitorio, ainda existiam penitentes por confessar.

Afligia-se então o reitor, quando por qualquer circunstancia ou por negligencia não xamavam o retardatario confessor e assim o não afastavam do trabalho.

§ 11. Como porem a caridade é engenhoza, accedendo prontamente á voz da obediencia, ele na verdade deixava os penitentes, porém advertidos que de tarde voltassem para o mesmo fim, afirmando que então de boa

---

post sacrum gratiarum actione, statim ad pænitentiæ tribunal currebat Stanislaus, cura matutinæ refectionis omissa.

Satius enim ducebat aliquandiu debilis stomachi sustinere languorem, quàm differri petentibus reconciliationis sacramentum.

§ 10. Verum tamen hoc austeritatis genus, quod ille præ humilitate occultum vellet, diu passa non est, quin manifestum redderet, virium corporalium tenuitas.

Quadam enim die, cum diuturnius, frequentioris concursùs occaione, confitentibus præbuisset aures, ita defecit longævus senex, ut exanimis tandem corruerit.

Undè rector, cognita mali origine, diligentèr cavit, ne deinceps ad sacrum tribunal jejunus accederet. Morem illi gessit Stanislaus: at quidquid temporis ea in obedientia consumeret, totum rependere prandii omissione paratus erat, quoties dato ad illud signo pænitentes supererant audiendi.

Satagebat proinde rector, ne morantem vocare ad prandium, et ab opere arcere casu aliquo, aut negligentia omitteretur.

§ 11. Cæterùm, ut ingeniosa est charitas, obedientiæ voci promptè obsecundans, pænitentes quidem relinquebat, monitos tamen, ut vespere

mente lhes prestaria os seos serviços, pois agora era ocazião de obedecer.

Passado breve tempo necessario ao jantar e ao descanso da sésta meridiana, via-se ele voltar ao confessionario para renovar e completar a obra interrompida pelo preceito da obediencia.

§ 12. Por isso muitos fiéis, na ora do dia em que mais comodamente o podiam fazer, frequentavam a nossa caza para confessar os pecados, dezejozos de ter como confessor o fiel Estanisláo.

Embora admitisse todos os freguezes sem distinção de pessoas, comtudo costumava receber de melhor vontade e mais benignamente os umildes, os quaes, como destituidos do favor umano, muito recomenda a sua mizera condição.

§ 13. Não era novo em Estanisláo o amor d'este ministerio; pois, como algures foi comemorado, nunca se absteve de o exercitar entre os cuidados das prefeituras, que exerceo.

N'estes ultimos tempos porém, reconhecendo-se menos apto para outros ministerios em razão da idade, aplicou-se a este unico exercicio, no qual nenhum outro sacerdote postoque robustissimo o poderia talvez exceder.

---

ad propositum reverterentur, affirmans operam tunc illis suam libentissime collocaturum, quandoquidem in præsenti obediendum erat.

Hinc visus identidem fuit, interposito brevi tempore ad prandium. et pomeridianam quietem necessario, rursus ad tribunal redire, ut interruptum obediendi causa opus instauraret, atque compleret.

§ 12. Multi propterea, qua commodiùs poterant diei hora, domum nostram ad peccata confitenda ventitabant, sibi certò polliciti paratum in Stanislao confessarium habituros.

Quamquàm verò, nulla fermè personarum acceptione venientes admitteret, libentiùs tamen, atque beniguiùs humiles amplexari consuevit, quos apud ipsum, humanà quasi ope destitutos, plurimùm commendabat eorum abjecta conditio.

§ 13. Haud novus erat in Stanislao hujus ministerii amor; nam, ut alibi memoratum est, etiam inter præfecturarum, quas obivit, curas ab eo exercendo nunquam abstinuit.

Sed postremis hisce temporibus, cùm se ministeriis aliis præ senectute minus aptum cognosceret, huic uni eo insudavit studio, quo fortasse majus neque a robustissimo aliquo expectari posset.

Ad sellam pænitentiæ diebus etiam profestis se referebat, tametsi unus, alterve. et quandoque nullus per confessionem expiandus accederet.

Ainda nos dias festivos recolhia-se á cela da penitencia, embora aparecesse apenas um ou outro e ás vezes nenhum penitente em busca da confissão.

§ 14. Então para que nenhum cabimento désse ao ocio, ocupava o tempo em recitar as oras canonicas, e outras preces; e este costume ele manteve até o dia do seo falecimento.

Assim contrahío tão arraigado o abito de administrar este sacramento, que em certa ocazião, ardendo em febre, como si ouvisse de confissão a um penitente, que em seo delirio julgava ter ante si relatando pecados, perguntou, si por ventura comia carne em dia prohibido, e com palavras ajustadas deo-lhe a absolvição.

CAPITULO XII

Promove a observancia da diciplina interna

§ 1. O verdadeiro filho da companhia, si, em conformidade do seo dever, tem zelo pelas almas e pela gloria divina, convem sobre tudo, que o exerça dentro das paredes conventuaes, e procure em espirito agradar a todos aqueles com quem vive.

---

§ 14. Tum verò, ut, locus otii restaret nullus, horis canonicis, aliisve precibus recitandis tempus collocabat: quam ille consuetudinem ad eam usque diem, qua decubuit ad interitum, prosecutus est.

Quo pacto tantum sacramenti istius ministrandi usum contraxit, ut febri etiam laborans auditus fuerit pænitentem, quem apud se peccata deponere per delirium putabat interrogare, an carnibus die vetito pastus esset, eidemque absolutionem, statis verbis impertiri.

CAPUT XII

Disciplinæ observantiam domi promovet

§ 1. Verus societatis filius, si prout debet, zelum animarum, et gloriæ divinæ habeat, imprimis illum opportet intra domesticos parietes exerceat, et nostros omnes, quibuscum vivit, in spiritu juvare contendat.

Como a perfeição da nossa sociedade seja couza de tamanha importancia para a gloria de Deus e para a salvação do proximo, não póde o varão pio trabalhar devidamente em favor dos fieis com aquela diligencia, a que é obrigado, si por ventura tambem não se empenha pelo bem espiritual da sociedade.

Por isso emquanto trabalhava por limpar a consciencia das pessoas extranhas á comunidade, Estanisláo tambem cuidou por todos os meios possiveis de excitar os confrades á perfeição da vida.

§ 2. O seo principal cuidado foi proceder de modo que servisse de exemplo a todos os companheiros, não se subtraindo á lei ou a trabalho algum, afim de que os mais moços não tivessem pretesto para desvios.

Pois assim como nas familias regulares dos religiozos nada é mais perniciozo do que a vida dos mais velhos pouco conforme com á diciplina claustral, assim tambem com razão persuadia-se de que a reverencia dos mesmos pelas leis, sendo constante e perfeita, muito contribuia para conter os demais na diciplina.

§ 3. Conhecia por experiencia repetida, que os religiozos eram tanto mais facilmente impedidos de alcançar o seo fim quanto mais facilmente mantinham relações externas, sem urgente necessidade.

Por isso muito dezejava Estanisláo, que os confrades

Cum enim societatis perfectio tanti sit momenti ad Dei gloriam, et proximorum salutem, his cooperari, qua tenetur diligentia, omninò non potest, nisi spirituali societatis bono etiam studeat.

Quarè, mundandis extemorum conscientiis dum navaret operam id etiam curavit Stanislaus, ut socios, quibus poterat industriis, ad vitæ perfectionem excitaret.

§ 2. Præcipua illi cura fuit ita se gerere, ut reliquis esset exemplo, nulli aut legi, aut labori se subtrahens, ne libertatis etiam quærendæ ansam caperent juniores.

Nam, quemadmodum sacris religiosorum familiis nihil est perniciosius, quàm antiquiorum vita minus ad religiosam disciplinam composita, sic meritò sibi persuaserat ipsorum erga leges reverentiam, si constans ea sit atque perfecta, plurimum valere ad reliquos in disciplina continendos.

§ 3. Multiplici noverat experientia religiosos eò impediri faciliùs, ne ad suum finem perveniant quò frequentiùs cum externis, nulla urgente necessitate, commercium exercent.

Quare vehementer optabat Stanislaus, ut a nostris quàm rari domo

pouco saissem do convento, e sómente o fizessem, quando o exigisse a salvação do proximo, ou qualquer outra necessidade verdadeira.

§ 4. Isto ele conseguio no colegio de São-Paulo, não coagindo os animos á solidão com violencia, mas sim incitando-os com atrativos para que, tentando e paulatinamente operando, acendesse nos colegas o amor d'essa mesma solidão.

Portanto nos dias feriados, nos quaes costumavam sair do convento á ora do meio dia, convidava todos os confrades para que a uma óra da tarde reunissem-se em certo logar do colegio. Ahi propostos premios, consistentes principalmente em bentinhos, rozarios, retratos de santos, disputavam sobre todas essas couzas, que na sociedade se permitem como entretenimento; e assim os detinha até xegar a noite.

D'este modo insensivelmente obteve, que, moderado o dezejo de passear, ninguem se afastasse do convento sem justa cauza.

§ 5. Ele tambem tomava parte no passatempo, e permitindo a ocazião, introduzia pios coloquios, com que se sucitasse o amor e o exercicio da virtude, quando nenhuma circunstancia vinha preterir ou interromper o assunto.

---

egressus fierent, nisi eos aut proximorum salus, aut vera alia necessitas postularet.

§ 4. Idque in paulopolitano collegio assecutus est, non quidem vi ad solitudinem animos impellendo, sed illiciis potiùs inescando, quoad ejusdem amorem sensim conando agendoque in illis accenderet.

Igitur feriatis diebus, quibus domo egredi pomeridiano tempore consueverant, socios invitabat omnes, ut ad certum collegii locum altera post meridiem hora convenirent.

Propositis ibi præmiis, in cunculis nimirum, rosariis, depictis sanctorum imaginibus, idque genus aliis, de quibus per ludos in societate permissos decertarent, eos ad primam noctem morabatur.

Quo sensim obtinuit, ut, frigescente vagandi desiderio, nullus domo, nisi justa de causa, pedem efferret.

§ 5. Ipse quoque ludis intererat, nactusque occasionem pia ininserebat colloquia, unde virtutis amor ac studium, si non nihil sopiri, aut remitti contingeret suscitarentur.

Idque evenit, quod erat præcipùe ab Stanislao intentum, ut domesticæ recreationis locus, qui adiri cæperat animi relaxandi causa, etiam ex religione, ac virtutis amore frequentari deinceps pergeret.

Aconteceo, como era principal intento de Estanisláo, que o lugar da recreação domestica, que começára a ser concorrido para refocilar o espirito, depois era frequentado por cauza da religião e por amor da virtude.

Nem faltou alguem d'entre os nossos confrades, que atestasse com formaes palavras, que repetidas vezes se retirára d'aquele lugar muito mais imbuido na piedade do que para ali tinha ido ; e em razão do piíssimo costume de Estanisláo, sentia surgir em si novo fervor de animo, com que inflamava-se na virtude.

Não é mera conjetura, que o mesmo acontecesse a outros, quando quazi todos os confrades n'esse tempo porfiavam por maior perfeição propria e alheia.

§ 6. Emquanto os irmãos leigos do convento ocupavam-se com os exercicios espirituaes do nosso santo padre, costumava Estanisláo vizital-os de noite, e os exortava a entregar-se diligentemente a essas meditações, e mostrar depois na perfeição aquele cuidado, que a nossa sociedade espera de seos filhos por meio d'estes exercicios.

§ 7. Lembrado de que d'entre os negocios atinentes ao destino do nosso instituto, nenhum outro é mais util do que a educação da mocidade, de que nos incumbimos, ardentemente anhelava, que os mancebos se instruissem nas letras e nas virtudes com toda a possivel aplicação.

Neque defuit ex nostris, qui conceptis verbis testaretur, non semel ab eo se loco recepisse pietati multo affectiorem, quàm venerat; piissimaque Stanislai consuetudine novum animi concepisse fervorem quo se ad virtutem inflamari sentiebat.

Id quod etiam aliis evenisse non inanis est conjectura, cum omnes ferè socii majus tum propriæ, tum alienæ perfectionis studium ea tempestate præseferrent.

§ 6. Adjutores rei domesticæ fratres, dum spiritualibus beati patris nostri exercitiis vacarent, solitus erat Stanislaus quotidie sub noctem invisere, hortarique, ut commentationes illas diligenter peragerent, eamque deinde ostenderent perfectionis curam, quam per hæc exercitia de filiis suis expetit societas.

§ 7. Nec immemor ipse ex negotiis, quæ ad instituti nostri rationem pertinent, vix aliud esse utilius, quàm suscepta puerorum educatio, vehementer optabat, ut litteris, ac virtutibus, quàm rectissimè poterant, imbuerentur.

Para esse fim pois cogitou na construção de um seminario; perdida porem a esperança de ser coadjuvado pela riqueza dos parentes, como dezejava, vio-se coagido a renunciar á projetada construção.

CAPITULO XIII

Acode á pobreza do colegio de São-Paulo, e da provincia de Malabar

§ 1. Depois d'estas couzas, para que nada faltasse á caridade, Estanisláo tambem aplicou o seo animo e cuidado ao bem temporal dos companheiros. O colegio de São-Paulo sofria tamanha carencia das couzas, que mal podia manter decentemente comunidade de numero diminuto de pessoas.

Estanisláo não tolerou esse estado de couzas; e como era varão de insigne prudencia, que olhava não só para o prezente mas tambem para o futuro, determinou constituir uma fonte de renda, donde tirasse subsidio annual

---

Quem in finem etiam de condendo seminario cogitavit: sed à consanguineis, quorum opibus ædificare constituerat, præter spem repulsus ædificationem deponere coactus est.

CAPUT XIII

Paulopolitam collegii et provinciæ Malabaricæ paupertatem sublevat.

§ 1. Post hæc temporali etiam sociorum bono, nequa ex parte charitati deesset, animum curamque adhibuit Stanislaus. Laborabat paulopolitanum collegium tanta rerum inopia, ut exigui numeri familiam vix alere decentèr posset.

Non tulit hoc Stanislaus, utque erat insigni prudentia vir, non solum in præesens, verum etiam in posterum longe prospiciens,

para a sustentação da gente e para as despezas do culto, e podesse assim constantemente rezistir á atribulações da penuria, e ás dificuldades da carestia dos generos.

§ 2. Assim com rogos induzio Jozé de Campos, seo irmão germano, e abundante de bens da fortuna, a doar ao colegio certo terreno situado no lugar denominado Guarehi; depois persuadio o reitor a comprar o campo contiguo para de ambos os terrenos formar uma fazenda de criação de gados, com que podesse suprir a inopia das couzas.

Feito isto, faltava axar um administrador diligente para a fazenda; o numero exiguo dos confrades, apenas suficiente para prestar serviços na cidade, dificilmente podia dispensar alguem para outro mister.

Estanisláo porém, embora parecesse debil para esse trabalho por cauza da idade octogenaria, animado por sua caridade e demais virtudes, ofereceo-se espontaneamente aos colegas para a laborioza administração do novo predio.

§ 3. Prometeo dezempenhar a sua incumbencia de forma que nem faltasse aos companheiros nos trabalhos proprios da cidade, nem aos encargos da fazenda, embora podesse ele eximir-se de uma e outra obrigação em

---

fundum aliquem moliri statuit, undè annuo ad victum cultumque accepto subsidio, inopiæ ærumnas, et annonæ difficultatem perpetuò arceret.

§ 2. Itaque Josephum de Campos, fratrem suum germanum et fortunæ bonis affluentem, precibus induxit, ut quemdam terræ tractum collegio donaret, in Guarehiensi, quam vocant, regione situm: rectori deindè persuasit, ut campum emeret primo contiguum, ex quibus prædium fieret armentorum capax, unde rerum inopiæ subveniri posset.

His rectè constitutis, supererat diligentem prædii curatorem invenire: exiguus enim sociorum numerus, præstandisque in urbe muneribus vix sufficiens, alio distrahi difficultèr poterat. Verum Stanislaus, quamquàm huic impar labori per octogenariam ætatem videretur, sua in socios charitate, aliisque animatus virtutibus, ad laboriosam novi prædii curam sponte se obtulit.

§ 3. Ad id verò ita operam promisit suam, ut nec sociis in civitatis excolendæ negotio, nec prædii rationibus deesset, gravi licet ætate, infirmàque valetudine ab utroque eximi omninò posset.

virtude da sua avançada idade, e da fraqueza da sua saúde.

Assim percorria a fazenda todos os annos, e considerando atentamente o que convinha fazer ou omitir, mandava executar as suas deliberações por omens escolhidos para esse fim; depois regressava ao colegio para entretanto dedicar-se á obra da salvação das almas.

Com este modo de proceder não pôde deixar de excitar a admiração dos contemporaneos, e de oferecer exemplo de infatigavel caridade ainda oje memorada pela posteridade.

§ 4. Para que bem possamos compreender de quanto trabalho encarregou-se este ilustre confrade, convem ponderar, que o novo predio, de que falamos, dista 90 milhas da cidade de São-Paulo.

Assim Estanisláo na excursão annual de ida e vinda percorria 180 milhas, e isto fazia andando por lugares em grande parte dezertos, não totalmente privados de abitantes, porém xeios de perigos.

§ 5. Era precizo a cada passo evitar animaes ferozes; vencer montes ingremes; sofrer a intemperie do clima, e outras couzas iguaes, que na verdade pareciam arduas ainda para omem de idade vigoroza.

Novum igitur quotannis lustrabat prædium, et quid fieri, quid omitti deberet, maturè perspiciens, conductis ad id hominibus exequendum mandabat: se deindè ad collegium referebat, operam interim suam animarum saluti collocaturus.

Qua agendi ratione non potuit, quin præsentibus admirationem excuteret, indefessæque charitatis exemplum relinqueret tota deinde posteritate memorandum.

§ 4. Ut verò concipi omninò valeat, quantus ab eo fuerit susceptus labor, perpendatur opportet novum, quo deloquimur, prædium ab urbe divi Pauli dissitum esse milliaribus nonaginta.

Quare ab Stanislao, dum quotannis iret, rediretque, centum et octoginta milliarium iter conficiendum, idque per loca magnam partem deserta, nec modò incolis vacua, sed periculis plena.

§ 5. Immanes belluæ passim declinandæ: prærupti superandi montes: ferenda aeris intemperies, idque genus alia, quæ vel robustæ ætatis viro ardua profecto viderentur.

Todavia quiz ele, velho octogenario, suportar estas couzas para que prestasse ao colegio algum auxilio, e ajudasse aos seos companheiros no exercicio dos sacramentos.

§ 6. Não devemos omitir, que todo o fardel das viagens, e as couzas necessarias para as obras do predio, Estanisláo fazia a espensas de seo irmão Jozé, emquanto o colegio de São-Paulo não recebia, mas esperava com certeza receber pingues rendimentos d'esse predio.

§ 7. Por esse tempo aconteceo, que na regia oficina da fundição do ouro axou-se certa quantidade d'este metal com indicação do nome de Estanisláo avaliada em mais de 540 escudos.

Pela inscrição claramente conhecia-se ser o donativo feito a Estanisláo ; quem fosse porém o autor do donativo ficou tão oculto que nem o proprio Estanisláo, nem outra qualquer pessoa jamais o pôde saber, nem ao menos suspeitar.

Por tanto uzando de pia munificencia, como outras muitas vezes fizera, doou á igreja do colegio de São-Paulo toda a quantidade de ouro axado, com a condição porém de aplicar-se a uma capela do veneravel padre Jozé

Hæc tamen subire voluit octogenarius senex, ut aliquod emolumentum collegio afferret, simulque socios in exercendis ministeriis adjuvaret.

§ 6. Nec omittendum, quòd omnia, tum parando itineris viatico, tum prædii operis necessaria, sumptibus Josephi fratris redimeret Stanislaus dum interim paulopolitanum collegium pingues ex eodem prædio redditus aut reciperet, aut certò speraret.

§ 7. Per id etiam tempus evenit, ut in regia auri fundendi officina quoddam hujus metalli inveniretur pondus, Stanislai inscriptum nomine, et scutorum quadraginta supra quingenta pretio æstimatum.

Id factum Stanisláo donum ex inscriptione plane dignoscebatur : quis tamen fuerit doni auctor, eum latuit in modum, ut nec Stanislaus ipse, nec quisquam alius, aut de illo fieri certior, aut saltem conjicere unquam potuerit.

Pia igitur, ut identidem aliàs, usus munificentia, totum, quod inventum fuerat auri pondus, paulopolitani collegii templo donavit, hac tamen lege, ut venerabili patri Jesepho Anchietæ dicaretur

d'Anchieta, quando pela sé apostolica lhe fôsse decretada a onra do culto publico.

§ 8. Grande era o amor de Estanisláo para com a sociedade; por isso preferio esta ao colegio de São-Paulo para conferir-lhe o beneficio.

Aumentou a riqueza de todos os colegios e cazas, que administrou, restaurando os seus predios com maxima solicitude; para o que servia-se da grande liberalidade dos seus parentes e principalmente de seu irmão Jozé.

Não contentava-se com os beneficios feitos á provincia do Brazil; pois consta ter despendido as riquezas de seus parentes em proveito de provincias instituidas fóra do Brazil.

§ 9. O padre Brolhas Antonio Brandolini, mandado com o cargo de procurador para a provincia do Malabar, regressando da India oriental para Portugal por via da Bahia, testifica, que 500 e ás vezes 600 escudos eram todos os annos enviados por Estanisláo aos confrades do Malabar, os quaes por isso o consideravam e respeitavam como pae.

Podemos pois prezumir, que ele socorria com dinheiro outras missões, sem que aliás, por cauza da distancia dos lugares, xegasse a nós a noticia do facto, como costuma suceder.

---

sacellum, quoties illi à sede apostolica publici cultus honor decerneretur.

§ 8. Major erat Stanislai erga societatem amor, quam ut uni paulopolitano collegio beneficia conferret. Quot rexit collegia, domosque, tot etiam divitiis auxerat, eorum prædia, quanta potuit sollicitudine, instaurando, magnaque propinquorum, ac Josephi præcipue largitate usus.

Nec his contentus est erga brasiliensem provinciam beneficiis: in alias item societatis domos, extra Brasiliam constitutas, propinquorum opes dispensasse constat.

§ 9. Pater Brolhas Antonius Brandolini, Romam pro Malabarica provincia missus procuratoris munere, ab India orientali cùm transiret in Lusitaniam, Bahiæ testatus est, quingenta scuta, interdum etiam sexcenta ad malabaricos socios mitti ab Stanislao quotannis consuevisse, a quibus propterea quasi parens habebatur, colebaturque.

Unde moveri suspicio potuit, illum aliis etiam missionibus subvenisse, pariaque misisse pecuniæ subsidia, quin ad nos rei hujus notitia, ut in aliis frequenter evenit, ob locorum distantiam pervenisset.

CAPITULO XIV

Sua comizeração para com os pobres e doentes

§ 1. A mizericordia, que para com os pobres Estanisláo mostrou em toda a parte, não deminuio no colegio de São-Paulo, antes porém aumentou. Quanto mais se adiantava em idade, tanto maior era o dezejo de entregar-se ao alivio dos pobres.

Apenas alguma couza xegava-lhe ás mãos, logo ele a transmitia aos indigentes; assim acostumou-se á privação constante d'aquelas couzas, de que necessitava para a conservação da vida e para o uzo quotidiano, afim de que, por todos os modos possiveis, acudisse ás precizões alheias.

§ 2. A certa mulher, que pedia esmola, não tendo ele o que dar, entregou o cobertor destinado a abrigal-o do frio, julgando mais acertado atender á indigencia d'essa pobre creatura do que á propria necessidade.

Por algum tempo sofreria o incomodo do frio noturno, que n'essa região ainda aos moços é penozo, si acazo o reitor, advertido por outrem, não tratasse de substituir o cobertor dado de esmola.

CAPUT XIV

Ejus in pauperes, ægrotosque commiseratio.

§ 1. Quam erga pauperes misericordiam ubique ostenderat, eam in Paulopolitano collegio non retinuit modò, sed auctiorem exhibuit Stanislaus. Quò magis ætate creverat, eò sublevandis pauperibus majore incumbebat studio.

Vix aliquid erat, quod illi cum venisset in manus, non statim ad egenos transiret: iis etiam, quibus vitæ conservandæ, aut usui quotidiano indigebat, se aliquando privare solitus, ut qua poterat ratione, aliorum inopiæ subveniret.

§ 2. Roganti stipem fæminæ, cum nihil haberet porrigendum, stragulum præbuit arcendo frigori destinatum, rectius acturum se judicans si pauperis indigentiæ, quàm propriæ necessitati consuleret.

Et quidem nocturni frigoris incommodum, quod ea in regione etiam junioribus molestum est, aliquandiu tolerasset, nisi rector ab alio monitus curasset novum stragulum erogato substitui.

§ 3. A fama d'este facto percorreo toda a cidade ; os extranhos e principalmente os parentes, movidos pela admiravel caridade d'este omem, quizeram que as esmolas dos pobres fossem distribuidas por mão de Estanisláo, julgando que as suas dadivas seriam mais bem aceitas de Deos em razão dos merecimentos do esmoler.

Por esta razão, auxiliado com estes subsidios, não conhecia necessidade alguma, a que logo não acudisse, buscando com solicito exame aqueles a quem espontaneamente e sem pedido levasse oportuna esmola.

§ 4. De igual mizericordia uzava para com os infermos, de qualquer condição que fossem ; principalmente porém socorria os nossos famulos, aos quaes lhe era licito mais frequentemente vizitar.

A estes de varios modos costumava socorrer, já sujeitando-se, por cauza d'eles, a actos infimos, e já tambem cuidando das couzas necessarias a aqueles, que poderiam padecer penuria em razão das tenues posses do colegio.

Depois vizitava-os e consolava, confortando-os com palavras afaveis ; e embora estivesse de aspecto triste e pezarozo, todavia mostrava rosto prazenteiro de fórma que désse aos doentes esperanças de bom rezultado.

§ 5. Tendo vizitado a todos, costumava dar escondidamente a cada um uma moeda de ouro de quatro escudos, e feita a saudação de despedida, punha a moeda debaixo

---

§ 3. Cujus rei fama, cum totam pervasisset urbem, externi, ac præsertim consanguinei, mirà hominis charitate permoti, quidquid in pauperes distributum vellent, per Stanislai manus erogabant, acceptiores Deo eleemosinas ejus meritis censentes fore.

Quare his auctus subsidiis penuriam passus est nullam, cui non statim occurreret, sollicità quærens indagine, quos sponte, nec rogatus opportunà stipe sublevaret.

§ 4. Parem in ægros, cujuscumque forent conditionis, misericordiam usurpavit : maxime verò in nostros, quos adire frequentiùs licebat. Hos variis modis adjuvare solitus erat, nunc ad infima quæque eorum gratia se abjiciendo, nunc etiam necessaria curando, quorum penuria ob tenuitatem collegii laborare poterant.

Eos subinde invisebat solabaturque, verbis confirmans humanissimis ; et quamquàm aspectu subtristi esset, atque obducto, vultum ad hilaritatem componebat, ut omnem benè sperandi ansam ægrotis daret.

§ 5. Cum ipsos primùm inviseret, singulis aureum quatuor scutorum nummum solebat clàm deferre, eumque, præmissa salutatione,

do travesseiro, dizendo ao doente que ali axaria algum dinheiro, com que pudesse comprar qualquer couza necessaria.

E proseguia n'este modo de socorrer os doentes emquanto durava a molestia, ou emquanto o exigia a debilidade das forças; querendo dos doentes o segredo do acto afim de fexar portas á vaidade.

§ 6. Era-lhe uzual, quando assistia á refeição dos doentes, dar-lhes agua para lavar as mãos, e praticar actos de caridade e outros oficios de umildade, que incumbiam ao servente do infermo.

E quando a necessidade urgia, aplicava certos remedios na falta de outros devidamente preparados.

Por isso si alguem era repentinamente acometido de qualquer dôr aguda, como muitas vezes acontece, era Estanisláo o primeiro a xegar; e si julgava precizo agua quente ou brazas para fomentar a parte ofendida, corria logo para a cozinha, onde tudo preparava convenientemente.

§ 7. Era admiravel a presteza, com que n'estas couzas procedia este omem, aliás debil e carregado de annos. Trazia sempre um saquinho xeio de caróços de milho, que tinha á mão para aplicar n'esse genero de molestias repentinas; e como estes grãos conservam por

---

pulvinari supponens, ægrotum monere paucos ibi esse, quos attulerat nummulos, quibus ad necessarium aliquid emendum uti poterat.

Atque hanc ægros adjuvandi rationem tandiu prosequebatur, quandiu vel diuturnitas morbi, vel imbecillitas virium postulabat; rem tamen ab infirmis secretam teneri voluit, ut vanitati aditum omninò præcluderet.

§ 6. Familiare illi erat, cum ægrorum aderat refectioni aquam manibus abluendis ministrare, atque alia tum charitatis, tum demissionis officia haud secus obire, quam a valetudinarii ministro fieri debuisset. Imò quotiès urgeret necessitas, quædam ipse medicamenta, quibus aliquando nihil præsentius, adhibere consuevi,

Undè siquis acuto aliquo dolore, ut passim evenit, repentè afficeretur, omnium primus aderat Stanislaus; moxque si calidam, vel prunas affecta parti fovendæ parandas judicaret, ad culinam properans omnia exequi opportunè curabat.

§ 7. Idque mirum, qua celeritate homo alioquin debilis, annorumque gravis pondere, in his peragendis uteretur. Quandoque sacculum afferebat milii granis fartum, quem ad manum semper habuiti repentinis hoc genus morbis affecturus; eoque, ut erat concepto calor,

muito tempo o calor, que recebem, com eles aquecia a parte dolorida até que se dissipasse a constipação, e dezaparecesse a dôr por ela motivada.

D'este modo tão eficazmente dedicava-se ao auxilio do proximo, que muitas vezes o viram com suas proprias mãos preparar a bebida do xocolate e outras couzas, com que podesse o doente confortar-se: com tanta e tamanha solicitude costuma operar o amor da verdadeira caridade!

§ 8. Com igual caridade tratava dos companheiros, que adoeciam, e cuidava dos sãos para que não infermassem. Era zelozo da alimentação de todos, portanto examinava os generos alimenticios, verificando si as frutas eram maduras, si as carnes eram perfeitamente sans, e si as demais couzas eram idoneas á conservação da saúde.

Quando acontecia aver negligencia do comprador ou de algum outro agente contra o que ele dezejava, afligia-se muito, e em coloquios particulares moderadamente dezafogava a sua dôr, insinuando o exemplo tirado dos rebanhos, como frequentemente sucede aos religiozos, quando não são bem alimentados.

§ 9. Quando exercia o oficio de monitor, por vezes procurava o reitor e advertia, que os companheiros deviam ser decentemente alimentados, dando-se-lhes mais pingue

---

diutius retinendo aptior, tandiu affectam fovebat partem, donec, soluta constipatione, dolorem hac ex causa ortum dissiparet.

Nec hujusmodi tantùm adhibere præsidia, sed aliquando chocolatæ potum, aut etiam alia, quibus refici ægrotus posset, suis conficere manibus visus est, tantà quidem sollicitudine quanta veræ charitatis amor operari solet.

§ 8. Qua erga socios, dum ægrotarant, charitate usus est, eadem consuevit etiam curare, nesani aliquem in morbum inciderent. Auxius erat de ipsorum victu, explorabatque, an qui ipsis apponebantur, fructus maturi essent, carnes omninò sanæ, cæteraque tuendæ valetudini satis commoda?

Siquando, emptoris, alteriusve negligentia, præter id, quod optabat, forte contingeret, ingenti afficiebatur dolore, quem in privatis colloquiis modeste relaxabat, sumpto ab armentis exemplo leviter insinuans, quid religiosis, nisi congrue alantur, passim eveniat.

§ 9. Cumque admonitoris fungeretùr officio, aliquando rectorem adiit, monuitque, ut socios, apposita pinguiori pubula, decentius aleret,

pasto, e que não permitisse, que os fraudassem na parte pricipua da alimentação.

E assim obteve do reitor o que pedia, como era justo e esperado.

CAPITULO XV

*Sua paciencia em sofrer as injurias recebidas em Paulopolis **

§ 1. Na verdade d'estes meritos rezultava, que todos os companheiros em geral dedicavam a Estanisláo amor e reverencia.

Ele porem no exercicio das suas magistraturas notára outr'ora costumes viciozos e punira culpas; por isso contrahira odios, que (pois depravada é a indole dos omens, embora religiozos) nem o lapso de tempo, nem tantas provas de benevolencia tinham extinguido completamente.

§ 2. Por esta razão já na extrema velhice ainda teve ocazião de exercer a paciencia, cujos exemplos repetidas vezes déra, como algures fica memorado.

---

neque ipsos primaria victùs parte fraudari permitteret. Atque ita cum a rectore, ut par erat, magnopere suspiceretur, id quod expetebat, obtinuit.

CAPUT XV

Ejusdem in acceptis Paulopoli injuriis patientia.

§ 1. His quidem debebatur meritis, ut Stanislaum omnes, quotquot erant, socii amore, ac reverentia prosequerentur.

At ille, cum in magistratibus olim gestis pravos notasset mores, noxasque punivisset, non nullorum odia contraxerat, quæ (ut ferè depravata sunt hominum, etiam religiosorum, ingenia) nec temporis beneficio, nec tot benevolentiæ signis omninò extinxerat.

§ 2. Quapropter exercendæ patientiæ, cujus exempla, ut memoratum est alibi, toties ediderat, non semel, etiam in extrema senectute, materiam habuit. Nescio quid olim a se decretum, cum provincialem egerat, coram sociis prisco loquendi candore narravit Stanislaus.

Aderat, qui narrationem sinistre interpretatus est, eaque se tangi existimans, venerabilem senem pungenti verbo excepit.

---

* Cidade de São-Paulo.

Relatou Estanisláo aos seos companheiros com a antiga candura de linguagem certa providencia por ele tomada, quando provincial.

Alguem, que prezente estava, interpretou mal a narração, e julgando-a aplicavel a si, surprendeo o veneravel ancião com palavras ofensivas.

A agressão do ofensor era tanto mais dura de sofrer quanto mais injusta era : Estanisláo porém tudo suportou sem proferir uma só palavra, com que aliviasse a dôr do golpe contra ele dirigido.

§ 3. Entre os confrades paulistas contava-se um sacerdote, que mantinha contra Estanisláo, desde o tempo em que este governára a provincia, entranhada aversão, e em toda a parte aproveitava ocazião de exercer o seo odio.

Por vezes atreveo-se a gabar-se de ter enganado a Estanisláo, quando outr'ora exercia o cargo de provincial, partindo da fazenda da Tijupeba, que administrava, para outro lugar afim de não receber o vizitante.

Tal era a impudencia d'este omem, que dice estas couzas em prezença do padre Manoel Dias, prepozito de toda a provincia, e do proprio Estanisláo. Este ouvio agora o parvo falador com a mesma tolerancia, com que outr'ora suportara a desconsideração do subalterno.

O provincial porém, conhecendo não dever deixar impune o reo,que gloriava-se do antigo crime,incontinente determinou impor a devida pena ao maleficio; todavia por instancias de Estanisláo foi obrigado a remitir o castigo.

Pungentis acumen eò durius ferendo erat, quò injustius: illud tamen sustinuit Stanislaus, ne una quidem prolata voce, qua inflicti sibi vulneris dolorem levaret.

§ 3. In paulopolitanis sociis quidam numerebatur sacerdos, qui pravam in Stanislaum, ex quo is provinciam rexerat, animo fovebat simultatem, ejusque exercendæ occasionem ubique captabat.

Ausus est aliquando se palam jactare, quòd Stanislao munus provincialis agenti quondam illusisset e Tijupebensi, quod administrabat, prædio alium divertens in locum, ne illum venientem exciperet.

Tanta erat hominis impudentia, ut hæc diceret coram P. Emmanuele Dias provinciæ universæ præposito, eodemque Stanislao. Hic eadem tolerantia, qua se olim contemni sustinuerat, nunc etiam garrientem audivit.

At verò provincialis, religioni discens reum impunitum relinquere de antiquo crimine gloriantem, debitam sceleri pœnam statim decrevit: eam tamem remittere Stanislai precibus coactus est.

§ 4. Com esta moderação de animo, Estanisláo conseguio grande louvor de todas as pessoas sabedoras do facto; pois é argumento de insigne paciencia sofrer a mesma injuria duas vezes, e outras tantas subtrahir ao castigo o autor da ofensa.

§ 5. O facto porém, que então aconteceo, tornou muito maior a boa fama de Estanisláo.

Porquanto não contente de tolerar o companheiro, que notoriamente o desconceituava, cercou-o de muitos oficios de benevolencia, e prestando-lhe oportuno socorro em certa ocazião de perigo, retribuio antigas injurias com beneficios.

CAPITULO XVI

Outras suas virtudes

§ 1. Tão benignamente procedia para com os outros, quão rigorozo era para comsigo. Recuzava toda a indulgencia, que lhe era devida já por cauza da idade e já em razão da debilidade da saude.

Era tão rigido observador do jejum, que não tomava outra refeição além d'aquela com que mui parcamente

---

§ 4. Hac patientis animi moderatione apud omnes rei conscios magnam sibi laudem peperit Stanislaus; cùm insignis patientiæ argumentum sit injuriam bis eamdem perferre, totidemque illius auctorem pænæ subducere.

§ 5. At verò id, quod sub idem evènit tempus, opinionem de Stanislao conceptam longe reddit auctiorem.

Nam hujusmodi socium, quem sui contemptorem noverat, haud tolerasse contentus, eumdem plurimis benevolentiæ officiis amplexus est, ipsique opem, cum in quodam versaretur discrimine, opportunè ferens, acceptas olim injurias non uno beneficio rependit.

CAPUT XVI

Aliæ ipsius virtutes

§ 1. Quam benigne cum aliis, tam rigidè secum ipso agere consuevit. Omnem aversatus est indulgentiam, quam sibi concedere, cum ætatis, tum infirmæ valetudinis causa, potuisset. Hinc erat observandi jejunii adeò tenax, ut esurialibus feriis, quamqàm octogenario, major unica comestione reficeretur, eaque, ut in more habuit, satis parca.

costumava alimentar-se, como em dias de abstinencia, não obstante ser octogenario.

Embora aumentasse a fraqueza das forças com a mortificação do jejum, todavia jamais convenceo-se de que devia abster-se da penitencia, sinão obrigado pelo preceito da obediencia.

Na verdade progredindo cada vez mais a debilidade das forças, em que cahira, ordenou-lhe o reitor e prevenio, que dahi por diante não se sugeitasse o ancião a tamanha maceração.

Estanisláo aquieceo á ordem do reitor por tal fórma, que nenhum cuidado maior tinha de submeter alma e corpo ao arbitrio dos prelados.

§ 2. Uzava de vestuario modesto, e alfaias pobres; evitando totalmente couzas inuteis para não ofender nem de leve a pobreza, que muito amava.

Recuzava os donativos quanto podia; si porem os aceitava, tratava logo de dar-lhes destino. Nunca quiz conservar em seo poder as somas de dinheiro, que os seos parentes lhe mandavam para gastar a seo arbitrio, até que foi a isso coagido por ordem dos seos superiores para que não se dirigisse a eles todas as vezes que aparecia ocazião de socorrer algum pobre.

Com isto na verdade Estanisláo deo tanto á obediencia e caridade, quanto parece negar á pobreza religioza.

Etsi verò jejunii molestia virium augeretur infirmitas, nunquam tamen, ut ab eo desisteret adduci potuit, nisi obedientia constrictus. Siquidem illi, animadversa, qua laborabat in dies, virium tenuitate, præcepit rector, cavitque, ne hujusmodi macerationi deinceps vacaret.

Cui rectoris imperio acquievit Stanislaus, utpote nihil habebat antiquius, quàm moderatorum arbitrio mentem, corpusque suum omninò subjicere.

§ 2. Tristis utebatur vestibus, paupereque supellectile; aditum rebus vel minime superfluis omninò interdicens, ne paupertatem, quam impense colebat, levi etiam offensa violaret.

Dona, quoad fieri posset, recusabat omnia: admissa verò quam primùm a se removeri curabat. Pecuniæ summas, quæ à consanguineis mittebantur ipsius arbitrio dispensandæ, apud se retinere nunquam est ausus, donec ad id coactus fuit superiorum jussu, ne illos toties adiret, quoties alicujus pauperis sublevandi daretur occasio.

In quo sane tantum obedientiæ, charitatique detulit Stanislaus, quantum religiosæ paupertati videbatur detrahere.

§ 3. Com a mesma solicitude, com que sempre fugira ao aplauzo dos omens, agora ja na velhice procurou evital-os. Por esta razão procedia circunspectamente para não ser por eles enganado por imprudencia sua, ou para não ter oportunidade de desprezal-os.

Indo Estanisláo da cidade de São-Paulo á vila de Itú, propoz-lhe o vigario d'este lugar, vãrão aliás douto, certo ponto de doutrina moral.

Sabiamente respondeo Estanisláo; como porém outro companheiro, com quem viera, reprovasse a resposta dada, calou-se o respondente, embora podesse perfeitamente sustentar a opinião, que emitira.

§ 4. Realmente perito n'esta faculdade, como em outras, sabia tão acertadamente discernir qual fosse a opinião verdadeira, qual a opinião falsa, e qual a provavel,que consta ter escrito sobre esta materia um livro, que por lamentavel acazo dezaparecera.

§ 5. Todavia o vigario de Itú, assim como depois louvava a doutrina, assim tambem admirava o umilde silencio, com que Estanisláo procurou ocultal-a, em vista da impugnação do companheiro.

Para explicar o cazo em prezença de outrem aduzio certa similhança digna de aplauzo, e logo acrecentou: Os

---

§ 3. Eadem sollicitudine, qua hominum plausus ubique fugerat, eos jam senex declinare studuit. Quare circumspecte agebat, ne ab iis circumveniretur imprudens, aut illos contemnendi opportunitatem aliquam intercidere pateretur.

Stanislao, cum a Divi Pauli urbe ad ituense divertisset oppidum, nescio quid ad morum doctrinam spectans loci parochus, vir alioquin doctus, proposuerat. Scite respondit Stanislaus; verùm alio, quocum venerat, socio datam responsionem improbante, siluit omninò, etsi, quam tenuerat sententiam, utpote solidiorem haud ægre confirmare posset.

§ 4. Siquidem illius facultatis, uti et cæterarum, peritus, quæ vera quæ falsa, quæ probabilis esset opinio, ita discernere noverat, ut librum etiam, qui casu nescio quo periit, hac de re scripsisse, constet.

§ 5. Attamen ituensis parochus, ut ejus doctrinam postea laudabat, sic humile mirabatur silentium, quo eam occultare, socio impugnante, contenderat. Rei coram alio explicandæ cùm similitudinem adduxisset plausu dignam, statim subjunxit: *mei utique similes, rudes nimirum ac rustici homines, ea aliquando afferre solent exempla, quæ rem apte explicent, nec incongrue declarent.*

individuos similhantes a mim, especialmente os omens rudes e rusticos, costumam aprezentar exemplos, com que expliquem bem a couza e a exprimam com exatidão.

Assim pois costumava ele, conforme pedia o cazo, ora uzar de frazes exemplificativas, ora recorrer ao silencio, para que a todos inspirasse a idéa umilde e deprimente, que de si formava.

§ 6. E com este juizo de si e das suas couzas abrio a si proprio facil caminho para, por meio da oração assidua fervorozamente tratar com Deos, que olha para as couzas umildes. Com efeito entregou-se ao exercicio continuo da prece e da meditação.

O amor da prece se nos patenteou no costume, que tinha de sair da sua céla recitando salmos e outras orações,quando passeiava; o da meditação porém revelou-nos depois o padre Manoel de Oliveira,que fora seo confessor.

Por testimunho d'este consta, que Estanisláo, quando esteve no colegio de São-Paulo, além da óra imposta por preceito da companhia, empregava muitas outras na contemplação quotidiana das couzas divinas.

§ 7. Daqui certamente procede, que jamais se conheceo transgressão das nossas leis por ele praticada, nem jámais ouvio-se por isso censura alguma contra ele articulada; antes porém todos o mencionavam com onra e louvores, quando de similhante assunto se tratava.

Sic equidem, prout res postularet, nunc ad hujusmodi verba, nunc ad silentium confugere solitus erat, ut omnibus, quam conceperat ipse, vilem abjectamque sui opinionem inspiraret.

§ 6. Atque hoc sui, rerumque suarum judicio facilem sibi aditum aperuit, ut cum Deo, qui humilia respicit, per orationem assidue ac studiose ageret. Equidem precandi, contemplandique studio deditus fuit, quamqui maxime.

Precandi studium ipsa nobis prodidit consuetudo, qua e cubiculo etiam egressus psalmos, aliasque preces inter deambulandum recitabat: contemplandi verò postea revelavit, qui ei fuerat a confessionibus, P. Emmanuel Oliveira.

Hujus enim testimonio constat Stanislaum, cum in collegio paulopolitano degeret, præter horam, quam suis alumnis præscribit societas, quotidianæ divinarum rerum commentationi multas insuper alias tribuisse.

§ 7. Atque hinc sane ortum,quòd in illo deprehensa sit legum nostrarum transgressio nulla audita nullius detractio, sed obsequiosa de omnibus mentio, ac laudis plena, quoties sermonis instituendi locus daretur.

§ 8. Praticando estas e outras obras de virtude, de cuja noticia fomos privados pela calamidade dos tempos e principalmente por sua umildade, passava vida xeia de meritos, quando em avançada idade cahio em molestia, leve no juizo de todos, não letal no conceito do infermo, mas que deveria ser a derradeira.

CAPITULO XVII

Morte de Estanisláo

§ 1. A egregia santidade d'este varão o levara a antever a morte ; pois faltando-lhe as forças todos os dias a tinha sempre diante dos olhos, e como anhelava migrar para a patria celeste, a esperava a cada momento.

Era assaltado por frequentes molestias ; e a ultima infermidade lhe sobreveio sem cauza, por onde se podesse suspeitar perigo.

§ 2. Criam-se no Brazil uns insectos mui similhantes ás pulgas e de grandeza pouco menor.

Estes insectos perfuram a cutis umana, especialmente nos pés, alojam-se sob a epiderme, e dentro de breve tempo crecem quazi do tamanho de um grão de mostarda, tendo a côr negra, que depois transmuda em branco.

---

§ 8. His aliisque virtutum operibus, quæ temporis calamitas, ac potissimùm ejus humilitas nobis præripuit, vitam agebat meritis plenam, cùm cælo maturus in morbum delapsus est, omnium judicio levem, ipsi tamen non lethalem modò, sed etiam extremum.

CAPUT XVII

Stanislai obitus

§ 1. Egregia hominis sanctitas fecerat, ut illi mors, quacumque accideret ratione, nunquam esset non prævisa, cum, deficientibus in dies viribus, eam præ oculis ubique ferret, atque, ut erat migrandi in patriam cupidus, etiam in horas expectaret.

Etsi verò assiduis tentaretur morbis, postremum ea contraxit ex causa, unde vix aliquid periculi timeri posset.

§ 2. Quædam in Brasilia gignuntur insecta, pulicibus valdè similia, magnitudine tamen non nihil minora.

Hæc, humana cute ac pedum maximè terebrata, inter cutem sibi locum efficiunt, brevique ad molem excrescunt sinapis grano ferè, æqualem nigro colore, quem antea habuerant, in album mutato.

E' quazi nenhuma a dor da perfuração da cutis; o purido da péle porém é assás incomodo.

Os insectos ou tenham já crecido desformemente, ou tenham recentemente entrado, tiram-se com facilidade. O buraco, que fica na péle, fexa-se sem demora independente de remedio algum; as pessoas mais acauteladas porém costumam entupil-o com pó de tabaco.

Todavia tendo Estanisláo extrahido um d'esses insectos, rezultou dahi uma erizipela, em consequencia da qual transmitio-se o mal aos intestinos por força do retrocesso dos umores, conforme dizem; e depois seguio-se a gangrena, que trouxe-lhe a morte, suavissima, como adiante diremos.

§ 3. Morrendo Estanisláo, deo notavel exemplo de todas as virtudes e principalmente da paciencia.

Era atormentado por acerbissimas dôres: mas ninguem ouvia queixa de palavras, nem gemido, nem increpação aos famulos, cuja negligencia (pois em tamanha falta de irmãos ajudantes o serviam famulos rudes e grosseiros) aumentava os incomodos da molestia; porquanto ou preparavam as couzas necessarias tardiamente, ou as davam fóra de tempo.

O seo rosto com grata serenidade recebeo o alado mensageiro da propinqua morte, afirmando que preparado de boamente submetia-se e entregava-se em todas as couzas á vontade divina.

Dolor terebratæ cutis ferè nullus, at pruritus quidam utcumque molestus. Jam vero insecta, vel injustam molem excreverint, vel sint recenter ingressa, facili eruuntur negotio. Relictum in cute foramen brevi obducitur, nullo adhibito medicamento; etsi cautiores illud nicosiaco pulvere obturare soleant.

Attamen ex hujusmodi vulnere erysipelatis morbum contraxit Stanislaus, quod facto, ut vocant, retrocessu humoris malignitatem ad intestina transmisit, ortaque exinde gangræna mortem illi attulit, ut postea dicemus, suavissimam.

§ 3. Præclara tamen, cum decumberet, virtutum omnium exempla, ac patientiæ præsertim edidit Stanisiaus.

Acerbissimis quidem torquebatur doloribus; sed nulla in ore querimonia, aut gemitus, nulla ministrantium incusatio, quorum negligentia (nam in magna adjuctorum fratrum paucitate famuli ministrabant planè rudes) ægritudinis molestiam augebat, dum necessaria aut minùs opportunè pararent, aut submitterent importunè.

Allatum imminentis mortis nuncium grata vultus serenitate accepit, paratum se affirmans divinæ in omnibus voluntati libenter subjici, atque committi.

§ 4. Recebidos depois os sacramentos, quando xegou ao derradeiro momento, deo sinaes de grande alegria, juntou as mãos batendo palmas, e as conservou erguidas para o céo bem como os olhos, até que, dentro do espaço exáto de meia hora, expirou placidamente, deixando n'esta alegria final claro argumento da sua salvação eterna.

E realmente foi admiravel e novo, que sem o minimo tremor levantasse agora as mãos, as quaes, desde alguns annos antes da sua morte, tremiam sensivelmente.

§ 5. Portanto com razão persuadiram-se todas as pessoas prezentes, que Etanisláo prelibava a eterna beatitude, e que isto demonstrava-se com permissão do supremo nume já n'esse aplauzo das mãos, e já na insolita alegria do rosto.

Creceo depois a suspeita, que o rumor espalhado entre os confrades excitava, de ter Estanisláo previsto o termo da sua vida por inspiração divina, pois, quando procurava o padre Manoel de Oliveira, que era o seo confessor, durante a noite fóra da óra destinada á purificação da sua consciencia, para declarar-lhe os seos pecados, como costumava, ouvira inuzitado son funereo, por onde certificou-se não estar longe o dia, em que os sinos soariam por seo falecimento.

---

§ 4. Susceptis deinde sacramentis, cum ad extrema devenisset, ingentis lætitiæ signa edere, facto palmis strepitu manus jungere, easque simul cum oculis in cælum elatas sustinere, quoad exacto mediæ horæ spatio animam efflavit placidissimè, non obscurum æternæ suæ salutis argumentum relinquens eà moriendi lætitià.

Et sane mirum, ac novum fuit, quod nullo tremoris vestigio manus extolleret, quæ ab aliquot ante mortem annis tremore vehementi laboraverant.

§ 5. Unde singulis, qui aderant, non immerito persuasum est, aliquid æternæ beatitudinis prægustasse Stanislaum, idque supremi numinis dispensatione tum eo manuum plasu, tum insolita oris lætitià demonstrasse.

Aucta deinde suspicio, quam movit perlatus ad nostros rumor, Stanislaum vitæ suæ terminum divinitus præcognovisse; nam, cum P. Emmanuelem Oliveira, qui erat illi à confessionibus, post horam excutiendæ noctu conscientiæ destinatam adiret, ut noxas de more aperiret suas, ignotum audierat æris campani sonum, ex quo certè præsensit non procul abesse diem, quo campana æra pro se vita defuncto pulsarentur.

§ 6. Ao rumor deo forças o seguinte facto. Sendo o referido confessor interrogado por um dos nossos confrades dezejozo de conhecer a verdade, si por ventura era verdadeiro o boato, respondeo o padre, que não convinha indagar por mera curiozidade de couzas, que pouco sabidas deviam ser. Com esta resposta deo claro indicio do cazo ignorado.

O mesmo Estanisláo, no momento de morrer, proferio algumas palavras, por onde se pôde conjeturar sem temeridade, que lhe fora antecipada, por graça de Deos, a noticia da sua morte.

§ 7. Faleceo a 12 de Julho do anno de 1734, uma ora antes de meia noite da vespera da festa do Espirito Santo. Na mesma noite foi sepultado, para que o corpo corrompido pela malignidade dos umores não infeccionasse a caza.

Divulgada a sua morte, afluio ao convento grande concurso de pessoas, de sorte que as damas e os omens mais nobres da cidade ocupavam não só o templo do colegio, mas tambem as demais repartições do edificio; e todos, como costuma suceder nas calamidades publicas, manifestavão sinaes de dor e tristeza.

§ 8. Apenas alguem averia, a quem Estanisláo não tivesse ajudado com obras ou conselhos, por isso era pranteado como pae de toda a cidade.

Ainda por muitos annos perdurou no animo de todos a saudade por este varão, porém principalmente

---

§ 6. Rumori viris addidit. Confessarius is enim, cum ab uno ex nostris explorandæ veritatis cupido rogaretur, an vere id, quod ferebatur, accidisset? respondit: neu curaret ea curiose inquirere, quæ parum sciri referebat. Quo respondendi modo clarum rei latentis indicium fecit.

Ipse deinde Stanislaus, cum postremò decumberet, nonulla protulit verba, ex quibus haud temere conjici potuit mortis illum suæ notitia Dei beneficio præventum.

§ 7. Obiit duodecima Junii, anno millesimo septingentesimo trigesimo quarto, una ante mediam noctem hora pridie Divini Spiritus celebritatem. Eàdem nocte sepultus est, ne corruptum humoris malignitate corpus domum inficeret.

Vulgata ejus morte, ingens populi concursus domum est factus; adeo ut collegii templum nobiliores civitatis fæminæ viri ædes etiam reliquas occuparent: omnes, ut in publica calamitate solet, dolore ac mæstitia pleni.

§ 8. Vix erat ullus, quem Stanislaus operà non adjuvisset, aut consilio; proindeque, ut communis universæ civitatis parens, lugebatur.

quando a piedade persuadia a depor os encargos da consciencia, ou o preceito a isso obrigava.

Os pobres recordavam-se d'ele ainda com mais profunda magua, pois viam-se privados do principal alivio e do mais eficaz remedio das suas necessidades.

§ 9. Na verdade a provincia do Brazil perdeo um excelente patrono, os colegios um insigne bemfeitor, os confrades um modelo de virtudes, os forasteiros um refugio e um consolador, os doentes pobres o seo auxilio; pois Estanisláo, emquanto viveo, a todos eles ajudou e favoreceo.

CAPITULO XVIII

Opinião acerca da sua santidade

§ 1. Si outros argumentos faltassem para comprovar a santidade d'este varão, bastaria o que se deduz da opinião geral, que o considera bom e probo.

A ninguem, que conheceo Estanisláo, ouvi falar d'este omem, que o não mencionasse com louvor e saudades.

Idem multis deinde annis hominis desiderium fuit apud omnes, præsertim verò quoties ad deponenda conscientiæ oneravel suaderet pietas, vel urgeret præceptum.

Dolentiùs ejusdem recordabantur inopes, cum ereptum sibi viderent præcipuum inopiæ suæ levamen, atque remedium.

§ 9. Et quidem brasiliensis provincia optimum parentem, collegia insignem benefactorem, socii virtutum exemplar, peregrini refugium, consolatorem, ægri subsidium pauperes, amisère; siquidem his omnibus, quoad vixit, adfuit, ac favit Stanislaus.

CAPUT XVIII

De ipsius sanctitate opinio concepta

§ 1. Id unum, si alia deessent, probandæ hominis sanctimoniæ argumentum sufficeret, quod omnium fere sententia bonus, probusque fuerit existimatus. Neminem, qui Stanislaum noverit, de ipso loquentem audivi, quin ejus mentionem cum laude haberet, ac desiderio.

§ 2. O padre Jozé de Viveiros, que foi reitor do collegio de São-Paulo, era familiar d'esse venerando frade, e quando em minha prezença recordava os seos actos, jámais o fazia sem verter afectuozas lagrimas.

§ 3. O que d'ele pensava o padre italiano João Antonio Andrioni, varão insigne por sua piedade e por seos cargos, assás já o exprimio, quando, como acima referimos, o comparou com um engenho de assucar.

Depois escrevendo ao padre Miguel Angelo Tamburini, prepozito geral da ordem, não deixou de repetir a mesma couza, inculcando-o como varão digno, por sua grande fé e por sua probidade, não só de governar qualquer provincia, como de ser consultado com proveito, quando se precizasse de ajustado parecer sobre a administração.

§ 4. Da igual opinião foi Alexandre de Gusmão, grande onra e ornamento da nossa sociedade no Brazil.

Este foi mestre no tirocinio de Estanisláo, e depois cultivou intimamente a sua amizade; e tendo-o em grande apreço, costumava congratular-se por ter tão felizmente implantado n'este aluno os primeiros germens da virtude.

§ 5. Ainda mais onorificamente pareceo pensar o padre Domingos Gomes, sacerdote insigne pelo desprezo de si e do mundo.

Porquanto já proximo da morte, sendo interrogado acerca de Estanisláo, recordou alguns factos, e

---

§ 2. P. Josephus Viveiros, qui collegii Paulopolitani rector viri consuetudine usus fuerat, nunquam ejus meminisse sine lacrymis potuit, dum ipsius gesta, me audiente, commemoraret.

§ 3. Quid de Stanislào senserit P. Joannes Antonius Andrioni Italus, vir non minus pietate quam magistratıbus insignis, jam tum satis expressit, cum, ut supra tradidimus, eum arcæ sacchareæ comparavit.

Idem postea P. Michaeli Angelo Tamburino generali societatis præposito scribens, ab eo inculcando non destitit, quasi fide tanta digno, ejusque probitatis homine, ut illum non modo provinciæ universæ præficere, verúm etiam tuto consulere posset, quoties id recta gubernandi ratio postularet.

§ 4. Sententiæ ejusdem fuit P. Alexander Gusmanus, ingens Brasiliæ societatis decus ac ornamentum. Hic, Stanislai in tyrocinio magister, ejus deinceps amicitiam intime coluit; atque id ipsum magni habens, subinde gratulari sibi consueverat, quod eo in alumno prima virtutis documenta adèo feciliter collocasset.

§ 5. Altiùs de Stanislao sentire visus est P. Dominicus Gomes, sui ac mundi contemptu insignis. Nam Romæ morti jam proximus, cum aliqua de Stanislao interrogatus memorasset, hæc ultimo non sine

por fim acrecentou com lagrimas nos olhos :— Finalmente foi varão de consumada perfeição, e distinto em todo o genero de virtudes ; e posto que muitas couzas podesse eu dizer, jámais explicaria cabalmente quem foi esse omem e qual o seo valor.

§ 6. Igual foi o juizo dos extranhos a respeito de Estanisláo. Por esta razão emquanto viveo, as pessoas ecleziasticas e seculares constantemente o consultavam; estas para que mais retamente formassem os seos costumes; aquelas para que mais segura e expeditamente procedessem na direção dos outros.

Todos pensavam a respeito das virtudes e da doutrina d'este omem tão vantajozamente, que recebiam e acatavam as suas respostas como outros tantos oraculos da verdade.

Daqui procedeo, que, sabida a morte de Estanisláo, muitas pessoas de familias devotas, concorreram para a nossa caza, afim de prestarem ao finado o derradeiro obzequio pessoal tão merecidamente devido, e testificarem com esta especie de culto a sua opinião acerca da santidade d'este virtuozo sacerdote.

§ 7. Não de modo contrario pensava sobre a sua probidade o bispo fluminense Antonio de Guadelupe, varão notavel pela doutrina e pela devoção.

Percorrendo este a dioceze, que então abrangia o

---

lacrymis verba subjunxit : *Demum vir profectò extitit consummatæ perfectionis, omnium virtutum genere clarus. etsi vero plurima velim dicere, nunquam tamen, qualis ipse fuerit, ac quantus, informare possem.*

§ 6. Par fuit externorum de Stanislao judicium. Qua de causa eum passim, dùm viveret, sacri profanique homines consulebant: hi ut mores suos rite formarent : illi ut in aliis dirigendis tutiùs procederent, ac expeditiùs.

Utrique verò de hominis tum virtutibus, tum etiam doctrina adeò magnifice sentiebant, ut ejus responsa, quasi totidem veritatis oracula, exciperent, colerentque.

Hinc fuit, quòd multi etiam ex religiosis familiis homines, audita Stanislai morte, domum nostram confluxere, ut viro de ipsis optime merito supremum præstarent obsequium, suamque de illius sanctitate opinionem ea cultùs specie testarentur.

§ 7. Haut secus de hominis probitate sensit fluminensis episcopus Antonius de Guadalupa, vir doctrina æque, ac sanctimonia clarus.

distrito de São-Paulo, foi recebido em nosso ospicio, e tal opinião formava de Estanisláo, que diariamente ouvia o santo sacrificio da missa por ele celebrado.

§ 8. Costumava Estanisláo, como já dicemos, celebrar missa pela madrugada ; mas o prelado nem pela intempestividade da óra, nem pelo perigo da saúde dezistio do seo propozito.

Pois antes quiz sofrer o incomodo do que não assistir ao sacrificio celebrado por sacerdote tão digno em seo juizo, ou interromper o pio costume do oficiante por comodidade sua. Tanto apreço tinha no animo do prelado a santidade do benemerito varão !

§ 9. Rodrigo Cezar de Menezes, irmão do vice-rei do Brazil, e governador da provincia de São-Paulo, recebeo a Estanisláo, quando foi para ali, com tanta veneração, que festejou a sua xegada com fogos artificiaes.

Dali por diante nada fez no que respeitava á cauza publica sem consultar a Estanisláo, e para o consultar, dirigia-se frequentemente ao nosso convento. E ainda em alta noite, si o cazo não permitia demora, procurava Estanisláo, afim de não rezolver materia alguma sem conselho d'este religiozo.

Diariamente mandava-lhe xocolate preparado para o

Is, cum Fluminensem, quæ tunc temporis orbem D. Pauli complectabatur, diœcesim lustraret, hospitio a nostris exceptus tantam de Stanislao concepit opinionem, ut peractum ab eo sacrum quotidie audiret.

§ 8. Erat Stanislao, ut dictum est alibi, sub auroram sacrificandi consuetudo : al præsulem neque intempestivitas horæ, neque valetudinis periculum a proposito unquam deterresit.

Maluit quidem ipse hoc, quidquid erat, incommodi tolerare, quam optimi suo judicio sacerdotis aut sacrificio non interesse, aut piam consuetudinem, sui commodi gratia, interpellare. Usque adèo tanti præsulis animum occupaverat hominis sanctitas !

§ 9. Rodericus Cæsar Menezes, Brasiliæ proregis frater, idemque provinciæ D. Pauli gubernator, èo venientem Stanislaum tanta excepit veneratione, ut festis etiam ignibus ejus adventum celebraverit.

Nihil deinde, quod publicam rem spectaret, inconsulto Stanislao egit, illiusque consulendi causa domum ipse nostram frequenter adibat. Adeò ut etiam intempesta nocte, si res nullam pateretur moram, ad Stanislaum properaret, nequid absque ipsius consilio statueret.

almoço, como si quizesse com este tributo quotidiano significar a sua veneração para com o respeitavel sacerdote.

§ 10. A preclara fama de Estanisláo xegou até o serenissimo rei de Portugal João, quinto d'este nome.

Por isso sendo aprezentadas certas arguições contra a probidade de Rodrigo Cezar, governador de São-Paulo, mandou o rei abrir inquerito para averiguar a verdade da acuzação, e ordenou, que Estanisláo désse parecer escrito sobre o procedimento do governador.

Estanisláo escrevendo acerca do merecimento e probidade do mesmo governador, o izentou inteiramente da calunia. Isto dezagradou aos inimigos de Rodrigo Cezar, os quaes pretenderam por via de cartas deprimir o conceito de Estanisláo.

O rei porem respondeo, que estava certo da inocencia do governador, fundada no testimunho de um omem, a cuja fidelidade ninguem excedia no territorio da capitania de São-Paulo.

§ 11. Era esta a opinião formada a respeito de Estanisláo na patria e fóra d'ela. Todavia apraz-nos confirmal-a com o testimunho do padre Manoel de Oliveira, o qual merece tantó maior fé quanto mais perfeitamente conhecera os intimos pensamentos de Estanisláo em razão do exercicio do confissionario.

Panem illi quotidie mittebat paratæ in jentaculum chocolatæ miscendum, quasi suam erga eum observantiam quotidiano id genus tributo profiteri vellet.

§ 10. Egregia vel ad serenissimum Lusitaniæ regem,Joannem hujus nominis quintum, pervaserat Stanislai fama.

Unde, cum adversus Roderici Paulopolitani præfecti integritatem quædam fuissent ad se delata, plenam de rei veritate inquisitionem facturus, Stanislao mandavit, ut suam de Roderico sententiam per literas aperiret.

Stanislaus juxta præfecti merita, ac probitatem scribens, eumdem omninò liberavit a calumnia. Displicuit ea res Roderici hostibus, qui proinde Stanislai in scribendo fidem elevare conati sunt.

Rex tamen certum se esse respondit de Roderici innocentia, quippe viri testimonio asserta, quo neminem esse in præfectura D. Pauli fideliorem plane sibi constabat.

§ 11. Hæc de Stanislao domi,forisque opinio concepta. Juvat tamen eamdem confirmare P. Emmanuelis Oliveiræ testimonio, qui eò majorem promeretur fidem, quò intima Stanislai consilia ex confessionarii munere perfectiùs noverat.

Acontece, que tanta fôra a santidade da sua vida comprovada por numerozos prodigios, que não preciza o escritor empregar lizonja nem embustes.

Este escritor consagrava a Estanisláo tamanha veneração, que, por conhecer a santidade de tal varão, não duvidava consideral-o entre os bemaventurados.

§ 12. Por esta razão não costumava suplicar em favor d'ele, porem rogava a Deos por intercessão dos seos merecimentos.

O relicario, que outr'ora fôra de Estanisláo, o padre Manoel de Oliveira trazia pendente ao pescoço, porque, como ele dizia, tinha subida estimação por ser-lhe dado pelo santo confrade.

Ao reitor, que com palavras piedozas exortava Estanisláo nas ancias extremas da morte para que se consolasse, respondeo com firmeza, que não necessitava de conforto algum mundano, e so dezejava ouvil-o dizer couzas, que servissem de consolação e de ensino aos companheiros prezentes.

Divulgadas estas couzas em conversação, escreveo o confessor em mais copiozo estilo o elogio, que agora traduzimos em latim com toda a fidelidade.

Accedit, quòd tanta fuerit vitæ sanctimonia, totque etiam prodigiis comprobata, ut neque adulationi, neque deceptioni videatur abnoxius.

Hic Stanislaum tanta prosequebatur veneratione, ut mature-perpensa, quám probe noverat, hominis sanctitate eum beatis adscribere neutiquàm dubitaret.

§ 12. Quamobrem non pro eo preces fundere, sed per ipsius merita Deum precari consuevit. Reliquiarum thecam, quæ olim Stanislai, fuerat, gestabat e collo pendulam sibi propterea, ut aiebat, æstimabihorem, quòd ab illo donata.

Hortanti rectori, ut in extremis agentem Stanislaum piis solaretur verbis, securus respondit nullius egere illum humani solatii, contra cupere se maxime aliquid ab eodem audire, quod adstantibus sociis consolationi esset, atque doctrinæ.

His obiter, atque inter loquendum jactatis addidit elogium stilo fusiori conscriptum, quod hic latine reddimns summa fide.

CAPITULO XIX

Elogio de Estanisláo escrito pelo padre Manoel de Oliveira

§ 1. O padre Estanisláo de Campos naceo em Paulopolis, e morreo no colegio d'esta cidade a 12 de Junho do anno de 1734, uma óra antes de meia noite da vespera da festividade do Espirito Santo, tendo de idade 86 annos.

§ 2. Profesára os quatro votos; governou toda a provincia, e administrou alguns colegios da provincia, e entre eles o mais importante.

Este bom padre era consumado em todas as virtudes, que convem ao omen religiozo, e por isso foi bem reputado em toda a provincia.

§ 3. Quando exercia os cargos ecleziasticos grangeava o amor e respeito dos súditos; sendo para com todos afavel, pacifico e mansueto; na execução porém das couzas interessantes á diciplina era severo e inabalavel.

§ 4. Tão mizericordiozo era, que não sofria o minimo desfalecimento nos direitos da justiça, juntando uma e outra virtude, isto é, a justiça e a mizericordia,

---

CAPUT XIX

Stanislai elogium a P. Emmanuele Oliveira conscriptum

§ 1. P. Stanislaus de Campos, Paulopoli natus, obiit in ejusdem urbis collegio 12 Junii, anno 1751, una ante mediam noctem hora, pridie Divini Spiritus celebritatem, annum agens sextum et octogesimum.

§ 2. Quatuor votorum professionem emiserat: provinciæ præfuit universæ: aliquod ejusdem collegia, etiam maximùm, administravit.

Erat bonus hic pater in omni, quæ religiosum hominem decet, consummatus virtute, ac pro eo habitus totà provincià.

§ 3 Cum magistratus ageret, pari subditis amore, ac veneratione acceptus, mitis erga omnes, pacificus, ac mansuetus: in iis tamen exequendis, quæ promovendæ disciplinæ opus erant, rectissimus, et imperterritus.

§ 4. Ita misericors, ut justitiæ imminui jura minimè patiretur, utramque virtutem, misericordiam scilicet ac justitiam, tanta conjungens dexteritate, ut ipsi haud incongrue aptari posset illud Psalmi 81: *Justitia et pax osculatæ sunt.*

com tanta pericia, que com verdadeiro acerto lhe poderiamos aplicar o testo do salmo 84:— *Justitia et pax osculatæ sunt.* (Oscularam-se a paz e a justiça).

Isto tambem póde deduzir-se do que dice ao confessor trez dias antes da sua morte. Perguntára este, si lhe restava algum escrupulo relativo aos actos, que praticára para conter os seos subalternos.

Ao que ele respondeo com grande tranquilidade de animo e firmeza, que sempre obrava o que perante Deos julgava direito e justo, e nunca dera entrada ao odio ou ira contra o proximo.

Isto coligia-se do modo de falar, de que por toda a parte se uzava; e na verdade nunca a sua fama foi prejudicada ou contestada em conversações e palestras.

§ 7. Foi eximio na caridade, tanto para com Deos, em cuja meditação todos os dias consumia largas óras, como para com o proximo, por cuja cauza no tempo do jubilêo, nos dias de maior concurso de freguezes e durante a quaresma conservava-se no tribunal da penitencia por cinco óras pelo menos.

Isto ele praticou por mezes e dias consecutivos não so no verdor da idade, mas tambem nos ultimos annos da

---

Idque etiam ostendi ex eo potest, quod ipse confessario dixit tertio ante obitum die. Rogaret iste, an ex iis, quæ incontinendis in officio subditis egerat, aut omiserat, scrupulus ipsi superesset aliquis?

Cui ille magna cum animi quiete, ac securitate respondit, egisse se semper, quod rectum coram Deo, justumque judicaverat, nullique in proximum odio aut indignationi dedisse aditum.

Id quod vel ex ea collegi poterat, quam usurpavit ubique, loquendi ratione; siquidem ejus sermone nullius unquam fama aut læsa est, aut in discrimen adducta.

§ 5. Charitate fuit eximia, tum erga Deum, quocum plures quotidie morabatur horas, tum etiam erga proximos, quorum causa, tempore jubilæi, concursus frequentioris, et quadragesimæ, quinque ad minimum horas in pænitentiæ tribunali perseverabat.

Id quod non viridi solum ætate, sed ultimis etiam vitæ annis, mensibus, diebusque prosecutus est: adeò ut reliquis confessariis rubori esset, adminirationi, atque exemplo.

§ 6. Igitur non immeritò lugent cives, multisque post annis lugebunt tantum pænitentiæ ministrum, qui ut animabus remedio aderat præsentissimo, sic etiam corporibus opem ferebat opportunam; Divinà ad id concurrente Providentià, dum Stanislai consaguineos, aliosque hujus regionis ditissimos passim moveret ad faciendos eleemosynarum sumptus.

vida, de maneira que assim servia de admiração e de exemplo aos demais confessores.

§ 6. Com razão pois o xoram os cidadãos, e por muito tempo ainda prantearão tão grande ministro da penitencia, o qual assim como levava pronto remedio ás almas, assim tambem prestava oportuno socorro ao corpo; concorrendo para isso a divina Providencia, quando movia os parentes de Estanisláo e outars pessoas ricas da região paulista a fazer constantemente o gasto das esmolas.

E eles, conhecendo a caridade de Estanisláo, não duvidaram transferir para o céo os seos tezouros por intermedio das mãos do conspicuo sacerdote.

§ 7. Não menos insigne foi no merito e exercicio da paciencia, quando espontaneamente perdoava as injurias, e tambem com admiravel tolerancia relevava a temeridade de um seo sudito.

Pois este no primeiro impeto da ira atreveo-se a molestal-o com palavras indecentes, e prorompeo em vozes de manifesta dezobediencia.

Licito era a Estanisláo exercer o poder autoritario e punir o crime com a merecida repreensão, conforme os uzos da nossa sociedade; todavia antes quiz dissimular até que o réo, aplacada a comoção d'alma, voltasse a si, e consiente reconhecesse o erro.

Com effeito ele o reconheceo, e aproximando-se de Estanisláo, dice, que faria o que lhe determinasse. Como não tinha por palavras relevado o excesso de linguagem anteriormente praticado, Estanisláo recebeo o insubordinado confrade com benevolencia, e dirigindo-se a ele com

---

Atque illi quidem, cognità Stanislai charitate, suos in cælum thesauros per ipsius manus transferre non destiterunt.

§ 7. Neque minus patientiæ merito, ac exercitio insignis fuit, dum injurias ultrò dimitteret, atque etiam subditi cujusdam temeritatem exsorpserit mirabili tolerantia.

Hic enim, primo iracundiæ furore raptus, eum verbis indecentibus ausus est impetere, adeo ut in voces etiam prorumperet apertam inobedientiam spirantes.

Fas erat Stanislao officii potestatem exerere, et merita animadversione juxta societatis usum crimen illud excipere: maluit tamen dissimulare, donec reus, sedata animi commotione, ad se rediret, suique compos errorem utcumque agnosceret.

com brandura, proferio estas palavras:—Ide, meo irmão: folgo por teres tomado tão bom conselho.

Com este procedimento o colega reconciliou-se com Deos e com a sociedade, mostrando ter seguido o conselho do apostolo, quando diz:— *Si peccaverit adversus te frater tuus, corripe eum in spiritu lenitatis.* (Si teo irmão pecar contra ti, adverte-o com espirito de mansidão).

§ 8. Outro acontecimento d'este genero prezenciei eu, que escrevo estas couzas.

Certo confrade nosso, arrebatado pelo primeiro impeto da raiva, dirigio contra Estanisláo grave e indigno oprobrio; mas ele tudo ouvio silenciozo, imitando ao nosso redentor, que não procedeo de diverso modo no meio das afrontas, como si fôra surdo e mudo: *Como surdo não ouvia; como mudo, não abria a boca.*

Por modo não diferente Estanisláo respondeo ao adversario, ja auxiliando-o em seos negocios, e já acudindo-o com admiravel benevolencia em suas precizões.

N'este facto, que servio de admiração a todos quantos o souberam, deixou aos vindouros exemplo de insigne paciencia e de perfeição religioza.

§ 9. Estanisláo foi alheio á familiaridade de pessoas extranhas ao nosso instituto; por isso mostrava-se

---

Agnovit quidem ille, aditoque Stanislao facturum se dixit, quod præceptum fuerat. Quamquàm verò usurpatam antea loquendi licentiam ne verbo quidem excusasset, illum officiose excepit Stanislaus, miraque compellans mansuetudine, his verbis allocutus est: *Age, frater mi: consilium adeò bonum cepisse te gaudeo.*

Quo pacto socium illum Deo, societatique reconciliavit, ostendens eo se duci consilio dicentis Apostoli: *Si peccaverit adversus te frater tuus, corripe eum in spiritu lenitatis.*

§ 8. Alterum hujus generis eventum præsens ipse vidi, qui hæc scribo. Quidam è nostris, primo ductus naturæ impetu, Stanislaum gravi æque, ac indigno affecit opprobrio, ille audivit omnino silens, nostrum imitatus redemptorem, qui non alitèr se gessit inter opprobria, quàm si mutus, surdusque esset: *Quasi surdus non audiebam, et quasi mutus non aperiens os suum.*

Neque deinde adversario secùs respondit Stanislaus, quám rebus ipsius opem ferendo, occurrendoque indigentiis benevolentia mirabili.

Quo facto, ut ejus rei consciis admirationi fuit, sic etiam posteris et insignis patientiæ, et religiosæ perfectionis exemplum reliquit.

§ 9. Alienus fuit Stanislaus ab externorum familiaritate, adeòque taciturnus, ut raró verbis, nisi admodum necessariis, indulgeret. Undè loquacibus, festivi que ingenii hominibus non adeo placuit.

taciturno, e quando falava, servia-se das palavras tamsomente necessarias ao assunto. Por isso não agradou aos omens loquazes e de animo jovial.

Porem um sacerdote eximio (o padre João Antonio Andrioni), que andára nas missões com Estanisláo, e que pela experiencia dos omens mais intimamente os penetrava, costumava dizer :—O padre Estanisláo é como os engenhos de assucar dulcissimos no interior, mas no exterior rudes e grosseiros.

§ 10. Finalmente tal foi a sua vida qual foi a sua morte.

Depois de proferir palavras ambiguas, pelas quaes podemos conjeturar, que ele teve noticia certa do seo tranzito final, meia óra antes de meia noite começou a dar sinaes de grande contentamento, principalmente batendo palmas com as mãos, já a alguns annos tremulas, e levantando-as para o ceo sem indicios de tremura, e antes mais firmes do que nunca.

Conservando essa pozição, morreo placidamente, deixanda n'estes claros sinaes argumento, por onde podemos razoavelmente julgar, que ele, como se esperava, sentira os preludios do premio e da eterna bemaventurança. »

§ 11. Tal é a opinião do padre Manoel de Oliveira sobre Estanisláo.

At eximius quidam pater (erat is Joannes Antonius Andreoni) qui missiones obierat socio Stanislao, ejusque consetudine usus hominem penitius introspexerat, dicere identidem consuevit : *Pater Stanislaus de Campos instar est sacchareæ arcæ intus dulcissimæ, exterius, rudis et impolitæ.*

§ 10. Demum qualis ejus vita, talis mors extitit. Nam, præter quam quod verba quædam protulit ambigua, ex quibus conjici poterat certà illum transitùs sui notitià præventum, media ante mortem hora summi gaudii signa edere cæpit, manus nimirum aliquot jam annis tremulas percutere, easque ad cælum tendere nullo tremoris vestigio, et nunquam antea firmiores.

Quare retenta positione animam quietè efflavit, ultimis hisce, plenisque gaudii signis argumentum reliquens, unde non incongruè judiceiur non nulla jam tum vidisse illum, quod sperabat, præmii ac beatitudinis æternæ præludia. »

§ 11. Atque hæc P. Emmanuelis Oliveiræ de Stanislao sententia.

CAPITULO XX

Couzas maravilhozas sobre Estanisláo

§ 1. A conhecida benevolencia de Deos para com os seos famulos parece confirmar a opinião dos omens a respeito de Estanisláo, sendo este interprete e manifestante de couzas, que são do futuro, e estão postas fora do alcance dos conhecimentos umanos.

§ 2. Todas as vezes que viajava para a fazenda de Guarehi, de que acima falei, costumava passar algum tempo com seo irmão Jozé, que morava perto da estrada da vila de Itú.

Aconteceo em certo dia, que, ao entrar em caza do irmão e saudado por este immediatamente, perguntou, si uma das suas irmans estava bôa ?

Respondeo Jozé, que ela adoecera pouco antes ; todavia passava melhor, e brevemente estaria san.

Então Estanisláo buscou persuadil-o a ir immediatamente ver a irman, pois axava-se ela em perigo extremo.

Declarou Jozé não ser isto exáto, pois acabava de receber portador da irman, rezidente na vizinhança, e

---

CAPUT XX

Quædam de Stanislao mira

§ 1. Hanc hominum de Stanislao opinionem confirmare vtsa es antiqua Dei erga famulos suos beneficentia, quædam, eo interprete, manifestando, quæ aut futura erant, aut occulta, et humanam supra vim cognoscendi posita.

§ 2. Quoties ad Guarehiense prædium, de quo superiùs dictum, iter agebat Stanislaus, apud Josephum fratrem, qui prope viam Ituensi habitabat in opido, aliquandiu divertire solitus erat.

Accidit quadam die, ut vix fratris ingressus domum eoque salutato, statim quæsierit: num quædam utrius soror bene valeret? Eam non ita pridem ægrotasse respondit Josephus; melius tamen se habere, ac propediem fore, ut convalesceret. Tunc fratrem hortatus est Stanislaus, ut statim se ad sororem conferret; nám in extremo periculo versabatur.

Hoc ita esse negavit Josephus, cum a sorore, quæ non procul

sabia, que nenhum perigo se devia receiar. Instando porèm Estanisláo para que o irmão se apressasse, accedeo este em razão da reverencia, que lhe consagrava, e sahindo, encontrou a irman moribunda.

Com efeito agravando-se repentinamente a molestia, a doente agonizava, e logo faleceo, apenas recebidos os sacramentos, que a ocazião permitio.

§ 3. Pasmou Jozé com o acontecimento, e acreditou que ao irmão eram as couzas reveladas por influxo divino; pois estava certo de que ninguem poderia tel-o informado do perigo, e nem da molestia da irman. Regressando, narrou depois a morte, a que acabava de assistir.

Ouvida a noticia, Estanislão recolheo-se a lugar secreto, onde esteve por algum tempo em oração, e dahi sahindo com palavras consoladoras ao irmão, e rosto alegre, dice: — Já não temos motivo de pezar; nossa irman vive com Deos e goza da patria celestial.

§ 4. Facil foi crer em quem tal couza annunciava, pois o primeiro acontecimento induzia a prestar-lhe fé.

Por isso posta do lado a tristeza, começou a conversação sobre outras couzas; e prezente estava Maria, outra irman de ambos.

E quando todos conversavam amigavelmente, Estanisláo perguntou ao irmão qual dos prezentes morreria primeiro?

---

habitabat, paulo ante nuntium accepisset, sciretque nihil esse periculi quod eidem timeri posset. At urgenti Stanislao, ut properaret, obtemperavit reverentiæ causa, sororemque invenit vix non mortuam.

Siquidem, aggravato repente morbo, animam agebat, quam brevi deinde efflavit, sacramentis, quæ per tempus licuit, festine susceptis.

§ 3. Ad eventum obstupuit Josephus, fratremque divinitus de re tota edoctum credidit: certus enim erat extitisse neminem, a quo tum sororis periculum, tum etiam morbum cognovisset. Ad eundem postea reversus enarravit sororis obitum. Quo audito, se ad secretiorem partem recepit Stanislaus; cumque orationi aliquandiu vacasset, fratrem compellans, vultuque ad lætitiam composito, *nulla*, inquit, *jam superest luctùs causa. Deo vivit soror nostra, et cœlesti patria perfruitur.*

§ 4. Facile fuit hac in re loquenti credere, cum fidem ipsi adhibendam primus docuisset eventus.

Quare, luctu deposito, aliis de rebus institutus est sermo: præsente etiam Maria, altera utriusque sorore.

Calando-se ele, Estanisláo acrecentou :— Tu, Jozé, primeiro te apartarás da vida; eu te seguirei depois; esta porem (apontando para a irman) igualará os anno da serpente.

Com este modo de falar, que entre os Portuguezes fraze proverbial, queria significar, que Maria viveria longamente.

§ 5 E todas as couzas aconteceram na ordem, em que foram preditas.

Pois morto Jozé e depois Estanisláo, Maria, sobrevivente a ambos, xegou á tamanha velhice, que, perturbada pela decrepitude a faculdade agnitiva, ja não conhecia os filhos, nem o lugar da sua propria abitação.

§ 6. O mesmo Jozé em certa ocazião tratava com Estanisláo de outras couzas, quando queixou-se de um filho, porque demorava-se nas minas auriferas, que xamam Cuiabá, e não obedecêra á ordem, que lhe dera para regressar.

A quem Estanisláo observou:—Não te irrites contra teo filho, pois ele virá mais cedo do que esperas e do que pensas.

Dizia o irmão, que assim não sucederia, ja porque o filho nas suas cartas declarava, que não viria este anno, e já porque perdêra a oportunidade da viagem. Pois xeios

---

Dum amice colloquuntur omnes, fratrem quasi per ludum rogavit Stanislaus: quis eorum primus moriturus esset? Tacente illo: *Tu Josephe,* addidit Stanislaus, *prior è vita discedes: te deindè sequar ego: hœc antem* (simulque sororem ostendit) *serpentis œquabil annos.*

Qua loquendi ratione, quæ apud Lusitanos proverbii loco usurpari solet, Mariam diutissime victuram significavit.

§ 5. Et quidem omnia, quo prædixit ordine, evenerunt.

Nam, mortuo Josepho deinde que Stanislao, Maria utrique superstes ad tantam pervenit senectutem, ut nec filios, nec habitationis locum, interturbata senio cognoscendi virtute, amplius cognosceret.

§ 6. Idem Josephus,dum alia data occasione cum Stanislao ageret, questus est apud ipsum de filio, quòd in aurifodinis Cuiabá, quas appellant, morari pergeret, sibique reditum imperanti non obedierit. Cui Stanislaus: *ne fustra irascaris filio, spe citius ac opinione venturo.*

Nullatenús id fieri posse aiebat frater: tum quia filius, datis ad ipsum litteris, eo se anno venturum negabat; tum quia penitus

os rios com as xuvas do inverno e devendo navegar de rio acima, as canoas não podiam vencer o curso forçozo das aguas.

E como Estanisláo persistisse n'este parecer, Jozé entretanto aquietou-se, esperando que brevemente se manifestaria a verdade do cazo. Não tardou em realizar-se o sucesso vaticinado; com efeito contra toda a sua esperança e opinião, passadas poucas semanas, recebeo o filho.

§ 7. Na ultima doença, de que faleceo, Estanisláo escreveo a este seo sobrinho, dizendo-lhe entre varias couzas, que o não veria mais.

Julgou o mancebo, que estas expressões do tio significavam somente, que ele morreria dentro de poucos dias.

Por isso preparadas as cavalgaduras, partio para a cidade de São-Paulo, esperando assistir á morte de Estanisláo, ou ao menos vêr o cadaver. Debalde porem correo; pois entrando na cidade soube, que o tio estava morto e sepultado.

Conhecido então o sentido da carta, doêo-se profundamente, porque, acreditando no tio que afirmava ir morrer, não acreditou, que o não veria mais.

---

amissa erat veniendi opportunitas. Nam, aucto pluviis hyemalibus flumine, quo adverso navigandum erat, nulla vi scaphæ contra præcipitem aquarum cursum impelli possent.

At cum Stanislaus in sententia persisteret, acquievit interim Josephus, sperans brevi manifestam iri rei veritatem. Nec diu fuit, quin vaticinii prædicaret eventum: siquidem præter omnem suam spem ac opinionem, elapsis aliquot hebdomadis, filium recepit.

§ 7. Ultimo ex morbo cum decumberet, litteras ad hunc fratris filium dedit Stanislaus, in quibus præter alia se non amplius ab eo videndum asserebat. Id unum existimavit juvenis á patruo significari, nimirùm se non multos post dies moriturum.

Quare, citatis equis, ad S. Pauli urbem profectus est, spirans fore ut Stanislao adesset morienti aut mortui cadaver saltem aspiceret. Frustra tamen cucurrit: nam urbem ingressus, patruum et mortuum, et elatum fuisse cognovit.

Tunc, percepto verborum sensu, alte indoluit, quód patruo credens moriturum se affirmanti, eidem se videndum neganti non credidisset.

§ 8. O padre Manoel de Oliveira, digno de constante louvor, assistia a Estanisláo, quando este morreo. Como era velho e adoentado, julgava não poder viver por muito tempo; por isso dice a Estanisláo, que seria o primeiro a seguil-o no tumulo.

Assegurou Estanisláo, que tal não sucederia, e acrecentou, que ele ainda lhe sobreviviria tantos annos quantos lhe faltavam para ser octogenario. Manoel de Oliveira considerou isto como infalivel vaticinio; e convencidamente afirmava, que morreria, quando xegasse ao seo octogezimo anno de idade.

Por isso a certo confrade, que n'esse tempo o felicitava por gozar de vigoroza saude, deo a seguinte resposta :—Quem predice, que eu agora morreria, goza da eterna bemaventurança ; portanto julgo, que não enganou-se.

Certamente não expressou o nome de Estanisláo ; porem facilmente podemos conjeturar ser este o vaticinador de quem ele falava. Nem a predição falhou : pois no mesmo anno Manoel de Oliveira faleceo.

§ 9. Omito factos iguaes, que Estanisláo profetizou, principalmente aos parentes, entre os quaes tamanho era o conceito em que o tinham, que quazi todas as suas

---

§ 8. Aderat Stanislao, cum postremò decubuit, sæpè laudatus P. Emmanuel Oliveira. Is, ut erat senex, morbosusque, non diu se victurum putabat, proindeque dixit Stanislao se primum fore, qui eum sequeretur.

Hoc eventurum negavit Stanislaus, addiditque tot illum annos superstitem sibi futurum, quot erat octogenario minor. Hæc vaticinii loco accepit Emmanuel Oliveira ; cum que ad octogesimu pervenisset annum, eo se moriturum abque ulla hæsitatione affirmabat.

Unde quemdam ex sociis ipsi per id tempus gratulantum, quód saniore uteretur valetudine, hac excepit responsione: *Qui me nunc moriturum pædixit, æterna fruitur beatitudine ; proinde cum minime deceptum puto.*

Non quidem Stanislai nomen expressit : hunc tamen esse, de quo loquebatur, facile conjici potest. Nec prædictio fefellit : siquidem eodem anno mortus est Emmanuel Oliveira.

§ 9. Mitto hujusmodi alia, quæ prædixit Stanislaus, cognatis præsertim: apud quos tanta fuit ejus opinio, ut omnia fere ipsius verba

palavras reputavam-se como vaticinio, embora por vezes Estanisláo explicasse, que apenas como conjeturas inculcava as couzas futuras e ocultas.

Não devemos todavia preterir o que o padre Cristovão Cordeiro, varão ilustre entre os nossos confrades pela doutrina e tambem pela modestia da sua vida, refere ter-lhe acontecido no colegio da Bahia.

Ajudava outr'ora a Estanisláo na celebração da missa, e começou entretanto a volver mil couzas na fantazia, uma das quaes lhe ficou por muito tempo na lembrança, e foi—si xegaria á idade senil?

Concluida a missa, quando já na vestiaria despia os paramentos, Estanisláo, voltando-se para ele, perguntou, por que razão dezejava viver até a senectude?

Admirado de taes palavras, o padre Cristovão Cordeiro teve como certo, que a Estanisláo se não ocultavam os mais reconditos pensamentos: o que ele então apregoou e ainda oje (pois ainda vive) publica em altas vozes.

§ 11. Todas estas couzas atestam os nossos confrades rezidentes em Roma, a maior parte dos quaes (o que aumenta o valor do testimunho) conheceram Estanisláo pessoalmente.

Alguns d'eles indiquei no curso d'esta istoria; outros,

---

pro vaticiniis haberent, quamquám non semel tentaret Stanislaus, quæ de futuris rebus occultisque disserebat, quasi conjecturas inculcare.

§ 10. Præterire tamen non libet, quod sibi in Bahiensi collegio accidisse testatus est P. Christophorus Corderius, vir non minus doctrina, quam vitæ modestia apud nostros clarus.

Hic olim, cum peragenti sacrum Stanislao ministraret, varia interim mente percurrebat; ex quibus id unum fuit, quod diutius retinuit, volutavitque: an ipse ad ætætem usque senilem esset perventurus?

Absoluto sacrificio, cum se jam in vestiario exuisset, ad illum conversus rogavit Stanislaus: cur villet ad senectutem usque vivere? Ad quæ verba miratus Christophorus Corderius certum omnino habuit, mentis etiam secretiora Stanislaum minimè latere: quod ille et tum prædicavit, et hodie (nam, dum hæc scribo, in vivis est) magnis vocibus prædicat.

§ 11. Atque hæc socii Roma comorantes testati sunt, quorum plerique (quod testimonio pondus addit non exiguum) Stanislaum in vivis agentem cognovere.

Ex his nonnullos in historiæ decursu indicavi, cæteros, non tamen

mas não todos, apontarei n'este lugar, para que com a autoridade dos seos depoimentos confirmem aquilo que escrevi.

§ 12. Os companheiros que julgo dever nomear são: os padres Felix Xavier, Manoel Ferraz, Melchior Mendes, Francisco Monteiro, Jozé Castilho, Manoel da Fonseca, Benedito Soares e frei Francisco da Silva: todos, calando maiores encomios, possuem tanta probidade quanta basta para serem tidos por pessoas dignissimas de fé.

Os dous ultimos d'estes assistiram á morte de Estanisláo; e assim tiveram ocazião de observal-o em sua ultima infermidade.

FIM

Protesto do autor

O autor declara, que entende, e quer, que as demais pessoas entendam, que as couzas, que escreveo n'esta obra, são inteiramente conformes ao sentido dos decretos do Pontifice. Por isso confessa, que os factos, que narra, não devem merecer outra fé sinão aquela que vulgarmente se costuma dar ás istorias umanas.

---

omnes, hoc loco indicaturus, ut quæcumquæ scripsi, testantium quoque auctoritate firmentur.

§ 12. Sunt veró, quos hic sensui appellandos patres Felix Xaverius, Emmanuel Ferráz, Melchior Mendes, Franciscus Monteiro, Josephus Castilho, Emmanuel Fonseca, Benedictus Soares, et frater Franciscus da Silva: omnes, ut alia taceam, tanta probitate viri, quanta sat est, ut apud omnes fide habeantur dignissimi.

Quorum postremi duo, morienti cum adfuerint Stanislao, plura observandi occasionem vel in ultima ægritudine nacti fuerunt.

FINIS

Protestatio auctoris

Declarat auctor se omnia et singula, quæ hoc in opere scripsit, sensu Pontificiis decretis prorsùs conformi et acipere, et ab aliis accipi velle. Quamobrem profitetur non aliam iis, quæ narrat, deberi fidem, quam quæ vulgò humanis historiis præstari solet.

OBSERVAÇÃO

Manuscrito. Tradução. Ortografia

§ 1

O nosso consocio Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, rezidente em Campinas, ofereceo ao Instituto Istorico um opusculo escrito em latim.

O opusculo trazia no frontespicio esta declaração do punho do ofertante: « Vida do padre mestre Estanisláo de Campos, S. J., escrita em Roma, e de lá trazida em manuscrito. Ignora-se quem seja o autor. O original manuscrito, do qual o prezente é copia fiel, foi trazido da Italia pelo finado padre Jozé da Costa Lara, que foi uma das vitimas da cruel perseguição, que aos padres da santa e ilustre sociedade de Jezus fez o Marquez de Pombal; e foi sobrinho do padre mestre Estanisláo de Campos. »

Em 1884 por ocazião de publicar-se o catalogo dos nossos manuscritos, recordou ele a sua oferta, manifestando dezejos de vel-a publicada na *Revista Trimensal*.

Como membro da comissão de redação aprezentei aos colegas a indicação do ilustrado ofertante, e então não tomou-se rezolução alguma sobre essa publicação.

Ultimamente lembrei os dezejos do ilustre consocio, e novamente submiti a indicação ao exame da comissão, sendo impugnada a publicação por ser a obra escrita em latim, dificuldade que procurei solver declarando que faria a tradução para linguagem vernacula.

No entretanto o nosso consocio Dr. Ricardo Gumbleton pensava, que o merito da publicação consistia em ser feita na lingua, em que fora o opusculo escrito. Em carta a mim dirigida dizia ele: « Fico certo do conteúdo da sua carta, mas peço venia para dizer, que discordo *toto cælo* da sua opinião quanto á prévia tradução da biografia do grande Paulista padre mestre Estanisláo de Campos, si fôr impressa (como faço votos para que seja) na

Revista Trimensal. No meo entender o verter em linguagem uma peça d'esta ordem tira a esta quazi todo o interesse, toda a sua graça, e sem ser vetusto archeologo, direi, que é uma especie de sacrilegio. Si existem oje poucos capazes de apreciar o trabalho na lingua, em que foi escrito por piedozo colega, é isto uma vergonha nossa, pois que no seculo passado em São-Paulo não faltariam inumeros bons latinistas para se deleitar na leitura. »

Com este pensar estava de acordo o nosso mui digno 1.° secretario Barão Homem de Mello, que tambem opinava pela publicação em latim, considerando que assim far-se-ia bom serviço ás nossas letras.

Propuz então, que a publicação se fizesse nos dous idiomas; porque assim satisfaziam-se duas condições: aos antiquarios amantes do latim dava-se o prazer da leitura na lingua do Lacio, a outros, que a não conheciam, facilitava-se o conhecimento da obra, lendo-a em linguagem vernacula.

§ 2

Fiz a tradução do latim para o portuguez sem alterar testo original; apenas subdividi os capitulos, em paragrafos para maior comodidade da lição, e para que mais facilmente se cotege o original com a tradução.

Esta vae com a maior aproximação possivel do testo, pois procurei seguir de perto os termos e a frazeologia do autor do opusculo, evitando construir méra parafraze.

Si não consegui traduzir fielmente, ahi fica o testo, e outros o farão melhor.

§ 3

Devo uma satisfação ao leitor, quanto á ortografia d'esta publicação.

A muitos cauza estranheza a ortografia fonica, que pena é não estar aperfeiçoada e aceita geralmente.

So o ábito do orgão vizual nos produz essa estranheza

no curso da leitura. Quem está abituado a escrever etimologicamente, sente dezagradavel impressão ao ver escritas certas palavras sem letras superfluas, e prezume ser esse movimento o impulso natural contra a pratica do erro.

Assim não é ; porquanto depois que tomamos o costume de escrever fonicamente, sentimos o mesmo dezagrado e repulsa, quando encontramos letras, que não concorrem para a formação dos sons, mas que somente servem para recordar a origem do vocabulo ; origem que para a maxima parte dos leitores é de nenhum valor.

So o literato sabe, porque esta ou aquela palavra tem letras dobradas ou caracteres dispensados na pronunciação ; pois conhecem as linguas mortas ou vivas, donde taes palavras se derivam.

Mas que importa isso para a clareza da significação ou da idéa, que a palavra reprezenta ? Nada.

A ortografia etimologica é uma idolatria ao uzo, e tambem uma ostentação de siencia, que não deve ter cabimento na escritura comun do povo, onde a simplicidade é a couza principal.

A ortografia etimologica é um embaraço, e deve ser banida do uzo vulgar ; fique para os doutos e para os dicionarios ou vocabularios.

Nem consequentes são os escritores etimologistas ; porque em parte seguem a etimologia, e em parte a desprezam.

Porque pois isto ? Porque é um sistema contrario á razão da couza.

Não venho discutir sistemas ortograficos, nem é ocazião para isso ; todavia não é fóra de propozito justificar o uzo que faço em publicações da *Revista Trimensal* da escritura fonetica.

Nem se considere o uzo d'esta escritura como caprixo futil, quando ela faz objeto do estudo dos sabios, e já um governo europeu tenta admitil-a oficialmente e generalizal-a.

Em Portugal literatos notaveis a aceitam e buscam regularizal-a ; e a lingua espanhola escreve-se no antigo e novo mundo com a grafia fonetica, que tambem na Italia é seguida.

A grafia fonetica do portuguez era uzual até meados do seculo passado ; mas o comercio dos escritores de então com o latim, sucitou o gosto da grafiae timologica, que por fim tem prevalecido nos nossos uzos por imitação dos Francezes, a cuja literatura especialmente nos aplicamos.

Entre nós não é de oje a aceitação do sistema fonetico; e para não acumnlar citação de autoridades, mencionarei apenas dous exemplos: falo do bispo Azeredo Coutinho, literato ilustre, e do padre Diogo Feijó, notavel politico, ex-regente do imperio.

Do famozo bispo temos no archivo do Instituto Istorico uma estensa memoria autografa escrita foneticamente ; e do sacerdote patriota temos cartas particulares, documentos politicos, e a erudita memoria sobre o celibato clerical, onde vê-se empregado o sistema fonetico.

Para generalizal-o bastariam dicionarios bem organizados, que nas mãos dos instrutores da mocidade, e dos escritores da imprensa diaria fariam rapida transformação.

No seio do nosso Instituto ja foi aventada a questão da ortografia fonica por ocazião de publicações feitas na *Revista Trimensal* com essa ortografia ; e então a sociedade tomou o razoavel alvitre de permitir, que os trabalhos dos seos membros se imprimissem como eram escritos, desde que os autores declaradamente assumissem a responsabilidade da inovação.

Este procedimento do Instituto é mais um documento da liberdade e franqueza, com que ali tratamos os assuntos, a que nos aplicamos.

Outr'ora dizia eu em uma publicação feita em 1874 :

Este trabalho vae impresso com a ortografia, com que costumo escrever. Sei, que cauzará reparo.

Conhecem todos, que não temos regras ortograficas invariaveis ; cada qual adota um sistema, ora seguindo o rigor etimologico, ora aceitando a praxe uzual.

Na variedade dos sistemas pareceo-me sempre melhor o mais simples; por isso escrevo com a ortografia fonica ou natural, na qual empregam-se tamsomente os caracteres necessarios para reprezentar os sons, com que formalizamos a palavra.

A ortografia etimologica constitue uma siencia de ninharia, que bem póde ser escuzada. Para os doutos ela não ensina novidade, porque eles conhecem a origem e a derivação das palavras; para os iliteratos constitue apenas uma dificuldade, sobrecarregando-lhes a memoria sem acrecentar clareza nas idéas, que as palavras figuram.

Saber si uma palavra deve escrever-se com letras dobradas ou sem duplical-as é exercicio esteril da memoria. Dahi não se colhe proveito; pelo contrario a escritura com sinaes duplices tem as seguintes inconveniencias de intuição:

1.° Cria uma siencia superflua;

2.° Consome tempo com a figuração de caracteres inuteis;

3.° Ocupa maior espaço sem necessidade.

Aos lexicons fique rezervada a tarefa de memorar a etimologia das palavras, conservando as *origens* ou *raizes* ao lado das palavras vernaculas.

A ortografia tem por fim consignar no papel, marmore ou bronze os sons, de que as palavras se compõem; a escritura fonica satisfaz cabalmente este fim: d'ela portanto convem uzar como mais facil e singela. »

Rio 20 de Abril de 1889.

T. Alencar Araripe.

ISTORIA DE UMA VIAGEM FEITA Á TERRA DO BRAZIL

POR

JOÃO DE LERI

TRADUZIDA EM LINGUAGEM VERNACULA

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

E OFERECIDA AO

Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

ADVERTENCIA

A obra de João de Leri foi publicada em 1578, sendo por isso escrita em francez do antigo estilo; dahi vem, que está em linguagem antiquada, xeia de termos obsoletos, de transpozições repetidas, e periodos longos.

A leitura pois da obra exige frequentemente o uzo dos dicionarios antigos para os termos dezuzados, e é penoza por necessitar o leitor de constante atenção para compreender o sentido d'esses periodos interrompidos por continuados ipérbatos.

Esta obra é um dos primeiros monumentos graficos da nossa istoria primitiva, e convem encorporal-a ao nosso peculio istorico d'esses tempos do primevo descobrimento da nossa terra, e essa encorporação convem fazer na lingua nacional.

Por isso pareceo-me, que faria serviço aproveitavel, traduzindo em linguagem vernacula a *Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil* por João de Leri.

Alem dos termos obsoletos e das transpozições, o estilo irregular do autor dificulta a inteligencia do testo, e exige acurada atenção e a repetição da leitura para combinar os periodos e perceber o sentido das orações.

Quem duvidar do que dizemos procure o original francez, e leia ; e estou certo, que terá repetidamente de parar na leitura para refletir, organizar a locução, e comprehender o sentido d'essa frazeologia antiquada e d'esse estilo incorreto e xeio de continuadas transpozições, que perturbam a clareza do pensamento, e interrompem a propozição principal com incidentes e circunstancias numerozas, cuja multiplicidade escurece e baralha as idéas, que se vam deduzindo no discurso.

A tradução facilita ao leitor nacional a leitura, e ficarei satisfeito do enfadonho trabalho, a que me dei, si com efeito assim suceder.

Procurei seguir o testo com escrupulo, e ser exáto na interpretação do pensamento do autor.

Si alguem de futuro quizer confrontar a tradução e o original, corrigirá qualquer desvio, que eu tenha porventura cometido, fazendo serviço ás letras patrias.

Darei tambem a tradução das obras de Hans Staden, Andre Tevet, e Alvaro Nunes Cabeça de Vaca como documentos primitivos da nossa istoria.

Varias cronicas temos dos primeiros vizitantes da nossa terra escritas em lingua estranha, e parece-me, que util seria passal-as todas para a linguagem patria. Ja o nosso prestimozo consocio doutor Cezar Augusto Marques traduzio e publicou os trabalhos de Claudio de Abeville e Ivo d'Ivreux, padres francezes, que vieram ao Maranhão nos primeiros tempos de seo descobrimento, e bom seria, que outros imitassem tam louvavel empenho.

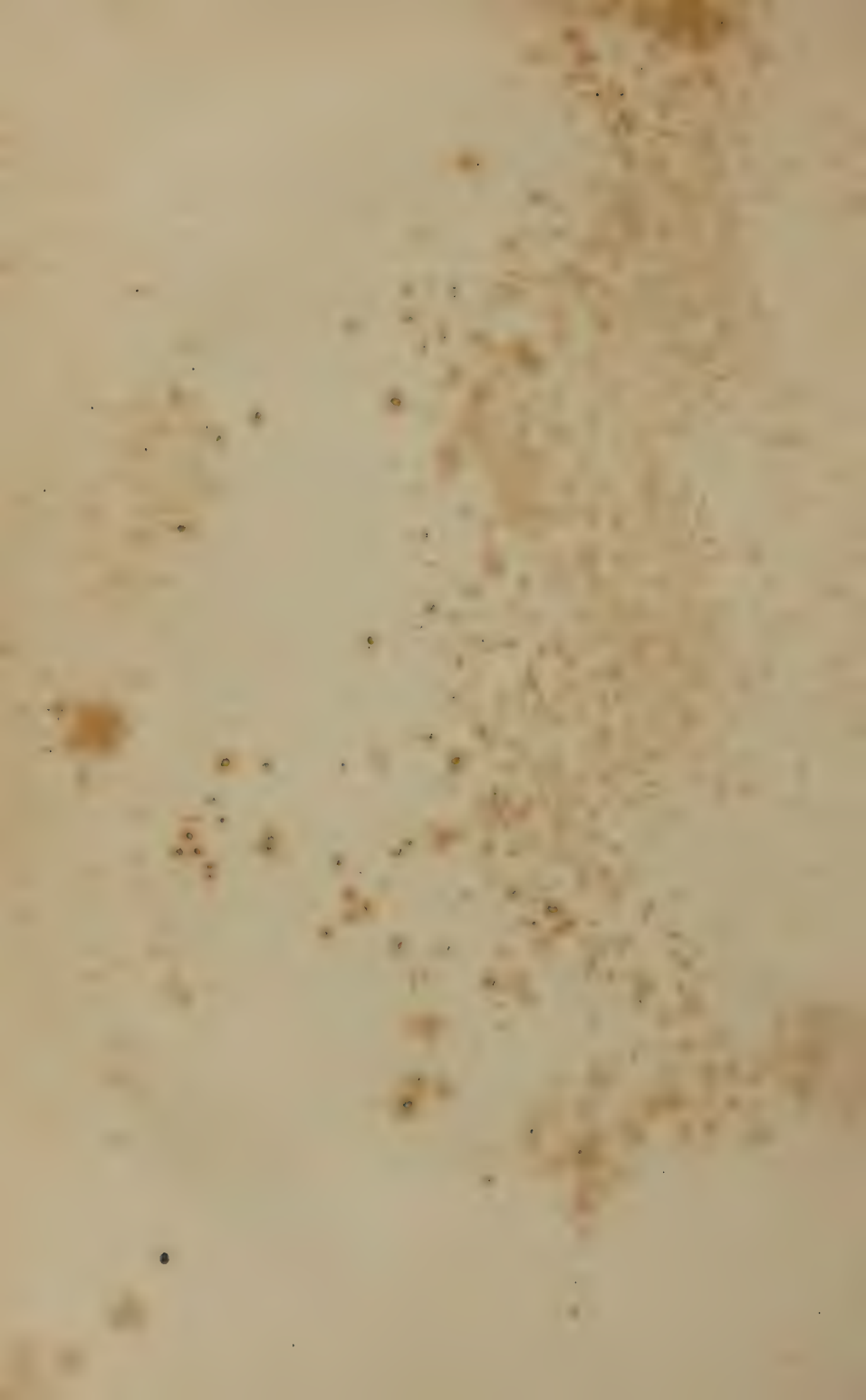
O primeiro escreveo a *Istoria da missão dos padres capuxinhos na ilha do Maranhão* ; o segundo publicou a *Viagem ao norte do Brazil.*

O doutor Jozé Igino Duarte Pereira, nosso ilustrado consocio, tem feito bom serviço ao estudo da istoria patria, traduzindo varios documentos relativos ao tempo do dominio olandez em Pernambuco, e fazemos votos para que ele prosiga em tão meritoria empreza.

Os escritores primitivos tem maior graça, e nos dam melhor idéa das couzas, que viram e descreveram, do que os subsequentes expozitores, que ja escreveram extratando das obras originaes.

Falta sensivel é ainda não termos no idioma nacional obras como a de Gaspar Barleo sobre o governo do Conde de Nassau em Pernambuco (*Res Brasiliæ imperante Comite Joanne Mauritio*) e outras de incontrastavel merecimento e valor para o conhecimento da istoria de nossa patria.

Rio 5 de Agosto de 1887.

T. Alencar Araripe.

Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil

POR JOÃO DE LERI

CAPITULO I

Motivo e ocazião, que nos fez empreender esta longinqua viagem á terra do Brazil

§ 1. Como alguns cosmografos e outros istoriadores do nosso tempo já escreveram sobre o comprimento, largueza, formozura e fertilidade d'esta quarta parte do mundo, xamada America ou terra do Brazil, e tambem sobre as ilhas proximas e terras adjacentes inteiramente desconhecidas dos antigos, e sobre diversas navegações, que para ahi se fizeram n'estes primeiros 80 annos depois do seo descobrimento, não me demorarei em tratar d'este argumento com extensão e generalidades ; minha intenção e mêo objeto será n'esta istoria sómente declarar o que pratiquei, vi, ouvi e observei, quer no mar e em terra, indo e vindo, quer entre os selvagens americanos, no meio dos quaes andei e vivi quazi um anno.

E afim de que tudo seja melhormente conhecido e entendido de cada leitor, começando pelo motivo, que nos levou a empreender tam penoza e longinqua viagem, direi brevèmente qual foi a ocazião d'ela.

§ 2. No anno de 1555 um fulano Nicoláo de Villegagnon, cavaleiro da ordem de Malta, tambem conhecida por ordem de São João de Jeruzalém, desgostozo da França, e axando-se tambem descontente da Bretanha, onde então rezidia, manifestou em diversos lugares do reino

de França a varios personagens notaveis de todas as graduações, que desde muito tempo não só tinha extremo dezejo de retirar-se para algum paiz longinquo, onde podesse livre e puramente servir a Deus, conforme a reforma do Evangelho, mas tambem que dezejava ahi preparar pouzo para todos aqueles que quizessem para ahi retirar-se com o fim de evitar perseguições; as quaes de fato eram taes, que n'esse tempo muitas pessoas, de todos os sexos e condições, eram em todos os lugares do reino, por edictos do rei e por decizões dos parlamentos, queimadas vivas, sendo seos bens confiscados, por cauza de religião.

Declarava além d'isso Nicoláo de Villegagnon, tanto vocalmente a aqueles que viviam perto d'ele, como por cartas que dirigia a alguns particulares, que tinha ouvido falar e referir tam bôas noticias da formozura e fertilidade da parte da America xamada terra do Brazil, que, para abituar-se ahi e efectuar o seo dezignio, tomaria de bôamente este caminho.

§ 3. E de fato sob este pretesto conseguio a vontade de alguns grandes senhores da religião reformada, os quaes dominados pelo mesmo aféto, que ele dizia ter, dezejavam axar similhante refugio: entre estes figurava o finado senhor Gaspar de Coligni, de feliz memoria, almirante de França, o qual, bem visto e bem aceito, como era, do rei Enrique Segundo, então reinante, reprezentou, que si Nicoláo de Villegagnon fizesse essa viagem, poderia descobrir muitas riquezas e outras comodidades em proveito do reino; em vista do que mandou-lhe o rei dar dois bons navios aparelhados e providos de artilharia, e dez mil francos para os gastos da viagem.

Assim Nicoláo de Villegagnon, antes de partir de França, prometeo a alguns onrados personagens, que o acompanharam, que estabeleceria puro serviço de Deus no lugar em que rezidisse, e depois de prover-se de marinheiros e artistas, que trouxe comsigo, no mez de Maio do dito anno de 1555, sahio ao mar, onde sofreo muitas tormentas; mas emfim, não obstante todas as dificuldades, em Novembro seguinte xegou ao dito paiz.

§ 4. Xegado ahi, dezembarcou e tratou primeiramente de alojar-se em um roxêdo na embocadura de um braço de mar ou rio d'agua salgada, xamado pelos indigenas *Guanabára*, o qual (como em lugar competente descreverei) fica aos 23 gráos alem do equador, isto é, quazi debaixo do tropico do Capricornio; porem as ondas do mar dali o expeliram.

Assim foi constrangido a retirar-se dali, avançou quazi uma legoa buscándo ás terras, e acomodou-se em uma ilha antes dezabitada, na quál, tendo dezembarcado a artilharia e demais bagagem, começou a construir uma fortificação, afim de ficar em maior segurança, tanto contra os selvagens como contra os Portuguezes, que viajam e já têm fortalezas n'esse paiz.

§ 5. Ora dahi, fingindo sempre arder em zelo por adiantar o reino de Jezus Cristo, e persuadindo-o com empenho á sua gente, quando os seos navios ficaram carregados e prestes para regressar á França, escreveo e mandou em um d'eles expressamente uma pessoa a Genebra, requizítando igreja e ministros do dito lugar para o ajudar em e socorrer, quanto lhes fosse possivel, n'esta sua tam santa empreza.

Mas sobretudo afim de proseguir e avançar com diligencia na obra, que empreendera, e que dezejava, conforme dizia, continuar com todas as suas forças, pedia instantemente não só que lhe enviassem ministros da palavra de Deos, mas tambem que, para melhormente reformar a si e a sua gente, e para xamar os selvagens ao conhecimento da sua salvação, algumas outras pessoas bem instruidas na religião cristan acompanhassem os ditos ministros, afim de virem ter com ele.

§ 6. A igreja de Genebra, recebidas as suas cartas e ouvidas as suas noticias, rendeo primeiramente graças a Deos pela amplificação do reino de Jezus Cristo em paiz tam longinquo, em terra estranha e no meio de uma nação, que inteiramente ignorava o verdadeiro Deos.

Depois, para satisfazer a requizição de Nicoláo de Villegagnon, o finado senhor almirante, a quem para o mesmo efeito tambem escrevera, solicitou por cartas

a Filipe de Corguillerai, senhor Dupont (que avia-se retirado para perto de Genebra, e fôra seo vizinho em França, perto de Chastillon sur Loing) para empreender a viagem, afim de dirigir aqueles que se quizessem encaminhar para Nicoláo de Villegagnon n'essa terra do Brazil. O dito senhor Dupont foi tambem solicitado pela igreja e pelos ministros de Genebra, embora já fosse velho e caduco; mas ainda animado pelo grande dezejo que tinha de empregar-se em tam boa obra, e pospondo e abandonando todos os outros seos negocios, e até deixando seos filhos e sua familia para ir para tam longe, accedeo em fazer o que lhe requeriam.

§ 7. Feito isto, tratou-se em segundo lugar de axar ministros da palavra de Deos. Portanto depois que Dupont e outros seos amigos falaram a alguns escolares, que então estudavam teologia em Genebra, os ministros Pedro Richier, já idozo, tendo então 50 annos, e Guilherme Chartier lhe prometeram, que, no cazo de se conhecer por via ordinaria da igreja, que eles eram aptos para esse encargo, estavam prontos para dezempenhal-o.

Assim depois que estes dous sacerdotes aprezentaram-se aos ministros de Genebra, que os ouviram sobre a expozição de certas passagens da Escritura-santa, e os exortaram acerca dos demais deveres, voluntariamente aceitaram, com o seo condutor Dupont, transpor o mar para irem ter com Nicoláo de Villegagnon, afim de anunciarem o Evangelho n'America.

§ 8. Ora, faltava ainda axar outros personagens instruidos nos principaes pontos da fé, e tambem artistas peritos nas suas artes, como Nicoláo de Villegagnon pedia; mas para a ninguem iludir, Dupont alem de declarar o longo e fastidiozo caminho, que convinha fazer, a saber, quazi 150 legoas por terra, e mais de 2.000 por mar, acrecentava, que, xegando a essa terra da America, cumpria contentar-se com o alimento de certa farinha feita de raizes, em lugar de pão, e quanto a vinho, nem noticias d'ele, pois ahi não crece a parreira; emfim dizia, que como em novo mundo (conforme advertia a carta de Nicoláo de Villegagnon) conviria uzar ahi de modo de vida e de viandas inteiramente diferente dos da nossa Europa:

todos aqueles, digo eu, que amavam mais a teoria do que a pratica d'essas couzas, e não apeteciam mudar de ares, nem suportar as ondas do mar e o calor da zona torrida, nem ver o pólo antartico, não quizeram entrar em liça, nem alistar-se, nem embarcar-se em tal víagem.

§ 9. Todavia depois de muitos convites e solicitações por todos os lados, alguns, como me parece, mais corajozos do que os outros, aprezentaram-se para acompanhar a Dupont, Pedro Richier e Guilherme Chartier, e esses foram: Pedro Bordon, Mateos Verneuil, João du Bordel, André Lafon, Nicoláo Denis, João Gardien, Martin David, Nicoláo Raviquet, Nicoláo Carmeau, Tiago Rousseau, e eu João de Leri, que, tanto pela bôa vontade que Deos me déra para servir á sua gloria, como por curiozo de ver o novo mundo, fiz parte da comitiva; de sorte que fômos em numero de 14 os que partimos da cidade de Genebra aos 16 de Setembro do anno de 1556.

Seguimos e fômos passar por Chastillon sur Loing, no qual lugar axamos o senhor almirante, e este não só nos encorajou cada vez mais a proseguir na nossa empreza, mas tambem fez promessa de nos coadjuvar pelo lado da marinha; e aprezentando muitas razões, deu-nos esperança de que Deos nos concederia a graça de vermos o fruto do nosso trabalho.

§ 10. Encaminhamos-nos dahi para Paris, onde, durante um mez em que ahi permanecemos, alguns gentis omens e outras pessoas, advertidas do motivo da nossa viagem, reuniram-se á nossa companhia.

Dahi passamos a Rouen, e dirigindo-nos á Onfleur, porto de mar, que nos era assinalado no paiz da Normandia, ahi fizemos os nossos preparativos, esperamos, que se aprestassem os nossos navios para a partida, e demoramos-nos quazi um mez.

CAPITULO II

Nosso embarque no porto de Onfleur, paiz da Normandia, tormentas, encontros, prezas de navios, primeiras terras e ilhas que descobrimos.

§ 1. Depois que o senhor de Bois le Conte, sobrinho de Nicoláo de Villegagnon, que antes de nós estava em Onfleur, ahi mandou, á custa do rei, aparelhar em guerra trez excelentes navios, fornecidos, como foram, de viveres e outras couzas para a viagem, aos 19 de Novembro embarcamos n'eles.

O dito senhor de Bois le Conte, que com cerca de 80 pessoas entre soldados e marujos estava em um dos navios xamado *Petite Roberge*, foi eleito nosso vice-almirante.

Eu embarquei em outro navio xamado *Grand Roberge*, no qual eramos ao todo 120 pessoas, e tinhamos por capitão o senhor de Santa Maria, apelidado Espine, e por mestre um tal João Humbert, de Onfleur, bom piloto, e experimentado na arte da navegação, como mostrou satisfatoriamente.

No outro barco, que xamava-se *Rosée*, em razão do nome de quem o conduzia, iam quazi 90 pessoas, incluzive seis rapazes, que levavamos para aprender a lingua dos selvagens, e cinco raparigas com uma matrona para as dirigir, as quaes foram as primeiras mulheres francezas vindas á terra do Brazil, cuja xegada cauzou extrema admiração aos selvagens d'esse paiz, que, como adiante veremos, nunca tinham visto damas vestidas.

§ 2. Assim n'esse mesmo dia quazi ao meio-dia damos vélas ao vento na sahida do porto de Onfleur; e as salvas belicas, trombetas, tambores, pifanos, e outras demonstrações festivas, que se costumam fazer aos navios de guerra, quando vam viajar, não nos faltaram.

Fomos primeiramente ancorar na enseada de Caulx, que está no mar uma legoa além de Havre de Grace; e la, conforme o costume dos marujos empreendedores de viagens em paizes remotos, depois de terem os mestres e

capitães feito revista e verificado o numero certo dos soldados e marinheiros, mandaram levantar ancora, e podemos á tarde penetrar no mar. Todavia como partio-se a amarra do navio, em que eu estava, por isso suspendeo-se a ancora com grande dificuldade, e sómente no dia seguinte podemos dezaferrar.

§ 3. No dito dia 20 de Novembro, deixando terra, começamos a navegar n'esse grande e impetuozo mar Oceano, e descobrimos e costeamos a Inglaterra, que deixamos á destra: e desde então perseguio-nos grande agitação das ondas por doze dias, durante os quaes, não obstante estarmos todos infermos da molestia abitual aos que andam no mar, nenhum de nós dirá, que não se sentisse muito assustado com tamanho movimento.

E de fato principalmente os que nunca tinham experimentado ares maritimos, nem dansado tal dansa, vendo o mar tam altaneiro e agitado, pensavam a cada golpe das ondas e a todo o momento, que as vagas nos fariam submergir. Na verdade é couza admiravel vêr, que um navio de madeira, por mais forte e maior que seja, possa assim rezistir ao furor de tam terrivel elemento.

§ 4. Pois embora os navios sejam construidos de madeira grossa, bem ligada, cavilhada e bem alcatroada, tendo aquele em que eu estava quazi oito toezas de comprimento e trez e meia de largura, o que é isso em comparação d'esse báratro, e d'essa largueza, profundidade e abismo d'agua, como é esse mar do poente?

Portanto sem amplificar mais este assunto, direi apenas de passagem, que não poderemos assás apreciar tanto em geral a arte da navegação como em particular a invenção da agulha de marear, com a qual nos dirigimos, e cujo uzo todavia não passa além de 250 annos, como escrevem alguns autores.

Fomos pois assim inquietados, e navegamos com grandes dificuldades até o decimo terceiro dia depois do nosso embarque, quando Deos aplacou as ondas e a tempestade do mar.

§ 5. No domingo seguinte encontramos dois navios mercantes de Inglaterra, que vinham da Espanha; os nossos marinheiros os abordaram, e como n'eles avia preza, por

pouco o deixaram de saquear. Conforme o que já dice, os nossos trez navios estavam bem providos de artilharia e outras munições de guerra ; por isso os nossos marinheiros mostravam-se altivos e fortes, quando navios mais fracos apareciam á sua dispozição, e não tinham por tanto segurança alguma.

E cumpre (pois vem a propozito), que eu diga aqui de passagem, que, n'este primeiro encontro de navio, vi praticar no mar o que mais frequentemente tambem se pratica em terra; a saber, que aquele que tem armas em punho e é mais forte, supera e dá leis ao companheiro.

Verdade é, que os senhores marinheiros, fazendo arriar velas, e aproximar os mizeros navios mercantes, alegam ordinariamente, que andam por muito tempo, forçados pelas tempestades e calmarias, sem poder tomar terra nem porto, e estam no mar necessitados de viveres, de que pedem para ser supridos, mediante pagamento.

§ 6. Si porém sem este pretesto podem pôr pé a bordo do vizinho, não pergunteis, si vam impedir o navio de afundar-se ; ali o descarregam de tudo quanto lhes parece bom e proveitozo.

E si por ventura alguem adverte (como de fato sempre o faziamos), que nenhuma ordem existe para assim saquearem indiferentemente amigos e inimigos, respondem com o estribilho comum dos nossos soldados de terra em cazo similhante, dizendo ser da guerra e de costume, e que portanto dezempenha o seo oficio quem segue os estilos.

§ 7. Além d'isso direi, á maneira de prefacio, bazeado em exemplos adiante expostos, que os Espanhóes, e ainda mais os Portuguezes, gabando-se de serem os primeiros descobridores da terra do Brazil, e tambem de todo o continente desde o estreito de Magalhães, que fica aos 50 gráos do lado do pólo antartico, até o Perú, e ainda áquem do equador, sustentam, que sam senhores d'esse paiz, e alegam, que os Francezes, que por ele viajam, sam uzurpadores; e por isso si os encontram no mar, e contam vantagem, fazem-lhes tal guerra, que xegam a ponto de os esfolar vivos, e dar-lhes outros generos de morte cruel.

Os Francezes, sustentando o contrario, afirmam, que têem parte n'esses paizes novamente conhecidos, e não cedem voluntariamente aos Espanhóes e menos aos Portuguezes, mas defendem-se valentemente, e muitas vezes dam o troco aos seos inimigos ; os quaes (falando sem jatancia) não ouzariam abordal-os nem atacal-os, si não se considerassem muito mais fortes e em maior numero de navios.

§ 8. Ora, voltando á nossa viagem, direi, que o mar continuou empolado, e esteve por espaço de seis ou sete dias tam rude, que não só vi por muitas vezes as vagas altearem-se e correrem por cima do convés do nosso navio, mas tambem rezamos todos nós o salmo 107 por cauza do furor das ondas, tinhamos desfalecidos os sentidos, cambaleavamos como ebrios, e o navio abalava tanto que não avia marinheiro, por mais veterano que fôsse, que se podesse conservar de pé.

E com efeito (como diz o mesmo salmo) quando d'este modo em tempo de tormenta no mar somos repentinamente levados ácima d'essas espantozas montanhas d'agua, que parece subirmos até o céo, entretanto subitamente decemos tam baixo, que parece querermos submergir-nos nos mais profundos abismos, subzistindo assim, digo eu, no meio de um milhão de sepulcros, não é vêr as grandes maravilhas de Deos ? E' bem certo, que sim.

§ 9. Como em consequencia de tal agitação das furiozas ondas o perigo muitas vezes aproxima-se dos embarcadiços tanto quanta é a espessura das taboas, de que sam construidos os navios, lembrei-me do poeta, que dice, que aqueles que andam no mar apenas distam da morte quatro dedos, e ás vezes menos ; por isso parafrazeei e amplifiquei, para mais expressa advertencia aos navegantes, os seguintes versos :

Quoy que par la mer par son onde bruyante,
Face herisser de peur cil qui la hante,
Ce nonobstant l'homme se fie au bois,
Qui d'espesseur n'a que quatre ou cinq doigts

De quoy est faict le vaisseau, que le porte
Ne voyant pas qu'il vit en telle sorte
Qu'il a la mort á quatre doigts de luy.
Reputer fol on peut donc bien celuy
Qui va sur mer, si en Dieu ne se fie,
Car c'est Dieu seul qui peut sauver sa vie.

§ 10. Depois de cessar a tempestade, aquele que torna o tempo calmo e tranquilo, quando-lhe apraz, mandou-nos vento galerno, xegamos ao mar de Espanha, e no quinto dia de Dezembro axamos-nos na altura do cabo de São-Vicente.

N'este logar encontramos um navio da Irlanda, no qual os nossos marinheiros, sob o pretesto já dito de falta de viveres, tomaram seis ou sete pipas de vinho de Espanha, figos, laranjas, e outras couzas, de que vinha carregado.

§ 11. Passados sete dias aproximamos-nos de trez ilhas, xamadas pelos pilotos da Normandia Gracioza, Lancerote, e Forteaventura, que sam as ilhas Afortunados.

Prezentemente sam em numero de sete, conforme julgo, todas abitadas por Espanhóes; e embora marquem alguns nas suas cartas e ensimem nos seos livros, que estas ilhas Afortunadas estam situadas apenas em 11 gráos aquem do equador, e por consequencia, no entender d'eles, estariam dentro da zona torrida, eu digo por ter visto tomar altura com o astrolabio, que elas com certeza ficam aos 28 gráos na direção do pólo artico. Por tanto cumpre confessar, que existe erro de 17 gráos, e que esses autores, enganando a si e aos outros, as afastam de nós.

§ 12. N'esses lugares, em que puzemos bateis ao mar, 20 pessoas nossas, entre soldados e marinheiros, meteram-se nos bateis com falconetes, mosquetes, e outras armas, e tratavam de ir prear n'essas ilhas Afortunadas; quando porem estavam a bordo, os Espanhóes, que já os tinham descoberto, os repulsaram de tal modo, que em vez de saltarem em terra, apressadamente retiraram-se para o mar.

Todavia voltearam, e tanto giraram, que por fim encontraram uma caravela de pescadores (os quaes, vendo os nossos dirigirem-se a eles, salvaram-se em terra, e abandonaram a sua embarcação), e depois de terem-se

apossado d'ela, não só tomaram grande quantidade de lixa seca, bussolas, e tudo quanto axaram, incluzive algumas velas, que trouxeram, mas tambem, não podendo fazer maior mal aos Espanhoes, dos quaes pretendiam vingar-se, meteram a pique com golpes de maxado uma barca e um batel, que estavam proximos.

§ 13. Durante trez dias, por que nos demoramos perto d'estas ilhas Afortunadas, emquanto o mar esteve calmo, apanhamos tamanha quantidade de peixe com redes de pescaria e com anzoes, que, depois de comermos á farta, fomos obrigados a lançar ao mar mais de metade do pescado, porque não tinhamos agua doce com abundancia para nos saciar a sede.

As especies eram dourados, lixa, e varias outras qualidades, cujos nomes ignoramos ; todavia algumas eram das que os marinheiros denominam sardas, que é uma especie de peixe, que não so tem corpo tam pequeno que parece estarem juntas a cabeça e cauda (a qual não obstante é proporcionalmente larga), mas ainda a cabeça imita a um capacete de crista, e é de forma assás estraordinaria.

§ 14. Na quarta feira pela manhan, 16 de Dezembro, o mar agitou-se repentinamente e as vagas enxeram tam subitamente a barca, que desde o regresso das ilhas Afortunadas estava amarrada ao nosso navio, que não so submergio-se e perdeo-se, mas tambem dois marinheiros, que n'ela estavam para guarnecel-a, ficaram em tamanho perigo, que apenas os podemos salvar e recolher ao navio, atirando-lhes cabos apressadamente.

E alem d'isso direi tambem, como couza notavel, que quando o nosso cozinheiro durante essa tempesdade (que durou quatro dias) poz pela manhan toucinho em uma grande celha de madeira para tirar o sal, veio um golpe de mar, que deo com impeto sobre o convés, e lançando a celha fora do navio na distancia de mais do comprimento de um dardo, outra vaga veio subtimente do lado oposto, e sem entornar a vazilha atirou-a sobre o convés com o conteúdo, de modo que isso restituio-nos o jantar, o qual, como se costuma dizer, já ia por agua abaixo.

§ 15. Ora, na quinta-feira, 18 do dito mez de Dezembro, descobrimos a Gran-Canaria, da qual no domingo seguinte nos aproximamos até muito perto ; mas por cauza do vento contrario, embora tivessemos deliberado tomar refrescos ali, não nos foi possivel por pé em terra.

E' uma formoza ilha abitada prezentemente por Espanhóes, na qual crece muita cana de assucar, e bom vinhedo ; e é ela tam alta, que a podemos ver da distancia de 25 ou 30 legoas. Alguns a xamam por outro nome Pico de Tenerife, e pensam ser a que os antigos denominavam monte Atlas, donde procede a denominação do mar Atlantico.

Todavia afirmam outros, que a Gran-Canaria e o Pico de Tenerife sam duas ilhas separadas ; mas eu refiro-me ao que na verdade é.

§ 16. N'este mesmo dia domingo descobrimos uma caravéla de Portugal, a qual ficava ao nosso sotavento ; e vendo por isso os que n'ela estavam, que não poderiam rezistir nem fugir, arriaram vélas, e vieram entregar-se ao nosso vice-almirante.

Assim os nossos capitães, que já muito antes tinham combinado entre si arranjar-se (como oje se diz) com algum navio, que sempre esperaram tomar dos Espanhóes ou dos Portuguezes, meteram gente nossa na caravéla, sem licença, afim de melhor dominal-a, e assegurar-se d'ela.

Todavia por considerações que tiveram para com o mestre d'esta, diceram, que no cazo de que ele podesse rapidamente descobrir e aprezar outra caravéla n'essas paragens, lhe restituiriam a sua, e que por sua parte ele antes dezejaria, que a perda recahisse sobre o vizinho do que sobre ele ; depois do que, conforme o seo pedido, deo-se-lhe uma das nossas xalupas armada de mosquetes com 20 dos nossos soldados e parte da sua gente, e por ser verdadeiro pirata, como eu creio que o era, seguio muito adiante dos nossos navios, afim de melhormente dezempenhar o seo papel e não ser descoberto.

§ 17. Ora, costeamos então a Barbaria, abitada por Mouros, da qual estavamos afastados mais de duas leguas, e conforme foi cuidadozamente observado por muitos d'entre nós, é terra plana e tam baixa, que, quanto nossa

vista podia estender-se, sem divulgar montanhas nem outros objétos, parecia-nos, que estavamos superiores a toda essa região, a qual devia incontinente submergir-se, e que nós e os nossos navios iamos passar por cima d'ela.

E na verdade, parecendo á inspeção vizual ser assim em quazi todas as praias do mar, n'este lugar ainda mais notavel tornava-se o espectaculo, contemplando-se do outro lado o mar agitado, erguido em grande e espantoza montanha ; e recordando-me do que a este respeito diz a Escritura, eu contemplava esta obra de Deus com suma admiração.

§ 18. Volto aos nossos piratas, os quaes, como já dice, nos tinham precedido na barca, e aos 25 de Dezembro, dia de natal, encontraram uma caravéla espanhola, e dirigindo-lhe alguns tiros de mosquete, a tomaram á força e a trouxeram para junto dos nossos navios.

E como era bonita embarcação, e estava carregada de sal, isto agradou muito aos nossos capitães, e conforme a combinação, que já mencionei, de pretenderem arranjar algum navio, a trouxeram comnosco para a terra do Brazil ás ordens de Nicoláo de Villegagnon.

Verdade é, que manteve-se a promessa feita aos Portuguezes, autores da preza, de se lhes entregar a sua caravéla ; mas os nossos marinheiros (crueis como o foram n'esse lugar), pondo os Espanhóes esbulhados do seo navio de mistura com os Portuguezes, não só não deixaram a essa pobre gente um pedaço de biscouto nem de outros viveres, como tambem (o que ainda é peior) rasgaram-lhes as velas, e até tiraram-lhes o escaler, sem o qual não poderiam aproximar-se de terra nem dezembarcar ; e assim, creio eu, melhor seria então afundal-os do que deixal-os em tal estado.

Com efeito, ficando assim á mercê das ondas, si algum barco não sobreveio para socorrel-os, é certo, que por fim ou submergiram-se ou morreram de fome.

§ 19. Depois de praticada esta barbara proeza, realizada com grande pezar de muitos, fomos impelidos por vento de lessuéste, que nos era propicio, e penetramos assás no mar alto.

E afim de não ser enfadonho ao leitor, referindo particularmente todas as tomadias de caravélas, que fizemos,

direi, que no dia seguinte e depois a 29 do dito mez de Novembro aprezamos mais duas embarcações, as quaes nenhuma rezistencia ofereceram.

A primeira era de Portugal, e embora os nossos marinheiros e principalmente os que estavam na caravéla espanhola, que conduziamos, tivessem grande dezejo de saqueal-a, em razão de terem dado alguns tiros de falconete na ocazião do encontro, os nossos mestres e capitães, depois de falarem com a gente de bordo, a deixaram seguir sem lhe cauzar dano.

A outra era de um Espanhol, e d'ela tomaram vinho, biscoutos e outras victualhas. Mas o dono sobretudo lamentava a perda de uma galinha, que lhe tiraram; pois, como ele dizia, por maior tormenta que ouvesse, ela não deixava de pôr, fornecendo-lhe todos os dias um ovo fresco no seo navio.

§ 20. No domingo seguinte o omem, que estava de vigia no mastro grande do nosso navio, gritou na fórma do costume: *Vela, Vela*. Descobrimos então cinco caravelas ou navios grandes (pois os não podemos bem distinguir), e os nossos marinheiros, que se descontentarãõ, si aqui relato as suas façanhas, não perguntavam sinão onde está? isto é, entoavam canticos ante o triunfo, e já pensavam ter os navios seguros em suas mãos; mas como os ditos navios iam adiante de nós, e nós tinhamos vento contrario, e eles no entretanto singravam, e fugiam quanto podiam, não nos foi possivel alcançal-os, nem abordal-os, não obstante a violencia feita aos nossos navios, que, por amor da preza e com perigo de submergir-nos e virar de crena, armaram todas as velas.

E para que ninguem considere extraordinario o que digo aqui, e em que já antes toquei, a saber, que aprezentando-nos assim bravamente no mar, indo para a terra do Brazil, todos fugiam ou amainavam vélas diante de nós, direi mais, que embora so tivessemos trez navios (alias bem providos de artilharia, pois aquele em que eu ia trazia 18 peças de bronze e mais de 30 falconetes e mosquetes de ferro, fóra as outras munições de guerra) todavia os nossos capitães, mestres, soldados e marinheiros, a mor parte Normandos, nação tam valente e belicoza no mar como

qualquer outra que oje navegue no Oceano, tinham rezolvido n'esta jornada atacar e combater o exercito naval do rei de Portugal, si o encontrassemos, lizongeando-se de poder alcançar vitoria.

CAPITULO III

Bonitos, albacores, dourados, golfinhos, peixes-voadores, e outros de varias especies que vimos e apanhamos na zona torrida.

§ 1. Desde então tivemos mar xam, e vento tam bonançozo que fomos impelidos até 3 ou 4 gráos aquem da linha equinocial.

N'estas paragens apanhamos muitos golfinhos, dourados, albacores, bonitos e grande quantidade de outras especies de peixes; e como eu sempre julgára, que os marinheiros, dizendo que avia uma especie de peixes voadores, contavam petas, a experiencia então mostroume, que o fato era verdadeiro.

Começamos pois a ver sair do mar e levantar-se no ar cardumes de peixes voando fóra d'agua (como em terra vemos as cotovias e estorninhos) quazi da altura de uma lança, e algumas vezes na distancia de perto de 100 passos; e acontecendo frequentemente baterem alguns d'eles nos mastros dos nossos navios e cahirem no convés, nós assim facilmente os apanhavamos ás mãos.

§ 2. Para descrever este peixe, conforme o que observei n'uma infinidade, que vi e examinei, indo e regressando da terra do Brazil, direi, que é de fórma mui similhante ao arenque, embora um pouco mais comprido e mais redondo; tem pequenas barbatanas nas fauces, azas como as do morcego, e quazi tam extensas como o corpo, e é de muito bom gosto e sabor ao paladar.

Alem d'isso, como os não vi aquem do tropico de Cancer, penso (sem todavia pretender afirmar o contrario), que, amando o calor e vivendo sob a zona torrida, não ultrapassam para uma e outra banda dos polos.

Outra couza ainda observei ; e é, que esses pobres peixes voadores, quer estejam n'agua, quer no ar, nunca ficam em socego ; pois estando no mar os albacores e outros peixes grandes os perseguem para os comer, e fazem-lhes continua guerra ; e si para evitar o dano, buscam salvar-se no vôo, certas aves marinhas os pream e d'eles se alimentam.

§ 3. E para dizer tambem alguma couza d'estas aves, que assim vivem de preza no mar, sam tão mansas, que muitas vezes acontecia pouzarem nas bordas, cordas e mastros dos nossos navios, deixando-se apanhar com a mão; e por tel-as comido, e tel-as visto por fóra e por dentro, dou aqui a descrição d'elas.

Sam de plumagem parda, como os gaviões ; mas quanto ao esterior parecem tamanhas como gralhas, acontecendo todavia que quando depenadas não aprezentam mais volume do que um pardal ; de sorte que maravilha serem tão diminutas no corpo, e poderem prear e comer peixes maiores e mais volumozos do que elas; alem d'isso possuem apenas uma tripa,e têem pés xatos como os adens.

§ 4. Voltando agora a falar dos outros peixes,de que já fiz menção, direi, que o bonito, que é dos melhores no paladar, é quazi da feição das nossas carpas comuns ; todavia não tem escamas, e em nossa viagem vi muitos, que por espaço de quazi seis semanas não sahiam de roda dos nossos navios,aos quaes verosimilmente assim acompanhavam por cauza do breo e alcatrão,de que sam untados.

§ 5. Quanto aos albacores, embora sejam mui similhantes aos bonitos, todavia, tendo eu visto e comido bem boa porção d'eles, que tinham perto de cinco pés de comprimento, e tão grossos como o corpo de um omem, posso dizer,que não existe comparação entre uma e outra especie a respeito da grandeza.

Alem d'isso como este peixe albacor não é fibrozo, e pelo contrario se esmigalha e tem a carne tão friavel como a truta, aprezentando apenas uma espinha em todo o corpo e mui poucas visceras, devemos colocal-o entre os melhores peixes do mar.

Com efeito como não tinhamos com suficiencia as couzas precizas para bem preparal-o (como não têem todos

os passageiros de longas viagens) nós o preparavamos simplesmente com sal, para assar grandes postas em brazas, e o axavamos estremamente bom e saborozo guizado d'este modo.

Portanto si os senhores gulozos, que não se querem arriscar no mar e todavia (como geralmente se diz, que fazem os gatos sem molhar as patas) querem comer bom peixe, terão em terra tam facilmente como no mar, mandando-o preparar com molho da Alemanha, ou de qualquer outro modo; e duvidareis, que não lamberiam bem os dedos? Digo, si por ventura o tivessem em terra; pois, como referi do peixe voador, não penso, que estes albacores, que têem os seos pouzos principalmente entre os dois tropicos e no alto mar, aproximem-se tanto das praias, que os pescadores os possam trazer sem se estragarem e corromperem.

O que digo todavia é em relação a nós, abitantes d'este clima; porque emquanto aos Africanos, que vivem nas praias do lado de léste, e emquanto aos moradores do Perú e vizinhanças do lado do oéste, bem póde suceder, que os tenham facilmente.

§ 6. O dourado, que no meo intender é assim xamado, porque n'agua parece amarélo, e reluz como ouro puro, aproxima-se na configuração algum tanto do salmão; todavia difere d'este em ser como deprimido no dorso.

No demais porém, por tel-o provado, reputo, que esse peixe não só é melhor do que todos os supramencionados, mas tambem que nem na agua salgada nem na agua doce axar-se-á outro mais delicado.

§ 7. Emquanto aos golfinhos, sam de duas qualidades, pois quando uns têem o focinho quazi tam xato como bico de pato, outros ao contrario o têem tam redondo e rombo, que, quando põem as ventas fóra d'agua, parece-nos ver uma bóla.

Por isso em razão da similhança, que estes ultimos têem com os capuxinhos, quando estavamos no mar, os xamavamos *cabeça de frade*.

Quanto ao resto da fórma das duas especies, vi alguns de cinco a seis pés de comprimento, os quaes tinham a cauda mui larga e aprezentavam todos um furo na cabeça, por

onde não só recebiam ar e respiravam, mas tambem, nadando no mar, lançavam algumas vezes agua por essa abertura.

Mas sobretudo quando o mar começa a agitar-se, esses golfinhos, surgindo repentinamente á tona d'agua mesmo de noite, no meio das ondas e das vagas encrespadas, tornam o mar quazi verde, e parecem verdes. Apraz ouvil-os soprar e roncar de tal modo que dirieis serem realmente porcos terrestres. Quando os marinheiros os vêem d'esta sorte nadar e mover-se presagiam e asseguram proxima tempestade;o que muitas vezes vi acontecer.

E assim em tempo regular, isto é, estando o mar simplesmente ondulado, os viamos algumas vezes em tamanha abundancia, que todo o mar em redor de nós, quanto a vista podia alcançar, parecia constar de golfinhos ; e como não se deixavam apanhar tam facilmente como muitas outras especies de peixes, nem sempre os tinhamos, quando queriamos.

§ 8. Para melhor satisfazer ao leitor n'este ponto, vou ainda declarar o meio, de que vi uzarem os nossos marinheiros para os apanhar.

Um d'eles, mais acostumado e déstro em tal pescaria, conservava-se de espreita junto ao mastro do gurupés na prôa do navio, tendo na mão um arpão de ferro, encabado em uma vara da grossura e comprimento de uma lança, e amarrado em quatro ou cinco braças de corda ; e quando via aproximarem-se os bandos, escolhia o golfinho, que lhe ficava ao alcance, e arremessava esta machina com tal vigor, que, si acertava o golpe, não deixava de ferral-o.

Ficando assim ferida a preza, o arpoador solta e deixa correr a corda, cuja ponta retem firme ; depois do que o golfinho, debatendo-se e visgando-se cada vez mais, perde n'agua o sangue, e debilita-se. Então os outros marinheiros vêem em auxilio do companheiro com um ganxo de ferro, a que xamam *gafe* (tambem encabado em comprido varapáo) e á força de braços o puxam para bordo. Na nossa ida, apanhámos talvez 25 por este modo.

§ 9. A respeito das partes interiores e do intestino do golfinho, direi, que si como ao cerdo, em lugar das quatro

pernas, se separarem as quatro rebarbas, e tirarem-se as tripas (ou a fressura, si o quizerem) e as costelas, aberto e pendurado, direis ser um verdadeiro porco terrestre: tem figado com o mesmo gosto; verdade é, que a carne fresca é muito adocicada, e não é saboroza.

Quanto ao toucinho, todos os que eu vi, não tinham mais de uma polegada de gordura, e creio, que nenhum excederá de dois dedos.

E ninguem se engane, quando os negociantes e peixeiros de Paris e de outros lugares apregoam o seo toucinho de quaresma, que tem mais de quatro dedos de espessura; pois com certeza o que vendem é toucinho de balêia.

Como no ventre de alguns golfinhos, que apanhamos, axaram-se filhotes (os quaes assámos como leitões) sem nos determos no que outros já escreveram em contrario, penso, que os golfinhos, como as porcas, geram seos fetos, e não se reproduzem por meio de ovos, como quazi todos os outros peixes.

Entretanto si alguem me quizesse arguir, louvando-se para este fato antes n'aqueles que viram a experiencia, do que n'aqueles que somente leram os livros, eu não quereria outra decizão; e ninguem me impedirá de crer no que vi.

§ 10. Apanhamos igualmente muitos tubarões, que emquanto estam no mar, embora esteja este tranquilo e socegado, parecem verdes; e vê-se, que têem mais de quatro pés de comprimento com grossura proporcional; todavia por não ser a carne boa, os marinheiros só a comem em cazo de necessidade e na falta de peixe melhor.

Quanto ao mais esses tubarões têem a péle tão rija e aspera como uma lima, a cabeça xata e larga, e a boca tam rasgada como a do lobo, ou do dogue d'Inglaterra; e não só sam por isto monstruozos, mas tambem por terem os dentes cortantes e mui aguçados sam tam perigozos, que, si apanham algum omem pela perna ou por outra qualquer parte do corpo, levam o sacabocado, ou o arrastam para o fundo d'agua.

§ 11. Por isso quando os marinheiros algumas vezes banhavam-se no mar em tempo de calma, os temiam muito;

e acontecia, que quando os pescavamos (e varias vezes o fizeros com anzóes de ferro da grossura de um dedo) e estavamos no tombadilho do navio, não nos descuidavamos menos do que em terra fariamos entre cães bravios e perigozos.

Como pois esses tubarões não sam bons para alimento, e quer estejam prezos, quer estejam n'agua, não fazem sinão mal, depois de termos, como a brutos nocivos, pungido e atormentado aqueles que podiamos apanhar, como si fossem mastins raivozos, ou os matavamos com golpes de vergas de ferro, ou então cortavamos-lhes as barbatanas, e amarrando-lhes na cauda um arco de pipa, os atiravamos ao mar ; e porque, antes de poderem mergulhar, ficavam por muito tempo flutuando e debatendo-se em cima d'agua, tinhamos assim bom divertimento.

§ 12. Embora muito falte ás tartarugas, que vivem n'esta zona torrida, para serem tam exorbitantemente grandes e monstruozas que com um só casco d'elas se possa cobrir uma caza abitavel, ou fazer um barco navegavel, como Plinio diz axarem-se taes nas costas das Indias e nas ilhas do Mar-vermelho, todavia encontram-se algumas tam compridas, largas e grossas, que não é facil fazel-o acreditar a quem as não vio ; por isso de passagem aqui farei menção d'elas.

E sem fazer longo discurso, deixarei por um exemplo o leitor julgar quaes elas podiam ser, dizendo que entre outras uma foi apanhadada no navio do nosso vice-almirante de tal grandeza, que 80 pessoas, que estavam no dito navio, jantaram d'ela fartamente (vivendo como no mar se costuma em taes viagens).

A conxa oval superior, que foi tirada para mimozear ao senhor de Santa Maria, nosso capitão, tinha mais de dois pés e meio de largura, sendo forte e espessa correspondentemente. No demais a carne aproxima-se muito da do vitélo ; e sobretudo quando é lardeada e assada, oferece ao paladar o mesmo gosto d'esse animal.

§ 13. Eis pouco mais ou menos como vi apanhal-as no mar.

Em tempo bom e calmo (pois do contrario pouco aparecem) elas sobem e permanecem em cima d'agua, e apenas o sol aquece-lhes as costas e o casco, e elas não podem mais suportar o calor, viram-se e voltam ordinariamente o ventre para cima afim de refrescar; então os marinheiros, vendo-as d'este modo, aproximam-se na sua barca o mais placidamente possivel, e quando estam perto, as suspendem pelos dois cascos com esses ganxos de ferro, de que falei, e então á força de braços ás vezes de quatro e cinco omens as puxam e trazem comsigo no batel.

§ 14. Eis aqui sumariamente o que pretendi dizer das tartarugas e dos peixes, que então apanhamos; pois adiante ainda falarei dos golfinhos, das balêias, e de outros monstros marinhos.

CAPITULO IV

Equador ou linha equinocial, e tambem tempestades, inconstancia dos ventos, calôres, sêde e outros incomodos, que tivemos e passamos nas vizinhanças e sob a mesma linha.

§ 1. Para voltar á nossa navegação direi, que, faltando-nos bom vento aos 3 ou 4 gráos áquem do equador, tivemos então não só tempo muito máo, e entremeado de xuvas e calmaria, mas tambem dificil e mui perigoza navegação nas proximidades da linha equinocial, e ahi observei, que, por cauza da inconstancia dos diversos ventos que sopram conjuntamente, não obstante andarem os nossos trez navios mui perto uns dos outros, não podiam os diretores do rumo e do leme seguir marxa uniforme e cada navio era impelido por vento diferente; de tal sorte que, como em um triangulo, um ia para léste, outro para o norte, e outro para o oéste.

Verdade é, que isso não durava muito, pois subitamente levantavam-se tufões, a que os marinheiros da Normandia xamam *grains* (borrasca), os quaes depois de nos esbarrarem algumas vezes completamente, de repente davam com tal violencia sobre as nossas velas, que maravilhava não nos virarem cem vezes os mastros para baixo e a quilha para cima, isto é, revolverem tudo ás avessas.

§ 2. Além d'isso a xuva debaixo e nas vizinhanças d'esta linha não só é fetida e xeira màl,mas tambem é tam contagioza, que,si cáe nas carnes de alguem, levanta pustulas e grossas empôlas, e até manxa e estraga as roupas.

Ainda mais: o sol é ardentissimo, e além dos fortes calores, que padeciamos, ainda sucedia não termos, fóra das duas parcas comidas, agua doce nem outra bebida com suficiencia; por isso eramos tam cruelmente vexados pela sêde, que por minha parte,e por têl-a experimentado, faltou-me quazi o folego e a respiração, e perdi a fala por espaço de mais de uma óra.E eis por que em taes necessidades n'essas longas viagens os marinheiros ordinariamente dezejam, como suprema ventura, ver o mar convertido em agua doce.

§ 3. Si alguem, para não imitar a Tantalo morrendo de sêde no meio d'agua, perguntar si não seria possivel em tal extremidade beber ou pelo menos refrescar a boca com agua do mar, responderei a quem inculcar a receita de fazel-a coar em cêra, ou destilal-a por outra qualquer fórma (acrecendo que os abalos e movimentos de navios flutuantes no mar não permitem fazer fornos, nem prezervar as garrafas de quebrarem-se), que a questão não é delibar e menos engolir, salvo si querem lançar as tripas e os intestinos logo depois de a ingerir no estomago.

Todavia quando a vemos em vidro, ela é tão clara, pura e limpida esteriormente, como nenhuma agua de fonte nem de róxa o será.

E alèm d'isso (couza que admiro, e entrego á disputa dos filozofos), si meteis n'agua do mar toucinho, ou outras carnes e peixes por mais salgados que sejam, perderão o sal melhormente e mais depressa do que se conseguirá n'agua doce.

§ 4. Ora, proseguirei no meo assunto dizendo, que o cumulo da nossa aflição n'essa zona ardente foi tal, que, por cauza das grandes e continuas xuvas, que tinham penetrado até os paióes, estragou-se e mofou a nossa bolaxa; e como cada um de nós tinha mui pouca munição, e eramos obrigados não só a comel-a apodrecida, mas tambem a não esperdiçal-a, sob pena de perecer á fome, engoliamos os vermes (que constituiam metade da ração) fazendo de tudo migalhas ou bolas.

Além d'isso a nossa aguada estava tam corrompida, e por isso tam xeia de bixos, que, tirada a agua das vazilhas, onde estava depozitada a bordo, não avia quem a não repugnasse; mas o que era muito peior era, que, quando a bebiamos, precizavamos ter a taça em uma das mãos, e tapar o nariz com a outra.

§ 5. O que porém direis vós, delicados senhores, que quando vos molesta o calor, depois de mudar a camiza e tervos penteado bem, tanto apreciaes repouzar em elegante sala fresca, sentado em boa cadeira, ou em leito macio, e que tambem não sabeis tomar a vossa refeição, si acazo não estiverem a louça bem luzidia, os copos bem enxaguados, os guardanapos brancos como a neve, o pão limpo da codea, a carne, por mais delicada que seja, bem preparada e servida, e o vinho ou outra qualquer bebida limpida como esmeralda? Querereis embarcar para viver por tal maneira?

Como não vol-o aconselho, e menos dezejos ainda tereis, quando ouvirdes o que nos aconteceo no regresso d'America, por isso eu vos pediria, que, quando se falasse de mar e sobretudo de taes viagens, não conhecendo vós as couzas sinão pelos livros, ou o que ainda peior é, tendo sómente ouvido falar aqueles que nunca as experimentaram, não vendaes os vossos cacaréos (como geralmente se diz) aos devotos de São Miguel, isto é, que n'este ponto vos demoreis um pouco, e deixeis discorrer aqueles que padeceram taes trabalhos e têem pratica das couzas, as quaes, a falar verdade, não se podem bem insinuar no cerebro nem no entendimento dos omens, sem que eles (como diz o proverbio) comam pão amassado pelo rabo do demo.

§ 6 Ao que acrecentarei tanto sobre o primeiro assunto, em que toquei relativamente á variedade dos ventos, tempestades, xuvas, insétos, calores, como relativamente ao que em geral se vê no mar, principalmente sob o equador, que vi um dos nossos pilotos xamado João de Meun, de Onfleur, o qual embora não soubesse A nem B, tinha-se todavia, por longa experiencia de suas cartas, do astrolabio, e da balestilha, aperfeiçoado tanto n'arte da navegação, que em qualquer momento, e especialmente durante as tormentas, faria calar um douto personagem (que não nomearei), o qual no nosso navio em tempo calmo triunfava no ensino da teoria.

Não se julgue por isso, que eu condene, ou queira de qualquer modo censurar as siencias, que se adquirem e aprendem nas escolas e pelo estudo dos livros ; não é esta a minha intenção ; pedirei porém, sem sugeitar-me á opinião de outrem, que jamais se me alegue razão contra a experiencia. Peço pois aos leitores, que me tolerem, si, recordando-me do nosso pão podre e das nossas aguas fétidas, e tambem dos outros incomodos, por que passamos, e comparando isto com a opipara meza d'esses grãos senhores, tenho-me um pouco exacerbado contra eles na prezente digressão.

§ 7. Por cauza das sobreditas dificuldades, e pelas razões adiante mais amplamente espostas, muitos navegantes, depois de consumirem todos os viveres n'essas paragens, isto é, na zona torrida, sem poderem ultrapassar o equador, viram-se forçados a arribar e regressar do ponto, a que tinham xegado.

Quanto a nós, depois da mizeria já relatada, parámos, volteámos e retrocedêmos por espaço de sete semanas nas adjacencias d'essa linha ; finalmente pouco a pouco d'ela nos aproximámos, e quiz Deos, a nossos rogos, mandar-nos vento de nordeste, e no quarto dia de Fevereiro investimos sobre ela.

§ 8. Esta linha denomina-se equinocial, não so por que em todos os tempos e estações os dias e as noites sam sempre iguaes, mas tambem por que, quando o sol está sobre ela, o que acontece duas vezes no anno, a saber, a 11 de Março

e a 13 de Setembro* os dias e as noites sam tambem iguaes em todo o mundo; de tal sorte que os abitantes dos dois pólos artico e antartico somente n'estes dois dias do anno partecipam do dia e da noite, e logo no seguinte dia uns e outros (cada um por sua vez) perdem o sol de vista por meio anno.

N'este sobredito dia pois, 4 de Fevereiro, em que passamos pelo centro, ou antes cintura do mundo, os marinheiros praticaram as ceremonias por eles costumadas em tam dificil e perigoza passagem.

Para lembrança dos que nunca passaram o equador, os amarram com cordas e mergulham no mar, ou com trapos passados no fundo das caldeiras lhes tisnam e sujam o rosto, si o paciente não se resgata e livra-se d'isso, como eu fiz, pagando-lhes o vinho.

§ 9. Assim sem interrupção singramos com bom vento nordeste até 4 gráos alem da linha equinocial. Dahi começamos a ver o pólo antartico, que os marinheiros da Normandia xamam estrêla do sul, perto da qual, como então observei, estam outras estrelas em cruz, a que xamam cruzeiro do sul.

Provavelmente por isso alguem já escreveo, que os primeiros navegantes, que em nossos tempos fizeram esta viagem, referiam, que perto d'este pólo antartico ao sul, avista-se quazi sempre uma nubecula branca e quatro estrelas em cruz com mais trez, que se assimilham ao nosso setentrião.

Ora, muito tempo já avia, que tinhamos perdido de vista o pólo artico; e aqui direi de passagem, que não so, conforme alguns pensam (e parece tambem provar-se pela esfera) não podemos ver os dois pólos, quando estamos debaixo do equador, mas tambem não podemos ver nem um, nem outro, e é precizo estar afastado quazi 2 gráos do lado do norte ou do sul para ver o artico ou o antartico.

§ 10. No decimo terceiro dia do dito mez de Fevereiro, quando o tempo estava limpo e claro, depois de terem os nossos pilotos e mestres de navio tomado altura

* O autor escrevia antes da reforma gregoriana do calendario. O equinocio oje é a 21 de Março e 22 de Setembro.

com o astrolabio, asseguraram-nos, que tinhamos o sol no zenit e a zona tam réta e diréta sobre a cabeça que mais não podia ser.

E de fato, embora por experiencia colocassemos no convés punhaes, facas, ponteiros e outros objétos, os raios solares davam por tal sorte a prumo, que n'esse dia, principalmente ao meio-dia, não vimos sombra alguma em nosso navio.

Quando xegamos aos 12 gráos, tivemos tormenta, que durou por trez ou quatro dias. E depois d'isto (caindo no extremo oposto) o mar ficou tam manso e calmo, que durante esse tempo os nossos navios pareciam fixos n'agua; e si o vento se não levantasse para nos fazer passar alem, nunca nos abalariamos dali.

§ 11. Ora, em toda a nossa viagem não tinhamos ainda visto balêias; mas n'essas paragens não so vimos balêias, como as tivemos assás perto para bem observal-as, e apareceo-nos uma, que, surgindo perto do nosso navio, cauzou-me tamanho susto, que realmente emquanto a não vi demover-se, pensei ser um roxedo, contra o qual o nosso navio ia bater e despedaçar-se.

Observei, que quando ela quiz mergulhar, levantou a cabeça fóra d'agua, e lançou ao ar pela boca mais de duas pipas d'agua; depois sumio-se, e fez tal e tam medonho redomoinho, que novamente temi, que, arrastados após ela, nos submergissemos n'essa voragem. E na verdade (como nos Salmos e em Job se diz) é um orror ver esses monstros marinhos folgar a belprazer n'essa imensidão das aguas.

§ 12. Vimos tambem golfinhos, que, acompanhados por varias especies de peixes, todos dispostos e ordenados como uma companhia de soldados em seguimento do seo capitão, pareciam de côr avermelhada dentro d'agua, e um ali esteve, que por seis ou sete vezes, como si nos quizesse comprazer e agradar, girou e volteou ao redor do nosso navio.

Em compensação d'isso fizemos toda a diligencia para apanhal-o; mas ele, fazendo déstra retirada com o seo regimento, impedio-nos de o aprezar.

CAPITULO V

Descobrimento e primeira vista que tivemos tanto da India ocidental ou terra do Brazil, como dos selvagens abitantes d'ela com tudo quanto nos aconteceo no mar até o tropico de Capricornio.

§ 1. Depois d'isto tivemos vento do oéste, que nos era propicio, e durou-nos tanto, que, no vigecimo-sesto dia de Fevereiro de 1557, cahido na festa da natividade, quazi pelas 8 óras da manhan, tivemos vista da India ocidental ou terra do Brazil, quarta parte do mundo, desconhecida dos antigos, tambem xamada America em razão do nome d'aquele que pelos annos de 1497 primeiramente a descobrio.

Ora, não é precizo perguntar, si, achando-nos tam proximos do lugar, que buscavamos na esperança de pormos brevemente pé em terra, alegramos-nos, e rendemos graças a Deos com boa vontade. De fato, como avia perto de quatro ou cinco mezes, que sem vêr porto nos moviamos e flutuavamos no mar, muitas vezes sobresaltou-nos a idéa de axarmos-nos como exilados, e de não podermos jamais sair de tal exilio.

§ 2. Portanto, depois de termos observado e percebido bem claramente, que o que descobriamos era terra firme (pois frequentemente enganamos-nos com nuvens que se desvanecem) tendo vento propicio e aproando a terra, no mesmo dia (indo adiante o nosso almirante) viemos surgir e ancorar meia legua perto de uma terra e lugar montuozo xamado Uassú * pelos selvagens; onde, depois de pormos n'agua o escaler, e de termos, conforme o costume de quem xega n'esse paiz, disparado alguns tiros de artilharia para advertir os abitantes, vimos repentinamente grande numero de omens e de mulheres na praia do mar.

Nenhum dos nossos marinheiros, que para ali tinham viajado, reconheceo bem o sitio; entretanto os selvagens eram da nação dos Maracajás, aliada dos Portuguezes, e

* O autor escreve: —*Huuassou.*

por consequencia inimiga dos Francezes, e si nos apanhassem, certamente não teriamos pago resgate algum, mas lhes teriamos servido de pasto, depois de mortos e espostejados.

§ 3. Começamos então por ver logo, mesmo n'este mez de Fevereiro (no qual por cauza do frio e do gelo todas as couzas estam ainda sumidas e ocultas no seio da terra aqui e em quazi toda a Europa) as florestas, arvores, e ervas d'esse paiz tam verdes como as da nossa França nos mezes de Maio e Junho: o que sucede em todo o anno e em todas as estações n'esta terra do Brazil.

Ora, não obstante essa inimizade dos nossos Maracajás com os Francezes, a qual eles e nós dissimulamos quanto podiamos, o nosso contra-mestre, que sabia engrolar a sua linguagem, meteo-se n'um escaler com alguns marujos, e dirigio-se para a praia, onde viamos os selvagens reunidos em grandes magotes.

§ 4. Todavia a nossa gente não se fiava n'eles sinão com muita cautela, afim de obviar o perigo de serem agarrados e moqueados, isto é, assados; por isso aproximando-se de terra, ficaram todavia fóra do alcance de suas frexas.

Assim os nossos marujos mostraram-lhes de longe facas, espelhos, pentes e outras bugiarias, com as quaes os xamavam e pediam viveres; apenas alguns, que aproximaram-se o mais possivel, ouviram as nossas vozes, não fizeram-se mais rogados, e apressaram-se com outros a procurar os nossos companheiros.

D'este modo o nosso contra-mestre em seo regresso trouxe-nos farinha fabricada de certa raiz, que os nossos selvagens comem em lugar de pão, pernas e carne de certa especie de javali com outras victualhas e frutas, que o paiz produz em abundancia; e n'esta ocazião seis homens e uma mulher não opuzeram dificuldade em embarcar para nos virem ver no navio, aprezentarem-se-nos, e darem-nos as boas vindas.

§ 5. E porque foram os primeiros selvagens, que vi de perto, deixo-vos pensar, si os olhei e contemplei atentamente; e embora rezerve-me para descrevel-os e pintal-os minuciozamente em lugar proprio, todavia quero desde já dizer aqui de passagem alguma couza a respeito d'eles.

Primeiramente tanto os homens como as mulheres estavam tão completamente nús como quando sahiram do ventre materno : todavia para aprezentarem-se mais galhardos estavam pintados e manxados de preto por todo o corpo. Além d'isso os omens traziam a parte dianteira da cabeça tosqueada rente á maneira de uma corôa de frade, e tinham na parte posterior os cabelos compridos, que estavam aparados ao redor do pescoço, como entre nós fazem as pessoas que andam de cabeleira.

Ainda mais : todos tinham o labio inferior furado e fendido, e cada um trazia metida no beiço uma pedra verde, mui polida, convenientemente aplicada, e como engastada, a qual era da largura e redondeza de um tostão, e a tiravam e metiam, quando queriam.

Ora, eles trazem taes couzas, julgando ficar assim mais bem adornados; mas, para dizer a verdade, quando tiram a pedra, a grande fenda do labio inferior figura segunda bôca, e isso os afeia estremamente.

Quanto á mulher, além de não ter o beiço fendido, trazia, como todas as demais mulheres de lá, os cabelos compridos; mas em relação ás orelhas as tinha tam cruelmente furadas, que se poderia meter o dedo atravez dos buracos, e trazia n'elas grandes pendurezas de osso branco, as quaes batiam-lhe nos ombros.

Rezervo-me para a diante refutar o erro d'aqueles que nos quizeram fazer crer, que os selvagens sam cabeludos.

§ 6. Antes de se separarem de nós, aqueles de quem falo, os omens, e principalmente dois ou trez velhos, que pareciam ser os mais notaveis da sua freguezia (como cá dizemos) afirmavam, que avia nas suas terras o mais excelente páo-brazil, que se poderia encontrar no paiz, e prometiam ajudardar-nos a cortar e conduzir a madeira, e tambem a ministrar-nos viveres, fazendo todo o esforço para persuadir-nos a carregar o nosso navio.

Como porém eles eram nossos inimigos, como já fica dito, isto tendia a xamar-nos astuciozamente e fazer-nos pôr pé em terra, para terem vantagem sobre nós, e depois nos desbaratarem, e comerem ; e porque era nosso

intento dirigir-nos a outros lugares, não nos detivemos ali.

§ 7. Assim depois que os nossos Maracajás com grande admiração viram a nossa artilharia e tudo quanto quizeram no navio, por consideração a perigozas consequencias (como a possibilidade de pagarem o dano outros Francezes, que dezapercebidos ali aparecessem) não os quizemos molestar nem reter; e pedindo eles regresso para terra em busca dos seos companheiros, que na praia os esperavam, tratamos de pagar e satisfazer os viveres, que nos tinham trazido.

E porque entre eles não uzam de moeda, o pagamento, que lhes fizemos, foi de camizas, facas, anzóes de pescaria, espelhos e outras mercadorias e veniagas proprias para o trafico d'esse povo.

Mas, por fim de contas, assim como esta boa gente, totalmente nua, na sua xegada não tinha sido avára em mostrar-nos tudo quanto trazia, assim tambem ao partir já vestidos de camizas, que lhes deramos, quando iam sentar-se no escaler (não estando acostumados a trazer roupa, nem vestuario de qualquer especie) as arregaçaram até o embigo, afim de as não estragar, e descobriram o que antes convinha ocultar, querendo ainda, ao despedirem-se, que lhes vissemos as nadegas e o trazeiro.

Não temos aqui onestos cavalheiros e invejavel cortezia de embaixadores?

§ 8. Pois não obstante o proverbio tam comun na boca de todos nós, a saber, que a carne nos é mais conxegada e mais cara do que a camiza, eles ao contrario para mostrar, que assim não eram bem ospedados com a magnificiencia de seo paiz em nossa caza, aprezentavam-nos o sedeiro, prefirindo as camizas á propria péle.

Ora, depois de tomarmos alguns refrescos n'esse lugar, não obstante nos pareceram em principio ruins as viandas, que tinham trazido, não deixámos todavia de comel-as, atenta a necessidade: no dia seguinte, que era um domingo, levantámos ancora, e démos á vela.

§ 9. Assim costeando a terra na direção do ponto, para onde pretendiamos ir, apenas navegámos nove ou dez legoas, axámos-nos no lugar de um fortim dos Portuguezes

por eles denominado Espirito-Santo (e pelos selvagens Moab), os quaes reconheceram a nossa tripolação bem como a da caravéla, que traziamos (que julgaram termos tomado aos seos compatriotas) e dirigiram-nos trez tiros de canhão, aos quaes respondemos com trez ou quatro contra eles; como porèm estavamos muito fóra do alcance da artilharia, eles não nos ofenderam, assim tambem nós, segundo creio, a eles não ofendemos.

Proseguimos pois em nosso caminho, e costeando sempre a terra passámos perto do lugar xamado Itapemirim, (1) onde, na entrada da terra firme e na embocadura do mar, estam pequenas ilhas; e creio, que os selvagens abitantes d'esse lugar sam amigos e aliados dos Francezes.

Pouco mais adiante, aos 20 gráos, abitam os Parahibas, (2) outros selvagens, em cujas terras, como já observei, vêem-se pequenas montanhas ponteagudas e com a fórma de xaminé.

§ 10. No primeiro dia de Março estavamos na altura de pequenos baixos, isto é, escolhos e restingas entremeadas de pequenos roxedos prolongados para o mar, os quaes os marinheiros, com temor de bater n'eles, evitam, afastando-se quanto podem.

No lugar d'esses baixos descobrimos e avistámos bem claramente uma terra plana, a qual na extensão de quinze legoas é possuida e abitada pelos Goitacazes, (3) selvagens tam ferozes e bravios, que não podem viver em paz com outros, e têem sempre guerra aberta e continua não só com todos os seos vizinhos, mas tambem com todos os estrangeiros.

Quando sam apertados e perseguidos por seos inimigos (os quaes ainda os não poderam vencer nem domar) andam tam rapidos a pé, e correm tam ligeiros, que não só d'este modo evitam o perigo da morte, mas tambem no exercicio da caça apanham na carreira certos animaes silvestres, especie de veados e corsas.

(1) O autor escreve: —*Tapemeri.*
(2) O autor escreve: —*Paraibes.*
(3) O autor escreve: —*Ouetacas.*

Andam nús, assim como o fazem todos os Brazileiros, e trazem os cabelos compridos e pendentes até as nadegas, contra o costume mais ordinario dos omens d'esse paiz, os quaes (como já dice, e ainda mais amplamente direi) tonsuram o cabelo na frente, e o cerceam na nuca.

§ 11. Em suma esses diabolicos Goitacazes, invenciveis n'esta limitada região, comedores de carne umana como cães e lobos, e possuidores de linguagem não entendida pelos vizinhos, devem ser considerados e postos na ordem das nações mais barbaras, crueis e terriveis, que se possam axar em toda a India ocidental e terra do Brazil.

E como não têem, nem querem ter conhecimento nem trafico com os Francezes, Espanhóes e Portuguezes, nem com outras gentes tranzatlanticas, por isso ignoram em que consistem as nossas mercadorias.

§ 12. Todavia, conforme o que depois eu ouvi de um interprete da Normandia, quando os seos vizinhos os procuram e eles os querem agazalhar, eis o seo modo e maneira de permuta.

O Maracajá, Carijó, ou Tupinambá, * (que sam os nomes das trez nações vizinhas), ou outro qualquer selvagem d'esse paiz, sem fiar-se nem aproximar-se do Goitacaz, mostra-lhe de longe o que tem, quer seja fouce, faca, pente, espelho ou qualquer outra mercadoria ou veniaga, que traz, e dá-lhe a intender por sinaes, si quer trocar isso por outra couza. Si o convidado por seo lado concorda, mostra-lhe em reciprocidade plumas, pedras verdes, que põem nos beiços, ou outras couzas das que têem no seo territorio, e combinam o lugar a 300 ou 400 pés de distancia, onde o ofertante depozita em uma pedra ou pedaço de páo o objéto da permuta, e afasta-se para o lado ou para traz.

Depois d'isto o Goitacaz vem tomar o objéto, e deixa no mesmo lugar a couza, que mostrára, e arredando-se do lugar permitirá, que o Maracajá, ou quem quer que seja, venha buscal-a; entretanto mantem seos compromissos.

Feita porém a troca, apenas cada qual volta e ultrapassa os limites, em que a principio se aprezentára,

---

* O autor escreve:—*Margaiat, Cara ia, Tououpiñambaoult.*

rompem-se as tregoas, e então cada um procura alcançar e agarrar o companheiro, afim de arrebatal-o com o que trazia; e deixo ao vosso criterio decidir, si o Goitacaz, corredor como o galgo, terá vantagem, e si, em perseguição do o seo competidor, acelerará a carreira.

Pelo que não sou de parecer, que vam negociar nem permutar com este gentio os coixos, ou gotozos, ou outros mal empernados, que não queiram perder as suas mercadorias.

§ 13. E' verdade, que, conforme se diz, os Biscainhos tambem têem linguagem especial, e por serem, como sabemos, facetos e ageis reputam-se os melhores lacaios do mundo; e assim como os poderiamos n'estes dois pontos comparar com os nossos Goitacazes, assim tambem parece, que seriam mui idoneos para jogar com eles a malha.

Tambem poderiamos pôr em paralélo certos omens moradores na região da Florida, perto do rio de Palmas, os quaes (como se tem dito) sam tam fortes e ligeiros na carreira, que acompanham um veado, e correm um dia inteiro sem descansar, bem como os grandes gigantes, que vivem no rio da Prata, os quaes tambem (diz o mesmo autor) sam tam ageis, que na carreira agarram com as mãos certos cabritos ali existentes.

Soltando porém rédeas ao pescoço e largando a tréla a todos esses corseis e cães corredores de dois pés, para deixal-os ir celeres como o vento e algumas vezes tambem (como é verosimil) dando furibundas cambalhotas, cair como xuva, uns em lugares diversos da America (distantes todavia uns dos outros, principalmente os das proximidades do Prata e da Florida, mais de 1.500 legoas) e outros na nossa Europa, passarei ao fio da minha istoria.

§ 14. Depois de termos assim costeado e deixado atrás de nós a terra d'esses Goitacazes, passámos á vista de outra região proxima, xamada Macahé *, abitada por outros selvagens, dos quaes apenas direi, que pelas couzas sobreditas cada qual póde julgar, si eles não fazem

* O autor escreve: — *Maq-he*.

gosto (como se costuma dizer), nem tratam de dormir perto de vizinhos tam brutaes e inquietos madrugadores, como sam os Goitacazes,

Nas suas terras e á borda do mar vê-se uma grande róxa erguida em fórma de torre, a qual, quando o sol lhe bate em cima, reluz e sintila tanto, que pensam alguns ser ela uma especie de esmeralda; e com efeito os Francezes e Portuguezes, que por ali viajam, a denominam Esmeralda de Macahé.

Dizem, que o lugar, onde ela está, fica rodeado de uma infinidade de pontas de pedra á flôr d'agua, que avançam pelo mar quazi duas legoas, e por isso ninguem póde ter ingresso por esse lado; e tambem consideram, que por parte de terra é inteiramente inaccessivel.

§ 15. Igualmente existem trez pequenas ilhas xamadas ilhas de Macahé, junto das quaes fundeámos, e dormimos uma noite; e velejando no dia seguinte, pensavamos n'esse mesmo dia xegar ao Cabo-frio, * mas em vez de progredirmos, tivemos vento tam contrario, que foi precizo arribar e voltar para o ponto, donde tinhamos partido pela manhan, e onde estivemos ancorados até quinta-feira á tarde; e como vereis, pouco faltou para ali ficarmos definitivamente.

Pois na quarta-feira 2 de Março, dia em que principiava a quaresma, depois de a terem os marinheiros festejado, como é costume, aconteceo, quazi pelas 11 óras da noite, quando começavamos a repouzar, levantar-se tam subita tempestade, que o cabo, que sustentava a ancora do nosso navio, não pôde rezistir ao impeto das vagas furiozas; e o nosso navio, assim combatido e agitado pelas ondas, impelido como era para o lado da praia, veio a ficar apenas em duas braças e meia d'agua (o menos que podia ter para flutuar descarregado), e pouco faltou para bater na areia e naufragar.

§ 16. E com efeito o mestre e o piloto, que sondavam á proporção que o navio descahia, em vez de serem os mais imperturbaveis e animarem os companheiros, quando

* O autor escreve: — *Cap de Frie.*

viram, que tinhamos xegado a tal ponto de perigo, clamaram duas ou trez vezes:— Estamos perdidos.

Todavia os nossos marinheiros com grande diligencia lançaram outra ancora, que permitio Deos ficar segura; e isto impedio de sermos levados sobre os roxêdos de uma d'essas ilhas de Macahé, os quaes, sem duvida alguma e sem esperança de salvação nossa (tam violento estava o mar), teriam despedaçado o nosso navio.

Este temor e assombro durou quazi trez óras, durante as quaes de nada servia gritar—bombordo! estibordo! segura o leme! mete de ló! ala a bolina! larga a escota! porque isto só se faz em pleno mar, onde os marinheiros não temem tanto a tormenta quanto temem perto de terra, como então estavamos.

§ 17. Ora, a nossa aguada, ja dice, estava corrompida, e vindo a manhan, e cessada a tormenta, alguns dos nossos marujos foram procurar agua fresca em uma d'essas ilhas dezabitadas, e axámos todo o terreno d'ela coberto de ovos e de aves de diversas qualidades, aliás diferentes das nossas, e por não estarem acostumadas a ver gente, eram tam mansas, que se deixavam apanhar á mão ou matar a pauladas; por isso enxemos o nosso escaler com porção d'elas, e trouxemos para o nosso navio quanto podemos.

E embora fosse este o dia xamado de cinzas, os nossos marinheiros, aliás verdadeiros catolicos romanos, xeios de apetite em razão do trabalho da noite precedente, não ezitaram em comer de taes aves.

E certamente quem contra a doutrina prohibio em certos tempos e em determinados dias o uzo da carne aos cristãos, não tinha ainda penetrado n'esse paiz, onde não é nova a pratica das leis d'esta supersticioza abstinencia, e parece dever o lugar dispensal-os do preceito.

§ 18. Na quinta-feira, em que partimos d'estas trez ilhas, tivemos vento tam á feição, que no dia seguinte quazi pelas quatro óras da tarde xegámos ao Cabo-frio, enseada e porto dos mais afamados d'esse paiz para a navegação dos Francezes.

Ali, depois de fundeados, e depois de darmos alguns tiros de artilharia para sinal aos abitantes, o capitão e

mestre do navio com alguns de nós outros, dezembarcamos, e axamos na praia grande numero de selvagens xamados Tupinambás, * aliados e confederados da nossa nação, os quaes, alem do agrado e bom acolhimento, que nos fizeram, deram-nos noticia de Paicolás (assim xamavam eles a Nicoláo de Villegagnon); com o que mui contentes ficamos.

§ 19. N'este mesmo lugar (com rede e anzoes que traziamos) pescámos grande quantidade de peixe de variadas especies, todas diversas das nossas de cá. Entre outros peixes porém avia um todo sarapintado, disformissimo e monstruozo, o qual por esta cauza quero descrever aqui.

Era quazi tamanho como um vitélo de anno, e tinha focinho do comprimento de quazi cinco pés com largura de pé e meio, armado de dentes de uma e outra banda, tam afiados e cortantes como uma serra; de modo que quando o vimos em terra mover tam rapido essa tromba mestra, coube prevenir-nos, sob pena de sermos maltratados, e clamar uns aos outros, que acautelassem as pernas.

A carne era tam dura que não obstante termos todos bom apetite, e a termos cozinhado por mais de 24 óras, não a podemos jamáis comer.

Além d'isso foi tambem ahi, que pela primeira vez vimos papagaios voando muito alto e em bandos, como fazem os pombos e gralhas na nossa França, e tambem, como então observei, andam sempre em cazaes e juntos, quazi á maneira das nossas rôlas.

§ 20. Ora, estando nós assim na distancia de 25 ou 30 legoas do lugar aonde pretendiamos xegar, nada dezejavamos mais do que ahi aportar com toda a brevidade; por esta cauza não tivemos em Cabo-frio detença tam longa, como queriamos.

Por isso na tarde d'esse mesmo dia, preparadas e desfraldadas as vélas, singrámos tam vantajozamente, que no domingo, 7 de Março de 1557, deixámos o alto mar á esquerda do lado de léste, e entrámos no braço

---

* O autor escreve :— *Tououpinambaults,* como sempre o faz.

de mar e rio d'agua salgada, xamado Guanabara pelos selvagens e Geneure * pelos Portuguezes, que assim o denominaram, em consequencia de o terem descoberto no primeiro dia de Janeiro, como dizem.

§ 21. Conforme já mencionei no capitulo primeiro d'esta istoria, e adiante ainda descreverei mais circunstanciadamente, axamos Nicoláo de Villegagnon rezidindo, desde o anno precedente, em uma pequena ilha situada n'este braço de mar; e depois que na distancia de quazi um quarto de legoa o saudámos com tiros de canhão, e ele por sua parte nos correspondeo, viemos emfim surgir e ancorar junto á dita ilha.

Eis em suma qual foi a nossa navegação, e o que nos aconteceo e vimos, indo para a terra do Brazil.

CAPITULO VI

Nosso dezembarque no fortim de Coligni, na terra do Brazil; acolhimento que nos fez Nicoláo de Villegagnon e comportamento tanto relativamente á religião como ás demais partes do seo governo n'esse paiz.

§ 1. Depois que os nossos navios entraram no porto d'este rio de Guanabara, mui perto da terra firme, cada qual arranjou e trouxe a sua pequena bagagem para os escaleres e fomos todos dezembarcar na ilha e fortim de Coligni.

E porque nos viamos então livres dos riscos e perigos, de que tantas vezes estiveramos cercados no mar, e tambem por termos sido conduzidos tam felizmente ao porto dezejado, a primeira couza que fizemos, depois de pôr pé em terra, foi todos juntos dar graças a Deos.

Feito isto, fomos ter com Nicoláo de Villegagnon, que esperava-nos em lugar conveniente, saudamos todos

---

* Os Portuguezes certamente diriam—*Rio de Janeiro*, que os Francezes converteram em—*Geneure*. O autor escreve sempre—*Ganabara*.

uns aos outros; e ele com semblante rizonho, como parecia, recebeo-nos, abraçando e fazendo mui bom acolhimento.

§ 2. Depois d'isto o senhor Dupont, nosso condutor, com Pedro Richier e Guilherme Chartier, ministros do Evangelho, declararam logo a cauza principal, que nos movera a fazer esta viagem, e passar o mar com tantas dificuldades para ir ter com ele, a saber, conforme as cartas por ele escritas para Genebra, que era para erigir n'esse paiz uma igreja reformada, concordante com a palavra de Deos; e ele respondendo ao esposto, uzou d'estas formaes palavras:

« Quanto a mim, tenho na verdade desde muito tempo, e de todo o meo coração dezejado tal couza, e recebo-vos de mui bôa vontade com estas condições; até porque dezejo, que a nossa igreja tenha fama de ser a mais bem reformada de todas. Desde já quero, que os vicios sejam reprimidos, que o luxo do vestuario seja reformado, e em suma que do meio de nós remova-se tudo quanto nos possa impedir de servir a Deos.»

Depois, levantando os olhos ao céo e juntando as mãos, dice:— Senhor Deos, rendo-te graças de me teres enviado o que desde tanto tempo tenho ardentemente pedido.

E de novo aos nossos companheiros dice: — Meos filhos (pois quero ser vosso pai), assim como Jezus Cristo n'este mundo nada fez para si, e tudo fez por nós, assim tambem eu (esperando que Deos me conserve a vida até que nos fortifiquemos n'este paiz e possaes despensar-me) tudo quanto pretendo fazer aqui é para todos aqueles que vêem ao mesmo fim que vós viestes. Delibero constituir aqui um refugio para os pobres fieis, que fôrem perseguidos em França, na Espanha, e em outra qualquer parte de além-mar, afim de que, sem temor do rei, nem do imperador ou de outros potentados, possam servir a Deos com pureza, conforme a sua vontade.

Eis as primeiras propozições, que Nicoláo de Villegagnon dirigio-nos por ocazião da nossa xegada, que foi n'uma quarta feira decimo dia de Março de 1557.

§ 3. Depois d'isto mandou logo reunir toda a sua gente comnosco em uma pequena sala, que avia no meio da ilha, e depois que o ministro Pedro Richier invocou a Deos e cantou-se em côro o salmo quinto nas palavras: — Quero dizer etc., o dito ministro, tomando por tema estas palavras do salmo vegesimo setimo : — Pedi ao senhor uma couza que ainda reclamarei, e é que eu abite na caza do Senhor todos os dias de minha vida — fez a primeira predica no fortim de Coligni na America.

Durante ela Nicoláo de Villegagnon, pretendendo espor a materia, não cessou de juntar as mãos, levantar os olhos para o céo, dar altos suspiros, e fazer varios outros gestos, com que cauzava admiração a todos nós

Por fim acabadas as preces solenes, conforme o ritual costumado das igrejas reformadas em França, e determinado para elas um dia em cada semana, dissolveo-se a reunião.

§ 4. Nós, os recem-xegados, ficamos e jantamos n'esse dia na mesma sala, onde por vianda tivemos farinha feita de raizes, peixe moqueado, isto é, assado á maneira dos selvagens, e outras raizes cozidas no borralho (das quaes couzas e dos seos prestimos, para não interromper agora a minha espozição, falarei em outro logar), e por bebida, porque não existe n'esta ilha fonte, poço, nem rio, agua de uma cisterna ou antes de um esgoto de toda a xuva, que cahia na ilha, a qual agua era tam esverdinhada, porca e suja, como é um xarco antigo coberto de rans.

Verdade é, que esta agua tam fetida e corrompida ainda axavamos bóa em comparação da que bebiamos no navio, como atraz fica dito.

Finalmente o nosso ultimo manjar, para refazer-nos dos trabalhos do mar, foi conduzirem-nos dali para carregar pedras e terra para esse fortim de Coligni, cuja construção proseguia.

Foi este o bom tratamento, que nos deo Nicoláo de Villegagnon desde o primeiro e grato dia da nossa xegada.

Além d'isso, á noite, quando tratou-se de arranjar apozento, o senhor Dupont e os dois ministros foram acomodados em uma camara tal qual no meio da ilha, e

afim de obzequiar a nós outros da religião, deram-nos um cazebre, que um selvagem escravo de Nicoláo de Villegagnon acabava de cobrir de ervas e construir ao seo modo á borda do mar, e ahi, na fórma do costume dos Americanos, penduramos lençóes e leitos de algodão para nos deitarmos suspensos no ar.

§ 5. Assim logo no dia seguinte e nos posteriores, Nicoláo de Villegagnon, sem necessidade forçoza, sem nenhuma atenção a estarmos mui debilitados pelo tranzito do mar, sem consideração ao calor que ordinariamente faz n'esse paiz, e sem atender á parca alimentação, que tinhamos, que era para cada um por dia duas taças de farinha dura, feita de raizes, de que acima falei (de parte da qual com essa agua turva da dita cisterna faziamos papa, como a gente do paiz, e o resto comiamos seco), obrigounos a carregar terra e pedras para o seo fortim e isto com tal diligencia que forçava-nos, apezar dos nossos incomodos e da nossa debilidade a rezistir ao labor desde a madrugada até a noite; e bem parecia, que ele tratava-nos um pouco mais rudemente do que o dever de bom pai (como dicera na nossa xegada querer tratar-nos) exigiria para com seos filhos.

Todavia tanto pelo dezejo, que tinhamos, de que se concluisse tal edificio e refugio, que ele dizia querer fabricar para os fieis n'esse paiz, como porque o nosso mestre Pedro Richier, nosso mais antigo ministro, afim de mais encorajar-nos, dizia, que tinhamos axado novo S. Paulo em Nicoláo de Villagagnon (como de fato nunca ouvi alguem falar melhor da religião e reforma cristan como ele então fazia), não ouve nenhum de nós, que alegremente se não empregasse, para assim dizer, além de suas forças, por espaço de quazi um mez, na execução de um mister, a que aliás não estavamos acostumados.

E posso afirmar, que Nicoláo de Villegagnon injustamente queixa-se; porque, emquanto professou o Evangelho n'esse paiz, tirou de nós todo o serviço, que exigio.

§ 6. Ora, para voltar ao assunto principal, devo dizer, que desde a primeira semana, em que xegamos, Nicoláo de Villegagnon não só constituio, mas tambem ele proprio

estabeleceo esta ordem, a saber, que além das preces publicas que faziam-se todas as noites, depois de findo o trabalho, os ministros pregariam duas vezes no domingo e nos dias de trabalho durante uma ora; declarando tambem expressamente, que ele queria e dezejava, que sem contemplações umanas fossem os sacramentos administrados conforme a palavra pura de Deos, e que no de mais fosse a diciplina eclezia-tica aplicada contra os pecadores.

Conforme esta policia ecleziastica, no domingo 21 de Março, em que pela primeira vez celebramos a santa ceia de nosso senhor Jezus-Cristo no fortim de Coligni,na America, os ministros,com a devida antecedencia, prepararam e catechizaram todos aqueles que deviam comungar,porque não tinham bôa opinião de um tal João Cointa, que ora apelidava-se senhor Eitor, ora doutor da Sorbona, o qual tinha passado o mar comnosco : foi rogado, que, antes de aprezentar-se á comunhão, fizesse confissão publica da sua fé; o que ele fez, e por este modo perante todos abjurou o papismo.

§ 7. Igualmente quando terminou o sermão, Nicoláo de Villegagnon, aparentando zêlo, levantando-se, e alegando que os capitães, mestres de navio, marujos e outras pessoas ahi prezentes ainda não tinham professado a religião reformada, nem eram capazes de tal misterio, os fez sahir, e não quiz, que vissem administrar o pão e o vinho.

Além d'isso ele proprio, conforme dizia, para dedicar o seo fortim a Deos e para fazer confissão de sua fé em face da igreja, ajoelhou-se em um coxim de veludo (que o pagem ordinariamente trazia atraz d'ele), e pronunciou em voz alta duas orações, das quaes obtive cópia; e afim de que cada um melhor compreenda quanto era ingrato conhecer o coração e o interior d'esse omem, aqui as ensiro palavra por palavra sem mudar uma só letra.

§ 8. «Meo Deos, abre os olhos e a boca do meo entendimento, prepara-os para te dirigir confissão, preces e ações de graças pelos excelentes bens, que nos tens feito! Deos onipotente, vivo e imortal, pai eterno de teo filho Jezus-Cristo, nosso senhor, que por tua providencia com teo filho governas todas as couzas no céo e na terra, assim

como por tua bondade infinita fizeste ouvir os teos escolhidos desde a creação do mundo, especialmente por teo filho, que enviaste á terra, pelo qual te manifestas, tendo dito em voz alta : Ouvi-o ;— e depois de tua acenção por teo espirito-santo difundido sobre os apostolos : — reconheço de coração ante a tua magestade e perante a tua igreja, plantada por graça tua n'este paiz, que nunca axei, pela prova que fiz e pelo ensaio de minhas forças e prudencia, sinão que o exito, que podemos ter é tudo obra pura das trevas, sapiencia da carne, poluta no zêlo da vaidade, tendente apenas ao fim e utilidade do meo corpo.

Portanto protesto e confesso francamente, que sem a luz do teo espirito santo não sou idoneo sinão para pecar ; e despojando-me de toda a gloria, quero, que se saiba de mim,que, si existe luz ou sentelha de virtude na obra pia, que por meo intermedio fizeste, a atribuo a ti só, fonte de todo o bem.

N'esta fé pois, meo Deos, te rendo graças de todo o meo coração, por te averes dignado xamar-me dos negocios mundanos, entre os quaes vivia por apetite de ambição, aprazendo-te por inspiração do teo espirito-santo colocar-me no lugar, onde com toda a liberdade eu possa servir-te com todas as minhas forças para aumento de teo santo reino.

E assim faço para preparar lugar e morada pacifica para aqueles que estam privados de invocar publicamente o teo nome para santificar-te e adorar o teo nome em espirito e verdade, reconhecer teo filho, nosso senhor Jezus Cristo, e ser o unico mediador, nossa vida e consolo, e o unico merito da nossa salvação.

Além d'isso eu te agradeço, oh! Deos de suprema bondade, porque, conduzindo-me a este paiz de ignorantes de teo nome e da tua grandeza, mas possuidos de Satan, como erança sua, tu me prezervaste da sua malicia, embora fôsse eu destituido de forças umanas ; mas tu lhes incutiste terror de nós por fórma tal que com a simples menção nossa tremem de medo, e os despersaste para alimentar-nos com o seo trabalho.

E para refrear a sua brutal impetuozidade, os afliges com trez crueis molestias, preservando-nos d'elas ; tiraste

da terra os que nos eram mais perigozos, e reduziste os outros a tal fraqueza, que nada ouzam enpreender contra nós.

Por cujo motivo tendo eu ocazião de lançar raizes n'este lugar e assim tambem a companhia, que te aprouve trazer aqui sem perturbação, estabeleceste o regimen de uma igreja para manter-nos em unidade e temor de teo santo nome, afim de guiar-nos para a vida eterna.

Ora, Senhor, pois que te aprouve estabelecer em nós o teo reino, peço-te por teo filho Jezus Cristo, de quem quizeste fazer ostia para confirmar-nos em tua predileção, que aumenteis as tuas graças e a nossa fé, fortificando-nos e iluminando-nos com teo santo espirito, para dedicar-nos ao teo serviço por tal fórma que todo o nosso esmero empregue-se em tua gloria; queiras tambem, senhor e pai nosso, estender a tua benção sobre este sitio de Coligni e paiz da França antartica para que seja inespugnavel refugio d'aqueles que com bôa consiencia e sem ipocrizia ahi se abrigarem para dedicar-se comnosco á exaltação da tua gloria, e possamos invocar-te no seio da verdade, sem a perturbação dos eréges.

Permití tambem, que o teo Evangelho reine n'este lugar, fortificando os teos servos para que não caiam no erro dos epicuristas e outros apóstatas; mas sejam constantes em perseverar na verdadeira adoração da divindade, conforme a tua santa palavra.

Praza a ti tambem, oh! Deos de suma bondade, proteger o rei, nosso soberano e senhor, segundo a carne, sua mulher, sua progenie e seo conselho, o senhor Gaspar de Coligni, sua mulher, e sua progenie, conservando-os na vontade de manter e favorecer esta tua igreja; e queiras a mim, teo umilissimo escravo, dar prudencia para dirigir-me, de sorte que me não desvie do verdadeiro caminho e possa rezistir a todos os obstaculos, que Satan me possa opor na auzencia do teo auxilio; que te reconheçamos perpetuamente por nosso Deos mizericordiozo, justo juiz, e conservador de todas as couzas com teo filho Jezus Cristo, reinante comtigo, e teo Espirito-Santo, baixado sobre os apostolos.

Cria pois em nós um coração réto, mortifica-nos com o

pecado, regenera-nos como omen interior para vivermos com justiça, sugeitando nossa carne para tornal-a idonea para as ações da alma inspirada por ti, e fazermos a tua vontade na terra, como no céo fazem os anjos.

Mas para que a urgencia de satisfazer as nossas necessidades nos não faça cair em pecado por desconfiança da tua bondade, queiras prover a nossa vida e conservar a nossa saude.

E assim como a carne terrestre com o calor do estomago converte-se em sangue e nutrimento do corpo, assim tambem queiras nutrir e sustentar as nossas almas com a carne de teo filho até consubstanciar-se ele em nós e nós n'ele; expelindo toda a malicia (pasto de Satan) e subrogando em lugar d'ela a caridade e fé, afim de sermos conhecidos de ti como teos filhos; e quando te ouvermos ofendido, permiti, senhor de mizericordia, lavar os nossos pecados no sangue de teo filho, lembrando-te que somos concebidos na iniquidade, e que naturalmente pela dezobediencia de Adão em nós rezide o pecado.

Além d'isso conhece, que a nossa alma não póde executar o santo dezejo de obedecer-te pelo orgão do corpo imperfeito e rebelde.

Igualmente pelos merecimentos de teo filho Jezus Cristo não nos imputes as nossas faltas, antes nos imputes o sacrificio da sua morte e paixão, que pela fé temos sofrido com ele, tendo penetrado n'ele pelo recebimento do seo corpo no misterio da eucaristia.

Da mesma forma concede-nos graça para que perdoemos aos que nos ofenderam, e em vez de vingança procuremos o seo bem, como si fossem nossos amigos, seguindo assim o exemplo de teo filho, que pedio por aqueles que o perseguiram.

E quando formos instigados pela lembrança dos bens, esplendores; pompas e onras d'este mundo, estando aliás abatidos pela pobreza e pelo pezo da cruz de teo filho, seja a tua vontade exercer-nos para tornar-nos obedientes, e para que, engolfados na felicidade mundana, não nos rebelemos contra ti, sustenta-nos e adoça a agrura das aflições, afim de que estas não sufoquem a semente, que lançaste em nossos corações.

Nós te regamos tambem, pai celestial, que nos guardes das tentações, com que Satañás busca desviar-nos ; preserva-nos dos seos ministros e dos selvagens insensatos, no meio dos quaes te aprouve trazer-nos e conservar ; livra-nos dos apostatas da religião cristan espalhados no meio d'eles ; e sejas servido xamal-os á tua obediencia, afim de que se convertam, o teo Evangelho se publique por toda a terra, e em todas as nações se anuncie a tua bemaventurança.

Que vivas e reines com teo Filho e o Espirito-Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.»

§ 9. « Jezus-Cristo, filho de Deos vivo, eterno e consubstancial, esplendor da gloria de Deos, sua imagem viva, por quem foram feitas todas as couzas, tu viste o genero umano condenado pelo infalivel juizo de Deos, teo pai, em consequencia da culpa de Adam, o qual poderia gozar da vida do reino eterno, tendo sido creado por Deos de terra não poluida por semente viril, donde se póde tirar necessidade de pecado, dotado de toda a virtude, com liberdade de amplo arbitrio de conservar-se na sua perfeição, todavia incitado pela sensualidade da carne, solicitado e movido pelos inflamados dardos de Satan, deixou-se vencer, e assim incorreo na ira de Deos ; do que seguia-se a infalivel perdição dos omens sem ti, senhor nosso : tu, movido por tua immensa e indivizivel caridade, te aprezentaste a Deos, teo pai, umilhando-te a ponto de substituires a Adam para sofrer todas as ondas do mar da indignação de Deos, teo pai, para nossa purificação.

E assim como Adam fôra feito de barro não corrompido, sem semente viril, foste concebido do Espirito-Santo em uma virgem para ser feito e formado em verdadeira carne, como a de Adam, sugeita á tentação, e constantemente exercitada mais que a de todos os omens, sem pecado ; e finalmente querendo admitir por ti em teo corpo o de Adam e toda a sua posteridade, alimentando as suas almas com a tua carne e o teo sangue, tu quizeste sofrer morte, afim de que, como membro de teo corpo, eles se alimentassem em ti, e agradassem a Deos, teo pai, oferecendo tua morte em satisfação das suas ofensas, como si fôssem seos proprios corpos.

E assim como o pecado de Adam se inoculára na sua posteridade, e pelo pecado a morte, tu quizeste e impetraste de Deos, teo pai, que tua justiça fôsse imputada aos crentes, os quaes, pela manducação da tua carne e do teo sangue, tu fizeste uns comtigo, e transformaste em ti como alimentados por tua carne e substancia, seo verdadeiro pão, para viverem eternamente como filhos da justiça e não da ira.

Ora, pois que aprouve-te fazer-nos tantos bens, e sentado á mão direita de Deos, teo pai, és ahi eternamente constituido nosso intercessor e soberano sacerdote, conforme a ordem de Melchizedec, tem piedade de nós, conserva-nos, fortifica e aumenta a nossa fé, oferece a Deos, teo pai, a confissão que faço de coração e boca, em prezença da tua igreja, santificando-me por teo espirito, como prometeste, dizendo : – Não vos deixarei o fão.

Aumenta a tua igreja n'este lugar, de modo que em plena paz aqui sejas adorado com pureza.

Que vivas e reines com ele e com o Espirito-Santo por todos os seculos eternamente. Amen. »

§ 10. Findas estas duas preces, Nicoláo de Villegagnon aprezentou-se logo na meza do Senhor, e recebeo de joelhos o pão e o vinho da mão do ministro.

Entretanto verificamos logo o justo conceito de um antigo escritor, quando dizia, que é dificil simular a virtude por muito tempo;e assim percebiamos, que avia apenas ostentação no seo procedimento. Embora ele e João Cointa tivessem abjurado publicamente o papismo,tinham todavia mais dezejos de discutir e contender do que de aprender e aproveitar; por isso não tardaram muito em mover disputas relativas á doutrina.

E principalmente sobre o ponto da ceia: ambos regeitavam a transubstanciação da igreja romana, como opinião que eles diziam abertamente ser grosseira e absurda, e tambem não aprovavam a consubstanciação; por isso consentiam, que os ministros ensinassem e provassem com a palavra de Deos, que o pão e o vinho não se convertiam realmente em corpo e sangue do Senhor, o qual por isso não se encerrava n'essas duas especies materiaes assim

como Jezus Cristo está no céo, donde aliás, por virtude do seo Espirito-Santo, comunica-se em alimento espiritual aos que recebem os sinaes da fé.

Ora, como quer que seja, Nicoláo de Villegagnon e João Cointa diziam estas palavras : — Este é meo corpo, este é o meo sangue – e ellas não podem significar sinão que ali se contém o corpo e sangue de Jezus Cristo.

§ 11. Si perguntardes porem : como pois as entendiam eles, visto dizeres, que rejeitavam as duas sobreditas opiniões da transubstanciação e da consubstanciação ?

Como nada sei a esse respeito, por isso creio firmemente, que eles nada entendiam ; pois quando se lhes mostrava por outras passagens, que essas palavras e locuções sam figuradas, isto é, que a Escritura costuma xamar e apelidar os sinaes do sacramento com o nome da couza significada, embora eles não podessem refutar com argumentos procedentes para provar o contrario, nem por isso deixavam de continuar obstinados ; de tal sorte que sem saber como isto se fazia, queriam comtudo não só naturalmente, mas tambem espiritualmente comer a carne de Jezus Cristo ; e o que era peior, á maneira dos selvagens xamados Goitacazes, de que atraz falei, os quaes mastigam e engolem a carne crua.

§ 12. Todavia Nicoláo de Villegagnon, aprezentando sempre rosto alegre e protestando não dezejar sinão ser bem instruido, mandou para a França o ministro Guilherme Chartier em um dos navios (o qual, depois de carregado de páo-brazil e de outras mercadorias do paiz, partio a 4 de Junho com destino de voltar), afim de que sobre a contenda da ceia trouxesse as opiniões dos nossos doutores e principalmente a do mestre João Calvino, a cujo parecer dizia ele querer submeter-se.

E com efeito por muitas vezes o ouvi dizer e repetir estas palavras: — O senhor João Calvino é um dos mais doutos personagens, que tem aparecido depois dos apostolos, e não li doutor, que, no meo entender, tenha melhor e mais puramente esposto e tratado a Escritura Santa do que ele o tem feito.

§13. Por isso para mostrar, que ele o acatava, na resposta dada ás cartas, que lhe trouxemos, não só lhe participou

mui longamente qual o seo estado em geral, porém mui particularmente (como dice no prefacio e ainda se vê no fim do original da sua carta com data do ultimo de Março de 1557, que temos bem guardada) escreveo com tinta de páo-brazil e do seo proprio punho o seguinte:

« Acrecentarei o conselho, que me destes em vossas cartas, esforçando-me com toda vontade por não desviar-me d'ele em couza alguma. Pois de fato estou bem persuadido, que não póde aver outro mais santo, réto e perfeito. Por tanto mandamos lêr as vossas cartas em reunião do nosso conselho, e depois registal-as, afim de que, si nos desviarmos do bom caminho, sejamos pela leitura d'elas advertidos e apartados do estravio.»

Tambem um tal Nicoláo Carmeau, que foi portador d'essas cartas, e que partira no primeiro dia de Abril no navio *Rozee*, ao despedir-se de nós, dice-me, que Nicoláo de Villegagnon lhe determinára, que vocalmente dicesse ao senhor João Calvino, que ele lhe rogava, que acreditasse, que, para perpetuar a memoria do conselho. que lhe dera, ia mandar graval-o em cobre; como tambem encarregara o dito Nicoláo Carmeau de lhe trazer de França algumas pessoas, omens, mulheres e meninos, prometendo satisfazer e pagar todas as despezas, que os sectarios da religião fizessem com o arranjo d'essa gente.

§ 14. Antes porém de passar adiante, não quero omitir aqui a menção de 10 rapazes selvagens de idade de 9 a 10 annos, e de menos, tomados na guerra pelos selvagens amigos dos Francezes, e vendidos como escravos a Nicoláo de Villagagnon, os quaes depois que o ministro Pedro Richier, no fim de uma predica, impôz as mãos sobre eles, e todos rogamos a Deos lhes fizesse a graça de serem os primeiros d'esse pobre povo xamados ao conhecimento da sua salvação, foram embarcados nos navios, que, como dice, partiram a 4 de Junho para irem para a França, onde os ditos rapazes xegaram e foram aprezentados ao rei Enrique Segundo, então reinante, sendo depois dados de mimo a varios magnatas, e entre outros deo um d'eles ao falecido senhor de Passi, que o mandou batizar, e eu depois do meo regresso o reconheci em caza d'este senhor.

Além d'isso aos 3 dias de Abril, dois mancebos, criados de Nicoláo de Villagagnon, despozaram na ocazião da predica, á maneira das igrejas reformadas, duas d'essas raparigas, que tinhamos trazido de França para este paiz.

§ 15. Do que aqui faço menção, não só porque foram as primeiras nupcias e cazamentos feitos e solenizados ao modo cristão na terra da America, mas tambem porque muitos selvagens, que nos tinham vindo vêr, ficaram mais admirados de vêr mulheres vestidas (pois antes nunca tinham visto) do que de vêr as ceremonias ecleziasticas, as quaes aliás lhes eram totalmente desconhecidas.

Igualmente aos 17 de Maio João Cointa despozou outra rapariga, parenta de um tal Laroquete de Rouen, a qual transpassára o mar comnosco; mas tendo este falecido algum tempo depois da nossa xegada ali, deixou esta sua parenta como erdeira de toda a fazenda, que trouxera e consistia em grande quantidade de facas, pentes, espelhos, frizas de côr, anzóes de pescaria, e outros insignificantes objétos proprios do trafico com os selvagens; o que conveio a João Cointa, que soube arranjar tudo.

As outras duas raparigas (pois, eram cinco, como vimos no nosso embarque) foram tambem logo depois cazadas com dois interpretes da Normandia (*truchemens*), de sorte que não ficaram mais entre nós mulheres nem raparigas cristans por cazar.

§ 16. E para não calar o que era louvavel nem o que era censuravel em Nicoláo de Villegagnon, direi de passagem, que, por cauza de certos Normandos, que muito tempo antes d'ele xegar a esse paiz tinham se salvado de um navio, que naufragára, e aviam ficado entre os selvagens, onde viviam sem temor a Deos, e se amaziavam com mulheres e raparigas (como vi alguns que tinham filhos já de 4 a 5 annos de idade), tanto para reprimir isso como para obviar, que d'aqueles que faziam sua rezidencia em nossa ilha e em nosso fortim não abuzassem por essa fórma, Nicoláo de Villegagnon, ouvido o parecer do conselho, prohibio sob pena de morte, que ninguem, que tivesse o titulo de cristão, abitasse com as mulheres dos selvagens.

E' certo, que a ordenança determinava, que, si algumas fossem atrahidas e xamadas ao conhecimento de Deos, seria permitido despozal-as, depois de serem batizadas.

Mas assim sendo, não obstante as admoestações por nós muitas vezes feitas a esse povo barbaro, não apareceo um só individuo, que deixasse o antigo vezo, e quizesse confessar Jezus Cristo como seo salvador; por isso em todo o tempo, em que lá estive, não vi Francez algum, que tomasse mulher selvagem.

§ 17. Todavia como esta lei tinha claro fundamento na palavra de Deos, foi por isso tam exatamente observada, que nenhum dos sequazes de Nicoláo de Villegagnon, nem nenhum dos nossos companheiros a transgredio; e embora depois do meo regresso eu tenha ouvido dizer, que ele, quando estava na America, poluia-se com as mulheres selvagens, darei testemunho, de que ninguem em nosso tempo d'isto o suspeitava.

E o que mais é: ele tam severamente recommendava a observancia da sua ordenança, que em certa ocazião, algumas pessoas da sua maior confidencia tiveram de interceder por um trugimão, que, indo á terra firme, fora convencido de ter copulado com uma mulher, de que outr'ora abuzava, afim de que fosse punido com a cadeia no pé e posto entre os escravos, quando Nicoláo de Villegagnon, o queria enforcar.

Pelo que sei pois em relação a sua pessoa como a outros individuos, ele era louvavel n'este ponto; e prouvera a Deos, que para o adiantamento da igreja, e para o fruto, que muita gente agora receberia, ele se tivesse portado tam acertadamente em todas as outras cousas.

§ 18. Guiado porém no mais, como era, por um espirito contraditorio, não pôde contentar-se com a simplicidade, que a Escriptura mostra aos verdadeiros cristãos deverem ter a respeito da administração dos sacramentos: xegou o dia de pentecostes seguinte, em que celebramos a ceia pela segunda vez, e ele (infringindo diretamente o que tinha dito, quando estatuio a ordem da igreja, como acima vimos, a saber, que queria, que todas as invenções umanas fôssem regeitadas) alegou, que

S. Cipriano e S. Clemente tinham escrito, que na celebração da ceia cumpria pôr agua e vinho, e não só pretendia obstinadamente, que isso se fizesse, mas tambem afirmava e queria, que crêssemos, que o pão consagrado aproveitava ao corpo e á alma.

Além d'isso sustentava, que cumpria pôr sal e oleo na agua do batismo, e que um ministro não podia cazar-se em segundas nupcias, citando a passagem de S. Paulo a Timoteo, quando diz, que o bispo seja marido de uma só mulher.

Em suma não querendo mais depender de outro conselho além do seo, aliás sem fundamento na palavra de Deos para o que dizia, rezolveo absolutamente mover tudo ao seo caprixo.

§ 19. Mas afim de que conheçam todos como ele argumentava tanazmente, aprezentarei aqui apenas uma d'entre muitas sentenças da Escriptura, que ele alegava, pretendendo com elas provar as suas propozições.

Eis pois o que um dia ouvi ele dizer a um dos seos sequazes : — Não leste no Evangelho do leprozo, que este dice a Jezus Cristo : Senhor, si quizeres, podes limpar-me, e que apenas Jezus dice : Quero, fica limpo, o leprozo ficou são ?

Assim (afirmava este bom espozitor) quando Jezus Cristo dice : Este é o meo corpo — cumpre crêr sem interpretação alguma, que ele ali está, e deixemos essa gente de Genebra falar.

Não é pois isto interpretar bem uma passagem por outra ? E' certamente tam cabido como o conceito d'aquele que nos debates de um concilio alegou, que como está escrito : Deos creou o omen á sua imagem— convém por isso ter imagens.

Portanto julguemos agora por este exemplo da teologia escolar de Nicoláo de Villegagnon, que tamanho rumor levanta sobre a sua pessoa, si, tendo siencia tam perfeita da Escritura, não era bastante (como jata-se depois da sua apostazia) tanto para fexar a boca de João Calvino, como para fazer frente nas disputas a todos quantos não quizessem aceitar a sua doutrina.

Poderia accrecentar muitas outras propozições tam ridiculas como a precedente, que o ouvi proferir

relativamente a esta materia dos sacramentos. Mas como, quando ele voltou á França, não só Pedro Richier (Petrus Richelius) o pintou com todas as suas côres, mas tambem outros depois o almofaçaram e escovaram completamente, temo enfadar os leitores, e agora nada mais direi.

§ 20. N'esse tempo João Cointa, querendo tambem mostrar a sua sapiencia, começou a dar lições publicas; mas tendo principiado pelo Evangelho de S. João (materia tal e tam sublime como o sabem os que professam teologia) descorria tam a propozito as mais das vezes como commumente se diz das *magnificat* para matinas; todavia era n'esse o paiz unico sustentaculo de Nicoláo de Villegagnon para impugnar a verdadeira doutrina do Evangelho.

E aqui dirá talvez alguem: — Como pois calava-se então o frade franciscano André Tevet, que na sua Cosmografia tanto se queixa de que os ministros enviados á America por João Calvino, invejozos de seos bens, e ambicionando-lhe o encargo, o impedissem de ganhar as almas desgarradas do pobre povo selvagem, conforme os seos proprios termos?

Era mais afeiçoado aos barbaros do que á defeza da igreja romana, de que faz-se fortissima coluna?

§ 21. A resposta a este embuste de André Tevet n'este lugar será, como já em outra ocazião o dice, que ele estava de regresso em França antes da nossa xegada a esse paiz; por isso peço de novo aos leitores para notarem aqui de passagem, que, si ainda não fiz nem farei menção alguma d'ele em todo o prezente discurso a respeito das disputas, que Nicoláo de Villegagnon e João Cointa tiveram comnosco no forte de Coligni na terra do Brazil, é porque ahi nunca ele vio os ministros, de que fala, nem estes tambem o viram.

Esse bom catolico André Tevet, como já provei no prefacio d'este livro, não esteve ahi no tempo em que la estivemos; por tanto existia um intervalo de 2.000 leguas de mar entre nós e ele para impedir, que os selvagens por nossa cauza caissem sobre ele e o matassem (como contra a verdade ouzou escrever), e não precizava alimentar o mundo com taes frioleiras para alegar outro exemplo do seo zelo além do que diz ter tido na conversão

dos selvagens, si os ministros o não tivessem impedido ; pois de novo digo, que isto é falso.

§ 22. Ora, volto ao meo assunto. Logo depois d'esta ceia de pentecostes, Nicoláo de Villegagnon declarou abertamente ter mudado da opinião outr'ora manifestada a respeito de João Calvino, e sem esperar por sua resposta mandada pedir em França por via do ministro Pedro Chartier, dice, que ele era um máo eretico transviado da fé ; e com efeito mostrou-nos desde então má vontade, e dizendo que queria, que a predica não durasse mais de meia óra do fim de Maio em diante, mui poucas vezes a ela assistia.

Direi em concluzão, que a dissimulação de Nicoláo de Villegagnon se nos patenteou tam clara, que, conforme vulgarmente se diz, conhecemos logo com que lenha ele se aquecia.

Agora si nos perguntarem o que motivou tal revolução direi, que alguns dos nossos sustentavam, que o cardeal de Lorena e outros persouagens lhe aviam escrito de França pelo mestre de um navio, que n'esse tempo veio a Cabofrio, 30 legoas aquem da ilha, onde estavamos, censurando-o acremente em suas cartas por aver deixado a religião catolica romana, e que, receiozo da arguição, mudára subitamente de opinião.

§ 23. Todavia depois do meo regresso ouvi dizer, que Nicoláo de Villegagnon ainda antes de partir de França, para melhor servir-se do nome e autoridade do falecido senhor almirante de Chastillon, e tambem para poder mais facilmente abuzar da igreja de Genebra em geral e de João Calvino em particular (tendo como vimos no começo d'esta istoria escrito a uns e a outros afim de obter gente que o buscasse) aconselhara-se com o dito cardeal de Lorena para mascarar-se com a religião.

Como quer que seja porém, posso assegurar, que na ocazião da sua rebeldia, como si tivesse um carrasco na consiencia, tornou-se tam pezarozo, que jurava a cada momento pelo corpo de Santiago (seo juramento ordinario), que quebraria a cabeça, braços e pernas do primeiro que o importunasse, e ninguem ouzava mais buscar a sua prezença.

E porque vem a propozito, referirei a maldade, que n'esse tempo o vi praticar com um Francez xamado Laroche, que ele conservava prezo em grilhões.

Tendo-o pois feito deitar de costas no xão mandou por um dos seos satelites dar-lhe tanta pancada no ventre, que o paciente quazi perde o folego e a respiração; e depois que o pobre omen ficou assim maxucado de um lado, esse dezumano verdugo dizia :—Corpo de Santiago, frascario, faze outra!

E com incrivel piedade deixaria assim esse pobre corpo estendido, quebrantado e semi-morto, si d'ele não precizasse para trabalhar no seo oficio, pois era marcineiro.

Geralmente outros Francezes, que ele conservava prezos pelo mesmo motivo, porque prendera Laroche, a saber, por que em razão do máo tratamento, que lhes dava antes da nossa xegada a esse paiz, tinham conspirado entre si para lançal-o ao mar; e estando mais estragados do que si estivessem nas galés, alguns dentre eles, carpinteiros amestrados, abandonaram a ilha e preferiram antes ir para terra firme viver com os selvagens (que aliás os tratavam mais umanamente) do que permanecer com ele.

§ 24. Talvez 30 ou 40 omens e mulheres selvagens Maracajás, que os Tupinambás, nossos aliados, tinham aprezado na guerra, e tinham vendido como escravos, eram ahi tratados ainda mais cruelmente.

E com efeito uma vez o vi mandar amarrar a um d'eles, xamado Mingau, em uma peça de artilharia; e por uma couza que nem repreenção merecia, mandou derreter toucinho, e derramar bem quente nas nadegas do paciente: por isso esta mizera gente dizia repetidas vezes em sua lingua: — Si pensassemos, que Paicolá (assim xamavam eles a Nicoláo de Villegagnon) nos trataria d'este modo, deixariamos antes que os nossos inimigos nos comessem do que virmos procural-o.

Eis ligeiro traço da sua umanidade; e eu aqui passaria sem falar mais d'ele, si já não tivesse mencionado, que, quando puzemos pé em terra na sua ilha, ele nos dice pozitivamente, que dezejava, que fôsse reformada a superfluidade dos vestuarios.

E' precizo pois, que eu ainda diga qual o bom exemplo e a boa pratica, que n'este ponto mostrou.

§ 25. Ele não só tinha grande quantidade de roupas de seda e lan, que antes queria deixar apodrecer nas suas arcas, do que com elas vestir a sua gente (parte da qual aliás estava quazi toda nua), mas tambem possuia camelões de todas as côres. Mandou fazer para si seis trages de muda para todos os dias da semana; a saber: cazaca e calções todos iguaes, vermelhos, amarelos, pardos, brancos, azues e verdes: de sorte que, si isso assentava bem á sua idade, profissão e proeminencia, que pretendia ter, cada qual o póde julgar. Nós conheciamos pouco mais ou menos pela côr do vestuario, que ele trajava, de que umor estaria n'esse dia; como quando vemos a verdura e a amarelidão dos campos, assim podemos dizer, si temos ou não bôa estação.

Sobretudo porèm quando vestia comprido cazaco de camelão amarélo, bandado de veludo preto, desvanecia-se com esse trage, e diziam os seos mais gracizos sequazes, que ele então parecia menino travesso.

Portanto si aquele ou aqueles que depois do seo regresso para cá o mandaram pintar nú. como selvagem, em cima do fundo de grande marmita, tivessem noticia d'esse formozo cazaco, não duvidamos, que por joias e ornatos tambem lhe o dariam, como fizeram com a cruz e a flauta pendentes do pescoço.

Si alguem agora dicer, que não tenho razão para procurar couzas minimas (como na verdade confesso não valer a pena tocar principalmente n'este ultimo ponto), respondo a isto, que como Nicoláo de Villegagnon aprezentou-se qual Rolando furiozó contra os da religião reformada, especialmente depois do seo regresso á França, voltando-lhes assim as costas, parece-me dever cada um saber como ele portou-se em todas as religiões, que seguio; e acrece, que, pela razão já mencionada no prefacio, muito convem, que eu diga tudo quanto sei.

§ 26. Ora, finalmente depois que por via do senhor Dupont lhe fizemos saber, que, visto ele repudiar o Evangelho, não eramos mais seos subditos, nem queriamos mais estar ao seo serviço, e menos queriamos continuar a

carregar barro e pedra para o seo fortim, julgou ele enxer-nos de pasmo, isto é, fazer-nos morrer de fome, si o podesse, e prohibio, que nos dessem mais de duas taças de farinha de raiz, que cada um de nós costumava receber por dia, como já dice.

Mas isto longe esteve de incomodar-nos, porque além de termos mais farinha por uma foice, ou por duas ou trez facas que davamos aos selvagens (os quaes frequetemente vinham nas suas pequenas barcas ver-nos na ilha, ou nós iamos procural-os nas suas aldeias) do que ele nos distribuia em meio anno, ficamos satisfeitissimos com tal recuza por ver-nos inteiramente fóra da sua sugeição. Entretanto si ele fosse mais forte, e si parte da sua gente e alguns dos nossos principaes companheiros não tomassem o nosso partido, não duvidamos, que ele então arranjasse mal os nossos negocios, isto é, teria tentado domar-nos por força.

§ 27. E com efeito para tentar, si o poderia conseguir, quando em certa ocazião um fulano João Gardien e eu xegamos de volta de terra firme (onde d'esta vez estivemos entre os selvagens quazi 15 dias), fingio ignorar a permissão, que antes da nossa partida pediramos ao senhor Barré, seo lugar-tenente, e pretendeo assim, que transgrediramos a ordenança, que fizera prohibindo, que ninguem saisse da ilha sem licença; por cuja cauza não só nos quiz prender, mas, o que peior era, ordenara, que nos pozessem grilhões aos pés, como aos seos escravos.

E estivemos em tanto maior perigo quanto o senhor Dupont, nosso diretor (o qual, como alguns companheiros nossos diziam, atenta a sua qualidade, muito abatia-se ante ele), em vez de nos sustentar e impedir o ato, pedia-nos, que por um dia ou dois sofressemos a pena, porque nos faria libertar, quando passasse a colera de Nicoláo de Villegagnon.

Mas declaramos formalmente, que não suportariamos o castigo, tanto por que não tinhamos infringido a ordenança, como principalmente porque já lhe tinhamos declarado, que nada dependiamos d'ele, por ter ele rompido a promessa de manter-nos no exercicio da religião evangelica, não obstante o exemplo de tantos outros que

ele conservava em grilhões, e viamos diariamente diante de nossos olhos ser tam cruelmente tratados.

Ouvindo ele esta resposta, e sabendo tambem que, si quizesse passar além, estavamos 15 ou 16 companheiros tam unidos e ligados pela amizade, que quem ofendesse a um ofenderia a todos, como se diz, não nos forçou, abrandou e dezistio do intento.

§ 28. E' além d'isto certo, como tantas vezes tenho mencionado, que os principaes da sua gente eram da nossa religião, e por consequencia estavam mal satisfeitos com ele por cauza da sua rebeldia; e si não temessemos, que o senhor almirante, que, sob a autoridade do rei (como em principio dice) o tinha mandado sem o conhecer tal qual agora se mostrava, se desgostasse, e si não atendessemos a outras considerações, alguns companheiros aproveitariam esta ocazião para acometel-o, e lançal-o ao mar, afim de que, diziam eles, a sua carne e largas espaduas servissem de alimento aos peixes.

Todavia a mor parte axava mais conveniente, que nos portassemos com moderação, desde que faziamos sempre e publicamente a predica (que ele não ouzava ou não podia impedir), e que, para obviar que ele nos perturbasse e embaraçasse, celebrassemos a ceia e fizessemos a predica dahi por diante de noite e sem sua siencia.

E porque depois da ultima ceia, que n'esse paiz celebramos, apenas ficou-nos um copo do vinho, que tinhamos trazido de França, e não tinhamos meio de aver esse licor de outra parte, moveo-se questão entre nós, a saber, si por falta de vinho poderiamos celebrar esta ceremonia religioza com outros licores.

§ 29. Alegavam alguns, entre outras passagens, que Jezus Cristo, na instituição da ceia, depois da ação de graças, dice expressamente: — Não beberei mais do fruto da vinha etc., e estes eram de opinião, que na auzencia do vinho, era melhor abster-se do sinal do que substituil-o.

Outros ao contrario diziam, que, quando Jezus Cristo instituio a ceia, estava no paiz da Judéa; por isso falava da bebida, que ali era uzual, e que, si estivesse em terra de selvagens, é verosimil, que tivesse não só feito menção da bebida, de que estes uzassem em vez de vinho, quando o

não podessem alcançar, mas tambem na falta d'ela não duvidariam celebrar a ceia com as couzas mais comuns (em substituição do pão e do vinho) no alimento dos omens do paiz, onde estivessem.

Embora porém muitos se inclinassem a esta ultima opinião, ficou a materia indeciza; porquanto não xegamos até essa extremidade.

Todavia o cazo apenas produzio alguma divergencia entre nós; e logo por graça de Deos ficamos todos sempre em tal união e concordia, que eu dezejava, que todos, que oje professam a religião reformada, marxassem no mesmo ton, como nós então o fizemos.

§ 30. Ora para concluir o que tinha de dizer a respeito de Nicoláo de Villegagnon, acrecentarei o seguinte. Aconteceo que ele, conforme o proverbio que diz, que quem quer desfazer-se de alguem procura ocazião, detestando cada vez mais a nós e a nossa doutrina, declarou que não nos queria mais sofrer nem tolerar no seo fortim nem na sua ilha, e ordenou no fim do mez de Outubro, que nos retirassemos.

Verdade é (como acima mencionei), que tinhamos meios suficientes para o expulsarmos, si o quizessemos; mas tanto para lhe tirar todo o motivo de queixar-se de nós, como por que, entre as razões já mencionadas, estando a França e outros paizes na espectativa de termos ido além-mar viver na observancia da reforma do Evangelho, tememos lançar macula sobre a nova doutrina, e preferimos obedecer a Nicoláo de Villegagnon, e sem mais contestação deixar-lhe a praça.

§ 31. Assim depois de termos estado quazi oito mezes n'esta ilha e fortim de Coligni, que tinhamos ajudado a construir, nos retiramos e passamos para terra firme, na qual estivemos dois mezes, esperando que um navio vindo do Havre de Grace carregar páo-brazil, (com cujo mestre contratamos nosso transporte para França) se aprontasse para partir.

Acomodamos-nos na praia do mar do lado esquerdo da entrada d'este rio de Guanabara, no lugar xamado pelos Francezes Briqueterie (olaria), o qual apenas dista meia legoa do fortim.

E como de lá iamos e vinhemos frequentemente, comiamos e bebiamos entre os selvegens, os quaes foram para nós incomparavelmente mais umanos do que aquele que nos não pode suportar, sem lhe termos aliás feito agravo algum. Por isso eles, por sua parte, para nos trazerem viveres e outras couzas, de que careciamos, vinham frequentemente vizitar-nos.

§ 32. Ora, tendo sumariamente descrito n'este capitulo a inconstancia e variação, que descobri em Nicoláo de Villegagnon em materia de religião; o tratamento, que nos deo a pretexto d'ela e d'essas disputas e ocazião, que aproveitou para desviar-se do Evangelho; seos gestos e assersões ordinarias n'esse pàiz; a dezumanidade, que empregava para com a sua gente, e como ele andava magistralmente trajado; adierei o que tenho de dizer do nosso embarque [illegible], quer em relação á licença, que nos concedeo, quer em razão da traição, que nos fez na ocazião da nossa partida da terra dos selvagens, afim de tratar de outros pontos.

Eu o deixarei por ora espancar e atormentar a gente do seo fortim, o qual, juntamente com o braço de mar, em que está situado, vou primeiramente descrever.

CAPITULO VII

Descripção do rio Guanabara, tambem denominado Geneure, na America, da ilha e do fortim de Coligni, que n'ela foi edificado, e juntamente de outras ilhas circumvizinhas.

§ 1. Este braço de mar e rio de Guanabara, assim xamado pelos selvagens, e Geneure pelos Portuguezes (pois assim o denominam, porque, como dizem, o descobriram no dia primeiro de Janeiro) fica aos 23 gráos além da linha equinocial, e sob o tropico de Capricornio; e como tinha sido um dos portos de mar da terra do Brazil

mais frequentado em nossos tempos pelos Francezes, julguei não ser fóra de propozito fazer aqui particular e sumaria descrição d'ele.

Sem pois deter-me sobre o que outros já escreveram, começo por dizer (tendo estado e navegado n'ele quazi um anno), que penetra no interior das terras, e tem quazi dôze legoas de comprimento, e em alguns lugares sete ou oito de largura; e quanto ao mais, embora as montanhas, que por todas as partes o rodeiam, não sejam tam altas como as que cercam o grande e espaçozo lago d'agua doce de Genebra, todavia a terra firme aproxima-se por todos os lados, e o torna por sua situação assás similhante a este.

§ 2. Quem deixa o mar grande, preciza costear trez pequenas ilhas dezabitadas, contra as quaes os navios, si não saìn bem dirigidos, correm grande perigo de bater e despedaçar-se, e a embocadura é bastante penoza.

Depois d'isto é precizo passar um estreito, que não xega a ter um quarto de legua de largura, e é limitado do lado esquerdo, ao entrar, por uma montanha e roxedo piramidal, que não é sómente de maravilhoza e excessiva altura, mas tambem, ao vel-a de longe, dir-se-ia, que é artificial; e com efeito por ser ela redonda, e similhante a uma grossa torre, nós os Francezes, por modo iperbolico, a denominavamos—Pote de manteiga (*Pot de beurre*).

Pouco adiante subindo o rio, está um roxedo bastante razo, que pode ter 100 ou 120 passos de circunferencia, ao qual tambem denominavamos Ratier, sobre o qual Nicoláo de Villegagnon em sua xegada, depois de dezembarcar as suas alfaias e sua artilharia, pensou em fortificar-se; mas dahi o expelio o fluxo e o refluxo do mar.

Uma legoa adiante está a ilha, onde estacionavamos, a qual, como alhures mencionei, era dezabitada antes de Nicoláo de Villagagnon xegar n'esse paiz; mas como aliás não tinha sinão meia milha franceza de circuito, e era seis vezes mais comprida do que larga, cercada, como era, de pequenos roxedos á flor d'agua, que impedem os navios de aproximar-se mais perto do que o alcance do canhão, é naturalmente fortissima.

E com efeito ninguem pode n'ela atracar, ainda em

pequenos barcos, sinão do lado do porto, o qual fica da parte oposta á entrada do mar alto; e si fosse bem guarnecida, não seria possivel forçal-a nem surpreendel-a, como depois do nosso regresso os Portuguezes o fizeram, por culpa dos que lá deixamos.

§ 3. Além d'isso nas extremidades d'ela estam dois montes, em cada um dos quaes Nicoláo de Villegagnon mandou fazer uma cazinhola assim como tambem mandára edificar a sua caza de rezidencia em uma pedra de 50 ou 60 pés de altura, que fica no meio da ilha.

De um e outro lado d'este roxedo, tinhamos aplainado e preparado pequenos espaços, nos quaes estavam construidas não só a sala, onde nos reuniamos para a predica e para a refeição, como tambem varias camaras, nas quaes nos alojavamos, e nos acommodavamos quazi 80 pessoas (incluzive a comitiva de Nicoláo de Villegagnon), que rezidiamos n'este lugar.

Notai porém, que á excéção da caza situada sobre o roxedo, na qual algum madeiramento existe, e de alguns baluartes, nos quaes estava posta a artilharia, e que sam revestidos de alvenaria, tudo o mais consiste em cazebres ou antes camarotes, e como foram os selvagens os architetos d'eles, por isso os construiram ao se modo, isto é, de madeiras toscas com a cobertura de ervas.

Eis em poucas palavras qual era o artificio do fortim, que Nicoláo de Villegagnon denominou Coligni, na França antartica, pensando fazer couza agradavel ao senhor Gaspar de Coligni, almirante de França, sem o favor e auxilio do qual, como eu dice em principio, ele jámais teria meios de fazer a viagem, nem de edificar fortaleza alguma no Brazil.

§ 4. Mas intentando ele assim perpertuar o nome d'este excelente varão, cuja memoria na verdade será para sempre onrada entre os omens de bem, deixo ao criterio de todos avaliar, si Nicoláo de Villegagnon, além de rebelar-se contra a religião (com desprezo da promessa por ele feita antes de sair de França de estabelecer o puro serviço de Deos n'esse paiz), abandonando a praça aos Portuguezes, que agora sam possuidores d'ela, deo motivo para os seos triunfos, para onra do nome de Coligni, e para gloria do nome de França antartica dado a esse paiz.

Sobre tal assunto direi, que não cesso de admirar muito o procedimento de André Tevet no anno de 1558, quazi dois annos depois do seo regresso d'America ; pois provavelmente para agradar ao rei Enrique Segundo, então reinante, não só em uma carta, que mandou levantar d'esse rio Guanabara e do fortim de Coligni, fez pintar ao lado esquerdo d'ele, na terra firme, uma cidade, a que xamou *Ville-Henri*, mas tambem a inclue na sua *Cosmografia*, embora depois tivesse muito tempo para pensar, que isso era pura zombaria.

Pois quando partimos d'essa terra do Brazil, mais de 18 mezes depois de André Tevet, sustento, que não existia fórma alguma de edificios e menos qualquer aldeia, nem cidade no sitio, onde ele nos forjou e assinalou uma cidade inteiramente fantastica.

Por isso ele mesmo incerto como devia proceder a respeito do nome d' esta cidade imaginaria, á maneira dos que disputam, si convém dizer barrete vermelho, ou vermelho barrete, tendo apelidado *Ville-Henri* na sua primeira carta, e *Henriville* na segunda, leva-nos a conjeturar, que tudo quanto ele dice não passa de imaginação e couza por ele suposta ; de sorte que sem temor de equivoco póde o leitor escolher d'estes dois nomes o que quizer, e axará sempre a mesma couza, a saber, nada mais do que a pintura.

Assim concluo, que André Tevet desde então não só escarneceo do nome de rei Enrique Segundo, como fez Nicoláo de Villegagnon com o de Coligni dado ao fortim, mas tambem que com esta reiteração profanou a memoria do seo principe, quanto lhe foi possivel.

§ 5 E afim de prevenir quanto ele poderia alegar em contrario, negando formalmente que o lugar por ele inculcado não é o sitio denominado Briqueterie (olaria), no qual os nossos operarios construiram algumas xoupanas, confesso, que n'esse ponto existe uma montanha, a qual os Francezes, que primeiro ali se acomodaram, xamaram *Mont-Henri*, em lembrança do seo soberano senhor, assim como em nosso tempo denominamos outra montanha Corguillerai, em razão do sobrenome de Filipe de Corguillerai, senhor Dupont, que nos conduzira além-mar ;

si porém tanta diferença existe de uma montanha para uma cidade, como realmente existe entre um sino e uma igreja, segue-se que André Tevet, assinalando essa cidade Ville-Henri ou Henriville nas suas cartas, deslembrou-se, ou quiz exagerar a couza.

E para que ninguem pense, que falo diversamente da verdade, apelo novamente para todos aqueles que fizeram esta viagem; e até para a gente de Nicoláo de Villegagnon, muitos dos quaes ainda sam vivos, a saber, si avia aparencia de cidade, onde pretenderam situar aquela que eu despeço como as ficções dos poetas.

§ 6. Como André Tevet quiz sem cauza alguma, como fica dito no prefacio, escaramuçar com os meos companheiros e comigo, si ele axar esta especial refutação das suas obras sobre a America de dura digestão, e vir que, defendendo-me contra as suas calunias, lhe arrazei aqui uma cidade, saiba, que não estam notados todos os seos erros, os quaes bem me recordo, e os apontarei pelo miudo, si ele não se contentar com o pouco que menciono n'esta istoria.

Peza-me, que, interrompendo tantas vezes o meo assunto, seja ainda agora obrigado a fazer esta digressão; constituo porém os leitores por meos juizes, para decidirem em vista dos motivos sobreditos, si tenho razão ou não.

§ 7. Proseguirei pois no que resta escrever, tanto do nosso rio de Guanabara, como do que n'ele está situado.

Quatro ou cinco legoas adiante do fortim supramencionado, existe outra ilha formoza e fertil, com quazi seis legoas de circuito, a qual xamavamos Ilha-grande. E porque n'ela estam muitas aldeias abitadas por selvagens xamados Tupinambás, aliados dos Francezes, ordinariamente iamos em nossos escaleres ali buscar farinha e outras couzas necessarias.

Além d'esta existem n'este braço de mar outras pequenas ilhas dezabitadas, nas quaes entre outras couzas axam-se volumozas e mui saborozas ostras: os selvagens mergulham nas praias do mar e trazem grandes pedras, ao redor das quaes está uma infimidade de pequenas ostras, a que xamam *leripés*, tam agarradas ou antes tam

coladas ao calháo, que precizo é arrancal-as á força. Ordinariamente mandavamos cozinhar grandes paneladas d'estas ostras, em algumas das quaes, quando as abriamos e comiamos, axavamos pequenas perolas.

§ 8 Este rio está xeio de varias especies de peixes, como adiante mais amplamente direi ; convindo desde já menccionar excelentes sargos, tubarões, arraias, golfinhos e outros peixes medios e miudos, alguns dos quaes descreverei minuciosamente no capitulo dos peixes.

Não quero principalmente deixar de fazer aqui menção das orriveis e espantozas baleias, as quaes mostrando-nos diariamente suas grandes barbatanas fóra d'agua, e folgando n'este vasto e profundo rio, aproximavam-se tanto da nossa ilha, que as podiamos alcançar com tiros de arcabuz.

Todavia, como têem o couro assás duro, e toucinho espesso, não creio, que as balas penetrassem a ponto de ofendel-as ; e assim elas proseguiam em seo caminho, e por certo não morreriam.

§ 9 Emquanto estivemos além-mar, apareceo um d'estes cetaceos na distancia de 10 ou 15 legoas do nosso fortim, na direção de Cabo-frio, e aproximou-se tanto da terra que não teve bastante agua para voltar ao alto mar, encalhou e ficou em seco na praia.

Mas ninguem animava-se a aproximar-se da baleia, antes de a verem morta ; e emquanto debatia-se, não só fazia estremecer a terra ao reder d'ela, mas tambem ouvia-se o arruido e estrondo por mais de duas legoas ao longo da costa.

Não obstante muitos selvagens e muitos dos nossos companheiros irem ali e trazerem quanto lhes aprouve, ainda assim ficaram mais de dois terços do cetaceo, que se perderam e apodreceram no lugar do encalhamento.

A carne fresca não era muito boa, e pouco comemos da que trouxeram para a nossa ilha;e afóra alguns pedaços de gordura,que derretiamos para nos servirmos do azeite, que produzia,para alumiar-nos de noite, deixamos a carne restante em pilhas exposta á xuva e ao vento, e a consideramos apenas como esterco. Todavia a lingua, que

era a melhor couza, foi salgada em barris e mandada para a França ao senhor almirante.

§ 10. Finalmente (como já indiquei) na terra firme circunvizinha d'este braço de mar existem na extremidade e no fundo mais dois formozos rios d'agua doce, afluentes d'ele, nos quaes naveguei com outros Francezes em bateis perto de 20 legoas pelo interior das terras, e estive em muitas aldeias entre os selvagens, que os abitam de um e outro lado.

§ 11. Eis abreviadamente o que observei n'este rio de Geneure ou Guanabara, da perda do qual e do fortim, que edificáramos, tanto mais me lastimo, quanto é certo, que,si tudo fosse bem acautelado, como podia sel-o, constituiria não só bom e aprazivel abrigo, mas tambem grande comodidade da navegação n'esse paiz para todos os viajantes da nossa nação franceza.

Em distancia de 28 ou 30 legoas para adiante, no rumo do Rio da Prata e do estreito de Magalhães, existe outro grande braço de mar, a que os Francezes xamam rio de Vases (lama), no qual aportam, quando viajam n'esse paiz ; o que tambem fazem na enseada de Cabofrio, na qual, como já dice, aportamos e dezembarcamos primeiramente na terra do Brazil.

CAPITULO VIII

Indole, força, estatura, nudez, dispozição e ornatos do corpo, quer dos omens, quer das mulheres selvagens brazilienses, abitantes da America, entre os quaes permaneci quazi um anno.

§ 1. Tendo até aqui espendido tanto o que vimos no mar, indo para a terra do Brazil, como as couzas passadas na ilha e fortim de Coligni, onde rezidia Nicoláo de Villegagnon, emquanto ali permanecemos, e igualmente o que seja o rio Guanabara na America, a respeito do

qual assás adiantei em materia relativa aos fatos anteriores ao meo embarque em regresso para a França, quero tambem discorrer sobre o que observei acerca do modo de vida dos selvagens e sobre outras couzas singulares e desconhecidas aquem mar, que vi no seo paiz.

§ 2. Afim de começar pela couza principal e proseguir por ordem direi em primeiro lugar, que os selvagens da America, abitantes da terra do Brazil, xamados Tupinambás, entre os quaes rezidi e tratei familiarmente quazi durante um anno, não sam maiores, mais grossos ou mais pequenos de estatura do que somos na Europa; não têem corpo monstruozo nem desmedido em comparação comnosco; sam porém mais fortes, mais robustos, mais fornidos, mais bem dispostos, e menos sugeitos a molestias, e quazi não teem côxos, tórtos, aleijados, nem doentios.

Além de xegarem muitos até a idade de 120 annos (pois sabem muito bem contar e decorar as suas idades pelas lunações), poucos sam os que na velhice têem cabelos brancos ou grizalhos. Couzas que por certo demonstram não só os bons ares, e a boa temperatura do seo paiz, no qual, como algures dice, sem geadas nem grandes frios, as arvores, ervas e campos estam sempre verdejantes, mas tambem o pouco cuidado e nenhum desvélo, que têem pelas couzas d'este mundo, bebendo todos eles na fonte de Juvencia.

E de fato como eles não aurem por nenhum modo n'essas fontes lodozas ou antes pestilenciaes, de que dimanam tantos regatos, que nos corroem os ossos, sucam a medula, debilitam o corpo, e consomem o espirito, e em suma nos envenenam e matam nas nossas côrtes de ca, a saber, com a desconfiança e a avareza, que dahi procede, com os processos e intrigas, com a inveja e ambição, nada de tudo isso os inquieta, e menos os domina e apaixona, conforme mais amplamente adiante mostrarei.

§ 3. Quanto á sua cor natural, atenta a região quente que abitam, não sam negros; sam porém apenas morenos, como dirieis dos Espanhoes ou dos Provençaes.

Couza não menos estranha quam dificil de crer para aqueles que o não viram, é que omens, mulheres e meninos

vivem e andam uzualmente tam nus como sahiram do ventre materno, não só sem ocultar parte alguma do corpo, como tambem sem mostrar sinal algum de pejo nem vergonha.

Entretanto não sam, como alguns pensam, e outros o querem fazer crer, cabeludos nem cobertos de pelos ; ao contrario não sam mais peludos do que somos n'este paiz aquem mar, e acontece, que apenas começa a apontar e sair o cabelo, que lhes aparece em qualquer parte do corpo,até mesmo no mento,nas palpebras e sobranselhas (o que torna-lhes a vista zarolha, vesga, transviada e feroz) ou o arrancam com as unhas,ou, depois que os cristãos os frequentam, com pinças que estes lhes dam : o que tambem se tem escrito, que praticam os abitantes da ilha de Cumana no Perú. Excetuo sómente quanto aos nossos Tupinambás os cabelos da cabeça, os quaes em todos os maxos, desde a juventude, sam tosquiados mui rentes na parte superior e anterior do craneo como corôa dos frades, e na nuca ao modo dos nossos antepassados e d'aqueles que deixam crecer a cabeleira e a aparam sobre o pescoço.

§ 4. E para nada omitir (si me é possivel) sobre esta materia, acrecentarei n'este lugar, que existem n'esse paiz certas ervas da largura de quazi dois dedos, as quaes crecem concavas e arredondadas, como sam os canudos que cobrem a espiga d'esse milho grosso, que em França xamamos trigo mourisco ; e conheci velhos (mas não todos, nem nenhum mancebo, e menos os meninos), que tomavam duas folhas d'estas ervas e as metiam e amarravam com um fio de algodão em roda do membro viril, como tambem o envolviam em lenços e outros pequenos panos, que lhes davamos.

Pareceria por isso á primeira vista, que ainda lhes restava algum resquicio de vergonha nutural, si por ventura fizessem isto em atenção ao pejo; pois embora não me tenha bem informado sobre este ponto, sou de opinião, que assim praticam para ocultar alguma infermidade, que na velhice tenham n'essa parte do corpo.

§ 5. Além d'isso todos os rapazes têem por costume desde a infancia furar o beiço inferior acima do mento, e cada um ordinariamente traz no buraco certo osso bem

polido, tam alvo como marfim, feito á similhança de um d'esses páozinhos com que na meza jogamos a carrapeta; e como a parte despontada sae uma polegada ou dois dedos, e fica o osso detido por um esbarro entre o beiço e a gengiva, eles o tiram e metem, quando querem.

Mas só trazem este ponteiro de osso branco na adolecencia; quando sam grandes, os xamam *conomiuassú* * (isto é, rapaz grande) e em vez d'isto aplicam e encaixam no furo dos beiços uma pedra verde (especie de esmeralda falsa), a qual é retida por um esbarro interior, e no esterior parece da redondeza e largura do tostão e duas vezes mais grossa do que este; e na verdade alguns trazem pedra tam comprida e roliça como um dedo. Uma d'estas pedras trouxe eu para a França.

Si por ventura os nossos Tupinambás tiram a pedra da fenda do beiço, e por divertimento metem a lingua n'esse operculo, aprezentam então duas bocas ao espectador; e deixo á vossa apreciação considerar, si esta feição lhes dá bonita aparencia, e si isso os deforma ou não.

Emquato a isto vi omens, que não contentes de trazer estas pedras verdes nos beiços sómente, as traziam tambem nas duas faces, que igualmente furavam para esse fim.

§ 6. Quanto ao nariz, quando as nossas parteiras de cá na ocazião do nacimento das crianças apertam as ventas com os dedos para tornal-as mais bonitas e maiores, bem pelo contrario os nossos Americanos fazem consistir a formozura de seos filhos em serem de nariz xato, e apenas estes saem do ventre materno (como vedes em França praticar com os cadelos e caxorrinhos), esmagam e axatam-lhes as ventas com o dedo polegar. No entretanto diz alguem existir certa região do Perú, onde os indios têem o nariz tam ultrajozamente grande, que n'ele penduram esmeraldas, turquezas, e outras pedras brancas e vermelhas seguras por filetes de ouro.

§ 7. Além d'isso os nossos Brazileiros pintam muitas vezes o corpo com diversos dezenhos e variadas cores; mas sobretudo costumam empretecer tanto as coixas e as

* O autor escreve: — *conomiouassou.*

pernas com o suco de certo fruto, xamado *genipapo* [1], que, ao vel-os assim de longe, julgarieis estarem vestidos com calções de padre; e imprime-se tanto na carne essa tintura negra do fruto do genipapo, que embora estes selvicolas metam-se n'agua, e lavem quanto quizerem, não a podem apagar durante déz ou dôze dias.

Tambem têem crecentes de mais de meio pé de comprimento, feitos de ossos mui lizos, tam brancos como alabastro, aos quaes xamam *jaci*, do nome da lua, que assim denominam; e quando lhes apraz, os trazem pendentes ao pescoço seguros por um cordão feito de fio de algodão, e batendo de xapa no peito,

Provavelmente com grande consumo de tempo pulem em um pedaço de gré uma infinidade de pequenas peças de uma grande conxa marinha xamada *vignol*, as quaes arredondam e fazem tam primorozas, redondas e delgadas como um dinheiro tornez. Depois sam furadas no centro, e enfiadas em um cordão, e com elas fazem colares que xamam *boré* [2] e que enrolam no pescoço, quando bem lhes parece, como nos paizes europeos fazem os com os trancelins de ouro.

No meo entender é a isto, que algumas pessoas xamam porcelana, de que vemos muitas mulheres de cá trazerem cintos, de mais de trez braças de comprimento e tam bonitos, quanto é possivel, como observei, quando xeguei á França.

Os selvagens fazem tambem esses colares xamados boré de certa especie de madeira preta, que é mui idonea para esse mister, por ser quazi tam pezada e luzente como o azevixe.

§ 8. Afóra isso os nossos Americanos têem grande quantidade de galinhas comuns, cuja raça os Portuguezes lhes deram.

Depenam constantemente as galinhas brancas, e com instrumentos de ferro, depois que os tiveram, e antes de os terem, com peças aguçadas recortam o frouxel e as penas miudas, reduzindo tudo a particulas mais

---

1 O autor escreve:—*Genipat.*
2 O autor escreve:—*Boü-re.*

deminutas do que a carne de pasteis; depois do que fervem e tingem de vermelho com páo-brazil, e esfregando-se com certa rezina apropriada para isso, cobrem-se com o cotão, emplumam-se e sarapintam o corpo, os braços e as pernas; de sorte que n'esse estado parecem ter penugem como os pombos e outras aves recem nacidas.

E' bem certo, que algumas pessoas d'estas nossas terras de ca, quando pizam nas regiões americanas, vêem os selvagens enfeitados d'este modo, e voltando sem maiores informações das couzas, divulgam e propalam o boato de serem cabeludos os selvagens; mas estes não sam taes por natureza, como acima já dice; portanto foi ignorancia e couza mui levianamente recebida.

Alguem já escreveo, que os Cumanezes untam-se com certa rezina ou unguento glutinozo, e depois cobrem-se de penas de diversas côres, não ficando mal parecidos com similhante trage.

§ 9. Quanto ao ornato da cabeça dos nossos Tupinambás, além da corôa na frente e das guedelhas pendentes sobre as costas, de que fiz menção, atam e arranjam penas encarnadas, vermelhas e de outras côres, da aza de certas aves, das quaes fazem frontaes mui similhantes na feição aos cabelos verdadeiros ou falsos, a que xamam *raquetes* ou *ratepinades*, com que as damas e donzelas de França e de outros paizes de cá costumam adornar-se; e diriamos, que elas receberam essa invenção dos nossos selvagens, que a esse aparelho denominam *jempenambi*.

Trazem tambem arrecadas nas orelhas, feitas de ossos brancos, quazi da mesma forma dos ponteiros, que eu dice acima, que os rapazes trazem nos beiços furados.

Possuem os selvagens no seo paiz uma ave, xamada tucano, a qual (como mais amplamente descreverei em lugar competente) tem toda a plumagem negra como o corvo, excéto no papo que tem quazi quatro dedos de comprido e trez de largo, e é todo coberto de pequenas e subtis penas amarelas orladas de encarnado na parte inferior. Esfolam o papo, ao qual tambem xamam tucano em razão do nome da ave, de que o tiram, juntam em grande quantidade, e depois que os secam, pregam com cêra, que eles denominam *ira-ietic*, um de cada lado do rosto,

abaixo das orelhas, de tal sorte que, vendo-se assim esses cartazes amarélos nas faces, parecem duas xapas de cobre dourado nas caimbas do freio ou brida dos cavalos.

§ 10. Além de tudo isso, si os nossos Brazileiros vam á guerra, ou si matam solenemente um prizioneiro para comer, pelo modo por que em outro lugar direi, querendo então adornar-se e mostrar-se mais bravos, enfeitam-se com vestes, carapuças, braceletes e outros ornatos de penas verdes, encarnadas, azues e de outras côres naturaes, singelas e de incomparavel beleza.

Depois que taes penas sam por eles diversificadas, mescladas e mui convenientemente ligadas umas ás outras em pequenas taliscas de madeira com fio de algodão, ficam por tal modo ajustadas que nenhum plumaceiro em França melhor as manejaria, nem mais destramente as arranjaria; e julgareis, que os vestuarios assim feitos sam de veludo felpudo.

Com igual artificio fazem as guarnições das suas espadas e clavas de madeira, as quaes, assim decoradas e enriquecidas com plumas bem ajustadas e bem applicadas a esse uzo, produzem deslumbrante aspecto.

§ 11. Para preparo dos seos vestuarios, obtêem dos vizinhos grandes penas de avestruz; o que mostra a existencia d'estas grandes e volumozas aves em alguns lugares d'esse paiz, onde todavia, para nada dissimular, as não vi. Estas penas de côr parda sam ligadas pelos tubos da aste central, ficando soltas as pontas, que espalham-se em roda á maneira de pequeno pavilhão, ou de uma roza, e formam um grande penaxo, a que xamam *arasoia*, o qual atam na cintura com um cordel de algodão; a parte estreita liga-se á carne e a parte larga afasta-se, e quando com ele se adornam (pois não lhes serve para outra couza) vós dirieis, que trazem uma capoeira de frangos atada na cintura.

Direi mais amplamente em outro lugar como os seos maiores guerreiros, afim de mostrarem valentia, e sobretudo quantos inimigos mataram e quantos prizioneiros sacrificaram para comer, retalham o peito, os braços e as coxas, e depois esfregam as incizões com certo pó negro, o qual as torna subzistentes por toda a vida;

de modo que, ao vel-os assim, parece estarem de calções, e gibões suissos, e com grandes gilvazes.

§ 12. Si tratam de dansar, beber, e *cauinar*, o que quazi constitue a sua ocupação ordinaria, procuram alguma couza, que lhes excite o animo, além do canto e da voz, de que uzam abitualmente em suas dansas; por isso colhem certo fruto, que é do tamanho da castanha d'agua, com ela um tanto parecido e de casca mui rija, e quando está bem seco, tiram-lhe o caroço, e metem em lugar d'este algumas pedrinhas, fazem uma enfiada d'eles e formam grevas, as quaes, atadas ás pernas, fazem tanta bulha como fariam conxas de caracoes, assim dispostas, isto é, quazi como os guizos europeos de que aliás sam mui cubiçozos, quando lhes os mostram.

Tambem existe n'este paiz uma especie de arvores, que dam fruto do tamanho do ovo do avestruz, e com a mesma figura. Os selvagens o furam no meio, como em França os meninos furaram grandes nozes para fazer molinetes; depois o ócam, metem-lhe pedrinhas redondas, ou caroços de milho, de que logo falarei, atravessam-lhe um páo de pé e meio de comprimento, e assim fazem um instrumento, a que xamam *maracá*, o qual estronda mais do que uma bexiga de porco xeia de grãos de ervilha, e os nossos Brazileiros o trazem ordinariamente na mão.

Quando eu tratar da sua religião, direi a opinião, que formam d'esse maracá, e da sua sonoridade, depois de o enfeitarem com lindas plumas, e dedicarem ao uzo, que logo veremos.

Eis em suma quanto sei relativamente á indole, vestuarios, e ornatos, com que os nossos Tupinambás costumam paramentar-se em seo paiz.

§ 13. Verdade é, que além de tudo isso, tendo nós trazido em nossos navios grande quantidade de fazendas vermelhas, verdes, amarelas e de outras côres, lhes mandavamos fazer cazacos e calções sarapintados, os quaes lhes davamos em troca de viveres, bugios, papagaios, páo-brazil, algodão, pimenta e outras couzas do seo paiz, com as quaes os nossos marinheiros ordinariamente carregam os seos navios.

Uns porém sem ter nada no corpo, vestindo algumas vezes calças largas de marujo, outros ao contrario sem calças vestindo saiotes, que apenas lhes xegavam ás nadegas, depois de contemplarem-se um pouco e passearem com similhante vestuario (que nos excitava gargalhadas), despiam esses trages, e os deixavam em caza até que lhes desse na vontade de os vestir de novo: outro tanto faziam com os xapéos e camizas, que lhes davamos.

§ 14. Tenho assim expendido amplamente tudo quanto se póde dizer a respeito do exterior do corpo, quer dos omens, quer dos meninos americanos. Si agora porem, acompanhando esta descrição, quereis figurar um selvagem, imaginai em vosso entendimento um omem nû bem conformado e proporcionado de membros, tendo arrancado todo o pelo, que lhes crece, trazendo tosqueados os cabelos, do modo por que já dice, aprezentando labios e faces fendidas com ossos despontados ou pedras verdes introduzidas nas aberturas, exhibindo orelhas perfuradas com arrecadas nos operculos, mostrando corpo pintado, e côxas e pernas enegrecidas com tinta extrahida do fruto genipapo já mencionado, e carregando, pendentes do pescoço, colares compostos de uma infinidade de pequenas peças d'essa grande conxa marinha, que eles xamam *vignol*, taes como já os descrevi; e então vereis tal qual é ordinariamente o selvagem no seo paiz, e tal como adiante o vereis retratado somente com a sua coleira ossea bem polida no peito e com a sua pedra no buraco do beiço, e garbozo com seo arco ao lado, e suas frexas na mão.

E' verdade, que para completar este quadro devemos pôr junto a esses Tupinambás uma das suas mulheres, a qual, na forma do seo costume, traz o filho em uma cinta de algodão, e em compensação o filho, conforme o modo porque o carregam, abraça com as pernas as ilhargas da mãe; e junto dos trez um leito de algodão, feito como rede de pescaria, suspenso no ar; pois assim deitam-se os selvicolas no seo paiz. Cumpre tambem aditar o fruto xamado ananás, cuja fórma logo descreverei, o qual é dos melhores que esta terra do Brazil produz.

§ 15. Para considerar um selvagem por novo aspecto, tirae-lhe todos estes aparelhos, untae-o com rezina

glutinoza, e cobri-lhe todo o corpo, braços e pernas de pequenas plumas recortadas e miudas, como crina tinta de vermelho, e estando assim artificialmente coberto d'essa penugem, podeis então idear, si tal figura reprezenta garbozo rapaz.

Tambem podemos consideral-o, quer fique na côr natural, quer seja pintado ou emplumado ; e assim revisti-o com os seos trages, carapuças e braceletes tam industriozamente fabricados com essas lindas e singelas peñas de diversas côres, de que tenho feito menção, e podeis dizer, que está solenemente paramentado.

Ainda podemos encaral-o, pela maneira por que já vos dice que procedem os selvagens. Si deixando-o semi-nu e semi vestido, o calçaes, e vestis com as nossas frizas de cores, tendo uma das mangas verde e outra amarela, considerae, que apenas falta-lhe o cetro de palhaço.

Finalmente acrecentae todas as sobreditas couzas, pondo-lhe na mão, o instrumento xamado maracá, na na cintura, o penaxo de plumas xamado arasoia, e ao redor das pernas, as campainhas fabricadas de caroços, e o vereis então trajado do modo por que ele está, quando dansa, salta, bebe e cabriola, como adiante ainda o reprezentarei.

§ 16. Quanto ao demais artificio uzado pelos selvagens para adornar e enfeitar o corpo, conforme a descrição completa feita acima, além de ser precizo muitas figuras para bem reprezental-os, ainda assim os não fariamos parecer bem sem acrecentar-lhes a pintura ; o que requereria um livro especial.

Todavia afóra o que já dice, quando eu falar das suas guerras e armas, os descreverei mais furibundos, golpeando-lhes o corpo e pondo-lhes na mão a espada ou clava de madeira, o arco e a frexa.

§ 17. Deixando porém agora por um pouco os nossos Tupinambás em sua magnificencia medrar, e gozar do passatempo, que sabem procurar, cumpre ver si suas mulheres e filhas, que xamam *cunhan*, * e *Maria* em

---

* O autor escreve: — *Quoniam*

alguns lugares, depois que os Portuguezes os vizitam, andam mais bem ornadas e ataviadas.

Já dice no começo d'este capitulo, que as mulheres andam ordinariamente nuas, como os omens; agora convém acrecentar, que elas, como eles, arrancam todo pêlo que lhes aparece, incluzive pestanas e sobrancelhas.

E' verdade, que a respeito dos cabelos elas não os ungem ; pois ao passo que os omens, como já fica dito, os tosqueiam na frente, e os aparam na nuca, as mulheres ao contrario não só os deixam crecer e ficar compridos, mas tambem (como as mulheres de cá) os penteiam, e lavam mui cuidadozamente : os entrançam algumas vezes com um cordão de algodão tinto de vermelho; todavia andam quazi sempre desgrenhadas, deixando mais comumente fluctuar os cabelos sobre os ombros.

§ 18. Além d'isso tambem diferem dos omens em não furarem os labios nem as faces; por consequencia não trazem pedras no rosto : quanto porém ás orelhas, as furam orrivelmente para pôr arrecadas, e quando tiram, taes enfeites meteriam facilmente os dedos nos buracos. Estas arrecadas feitas d'essa grande conxa marinha xamada *vignol*, de que falei, sam brancas, redondas e tam compridas como uma vela de sebo meian; quando penteiam-se, batem-lhes as arrecadas nos ombros e tambem nos peitos, e parece, ao vel-as longe, que sam orelhas de sabujo, que lhes pendem de um e outro lado.

A respeito do rosto, eis o modo por que elas o enfeitam. A camarada ou companheira com pequeno pincel na mão começa uma pequena roda no centro da face d'aquela que se quer pintar, contornea em fórma de caracol, e assim continúa até que com as cores azul, amarela e vermelha lhe tenha mosqueado e sarapintado todo o rosto; e tambem no lugar das palpebras e sobrancelhas arrancadas não deixa de dar pinceladas, como se diz, que em França praticam as mulheres impudicas.

§ 19. Elas fazem grandes braceletes, compostos de varias peças de ossos brancos, cortados e talhados á maneira de grossas escamas de peixe, que sabem reunir umas ás outras com cera e varias rezinas misturadas em guiza

de cola, combinando o artefacto com tal acerto que melhor não é possivel fazer.

Assim fabricam os braceletes do comprimento de quazi pé e meio, e só os podemos bem comparar aos braçaes, com que cá jogamos a péla.

Igualmente trazem colares brancos xamados *boré* * na sua linguagem, os quaes acima descrevi; não os trazem porém pendentes do pescoço, como fazem os omens, pois os enrolam no braço.

E eis por que e para servir ao mesmo uzo, elas axavam tam lindas as pequenas contas de vidro amarelas, azues, verdes e de outras cores, enfiadas á maneira de rozarios, que elas xamam *morubi*, † dos quaes tinhamos levado grande quantidade para traficar ali.

E com efeito ou fossemos nós ás suas aldeias, ou viessem elas ao nosso fortim, para obter taes missangas, aprezentavam-nos frutas ou outra qualquer couza de seo paiz e com o modo de falar xeio de lizonjas, de que ordinariamente uzam, atordoavam-nos a cabeça, e estavam constantemente comnosco, dizendo: *Mair, deagotorem amabe morubi*, isto é: — Francez, tu és bom, dá-me dos teos braceletes de contas de vidro.

Elas faziam o mesmo para aver de nós pentes, que xamam *guap* ou *kuap*, espelhos, que xamam *aruá* ‡ e todas as demais veniagas e mercadorias, que tinhamos, e elas apeteciam.

§ 20. Mas entre as couzas duplamente anormaes e verdadeiramente maravilhozas, que observei n'essas mulheres brazileiras, é que não obstante não pintarem o corpo, os braços, as côxas e as pernas, como fazem os omens, nem cubrirem-se de penas, nem de outras couzas proprias da sua terra, todavia nunca podemos conseguir fazer com que se vestissem, embora por muitas vezes lhes dessemos vestidos de xita e camizas (como dice termos feito com os omens, que algumas vezes vestiam); de

---

* O autor escreve:—*Boure*.

† O autor escreve:—*Mauroubi*.

‡ O autor escreve:—*Aroua*.

sorte que estavam sempre rezolvidas a não sofrer nem ter sobre si qualquer objeto; e creio não terem ainda mudado de parecer.

Verdade é, que, como pretesto para izentar-se d'isso e ficar sempre nuas, alegavam o seo costume, conforme o qual em todas as fontes e rios claros, que encontram, acocoram-se na margem, ou entram n'agua, molham a cabeça, lavam-se e mergulham todo o corpo como caniços, e em alguns dias o fazem mais de dôze vezes.

Dizem elas, que lhes custaria muito trabalho despir-se assim tantas vezes. E não é isto mui boa e mui procedente razão? Mas tal qual é, a devemos aceitar; pois contestal-a seria baldado esforço, e nada conseguiriamos.

E com efeito esta gente bruta deleita-se tanto com a nudez, que não só, como já dice, as mulheres dos nossos Tupinambás, que vivem na terra firme em plena liberdade com seos maridos, paes e parentes, obstinavam-se em não querer vestir-se de modo algum, mas tambem as prizioneiras de guerra, que tinhamos comprado, e conservavamos como escravas para trabalhar no nosso fortim, embora as cobrissemos á força, apenas xegava a noite, despiam secretamente as camizas e outros andrajos, que lhes davamos, e por mero prazer, antes de deitar-se, passeavam nuas na nossa ilha.

Em suma si ficasse ao arbitrio d'essas mizeras creaturas, e não fossem obrigadas a xicotadas a vestir-se, prefeririam antes sofrer a calma e o calor do sol, e esfolar os braços e os ombros na condução continua da terra e pedras, do que suportar sobre o corpo qualquer objeto.

Eis sumariamente quaes sam os ornatos, aneis, e joias ordinarias das mulheres e raparigas americanas. E sem fazermos aqui outro epilogo, contemple-as o leitor por esta narração, como lhe aprouver.

§ 21. Quando adiante tratar do cazamento dos selvagens, direi como os seos filhos vestem-se na infancia; mas a respeito dos meninos acima de trez ou quatro annos, tinha eu grande prazer em ver os rapazes, a que xamam *curumimirim*, * os quaes, nadegudos, gorduxos e

---

* O autor escreve: *Conomis-miri.*

fornidos, muito mais do que sam os meninos europeos, aprezentavam-se enfeitados com seos ponteiros de osso branco nos beiços furados, com os cabelos tosqueados ao seo modo e algumas vezes com o corpo pintado, e nunca deixavam de vir em grupos dansar diante de nós, quando nos viam xegar em suas aldeias.

E para serem recompensados, afagando-nos e acompanhando-nos de perto, não se esqueciam de dizer e repetir constantemente na sua acanhada giria: *Cutuassá, amabé pinda,* * isto é, meo amigo e aliado, da-me anzoes para pescar.

E si para satisfazer o pedido (o que muitas vezes fiz), metiamos na areia ou na terra dez ou doze anzóes pequenos, eles abaixavam-se rapidamente, e era agradavel diversão ver essa turba de fedelhos nus, que na busca e apanhadura dos anzoes escavavam e esgravatavam a terra, como laparos de coelheira.

§ 22. Finalmente durante um anno, que passei n'esse paiz, fui curiozo em contemplar os individuos adultos e as crianças; por isso quando recordo-me de taes garotos, parece-me tel-os sempre diante dos olhos, e terei sempre no pensamento a idéa e imagem d'eles; todavia por cauza dos seos gestos e aspecto inteiramente diferentes do porte dos nossos rapazes, confesso ser dificil reprezentar bem os meninos selvagens, quer por escrito, quer mesmo pela pintura. Por esta razão para sentirmos verdadeiro prazer, precizo é vel-os e vizital-os no seo paiz.

Em verdade porém direis vós, que extensissima é a viagem. Isto é certo; portanto, si não tiverdes bom pé e olho bom, e temeis tropeçar, não vos arrisqueis a incetar o caminho.

Ainda veremos mais amplamente, conforme se aprezentarem as materias, de que eu tratar, como sam as cazas, os utensis domesticos, o modo de pernoitar e o teor de outros procedimentos dos selvagens.

§ 23. Todavia antes de encerrar este capitulo, pede a ocazião, que eu responda aos que escreveram, bem como aos que pensam, que a assistencia entre os selvagens nús

* O autor escreve:—*Coutouassat.*

e principalmente entre as mulheres, incita a lacivia e impudicicia.

Sobre isto direi em uma palavra, que, embora pareça dezonestidade e incitamento á concupicencia ver mulheres nuas, todavia essa nudez grosseira da mulher é muito menos atraente do que se pensa, como então geralmente observamos.

Portanto sustento, que os atavios, rebiques, cabeleiras postiças, cabelos encrespados, pescocinhos enrugados, anquinhas, saias dobradas, e outras infinitas bagatelas, com que as mulheres e raparigas de cá se transfiguram, e de que nunca se fartam, sam cauza de males incomparavelmente maiores do que a nudez uzual das mulheres selvagens, as quaes entretanto, em relação ás feições, nada devem ás outras damas em formozura.

Si a decencia me permitisse dizer mais alguma couza, ufano de solver todas as objeções, que em contrario se oferecessem, daria razões tam evidentes, que ninguem as recuzaria. Sem proseguir pois n'este assunto, refiro-me no pouco que tenho dito áqueles que têem viajado á terra do Brazil, e que, como eu, viram umas e outras couzas.

§ 24. Não quero entretanto por este modo aprovar a nudez, contra o que a Escritura Santa refere de Adão e Eva, os quaes, depois do pecado, reconheceram estarem nús e envergonharam-se ; antes detestarei os criticos, que a quizeram introduzir entre nós, contra a lei natural, a qual todavia n'este ponto não é por fórma alguma observada pelos nossos mizeros selvagens americanos.

O que pois dice d'estes selvagens é para mostrar, que não somos talvez mais louvaveis, si os condenamos tam austeramente, porque sem pejo algum andam assim com o corpo inteiramente descoberto, quando alias os excedemos no vicio oposto, isto é, em nossas comezanas e superfluidades de vestuario.

E praza a Deos, para findar este ponto, que cada um de nós vista-se modestamente, mais por decencia e necessidade do que por vangloria e mundanidade.

CAPITULO IX

Grossas raizes e milho, de que os selvagens fabricam farinha, que comem em vez de pão; bebida xamada cauim.

§ 1. Depois de ter exposto no precedente capitulo como os nossos selvagens enfeitam-se e vestem-se no exterior, parece-me, deduzindo as couzas por ordem, não ser fóra de propozito tratar agora dos viveres, que lhes sam comuns e ordinarios.

Cumpre primeiramente notar, que embora os selvagens não tenham trigo, e por consequencia o não semeem, nem plantem vinha nas suas terras, comtudo nem por isso deixam de tratar-se bem e ter boa comida sem vinho, conforme vi e experimentei.

§ 2. Os indigenas americanos têem nas suas terras duas especies de raizes, a que xamam *aipim* e *mandioca*,* as quaes em trez ou quatro mezes crecem no solo e ficam tam grossas como a côxa de um omen, com o comprimento de pé e meio, mais ou menos: quando as arrancam, as mulheres (pois os omens não ocupam-se d'isso) secando-as ao fogo no *moquem*, † tal como logo descreverei, ou tomando-as ainda frescas, as ralam á força em pontas de pedras miudas fixadas e arranjadas em uma peça xata de madeira (como ralamos e raspamos o queijo e a noz moscada), e as reduzem a farinha alva como a neve.

Então esta farinha ainda crua, e a semea branca que d'ela sae, e de que logo falarei, aprezenta o verdadeiro odor do amido feito de trigo puro por muito tempo diluido n'agua, quando ainda está fresco e liquido; de sorte que, depois do meo regresso para cá, axando-me em lugar onde esta preparação se fazia, o xeiro d'ela recordou-me o xeiro ordinariamente sentido nas cazas dos selvagens, quando fazem farinha da raiz da mandioca.

---

* O autor escreve:—*Aipi* e *maniot*.
† O autor escreve:—*Boucan*.

Para preparal-a essas mulheres brazileiras têem grandes e amplas frigideiras de barro, com capacidade de mais de um alqueire, por elas mesmas fabricadas mui convenientemente para esse mister, e as põem ao fogo, com certa porção d'essa farinha dentro : e em quanto coze a massa, não deixam de mexel-a com cuias de cabaça, das quaes se servem como nós nos servimos das escudelas. Esta farinha assim cozida toma a fórma de granitos ou confeitos de botica.

§ 3. Ora, elas fazem a farinha de dois modos, a saber, farinha muito cozida e dura, a que os selvagens xamam *uhi-antan*, da qual se proveem, quando vam á guerra, por melhor se conservar ; e outra menos cozida e mais tenra, a que xamam *uhi-pon*, * a qual é muito melhor do que a primeira, porque, pondo-a na boca e comendo-a, quando está fresca, dirieis ser miolo de pão branco ainda quente. Ambas, sendo cozinhadas, mudam esse primeiro sabor, de que falei, em outro mais agradavel e delicado.

Comquanto essas farinhas, principalmente quando estam frescas, sejam de mui bom gosto, de facil digestão e bom alimento, comtudo não se prestam por fórma alguma ao fabrico do pão, como experimentei.

Verdade é, que d'elas fazem massa, a qual, inxando como a do trigo com o levêdo, é tam macia e branca como si fosse farinha de frumento ; porém assando-se, a crôsta e toda a parte superior séca e queima, e quando abre-se ou parte-se o pão, axareis o interior resequido e reduzido a farinha.

§ 4. Creio portanto, que quem referio, que os indios, que abitam aos 22 ou 23 gráos alem da linha equinocial, e que certamente sam os nossos Tupinambás, viviam de pão feito de páo ralado, equivocára-se por não ter bem observado o que eu digo, querendo falar das raizes, de que agora trato.

Todavia uma e outra farinha é boa para papas, a que os selvagens xamam *mingáo*, † principalmente

---

* O autor escreve:— *Oui-entan e oui-pon.*

† O autor escreve:— *Mingaut.*

quando a dissolvem em caldo gordo, pois torna-se então granulada como arroz, e assim preparada é de optimo sabor.

Como quer que seja porem, os nossos Tupinambás, quer omens, quer mulheres ou meninos, acostumados desde a infancia a comel-a sêca em vez de pão, estam por tal forma afeitos e acostumados a isso, que, tomando-a com os quatro dedos na vazilha de barro ou outro qualquer vazo, em que a conservam, ainda que a atirem de muito longe, acertam na bôca com tal destreza que não perdem um só farelo.

Si nós os Francezes os quizessemos imitar, e procurassemos comel-a por esse modo, não estando avezados como eles, em lugar de acertar na bôca, a espargiriamos nas boxexas, e sujariamos todo o rosto; por isso eramos obrigados a tomal-a com colheres, salvo aqueles que quizessem aprezentar-se como farcistas, principalmente tendo barbas compridas.

§ 5. Acontece algumas vezes, que depois que essas raizes do aipim e da mandioca sam raspadas ainda frescas (do modo por que já dice), as mulheres fazem grandes bolas da farinha fresca e umida, rezultante d'essa operação, apertam, comprimem bem nas mãos, e espremem o suco quazi tam branco e claro como o leite, o qual deitam em pratos e vazilhas de barro, e expõem ao sol, cujo calor o condensa e coagula como coalhada de queijo; e quando o querem comer, o derramam em outros alguidares de barro, o cozinham no fogo, como fazemos com as fritadas de ovos, e torna-se, assim preparado, mui bom manjar.

Ainda mais: a raiz do aipim não só é boa transformada em farinha, mas tambem pode comer-se assada inteira no borralho ou no fogo; pois assim fica tenra, abre-se, e torna-se farinacea como a castanha assada nas brazas, cujo gosto é quazi igual.

Entretanto o mesmo não acontece com a raiz da mandioca, pois serve somente para fazer farinha, e é venenoza, si a comermos de outro modo.

§ 6. Ainda mais: as plantas ou as astes de ambas sam pouco diferentes quanto á forma, crecem do tamanho de pequenos zimbros, e têem folhas mui similhantes á erva da peonia, ou *pivoine* em francez.

A circunstancia porém mais admiravel e digna de grande consideração n'estas raizes do aipim e da mandioca da nossa terra do Brazil é a multiplicação d'elas. Pois como os ramos sam quazi tam moles e frageis como bouceiras, basta quebral-as e enterral-as bem no xão, para sem mais cultura alguma termos grossas raizes no fim de dois ou trez mezes.

§ 7. Ainda mais: as mulheres d'esse paiz, infincando na terra um bastão pontudo, plantam assim duas especies de milho, a saber, branco e vermelho, que vulgarmente em França xama-se trigo sarraceno, e os selvagens xamam *avatí*, do qual igualmente fazem farinha, a qual coze-se e come-se do modo por que acima dice, que se pratica com a farinha de raizes.

E creio (aliás contra o que eu dicera na primeira edição d'esta istoria, onde eu distinguia duas couzas, as quaes todavia, quando pensei bem, reconheci fazerem uma só), que este *avati* dos Americanos é o que o istoriador indiano denomina *maiz*, o qual, conforme ele refere, serve tambem de trigo para os indios do Peru: e eis aqui a descrição, por ele aprezentada.

O talo do maiz (diz ele) crece da altura de um omem e mais, é bastante grosso, e lança folhas como as da cana das lagoas; a espiga é como uma glande do pinho silvestre, o caroço é grosso, e não é redondo nem quadrado, nem tam comprido como a nossa baga; amadurece em trez ou quatro mezes, e nas terras banhadas de ribeiros em mez e meio.

Por um grão produz 100, 200, 400, 500, e alguns multiplicam-se até 600; o que tambem demonstra a fertilidade d'essa terra agora possuida pelos Espanhóes.

Alguem já escreveo, que em alguns lugares da India oriental o terreno é tam bom, que o trigo, o centeio e o milho excedem a quinze covados de altura, conforme referem os que o viram.

§ 8. O que acima digo é a suma de tudo quanto vi uzar ordinariamente como especies diversas de pão dos selvagens na terra do Brazil, xamada America.

Entretanto os Espanhóes e Portuguezes, prezentemente estabelecidos em diversos pontos das Indias

ocidentaes, têem agora muito trigo e muito vinho, que essa terra do Brazil lhes produz, e deram prova de que não é por defeito do terreno, que os selvagens não possuem estas couzas.

Como tambem nós outros, os Francezes, por ocazião da nossa viagem levamos trigo em grão e cepas de vinha, vi por experiencia, que uma e outra couza dariam bem, si os campos fossem cultivados e laborados, como fazemos cá.

E de fato a vinha, que plantamos, pegou bem, lançou mui bonito tronco, deo folhas viçozas, e exhibia manifesta demonstração da excelencia e fertilidade do solo.

§ 9. E' verdade, que relativamente á frutificação, durante quazi um anno que lá estivemos, apenas produzio agraços, os quaes nem mesmo amadureceram, e antes empedraram e secaram; mas como agora sei por informação de bons vinhateiros, que regularmente as plantas novas só dam no primeiro e segundo anno frutos pecos e xôxos, de que ninguem faz cazo, sou de opinião, que si os Francezes e outros individuos que ficaram n'esse paiz continuaram, depois de nós, a beneficiar a nossa vinha, nos annos seguintes tiveram uvas bonitas e boas.

Quanto ao trigo e centeio, que semeamos, eis o defeito que apareceo; e foi, que embora surdissem folhas viçozas e espigas, todavia o grão não se formou.

Mas como a sevada granulou, e amadureceo, e multiplicou muito, é verosimil, que a terra por substancioza apressasse e adiantasse com excesso o trigo e o centeio (os quaes pedem maior demora na terra antes de produzir, os frutos do que a sevada, como vemos cá na Europa) e assim subiram com demaziada rapidez; pois o fizeram repentinamente, e não tiveram tempo para florar, e formar o grão.

§ 10. Na nossa França estrumam-se e estercam-se os campos para tornal os mais ferteis; porem n'essa terra nova sou de opinião, que seria precizo cançal-a e enfranquecel-a com alguns annos de cultura, afim de que ela produzisse melhor o trigo e outros cereaes similhantes.

E como o paiz dos nossos Tupinambás com certeza é capaz de alimentar dez vezes mais gente do que atualmente nutre, eu, quando ali estive, podia gabar-me de ter

ás minhas ordens mais de mil geiras de terras melhores do que as de toda a Beausse; e quem duvidaria, que si os Francezes ali tivessem permanecido (o que teriam conseguido e agora já lá estariam mais de dez mil pessoas, si Nicoláo de Villegagnon não se tivesse rebelado contra a religião reformada) não teriam recebido e tirado o mesmo proveito, que colhem os Portuguezes, que ali estam bem acomodados?

Seja isto dito de passagem para satisfazer aqueles que dezejarem saber, si o trigo e o vinho, sendo semeados, cultivados e plantados na terra do Brazil, podem prosperar.

§ 11. Ora, volto ao meo assunto, e afim de melhor distinguir as materias, que me incumbi de tratar, antes de falar das carnes, peixes, frutas e outros mantimentos inteiramente diversos dos da nossa Europa, de que se nutrem os selvagens, convem, que eu diga qual é a sua bebida e o seo modo de fazel-a.

A esse respeito cumpre logo notar, que, si os omens não se envolvem de maneira nenhuma na fabricação da farinha, antes deixam todo esse incargo ás mulheres, como acima declarei, a mesma couza fazem, e ainda com muito mais escrupulo, a respeito da preparação da bebida, na qual não tomam parte.

As raizes do aipim e da mandioca, preparadas pelo modo por que já expliquei, servem de principal alimento aos selvagens; e eis como d'elas se servem para a fabricação da sua bebida uzual.

Depois de as cortarem em rodelas miudas, como cá fazemos com os rabanetes para pôr na panela, fervem os pedaços em grandes vazilhas de barro xeias d'agua até ficarem tenros e moles, e então os tiram do fogo, e os deixam esfriar.

Feito isto, acocoram-se algumas mulheres em torno d'essas grandes vazilhas, tomam as rodelas de raizes assim amolecidas e depois de as mastigarem bem e remexerem na boca sem engolir, retirando com a mão um pedaço e depois outro, os lançam em outros vazos de barro, já postos no fogo, e dam nova fervura.

Assim mexendo sempre esta salsada com um páo até

conhecerem, que está tudo bem cozido, tiram do fogo segunda vez sem coar nem peneirar, e antes derramam tudo em outros vazos de barro maiores, tendo cada um capacidade quazi igual á de meia pipa de vinho de Borgonha. Depois que isto escuma e fermenta, cobrem os vazos, e n'eles deixam essa bebida até que a queiram beber, como adiante direi.

E afim de melhor exprimir as couzas, direi, que estes grandes vazos ultimos, de que acabo de fazer menção, sam quazi do feitio das grandes cubas de barro, nas quaes, vi fazerem a lixivia em alguns lugares do Bourbonez e da Alvernia, sendo todavia mais estreitos na boca e na parte superior.

§ 12. Ora, os nossos Americanos tambem fervem e mastigam porção do milho xamado *avati* na sua linguagem, e assim fazem uma bebida pelo mesmo processo, porque fazem o das raizes supramencionadas, como acabo de indicar.

Repito especialmente, que sam as mulheres, que dezempenham este mister ; pois embora não tenha visto fazer distinção entre raparigas solteiras e mulheres cazadas (como alguem já escreveo), todavia os omens têem a firme opinião de que, si mastigarem as raizes, ou o milho para fazer a bebida, esta não sahirá bôa ; e reputam tam indecente ao seo sexo meter-se n'esse trabalho, como com toda a razão axariamos estranhavel vêr esses camponezes semi-nús de Bresse e de outros lugares nossos pegar na roca para fiar.

Os selvagens xamam esta bebida *cauim*, a qual é turva e espessa como borra, e tem quazi o gosto do leite azêdo; têem cauim vermelho e branco, como temos o vinho.

§ 13. Como essas raizes e o milho, de que falei, crecem em todo o tempo no seo paiz, os selvagens, quando lhes apraz, fazem essa bebida em qualquer estação ; e algumas vezes em tal quantidade, que em certa ocazião vi mais de 30 dos taes vazos grandes (os quaes vos dice conter cada um mais de 30 de canadas de Pariz,) * xeios

---

* O autor diz: — *Plus de 60 pintes de Pariz. A pinte de Paris* continha 48 polegadas cubicas.

e dispostos em fila no meio da caza, onde estam sempre cobertos até o momento de *cauinar*.

Antes porém de xegar ahi peço-vos (sem que eu todavia aprove o vicio), que seja-me permitido á maneira de prefacio dizer:— Fóra Alemães, Flamengos, soldados de infanteria, * Suissos e todos quantos fazeis brodios e bebedeiras ca em nossa terra ; por quanto, depois de saberdes como os nossos Americanos se dezempenham no oficio, confessareis, que nada entendeis da materia em comparação d'eles ; por isso cumpre, que n'este assunto lhes cedaes a preeminencia.

Quando pois querem divertir-se e principalmente quando com ceremonias, que logo veremos, matam solenemente um prizioneiro de guerra para o comer, o seo costume (inteiramente contrario ao nosso em materia de vinho, que apreciamos fresco e limpido) é beber esse *cauim* amornado, e a primeira couza, que as mulheres fazem, é um pequeno fogo ao redor dos potes de barro, para aquecer a bebida ahi depozitada.

§ 14. Feito isto, começam por uma das extremidades a descobrir o primeiro pote, e a remexer e turvar a bebida, que depois tiram dos potes com cuias de cabaça, algumas das quaes têem quazi trez quartilhos de Pariz, † e assim os omens, dansando, passam uns após outros por junto das mulheres, as quaes aprezentam, e dam a cada um na propria mão um d'esses copazios xeios, e no dezempenho do oficio de despenseiras não olvidam beberricar sofrivelmente, e quer uns quer outros não deixam de beber e embigar tudo de um só trago.

Sabeis porém quantas vezes ? Serão repetidas tantas vezes até que os potes, dos quaes ali está uma centena, se esvaziem, e não fique n'eles uma só gôta de *cauim*.

E com efeito eu os vi não só beber trez dias e trez noites continuas, mas tambem depois de saciados e bebados a mais não poder ser, vomitar quanto tinham bebido, e recomeçar ainda mais bem dispostos que d'antes;

* O autor emprega o vocabulo *Lansquenets* dado outr'ora aos soldados da infanteria aleman.

† O autor diz: *Trois chopines de Pariz.* Cada *chopine* continha metade da *pinte*, e equivalia a 5 decilitro.

pois deixar a função seria expôr-se a ser considerado efeminado, e mais que *schelm* entre os Alemães.

§ 15. E o que ainda mais estraordinario e notavel torna-se entre os Tupinambás é, que assim como não comem couza alguma durante as suas bebedeiras, assim tambem, quando comem em seos banquetes, não tomam bebidas: de sorte que, vendo-nos entremear uma e outra couza, axavam assás estranhavel o nosso costume.

Diremos pois, que eles fazem como os cavalos? A resposta dada a isto por um *quidam* galhofeiro da nossa companhia era, que, além de não ser precizo esfregal-os e conduzil-os ao rio para beber, estam fóra do perigo de se lhes arrancar o rabixo.

Cumpre entretanto notar, que embora não observem óras de jantar, ou ceiar, ou merendar, como nós cá fazemos, nem mesmo ponham duvida em comer á meia noite ou ao meio dia, si têem fome, todavia jamais comem sem ter apetite, e póde dizer-se, que tam sobrios sam no comer como excessivos no beber.

Alguns tambem têem o decente costume de lavar as mãos e a boca antes e depois da comida: o que todavia fazem a respeito da boca (creio eu), porque do contrario a teriam sempre viscoza em razão da farinha de raizes e de milho, de que dice uzarem ordinariamente em lugar do pão.

Quando comem, observam admiravel silencio, de sorte que, si têem alguma couza para dizer, esperam até acabar a comida. Quando nos ouviam tagarelar e galhofear na ocazião das refeições, como entre Francezes é costume, punham-se a motejar.

§ 16. Proseguindo no meo assunto, direi, que em quanto dura a *cauinagem*, os nossos patifes e bregeiros americanos, para esquentar o cerebro, cantam, assobiam, incitam-se, exortam-se uns aos outros para portarem-se valentemente e fazer muitos prizioneiros, quando fôrem á guerra, enfileiram-se como grous, e não cessam de dansar, entrar e sair na caza onde estam reunidos, até que tudo se conclua, isto é, não se retiram dahi emquanto nos potes existir bebida, como já relatei.

E certamente para melhor verificar quanto digo, isto

é, que sam os primeiros e os mais refinados beberrões, creio aver alguns, que por sua parte em uma reunião xupistam mais de vinte potes de *cauim*.

§ 17. Já os pintei no precedente capitulo, quando eles emplumam-se, e com este trage matam e comem um prizioneiro de guerra, fazendo assim bacanaes á maneira dos pagãos, e ebrios figuram como sacerdotes; então os vereis de olhos torvos e cabisbaixos.

Acontece, algumas vezes sentarem-se em leitos de algodão suspensos no ar, e fronteiros uns aos outros, bebem de modo mais modesto; mas é costume entre eles reunirem ordinariamente todos os omens de uma aldeia ou de muitas para beber (o que nunca fazem para comer), e esses beberetes especiaes não sam frequentes.

§ 18. Igualmente ou bebam pouco ou muito, além do que já dice, convem acrecentar, que como não sofrem de melancolia, costumam congregar-se todos os dias para dansar e folgar nas suas aldeias. Os mancebos cazados têem a singularidade de adornarem-se com um d'esses grandes penaxos, a que xamam *arasoia*. Atada a arasoia na cintura e empunhando algumas vezes o maracá e dispostos e amarrados nas pernas os frutos secos (de que acima falei) sonantes como conxas de caracol, quazi não fazem outra couza todas as noites sinão entrar e sair de caza em caza, dansando e saltando; de sorte que quando eu os via e ouvia fazer tantas vezes a mesma couza, lembrava-me d'aqueles sugeitos, que em certas aldeias nossas sam conhecidos pela denominação de *valets de la feste*, os quaes no tempo do seo oficio e das festas, que fazem aos santos padroeiros de cada parochia, andam vestidos de bobos com cetro na mão e guizos nas pernas, brincando e dansando á mourisca nas cazas e nas praças.

Cumpre aqui notar, que todas as dansas dos nossos selvagens, quer sigam-se uns após outros, quer se disponham em roda, como direi, quando falar da sua religião, nunca as mulheres nem as raparigas misturam-se com os omens; e si estas querem dansar, o fazem em grupo separado.

§ 19. Finalmente, antes de acabar o assunto relativo modo de beber dos nossos Americanos, de que agora trato,

convem, que os leitores se convençam, que si eles tivessem vinho á vontade, enxugariam galhardamente as taças; por isso contarei aqui uma istoria jocoza e todavia tragica, a qual um *mussacá*, * isto é, bom pai de familia, que dá comida aos viajantes, contou-me em sua aldeia.

Falando ele no seo idioma nativo dice-me: Nós sorpreendemos uma caravela de Peros (isto é, Portuguezes, os quaes, como em outro lugar já referi, sam inimigos mortaes e irreconciliaveis dos nossos Tupinambás), na qual, depois de termos morto e comido todos os omens n'ela encontrados, e termos recolhido as mercadorias existentes, axamos, entre estas, grandes *caramemos* (assim xamam eles os toneis e outras vazilhas de madeiras) xeios de bebida, e alçando-os e destampando-os, quizemos provar o que era tal beberagem.

Tadavia (dizia-me o velho selvagem), não sei de que qualidade de *cauim* estavam xeios, nem si o tendes no vosso paiz; só sei dizer, que, depois de bebermos o nosso codorio, ficamos por dois ou tres diaz por tal fórma prostrados e adormecidos, que não estava em nosso poder despertar.

Assim era verosimil ser toneis de bom vinho de Espanha, com os quaes os selvagens, sem o pensar, tinham festejado Baco; e não nos devemos admirar, si o nosso omem, depois de bem acordado, dizia, que tinham subitamente recobrado as forças.

§ 20. Pelo que nos respeita, quando xegamos a esse paiz, procuramos evitar a mastigação, que essas mulheres fazem na compozição do seo *cauim*, como acabo de espender, por isso pilamos raizes de aipim e mandioca com milho, e cuidando fazer tal bebida de modo mais decente, fervemos tudo; mas, para dizer a verdade, a experiencia mostrou, que assim feita a potagem não era boa; comtudo pouco a pouco nos acostumamos a beber o *cauim* da outra especie, embora o não bebessemos ordinariamente; pois como tinhamos bastantes potes de assucar, o faziamos e o deixavamos de infuzão n'agua por alguns dias para poder resfriar, por cauza dos calores ordinarios d'esse

---

* O autor escreve: —*Moussacat*.

lugar; assim assucarado nós o bebiamos com grande satisfação.

Como as fontes e os rios sam de aguas claras e mui boas em razão da temperatura do clima (e direi, incomparavelmente mais sadias do que as nossas), essas aguas não fazem mal, embora bebamos á fartar. Nós bebiamos ordinariamente agua purissima, e sem compostura alguma.

Convem advertir, que os selvagens xamam a agua doce *uh-ete*, e a agua salgada *uh-eeu*. Esta é uma dição, que eles pronunciam na garganta, como os Ebreos fazem com as letras, que denominam guturaes, e era para nós a mais penoza de pronunciar entre todas as palavras do idioma indigena.

§ 21. Finalmente como eu não duvide, que algumas pessoas, ouvindo o que acima dice sobre a mastigação e revolvimento das raizes e do milho na boca das mulheres selvagens, quando preparam a bebida do *cauim*, enjoem e engulhem, por isso, afim de lhes diminuir de algum modo esse desgosto, peço-lhes, que lembrem-se do modo por que cá se procede na fabricação do vinho.

Pois si considerarmos, que nos sitios, onde crecem os bons vinhedos, os vinhateiros, no tempo da vindima, metem-se dentro das tinas e das cubas, nas quaes com lindos pés, e algumas vezes calçados de sapatos, maxucam as uvas, como tenho prezenciado, e ainda depois as enxuvalham na lagariça, veremos, que n'este mister passam-se muitas couzas, que não sam talvez mais apraziveis do que esse metodo de mastigar, abitual ás mulheres americanas.

Poder-se-á dizer, que o vinho, azedando e fermentando, lança fóra de si toda a impureza; mas eu respondo, que o nosso *cauim* purga-se tambem, e por tanto n'este ponto existe a mesma razão para uma e outra couza.

CAPITULO X

Animaes, veação, lagartos, serpentes e outros animaes monstruozos da America

§ 1. Começando este capitulo, advertirei, que a respeito dos animaes quadrupedes em geral e sem exceção

não existe na terra do Brazil na America um só, que seja em tudo e por tudo similhante aos nossos, e direi tambem que os nossos Tupinambás mui raramente alimentam-se com animaes domesticos.

Para descrever pois os animaes silvestres do seo paiz, por eles genericamente xamados *sóo*, começarei pelos que servem de alimentação.

§ 2. O primeiro e mais comun é um, a que xamam *tapirussú*, * o qual tem o pêlo avermelhado e assás comprido; tem quazi a dimensão, grossura e forma de uma vaca, todavia não tem xifres; tem o pescoço mais curto, as orelhas mais longas e pendentes, as pernas mais finas e delgadas, e o pé inteiriço com a forma do casco do asno; e pode dizer-se, que, participando de uma e outra alimaria, é semi-vaca e semi-asno.

Todavia difere ainda inteiramente de ambos, quer na cauda, que é mui curta (e notae aqui, que na America axam-se muitas alimarias absolutamente descaudatas), quer nos dentes, que sam muito mais cortantes e agudos; entretanto não é animal perigozo, por isso que só tem rezistencia na fuga.

Os selvagens o matam a frexadas como o fazem a muitos outros viventes, ou o apanham com laços e outras armadilhas feitas com muita industria.

§ 3. Alem d'isso este animal é muito estimado entre os indigenas por cauza da péle; pois quando o esfolam, cortam em roda todo o couro do dorso, depois de estar bem seco, e fazem rodelas tamanhas como o tampo de um tonel médio, das quaes se servem para amparar os golpes das frexas inimigas, quando vam á guerra.

Com efeito esta péle assim sêca e preparada é tam rija, que não creio, que aja frexa, por mais violentamente expedida que seja, que possa fural-a.

Trazia por curiozidade para a França, dois d'esses broqueis; mas quando em nosso regresso a fome assaltou-nos no mar, depois de faltarem-nos os viveres, e servirem-nos de alimento os bugios, papagaios e outros animaes, que traziamos d'esse paiz, foi-nos ainda precizo comer as

---

* O autor escreve:— *Tapiroussou.*

nossas rodelas tostadas nas brazas, e tambem todos os couros e peles, que vinham no navio, como em lugar competente direi.

A respeito da carne do tapirussú, tem ela quazi o mesmo gosto que a do boi; mas quanto ao modo de cozinhal-a e preparal-a, os nossos selvagens a fazem moquear, na forma de seo costume

§ 4. E porque já falei n'isso, e ainda será precizo repetir muitas vezes a palavra moquear, quero declarar o modo de proceder a tal respeito, afim de não conservar o leitor suspenso, pois oferece-se agora ocazião oportuna de instruil-o.

Os nossos Americanos pois infincam em suficiente profundidade da terra quatro forquilhas de páo da grossura de um braço, em quadro, na distancia de trez pés, e com igual altura de dois pés e meio, atravessando n'elas varas com uma polegada ou dois dedos de distancia uma da outra, e d'este modo formam uma grande grelha de madeira, que na sua linguagem xamam *moquem*. *

Têem muitos em suas cazas, e quando têem carne, a colocam ali cortada em pedaços, e com lenha seca, que não faça muita fumaça, acendem fogo lento por baixo, volteam a carne, revirando-a de meio quarto em meio quarto de ora, e assim a deixam assar por todo o tempo necessario.

E por que não salgam suas viandas para guardal-as, como nós cá fazemos, não têem outro meio de as conservar sinão fazendo-as assar.

§ 5. Si em um dia apanham trinta animaes ferozes ou outros dos que descrevemos n'este capitulo, afim de evitar a putrefação, cortam logo todos em pedaços e colocam no moquem, de maneira que, virando e revirando a carne, como já dice, ahi ás vezes a deixam por mais de 24 oras, até que a parte media e a parte aderente aos ossos fique tam assada como a parte esterior.

Assim fazem com os peixes, quando os têem em grande porção, principalmente da especie denominada *piraparatí*, que sam verdadeiros sargos, de que adiante falarei; e depois de os secarem bem, os reduzem a farinha.

---

* O autor diz: — *Boucan* e *boucaner*.

Em suma esses moquens lhes servem de salgadeira, aparador e guarda-comida ; por isso não ireis ás suas aldeias sem vel-os-guarnecidos não só de veações ou peixes, como tambem mais frequentemente os axareis cobertos de coxas, braços, pernas e outras grandes postas de carne umana dos prizioneiros de guerra, que matam e costumam comer, como adiante veremos.

Eis aqui quanto cabe dizer sobre o moquem e a moqueação, isto é, sobre a caza de assados dos nossos Americanos ; os quaes aliás (salvo a reverencia devida a quem o contrario escreveo), quando lhes apraz, não deixam de cozinhar as suas viandas.

§ 6. Ora, afim de proseguir na descrição dos seos animaes, convem dizer, que os mais volumozos, que têem depois do asno-vaca, de que acabamos de falar, sam certas especies de veados e corsas, a que xamam *suasssú* * ; mas além de estarem longe de ser tamanhos como os nossos e de terem xifres muito menores, ainda se deferencíam em terem o pêlo tam comprido como o das cabras cá da Europa.

Quanto ao javali d'esse paiz, que os selvagens xamam *taiassú*, † embora seja de fórma similhante ao das nossas florestas, e tenha parecidos a cabeça, orelhas, pernas e pés, comtudo os dentes sam mui compridos, curvos e ponteagudos, e por consequencia perigozissimos. E' muito mais magro e descarnado, tem grunhido e grito espantozo, e tem uma deformidade notavel, a saber, um operculo natural nas costas (como dice, que o golfinho tinha na cabeça), por onde sopra, respira e aspira, quando quer.

E para que não pareça isto extraordinario note-se, que o autor da *Istoria geral das Indias* diz, que tambem no paiz de Nicaragua, perto do reino da Nova-Espanha, existem porcos, que têem o embigo no espinhaço; e por certo sam da mesma especie dos que acabo de descrever.

Os trez supramencionados animaes, isto é, tapirussú, suassú, e taiassú sam os maiores d'essa terra do Brazil.

---

* O autor escreve :—*Seouassous*.

† O autor escreve:— *Taiassou*.

§ 7. Passando pois a outras alimarias bravias dos nossos Americanos, têem eles um animal vermelho xamado *aguti*, * do tamanho de um porco de mez, o qual tem o pé fendido, a cauda mui curta, o focinho e as orelhas quazi como as da lebre, e é de sabor agradabilissimo.

Outros, de duas ou trez especies, xamados *tapitis*, sam todos mui similhantes ás nossas lebres, e quazi do mesmo gosto; mas quanto ao pêlo, o têem mais avermelhado.

Apanham tambem nos bosques certos ratos do tamanho do esquilo e quazi do mesmo pêlo, os quaes têem a carne tam delicada como a do coelho.

Pag ou *pague* (pois não podemos bem distinguir a pronuncia) é animal da grandeza do cão perdigueiro mediano; tem a cabeça felpuda e mui mal feita, a carne oferece o mesmo gosto que a do vitelo, e quanto á pele é mui bonita e manxada de branco, pardo e preto; e si nós cá a tivessemos, seria mui valioza e apreciada para guarnições.

Vê-se outro animal do feitio de uma doninha e de pêlo pardacento, ao qual os selvagens xamam *sariguá* † e como fede muito, o não comem de boa vontade.

Todavia nós outros esfolamos alguns d'estes animaes, e conhecendo que sómente a gordura dos rins lhes dá o máo odor, tiramos-lhes esta viscera, e não deixamos de os comer; pois a carne é tenra e boa.

§ 8 Quanto ao *tatú* ‡ da terra do Brazil, é animal (como os ouriços de cá), que não pode correr tam rapido como o fazem muitos outros, por isso arrasta-se pelas moutas; mas em compensação está armado e coberto de escamas fortes e duras, e bem creio, que um golpe de espada o não ofenderá. Quando o esfolam, ficam as escamas ligadas e seguras na pele, da qual os selvagens fazem cestinhos xamados *caramemo*. Sendo dobrada, direis ser manopla de armadura: a carne é branca e mui saboroza.

Quanto á fórma porém, não vi n'esse paiz nenhum quadrupede similhante na altura das pernas ao que Belon

* O autor escreve: —*Agouti*.

† O autor escreve: — *Sarigoy*. É certamente a maritacaca.

‡ O autor escreve: —*Tatou*.

reprezentou em dezenho no fim do terceiro livro das suas observações, e ao qual ele todavia denominou *tatú* do Brazil.

§ 9. Ora, além de todos os sobreditos animaes, que sam os mais uzuaes na alimentação dos nossos Americanos, tambem comem crocodilos, xamados *jacarés*, os quaes teem a grossura da coxa do omem, com proporcional comprimento; mas longe de serem perigozos, ao contrario vi muitas vezes os selvagens trazerem vivos para suas cazas esses jacarés, ao redor dos quaes seos filhos brincavam sem receberem mal algum.

Todavia ouvi os velhos dizerem, que, andando nas matas, sam algumas vezes assaltados, e têem grande dificuldade de defender-se com frexadas contra uma especie de jacarés grandes e monstruozos, os quaes, quando de longe percebem e presentem vir gente, saem dos caniçaes aquaticos, onde fazem o seo covil.

E a tal respeito, além do que Plinio e outros referem dos crocodilos do Nilo no Egipto, diz o autor da *Istoria geral das Indias*, que matou crocodilos n'esse paiz, perto da cidade de Panamá, que tinham mais de 100 pés de comprimento : o que é couza quazi incrivel.

Observei nos jacarés medianos, que vi, que têem a boca mui rasgada, as pernas altas, a cauda não redonda nem despontada, antes xata e aguda na extremidade. Cumpre porém confessar, que não dei bem atenção, si estes anfibios não movem a mandibula superior, como geralmente se crê.

§ 10. Os nossos Americanos tambem apanham lagartos, xamados *teiús* * que não sam verdes como os nossos, mas cinzentos e com a pele aspera como as nossas lagartixas. Embora sejam do comprimento de quatro a cinco pés, e proporcionalmente grossos e de fórma repulsiva á vista, e conservem-se ordinariamente nas margens dos rios e lugares pantanozos como as rans, nem por isso sam mais perigozos do que estas.

E direi mais, que esfolados, destripados, lavados e bem cozinhados, aprezentam carne tam branca, delicada,

---

* O autor escreve: — *Touous*.

tenra e saboroza como o peito do capão, e constituem uma das boas viandas, que comi na America.

Verdade é, que em principio repugnava-me esse manjar; mas depois que o provei,não cessava de pedir lagarto.

§ 11. Tambem os nossos Tupinambás têem certos sapos grandes, os quaes sam moqueados com o couro, intestinos e tripas, e servem-lhes de alimento.

Assim atento o que os nossos medicos ensinam, e o que cada qual de nós crê, a carne, sangue e geralmente todo o corpo do sapo é mortifero; e sem que eu diga couza diversa dos sapos da terra do Brazil, de que acabo de falar, poderá o leitor dahi facilmente concluir, que por cauza da temperatura do paiz (ou talvez por qualquer outra razão que ignoro), taes sapos não sam ruins e venenozos, nem perigozos, como os nossos.

§ 12. Os selvagens tambem comem serpentes tam grossas como um braço de omem,e do comprimento de uma vara de Pariz;* e até vi os mesmos selvagens pegarem e trazerem (como dice que fazem com os crocodilos)uma especie de serpentes rajadas de preto e vermelho, as quaes em caza soltavam uivos no meio das mulheres e crianças, que, em vez de as temerem, as acariciam com as mãos.

Preparam e cozinham em pedaços essas grossas enguias terrestres; para dizer porém o que sei, é vianda mui insipida e adocicada.

Não lhes faltam outras especies de serpentes, e principalmente nos rios, onde encontram-se serpes compridas, delgadas, e tam verdes como acélga, cuja mordedura é muito venenoza; mas pela seguinte narração podereis compreender, que além dos teiús, de que acima falei,existe nos bosques outra especie de lagartos grandes que sam mui perigozos.

§ 13. Em certa ocazião dois Francezes e eu cometemos o erro de metermos-nos a caminho para vizitar o paiz, como costumavamos, sem levar selvagens por guia, e nos transviamos nos bosques;e quando ladeavamos profundo vale, ouvimos o ruido e andadura de um bruto, que

* O autor diz:— *Anne de Paris*. A *anne de Paris* corresponde a 1 metro e 194 milimetros.

vinha em nossa direcção ; e pensando ser animal silvestre, não paramos, nem damos importancia ao cazo.

Mas de repente,á destra e quazi a trinta passos de distancia, vimos na encosta da montanha um lagarto muito mais volumozo do que o corpo de um omem com o comprimento de seis a sete pés. Parecia revestido de escamas esbranquiçadas, asperas e escabrozas como cascas de ostras: ergueo um dos pés dianteiros, e com cabeça levantada, e olhos sintilantes, parou firme para encarar-nos.

Vendo isto,e não tendo então nenhum de nós arcabuz nem pistola, pois só traziamos espadas, e arco e frexa na mão (armas que não podiam servir-nos contra esse furiozo animal tam fortemente armado), tememos, que si fugissemos, o bruto coresse mais do que nós, nos alcançasse, empolgasse e devorasse. Assombrados como estavamos, olhando uns para os outros, ficamos quedos e immoveis.

Depois este monstruozo e medonho lagarto, abrindo a boca por cauza do grande calor que fazia (pois o sol brilhava e era então quazi meio dia) e soprando tam fortemente, que o ouviamos distintamente, contemplou-nos perto de um quarto de ora, volveo-se de repente e fugio pelo monte acima, fazendo maior barulho e estrepito nas folhas e ramos, por onde passava, do que faria um veado correndo na floresta.

E nós, que raspamos tamanho susto, não tivemos por certo a lembrança de perseguil-o, e louvando a Deos por ter-nos livrado do perigo, proseguimos no passeio.

Pensei depois, seguindo a opinião d'aqueles que dizem, que o lagarto deleita-se com o aspecto do rosto do omem,que o bixo tivera grande prazer de olhar para nós, que aliás tranzidos de medo o contemplavamos.

§ 14. N'esse paiz existe uma alimaria, xamada *jaguára* * pelos selvagens, a qual tem pernas quazi tam altas e é tam veloz na carreira como o galgo ; mas como tem cabelos compridos no mento e a péle linda e mosqueada como a da onça, tambem no mais muito se parece com esta féra.

---

* O autor escreve:— *Ian-ou-are.*

Os selvagens com razão temem muito esta alimaria ; pois vivendo de preza, como o leão, mata-os, despedaça, e come, quando os póde agarrar.

E como os selvagens sam crueis e vingativos contra tudo quanto os prejudica, quando podem apanhar algumas d'essas alimarias nas armadilhas (o que muitas vezes conseguem), não lhes podendo fazer maior mal, as ferem, e golpeam a frexadas, e as deixam assim por muito tempo desfalecer nos fóssos, onde cahiram, antes de as acabar de matar.

E afim de que melhor se entenda como esta alimaria os maltrata, referirei o seguinte :

Em certo dia em que cinco ou seis Francezes e eu passamos para a grande ilha, * os selvagens do lugar advertiram-nos, que nos acautelassemos contra o *jaguâra* e diceram, que durante a semana tinha ele comido trez pessoas em uma das aldeias indigenas.

§ 15. Tambem divaga n'essa terra do Brazil grande abundancia de pequenos macacos pretos,que os selvagens xamam *cahi* : e porque vêem muitos para cá, escuzada será qualquer descrição d'eles aqui.

Todavia direi, que vivem nos bosques d'esse paiz, sempre trepados em certas arvores, que produzem um fruto com caroços quazi como as nossas grandes favas, do qual se alimentam. Reunidos ordinariamente em bandos, principalmente no tempo das xuvas, é grande prazer ouvil-os gritar e celebrar o seo sabado n'essas arvores, como cá fazem os gatos nos telhados.

Este animal só traz no ventre um feto ; o filho tem a natural industria de abraçar, e agarrar-se no pescoço do pai ou da mãi, logo que nace : quando sam perseguidos pelos caçadores, saltam de galho em galho e salvam-se por este modo.

Por esta cauza os selvagens não podem facilmente apanhar os individuos novos e velhos, e não têem outro meio de pegal-os, sinão derribando-os das arvores á frexadas ou reboladas, donde caem atordoados e algumas

---

* E' a actual ilha do Governador.

vezes mal feridos. Depois que os curam, e domesticam em caza, os trocam por qualquer mercadoria com os estrangeiros, que por ali viajam.

Digo especialmente domesticados, porque esses macacos, quando sam recem apanhados, sam tam ferozes, que mordendo os dedos, e lacerando com os dentes as mãos dos apreensores, cauzam tamanha dor, que os pacientes os matam a pancadas para livrarem-se da agressão.

§ 16. Tambem existe na terra do Brazil um genero de macacos, que os selvagens xamam *saguim* * iguaes no tamanho ao esquilo e de pêlo ruivo igual ao d'este; quanto á figura têem o focinho, pescoço, rosto, e quazi tudo o mais como o leão; bravio como é, todavia foi o mais lindo animalzinho, que lá vi.

Com efeito si ele fôsse tam forte no tranzito do mar, como é o mono, seria muito mais apreciado; mas é delicadissimo, não póde suportar o balanço do navio no mar, e é tam melindrozo, que com qualquer contrariedade, que se lhe cauze, deixa-se morrer de desgosto.

Entretanto cá na Europa vêem-se alguns d'estes animalejos, e creio ser a tal quadrumano, que Marot alude, quando, introduzindo seo servo Fripèlipes a falar com um certo Sagon, que o censurára, assim se exprime:

Conbien que Sagon soit un mot,
Et le nom d'un petit marmot.

§ 17. Ora, embora eu confesse (apezar da minha curiozidade) não ter notado todos os animaes d'essa terra d'America, tam cuidadozamente como eu dezejára, todavia, para finalizar, ainda descreverei dois, os quaes sobre todos os outros sam de fórma estraordinaria e singular.

O maior, xamado *ahi* † pelos selvagens, é do tamanho de um grande cão d'agua, e tem cara de bugio, parecida com rosto umano, ventre pendurado, como o de porca prenhe, pêlo pardo-escuro, como lan de carneiro preto, cauda curtissima, pernas cabeludas, como as do urso, e unhas mui compridas.

* O autor escreve: — *Sagouim.*
† O autor escreve: — *Hay.*

E posto que nos matos seja mui feroz, quando é pegado, torna-se facil de amansar. Verdade é, que por cauza das unhas os nossos Tupinambás, sempre nús como andam, não gostam muito de folgar com este quadrupede.

Mas (couza que parecerá fabuloza) ouvi os moradores da terra não só selvagens mas tambem adventicios com longa rezidencia no paiz, dizerem, que ninguem jamais vio este animal comer, quer no campo, quer em caza; de sorte que julgam algumas pessoas, que ele vive de vento.

§ 18 O outro animal, de que tambem quero falar, e ao qual os selvagens xamam *coati*, é da altura de uma lebre grande, tem pêlo curto, reluzente e mosqueado, orelhas pequenas, erectas e pontudas; a cabeça é pouco volumoza, o focinho começa desde os olhos, tem comprimento de mais de um pé, é redondo como um bastão, afina de repente, e é tam grosso em cima como junto da boca (a qual alias é tam diminuta, que apenas caberia a ponta do dêdo minimo); esse focinho, digo, similhante ao bordão ou canudo da gaita de foles, é tal, que não é possivel aver outro mais estravagante, nem de fórma mais monstruoza.

Quando este animal é apanhado, conserva os quatro pés juntos e por este modo cae sempre para um ou para outro lado, ou esparra-se no xão, de sorte que ninguem póde fazel-o ter-se em pé: só come formigas, de que nos bosques ordinariamente se alimenta.

Quazi oito mezes depois de xegarmos á ilha, onde estava Nicoláo de Villegagnon, os selvagens trouxeram-nos um d'estes *coatis*, o qual por cauza da novidade foi por todos nós muito apreciado, como podeis imaginar.

Com efeito sendo assás defeituozo, comparado com os animaes da nossa Europa (como ja dice), muitas vezes pedi a um tal João Gardien, pessoa da nossa comitiva, perito na arte de retratista, para dezenhar este e outros muitos animaes, não só raros, como tambem cá desconhecidos; o que ele todavia, bem a meo pezar, nunca rezolveo executar.

CAPITULO XI

Variedade de aves da America, todas diferentes das nossas; bandos de grandes morcegos, abelhas, moscas, varejas, e outros vermes singulares d'esse paiz.

§ 1. Começarei tambem este capitulo das aves, que em geral os Tupinambás xamam *urá*, * pelas que nos servem de alimento.

Primeiramente direi, que os indigenas têem muita abundancia d'essas galinhas grandes, que nós xamamos galinhas da India, e eles xamam *arinhan-ussû* †, cumprindo acrecentar que os Portuguezes, depois que vizitaram esse paiz, deram-lhes raça das galinhas pequenas comuns, que os indigenas xamam *arinhan-mirim*, e que dantes não conheciam.

Todavia, como em outra ocazião já dice, embora façam cazo das galinhas brancas para tirar as penas, afim de tingil-as de vermelho e com elas ornar o proprio corpo, com tudo quazi não comem umas nem outras.

E como pensam, que os ovos, que eles xamam *arinhan ropia*, sam venenozos, quando nos viam sorvel-os, não só ficavam mui admirados, mas tambem diziam, que, por não termos paciencia para deixal-os xocar, praticavamos a gulodice de comer uma galinha, quando comiamos um ovo.

§ 2. Portanto não dam maior importancia ás suas galinhas, do que ás aves silvestres; por isso as deixam andar pôr onde elas querem, e elas trazem os pintos dos matos e moutas, onde xocaram, de sorte que as mulheres selvagens não têem o trabalho de criar os pintainhos com gemas de ôvo, como entre nós se pratica.

E com efeito as galinhas multiplicam de tal fórma n'esse paiz, que vereis localidades e aldeias das menos frequentadas pelos estrangeiros, onde por uma faca do valor de um *carolus* tereis uma galinha da India, e por um de dois *liards* ‡, ou por cinco ou seis anzóes de pescaria obtereis trez ou quatro galinhas pequenas comuns.

---

* O autor escreve: — *Oura*.

† O autor escreve: — *Arignan-oussú*.

‡ O *liard*, antiga moeda de cobre franceza, equivale a um quarto do soldo (*sou*).

Ora, com estas duas especies de aves domesticas os nossos selvagens alimentam domesticamente adens, a que xamam *upec* ; como porém estes mizeros Tupinambás têem arraigada na cabeça a louca opinião de que, si comessem d'este animal, que anda vagarozamente, isso os impediria de correr, quando fossem expulsos e perseguidos por seos inimigos, abilissimo será quem os persuadir a provar d'ele : pela mesma razão abstêem-se de todos os animaes, que andam com lentidão, e até de peixes, como arraia e outros, que não nadam com rapidez.

§ 3. Quanto a aves silvestres, apanham-se nos bosques algumas do tamanho de capões, de trez especies, que os Brazilienses xamam *jacutinga, jacupema e jacuassú,* * os quaes todos têem a plumagem preta e parda ; creio serem especies de faizões, e por isso posso assegurar não ser possivel comer melhor vianda do que a d'estes jacús.

Têem ainda especies excelentes, xamados *mutuns* †, que sam tamanhos como pavões, e com plumagem igual á dos jacús; todavia sam raros, e poucos se encontram.

O *macuco* e o *inambuassú* sam duas especies de perdis do tamanho do pato ; têem o mesmo sabor dos precedentes.

Como estes sam os trez seguintes, a saber : *inambú-mirim*, do mesmo tamanho das nossas perdizes, *pegassú*, da grandeza do pombo-trocaz, e *paiacú*, como a rôla.

§ 4. Deixando por brevidade de falar da caça, que axa-se em grande abundancia nos bosques, nas praias do mar, nas lagôas e nos rios d'agua doce, tratarei das aves, que não sam comuns na alimentação d'essa terra do Brazil.

Entre outras aves duas existem da mesma grandeza ou pouco mais ou menos, a saber mais volumozas do que o corvo, as quaes, como quazi todas as aves da America, têem unhas e bico aduncos, como papagaios, em cujo numero as poderiamos incluir.

Quanto porém á plumagem (como julgareis depois de ouvir-me), não creio podermos axar em todo o mundo aves

* O autor escreve:—*Iacoutim, iacoupen, iacououassou.*

† O autor escreve:—*Moutou.*

de mais deslumbrante beleza ; por isso, contemplando-as, somos forçados a magnificar, não a natureza, como fazem os profanos, mas o excelente e admiravel Creador de maravilhas taes.

Para dar pois prova d'isso, direi, que a primeira, a que os selvagens xamam *arara*,tem as penas das azas e da cauda, que mede pé e meio de comprimento, metade tam vermelha como fino escarlate,e metade de côr celeste tam brilhante como o mais fino escarlatim que possa aver ; o resto do corpo é azul, sendo que a nervura de cada pena separa sempre as cores opostas dos dois lados.

Quando esta ave expõe-se ao sol, como ordinariamente sucede, não se fartam olhos umanos de contemplal-a.

A outra ave, xamada *canindé*, tem toda a plumagem do papo em roda do pescoço tão amarela como ouro fino ; o dorso, as azas e a cauda sam de azul tão lindo que mais não é possivel; e quando observamos, que ela reveste-se da côr do ouro por cima, sombreada de roxo, pasmamos de tanta formozura.

§ 5. Os selvagens em suas canções fazem frequente menção d'esta ave, dizendo e repetindo muitas vezes d'este modo : —*Canindé-june, canindé-june, euraouech*, isto é, ave amarela, ave amarela, etc.; pois *june* ou *jup* na sua linguagem significa amarelo.

Embora estas duas aves não sejam domesticas, axam-se todavia mais uzualmente nas grandes arvores existentes no meio das aldeias do que nos bosques, e os nossos Tupinambás as depenam cuidadozamente trez e quatro vezes por anno, e fazem (como alhures dice) mui bonitos vestidos, carapuças, braceletes, guarnições de espadas de páo e outras couzas d'essas lindas penas, com que adornam o seo proprio corpo.

Trouxera eu para França muitas d'essas penas, e sobretudo das grandes caudas, que já dice serem naturalmente matizadas de vermelho e azul celeste ; em meo regresso porém, de passagem por Pariz, um *quidam* da caza real, a quem as mostrei, não cessou de importunarme emquanto as não obteve de mim.

§ 6. Os papagaios n'essa terra do Brazil sam de trez ou quatro especies; os maiores e mais bonitos, que os selvagens xamam *ajurús*,* têem a cabeça rajada de amarelo, vermelho e rôxo, a ponta das azas encarnada, a cauda comprida e amarela, e o resto do corpo verde; poucos podem vir cá; e todavia sam notaveis pela linda plumagem, e quando ensinados sam os que melhor falam, e por consequencia os de maior estimação.

Com efeito, um trugimão prezenteou-me com um d'estes passaros, que ele por espaço de trez annos conservava em seo poder, e pronunciava tam perfeitamente as palavras da lingua selvagem e da franceza, que, não se vendo o papagaio, ninguem distinguia a sua voz da voz do omem.

§ 7. Era porém ainda maior maravilha um papagaio d'esta especie, que certa mulher selvagem possuia em uma aldeia distante duas legoas da nossa ilha; pois esta ave obrava como si tivesse entendimento para compreender e distinguir o que sua dona lhe dizia. Quando passavamos por ali, esta dizia-nos na sua linguagem: Dás-me um pente ou um espelho, para eu fazer já em vossa prezença meo papagaio cantar e dansar? Si para termos tal divertimento davamos o que ela pedia, apenas falava com o passaro, começava ele a saltar na vara em que pouzava, a conversar, assobiar e arremedar os selvagens, quando vam para a guerra, de modo incrivel. Em suma, quando bem parecia á dona, dizia-lhe esta: canta, ele cantava; dansa, ele dansava. Si ao contrario não lhe aprazia ou nada lhe davamos, apenas ela dizia com aspereza ao papagaio —*augé*—isto é, pára, ele aquietava-se, sem proferir palavra, e por mais que lhe dicessemos qualquer couza, não estava mais em nosso poder fazel-o mover nem pé, nem lingua.

Si os antigos Romanos, sabios e ilustrados, faziam suntuozos funeraes ao corvo, que em seos palacios os saudava por seos proprios nomes, e até tiravam a vida a quem o matava, como nos refere Plinio; imaginai agora o

---

* O autor escreve—*Aeourous.*

que fariam eles, si possuissem um papagaio tam perfeitamente ensinado !

Essa mulher selvagem o xamava *xirimbabo*,* isto é, couza que muito amo, e o apreciava tanto que quando perguntavamos, si o queria vender e quanto por ele pedia, respondia por motejo : *Mocauassú*, isto é, uma artilharia ; de sorte que nunca o podemos aver á nossa mão.

§ 8. A segunda especie de papagaios, xamados *marganaz* pelos selvagens, sam d'aqueles que de lá trazem os viajantes, e que mais comumente vemos em França ; não logram entre eles grande estimação; pois lá sam em tam grande abundancia, como entre nós sam os pombos ; e embora a carne seja algum tanto dura, todavia como tem sabor de perdiz, nós muitas vezes os comiamos, pois os tinhamos com fartura.

A terceira especie de papagaios, xamados *tus* † pelos selvagens, e *moissons* pelos marinheiros normandos, não sam maiores do que os estorninhos; quanto á plumagem porém, têem o corpo todo verde como a pera, excéto a cauda, que é mui comprida e entremeada de amarelo.

Lembrando-me ter alguem dito na sua *Cosmografia*, que os papagaios fazem os seos ninhos pendentes dos ramos das arvores, afim de que as serpentes não lhes comam os ovos, não terminarei este capitulo sobre taes passaros sem dizer ligeiramente, que vi o contrario na terra do Brazil, onde os papagaios fabricam os ninhos redondos e durissimos no ôco das arvores : portanto considero tal asseveração como pêta e conto imaginado pelo autor d'esse livro.

§ 9. As outras aves principaes do paiz dos nossos Americanos sam aquelas que eles xamam *tucano* ‡, de que a outro propozito acima fiz menção. Sam do tamanho do pombo trocaz, e têem toda a plumagem tam negra como a gralha, excéto o papo.

Este, como em outro lugar já dice, tem quazi quatro

---

* O autor escreve :—*Cherinabané.*
† O autor escreve :—*Tous.*
‡ O autor escreve: *Toucou.*

dedos de comprimento e trez de largura, e é mais amarelo do que o assafrão, e cingido de vermelho por baixo: os selvagens o esfolam, e d'ele servem-se para lhes cobrir e ornar as faces e outras partes do corpo, e costumam trazel-o, quando dansam, e por este motivo o denominam *tucantaburacé*,* isto é, pena de dansar, e muito o apreciam.

Todavia como possuem grande quantidade d'essas penas, não põem dificuldade em as dar e trocar por qualquer mercadoria, que lhes dam os Francezes e Portuguezes, que ali traficam.

Ainda mais: esta ave *tucano* tem o bico mais comprido do que o resto do corpo, com grossura proporcional: sem o equiparar nem o contrapor ao bico do grou, que em nada se lhe compara, cumpre consideral-o não só como o bico dos bicos, mas tambem como o mais descomunal e monstruozo, que podemos encontrar entre todas as aves do universo.

De sorte que não é sem razão, que Belon, tendo obtido um, o aprezentou por singularidade dezenhado no fim do seo terceiro livro das aves; pois embora o não nomêe, o que ali está configurado é sem duvida o bico do nossso tucano.

§ 10. N'essa terra do Brasil vive outra especie de passaro, que é do tamanho do melro, e tambem preto, fóra o peito, que é vermelho como sangue de boi; os selvagens o esfolam, como ao precedente, e xaman esta ave *panon*.

Existe outra especie de ave do tamanho do tordo, que os selvagans xamam *quiampiau*, a qual tem toda a plumagem vermelha como escarlate.

Como singular maravilha e obra prima de pequenhez, não devemos omitir um passarinho, que os selvagens xamam *guanumbi* †, de penas esbranquiçadas e reluzentes, o qual, embora não tenha o corpo maior do que um bezouro ou escaravelho, prima no canto. Este pequenissimo passarinho quazi não se arreda de cima dos pés de milho, que os selvagens xamam *avati*, ou de cima de outros arbustos,

---

* O autor escreve:—*Toucantabouracé.*
† O autor escreve:—*Gonambuch.*

tendo sempre o bico e guela aberta ; e si o não vissemos e ouvissemos, jamais acreditariamos, que de tam diminuto corpo podesse sair canto tam solto e alto, e até direi, tam claro e nitido, que em nada cede ao rouxinol.

§ 11. Como eu não poderia especificar com minudencia todas as aves existentes na terra do Brazil, as quaes não só diversificam nas especies das da nossa Europa, mas tambem aprezentam diferente variedade de cores, como vermelho, encarnado, rôxo, branco, cinzento, matizado de purpura, e outras côres, finalizarei descrevendo uma, que os nossos selvagens (pela razão que adiante direi) têem em tal estimação que muito se penalizariam de lhes cauzar qualquer mal ; e si souberem, que alguem matou alguma d'estas aves, estou certo, que o fariam arrepender-se de tal procedimento.

Esta ave é maior do que o pombo, e de plumagem parda cinzenta ; o misterio porem, em que dezejo tocar, é que, tendo ela a voz penetrante e ainda mais plangente do que a da coruja, os nossos mizeros Tupinambás, que a ouvem assim clamar mais de noite do que de dia, têem no cerebro impressa a idea de serem seos parentes e amigos finados, que enviam estas aves em sinal de bôa fortuna, e sobretudo para os encorajar a portar-se valentemente na guerra contra os inimigos : creem firmemente, que, si observarem o que lhes é indicado n'estes agouros, não só vencerão os inimigos n'este mundo, como tambem, quando morrerem, o que mais importante é, irão suas almas ter com os seos predecessores alem das montanhas para dansar com eles.

§ 12. Em certa noite dormi em uma aldeia xamada Upec pelos Francezes ; e ali á tarde ouvi esses passaros cantarem lamentozamente, e vi os mizeros selvagens atentos em escutal-os. Sabedor da razão de tal procedimento, quiz admoestal-os contra essa alucinação ; mas apenas assim falei-lhes e comecei a rir-me com outro Francez, um ancião, que ali estava, dice-me rudemente : « Cala-te, e não nos embaraces de ouvir as noticias, que os nossos avós agora nos anunciam ; pois quando ouvimos estas aves, ficamos todos contentes, e recebemos novas forças. »

Portanto sem replicar (pois seria trabalho perdido) lembrei-me d'aqueles que acreditam e ensinam, que as almas dos finados, voltando do purgatorio, os vêem advertir dos seos deveres, e pensei, que o que fazem os mizeros e cegos Americanos é mais suportavel nas suas brenhas ; pois embora confessem a imortalidade d'alma, como direi, quando falar da sua religião, longe estam de crer, que as almas voltem depois de separadas dos corpos, e apenas dizem, que estas aves sam seos mensageiros.

Eis quanto eu tinha de dizer acerca das aves da America.

§ 13. N'esse paiz existem morcegos quazi tam grandes como as nossas pequenas gralhas, os quaes entram de noite nas cazas, e si axam alguem dormindo com os pés descobertos, dirigem-se sempre ao dedo maximo, e não deixam de xupar sangue ; e xegam algumas vezes a tirar mais de um pucaro, sem que o paciente o sinta.

De sorte que quando pela manhan despertavamos, ficavamos admirados de vêr a roupa da cama e as adjacencias ensanguentadas ; entretanto os selvagens, quando vêem isso, quer aconteça a uma pessoa das suas, quer a um estrangeiro, apenas riem-se do cazo.

E com efeito eu mesmo fui assim surpreendido, e alem do motejo a que me expunha, acontecia ainda, que por dois ou trez dias só com dificuldade podia calçar-me, por estar ofendida a extremidade mole do dedo maximo do pé, embora não fôsse grande a dôr.

§ 14. Os moradores da costa de Cumàna, terra situada a quazi 10 gráos aquem da linha equinocial, sam igualmente molestados por esses grandes e maleficos morcegos, a cujo respeito o escritor da *Istoria geral das Indias* refere um conto jocozo. Diz ele:« Estava em Santafé de Caribici o criado de um frade sofrendo de um pleuriz, e como não encontrou-se a veia para sangral-o, foi deixado por morto ; mas durante a noite veio um morcego, que o mordeo junto ao calcanhar, que axou descoberto, donde tirou sangue para fartar-se ; e como deixasse

---

* Choucas, diz o original.

a veia aberta, sahio tanto sangue quanto bastou para curar o paciente. »

Ao que acrecento com o istoriador, que foi o morcego excelente e graciozo cirurgião para o pobre doente.

De sorte que não obstante o mal, que recebemos d'esses grandes morcegos d'America, este ultimo exemplo mostra, que longe estam de ser tam nocivos como eram essas aves sinistras, xamadas estrigias pelos Gregos, as quaes, como diz Ovidio, *Fastos liv.* 6, sugavam o sangue dos meninos no berço, por cuja razão depois esse nome foi dado ás feiticeiras.

§ 15. As abelhas d'America não sam similhantes ás nossas de cá, antes parecem-se mais com as pequenas moscas pretas, que temos no estio, principalmente no tempo das uvas.

Fazem o mel e a cera nos bosques em ôcos de páo, produtos que os selvagens sabem aproveitar.

Emquanto estam misturados, xamam a tudo isso *ira-ietic*, pois *ira* é mel e *ietic* é cera; depois de os separarem, comem o mel, como nós cá praticamos, e quanto a cêra, que é quazi tam preta como o pez, a reunem em rolos da grossura de um braço. Não fazem todavia arxotes ou velas; pois de noite não uzam de outra luz sinão de madeiras, que dam flama clarissima, e servem-se d'esta cera principalmente para betumar os grossos canudos de cana, em que guardam as suas plumas, afim de as preservar de certa especie de borboletas, que do contrario as estragariam.

§ 16. E afim de que seguidamente eu descreva estes animaculos xamados *aravers* pelos selvagens, direi, que não sam mais corpulentos do que os nossos grilos, e saindo de noite em cardumes buscam o fogo, e não deixam de roer quanta couza encontram. Lançam-se sobre os cabeções e sapatos de marroquim com tal gana que comem a parte esterior, e os donos de taes objetos, ao levantarem-se pela manhan, os axam brancos e roidos; e acontecia, que, si de noite deixavamos galinhas ou outras quaesquer aves assadas e mal guardadas, esses *aravers* as roiam até os ossos, e assim não podiamos ter certeza de axal-as no dia seguinte.

§ 17. Os selvagens tambem sam perseguidos em suas pessoas por outra especie de pequeno insecto xamado *tu*, * o qual vive metido na terra, e em principio não passa do tamanho de uma pequena pulga; mas fixando-se na carne, especialmente debaixo das unhas dos pés e das mãos, ahi, como o oução, produz subita comixão, si não se tem logo cuidado de arrancal-o.

Penetrando sempre mais, tornar-se-á em pouco tempo do tamanho de uma ervilha, e então não poderá ser extirpado sem grande dôr.

E não sam sómente os selvagens, que andam nús e descalsos, que sam atacados e molestados por tal insecto; nós os Francezes tambem, por melhor vestidos e calçados, que andassemos, tinhamos tanta necessidade de acautelar-nos, que, por mais cuidadozo que eu fôsse em revistar-me, tiraram-me de diversos lugares do corpo mais de vinte em um so dia.

Em suma vi pessoas deleixadas em precaver-se por tal modo danificadas por essas traças-pulgas, que não só tinham as mãos, pés e dedos estragados, mas até o sovaco e outras partes moles do corpo estavam cobertas de pequenos relevos como verrugas provenientes d'este mal.

§ 18. Por isso tenho como certo, que é a este pequeno verme, que o istoriador das Indias ocidentaes xama *nigua*; o qual, como ele diz, tambem existe na ilha Espaniola. Eis-aqui o que escreveo: — A *nigua* é como uma pequena pulga, que salta; gosta muito da poeira; só morde nos pés, onde mete-se entre a pele e a carne, e logo põe lendeas em maior quantidade do que poderiamos pensar, atenta a sua pequenhez, e estas produzem outras, e si as deixam sem prevenção alguma, multiplicam-se tanto que se não podem expelir nem remediar sinão com fogo ou ferro; mas si as tiram cedo, cauzam pouco mal.

Alguns Espanhoes (acrecenta o autor) perderam os dedos dos pés, e outros todo o pé.

§ 19. Ora, para remediar o mal, os nossos Americanos esfregam a ponta dos dedos dos pés, e outras partes do corpo, em que os taes vermes buscam aninhar-se, com

---

* O autor escreve: — *Tou.*

certo oleo avermelhado e espesso, estrahido de um fruto, xamado *couroq*, que é quazi como uma castanha encascada ; o que nós tambem lá faziamos.

E convem dizer, que este unguento é tam soberano para curar xagas, fracturas e quaesquer dores, que sobrevem ao corpo umano, que os nossos selvagens, conhecedores da sua eficacia curativa, o reputam tam preciozo, como alguns individuos de cá consideram o xamado oleo santo.

Por isso o barbeiro do navio, em que regressamos á França, tendo-o experimentado em muitas ocaziões, trouxe dez ou doze potes grandes xeios d'esse oleo e outros tantos de gordura umana, que ajuntára, quando os selvagens cozinhavam e assavam os prizioneiros de guerra, do modo porque direi em lugar oportuno.

§ 20. Os ares d'essa terra do Brazil tambem produzem certa especie de pequenos mosquitos, que os seos abitantes xamam *jetim*, os quaes ferroam tam vivamente, ainda atravez de roupas delgadas, que dir-se-ia serem pontas de agulha.

Por tanto podeis imaginar quam divertido é ver os selvagens nús perseguidos por taes insectos ; pois batendo com as mãos nas nadegas, côxas, espaduas, braços e em todo o corpo, dirieis então serem carreiros açoutando os cavalos com seos xicotes.

§ 21. Acrecentarei ainda, que, remexendo a terra, e debaixo das pedras, na região do Brazil, axam-se escorpiões, os quaes, não obstante serem muito menores do que os que se vêem em Provença, comtudo nem por isso deixam de ter ferrões venenozos e letaes, como experimentei. Costuma este animal procurar os objetos claros ; por isso aconteceo, que, tendo eu mandado lavar a minha rede, e extendel-a ao ar, ao modo dos selvagens, aparecesse um escorpião, que ocultava-se em uma dobra do pano da rede. Quando quiz deitar-me sem o ter visto, ferroou-me no dedo grande da mão esquerda, que inxou tam rapidamente, que, si não recorresse logo a um dos nossos boticarios, que tinha alguns lacráos mortos em conserva de azeite n'uma garrafinha, e aplicou-me um

sobre o dedo, o veneno ter-se-ia rapidamente espalhado por todo o corpo.

Com efeito não obstante este remedio, alias considerado como o mais poderozo para este mal, o contagio foi tamanho, que por espaço de 24 oras fiquei em tal aflição, que não podia conter-me com a violencia da dôr.

Os selvagens, quando sam mordidos por estes escorpiões, uzam de igual receita, isto é, matal-os e esmagal-os imediatamente sobre a parte ofendida, si os podem apanhar.

§ 22. Ja dice, que os selvagens sam mui vingativos e furiozos contra tudo que os ofende; assim si topam com o pé em alguma pedra, a morderão ás dentadas, como fazem cães enraivecidos; por isso perseguindo os animaes que os danificam, despovoam d'eles o paiz quanto podem.

§ 23. Finalmente existem caranguejos terrestres, que os Tupinambás denominam *ussá*,* e surgem em bandos, como gafanhotos grandes, nas praias do mar e em outros lugares alagados e pantanozos.

Quando xega alguem a estes sitios, vê estes crustaceos fugirem de costas, e salvarem-se com celeridade em buracos que fazem nos troncos e raizes das arvores, donde com dificuldade só os podem tirar depois de nos maltratarem os dedos com suas grandes patas, embora possamos xegar em seco até esses buracos, que têem a abertura superior patente e descoberta.

Sam muito mais magros do que os caranguejos marinhos; e como quazi não têem carne, e exhalam xeiro de raizes do canamo, não têem sabor agradavel.

CAPITULO XII

Alguns peixes mais comuns entre os selvagens da America, e seo modo de pescar

§ 1. Afim de obviar repetições, que evito quanto posso, envio os leitores para o terceiro, quinto e setimo capitulo d'esta istoria, bem como para outros lugares, em

---

* O autor escreve:— *Oussa.*

que fiz menção das baleias, verdadeiros monstros marinhos, dos peixes voadores e de outros de varias especies, e tratarei n'este capitulo principalmente dos mais frequentes entre os nossos Americanos, e dos quaes todavia ainda não falei.

§ 2. Começarei dizendo que os selvagens dam a todos os peixes a denominação generica de *pirá* ; quanto porém ás especies, têem duas qualidades de sargos verdadeiros, a que xamam *curiman** e *parati*, os quaes, quer cozidos, quer assados (sobretudo o segundo) sam excelentes e saborozos.

Estes peixes andam abitualmente em bandos, como sucede cá na Europa, onde os vi no Loire e em outros rios de França subir do mar. Os selvagens, quando os vêem em cardumes compactos, aproximam-se de repente, atiram sobre eles grandes frexas tam certeiras, que em poucos momentos fisgam muitos peixes, os quaes assim feridos não podem ir ao fundo. Então os frexadores os vam apanhar a nado.

A carne d'estes peixes é sobre todas mui friavel ; e quando os selvagens os apanham em grande quantidade, os secam no moquem, esmigalham, e reduzem á farinha.

§ 3. O *camurupim-uassú* † é um peixe mui grande (pois *uassu* em linguagem brazilica significa grande ou volumozo, conforme a acentuação que se lhe dá) do qual os nossos Tupinambás, quando dansam e cantam, fazem menção, dizendo e repetindo muitas vezes d'este modo : *Pirá-uassu a uêh* : *camurupim-uassu a uêh* etc., etc.,— é mui bom de comer.

Existem outros dois peixes xamados *uára* e *acara-uassú*, que sam quazi da mesma grandeza que o precedente, porém melhores ; e até direi, que o *uára* não é menos delicado do que a nossa truta.

Temos outro peixe xamado *acarapeh* ; é xato, e cozido desprende gordura amarela, que lhe serve de molho. A carne é optima.

Temos tambem o *acara-buten*, peixe viscozo de côr trigueira ou avermelhada, o qual, sendo muito menor do

---

* O autor escreve : *Kurema*.

† O autor escreve : *Camouroupony-ouassou*.

que os supramencionados, não tem gosto agradavel ao paladar.

Outro peixe xamado *pira-ipoxi* * é do comprimento da enguia, e não é bom; *ipoxi* na linguagem indigena quer dizer isto mesmo.

Emquanto ás arraias, que os selvagens pescam no rio de Geneure, e nos mares adjacentes, sam mais amplas do que as que vemos na Normandia, na Bretanha e n'outros lugares cá da Europa, têem dois xifres compridos, cinco ou seis gretas no ventre (parecendo artificiaes), cauda longa e fina; sam timiveis e venenozas.

Um dia apanhamos uma arraia; e na ocazião de metel-a na embarcação picou a perna de um companheiro nosso, e imediatamente tornou-se vermelho e inxado o lugar ofendido.

Eis ahi o que podemos sumariamente dizer a respeito de alguns peixes d'agua salgada da America, cuja multidão aliaz é inumeravel.

Os rios d'agua doce d'esse paiz estam xeios de uma infinidade de peixes medianos e pequenos, que os selvagens geralmente xamam *pirá-mirim* (pois *mirim* no seo idioma quer dizer pequeno); mas apenas descreverei ainda duas especies enormemente disformes.

O primeiro, xamado *tamuatá* pelos selvagens, não tem ordinariamente sinão meio pé de comprimento, tem a cabeça mui grande, isto é, monstruoza em comparação do resto do corpo, duas barbatanas debaixo das guelras, os dentes mais aguçados de que os do lucio, as aréstas penetrantes, e todo o corpo armado de escamas tam rezistentes que não creio que uma cutilada lhes faça móça, como sucede com o *tatú*, animal terrestre, conforme já dice alhures: a carne é mui tenra, boa e saboroza.

Os selvagens denominam *pana-pana* outro peixe, que é de grandeza mediana; quanto porém á fórma tem corpo, cauda, e pele similhante ao precedente, e tam aspera a mesma pele como a do tubarão.

Tem aliás a cabeça tam xata, sarapintada e mal

---

* O autor escreve: *Pirá-ypochi*.

conformada que, estando fóra d'agua, divide-se e separa-se em duas, como si a tivessemos propozitalmente partido, e assim oferece o mais orrendo aspecto de uma cabeça de peixe.

§ 4. Quanto ao modo de pescar dos selvagens, cumpre notar, que já dice, que eles apanham o sargo a frexadas; e isto deve entender-se acerca de todas as outras especies de peixe, que podem distinguir n'agua, convindo observar que omens e mulheres da America todos sabem nadar como cães d'agua para irem buscar n'agua a caça e a pesca; assim tambem os meninos apenas começam a caminhar, metem-se nos rios e nas praias, e mergulham como patinhos.

Para exemplo d'isto referirei brevemente, que, em um domingo pela manhan, passeavamos na plataforma do nosso fortim, quando vimos no mar virar uma canoa de casca de páo (feita como adiante descreverei), na qual estavam mais de trinta individuos selvagens, grandes e pequenos, que vinham vêr-nos.

Pressurozos acudimos com um escaler em socorro dos periclitantes; mas axamos todos rizonhos nadando nas ondas, dizendo-nos um d'eles :—E onde ieis tão apressadamente, vós outros Mairs? (assim xamam os Francezes).

Respondemos:—Vinhamos para salvar-vos, e tirar-vos d'agua.

Ao que replicou :—Na verdade agradecemos a vossa bôa vontade; mas pensaveis, que, por termos cahido no mar, estavamos em perigo de afogar-nos? Pois sem tomar pé, nem xegar á terra, ficariamos oito dias em cima d'agua, como agora vêdes; por tanto temos muito mais medo, que algum peixe grande nos puxe para o fundo do que tememos afundar-nos.

E os outros que nadavam todos como verdadeiros peixes, advertidos pelo companheiro da cauza da nossa vinda repentina, zombavam, e pozeram-se a rir tanto, que os viamos e ouviamos soprar e roncar em cima d'agua, como um bando de golfinhos.

Com efeito embora estivessemos ainda a mais de um quarto de legoa de distancia do fortim, comtudo só quatro

ou cinco quizeram entrar no nosso batel, mais por conversar comnosco do que por temor do perigo.

Observei, que os outros, adiantando-se algumas vezes a nós, não só nadavam tam dezafrontados e galhardos quanto queriam, mas tambem descansavam sobre as aguas, quando bem lhes aprazia.

Submergiram-se algumas rêdes de algodão, viveres e outros objétos, que vinham na canôa, e traziam para nós, mas nem por isso se importaram mais do que nós nos importariamos com a perda de uma maçan ; pois diziam, que em terra tinham couzas iguaes.

§ 5. Sobre este assùnto da pesca dos selvagens, não quero omitir a narração do que ouvi um d'eles contar, a saber : que estando em certa ocazião com outros em um d'esses barcos de casca de páo muito amarados, e fazendo aliás tempo calmo, veio um grande peixe, que segurou-o com as garras, e queria ou viral-o, ou meter-se dentro do barco, conforme lhe pareceo.

Vendo isso (dizia ele) cortei-lhe rapidamente a mão com uma fouce, e caindo e ficando a mão no nosso barco, vimos, que ela tinha cinco dedos como a mão de um omem ; e o peixe excitado pela dôr, que sentio, mostrou fóra d'agua cabeça de fórma umana, e soltou pequeno gemido.

Sobre tam estranho conto d'este Americano, deixo o leitor filozofar, e atendendo á comum opinião, que admite no mar todas as especies de animaes terrestres, e especialmente em vista do que escreveram alguns autores sobre os tritões e sereias, julgar si era um tritão, sereia, macaco ou bugio marinho este, cuja mão o selvagem afirmava ter cortado.

Todavia sem condenar a existencia de taes couzas, direi francamente, que durante nove mezes de permanencia no alto mar sem pôr pé em terra sinão uma vez, e durante as navegações costeiras que por vezes fiz, não observei couza igual a isto ; nem vi, no meio de uma infinidade de especies de peixes, que apanhamos, peixe algum que se aproximasse da fizionomia umana.

§ 6. Para terminar o que tinha de dizer a respeito da pescaria dos nossos Tupinambás, cumpre declarar, que

além d'este modo de flexar os peixes, de que tantas vezes tenho falado, eles tambem acomodam espinhas á feição de anzoes, seguindo o seo antigo metodo, fabricam linhas de uma planta xamada *tucum*, * que desfia-se como o canhamo, e é muito mais forte, e com isso pescam de cima das ribanceiras e margens das aguas.

Tambem penetram no mar e rios d'agua doce em jangadas, denominadas *piperis,* e compostas de cinco ou seis páos redondos mais grossos do que o braço de um omem, juntos e bem ligados com vergonteas retorcidas. Sentados n'esta armadilha com as pernas estendidas, dirigem-se para onde querem com um pequeno bastão xato, que lhes serve de remo.

Como estes *piperis* não têem mais de uma braça de comprimento e apenas quazi dois pés de largura, não rezistem a qualquer tormenta, e mal póde cada um suster um omem ; de sorte que quando os nossos selvagens em tempo bom estam nús e separados pescando no mar, direis ao vel-os de longe,que sam macacos ou antes (tão pequenos parecem) rans aquecendo sol em axas de lenha no meio das aguas.

Todavia como estas jangadas, arranjadas como canudos de orgãos, sam assim fabricadas, fluctuam n'agua como uma pranxa grossa, penso, que si cá as construissemos, teriamos meio bom e seguro de passar os rios, os pantanos e lagos d'aguas mortas ou de fraca corrrenteza; junto aos quaes vemo-nos ás vezes bem embaraçados, quando temos pressa de tranzito.

§ 7. Ora, além de quanto fica relatado, acrecentarei, que, quando os selvagens nos viam pescar com redes, que tinhamos trazido, e que eles xamam *pussa-uassú* †, mostravam grande satisfação de ajudar-nos e vêr-nos apanhar tanto peixe de um só jacto, e si por ventura nós os deixavamos manejar as redes,eles por si já sabiam pescar com elas.

---

* O autor escreve :— *Toucon.*
† O autor escreve:—*Puissá-ouassou.*

Depois que ossFrancezes traficam além-mar, os Brazilienses colhem vantagens das mercadorias, que recebem, e muito louvam os traficantes, porque nos tempos passados os indigenas eram obrigados (como já dice) a pôr espinhas de peixe na ponta das suas linhas de pesca em lugar de anzóes, e agora têem a vantagem da gentil invenção d'esses pequenos ganxos de ferro tam adoptados ao mister da pescaria.

Por isso, como alhures dice, os rapazes d'essa terra aprenderam a dizer aos estrangeiros, que andam por lá: —*De agatorem amabe pinda*, isto é: - Tu és bom, da-me anzóes. Pois *agatorem* no seo idioma quer dizer bom, *amabe* dá-me, e *pindá* anzol.

Si não se lhes dá o que pedem, a caniçalha, voltando subitamente o rosto, repete com insistencia:—*De engaipa ajuca*, isto é,—Tu não prestas, devemos matar-te.

§ 8. Sobre este assunto direi, que si quizermos ser primos (como comumente dizemos) quer dos grandes quer dos pequenos, cumpre não negar-lhes nada.

Verdade é, que não sam ingratos, principalmente os velhos, pois, quando nem no obzequio pensamos, lembram-se do donativo, e agradecidos vos retribuirão com alguma couza.

Como quer que seja porém, observei, que os selvagens amam as pessoas alegres, galhofeiras e liberaes,e ao contrario aborrecem os taciturnos, avaros e melancolicos; portanto posso assegurar aos somiticos, vizionarios e forretas, e aos que comem o pão no saco, como se costuma dizer, que não serão bem vindos entre os nossos Tupinambás, pois estes por natureza detestam tal qualidade de gente.

CAPITULO XIII

Arvores, ervas, raizes e frutos deliciozos, que a terra do Brazil produz

§ 1. Tenho já falado tanto dos animaes quadrupedes como das aves, peixes, reptis e couzas dotadas de vida, movimento e sensibilidade, existentes n'America; e antes de falar da religião, guerra, policia, e outros modos

de proceder dos nossos selvagens, de que ainda não tratei, descreverei as arvores, ervas, plantas, frutos, raizes, e em suma tudo quanto comummente se diz ter alma vegetativa vivente n'esse paiz.

E porque entre as arvores mais notaveis prezentemente conhecidas entre nós, o páo-brazil (do qual esse paiz tomou o nome por nosso respeito) é uma das mais apreciadas por cauza da tinta, que d'ele se extrae, farei a sua descrição em primeiro lugar.

§ 2. Esta arvore pois, que os selvicolas xamam *arabutan*, * crece ordinariamente e esgalha tanto como o carvalho das nossas florestas, e axam-se algumas tam grossas, que trez omens não abarcariam o tronco.

A respeito de arvores grossas, o escritor da *Istoria geral das Indias ocidentaes* diz, que n'essas regiões foram vistas duas arvores, cujos troncos tinham estraordinaria grossura: um tinha mais de oito braças de circunferencia, e outro mais de dezeseis, de sorte que, diz ele, na primeira arvore, que era tam alta, que ninguem lhe poderia alcançar o cimo com uma pedra atirada pela simples força do braço umano, um cacique, por segurança propria, fabricara sua xoçazinha; do que riam-se os Espanhoes ás gargalhadas, vendo-o ali pouzado como cegonha. Mencionavam tambem a segunda como couza maravilhoza.

O sobredito autor ainda refere, que existe no paiz de Nicaragua uma arvore xamada *cerba*, a qual engrossa tanto, que quinze omens a não poderiam abarcar.

Voltando ao páo-brazil, direi, que tem a folha como o do buxo, todavia de côr puxando mais para o verde claro, e esta arvore não frutifica.

§ 3. Dezejo aqui fazer menção do modo de carregar os navios com esta mercadoria.

Notae, que tanto por cauza da dureza e consequente dificuldade de cortar essa madeira, como porque não existem cavalos, asnos, nem outros animaes para carregar, carrear, ou arrastar fardos n'esse paiz, é indispensavel, que muitos omens façam este serviço; si os estrangeiros, que viajam por ali, não fossem ajudados pelos

---

* O autor escreve :—*Araboutan*.

selvagens, não poderiam em um anno carregar qualquer navio mediano.

Os selvagens, mediante alguns vestidos de friza, camizas de pano de linho, xapeos, facas e outras veniagas que se lhes dá, como maxados, cunhas de ferro, e outras ferramentas ministradas por Francezes e outros Europeos, cortam, serram, raxam, toram e desbastam o páo-brazil, e depois o transportam nos ombros nús, e muitas vezes de duas e trez legoas de distancia, por montes e lugares escabrozos até a borda do mar junto aos navios ali ancorados, onde os marinheiros o recebem.

Digo propozitalmente, que os selvagens, depois que os Francezes e Portuguezes frequentam o seo paiz, cortam o páo-brazil; pois antes, conforme ouvi os velhos dizerem, não tinham industria alguma para derrubar uma arvore, sinão pôr-lhe fogo ao pé.

Ca da Europa pensam muitas pessoas, que os toros redondos, que vêmos nas cazas dos negociantes, sam da grossura das arvores; mas para mostrar, que taes pessoas enganam-se, observarei já ter dito axarem-se arvores mui grossas, e acrecentarei, que os selvagens desbastam os tóros, e os arredondam, afim de lhes ser mais facil o carreto e o manejo nos navios.

§ 4. Como durante o tempo que estivemos n'esse paiz, fizemos boas fogueiras com o páo-brazil, observei, que não era umido (como a maior parte das outras madeiras), antes era naturalmente sêco; poi isso queimado expede mui pouca ou quazi nenhuma fumaça.

Direi mais, que, indo um dos nossos companheiros lavar nossas camizas, deitou por ignorancia do efeito cinzas de páo-brazil na lixivia; e em lugar de alveja-las, tornou-as tam vermelhas, que, não obstante lavarem-se e ensaboarem-se depois, não axamos meio de tirar-lhes a coloração, de maneira que tivemos de as vestir e uzar d'elas com essa tintura.

Si aqueles que mandam de propozito branquear suas camizas ou outras roupas alcatroadas, duvidam d'isto, façam a experiencia; e para mais brevemente conseguil-o, poderão mandar lustrar os seos coleirinhos, ou grandes

babados (de mais de pé e meio de largura como oje uzam) tingindo-os de verde, si assim lhes aprouver.

§ 5. Os nossos Tupinambás ficam pasmos de vêr os Francezes e outros estrangeiros ter o trabalho de ir buscar o seo *arabutan*, isto é, páo-brazil. Uma vez um velho fez-me esta pergunta : — O que quer dizer virdes vos outros, *Mairs* e *Peros*, isto é, Francezes e Portuguezes, de tam longe buscar lenha para vos aquecer ? Não tendes páo na vossa terra ?

E respondi, que tinhamos, e em grande quantidade, mas não da qualidade dos seos, nem tinhamos páo-brazil, que nós não queimavamos, como ele supunhantes ; o queriamos para fazer tinta, e empregar como eles faziam, uzando d'ela para tingir os seos cordões de algodão, plumas e outras couzas.

Replicou o velho imediatamente : — E porventura precizaes de muito ?

Sim (dice-lhe eu no intuito de interessal-o) ; pois no nosso paiz existem negociantes, que têem mais frizas, panos vermelhos e até (procurando sempre falar-lhe de couzas suas conhecidas) facas, tezouras, espelhos e outras mercadorias, do que nunca vistes por cá ; e tal negociante por si só comprará todo o páo-brazil, com que muitos navios voltam carregados do teo paiz.

E o meo selvagem dice:—Ah ! ah ! tu me contas maravilha ! E depois tendo compreendido bem o que eu acabava de dizer, interrogou-me de novo e dice :—Mas esse omem tam rico, de que me falas, não morre ? Sim, sim (dice-lhe eu); morre como os outros.

E como sam grandes discursadores os selvagens e proseguem mui bem em qualquer assunto até o fim, de novo perguntou-me:— E quando ele morre, para quem fica o que ele deixa ? Respondi :—Para seos filhos, si os tem; na falta d'estes para seos irmãos ou mais proximos parentes.

Na verdade (dice então o velho, que, como julgareis não era nenhum tôlo) agora conheço, que vós outros *Mairs*, isto é, Francezes, sois grandes loucos ; pois è precizo trabalhar tanto em passar o mar, onde sofreis tantos incomodos, como nos dizeis, quando aqui xegaes, para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos

sobrevivem ? A terra, que vos nutrio,não é tambem suficiente para nutril-os ? Temos (acrecentou ele) paes mães e filhos, aos quaes, amamos e prezamos ; mas como estamos certos de que, depois da nossa morte, a terra, que nos nutrio, tambem os nutrirá, por isso descansamos sem o minimo cuidado.

Eis aqui sumariamente o discurso, que ouvi da boca de um pobre selvagem americano.

§ 6. Assim esta nação, que reputamos barbara,zomba desdenhozamente d'aqueles que com perigo de vida passam os mares para ir buscar páo-brazil afim de enriquecer-se ; e por mais obtuza que seja, atribuindo maior importancia á natureza e á fertilidade da terra do que nós damos ao poder e providencia de Deos,insurge-se contra esses rapinadores denominados cristãos, de que a terra cá pela Europa está tam repleta, quanto vazia está lá na região dos selvicolas.

Os Tupinambás, como já dice, odeiam mortalmente os avarentos; e prouvera a Deos, que fossem todos os avaros lançados entre os selvagens, que serviriam de demonios e furias para atormentar os nossos insaciaveis abismos, que nunca temem bastante, e só cuidam de sugar o sangue e a substancia alheia.

Precizo era, que eu fizesse esta digressão para vergonha nossa, e para justificação dos selvagens pouco cuidadozos das couzas d'este mundo.

E bem a propozito poderia eu ainda acrecentar o que o istoriador das Indias ocidentaes escreveo acerca de certa nação de selvagens abitadores do Perú. Diz ele, que quando os Espanhoes começaram a navegar para esse paiz, os selvagens, vendo-os barbados, delicados e mimozos, temiam, que os corrompessem, e mudassem os seos antigos costumes, por isso não os queriam receber, e os xamavam *escuma do mar*, gente sem paes, omens sem descanso, que não páram em parte alguma para cultivar a terra e ter o que comer.

§ 7. Continuando agora a falar das arvores d'esta terra da America direi, que axam-se n'ela quatro ou cinco especies de palmeiras, das quaes as mais comuns sam as denominadas *geraú* e *iri* pelos selvagens ; e como

nunca vi támaras em nenhuma d'elas, creio, que as não produz.

E' verdade, que o *iri* produz frutos redondos como abrunho, pequenos e reunidos, bem similhantes a um bom caxo de uvas ; e cada penca tem pezo tal que um omem pode levantar e trazer na mão, maş so presta o caroço, que não é maior do que o da cereja.

Entre as folhas superiores das palmeiras novas brota um renovo, que cortavamos para comer, e dizia o senhor Dupont, que sofria de emorroidas, que esse palmito servia de remedio : sobre este ponto reporto-me aos medicos.

§ 8. Outra arvore existe xamada *airi* pelos selvagens, a qual tem as folhas como a palmeira, o caule rodeado de espinhos finos e penetrantes como agulhas, e dá fruto de mediana grandeza, no qual se contém com caroço branco como neve, que aliás náo é comivel.

No meo entender esta arvore é uma especie de ebano ; pois alem de ser preto e servir aos selvagens para fazerem espadas e clavas e pontas de frexas (que descreverei, quando falar das suas guerras), é mui polido e luzente, quando trabalhado em obra, sendo tam pezado que posto n'agua vai ao fundo.

§ 9. Antes de passar adiante, convém dizer, que existem muitas especies de madeiras de côr n'esta terra da America, ignorando eu o nome de todas essas arvores.

Entre elas vi algumas tam amarelas como o buxo ; outras naturalmente violetas, das quaes troxera eu para a França algumas amostras ; outras brancas como o papel ; outras tam vermelhas como o páo-brazil, das quaes os selvagens fazem bastões e arcos.

Existe tambem uma arvore xamada *copahiba*,* a qual parece na forma com a nogueira, sem aliás dar nozes; a taboa, sendo empregada em obras de marcenaria, aprezenta os mesmos veios da nogueira, como observei.

Igualmente existem algumas, que têem as folhas mais espessas que a moeda de tostão ; outras as têem da

---

* O autor escreve:— *Copau*.

largura de pé e meio; e ainda existem muitas outras especies, que seria fastidiozo mencionar com miudeza.

§ 10. Cumpre porém dizer, que n'esse paiz existe uma arvore, que dá bonita madeira, a qual recende agradavel xeiro, quando os marceneiros a lavravam ou cepilhavam, e si tomavamos nas mãos cavacos ou fitilhas, sentiamos o verdadeiro odor da roza fresca.

Existe outra ao contrario, denominada *aouai* pelos selvagens, que fede e exhala xeiro de alho tam ativo, que, quando a cortam e põem no fogo, ninguem póde ficar ao pé: esta arvore tem as folhas quazi como as das nossas macieiras.

No demais porém o fruto (algum tanto parecido com a castanha d'agua) e o caroço contido no fruto, é tam venenozo, que quem o comesse sentiria o efeito imediato de verdadeiro veneno.

Todavia como este fruto é aquele de que alhures dice, que os nossos Americanos fazem as campainhas, que põem ao redor das pernas, por essa razão o têem em grandissima estimação.

§ 11. E cumpre aqui notar, que embora esta terra do Brazil produza mui bons e excelentes frutos, como veremos n'este capitulo, todavia muitas arvores existem, que dam frutos formozissimos, e entretanto inaceitaveis ao paladar.

Especialmente nas praias do mar vivem muitos arbustos, que dam frutos quazi similhantes ás nossas nesperas, porém mui perigozos de comer.

Por isso os selvagens, vendo os Francezes e outros estrangeiros aproximar-se d'essas arvores para colher o fruto, dizem-lhes em sua linguagem:— *Ipahi*, isto é, não é bom, advertindo-os assim para acautelarem-se.

O *iuarare* * tem a casca de meio dedo de espessura, é mui agradavel ao paladar, principalmente quando tirada fresca da arvore, e é uma especie de guaiaco, conforme vi afirmarem dois botanicos, que comnosco atravessaram o mar.

Com efeito os selvagens a empregam contra uma

* O autor escreve:— *Hiuouaré*.

infermidade por eles xamada *pian*, a qual, como logo direi, é tam perigoza entre eles como entre nós é a bexiga.

§ 12. A arvore xamada *xoane* * pelos selvagens é de grandeza media, tem as folhas verdes similhantes ás do loureiro ; dá um fruto do tamanho da cabeça de um menino, e aprezenta a fórma de um ovo de avestruz ; todavia não serve para se comer.

Como porém este fruto tem a casca dura, os Tupinambás o conservam inteiro, o perfuram ao comprido e através, e fazem d'ele o instrumento xamado *maracá* (do qual já fiz, e ainda farei menção).

Para fazerem as taças, em que bebem, e outras pequenas vasilhas, de que se servem para outros uzos, escavam esse fruto, e o dividem pelo meio.

§ 13. Continuando a falar das arvores da terra do Brazil, mencionarei uma xamada *sapucaia* † pelos selvagens, que dá um fruto maior do que os dois punhos juntos ; é formado á feição de uma taça, na qual encerram-se pequenos caroços como amendoas e quazi do mesmo gosto.

O casco d'este fruto é mui apropriado para fazer vazos; e julgo ser o que xamamos côco da India : estes vazos, quando torneados e ageitados ao feitio conveniente, encastoam-se uzualmente em prata lá na Europa.

Quando estavamos no ultramar, um certo Pedro Bourdon, excelente torneiro, fez mui bonitos vazos e outros utensilios d'esses frutos da sapucaia, e de varias madeiras de côr, e prezenteou com alguns d'eles a Nicoláo de Villegagnon, que muito os apreciava; todavia o pobre omem foi tam mal recompensado, que foi um dos que o verdugo mandou submergir e afogar no mar por cauza do Evangelho, como em lugar competente direi.

§ 14. N'esse paiz existe tambem uma arvore, que crece tam alta como lá na Europa a sorveira, e dá um fruto xamado *cajá* ‡ pelos selvagens, o qual é do tamanho e figura de um ovo de galinha.

---

* O autor escreve:— *Choine*. E' certamente o coité.
† O autor escreve:— *Sabaucaié*.
‡ O autor escreve:— *Acaiou*.

Quando esta fruta amadurece, fica mais amarela do que o marmelo, e não só tem bom sabor, como dá um caldo acidulo, aliás agradavel ao paladar. Aquecido este licor constitue refresco tam excelente que não é possivel axar melhor; todavia é assás dificil tirar as frutas das grandes arvores, que as produzem, e quazi não tinhamos outro meio de obtel-as, sinão quando os macacos subiam para comel-as, e as derribavam em grande quantidade.

§ 15. A *pacoveira* * é um arbusto, que geralmente crece de dez a doze pés de altura; mas quanto ao tronco, embora alguns sejam tam grossos como a côxa de um omem, é todavia tam mole que com uma espada bem afiada derribareis e poreis por terra uma d'essas plantas com um só golpe.

Quanto ao fruto, que os selvagens xamam *pacova*, tem mais de meio pé de comprimento, e é de fórma mui similhante ao pepino, sendo amarelo como este, quando maduro. Crecem os frutos sempre 20 ou 25 unidos e juntos em um só caxo, e os nossos Americanos os colhem em grandes pencas, que possam sustentar nas mãos, e assim as trazem para suas cazas.

E' boa essa fruta; e quando xega á madureza, tira-se-lhe a casca como a do figo fresco, e sendo gomoza como este, direis, ao comel-a, que saboreaes um figo.

Por esta razão nós os Francezes davamos a essas pacovas o nome de figos. E' verdade, que tinham gosto mais doce e mais saborozo do que os melhores figos de Marselha; portanto deve a pacova contar-se como um dos bonitos e excelentes frutos d'essa terra do Brazil.

Contam as istorias, que Catão, voltando de Cartago para Roma, trouxera figos de espantoza grandeza; como porém os antigos não mencionam figos iguaes aos de que agora trato, é verosimil, que os figos africanos não seriam da qualidade dos figos americanos.

As folhas da *pacoveira* sam na forma mui similhantes ás do *lapathum aquaticum*; sam porém tam excessivamente grandes, que cada uma tem ordinariamente seis

* O autor escreve:— *Pacoaire*.

pés de comprimento e mais de dois de largura; e creio, que na Europa, na Azia, nem n'Africa se axarão folhas tamanhas.

Ouvi um boticario assegurar ter visto uma folha de tussilagem, que tinha uma auna e um quarto de largura, isto é, trez aunas e trez quartos de circunferencia, por ser a folha redonda; mas ainda assim não aproxima-se da nossa *pacoveira.*

E' certo, que as folhas da pacoveira não sam espessas á proporção do tamanho, e antes sam mui delgadas, comtudo estam sempre erectas; e quando o vento é um pouco impetuozo (como frequentemente sucede n'essa terra da America), somente o talo central da folha oferece rezistencia; por isso todas as mais partes aderentes despedaçam-se por tal forma que, si a virdes de longe, julgareis ao primeiro lance de vista serem grandes penas de avestruz, de que estam revestidos os arbustos.

§ 16. Quanto á arvore do algodão, que crece em mediana altura, existem muitas na terra do Brazil; a flor aparece em pequenas campanulas amarelas, como as das aboboras da Europa; mas quando o fruto está formado, tem a configuração aproximada da *feinte des costeaux* das nossas florestas, e quando está maduro, fende-se em quatro partes, e o algodão (que os Americanos xamam *ameni-ju*) sae em frocos ou capulhos, grossos como a péla, no meio dos quaes estam varios caroços pretos mui unidos em forma de rin, da grossura e comprimento de uma fava. As mulheres indigenas preparam mui bem e fiam o algodão para fazer camas do feitio já em outra parte descrito.

§ 17. Embora antigamente não existissem larangeiras nem limoeiros n'essa terra d'America, como ouvi dizer, todavia apenas os Portuguezes plantaram e edificaram nas praias e adjacencias do mar, que frequentavam, essas plantas multiplicaram admiravelmente e produzem laranjas (que os selvagens xamam *morgonia*) doces do tamanho de dois punhos, e limões ainda maiores e em maior abundancia.

§ 18. Acerca da cana de assucar, crece mui bem e em grande quantidade n'esse paiz; todavia nós outros os

Francezes, quando eu lá estava, ainda não tinhamos gente e as couzas necessarias para extrair o assucar (como têem os Portuguezes nos sitios por eles posseados), conforme acima dice no capitulo nono, a propozito das bebidas dos selvagens; por isso somente faziamos infuzão n'agua para a fazer assucarada, ou então quem queria xupava e bebia o suco.

Sobre este assunto observarei uma couza, de que muitas pessoas talvez se admirem. E é, que não obstante ser o assucar, como todos sabem, de natureza extremamente doce, algumas vezes cortavamos as canas, as deixavamos abolorecer, e depois de assim detioradas, as punhamos de molho n'agua por algum tempo; e o caldo azedava por tal modo que servia-nos de vinagre.

§ 19. Em certos lugares dos bosques crecem muitas canaranas e taquaras, tam grossas como a perna de um omem, mas, á similhança da pacoveira, têem o tronco tam mole que de um só golpe de espada podemos facilmente derribar um pé; e quando secam sam tam duras, que os selvagens as lascam em pedaços, e as afeiçoam em fórma de lancetas, ou lingua de serpentes, com que armam e guarnecem as pontas das suas frexas, que, desparadas com violencia, matam qualquer animal silvestre.

E a propozito de canas e canaranas, Calcondilo na sua istoria da guerra dos Turcos refere, que na India oriental existem plantas d'esta especie de tam excessiva grandeza e grossura, que d'elas fazem-se barcas para passagem dos rios, e até diz ele, que carregam bem quarenta moios de trigo, contendo cada moio seis alqueires, segundo a medida dos Gregos.

§ 20. A almecega procede de pequenos arbustos indigenas da terra da America, os quaes com uma infinidade de ervas e flores odoriferas espalham na terra bom e suave aroma.

No lugar, onde estavamos, a saber, debaixo do Capricornio, aparecem grandes trovões, que os selvagens xamam *tupan*, xuvas torrenciaes, e fortes ventanias, todavia não gela, nem neva, nem jamais graniza; por

consequencia as arvores não sam acometidas nem deterioradas pelo frio e por tempestades, como o sam as plantas na Europa ; por isso o arvoredo está sempre coberto de verde folhagem, e tambem durante o anno inteiro as florestas permanecem verdejantes, como em França se conserva o loureiro.

§ 21. E já que toco n'este objéto, convem dizer, que quando no mez de Dezembro temos aqui os dias mais curtos, e tranzidos de frio sopramos os dedos e temos o caramelo pendente do nariz, é então que os nossos Americanos têem os seos dias mais longos, e sofrem o maximo calor no seo paiz, como eu e meos companheiros de viagem experimentamos ; por isso nos banhavamos no natal para refrescar-nos.

Todavia os dias não sam tam longos, nem tam curtos debaixo dos tropicos, como os temos no nosso clima, conforme o podem compreender os entendidos na esfera ; e assim não só os abitantes dos tropicos têem dias mais iguaes, como tambem as estações ahi sam incomparavelmente muito mais temperadas, embora o contrario d'isso julgassem os antigos.

Eis o que cabia-me dizer a respeito das arvores da terra do Brazil.

§ 22. Quanto ás plantas e ervas, que agora quero mencionar, começarei por aquelas, cujos frutos e efeitos me parecem mais excelentes.

Primeiramente a planta, que produz o fruto xamado *ananás* pelos selvagens, é de figura similhante á espadana, tendo as folhas um pouco concavas, estriadas nas bordas, assimilhando-se muito com as do aloes.

Crece em touceira como grande cardo, e o fruto, que é do tamanho de um melão mediano e do feitio da pinha, sae da planta como as nossas alcaxofras, sem pender nem inclinar-se para um ou outro lado.

Quando esses ananazes amadurecem, ficam de côr amarelo-azulada e têem xeiro da frambroeza tam ativo, que ao longe o sentimos, quando percorremos os bosques, onde eles crecem; si os levamos á boca, oferecem sabor tam doce, que não vemos n'este paiz confeitos que os excedam

em doçura: reputo este fruto como o mais primorozo da America.

Com efeito, quando la estive, expremi um ananás, que deo perto de um copo de suco; e este licor não me pareceo insalubre.

Entretanto as mulheres selvagens nos traziam grandes alcofas, que xamam *panacús*,* xeias de ananazes, de pacovas, de que já falei, e de outras frutas, que aviamos d'elas por um alfinete ou por um espelho.

§ 23. A respeito de plantas oficinaes, que a terra do Brazil produz, uma existe entre outras, que os nossos Tupinambás xamam *petun*. Esta planta aprezenta a fórma da azedeira, pouco mais alta do que esta, e tem folhas mui similhantes e parecidas com as da *consolida maior*.

Esta erva, por cauza da singular virtude a ela atribuida, goza de grande estimação entre os selvagens, e eis aqui como uzam d'ela.

Depois de a colherem, a penduram em pequenas porções, e secam em suas cazas. Feito isto, tomam quatro ou cinco folhas, que envolvem em uma grande folha de palma, dando-lhe o feitio de cartuxo de especiaria; então xegam fogo á pontá mais fina, a acendem e põem a outra ponta na boca para tirar a fumaça, que, não obstante lhes sair pelas ventas e pelos operculos dos labios, todavia os sustenta de tal forma, que passam trez ou quatro dias sem alimentar-se com outra qualquer couza, principalmente si vam á guerra, e si a necessidade obriga-os a essa abstinencia.

Verdade é, que os selvagens tambem uzam do *petun* por outro motivo, qual é o de fazer distilar os umores superfluos do cerebro; por isso não vereis os nossos Brazilienses sem terem o competente cartuxo de erva pendente ao pescoço. Quando conversam têem por garbo sorver a fumaça; a qual, fexada a boca repentinamente, lhes sae pelas ventas e pelos operculos labiaes, como de um turibulo, conforme já fica dito. O xeiro não é dezagradavel.

Entretanto não vi as mulheres uzarem d'esta erva,

---

* O autor escreve:— *Panacous*. Sam cabazes de palha trançada.

nem sei qual a razão d'isso; direi porém, que experimentei a fumaça do *petun*, e conheci, que ela sacia e mitiga a fome.

§ 24. Atualmente cá na Europa denominam *petun* á *nicotiana* ou á erva da rainha; esta porém é bem diversa d'aquela de que falo; pois estas duas plantas nada têem de comum na forma, nem na essencia, com o *petun*. Afirma o autor da *Maison Rustique* (liv. 2 cap. 79), que a *nicotiana*, cujo nome diz ele proceder do senhor Nicot, que primeiro a mandou de Portugal para França, fôra trazida da Florida, distante mais de 1.000 leguas da terra do Brazil, pois toda a zona torrida fica de permeio entre os dois paizes. Acontece tambem, que por mais indagações, que tenha feito em varios jardins, onde gabavam-se de possuir o *petun*, o não vi até agora em nossa França.

Não pense quem de novo nos prezenteou com o seo *angoumoise*, dizendo ser verdadeiro *petun*, que ignoro o que ele escreveo; e si o original da planta por ele mencionada assimilha-se ao dezenho anexo á sua *Cosmografia*, digo acerca d'esse *petun* o mesmo que acerca da *nicotiana*; e n'este cazo não lhe concedo o que ele pretende, a saber, que foi ele o primeiro portador da semente do *petun* á França, onde julgo, que dificilmente poderia esse vegetal vingar por cauza do frio.

Tambem vi alem-mar uma especie de couve a que os selvagens xamam *cajuá*,* e da qual algumas vezes fazem sôpa. Esta planta tem folhas largas e similhantes ás do nenufar, que vegeta nas lagôas do nosso paiz.

§ 25. Alem da mandioca e do aipim, de que as mulheres dos selvagens fabricam farinha, como dice no capitulo nono, existem outras raizes bulbozas xamadas *etic* †, as quaes crecem em tamanha abundancia na terra do Brazil, como no Limosin e na Saboia crecem os rabanetes: é frequente axarem-se tam grossas como os dois

* O autor escreve:— *Caiou-a.*
† O autor escreve:— *Hetich.*

punhos da mão juntos, tendo o comprimento de pé e meio, pouco mais ou menos.

Vendo-as arrancadas fóra da terra, e considerando a similhança d'elas,julgamos ao primeiro lance de vista, que sam todas da mesma especie; existe porém grande diferença ; pois cozinhadas umas tornam-se rôxas como certas partinacas do nosso paiz, outras ficam amarelas, como marmelos ,e outras esbranquiçadas ; portanto julgo aver trez especies.

Como quer que seja porém, posso assegurar, que, sendo assadas no borralho, principalmente as que amarelecem, não sam menos saborozas do que as nossas melhores peras.

As folhas alastram pelo xão como a *hedera terrestris*, e sam mui similhantes ás do pepino ou ás dos maiores espinafres, que se encontram por cá, embora não sejam tam verdes ; pois emquanto á côr puxa mais para a *vitis alba*.

Como estas plantas não dam semente, as mulheres selvagens,empenhadas em propagal-as,apenas (obra maravilhoza, na agricultura) as cortam em pequenos pedaços, como aqui praticamos com a cenoura para fazer salada, e os semeam pelos campos; e d'este modo no fim de algum tempo obtêem (obra espantoza d'agricultura) tantas raizes de *etic* quantos pedacinhos semearam.

Todavia é o melhor maná d'esta terra do Brazil, e quando percorremos o paiz, quazi não vemos outra couza; creio por isso, que na maior parte rebenta sem trabalho algum do omem.

Os selvagens tambem possuem uma especie de fruta xamada *manobi*. As plantas crecem na terra, como trufas, ligam-se entre si por meio de delgados filamentos ; a fruta tem caroço do tamanho da avelan, cujo sabor imita.

E' de côr parda, e a casca não é mais dura do que a vagem da ervilha ; dizer agora porem, si tem folhas e pevides, confesso não o ter bem observado, nem me recordo, embora por muitas vezes tivesse comido tal fruta.

§ 26. Existe tambem abundancia de pimentão, de que os nossos comerciantes somente servem-se para a tinturaria ; mas os selvagens o pilam e maxucam com sal,

que sabem optimamente fabricar, retendo agua do mar em fossos. A essa mistura xamam *ionquet* e d'ela uzam como nós uzamos do sal em nossas mezas; sem todavia praticar como nós com a carne, peixe ou outras viandas, salgando os pedaços antes de meter na boca, pois eles tomam primeiro o bocado em separado, depois tiram com dois dedos de cada vez uma porção d'esse *ionquet*, e engolem para dar sabor á comida.

Finalmente crece n'esse paiz uma especie de favas grossas como um dedo polegar, as quaes os selvagens xamam *comanda-uassú*, * e vegetam pequenas ervilhas brancas e pardas xamadas *comanda-mirim*.

Crecem tambem limões redondos denominados *morugans* †, mui doces e suaves ao paladar.

§ 27. Eis aqui não tudo quanto se poderia dizer das arvores, ervas, e frutos d'essa terra do Brazil, mas tudo quanto observei durante quazi um ano de minha estadia ali.

Direi em concluzão, que, não existem n'America quadrupedes, aves, peixes, nem outros animaes em tudo e por tudo similhantes aos animaes da Europa, como acima declarei; que tambem não vi arvores, ervas, nem frutas, que não divergissem das nossas, excéto trez ervas, a saber, a beldroega, o mangericão, e o féto, que vivem em diversos lugares, como tudo cuidadozamente observei nas digressões, que fiz pelos bosques e campos d'esse paiz.

Por isso quando a imagem d'esse novo mundo, que Deos me permitio vêr, aprezenta-se ante meos olhos, e contemplo a serenidade do ar, a densidade dos animaes, a variedade das aves, a formozura das arvores e das ervas, a excelencia das frutas, e em geral as riquezas, com que decora-se essa terra do Brazil, imediatamente acode-me á lembrança esta exclamação do profeta contida no salmo 104:

> O' seigneur Dieu, que tes œuvres divers
> Sont merveilleux par le mond univers:
> O' que tu as tout fait par grand sagesse!
> Bref, la terre est pleine de ta largesse.

---

* O autor escreve:— *Commanda-ouassou.*
† O autor escreve:— *Maurougans.*

Felizes pois seriam os povos de tal terra, si conhecessem o autor creador de todas essas couzas; como porém assim não sucede, vou tratar das materias, que nos devem mostrar quam longe d'isso estam.

CAPITULO XIV

Guerra, combates e bravura dos selvagens

§ 1. Os nossos Tupinambás seguem o costume de todos os outros selvagens, que abitam esta quarta parte do mundo, a qual estende-se por mais de 2.000 legoas em latitude, desde o estreito de Magalhães, que fica aos 50 gráos, na direcção do polo antartico, até as terras novas, que jazem quazi 60 gráos aquem do nosso polo artico; por isso sustentam guerra mortal com varias nações d'esse paiz; todavia os seos mais proximos e mais encarniçados inimigos sam os indigenas xamados Maracajás, e os Portuguezes, aos quaes xamam *Peros*, e dam o titulo de aliados dos seos adversarios. Os Maracajás, retribuindo este sentimento, não odeiam somente aos Tupinambás, mas tambem aos Francezes, confederados d'estes ultimos.

Estes barbaros não fazem guerra entre si para conquistar paizes e terras uns dos outros, pois cada um d'eles tem mais terreno do que preciza; ainda menos pretendem os vencedores enriquecer com despojos, resgates e armas dos vencidos; não é nada d'isso, digo eu, que os move.

Eles mesmos confessam não serem impelidos por outro incentivo sinão o de vingar paes e amigos, que no tempo preterito foram prezos e comidos do modo porque diremos no seguinte capitulo; e sam tam encarniçados uns contra os outros, que quem cae em poder do inimigo deve esperar sem remissão alguma ser tratado da mesma fórma, isto é, morto e comido.

§ 2. Declarada a guerra entre quaesquer d'essas nações, alegam todos, que, visto dever o inimigo, paciente da injuria, sentil-a para sempre, é covardia deixar o

prezo escapar, quando está a mercê do vencedor; seos odios sam por tal sorte inveterados, que conservam-se perpetuamente irreconciliaveis.

Podemos por isso dizer, que Machiavel e os seos dicipulos (dos quaes a França por infelicidade sua agora está repleta) sam verdadeiros imitadores de barbaras crueldades. Estes ateos, contra a doutrina cristan, ensinam e praticam, que os novos serviços jámais devem preterir as antigas injnrias, isto é, que os omens, dotados de indole diabolica, não devem perdoar uns aos outros; e assim bem mostram, que seos corações sam mais tredos e malignos do que os dos proprios tigres.

§ 3. Ora, conforme observei, é este o modo, porque os Tupinambás procedem para reunirem-se afim de irem á guerra. Embora não reconheçam reis nem principes entre si, por consequencia sejam quazi tam magnatas uns como outros, todavia ensinou-lhes a natureza a mesma couza praticada entre os Lacedemonios, e é, que os velhos, aos quaes xamam *peorerupixé*, * por cauza da experiencia do passado, devem ser respeitados e obedecidos em cada aldeia, quando se oferece ocazião. Os velhos perambulando, ou sentados em suas camas de algodão suspensas no ar, exortam os companheiros d'esta ou similhante maneira:

Nossos predecessores (dizem eles, falando uns após outros sem interromper-se) não só combateram valentemente, mas tambem subjugaram, mataram e comeram muitos inimigos, deixando-nos assim onrozos exemplos; e como nós, fracos e cobardes, permanecemos sempre em caza? Será precizo, para vergonha e confuzão nossa, que agora os nossos inimigos tenham o rigorozo dever de vir procurar-nos no nosso lar, quando outr'ora a nossa nação era por tal modo temida e respeitada de todas as outras nações, que de nenhuma sofria rezistencia? Nossa cobardia permitirá aos Maracajás, e aos *Peros-engaipa*, isto é, que estas duas nações aliadas, que nada valem, invistam contra nós?»

Depois o orador, que assim fala, bate com as mãos nos ombros e nas nadegas, e exclama:— *Erima*, *erima*,

---

* O autor escrve:—*Peorereaupicheh.*

Tupinambá, curumim uassú, tan, tan, etc.* Isto é :—Não, não, gentes da minha nação, poderozos e fortissimos mancebos, não é assim, que devemos proceder ; antes dispondo-nos para buscar o inimigo, cumpre, que todos nós morramos e sejamos devorados, ou que vinguemos nossos paes. »

Acabada assim a arenga dos velhos (que ás vezes dura mais de seis oras) os ouvintes, que tudo escutam atentos e não perdem uma palavra, sentem-se animados, fazem, como diz o rifão, das tripas coração, e depois de percorrerem pressurozos as aldeias, congregam-se em grande numero em lugar dezignado. Antes poém de marxarem os nossos Tupinambás para a batalha, cumpre saber quaes sam as suas armas.

§ 4. Mencionaremos primeiramente os seos tacapes, isto é, espadas ou clavas feitas umas de madeira vermelha, outras de madeira preta, ordinariamente do comprimento de cinco a seis pés; e quanto a sua fórma, sam redondas ou ovaes na extremidade com largura de quazi dois palmos. Estes tacapes têem a espessura de mais de uma polegada no meio, e sam trabalhados nas bordas com tanta perfeição, que, por serem de madeira dura e pezada como buxo, cortam quazi como maxado ; e opino, que dois dos nossos mais destros espadaxins de cá teriam bem dificuldade de aver-se com um dos nossos Tupinambás, si enraivecido empunhasse o tacape.

Em segundo logar indicaremos seos arcos, que xamam *orapás*,† feitos das ditas madeiras pretas, e sam muito mais compridos e mais fortes do que os que cá temos, de tal sorte que um omem dos nossos não os póde brandear, e menos atirar com eles ; o que aliás pode fazer um dos rapazes indigenas de nove ou dez annos de idade.

As cordas dos arcos sam feitas de uma planta xamada *tucum* pelos selvagens, as quaes, embora sejam assás delgadas, sam todavia tam fortes que um cavalo com elas poderia puxar qualquer vehiculo.

---

* O autor escreve :— *Erima, erima, Tououpinambaoults, conomi ouasson, tan, tan.*

† O autor escreve :—*Orapats.*

Quanto ás suas frexas, têem estas quazi uma braça de comprimento, e compõem-se de trez peças, a saber: a parte média de caniço e as outras duas de madeira preta, juntas e ligadas com fitas de cascas de arvore tam acertadamente, como não é possivel adaptal-as melhor. Cada uma tem duas penas com um pé de comprimento, as quaes sam perfeitamente ligadas e ageitadas com fio de algodão na falta do uzo da cola.

Na ponta de umas frexas põem ossos ponteagudos, na de outras um pedaço de caniço seco e duro e acerado com a forma delanceta, e algumas vezes encaixam o ferrão da cauda da arraia, que, como alhures já dice, é mui venenozo.

Depois que os Francezes e Portuguezes frequentam esse paiz os selvagens, á imitação d'estes estrangeiros, põem nas frexas uma ponta de prego por não terem arpéo proprio.

§ 5. Já dice como os indigenas manejam déstramente as suas espadas; mas quanto ao arco, aqueles que os viram em exercicio d'essa arma dirão comigo, que sem braçaes, e antes com os braços nús, o envergam e atiram tam dezembaraçados, tam rapidamente, que não desagrada aos Inglezes (considerados aliás optimos frexeiros) verem estes selvicolas, tendo molhos de frexas na mão, com que seguram o arco, despedirem mais depressa uma duzia de setas do que os mesmos Inglezes disparavam seis tiros.

Finalmente têem rodelas feitas do couro seco e da parte mais espessa do dorso de um animal, que xamam *tapirussú* (do qual acima falei), e sam largas, xatas e redondas, como o fundo de um tamboril d'Alemanha.

E' verdade, que, quando brigam, não cobrem-se com elas, como cá os nossos soldados praticam com as suas; mas servem-lhes apenas para no combate amparar os golpes das frexas inimigas.

Em suma sam estas as armas, que os nossos Americanos possuem; não cobrem o corpo com couza alguma. e ao contrario (afóra barretes, braceletes, e curtos vestuarios de penas, com que eu dice, que ornam o corpo) si tivessem vestida uma simples camiza, quando entram em combate, julgariam, que isso os embaraçaria de agir, e se despojariam d'ela.

Para completar o que devo dizer sobre este objéto, acrescentarei, que, si damos aos indigenas espadas afiadas (como dei de mimo uma das minhas a um bom velho), apenas as empolgam, tiram as bainhas, como praticam com os estojos das facas, que lhes dam, tendo mais prazer em vel-as logo reluzir, ou em cortar os ramos das arvores, do que em conserval-as para combater.

Na verdade essas espadas em suas mãos seriam mais perigozas, si eles as manejassem, como eu dice saberem manejar os seos tacapes.

§ 6. Além d'isso temos levado para la porção de arcabuzes de pouco preço para negociar com os selvagens; e vi, que eles sabem servir-se de taes armas tam convenientemente que, estando trez a atirar com uma escopeta, um segurava, outro apontava, e outro punha fogo; e como carregassem e enxessem o cano até á boca, si tivesse avido a explozão, e lhes não tivessemos dado a polvora com metade de carvão moido, é certo, que com perigo de vida tudo teria arrebentado em suas mãos.

Devo acrecentar, que em principio admiravam-se os selvagens, quando ouviam o son da nossa artilharia e os tiros de arcabuz, que disparavamos ; e quando nos viam derribar uma ave de cima de qualquer arvore, ou algum animal silvestre nos campos, não vendo a bala sair, nem aparecer no trajecto, isto ainda mais os esbabacava ; mas depois que conheceram o artificio, diziam (como aliás é verdade), que com os seos arcos mais depressa despediriam cinco ou seis frexas do que nós carregamos e disparamos um só tiro de arcabuz, e começaram a perder o pavor.

Si dicerem : Isto é certo ; porém o arcabuz faz muito maior estrago — eu respondo a esta objeção, que embora nos revistamos de cabeções de péle de bufalo, saias de malha ou outras armas, ainda as mais rezistentes, os nossos selvagens, fortes e robustos como sam, atiram com tal impeto, que traspassariam o corpo de um omem com um jacto de frexa, como outro qualquer fará com um tiro de arcabnz.

Será mais oportuno expor este assuuto, quando adiante falar dos seos combates, e para não confundir as materias vou pôr os nossos Tupinambás em campo e de marxa contra os seos inimígos.

§ 8. Reunem-se eles pois pelo modo porque expuz, em numero de oito ou dez mil omens, aos quaes agregam-se muitas mulheres, não para combater, mas apenas para carregar as camas de algodão (redes de dormir), farinhas, e outros viveres, e depois que os velhos, que, por já terem matado e comido mais inimigos, sam por seos companheiros nomeados xefes e condutores, pôem-se todos a caminho sob a direção dos mesmos xefes.

Na marxa não observam ordem nem categorias; acontece todavia, que, si andam por terra, os mais valentes vam sempre na frente, e marxam todos unidos, sendo couza quazi incrivel ver acomodar-se tamanha multidão de gente sem apozentador, nem alguem, que pelo general ordene pouzo: sem confuzão os vereis sempre prontos para marxar ao primeiro sinal.

Tanto no acto da sahida do seo paiz, como na ocazião da partida de cada lugar, onde param e demoram-se, aparecem sempre varios individuos, que, armados de cornetas, a que xamam *inubia*, da grossura e comprimento de metade de um dardo, mas com quazi pé e meio de largura na extremidade inferior, como um oboé, troam no meio das tropas afim de as advirtir e alvoroçar.

Alguns trazem pifanos e gaitas feitas de ossos dos braços e pernas dos inimigos, que mataram e comeram, e com taes instrumentos não cessam em caminho de tocar, para incitar o bando guerreiro a fazer outro tanto com os adversarios, contra os quaes se dirigem.

§ 9. Si vam por agua (como fazem muitas vezes), beiram sempre a costa, e não penetram muito no mar, mantendo-se nas suas barcas, xamadas *igara*, * feitas de uma só casca de arvore, propozitalmente arrancada de cima abaixo para esse fim; e todavia sam tam grandes, que 40 ou 50 pessoas podem caber dentro de cada uma d'elas.

Vogam assim todos em pé ao seo modo com um remo xato nas duas pontas, o qual seguram no meio: essas barcas (xatas como sam) não calam n'agua mais do que calaria uma taboa, e sam muí faceis de dirigir e manejar.

---

* O autor escreve:—*Ygat.*

Verdade é, que não poderiam suportar mar alto e agitado, e menos a tormenta; mas quando em tempo calmo os nossos selvagens vam á guerra, vereis algumas vezes mais de 60 canoas formando todas uma frota, as quaes, seguindo proximas umas das outras, correm tam rapidas, que em poucos momentos as perdemos de vista.

Eis pois os exercitos terrestres e navaes dos nossos Tupinambás nos campos e no mar.

§ 10. Ora, assim vam ordinariamente a 25 e 30 legoas de distancia buscar o inimigo, e quando aproximam-se d'este, eis aqui as primeiras astucias e estratagemas de guerra, de que uzam para surpreendel-o.

Os mais abeis e valentes, deixando os companheiros com as mulheres a uma ou duas jornadas atraz de si, aproximam-se cautelozamente para emboscar-se nas florestas, e sam tam afeitos em surpreender seos inimigos, que ficam assim escondidos ás vezes mais de 24 óras.

Si os adversarios saem descuidados, sam todos agarrados, omens, mulheres e meninos ; e levados pelos apreensores em regresso para as suas terras, ahi sam todos os prizioneiros mortos, depois espostejados para o moquem, e finalmente comidos.

Estas surprezas sam tanto mais faceis, quanto além de não serem fexadas as suas aldeias (pois não possuem cidades), as suas cazas não têem portas, sendo aliás as as mesmas cazas pela maior parte do comprimento de 80 a 120 passos, e abertas em varios lugares; pois apenas colocam algumas folhas de palmeira, ou d'essa grande planta xamada *pindá* como anteparo nas suas portas.

Bem verdade é, que em roda de algumas aldeias fronteiras dos inimigos, os mais belicozos infincam troncos de palmeiras com cinco a seis pés de altura, e na entrada dos caminhos tortuozos colocam estrepes agudos á flor da terra, de sorte que si os assaltantes tentam entrar de noite (como costumam fazer), os de dentro da aldeia, conhecedores dos desvios por onde podem passar sem ofensa alguma, saem e rexaçam os agressores de tal modo que, ou estes queiram fugir ou combater, sempre ficam alguns cahidos, porque ferem os pés, e os apreensores os aproveitam nas grelhas.

§ 11. Si porém os inimigos presentem os adversarios, os dois exercitos encontram-se, e ninguem crê quam terrivel e cruel é o combate. Como já fui espectador, posso falar com exatidão.

Eu e outro Francez, arrostando o perigo de sermos agarrados e imediatamente mortos e comidos pelos Maracajás, e excitados pela curiozidade, acompanhamos em certa ocazião os nossos selvagens em numero de quazi 4.000 omens em uma escaramuça, que fizeram na praia do mar, e vimos esses barbaros combater com tal furia que gente alucinada e insana não poderia fazer peior.

Apenas os nossos Tupinambás, na distancia de quazi meio quarto de legoa, avistaram os inimigos, começaram a gritar por tal forma que nem os nossos caçadores de lobos fazem tanto barulho; e comovido o ar com essa gritaria e clamor, ainda quando os ceos trovejassem, não o teriamos ouvido.

A proporção que aproximavam-se, redobravam os gritos, soavam as cornetas, levantavam os contendores os braços em sinal de ameaça, e mostravam uns aos outros os ossos dos prizioneiros, que tinham comido, e os dentes enfiados em coleiras, que alguns traziam pendentes do pescoço com mais de duas braças de comprimento: orrivel era o conspecto d'essa gente.

§ 12. Ao reunirem-se porém foi ainda peior; pois apenas estiveram a 200 ou 300 passos uns dos outros, saudaram-se com medonhos tiros de frexas, e desde o começo d'essa escaramuça verieis uma infinidade de sétas voar nos ares tam densas como moscas esvoaçando em torvelinho.

Si alguem era ferido, como foram muitos, depois de arrancarem com extrema coragem as setas do corpo, as quebravam, e como cães raivozos mordiam os pedaços; mas nem por isso deixavam todos de voltar ao combate.

Sobre isto convem notar, que esses Americanos sam tam encarniçados em suas guerras, que, emquanto podem mover braços e pernas, combatem constantemente sem recuar nem voltar costas.

Quando travaram peleja, alçavam com ambas as mãos as espadas e clavas de páo, e descarregavam taes golpes, que, si acertavam na cabeça do inimigo, não só

o derribavam, mas o matavam, como entre nós os magarefes abatem os bois.

§ 13. Não declaro, si os combatentes estavam bem ou mal montados, porque suponho, que o leitor se recordará já ter eu dito, que os selvagens não possuem cavalos, nem outras montarias; todos estavam e andam sempre bem a pé e sem lança.

Emquanto estive ali na terra do Brazil, sempre dezejei, que os nossos selvagens vissem cavalos; mas então ainda maior foi o meo dezejo de ter um bucefalo debaixo de minhas pernas.

Acredito, que si eles vissem um dos nossos gendarmes bem montado e armado de pistola em punho, fazendo o cavalo pular e genetear, ao ver sair fogo de um lado e de outro a furia do omen e do cavalo, pensariam logo ser algum *anhanga* *, isto é, o diabo, conforme a sua linguagem.

Todavia a este respeito escreveo alguem couza notavel, e é, que comquanto Atabalipa, grande rei do Perú, submetido em nossos tempos por Francisco Pizarro, nunca tivesse visto cavalos, aconteceo, que o capitão espanhol, que primeiro foi ter com ele, fez por gentileza e para cauzar admiração aos indios, voltear o seo ginete até xegar perto da pessoa de Atabalipa, o qual permaneceo tranquilo, e embora lhe saltassem no rosto alguns respingos da escuma do freio, não deo demonstrações de medo; mandou porém matar os vassalos, que tinham fugido diante do cavalo: couza (diz o istoriador) que espantou aos seos e maravilhou aos nossos.

§ 14. Volto agora ao meo propozito, e si perguntardes: — O que fizestes tu e o teo companheiro durante esta peleja? Não combatieis com selvagens?

Não disfarçarei couza alguma, e respondo, que, contentes por termos praticado esta grande loucura de arriscar-nos assim entre barbaros, em cuja retaguarda ficavamos, tinhamos sómente o prazer de apreciar as peripecias do cazo.

---

* O autor escreve—*Aygnan.*

E entretanto direi, que muitas vezes vi regimentos de infantaria e de cavalaria nos paizes europeos, todavia nunca tive tanto contentamento em meo espirito de ver as companhias de infantes com seos elmos dourados e armas reluzentes, quanto prazer senti então ao ver esses selvagens combater.

Pois além da diversão de vel-os saltar, assobiar e manejar com destreza e rapidez para os lados e para a frente, cauzava maravilhozo encanto o espetaculo de tantas frexas com seos grandes frócos de plumas vermelhas, azues, verdes, encarnadas e de outras côres que voavam nos ares por entre os raios do sol, que as faziam reluzir ; sendo igualmente aprazivel ver os roupões, bonés, braceletes e outros adereços feitos d'essas penas naturaes e singelas, de que se revestiam os selvagens.

§ 15. Ora, tendo a peleja durado quazi trez óras, e avendo de uma e outra parte muitos feridos e mortos, os nossos Tupinambás finalmente ficaram vitoriozos, e fizeram mais de trinta prizioneiros Maracajás, entre omens e mulheres, que trouxeram para as suas terras.

Nós, os dois Francezes, não fizemos outra couza (como já dice) sinão ter empunhadas as nossas espadas dezembainhadas e dar alguns tiros de pistola para o ar, afim de encorajar a nossa gente ; todavia não podiamos cauzar maior prazer aos selvagens do que ir á guerra com eles, como tanto dezejavam; por isso os velhos das aldeias, que frequentavamos, cada vez mais nos estimavam.

Os prizioneiros,pois colocados no centro dos aprizionadores e de alguns dos omens mais fortes e robustos, foram, para maior segurança, reunidos e amarrados, e nós voltamos para o nosso rio de Geneure, em cujos arredores abitavam os nossos selvagens.

Nós porém estavamos a doze ou quinze legoas de distancia do dito rio; por tanto não precizareis perguntar, si na passagem pelas aldeias dos nossos aliados vinham estes encontrar-nos : dansando, pulando e batendo palmas nos afagavam e aplaudiam.

Em concluzão quando xegamos em frente da nossa ilha : meo companheiro e eu passamos em uma barca para o fortim, e os selvagens foram cada um para as suas aldeias da terra firme.

§ 16. Entretanto, passados dias, alguns dos nossos Tupinambás, que tinham prizioneiros em caza, vieram vizitar-nos na ilha ; e por mais solicitados e rogados que fossem pelos trugimões para vendel-os, advertindo que os comprariamos, apenas podemos conseguir o resgate de parte d'esses prizioneiros.

Todavia era isso mui contra a vontade dos possuidores, como reconheci pela compra de uma mulher e de um seo filho de idade de perto de dois annos, os quaes custaram quazi trez francos em mercadorias; pois dizia-me o vendedor:— Não sei o que será de óra em diante ; por quanto depois que *Paicolá* (entendendo por este nome Nicoláo de Villegagnon) veio para cá, já não comemos metade dos nossos inimigos.

Pretendia rezervar o rapazinho para mim ; porém Nicoláo de Villegagnon mandou restituir a minha mercadoria, e quiz tudo para si; e sucedeo, que,quando eu dizia á mãe, que no meo regresso para aqui o traria comigo, respondeo ela, que tinha esperança de que o filho,quando crecesse, poderia fugir, e procurar os Maracajás para vingal-os ; e assim antes preferia a possibilidade de vel-o comido pelos Tupinambás do que afastal-o para longe de si. Tam arraigado é no coração d'essa gente o sentimento de vingança !

Quazi quatro mezes depois da nossa xegada a esse paiz, como já dice, escolhemos dentre 40 ou 50 escravos, empregados nos trabalhos do nosso fortim, e comprados aos selvagens nossos aliados, dez rapazes, que nos navios em regresso enviamos para a França ao rei Enrique Segundo, então reinante.

CAPITULO XV

Como os Americanos tratam os seos prizioneiros de guerra, e ceremonias observadas na ocazião de matal-os e de comel-os.

§ 1. Resta agora saber como os prizioneiros de guerra sam tratados no paiz inimigo.

Apenas ahi xegam, não somente sam alimentados com as melhores viandas, que se podem encontrar, mas

tambem concedem-se mulheres (e não maridos ás mulheres), e o aprizionador não duvida dar a propria filha ou irman ao prizioneiro em cazamento, conforme este quizer, tratando-o bem e satisfazendo-lhe todas as necessidades.

Não marcam termo prefixo para a vitimação, antes si conhecem serem os omens bons caçadores ou bons pescadores, e as mulheres idoneas para tratar dos jardins (roças) ou apanhar ostras, os conservam por mais ou menos tempo, e depois de os engordarem finalmente os matam e comem, praticadas as seguintes ceremonias.

§ 2. Todas as aldeias circumvizinhas d'aquela em que está o prizioneiro sam avizadas do dia da execução, e logo começam a xegar de todas as partes omens, mulheres e meninos, e consomem toda a manhan em dansar, beber, e *cauinar*.

O mesmo prizioneiro, que não ignora, que a assembléa reune-se por sua cauza, e que ele vai ser morto dentro de poucas óras, depois de enfeitado de penas, longe de aprezentar se pezarozo, ao contrario, saltando e bebendo, mostra-se como um dos mais alegres convivas.

Ora, depois de ter com os demais comido e cantado durante seis ou sete oras, dois ou trez dos mais considerados do bando agarram o prizioneiro e o amarram pela cintura com cordas de algodão, ou cordas feitas de embira de uma arvore xamada *vuire*, similhante á nossa tilia, sem que ele faça rezistencia alguma; deixam-lhe os braços livres, e assim o fazem passear pela aldeia em procissão durante alguns momentos.

§ 3. Pensaes porém, que com isto o prizioneiro ficaria cabisbaixo, como entre nós fariam os criminozos?

Tal não faz: pois ao contrario com audacia e incrivel segurança, jacta-se das suas proezas passadas, e diz aos que o seguram amarrado:—Eu mesmo, valente como sou, já amarrei e sufoquei vossos paes. » E exaltando-se cada vez mais com fero aspecto, volta-se para ambos os lados e diz a um:—Comi teo pai, a outro:—Matei e moqueei teos irmãos,—e acrecenta:—Em suma comi tantos omens e mulheres, isto é, filhos de vós outros Tupinambás, que capturei na guerra, cujos nomes não poderei

dizer, e não duvideis, que para vingar a minha morte, os Maracajás da nação, a que pertenço, não comam ainda daqui em diante tantos quantos possam agarrar.

Finalmente depois de ter estado assim exposto ás vistas de todos, os dois selvagens, que o conservam amarrado, afastam-se d'ele, um para a direita e outro para a esquerda, quazi trez braças, segurando cada um em cada ponta da corda, ambas de igual comprimento, e esticam com tal firmeza que o prizioneiro, seguro pela cintura, como dice, fica parado e não póde ir nem vir para um ou outro lado. Então trazem-lhe pedras e cacos de potes; depois os dois seguradores das cordas, receiozos de serem feridos, cobrem-se com rodelas de couro de tapirussú, de que já falei, e dizem-lhe:—Vinga-te antes de morrer.

Começa o prizioneiro a atirar projetís e invistir rijo e forte contra quantos ali estam reunidos ao redor d'ele, algumas vezes em numero de trez ou quatro mil pessoas. Desnecessario é perguntar, si a vitima escolhe individuo contra quem arremete.

§ 4. Com efeito, estando em uma aldeia xamada Sariguá *, vi um prizioneiro, que d'este modo deo tam forte pedrada na perna de uma mulher, que supuz avel-a quebrado.

Ora, consumidas as pedras e tudo quanto ele, abaixando-se, póde apanhar junto de si incluzive torrões, o guerreiro dezignado para dar o golpe, que permanece retirado do concurso do dia, sae então de uma caza com uma grande espada de páo na mão, ricamente decorado com bonitas e excelentes plumas, e tambem com um barrete e outros ornatos no corpo, aproxima-se do prizioneiro, e dirige-lhe ordinariamente estas palavras:— Não és da nação dos Maracajás, que é nossa inimiga? Não tens morto e comido nossos pais e amigos?

O prizioneiro, mais altaneiro que nunca, responde no seo idioma (pois os Maracajás e os Tupiniquins entendem-se reciprocamente):—*Pa xe tan tan ajuca atupave*†, isto é:—Sim, sou mui valente, e na verdade matei e comi muitos. »

---

* O autor escreve:—*Sarigoy*
† O autor escreve—*Pa che tan tan aiouca atoupave.*

Depois para excitar maior indignação dos inimigos, põe as mãos na cabeça, e exclama :—Oh ! eu não sou fingido : oh ! quam ouzado fui em assaltar e forçar os vossos, a tantos dos quaes matei e comi !

E assim outras similhantes couzas vae dizendo. E por esta cauza o contendor, que lhe fica em frente prestes a matal-o, dirá:—Tu agora estás em nosso poder, e serás já morto por mim, depois moqueado e comido por todos nós.

E tam rezoluto a morrer por sua nação, como Atilio Regulo foi constante em sofrer a morte por sua republica romana, a vitima responde ainda : — Pois bem, meos parentes me vingarãõ.

Embora estas nações barbaras assás temam a morte natural, todavia os seos prizioneiros julgam-se felizes de morrer assim publicamente no meio dos seos inimigos, e não mostram o minimo pezar ; para mostrar o que citarei um exemplo.

§ 5. Em certo dia inopinadamente axei-me em uma aldeia da ilha grande xamada Piranijú,* onde estava uma mulher prizioneira prestes a ser morta do modo ja descrito.

Aproximei-me d'ela e para acomodar-me á sua linguagem dice-lhe, que se encomendasse a Tupan, pois Tupan não quer dizer Deos entre os selvicolas, mas sim trovão, e que orasse como, eu lhe ensinasse. Ela em resposta, meneando a cabeça e motejando de mim, dice:— O que me darás para que eu faça o que dizes?

Ao que lhe repliquei :—Pobre coitada, já não precizas de nada n'este mundo, e como crês n'alma imortal (o que todos os selvagens confessam, como no capitulo seguinte direi), pensa no que lhe sucederá depois da tua morte.

Ela porém novamente rio-se e foi morta, sucumbindo pela fórmula do barbaro sacrificio.

§ 6. Continua o coloquio entre varias contestações, falando muitas vezes um e outro; então o campeão, predisposto para praticar a morte, levanta a clava de madeira com ambas as mãos e com a rodela da ponta descarrega tam violenta pancada na cabeça do mizero

---

* O autor escreve:— *Pirani-iou.*

prizioneiro, que o vi com o primeiro golpe cair redondamente morto, sem mover braço ou perna, como os magarefes abatem os nossos bois.

E' verdade, que, estendidas, as vitimas em terra, as vemos estrebuxar e estremecer por cauza do sangue e dos nervos, que se contraem; mas como quer que seja os executores da operação ordinariamente batem com tal destreza na testa, ou escolhem a nuca com tal precizão que não pricizam repetir o golpe para tirar a vida, sem sair da vitima quazi sangue algum.

E' modo uzual de falar n'esse paiz dizer:—*Quebro-te a cabeça* *, por isso os Francezes constantemente empregavam esta frazeologia dos indigenas americanos em substituição da fraze:—*Arrebento-te* †, de que costumam entre nós uzar os soldados e pessoas rixozas, quando brigam.

§ 7. Ora, apenas o prizioneiro é assim morto, a mulher, si a tem (pois já dice, que a concedem á alguns), coloca-se junto ao cadaver e levanta curto pranto; digo propozitalmente curto pranto, por que essa mulher, imitando o crocodilo, que mata o omem, e xora junto d'ele antes de comel-o, lamenta-se e derrama fingidas lagrimas sobre o marido morto; mas si poder, será a primeira que d'ele comerá.

Feito isto as outras mulheres e principalmente as velhas (as quaes, mais gulozas de carne umana do que as moças, solicitam constantemente os possuidores de prizioneiros para os despaxar brevemente) aprezentam-se com agua quente já pronta, esfregam e escaldam o corpo morto de forma que arrancam-lhe a epiderme e o tornam tam branco como os cozinheiros fazem com os leitões, que preparam para assar.

Depois d'isto o dono do prizioneiro com alguns coadjutores tomam o mizero corpo, o abrem, e o espostejam tam rapidamente, que nenhum carniceiro da nossa terra poderá mais depressa esquartejar um carneiro.

---

* Je te casseray la tete.

† Je te creveray.

Então (oh ! crueza mais que prodigioza) assim como os nossos caçadores depois de apanharem um veado dão encarne aos cães circunstantes, assim tambem esses barbaros pegam os filhos uns após outros, e com o sangue do inimigo lhes esfregam o corpo, os braços, e as pernas, afim de os estimular e tornar mais encarniçados.

§ 8. Depois que os cristãos frequentam esse paiz, os selvagens cortam e retalham o corpo dos prizioneiros e dos animaes e outras viandas com facas e ferramentas, que lhes dam os estrangeiros. Antoriormente porém não tinham outro meio de o fazer sinão com pedras aguçadas, que preparavam para esse uzo, conforme ouvi os velhos dizerem.

Ora, todas as peças do corpo e as mesmas tripas, depois de bem lavadas, sam imediatamente postas no moquen, junto aos quaes, emquanto tudo se assa ao seo modo, as mulheres velhas (as quaes, apetecem gulozamente a carne umana como já dice) estam todas reunidas para recolher a gordura, que escorre pelas varas d'essas grandes e altas grelhas de madeira, e exortam os omens a proceder de modo que elas tenham sempre taes viandas, lambem os dedos e dizem:—*Iguatú*, isto é, está muito bom.

Eis pois como os selvagens Americanos cozinham a carne dos seos prizioneiros de guerra, aliás *moqueam*, que é um modo de assar por nós desconhecido. Isto eu testimunhei.

Como já no capitulo decimo dos animaes, falando assás longamente do tapirussú, expliquei a fórma do *moquem*, peço aos leitores, que, afim de obviar repetições, recorram a esse capitulo para formar melhor idéa da couza.

§ 9. Entretanto aqui refutarei o erro d'aqueles que, como podemos vêr em suas cartas universaes, não só nos reprezentaram e pintaram os selvagens da terra do Brazil, que sam os de que agora falo, assando a carne umana em espetos, como fazemos com as postas de carneiros e outras viandas, mas tambem fingiram, que com grandes cutelos as cortavam em bancos, as penduravam, e expunham os pedaços á amostra, como os carniceiros aqui fazem com a carne dos bois.

Estas couzas não sam mais verdadeiras do que os contos de Rabelais a respeito de Panurgio, que escapulio do espeto,lardeado e semi-cozido; portanto facil é julgar,que os escritores de taes cartas sam pessoas ignorantes, que nunca tiveram conhecimento das couzas, que noticiam.

Em confirmação do que acrecentarei, que o modo porque os Brazilienses cozinham a carne dos seos prizioneiros, ao menos emquanto estive entre eles, é como fica esposto; e por tal sorte ignoravam o nosso modo de assar, que em certo dia, em que alguns meos companheiros e eu n'uma aldeia faziamos em um espeto de páo voltear uma galinha da India e outras aves, eles riam-se e zombavam de nós, não querendo crer que, assim movidas constantemente, pudessem as mesmas aves ficar assadas, e só acreditaram, quando a experiencia lhes mostrou o contrario.

§ 10. Voltando ao meo assunto direi,que quando a carne de um prizioneiro ou de muitos (pois ás vezes em só um dia matam dois e trez) está assim cozida, todos os assistentes ao funesto sacrificio reunem-se de novo ao redor dos moquens, nos quaes, com olhaduras e esgarres ferocissimos, contemplam as postas de carne e membros dos inimigos: por maior que seja o numero dos assistentes, cada qual, antes de sair dali, terá o seo pedaço, si é possivel.

Entretanto não fazem isso, como aliás poderiamos julgar, por consideração ao alimento; pois embora confessem todos ser essa carne umana maravilhozamente bôa e delicada,acontece todavia,que a sua principal intenção, perseguindo e roendo assim os mortos até os ossos, é cauzarem temor e espanto aos vivos; move-os a vingança e não a gula (salvo o que especialmente dice das mulheres velhas, que sam apaixonadas da carne umana). Com efeito, para satisfazer essa coragem ferina, devoram tudo quanto axam no corpo dos prizioneiros, desde a ponta dos dedos dos pés até o nariz e o cocuruto da cabeça, excéto os miolos, em que não tocam.

§ 11. Os nossos Tupinambás conservam as caveiras em tulhas nas aldeias,como por cá vemos os restos mortaes dos finados nos cemiterios. A primeira couza que fazem, quando os Francezes os vam vèr e vizitar, é contar-lhes

as suas valentias, e mostrar-lhes como troféos essas caveiras assim descarnadas, dizendo que o mesmo farão a todos os seos inimigos.

Mui cuidadozamente guardam quer os ossos mais grossos das coxas e dos braços para fazer pifanos e flautas (como dice no precedente capitulo), e tambem os dentes, que arrancam e enfiam á maneira de padre-nosso, e os trazem enrolados ao pescoço.

O autor da *Istoria da India*, falando dos abitantes da ilha de Zamba, diz, que estes selvagens pregam nas portas de suas cazas as cabeças das vitimas, que mataram e sacrificaram, e por mais bazofia trazem tambem os dentes pendurados no pescoço.

§ 12. Quanto ao executor ou executores de taes omicidios, reputam o acto por gloria e grande onra; e logo no dia em que praticam a façanha, retirados e sós, fazem nos peitos, braços, coxas, barriga das pernas e outras partes do corpo incizões sangrentas ; e para que estas perdurem toda a vida, esfregam os gilvazes com certa mistura de pó negro, que jámais se extingue : de sorte que tanto mais retalhados sam, quanto mais se conhece terem morto muitos prizioneiros ; consequentemente sam pelos outros considerados valentes.

Para vos dar melhor idéa da couza, de novo aqui dezenhei a figura de um selvagem assim retalhado, junto ao qual está outro selvagem atirando com arco.

Si no fim de tam singular tragedia acontece ficarem gravidas as mulheres concedidas aos prizioneiros, os selvagens matadores dos paes, alegando que taes filhos procedem de semente dos seos inimigos (couza orrivel de ouvir e ainda mais de vêr), os comem apenas nacidos, ou si assim lhes apraz, os deixam ficar taludos para então comel-os.

§ 13 Estes barbaros não limitam o seo extremo deleite em exterminar, quanto assim lhes é possivel, a raça d'aqueles contra quem mantiveram guerra (pois os Maracajás dam igual tratamento aos Tupinambás, quando os apanham) ; eles tambem exultam de prazer, vendo os estrangeiros, seos aliados, praticar a mesma couza.

De sorte que quando os selvagens nos aprezentavam essa carne umana dos seos prizioneiros para comermos, si recuzavamos, como eu e muitos outros dos nossos sempre faziamos, não esquecidos, graças a Deos, da nossa fé, parecia-lhes por isso, que não lhes eramos bastante leaes.

Por isso com grande pezar meo, sou forçado a recordar aqui,que alguns trugimões da Normandia,que tinham estado n'esse paiz por oito ou nove annos, acomodando-se aos uzos bestiaes, passam vida de ateos,e não só poluiam-se com toda a sorte de impudicicias e obscenidades com as mulheres e raparigas, mas tambem excediam os selvagens em dezumanidade, e jactavam-se de aver morto e comido prizioneiros, conforme ouvi dizer.

No meo tempo um rapazote de quazi treze annos de idade * já poluia-se com mulheres.

§ 14 Continuo a descrever a maldade dos Tupinambás para com os inimigos. Durante a nossa estadia ali aconteceo lembrarem-se taes barbaros, que na grande ilha, de que já falei, existia uma aldeia abitada por Maracajás, seos inimigos, que aliás tinham se rendido,quando começou a guerra, a saber, averia quazi vinte annos ; embora, digo, desde esse tempo os tivessem sempre deixado viver em paz no meio d'eles, todavia em certa ocazião, em que bebiam *cauim*, entre reciprocas excitações, rezolveram saquear tudo, alegando ser essa gente decendente de inimigos mortaes, como acabei de dizer.

Em uma noite pondo em pratica a sua rezolução, apanharam a pobre gente desprevenida, e fizeram tal carnificina e tal estrago, que cauzava profunda lastima ouvir as vitimas clamàr.

Muitos dentre os nossos Francezes, advertidos quazi á meia noite, partiram bem armados, e dirigiram-se em uma barca com grande pressa para a sobredita aldeia, que distava quatro ou cinco legoas do nosso fortim.

§ 15. Antes porém de xegarem ali os auxiliantes, os selvagens, enraivecidos e encarniçados, já tinham feito a preza,e lançado fogo ás cazas para obrigar a sair d'elas as pessoas, muitas das quaes mataram, e ja poucas restavam.

---

* No original está :—*Un garçon aagé d'environ trois ans.*

Ouvi alguns dos nossos afirmar, em seo regresso, que não só tinham visto espostejados e carbonizados nos moquens omens e mulheres, mas tambem meninos de mama assados inteiros.

Alguns individuos corajozos, que tinham se lançado ao mar com o favor das trevas da noite, salvaram-se a nado, e vieram-se nos aprezentar na nossa ilha ; do que certificados os nossos selvagens alguns dias depois, mostravam-se descontentes, e murmuravam contra nós por conservarmos em nosso poder esses infelizes.

Todavia depois de aplacados com donativo de mercadorias, parte por força, parte por vontade, os deixaram como escravos em nosso poder.

§ 16. Em outra ocazião, quatro ou cinco Francezes e eu estavamos em uma aldeia da mesma ilha grande, xamada *Piranijú*. Estava ahi um prizioneiro, mancebo formozo e robusto, metido em ferros adquiridos pelos selvagens por negocio com os cristãos ; aproximou-se de nós o prizioneiro, e dice-nos em linguagem portugueza (pois dois da nossa comitiva, que falavam espanhol, o entenderam bem), que tinha estado em Portugal, era cristão, tinha sido batizado, e xamava-se Antonio.

Embora o mancebo fosse Maracajá de nação, tinha todavia com a sua estada em outro paiz perdido o barbarismo ; por isso deo a entender, que dezejava libertar-se das mãos dos seos inimigos.

Era dever nosso salval-o de tal situação, si podessemos, tanto mais quanto nos moviam á compaixão a qualidade de cristão e o nome de Antonio ; por isso um companheiro nosso, que entendia o espanhol, e era serralheiro de profissão, dice-lhe, que na seguinte manhan lhe traria uma lima para limar os ferros ; e portanto que apenas ficasse livre, e sem estorvo algum, emquanto com conversas entretivemos os seos algozes, se escondesse na praia do mar em certas moitas que indicamos, onde, no nosso regresso, o iriamos buscar para leval-o na nossa barca, e tambem lhe dicemos, que combinariamos com os seos dententores, afim de poder conserval-o no nosso fortim.

§ 17. O pobre omem satisfeitissimo com o meio inculcado, e agradecendo o esperado favor, prometeo fazer tudo quanto lhe tinhamos aconselhado. A turba dos selvagens porém, embora não tivesse entendido o nosso coloquio, desconfiou todavia, que nós queriamos arrancar de suas mãos o prizioneiro; e apenas sahimos da aldeia, xamaram com toda a pressa unicamente os vizinhos mais proximos para espectadores da morte dos seos prizioneiros, e imediatamente a victima foi sacrificada.

D'este modo quando no dia seguinte, sob pretesto de irmos buscar farinha e outros viveres, voltamos á aldeia, levando a lima, e perguntamos aos selvagens pelo lugar, onde estava o prizioneiro, que no dia anterior tinhamos visto, levaram-nos a uma caza, onde vimos os pedaços do corpo do podre Antonio postos no *moquem*; e porque conhecessem, que nos tinham enganado, mostrando-nos a cabeça, deram grandes gargalhadas.

§ 18. Em certo dia os nossos selvagens surpreenderam dois Portuguezes em um pequeno cazebre de barro, onde estes viviam nos bosques, perto da sua fortaleza denominada Morpion. Os agredidos defenderam-se valentemente desde a manhan até a tarde, e depois de esgotadas as munições de arcabúz e as setas das béstas, sahiram ambos de espada na mão, com que fizeram tal estrago nos assaltantes, que muitos foram mortos e outros feridos; comtudo os selvagens, cada vez mais obstinados na intenção de antes ficarem todos espedaçados do que retirarem-se vencidos, tanto insistiram que por fim agarraram e conduziram prizioneiros os dois Portuguezes, de cujos despojos um selvagem vendeo-me algumas vestimentas de couro, assim como tambem um dos nossos trugimões obteve uma salva de prata, que os mesmos selvagens tinham roubado com outras couzas da caza, que fora forçada; e por ignorarem o valor de tal objéto, este apenas custou duas facas ao comprador.

Regressando para as suas aldeias, os selvagens, arrancadas as barbas dos dois Portuguezes por ignominia, depois os mataram cruelmente; e como esses pobres omens assim flagelados e percutidos pela dôr queixavam-se, os barbaros vencedores, zombando das

vitimas, diziam:—Como pois sucede, que vos tenhaes tam valentemente defendido e agora, quando deveis morrer com onra, mostraes não terdes mais coragem do que as mulheres ?

E d'esta maneira foram mortos e comidos ao modo selvatico.

§ 19. Poderia ainda aduzir outros iguaes exemplos a respeito da crueldade dos selvagens para com os seos inimigos, si me não parecesse, que quanto tenho dito basta para cauzar orror, e arripiar aos leitores os cabelos da cabeça. Todavia quantos lerem tam orriveis couzas, diariamente praticadas entre as nações barbaras da terra do Brazil, reflitam tambem no que se faz por cá entre nós ; pois si em bôa e san consiencia considerarmos a materia, diremos, que sam mais crueis do que os selvagens, de que falo, os nossos grandes uzurarios, que, sugando o sangue e o tutano, conseguintemente comem vivos viuvas, orfãos e outras pessoas mizeraveis, a quem melhor seria cortar a garganta de um só golpe do que esgotal-as lentamente.

Eis aqui porque dice o profeta, que taes individuos esfolam a pele, comem a carne, quebram e espedaçam os ossos do povo de Deos, como si os aferventassem na caldeira.

§ 20. Ainda mais : si quizermos xegar á ação real de mastigar e comer (no sentido proprio da palavra) a carne umana, não axamos nas nossas regiões de cá, e até entre os mesmos condecorados com o titulo de cristãos, quer na Italia, quer alhures, alguns que, não contentes de trucidar cruelmente os seos inimigos, só saciaram a sua colera, devorando-lhes o figado e o coração?

Refiro-me á istoria. E sem ir mais longe, o que vêmos em França (sou Francez e peza-me dizel-o) durante a sanguinoza tragedia, que começou em Pariz a 24 de Agosto de 1572 ?

Não acuzo aos que não foram cauza ; mas entre outros actos de orrenda recordação, perpetrados então por todo o reino, não é sabido, que foi publicamente vendida ao maior lançador a gordura dos corpos umanos, que de modo mais barbaro e mais cruel do que o dos selvagens foram trucidados em Lião, depois de tirados do rio Saona?

O figado, coração e outras partes do corpo de alguns individuos foram comidos pelos furiozos assassinos, de que se orrorizam os infernos.

Depois de mizerandamente morto um fulano Coração de Rei (*Cœur de Roi*), confessor da religião reformada na cidade de Auxerre, os perpetradores d'este assassinato não lhe cortaram o coração em pedaços,não os expozeram á venda a creaturas odientas, e finalmente não os comeram assados em grelhas para saciar a raiva, como mastins?

§ 21. Existem ainda vivas milhares de pessoas, que testimunharam essas couzas dantes nunca ouvidas entre quaesquer povos ; e os livros já impressos as atestaram á posteridade.

Depois d'esta execravel carniceria do povo francez, reconhecendo alguem, cujo nome protesto ignorar, que a maldade excedia a todas quantas eram sabidas, para as expressar, compoz os seguintes versos :

> Riez Pharaon,
> Achab, Neron,
> Herodes aussi :
> Votre barbarie
> Est ensevelie
> Par ce faict icy.

De orà em diante pois não abominemos tanto a crueza dos selvagens antropofagos, isto é, comedores de omens ; por quanto existem individuos taes ou antes mais detestaveis e peiores no meio de nós do que aqueles que só investem contra nações suas inimigas, como vimos, quando estas aliás mergulham-se no sangue dos seos parentes, vizinhos e compatriotas ; e nem é precizo ir fóra do nosso paiz, ou xegarmos á America para vêr couzas tam monstruozas e extraordinarias.

CAPITULO XVI

O que podemos xamar religião entre os selvagens Americanos; erros em que os mantêem certos trapaceiros, que entre eles vivem, xamados carahibas; grande ignorancia de Deos, em que andam mergulhados.

§ 1. Embora a sentença de Cicero, a saber, que não existe povo tam bruto, nem nação tam barbara e selvagem, que não tenha idéa da existencia de alguma divindade, seja aceita e recebida por todos como maxima indubitavel, todavia quando atentamente considero nos nossos Tupinambás da America, vejo-me algo embaraçado na aplicação d'essa maxima a similhante gente.

Pois além de não terem conhecimento algum do unico e verdadeiro Deos, sam taes, que não confessam, nem adoram deozes celestiaes nem terrestres, nada obstante o costume de todos os antigos pagões, que tiveram a pluralidade de deozes, e a despeito da opinião dos idólatras de oje, incluzive os indios do Perú, terra firme e distante quazi 500 legoas, sacrificadores ao sol e á lua.

Não têem ritual, nem lugar determinado de reunião para praticar qualquer serviço ordinario, por isso não oram em fórma religioza em publico ou em particular por couza alguma.

Ignorantes da creação do mundo, não distinguem os dias por denominações, nem fazem diferença entre uns e outros, bem como não contam semanas, mezes, nem annos; apenas calculam e assinalam o tempo por luas.

§ 2. Quanto á escritura, quer santa quer profana, não só desconhecem o que ela seja, mas não possuem caracteres para significar couza alguma; o que ainda maior importancia tem.

Quando xeguei ao seo paiz, e comecei a aprender a sua linguagem, escrevia algumas sentenças, e depois as lia em prezença d'eles. Julgavam ser isso feitiçaria, e diziam uns aos outros: —Não é maravilha, que quem ontem não sabia dizer uma só palavra em nosso idioma, seja agora entendido por nós, em virtude d'esse papel, que tem, e o faz falar assim?

Esta opinião é a mesma dos selvagens da ilha Espaniola, que foram os primeiros a emitil-a ; pois o autor da istoria d'estes insulares diz, que os indios, conhecendo que os Espanhoes, sem se verem nem falarem, e apenas mandando cartas de um a outro lugar, entendiam-se, acreditavam ou que os Espanhóes tinham o don da proficia, ou que as missivas falavam, e acrecenta o mesmo autor:—De maneira que os selvagens, temerozos de serem descobertos e surpreendidos em qualquer falta, continham-se no dever, e não ouzavam mais mentir nem furtar aos Espanhoes.

Portanto digo, que, para quem quizesse aqui amplificar esta materia, aprezenta-se bonito assunto, tanto para louvar e exaltar a arte da escritura, como para mostrar quanto as nações, que abitam essas trez partes do mundo, Europa, Azia e Africa, devem louvar a Deos pela superioridade sobre os selvagens d'esta quarta parte xamada America; pois quando estes não podem comunicar couza alguma sinão por via da palavra, nós ao contrario temos a vantagem de não mover-nos de um logar, e podermos por meio da escritura e das letras, que enviamos, declarar os nossos segredos a quantas pessoas nos apraz, embora estejam estas mesmas pessoas nas extremidades do mundo.

Assim além das siencias que aprendemos nos livros, que os selvagens certamente não possuem, acontece ainda, que a invenção da escritura, que nós temos, e de que eles estam inteiramente privados, deve ser posta na ordem dos singulares dons, que os omens de cá receberam de Deos.

§ 3. Para voltar agora aos nossos Tupinambás, proseguirei dizendo, que, quando conversavamos com taes selvagens, e vinha a couza a propozito, lhe diziamos, que acreditavamos em um só Deos soberano, creador do mundo, o qual fez o céo e a terra com todas as couzas n'ele contidas, governa e tambem dispõe de tudo como lhe apraz.

Quando nos ouviam recordar esse artigo, olhavam uns para os outros, empregando esta intergeição de espanto:—*Teh*! que lhes é abitual, e significava a sua admiração.

Quando ouvem o trovão, a que xamam *Tupan* *, ficam muito assustados, como adiante mais extensamente direi, e por isso de acordo com a sua rudeza aproveitamos a ocazião para dizer-lhes, que era Deos, de que lhe falavamos, quem assim fazia tremer o ceo e a terra para mostrar a sua grandeza e poder.

A sua pronta resposta a isto era, que, si ele assim os intimidava, então não valia nada.

Eis aqui o deploravel estado, em que vive essa mizera gente.

Como então (dirá alguem) pode suceder, que esses Americanos vivam quaes brutos animaes, sem religião alguma?

Certamente pouco diferem do bruto, como já dice, e penso, que na terra não existe nação alguma, que mais afastada viva de qualquer idéa religioza.

Entrando em materia, começo por declarar, que reconheci, que alguma luz ainda lhes restava, no meio das espessas trevas da ignorancia, em que se conservam, e digo antes de tudo, que não so crêem na imortalidade da alma, mas tambem firmemente acreditam, que, depois da morte dos corpos, as almas que viveram virtuozamente, isto é, na conformidade das idéas barbaras, que vingaram-se bem, e comeram muitos inimigos, vam para além de altas montanhas, onde dansam em formozos jardins com as almas dos seos avós (sam os campos Elizeos dos poetas); ao contrario as almas dos cobardes, e das pessoas somenas, que não se importaram da defensão da patria, vam com Anhanga †, nome dado ao diabo na sua linguagem, pelo qual, dizem, sam constantemente atormentadas.

§ 4. A este respeito cumpre notar, que essa pobre gente, durante a vida, é afligida por esse espirito maligno, a que tambem xamam *kaegerre*, e quando nos falavam, como muitas vezes prezenciei, sentindo-se atormentados e clamando subitamente como enraivados, diziam: — Ah! defendei-nos de *Anhanga*, que nos espanca. » E diziam, que realmente o viam, ora em forma de quadrupede, ora de ave, ora de qualquer outra estranha figura.

---

* O autor escreve: — *Toupan*.
† O autor escreve: — *Aygnan*.

Admiravam-se muito, quando lhes diziamos, que não eramos assaltados pelo espirito máo, e que essa izenção vinha do Deos, de quem tanto lhes falavamos, o qual, por ser sem comparação muito mais forte do que *Anhanga*, prohibia, que este nos molestasse e nos fizesse mal; por isso acontecia algumas vezes, que eles, sentindo-se vexados, prometiam crer na divindade como nós, mas conforme o proverbio, que diz, que passado o perigo, zomba-se do santo, apenas viam-se livres, não recordavam-se mais das promessas.

Entretanto para mostrar, que o alegado sofrimento não é brinco infantil, como se diz, eu muitas vezes os vi por tal modo apreensivos d'essa furia infernal, que quando se recordavam do que já tinham padecido, batendo com as mãos nas coxas e em estado de verdadeira aflição, com suores na fronte, queixando-se a mim ou a qualquer outra pessoa da nossa comitiva, diziam:—*Mair atu-assap, acequeiei anhanga atupané* *, isto é, Francez, meo amigo, (ou meo perfeito aliado) temo o diabo (ou o espirito maligno) mais do que tudo.

Si porventura aquele a quem se dirigiam lhes dizia:—*Nacequeiei Anhanga*, isto é, eu não o temo, eles deplorando a sua condição respondiam:—Ah! quão felizes seriamos, si fôssemos prezervados do mal como vós. » Ao que replicavamos:—E' precizo confiar como nós n'aquele que é mais forte e mais poderozo do que o diabo.

Mas embora algumas vezes, vendo o mal proximo ou já realizado, protestassem crêr, tudo isso depois se lhes varria da lembrança, como já dice.

§ 5. Ora, antes de passar adiante, acrecentarei em referencia ao assunto da crença dos nossos Brazilienses americanos sobre a alma imortal, que o istoriador das Indias ocidentaes diz, que os selvagens da cidade de Cusco, capital do Perú, e os das circumvizinhanças professam igualmente a imortalidade da alma, e o que mais é, creem na resurreição dos corpos, não obstante a maxima sempre aceita geralmente pelos teologos, a saber, que todos os filozofos pagãos, e outros gentios barbaros tinham ignorado e negado a resurreição da carne. E eis o exemplo por ele citado.

---

* O autor escreve:—*Mair atou-assap, acequeiey aygnan atoupané.*

Os indios (diz ele) vendo que os Espanhoes, quando abriam os sepulcros para apossar-se do ouro e das riquezas ali existentes, atiravam para aqui e para ali os ossos dos mortos, pediam que os não espalhassem assim, afim de que isto os não impedisse de resuscitar; pois (acrecenta, falando dos selvagens d'esse paiz) crêem na resurreição dos corpos e na imortalidade da alma.

Outro autor profano tambem afirma, que em tempos idos certa nação pagan acreditava n'este artigo, e exprime-se d'este modo:—Depois que Julio Cezar venceo Ariovisto e os Germanos, que eram omens extraordinariamente grandes e mui valorozos, eles investiam intrepidamente, e não temiam a morte, esperando resucitar.

Isto quiz eu expressamente narrar aqui, afim de que entendam todos, que, si os mais endiabrados atêos, de que a nossa terra agora está coberta, têem de comum com os Tupinambás o quererem fazer crer, aliás de modo mais estranho e bestial do que os selvagens, que não existe Deos; ao menos estes lhes ensinam, que existem diabos para atormentar, ainda cá n'este mundo, aos que negam Deos e o seo poder.

§ 6. Si replicarem, que não existem outros diabos além dos máos afectos dos omens, como alguns pretenderam sustentar, e que portanto é loucura persuadirem-se os selvagens de couzas fantasticas, eu responderei, que, si atendermos ao que já dice, e é mui verdade, a saber, que os Americanos sam real e vizivelmente atormentados pelos espiritos malignos, facil será julgar com quanto dezacerto é isto atribuido ás paixões umanas; pois por mais violentas que estas sejam, como afligiriam os omens d'este modo?

Deixo de falar da experiencia, que temos por cá d'essas couzas; e si não fosse lançar perolas aos porcos, que agora repilo, poderia alegar o que dice o Evangelho de tantos endemoniados, que foram curados pelo filho de Deos.

Demais como esses atêos negam todos os principios, e sam por isso indignos de se lhes alegar o que as Escrituras santas tam magnificamente dizem da imortalidade da alma, eu ainda lhes anteporei os nossos pobres Brazilienses, os quaes na sua cegueira ensinam, que no omem não só existe

um espirito, que não morre com o corpo, mas tambem que, separado d'este, fica sugeito á felicidade ou infelicidade perpetua.

E quanto ao terceiro ponto relativo a resurreição da carne, bem que esses cães se capacitem, que, quando o corpo morre, jamais se levanta, eu lhes oponho os indios do Perú ; os quaes no meio da sua falsa religião, sem terem aliás outro criterio, além do senso natural para desmentir estes entes execrandos, erguer-se-ão como juizes contra eles.

E porque, como já dice, sam peiores do que o prios diabos, os quaes, conforme diz Santo Iago, crêem na existencia de um Deos, e o temem, faço-lhes ainda mui grande onra em dar-lhes esses barbaros por doutores. Sem falar mais por ora de tam abominaveis creaturas, eu as envio diretamente ao inferno, onde colherão o fruto dos seos monstruozos erros.

§ 7. Assim para voltar ao meo objéto principal, que é proseguir no que podemos xamar religião entre os selvagens da America, digo antes de tudo, qne, si bem examinarmos o assunto, veremos, que, em vez de ficarem tranquilos os selvicolas, quando ouvem o trovão, sam por irrezistivel potencia constrangidos a tremer ; e daqui poderemos coligir, que não só verifica-se n'eles a sentença de Cicero, por mim já citada, afirmando não existir povo algum falto da noção da existencia da divindade, mas tambem que o temor d'aquele a quem não querem conhecer os torna completamente inescuzaveis.

Quando o apostolo dice, que Deos, permitindo outr'ora aos gentios diversas vias, beneficiando entretanto a todos com a xuva do céo, e dando fertilizadoras estações, nunca ficára sem testimunho, isto assás demonstra, que, si os omens não conhecem o seo creador, procede o fato da sua propria malicia.

E para mais os convencer diz em outro lugar, que aquilo que é invizivel em Deos, vê-se na creação do mundo.

Embora os nossos Americanos o não confessem de boca, sucede todavia estarem por si mesmos convencidos da existencia de alguma divindade ; por tanto concluo,

que não serão escuzados do pecado, quando não podem alegar ignorancia.

Além do que já dice acerca da imortalidade da alma, em que acreditam, do trovão, com que se aterram, e dos diabos e espiritos malignos, que os espancam e atormentam (que sam os trez pontos, que cumpre antes de tudo notar) mostrarei ainda em quarto lugar como esta semente de religião (si todavia as praticas dos selvagens merecem este titulo) brota e não póde extinguir-se n'eles, não obstante as obscuras trevas em que vivem submersos.

§ 8. Proseguindo n'esta materia cumpre saber, que os selvagens admitem certos falsos profetas xamados *carahibas*, os quaes, andam de aldeia em aldeia, como os tiradores de ladainha no papado, e fazem crer, que comunicam-se com os espiritos, e que por esse meio não só podem dar força a quem lhes apraz, como vencer e suplantar os inimigos, quando vam á guerra; igualmente persuadem terem a virtude de fazer crecer e engrossar as raizes e os frutos, que a terra do Brazil produz, como alhures já dice.

Ouvi trugimões da Normandia por muito tempo rezidentes n'esse paiz dizerem, que os nossos Tupinambás costumam reunir-se com grande solenidade de trez em trez ou de quatro em quatro annos, e como axei-me em uma d'essas reuniões, sem o pensar, como vereis, eis o que com verdade posso dizer.

Em ocazião em que eu e outro Francez xamado Tiago Roussau, com um trugimão, percorriamos esse paiz, dormimos em certa noite n'uma aldeia xamada Cotina, e quando pela madrugada seguiamos caminho, vimos os selvagens dos sitios vizinhos xegarem de todas as partes, com os quaes os moradores d'esta aldeia, saindo de suas cazas, ajuntaram-se e foram imediatamente para uma grande praça reunidos em numero de 500 ou 600.

Paramos então, e voltamos para saber com que fim reunia-se esta assembléa, quando vimos os selvicolas de subito separarem-se em trez bandos, a saber, todos os omens ficaram em uma caza, as mulheres em outra, e os meninos em outra.

E como vi dez ou dôze dos taes senhores *carahibas*, que estavam entre os omens, suspeitei, que fariam alguma couza extraordinaria, e pedi instantemente aos meos companheiros para demorar-nos ali a fim de vermos esse misterio; no que consentiram.

§ 9. Os *carahibas*, antes de separarem-se das mulheres e meninos, prohibiram-lhes severamente, que não saissem das cazas, para onde iam, devendo de lá escutar atentamente, quando os ouvissem cantar, e tambem ordenaram, que nos conservassemos encerrados no apozento, em que estavam as mulheres.

Quando almoçavamos, sem sabermos ainda o que pretendiam os selvagens fazer, começamos a ouvir na caza, onde estavam os omens (a qual não distava talvez trinta passos d'aquela em que estavamos) um surdo murmurio, como recitação de rezas devotas; o que ouvido pelas mulheres, que eram em numero de quazi 200, puzeram-se todas de pé, e atentas ajuntaram-se em um só feixe.

Depois os omens pouco a pouco levantaram a voz, e mui distintamente os ouvimos cantar todos reunidos, e repetir esta intergeição de encorajamento:—*Hê, hê, hê, hê*. Ficamos espantados, quando as mulheres, respondendo do seo lado com voz tremula, e repetindo esta mesma intergeição:—*Hê, hê, hê, hê*, começaram a gritar por espaço de mais de um quarto d'ora, de tal modo que não sabiamos o que fizessemos.

Elas assim urravam, saltavam com grande violencia, agitavam as mamas e escumavam pela boca, e algumas cahiam desmaiadas como os pacientes da gota coral; por isso não posso deixar de crer, que o diabo lhes entrasse no corpo, e elas de repente se tornassem possessas.

Tambem viamos os meninos agitados e torturados da mesma fórma no apozento, em que estavam separados, e que ficava mui perto de nós; e embora por mais de seis mezes já eu frequentasse os selvagens, e já estivesse um tanto acostumado no meio d'eles, direi sem desfarçar couza alguma, que tive medo, e ignorando o exito do estranho cazo, dezejei antes axar-me no nosso fortim.

§ 10. Cessando o ruido e urros confuzos, os omens fizeram pequena pauza, e ficando então as mulheres e meninos todos calados e quietos, os ouvimos de novo cantar, resoando vozes com tão maravilhoza armonia, que, já acalmado do susto e ouvindo sons doces e graciozos, não me devem perguntar, si dezejei ver tudo de perto.

Quando porém quiz sair para aproximar-me, não só as mulheres me obstaram, mas tambem o nosso trugimão dice, que vivia n'esse paiz por seis ou sete annos, e nunca se atrevera a estar no meio dos selvagens por ocazião d'estas festas; acrecentando que, si eu ali fosse, não obraria prudentemente, pois correria perigo.

Ezitei por um momento; todavia como interrogado o trugimão não me dava razão suficiente do seo dito, e eu confiava na amizade dos bons velhos moradores da aldeia, na qual anteriormente eu estivera por quatro ou cinco vezes, arrisquei-me a sair, parte por força, parte por vontade.

Aproximei-me pois do lugar, donde eu ouvia a cantilena: e como acontece serem as cazas dos selvagens mui compridas, arredondadas na parte superior como as latadas dos nossos jardins, e cobertas de ramos, cujas pontas tocam no sólo, abri com as mãos um buraco na coberta para ver a couza á minha vontade.

Fazendo isto, dei sinal com o dedo aos dois Francezes, que me observavam; e eles, com o meo exemplo, animaram-se, aproximaram-se sem embaraço nem dificuldade, e todos nós trez entramos na caza.

Vendo pois que os selvagens (em contrario do que pensava o trugimão) não se espantavam comnosco, antes conservavam os respectivos lugares e ordem de modo admiravel, e continuavam com as suas cantorias, acomodamosnos mui bem em um lado da caza e os contemplamos com toda a satisfação.

§ 11. Quando acima falei das suas dansas nas ocaziões de beberronias e *cauinagens*, prometi mencionar tambem outra maneira de dansarem, afim de melhormente retratar os selvagens; e eis aqui o entono, gestos e garbo, que aprezentam.

Unidos uns aos outros, soltas as mãos, fixos no mesmo lugar, formados em roda, curvados para a frente,

suspendendo algum tanto o corpo, movendo sómente a perna e o pé direito, tendo cada um a mão direita nos quadris e o braço e a mão esquerda pendentes, assim cantavam e dansavam.

Em razão do numero das pessoas, formavam trez rodas, no meio de cada uma das quaes estavam trez ou quatro dos taes *carahibas*, ricamente adornados de roupas, carapuças e braceletes feitos de lindas penas naturaes, novas e de diversas côres; tinham em cada mão um maracá, que faziam resoar em todo aquele ambito. Estes maracás sam campainhas feitas de certo fruto, maior do que o ovo do avestruz, e destinadas a esse uzo.

Não poderei dar melhor idéa dos taes carahibas no estado em que então se axavam do que comparando-os com esses esmoleres devotos, tocadores de guizos, que enganam a nossa pobre gente, e andam de lugar em lugar com relicarios de Santo Antonio e São Bernardo e outros similhantes instrumentos de idolatria.

Além da prezente descrição, quiz dar idéa da couza, aprezentando o seguinte dezenho * do dansarino tocador de maracá.

Os carahibas, avançando e saltando para diante, e depois recuando para traz, não se mantinham sempre no mesmo lugar, como faziam os outros assistentes; e observei, que eles muitas vezes tomavam uma vara de madeira, do comprimento de quatro ou cinco pés, na extremidade da qual avia certa porção de erva *petun*, já mencionada em outra parte, seca e aceza, voltava-se para todos os lados, e soprando a fumaça sobre os outros selvagens, dizia: — Para que vençaes os vossos inimigos, recebei o espirito da força.

E isto repetiram por muitas vezes os autuciozos carahibas.

§ 12. Ora estas ceremonias duraram perto de duas óras, e esses 500 ou 600 omens selvagens nunca cessaram de dansar e cantar, avendo tal melodia, que aqueles que os não ouviram não creriam jamais, que eles combinassem tam perfeito acôrdo, visto não saberem muzica.

---

* Falta aqui o dezenho, que não reproduzimos.

E com efeito no começo d'esta algazarra, estando eu na caza das mulheres, como dice, sofri algum susto ; mas então tive em compensação tanta alegria, que fiquei absorto, ouvindo acordãos tam armonicos de tamanha multidão, sobre tudo pela cadencia do estribilho da balata, em cada copla da qual todos, prolongando a voz, diziam : — *Heu, heuaú, heura, heuraura, heur, heura, ouêh.* Quando d'isso me recordo, palpita-me o coração, e parece-me ainda estar ouvindo tudo.

Quando quizeram terminar, bateram com o pé direito no xão com mais força, e depois de cada um cuspir para a frente, todos unanimemente, com voz rouca, pronunciaram duas ou trez vezes :—*Hê, hua, hua, hua.* E assim findaram.

§ 13. E como então eu ainda não entendia bem a linguagem dos selvagens, e tinham eles dito muitas couzas, que eu não comprehendêra, pedi ao trugimão para me as esclarecer.

Dice-me, que primeiramente insistiram muito em lamentar os seos avós mortos, celebrados como valentes; mas por fim consolavam-se; porque depois da morte esperavam ir ter com os finados além de altas montanhas, onde dansariam e se regozijariam no meio d'esses seos avoengos.

Tinham depois ameaçado, que, a todo o trance, como afiançavam os seos carahibas, prenderiam e comeriam os Goitacazes, * nação inimiga, e selvagens tam valentes, que os Tupinambàs nunca os puderam submeter, como atraz fica dito.

Finalmente tinham em suas canções intrometido e celebrado, que as aguas em certa época tinham trasbordado por tal fórma, que cobriram toda a terra, afogando todos os omens do mundo, excéto os seos avós, que salvaram-se nas mais altas arvores do seo paiz : e este ultimo ponto, que entre eles é a couza que mais os aproxima da Escritura Santa, muitas vezes depois os ouvi repetir.

Com efeito verosimil é, que de paes a filhos ouvissem contar alguma couza do diluvio universal e do tempo de

---

* O autor escreve:—*Ouetacas.*

Noé, e tinham corrompido e transformado a verdade em mentira, como costumam os omens ; acrecendo que, privados de toda a especie de escritura, como acima vimos, lhes é dificil conservar a noticia das couzas com toda a pureza ; por isso adicionaram essa fabula, como fazem os poetas, de se terem seos avós salvado nas arvores.

§ 14. Voltando aos nossos *carahibas*, cabe dizer, que n'esse dia foram bem recebidos por todos os selvagens, que os trataram magnificamente com as melhores viandas que tinham, sem esqecer-se de fazel-os, na forma costumada, beber e *cauinar*, e tambam eu e dois Francezes, meos companheiros, que inopinadamente axamos-nos n'esta confraria de bacanaes, como já dice, tivemos por essa cauza boa xira com os nossos *mussacás*,* isto é, bons paes de familia, que dam comida aos passageiros.

Além de tudo quanto acima fica exposto, convém dizer, que, passados os dias solenes, nos quaes os nossos Tupinambás de trez em trez annos, ou de quatro em quatro annos e algumas vezes depois de maior espaço praticam essas macaquices os carahibas vam de aldeia em aldeia, e enfeitam com as mais bonitas penas, que encontram em cada familia, trez ou quatro bagatelas xamadas maracás, ou quantas bem lhes parece. Assim adornados os maracás, infincam no vão a parte maior do páo que os atravessa, os dispõem em linha no meio das cazas, e ordenam depois, que lhes dêem comida e bebida.

De sorte que esses embusteiros fazem crer aos outros pobres idiotas, que esses frutos, especies de cabaça, assim cavadas, enfeitadas e consagradas comem e bebem de noite ; e como cada dono de caza acredita n'isso, não deixa de pôr junto aos seos maracás farinha, carne e peixe, e tambem a bebida xamada *cauim*.

§ 15. Ordinariamente os deixam assim infincados no sólo por quinze dias ou trez semanas, sempre servidos da mesma fórma ; e depois de praticadas estas bruxarias formam opinião tam extravagante sobre esses maracás, que lhes atribuem santidade, e trazendo-os quazi sempre empunhados na mão, dizem, que, quando os fazem soar repetidas vezes, algum espirito lhes vem falar.

---

* O autor escreve : —*Moussacats*.

E estam encasquetados d'esse erro por tal fórma que, si, passando por suas cazas e compridos apozentos, viamos carnes bôas oferecidas a esses maracás, as tomavamos e comiamos, como muitas vezes fizemos, julgavam os nossos Americanos, que isso nos cauzaria desgraças, e não se consideravam menos ofendidos do que se reputam os supersticiozos e sucessores dos sacerdotes do Baal de vêr tomar as oferendas consagradas aos seos bonifrates, das quaes entretanto, com dezonra de Deos, alimentam-se gorda e ociozamente com as suas marafonas e bastardos.

O que mais é: si aproveitavamos a ocazião de advertil-os dos seos erros, e diziamos, que os carahibas não só os enganavam, quando os faziam acreditar, que os maracás comiam e bebiam, mas tambem os iludiam, quando falsamente se gabavam de serem eles que faziam os frutos e raizes crecer e engrossar, pois quem tudo isso fazia era o Deos, em quem nós criamos, e que anunciavamos; isto valia tanto como si por cá falassemos contra o papa, ou dicessemos em Pariz, que a reliquia de Santa Genoveva não faz xover.

Assim esses trapaceiros carahibas não nos aborreciam menos do que os falsos profetas de Jezabel (receiozos de perder seos gordos nacos) odiavam ao verdadeiro servo de Deos Elias, quando descobria os seos abuzos; e começando por ocultar-se de nós, temiam vir ou dormir nas aldeias, onde sabiam, que estavamos.

§ 16. Os nossos Tupinambás, conforme o que dice no principio d'este capitulo, e nada obstante as ceremonias por eles praticadas, não adoram com a genuflexão ou outros meios externos aos seos carahibas, nem aos seos maracás, nem a quaesquer creaturas, e menos as suplicam e invocam; todavia para continuar a dizer quanto entre eles observei em materia de religião, citarei ainda um exemplo.

Achava-me em outra ocazião com alguns meos patricios em uma aldeia xamada *Ocarentin*, distante duas legoas de *Cotina*, de que já fiz menção, e quando ceavamos no meio de uma praça, os selvagens do lugar reuniram-se para contemplar-nos e não para comer, pois, si querem onrar a algum personagem, não comem com ele.

Os selvagens, orgulhozos de ver-nos na sua aldeia, davam-nos todas as possiveis demonstrações de amizade, e tendo cada um na mão um osso do focinho de certo peixe do comprimento de dois ou trez pés, formado á feição de serra, estavam em roda de nós como nossa guarda de arxeiros, para afugentar os meninos, aos quaes diziam na sua linguagem : — Miunçalha, retirae-vos, pois não sois dignos de aproximar-vos d'esta gente.

Toda essa turba não interrompeo uma só palavra da nossa conversação, e deixou-nos ceiar em paz ; mas um velho, que observára termos orado a Deos no começo e no fim da refeição, perguntou-nos:—O que significa este procedimento, que acabaes de ter, tirando por duas vezes o xapéo sem proferir palavra alguma, excéto um que falava, quando todos os mais estavam calados ? A quem dirigia-se o que ele dizia? Dirigia-se a vós, que estaes prezentes, ou a alguem que axa-se auzente?

§ 17. Aproveitamos a ocazião, que tam a propozito se nos aprezentava, para falar-lhes da verdadeira religião, convindo acrecentar, que essa aldeia de Ocarentin é das maiores e mais povoadas d'esse paiz; e como parecia-me vêr esses selvagens mais bem dispostos e mais atentos em escutar-nos do que de costume, pedi ao nosso trugimão para ajudar-me a dar-lhes a entender o que eu ia dizer.

Depois de dizer em resposta á pergunta do velho, que era a Deos, a quem tinhamos dirigido as nossas preces, e que embora ninguem o visse, todavia tinha ele ouvido tudo perfeitamente, e conhecia o que pensavamos e tinhamos no coração, comecei a falar da creação do mundo, e sobretudo insisti no ponto de fazer os selvagens bem compreenderem, que, si Deos tinha feito o omem excelente sobre todas as outras creaturas, era para que o mesmo omem glorificasse ainda mais o seo creador ; acrecentando que como o serviamos, ele prezervava-nos de perigo, quando atravessavamos os mares, nos quaes, para ir buscal-os, andávamos ordinarimente quatro ou cinco mezes sem pôr pé em terra.

N'esta ocazião inculcamos, que não temiamos, como eles, ser atormentados por Anhanga n'esta vida nem na

outra ; e assim dizia-lhes eu, que si eles quizessem converter-se dos erros, em que os seos carahibas mentirozos e enganadores os mantinham, e deixar a barbaria de comer a carne dos seos inimigos, teriam as mesmas graças, que por experiencia conheciam, que nós gozavamos.

Em suma para dar-lhes noções da perdição do omem, e preparal-os para receber Jezus Cristo, aprezentavamos sempre comparações de couzas d'eles conhecidas, e empregamos mais de duas óras n'esta materia da creação, acerca da qual por brevidade não farei aqui mais longo discurso.

§ 18. Ora, todos com grande admiração prestavam ouvidos e escutavam atentamente; de modo que findo o pasmo do que tinham ouvido, apareceo outro velho, que tomou a palavra e dice :— Certamente tendes dito maravilhas, e couzas mui bonitas, que nunca tinhamos ouvido; todavia a vossa arenga faz-me recordar o que muitas vezes ouvimos os nossos avós repetir, isto é, que desde muito tempo e desde certo numero de luas, que não podemos conservar na memoria, um Mair, isto é, Francez ou estrangeiro, vestido e barbado, como alguns de vós, veio a este paiz, e para os persuadir á obediencia do vosso Deos, falou-lhes a mesma linguagem, que agora nos dirigis; mas, conforme ouvimos de paes a filhos, nossos avós o não acreditaram.

Partindo este, veio outro, que, em sinal de maldição, deo-lhes a espada, com que depois d'isso nos matamos uns aos outros, de maneira que estamos em longa posse do seo uzo, e si agora deixassemos o nosso costume, dezistissimos d'ele, todas as nações nossas vizinhas zombariam de nós. A isto replicamos com grande vehemencia, que não deveriam eles importar-se com o motejo dos outros, pois ao contrario, si quizessem, como nós, adorar e servir ao verdadeiro Deos do céo e da terra, que anunciavamos, derrotariam e venceriam a todos os inimigos, que agora os viessem tacar.

Em suma pela eficacia que Deos então outorgou ás nossas palavras, os Tupinambás ficaram tam abalados, que não só muitos prometeram d'ora em diante viver como ensinavamos e não comer mais carne dos seos inimigos ;

mas tambem logo depois d'esse coloquio, o qual durou muito tempo, como já dice, ajoelharam-se comnosco, e um dos nossos companheiros, dando graças a Deos, fez a prece em alta voz no meio d'essa turba, a quem o trugimão depois explicou tudo.

§ 19. Concluido isto, eles nos fizeram deitar, na forma do seo costume, em leitos de algodão suspensos no ar; antes porém de dormirmos, os ouvimos todos reunidos cantar, que para vingar-se dos inimigos, cada vez mais precizo se tornava agarral-os e comel-os, como antes sempre praticavam.

Eis aqui a inconstancia d'esse mizero povo, insigne exemplo da natureza corrompida do omem.

Penso todavia, que, si Nicoláo de Villegagnon se não rebelasse contra a religião reformada, e tivessemos ficado por muito tempo n'esse paiz, teriamos atrahido e xamado alguns d'esses selvagens a Jezus Christo.

Ora, acredito pelo que nos diceram ter sabido dos seos antepassados, que avia muitos centenares de annos um Mair, isto é, omem da nossa nação, (sem discutir si seria Francez ou Alemão), tinha estado na sua terra, e lhes anunciára o verdadeiro Deos; talvez fosse algum dos apostolos.

Com efeito, ponho de parte livros fabulozos, e pondero, que, além da palavra de Deos e do que se tem escrito sobre as viagens e peregrinações d'esses varões santos, Niceforo, referindo a istoria de São Mateos, expressamente diz, que este apostolo pregou o Evangelho no paiz dos Canibaes, que comem gente, povo não mui afastado dos Brazilienses Americanos.

Considero porém muito melhor fundamento a passagem de São Paulo, constante do salmo 19, a saber: —A sua voz percorreo toda a terra e suas palavras xegaram ás extremidades do mundo.» Alguns bons expozitores referem esta passagem aos apostolos; e atendendo que eles perlustraram varios paizes longinquos por nós desconhecidos; pergunto eu, que incongruencia averia em crer, que um ou muitos tenham estado na terra d'esses barbaros?

Isto até serviria de farol e geral expozição exigida por alguns autores para a sentença de Jezus Christo, quando declarou, que o Evangelho seria pregado em todo o mundo.

Não quero afirmar o contrario em relação ao tempo dos apostolos ; assegurarei todavia, como já acima mostrei n'esta istoria, que vi e ouvi em nossos dias anunciar o Evangelho até aos antipodas ; de sorte que, além de ser assim rezolvida a objeção formulada contra essa passagem, ainda daqui rezultará serem os selvagens menos escuzaveis no dia final.

§ 20. Quanto a outra assersão dos nossos Americanos, quando dizem, que os seos predecessores não quizeram acreditar n'aquele que lhes quiz ensinar o bom caminho, e veio outro, que por cauza d'essa recuza os amaldiçoou e deo-lhes espada, com que ainda matam-se todos os dias, lemos no *Apocalipse*, que ao personagem, que estava montado no cavalo branco, que, na opinião de certos exegetas, significa perseguição por fogo e guerra, foi dado poder de tirar a paz da terra, para que se matassem uns aos outros, sendo lhe tambem dada uma grande espada.

Eis o testo, que na letra muito aproxima-se da asserção e da pratica dos nossos Tupinambás ; todavia receiando transtornar o seo verdadeiro sentido, e para que se não julgue, que busco as couzas de mui longe, deixarei a outros a devida aplicação.

Entretanto recordando-me ainda de um exemplo, que poderá mostrar, que essas nações selvagens, abitadoras da terra do Brazil, seriam assás doceis para aceitar o conhecimento de Deos, si tomassemos o trabalho de as doutrinar, eu aqui o aprezento.

§ 21. Com o fim de ir buscar viveres e outras couzas necessarias, passei um dia da nossa ilha para a terra firme, acompanhado por dois selvagens Tupiniquins * e por outro da nação xamada Oneanen, sua aliada, o qual com sua mulher viera vizitar os amigos e voltava para a sua terra.

---

* O autor escreve—*Tupinenquins*.

Atravessava eu com eles uma grande floresta, contemplando arvores diversissimas, ervas verdejantes e flores odoriferas, e ouvindo o canto de infinidade de aves, que gorgeavam no meio do bosque, onde então resplandecia o sol. Assim digo, eu via-me como convidado a louvar a Deos por todas essas couzas, e tendo aliás o coração alegre, comecei em voz alta a cantar o psalmo 104: Exulta, exulta, minha alma. etc ; que repeti todo.

Os trez selvagens e a mulher, que vinham atraz de mim, tiveram tamanho prazer (isto é, quanto ao son, porque quanto ao sentido nada percebiam), que, quando acabei, o *Oncanen* comovido de alegria, com face rizonha, avançou para mim e dice :—Na verdade cantaste maravilhozamente bem, o teo canto estridente fez-me recordar do cantar de uma nação nossa vizinha, e muito contente fiquei de ouvil-o. Mas (dice-me ele) nós entendemos a sua linguagem, não a tua ; portanto rogo-te,que nos digas de que trata a tua cantiga.

Como era eu o unico Francez ali prezente e so devia encontrar dois patricios no lugar, onde ia dormir, expliquei, como pude, que não só eu tinha louvado a Deos em geral, na formozura e governo das suas creaturas, mas tambem o tinha em particular aplaudido como o unico creador dos omens e de todos os animaes, e unico motor do crecimento das arvores, frutos e plantas espalhas pelo mundo inteiro : expliquei mais, que a canção, que eu acabava de entoar, era ditada pelo espirito d'esse Deos magnifico,cujo nome eu tinha celebrado, e fôra primeiramente cantada, avia mais de 10.000 luas (pois assim os selvagens contam o tempo) por um dos nossos grandes profetas, o qual a deixára á posteridade para ter o mesmo uzo.

§ 22. Repito ainda aqui, que os selvagens não interrompem discurso, e sam mui atentos ao que se lhes diz. O meo interlocutor e os companheiros caminharam por espaço de mais de meia óra, ouvindo o meo discurso, e proferindo a costumada intergeição exclamativa :—*Teh!* e depois diceram : — Oh ! como vós os *Mairs* (isto é, Françezes) sois felizes por saberdes tantos segredos ocultos a nós, entes mesquinhos, pobres e mizeraveis !

E como para agradar-me, dizendo: — Toma lá, porque cantas bem » fez-me dadiva de um agoti, que trazia, isto é, de um pequeno animal, que com outros descrevi no capitulo decimo.

Para melhor provar, que estas nações da America, por mais barbaras e crueis que sejam para com seos inimigos, nam sam tão ferozes, que não atendam ao que se lhes diz com boas razões, entendi dever ainda fazer esta digressão.

Com efeito quanto á indole dos omens sustento, que discorrem melhor do que o fazem a mor parte dos camponios e outras pessoas cá da Europa, gente aliás reputada como abil.

§ 23. Resta agora finalmente tocar na questão, que poderia sucitar-se n'esta materia, de que trato, a saber, donde procedem estes selvagens.

Sobre isto digo antes de tudo, que bem certo é, decenderem de um dos trez filhos de Noé; afirmar porém de qual d'eles, creio ser dificilimo, quer pela Escritura Santa, quer pelas istorias profanas.

Verdade é, que Moizés, fazendo menção dos filhos de Jafet, diz, que as ilhas foram abitadas por eles; mas (conforme todos explicam) o escritor ebrêo falou das terras da Grecia, Galia, Italia, e outras regiões nossas, que o mar separa da Judéa, e por isso sam consideradas ilhas por Moizés: e assim não existiria fundado motivo para abranger a America, nem as terras, adjacentes a ela.

Dizer tambem que venham de Sem, do qual procede a geração bemdita e os Judeos, aliás corrompidos por tal fórma que com justiça fôram regeitados por Deos, em razão de diversas cauzas, que poderiamos alegar, ninguem o fará, conforme creio.

§ 24. Quanto ao que concerne á beatitude e felicidade eterna (que cremos e esperamos unicamente por Jezus Cristo), constituem os selvagens um povo maldito e dezamparado de Deos, não obstante as imperfeitas noções e sentimentos, que têem da vida futura; e nem existe outro povo igual; pois a respeito da vida terrena já mostrei, e mostrarei ainda, que, quando os abitadores da

Europa mostram-se avidos dos bens mundanos, os selvagens ao contrario os desprezam e vivem alegremente izentos de cuidados.

Parece, que a opinião mais provavel acerca da sua origem é, que decendem de Cam; e eis a meo vêr a conjectura mais verosimil, que podemos formar.

Atesta a Escritura Santa, que quando Jozué penetrou na terra de Canaan, e começou a ocupal-a, conforme a promessa de Deos feita a ele e aos patriarcas, e conforme a ordem especialmente a ele dada, os povos abitadores d'essa região intimidaram-se por tal fórma, que perderam toda a coragem. Assim poderia acontecer (o que digo sob correção), que os avós e antepassados dos nossos Americanos, expelidos de varias partes da terra de Canaan pelos filhos de Israel, tivessem embarcado em navios entregues á discrição do mar, e arrojados pelos ventos, fossem aportar ás terras da America.

Com efeito o autor espanhol da *Istoria geral das Indias*, varão versadissimo nas bôas siencias, é de opinião, que os indios do Perú, terra contigua ao Brazil, de que agora falo, sam decendentes de Cam, e sucederam-lhe na maldição lançada por Deos; couza, como acabo de dizer, que eu tambem tinha meditado e escrito nas memorias, que fiz da prezente istoria, mais de dezeseis annos antes de ter visto o seo livro.

Todavia como poderiam levantar-se objeções, sobre isto, e eu não queira aqui decidir couza diversa, deixarei cada um crêr no que lhe aprouver.

§ 25. Como quer que seja porem, por minha parte reputo rezolvido, que essa pobre gente decende da raça corrompida de Adam; e considerando-a aliás balda e destituida de todo o bom sentimento de Deos, não basta isso para que se abale a minha fé, a qual, graças a Deos, é firme e segura.

Menos dahi concluo com os atêos e epicuristas, ou que não existe Deos, ou então que ele não se importa com os omens; pois bem pelo contrario reconheço claramente a diferença existente entre as pessoas, que sam iluminadas pelo Espirito Santo e Escritura Santa, e os

individuos que sam abandonados aos seos sentidos e deixados á sua cegueira ; por isso confio muito mais na segurança da verdade de Deos.

CAPITULO XVII

Cazamento, poligamia, e gráos de parentesco observado pelos selvagens, e tratamento das suas crianças.

§ 1. Acerca do cazamento dos nossos Americanos cumpre dizer, que eles observam tam sómente estes trez gráos de parentesco, a saber, ninguem toma em cazamento a propria mãe, nem a irman, nem a filha; quanto ao tio porém, caza-se com a sobrinha, e em todos os demais gráos de consaguinidade não existe impedimento.

Emquanto ás ceremonias, não praticam outra além do seguinte: quem quer ter mulher, ou seja viuva ou seja donzela, indaga da vontade d'esta, e depois dirige-se ao pae, e na falta d'este ao mais proximo parente, e pergunta, si lhe quer dar a pessoa pedida em cazamento.

Si lhe respondem, que sim, desde então, sem lavrar contrato (pois ali os notarios não têem lucros), leva a noiva comsigo como sua mulher.

Si ao contrario lhe a recuzam, sem mais formalidades o pretendente desterra-se.

§ 2. Notae porém, que a poligamia, isto é, a pluraralidade das mulheres, quando é cabivel, é permitida aos omens ter tantas quantas lhes apraz, e aqueles que maior numero de mulheres têem sam considerados mais valentes e ouzados, convertendo-se assim o vicio em virtude. Alguns vi, que tinham oito, cuja enumeração ordinariamente fazia em seo louvor.

E' admiravel, que n'esta multidão de mulheres aja uma sempre mais amada do marido, e nem por isso as outras têem ciumes, nem murmuram, ou ao menos não dam demonstrações d'isso; de sorte que vivem juntas em paz, ocupadas todas no arranjo das cazas, no tecimento de redes de algodão, limpeza das ortas, e plantação de raizes.

E quando não fôsse prohibido por Deos ter mais de uma mulher, deixo a cada um dos meos leitores considerar,si seria possivel, que as mulheres européas se acommodassem com esse sistema matrimonial.

Melhor seria por certo condenar um omem ás galés do que metel-o no meio d'esse certame de altercações e rixas; pois seria indubitavelmente testimunha do que aconteceo a Jacob por ter tomado Lia e Rachel em cazamento, não obstante serem irmans.

Como porém poderiam as nossas damas permanecer muito unidas, si tam sómente o preceito imposto por Deos á mulher de ajudar e socorrer ao marido a constitue especie de demonio familiar na propria caza?

Dizendo isto, não pretendo censurar aquelas que fazem o contrario, isto é, que prestam o obzequio e obediencia, que por direito devem aos maridos; aliás praticando elas assim o seo dever, eu as julgo tam dignas de louvor, quanto considero as outras merecedoras de vituperio.

§ 3. Voltando ao cazamento dos nossos Americanos cabe dizer, que o adulterio por parte das mulheres cauza-lhes tal oror, que, si a mulher cazada entrega-se a outro omem além do marido, este póde matal-a ou pelo menos repudial-a, e despedil-a com ignominia, regendo-se apenas pela lei natural.

E' certo, que os paes, antes de cazar as filhas, não põem duvida em prostituil-as com qualquer varão. Antes da nossa estada na terra braziliense os trugimões de Normandia tinham abuzado das raparigas em muitas aldeias, como atraz declarei, mas nem por isso elas ficavam infamadas, e si cazavam, tinham todo o zelo em não claudicar, sob pena de serem mortas, ou ignominiozamente despedidas, como já dice.

Direi mais, que as pessoas nubeis quer mancebos, quer donzelas d'essa terra, não sam tam entregues á devassidão, como poderiamos supor em vista da região calida, em que abitam, e não obstante o conceito formado dos orientaes; e prouvéra a Deos, que por cá tambem não reinasse a impudicicia: todavia para não aprezental-os como gente mais onesta do que sam, cumpre saber, que, quando

despeitados uns com os outros, apelidam-se *tivira*, isto é, sodomita; e podemos conjeturar (pois nada afirmo), que entre eles exista esse abominavel pecado.

§ 4. Quando uma mulher está gravida, não deixa aliás de cuidar do seo labor ordinario, evitando apenas carregar fardos pezados.

Na verdade as mulheres dos nossos Tupinambás trabalham incomparavelmente mais do que os omens; pois exéto o trabalho de cortarem e roçarem o mato para as ortas, o que sempre fazem pela manhan, e nunca em alto dia, quazi não fazem outra couza além de irem á guerra, á caça e á pesca e fabricarem espadas de páo, arcos, frexas, vestuarios de pena, e outras couzas, que já tenho especificado, e com que adornam o corpo.

Quanto ao parto, eis o que posso dizer com verdade, por ter prezenciado.

Pernoitando eu e outro Francez em certa ocazião em uma aldeia, quazi á meia noite ouvimos uma mulher gritar, e pensamos ser a fera carniceira xamada *jaguara*, destruidora dos selvagens, como já dice, que a queria devorar.

De pronto acudimos, e vimos não ser isso; verificamos porém, que as dores do parto obrigavam a parturiente a gritar por este modo.

Vi então o pai receber a criança nos braços, e depois amarrar o cordão umbilical e cortal-o com os dentes.

Em seguida, servindo sempre de parteira, esmagou e comprimio com o dedo polegar o nariz do filho, como entre os selvagens praticam todos os pais. As nossas parteiras pelo contrario apertam o nariz dos recem-nacidos para dar-lhes maior beleza, afilando-os, quando os selvagens reputam mais formozo o nariz xato.

§ 5. Apenas o menino sae do ventre materno é bem lavado, e logo pintado com côres pretas e vermelhas pelo pae, o qual sem enfaxal-o, deita-o em um leito de algodão suspenso no ar. Si é maxo, faz-lhe uma pequena espada de páo, um arco pequeno, e frexas curtas preparadas com penas de papagaio; depois pondo tudo isso junto ao menino, e beijando-o com rosto rizonho lhe diz:—Meo filho, quando creceres, sejas déstro nas armas, forte, valente, e belicozo para te vingares dos teos inimigos.

Emquanto ao nome, o pai do menino, que vi nacer, o denominou *Oropacen*, isto é, arco e corda ; pois esta palavra compõe-se de *oropá*, que significa arco, e de *cen*, que significa corda do arco.

E eis como praticam com todas as crianças, ás quaes, como por cá fazemos com os caxorros e outros brutos, dam indiferentemente nomes de couzas, que lhes sam conhecidas, bem como *Sariguê*, que é um animal quadrupede, *Arinhan*, galinha, *Arabutan*, páo-brazil, *Pindóba*, especie de arbusto grande, e outros similhantes.

§ 6. A alimentação das crianças consiste em certas farinhas mastigadas e carnes mui tenras, com o leite da mãe, a qual apenas demora-se no leito um ou dois dias. Depois coloca o filho pendente ao pescoço em uma cinta de pano de algodão expressamente feita para isso, e vae tratar da órta e de quaesquer outros negocios.

O que digo não é para derogar o costume das nossas damas, as quaes, por cauza dos máos ares do paiz, ficam na cama quazi sempre quinze dias ou trez semanas; e além d'isso na maior parte sam tam delicadas, que, sem padecerem molestia, que as impeça de amamentar os filhos, como fazem as mulheres americanas, sam tam dezumanas, que logo os entregam a pessoa estranha, mandando-os para longe, onde morrem sem que as mães o saibam, e si se criam, só os têem junto a si depois de grandezinhos, afim de lhes servirem de entretenimento.

Si algumas damas milindrozas julgarem, que as ofendo em comparal-as com as mulheres selvagens, cujo trato rural (dir-me-ão) em nada se iguala com os seos corpos franzinos e delicados, contentar-me-ei em adoçar esse amargor, enviando-as para a escola dos brutos animaes, os quaes, desde os passarinhos, lhes ensinam esta lição, que é ter cada especie o cuidado e o trabalho de criar a sua progenie.

Mas afim de prevenir as replicas, que poderiam opor, direi, que essas damas não serão mais delicadas do que o foi outr'ora certa rainha de França, a qual, impelida pela afeição maternal, como leio na istoria, ao saber que seo filho mamára em outra mulher, ficou tam enciumada que não

socegou emquanto não fez a criança vomitar o leite sugado de tetas diversas da de sua propria mãe.

§ 7. Ora voltando ao assunto declaro, que geralmente na Europa consideramos, que, si os meninos em sua fraqueza da primeira infancia não forem apertados e enfaxados, ficarão aleijados e terão pernas tortas; cumpre porém dizer, que isso absolutamente se não verifica com os meninos dos nossos Americanos, pois desde o nacimento conservam-se em pé ou deitados sem enfaxamento, e todavia não é possivel vêr crianças caminhar e andar mais dezempenadas do que fazem os filhos dos selvagens, como tudo já tenho exposto.

Admitindo porém ser em parte cauza d'isto a benignidade e bôa temperatura do ar d'esse paiz, concordo, que no inverno convem termos ca os meninos enroupados, cobertos e bem apertados nos berços, porque do contrario não poderiam rezistir ao frio; mas no estio e nas estações temperadas, principalmente quando não gela, parece-me (todavia sob correção) pela experiencia que tenho, que melhor seria deixar os meninos dezembaraçados espernearem á vontade em leitos convenientemente feitos, donde não pudessem cair, do que tel-os constrangidos.

Com efeito penso, que muito prejudica a essas pequenas e tenras creaturas estarem durante grandes calores aquecidas e semi-assadas n'esses cueiros, onde as conservam como no inverno.

Todavia afim de que se não diga, que intrometo-me em muitas couzas, deixo aos paes, mães e amas, nossas patricias, governarem seos filhos, acrecentando ao que já dice dos meninos da America, que embora as mulheres d'esse paiz não tenham panos para limpar a trazeira dos filhos, nem sirvam-se de folhas de arvores e outras plantas, de que aliás têem grande abundancia, todavia sam tam pixozas, que sómente com pauzinhos quebrados em fórma de pequenas cavilhas os limpam com tanto aceio, que nunca os vereis emporcalhados.

Fazendo digressão sobre materia imunda, quero apenas dizer agora, que os meninos selvagens, quando crecem, ordinariamente mijam no meio das cazas, as quaes todavia não exalam fedor, por cauza dos fogos acendidos em varios

lugares e por serem areiadas: os escrementos os meninos vam deitar longe das cazas.

§ 8. Os selvagens cuidam de todos os filhos, que aliás sam numerozissimos. Não diremos, que entre os Brazilienses encontre-se um pae com 600 filhos, como vemos escrito de um rei das Molucas, que tivera esse numero de filhos; o que reputamos sucesso prodigiozo.

Os filhos varões sam mais estimados do que as femeas por cauza da guerra; pois entre os selvagens só omens combatem, e só eles têem especialmente a seo cargo a vingança contra os inimigos.

Agora si me perguntarem, que condição os selvagens conferem aos filhos e o que lhes ensinam, quando grandes, respondo, que nos capitulos 8, 14 e 15, e em outros lugares d'esta istoria falei da sua indole, guerras e modo de comer os inimigos, e mostrei ao que aplicam-se; por onde era facil julgar, que não possuem colegios nem outro meio de aprender as siencias onestas, e menos ainda as artes liberaes; por isso grandes e pequenos têem a ocupação ordinaria de caçadores e guerreiros, como verdadeiros sucessores de Lamech, Nemrod e Ezaú, e tambem a de matadores e comedores de gente.

§ 9. Continuando a falar do cazamento dos Tupinambás, tanto quanto o permite a decencia, afirmo em contrario do que outros imaginaram, que os omens guardam entre si a onestidade natural, nunca copulam publicamente com suas mulheres, e n'isto sam preferiveis a esse torpe filozofo cinico, que, apanhado no acto genezico, não envergonhou-se, dizendo que plantava um omem. Tambem sam inconparavelmente mais infames do que os selvagens esses bodes fedorentos, que nos nossos dias vemos não ocultar-se para praticar obsenidades.

Estanceamos n'esse paiz por espaço de quazi um anno, e n'esse tempo vizitamos frequentemente os selvagens, mas nunca divulgamos nas mulheres os sinaes da menstruação.

Penso, que elas os afastam e empregam modo de purgar-se diverso do das mulheres européas; pois vi raparigas, na idade de doze e quatoze annos, cujas mães ou parentas as punham com os pés juntos sobre uma pedra

lioz, faziam incizões sangrentas com um dente de animal afiado como faca, desde o sovaco, decendo pelas costelas e côxas, até o joelho : de sorte que essas raparigas, com grandes dores, sangravam assim por certo espaço de tempo ; e penso, que logo em principio empregam este remedio para obviar, que se lhes vejam as impurezas, como fica dito.

Si os medicos, ou outros mais doutos do que eu em taes materias objétarem dizendo : — como poderemos combinar teres dito serem mui prolificas as mulheres cazadas, si, cessando a menstruação, não podem conceber nem procrear ; e si alegarem, digo, que taes couzas não podem acordar-se entre si, responderei, que não é minha intenção rezolver esta questão, nem adiantar aqui qualquer discussão.

§ 10. No fim do capitulo 8 refutei o que alguns individuos escreveram, e outros pensaram, sobre a nudez das mulheres e raparigas selvagens, crendo que nuas excitam mais os omens á concupicencia do que andando vestidas ; tambem ahi declarei outros pontos concernentes á alimentação, costumes, e maneira de viver dos meninos americanos : para suprir pois a falta de mais ampla dedução, que o leitor aqui dezeje n'esta materia, convem recorrer ao sobredito capitulo, si assim lhe aprouver.

CAPITULO XVIII

O que podemos xamar leis e policia entre os selvagens ; como tratam e recebem umanamente os amigos vizitantes ; prantos e festivos discursos das mulheres por ocazião da xegada e boa vinda dos vizitantes.

§ 1. Os selvagens com sua policia se mantêem e vivem com tanta paz e socego, que é couza quazi incrivel, e se não pode dizer sem cauzar vergonha a esses individuos, que consideram as leis divinas e umanas como simples meios de satisfação da sua indole, por mais corruta que seja.

Falo todavia de cada nação de persi, ou das que sam confederadas ; pois quanto aos inimigos, já vimos em lugar competente como sam mal tratados.

Si entretanto acontece alguns individuos brigarem (o que tam raro é, que, durante quazi um anno de assistencia entre eles, só duas vezes os vi debaterem-se), os outros não procuram separal-os, nem apazigual-os ; antes pelo contrario si os contendores buscam furar os olhos uns dos outros, os circunstantes os deixam agir sem dar palavra.

Todavia si alguem é ferido por outrem e o ofensor é prezo, recebe dos parentes proximos do ofendido igual ofensa no mesmo lugar do corpo ; e si segue-se morte ou si o ofendido morre imediatamente, os parentes do defunto tiram a vida ao assassino.

Assim para dizer tudo em uma palavra : é vida por vida, olho por olho, dente por dente etc. Isto porém sucede mui raramente entre os selvagens, como fica dito.

§ 2. Os imoveis d'este povo consistem em cazas, e em excelentes terras muito mais amplas do que as necessarias para sua subzistencia, como já dice. Em algumas aldeias moram na mesma caza 500 a 600 pessoas, e as vezes mais, ocupando cada familia lugar distinto para o marido com sua mulher e filhos, embora as cazas não tenham separações, que impeção de ver-se de uma a outra extremidade. Ordinariamente as cazas têem mais de 60 passos de comprimento.

Cumpre notar (couza singularissima n'esse povo), que os Brazilienses não persistem ordinariamente sinão cinco ou seis mezes em um lugar. Assim carregam grossos pedaços de madeira e grandes palmeiras de pindoba,* com que construem e cobrem as suas cazas, e repetidamento mudam de uns para outros lugares as aldeias, as quaes todavia conservam sempre os mesmos antigos nomes ; de maneira que ás vezes as axavamos afastadas um quarto ou meia legoa do ponto, onde antes estiveramos.

---

* O autor escreve :—*Pindo.*

Como pois os seos tabernaculos sam faceis de transportar, somos induzidos a crer, que não possuem palacios altaneiros, como alguem escreveo terem os indios do Perú cazas de madeira bem edificadas, com salas do comprimento de 150 passos e de largura de 80. Tambem devemos supor, que ninguem d'essa nação dos Tupinambás, de que falo, começa moradia ou edificio, que não possa vêr acabar, e vêr fazer e refazer mais de vinte vezes na sua vida, si por ventura xegar á idade viril.

§ 3. Si lhes perguntaes, porque tam frequentemente removem as suas moradias, não têem outra resposta sinão dizer, que, mudando de ares, passam melhor, e que, si fizessem o contrario do que fizeram seos avós, morreriam depressa.

A respeito de campos e terras, cada pai de familia tem tambem algumas geiras separadas, que escolhe ou quer para sua comodidade, e para fazer suas roças, e plantar mandioca e outras raizes; mas quanto á divizão de eranças e pleitos para firmar limites e separar terras, deixam esse cuidado aos erdeiros avarentos e demandistas cá da Europa.

§ 4. Quanto aos seos trastes, já em varios lugares d'esta istoria tenho dito quaes sam; mas para não deixar em esquecimento quanto sei pertencer á economia dos nossos selvagens, quero desde já declarar aqui o método observado pelas mulheres na fiação do algodão. Tambem declararei o modo de que se servem para fazer cordões e outras couzas e especialmente leitos de algodão (redes de dormir). Eis como procedem.

Depois de tirarem os cazulos, em que se cria o capuxo, o estendem com os dedos, sem aliás o cardar, como acima dice, descrevendo a planta produtora do algodão, e reunem em pequenos acervos junto de si, no xão ou sobre qualquer objeto; e porque não uzam de rocas, como as mulheres européas, o seo fuzo consiste em um páo redondo, da grossura de um dedo e do comprimento de quazi um pé, com um trinxo de madeira da mesma grossura n'ele atravessado: ligam o algodão na parte mais comprida do dito páo, e depois rodando-o nas côxas e soltando-o da mão, como fazem as fiandeiras com as maçarocas, volteando

assim esse rôlo como uma grande carrapeta no meio da caza ou em qualquer outro lugar, fórmam não só fios grosseiros para fazer leitos (redes), mas tambem fios delgadissimos e bem torcidos.

Trouxe eu para França uma porção d'esse fio, do qual mandei alcoxoar um gibão de pano branco, e todos que o viam o julgavam feito de brilhante sêda.

§ 5. Para fabricar os leitos de algodão, que os selvagens xamam *inis*, as mulheres têem teares de madeira, os quaes não são orizontaes, como os dos nossos tecelões, nem têem tantos machinismos, mas sam perpendiculares e levantados até a altura d'elas. Depois de urdirem a seo modo, começam a tecer as redes pela parte inferior do tear: umas sam á maneira de renda ou de redes de pescar, e outras de teçume apertado, como brim grosso. Estas redes sam pela maior parte do comprimento de quatro, cinco ou seis pés, e da largura de uma braça mais ou menos; têem duas argolas ou dois punhos tambem feitos de algodão, nos quaes os selvagens atam cordas para amarral-as e suspendel-as no ar em páos fronteiros expressamente infincados para isso em suas cazas.

Quando vam á guerra ou andam em caçadas nos bosques, ou estam em pescarias á beira-mar, ou á margem dos rios, suspendem entre duas arvores as suas redes para dormir.

§ 6. E para dizer tudo sobre esta materia acrecentarei, que, quando esses leitos de algodão ficam sujos, ou pela fumaça dos fogos, que constantemente fazem nas cazas, onde estam suspensas, ou seja por outra qualquer cauza, as mulheres americanas colhem nos matos certo fruto silvestre da fórma da abobara liza, porém muito mais volumozo, de maneira que mal podemos trazer um na mão: depois o cortam em pedaços, maxucam na agua em qualquer vazilha de barro, batem com paozinhos, e formam tamanha quantidade de escuma, que lhes servem de sabão para lavar as redes, que ficam tam alvas como neve ou pano de pizoeiro.

No demais refiro-me aos que o experimentaram para dizerem, si taes leitos não dam comodo mais agradavel, do que as camas comuns, principalmente no verão, e si foi

sem razão, que eu dice na istoria de Sancerre ser em tempo de guerra muito mais facil suspender lençoes d'este modo no corpo das guardas para descanso de parte dos soldados, que dormem, emquanto outros velam, do que acostumal-os a espojar-se em cima de enxergões, nos quaes sujam os vestidos, enxem-se de piolhos, e quando levantam-se para fazer o serviço, têem as costelas magoadas pelas armas, que trazem sempre á cinta, como as tivemos estando sitiados n'essa cidade de Sancerre, onde por espaço de um anno, quazi sem intervalo algum, o inimigo não afastou-se das nossas portas.

§ 7. Darei agora o sumario dos outros trastes dos nossos americanos. As mulheres a quem incumbe todo o encargo do trabalho domestico, fabricam muitos potes e grandes vazilhas de barro para fazer e conservar a bebida do *cauim*, e tambem panelas redondas e ovaes, frigideiras medianas e pequenas, pratos e outra especie de vazo de barro, que não é bem liza por fóra, mas é tam perfeitamente polida no interior, e tam completamente vidrada com certo licor branco, que endurece, que não é possivel aos nossos oleiros de cá prepararem melhor as suas louças de barro.

Estas mulheres diluem certas tintas pardacentas idoneas para isso, e fazem com pinceis infinidade de pequenos enfeites, como ramagens, lavores eroticos, e outras galanterias no interior d'essas vazilhas de barro, principalmente n'aquelas em que guardam farinha e outros mantimentos, de sorte que sam servidos com aceio, e direi, mais decentemente do que os que por cá uzam de vazilhas de madeira.

E' verdade, que n'essas pinturas americanas nota-se um defeito, e é, que feito a pincel o que lhes vem á fantazia, si depois pedis a taes pintoras para fazer couza igual, não imitarão a primeira obra, porque não tem outro modelo, dezenho, nem lapis sinão o requinte do seo cerebro, que vagueia livre; por isso jámais vereis duas pinturas similhantes.

§ 8. Além d'isso, os nossos selvagens têem cabaças e outros frutos grossos e ôcos, de que fazem taças para beber xamadas *cuia*,* bem como outros pequenos vazos, de que

* O autor escreve:—*Coui*.

se servem para diversos uzos, como em outro lugar já mencionei: tambem possuem certa especie de grandes cestas e pequenas alcofas feitas e tecidas com muita delicadeza, umas de junco e outras de ervas flexiveis, como vime ou palha de trigo. A estas cestas ou alcofas xamam *panacuns*, e n'eles guardam farinha e outras couzas.

Quanto ás suas armas, vestuarios de penas, instrumento xamado *maracá* e outros utensilios, os não menciono aqui por brevidade, e porque já em outro lugar os descrevi.

Eis aqui as cazas dos nossos selvagens construidas e mobiliadas; é tempo agora de irmos vel-as como domicilio.

§ 9. Para tomar esta materia de mais alto, direi, que os nossos Tupinambás recebem mui benignamente os estrangeiros amigos, que os vam vizitar; todavia como os Francezes e outros conterraneos nossos não entendem a linguagem d'estes selvagens, ficam em principio absortos no meio d'eles.

Eu os vizitei pela primeira vez trez semanas depois da nossa xegada á ilha de Villegagnon, quando um trugimão levou-me comsigo a trez ou quatro aldeias da terra firme.

Xegamos á primeira aldeia xamada *Jaburaci** em linguagem indigena, e denominada *Pepin* pelos Francezes, em razão de um navio que ali outr'ora carregára, e cujo mestre tinha esse nome. Esta aldeia apenas distava duas legoas do nosso fortim, e quando ali entrei, vi-me repentinamente rodeado de selvagens, que me perguntavam: *Marapê-dererê, marapê-dererê*, isto é: — Como te xamas, como te xamas? E eu entendia d'isto tanto como do grego: nada comprehendia.

Finalmente um d'eles pegou no meo xapeo e poz na cabeça; outro agarrou na minha espada e cinto, e cingio no seo corpo nu; outro tirou-me o cazaco, e o vestio; todos, digo, aturdiam-me os ouvidos com enorme gritaria, e começaram a discorrer pela aldeia com os meos trajes, que julguei perdidos. No meio d'essa confuzão nem sabia onde estava.

---

* O autor escreve: — *Yabouraci*.

Este meo enleio porém provinha da ignorancia, em que me axava do seo modo de proceder, como depois por muitas vezes mostrou-me a experiencia ; pois praticando do mesmo modo com todos os vizitantes, e principalmente com aqueles a quem nunca viram, depois de terem-se divertido com os trastes alheios, os trazem e restituem tudo aos seos donos.

§ 11. O trugimão me advertira, que os selvagens dezejariam sobretudo saber o meo nome ; mas dizer-lhes *Pierre, Guillaume ou Jean*, seria inutil, pois não poderiam pronunciar nem reter na memoria taes nomes, como de fato, em vez de dizerem *Jean*, diziam *Nian*. Portanto era precizo sugeitar-me a nomear alguma couza, que eles conhecessem ; e vindo a propozito que o meo sobrenome *Leri* significasse ostra na linguagem dos selvagens, como me explicou o trugimão, eu lhes dice, que xamava-me *Leri ussú*, isto é, ostra grande.

Com isto mostraram se mui satisfeitos, e uzando da costumada exclamação *Teh !* começaram a rir, e diziam : — Na verdade eis um bonito nome, e ainda não tinhamos visto *Mair*, isto é, Francez, que assim se xamasse.

Em verdade posso com segurança dizer, que nunca Circe metamorfozeou um omem em ostra tam linda, nem descreteou tam acertadamente com Ulisses, como eu o fiz com os selvagens de então por diante.

E convêm notar, que têem tam bôa memoria, que apenas alguem lhe diz o seo nome, ainda quando passem cem annos sem vêr a pessoa, não o esquecerão jámais.

§ 11. Adiante referirei outras ceremonias, que observam na recepção dos amigos, que os vam vizitar. Mas por ora proseguirei na relação de parte das couzas notaveis acontecidas na minha primeira viagem entre os Tupinambás, dizendo que eu e o trugimão n'esse mesmo dia passamos adiante, e fomos dormir em outra aldeia xamada *Euramíri*, que os Francezes denominam Goset por cauza de um trugimão assim xamado e ali assistente.

Quando xegamos ao pôr do sol, axamos os selvagens dansando e acabando de beber *cauím* de um prizioneiro, que tinham morto, ainda não avia seis horas, cujos destroços vimos no moquem.

Não pergunteis, si com este inicio fiquei assombrado, vendo similhante tragedia ; todavia isto nada foi em comparação do medo, que logo depois sofri, como vereis.

Entramos n'uma caza d'esta aldeia, onde, conforme o costume da terra, sentamo-nos cada um em seo leito de algodão suspenso no ar. Depois as mulheres carpiram pelo modo porque logo direi, e o velho dono da caza fez a sua arenga pela nossa bôa vinda : então o trugimão, para quem esse procedimento dos selvagens não era novo, e que aliás tambem gostava de beber e *cauinar*, como os indigenas, sem dizer-me palavra, nem fazer-me advertencia alguma, seguio para a turba dos dansadores, e deixou-me ali em companhia de poucas pessoas. Como eu estava fatigado, e só dezejava descanso, depois de ter comido alguma farinha de raizes e outros mantimentos, que nos aprezentaram, inclinei-me, e deitei-me no leito de algodão, em que estava sentado.

§ 12. Mas por cauza da bulha que os selvagens, faziam aos meos ouvidos, dansando e assobiando toda a noite, emquanto comiam o prizioneiro, conservei-me vigilante ; entretanto um dos convivas trouxe na mão um pé da vitima assado e moqueado, aproximou-se de mim, perguntou-me si eu queria comer, como depois vim a saber, pois então não o entendia. Isto cauzou-me tal medo, que desnessario é indagar, si perdi toda a vontade de dormir.

Pensei com efeito, que esse acto de aprezentação da carne umana, que o selvagem comia, significava uma ameaça, pretendendo o mesmo selvagem dizer-me e dar-me a entender, que brevemente eu tambem seria preparado para o festim ; e como uma suspeita produz outra, suspeitei logo, que o trugimão por deliberada traição tinha-me abandonado e entregue nas mãos dos barbaros indigenas.

Si eu visse alguma abertura, por onde pudesse sair e escapulir dali, teria fugido. Vendo-me porém por todos os lados cercado por individuos, cujas intenções eu ignorava (pois não pensavam em fazer-me maleficio algum, como sabereis), acreditava firmemente e esperava ser brevemente comido ; por isso durante toda a noite invoquei a Deos com todo o fervor do meo coração. Deixo aos que

compreenderem bem o que eu digo, e colocarem-se em meo logar, que avaliem quam longa pareceo-me essa noite.

§ 13. Ora amanhecendo o dia, o trugimão, que em outras cazas da aldeia tinha por toda a noite patuscado com os galhofeiros selvagens, veio ter comigo, e vendo-me não só palido e desfigurado, como me dice, mas tambem quazi febril, perguntou-me, si estava incomodado, e si não tinha descançado bem ; ao que ainda estupefacto, como estava, respondi encolerizado, que longe estivera de dormir, e que ele era um máo omem por ter-me deixado no meio de gente, a quem eu não entendia ; e ainda xeio de sustos, pedi para sairmos dali sem demora alguma.

Dice-me ele então, que eu não tivesse medo, e que não era a nós que os selvagens apeteciam : depois relatou tudo aos selvagens, os quaes, satisfeitos com a minha bôa vinda, e por quererem agradar-me, não tinham-se arredado de junto de mim durante toda a noite.

Diceram, que não tinham por fórma alguma percebido, que eu tivesse medo d'eles, e estavam penalizados do que me sucedera ; e como sam galhofeiros, dezataram em rizadas, considerando terem-me involuntariamente cauzado tamanha tribulação.

O trugimão e eu fomos dali a outras aldeias ; e contentando-me com referir, para exemplo, o que aconteceo-me na minha primeira viagem entre os selvagens, proseguirei em generalidades.

§ 14. As ceremonias, que os Tupinambás observam na recepção dos amigos, que os vam vizitar, sam estas :

Apenas o viajante xega á caza do *mussacá* (isto é, bom pae de familia, que dá comida aos passageiros), a quem escolheo como ospedeiro, senta-se em um leito de algodão suspenso no ar (rede), e ahi fica por algum tempo sem proferir palavra.

E' costume todo o vizitante escolher em cada aldeia um amigo, a cuja caza deve logo dirigir-se, sob pena de o descontentar.

Depois vêm as mulheres, rodeiam o leito, e acocoradas no xão com as mãos sobre os olhos, pranteam a boa vinda do ospede prezente, e dizem mil couzas em seo

louvor, como por exemplo : — Tomastes tanto trabalho para vir ver-nos. E's bom. E's valente.

E si é Francez ou qualquer outro estrangeiro europeo, acrecentaráõ : — Tu nos trouxestes couzas mui bonitas, que não temos cá n'esta terra.

Em suma estas mulheres, derramando grossas lagrimas, dirão muitas palavras similhantes de aplauzo e lizonja, como já referi.

Si o recem-vindo, que está no leito suspenso quer corresponder, mostra-se plangente ; si não quer devéras xorar ao menos dando suspiros, cumpre fingil-o : o que vi fazerem alguns dos da nossa nação, os quaes, ouvindo as lamurias d'essas mulheres selvagens junto d'eles, procuravam imital-as.

§ 15. Feita assim a primeira saudação festiva por essas mulheres americanas, o *mussacá*, isto é, o velho dono da caza, que, tambem por sua parte ocupado em fazer frexas ou outra qualquer couza (como vereis no dezenho junto) permanecerá por um quarto de óra sem parecer avistar-vos (carinho bem diverso das nossas mezuras, abraços, beijos, e apertos de mão na xegada dos amigos).

Depois dirige-se para vós e dirá antes de tudo :— *Erê jubê* ? isto é, vieste ? E depois : — Como estás ? O que dezejas ? etc.*

A isto cabe responder o que vereis no seguinte coloquio formulado em linguagem brazilica.

Feito isto, vos perguntará, si quereis comer. Si responderdes, que sim, mandará depressa aprontar e trazer em bonita vazilha de barro farinha da que comem em vez de pão, veações, aves, peixes e outras viandas, que tiver ; como porém os selvagens não têem mezas, bancos, nem cadeiras, o serviço far-se-á em xão razo diante de vossos pés.

Quanto á bebida, si quereis *cauim*, e o tem feito, vos dará tambem.

Depois de terem as mulheres pranteado junto ao viajante, lhe trarão frutas ou qualquer insignificante mimo de couzas da terra, afim de obterem pentes, espelhos ou missangas, que lhes damos para enfeitar os braços.

---

* O autor escreve —*Erê ioube*.

§ 16. Quando alguem quer dormir na aldeia, onde xega, o velho manda logo armar bonita rede branca; embora não faça frio n'esse paiz, manda tambem acender trez ou quatro pequenas fogueiras ao redor da rede, por cauza da umidade, e conforme o costume dos selvagens. Estas fogueiras durante a noite sam repetidas vezes acezas com pequenos abanos xamados *tatapecuá**, feitos á simihança das ventarolas com que as nossas damas anteparam o rosto junto ao fogo, afim de que o calor lhes não estrague as faces.

Tratando de policia dos selvagens, vim a falar do fogo, a que xamam *tata*, xamando a fumaça *tatatim*; por isso devo agora declarar a primoroza invenção por nós desconhecida, e por eles uzada, de fazerem fogo, quando lhes apraz; couza não menos maravilhoza do que a pedra de Escocia, que, conforme o testimunho do escritor das singularidades d'este paiz, tem a propriedade de inflamar a estopa ou a palha pelo simples contacto e sem artificio algum.

Sam mui amantes do fogo, e não param em lugar algum sem tel-o, principalmente de noite, quando temem extraordinariamente ser surprendidos pelo Anhanga, isto é, pelo espirito maligno, o qual, como alhures tenho dito, frequentemente os espanca e atormenta.

Quer andem em caçadas no mato, quer á margem dos rios e lagos nas ocaziões de pescaria, quer em excursões nos campos, não servem-se, como nós, da pedra e do fuzil, cujo uzo ignoram, mas possuem no seo paiz duas especies de madeira, uma das quaes é quazi tam mole, como si estivesse apodrecida, outra pelo contrario tam rija como a de que os nossos cozinheiros fazem lardeadeiras. Quando querem acender fogo, as empregam do seguinte modo.

§ 16. Depois de terem preparado e despontado como fuzo um páo d'esta ultima qualidade, do comprimento de quazi um pé, colocam a ponta no centro da outra peça de madeira, que dice ser muito mole, a qual deitam no xão, ou põem sobre um tronco ou trave grossa, depois rodam

---

* O autor escreve—*Tatapecoua.*

com rapidez o páo despontado entre as palmas das mãos, como si quizessem furar ou traspassar a peça inferior. Acontece, que com o violento e rapido movimento das duas peças de madeira, uma das quaes fica assim intrometida na outra, não só dezenvolve-se fumaça, mas tambem tal calor, que pondo-se ali algodão, ou folhas secas de arvores dividamente preparadas (como costumamos fazer com pano queimado ou qualquer outra isca para encostar ao fuzil) o fogo pega perfeitamente, e asseguro aos que me quizerem crer, que eu mesmo fiz fogo por esse modo.

Entretanto não quero com isso dizer e menos crer ou fazer crer o que alguem mencionou em seos escritos, a saber, que os selvagens da America, que sam os mesmos de que agora falo, secavam suas carnes ao fumo antes d'essa invenção de produzirem fogo.

§ 18. Como tenho por veracissima esta maxima de fizica convertida em proverbio, a saber, que não existe fogo sem fumaça, por isso considero não ser bom naturalista quem nos quer fazer crer,que existe fumaça sem fogo.

Falo da fumaça, que pode curar carnes, como aquela de que trata o indicado inventor ; e si ele queria falar dos vapores e exalações, embora lhe concedamos, que as aja calidas, todaviá não poderiam secar a carne ou peixe, antes pelo contrario os tomaria enxarcados e umidos : a resposta pois será, que isso é zombar da gente.

E como este autor, na sua *Cosmografia*, bem como em outros lugares, queixa-se muito e repetidas vezes d'aqueles que não falam ao seo sabor das materias por eles expostas, e diz assim procederem por não lerem atentamente os seos escritos, rogo aos leitores, que notem bem a passagem escolastica, a que me refiro, da sua nova fumaça quente e granuloza, que envio ao seo cerebro vazio.

§ 19. Volto a falar do tratamento, com que os selvagens obzequiam aos seos vizitantes.

Depois que os ospedes bebem, comem, e descansam, ou dormem em suas cazas, pelo modo porque já expuz, si sam onrados, ordinariamente dam aos omens facas ou tezouras, ou pinças de arrancar barba ; ás mulheres dam pentes e espelhos, e aos meninos distribuem anzóes de pescaria.

Si afinal dezejam negociar viveres ou outras couzas, que os selvagens têem, perguntam quanto querem; e entregue o que é convencionado, podem levar o objéto procurado e retirar-se.

§ 20. E porque não existem cavalos, asnos nem outros animaes de carga n'esse paiz, como já dice, o modo ordinario de transporte é andar a pé, si os viandantes estrangeiros cansam, mostram uma faca, ou outra qualquer couza aos selvagens, e estes, dispostos a agradar aos seos amigos, oferecem-se para carregal-os.

Quando andei n'America alguns selvagens avia, que para nos carregarem metiam a cabeça entre as nossas coxas e nos suspendiam nos ombros, deixando as nossas pernas cahir-lhes sobre a barriga, e assim nos transportavam por mais de uma boa legua sem descansar.

E si por ventura algumas vezes os queriamos deter para descansarem, zombavam de nós, dizendo em sua linguagem :— Pois julgaes, que somos mulheres ou tam cobardes e fracos de animo que desfaleçámos debaixo do pezo? Um d'eles que trazia-me ao pesco, dice-me uma vez: — Eu te carregarei um dia inteiro sem parar. Por isso nós, montados n'essas cavalgaduras de dois pé, riamos ás gargalhadas, e vendo-os lestos com os aplauzos, fazer das tripas coração, como diz o rifão, lhes diziamos: Vamos, vamos.

§ 21. Quanto á caridade natural, os selvagens a exercitam, prezenteando-se diariamente uns aos outros, e distribuindo as veações, peixes, frutas, e outros bens, que possuem no seo paiz; e de tal modo prezam esta virtude, que um selvagem, para assim dizer, morrerá de vergonha, si visse o proximo ou o vizinho junto a si sofrer falta do que ele tem, uzando da mesma liberdade para com os estrangeiros, seos aliados, como experimentei.

Para exemplo d'isto referirei, que em certa ocazião dois Francezes e eu, transviados nos bosques, pensamos ser devorados por um grande e medonho lagarto, como referi no capitulo 10. Depois de andarmos perdidos por espaço de dois dias e uma noite e sofrermos muita fome, finalmente fomos ter a uma aldeia xamada *Pano*, onde outr'ora tinhamos estado, e ahi fomos recebidos pelos

selvagens d'esse lugar, com tal agazalho que melhor não era possivel.

Antes de tudo ouviram-nos contar os males, porque tinhamos passado, e o perigo em que nos axaramos, não só de ser devorados pelos animaes ferozes, mas tambem de ser agarrados e comidos pelos Maracajás, nossos inimigos e seos, de cujas terras, sem querermos, nos tinhamos assás aproximado; e por que, digo, no tranzito por lugar dezerto os espinhos nos tinham arranhado orrivelmente, os selvagens, vendo-nos em tal estado, demonstraram-nos tanta compaixão, quam longe estam da umanidade d'essa gente, que aliás denominamos barbara, as recepções formalisticas d'aqueles dentre nós, que para consolação dos aflitos apenas têem palavras vans.

§ 22. Passando aos fatos, trouxeram agua limpida, que foram buscar de propozito, e começaram (o que nos recordou o costume dos antigos) a lavar os pés e pernas de nós trez os Francezes, que estavamos cada um em rede separada. Logo que xegamoss mandaram os velhos trazer-nos comida, determinaram ás mulheres, que com toda a pressa fizessem farinha mole, que eu gostava de comer, como gósto do miolo de pão branco quente, como alhures dice. Vendo-nos refrigerados, serviram-nos então de muito bôa carne de veações, de aves, de peixes e de saborozas frutas, de que nunca sentem falta.

Quando sobreveio a tarde, o velho nosso ospedeiro mandou retirar todos os meninos de junto de nós, para descançarmos mais á vontade; e na seguinte manhan dice-nos: *Atono assats*, isto é, bom aliado, dormiste bem esta noite?

E sendo-lhe respondido que sim, e muito bem, dice ele: — Descançae mais, meos filhos, pois ontem á tarde bem vi, que estaveis muito cansados.

§ 23. Emfim é dificil expressar a bôa pitança, que nos foi então servida pelos selvagens, os quaes na verdade para dizer tudo em uma palavra, fizeram n'esta ocazião o que diz São Lucas nos *Actos dos Apostolos* terem os barbaros da ilha de Malta praticado com São Paulo e seos companheiros, depois de escapos do naufragio, de que ali se faz menção.

Ora, como não andavamos n'esse paiz sem trazer um saco de couro com mercadorias, que nos serviam como dinheiro para tratar com esse povo, ao partirmos dali damos o que nos aprouve, a saber, facas, tezouras, e pinças, aos bons velhos, pentes, espelhos, braceletes e missangas ás mulheres, e anzoes de pesca aos rapazes, como já muitas vezes tenho dito ser costume.

§ 24. Afim de melhor dar a entender quanto cazo fazem d'estas couzas, referirei, que, estando eu em certo dia n'uma aldeia, o meo *mussacá*, isto é, o individuo que me tinha recebido em sua caza, pedio-me para mostrar-lhe o que eu tinha no meo *caramemo*, isto é, saco de couro; depois do que mandou trazer uma grande e bonita vazilha de barro, na qual arranjei toda a minha fazenda. Admirou-se de vêr tudo isso, e xamando de repente todos os outros selvagens, dice: — Peço-vos, meos amigos, que considereis um pouco no personagem, que tenho em minha caza; pois si ele tantas riquezas tem, não devemos confessar, que é um grande senhor?

E entretanto rindo-me para um companheiro, que ali comigo estava, dice, que tudo isso, que o selvagem tanto apreciava, rezumia-se em cinco ou seis facas encabadas de diversas fórmas, outros tantos pentes, dois ou trez espelhos grandes, e outras miudezas, que nem dois tostões valeriam em Pariz.

Prezam eles sobretudo as pessoas liberaes, como já alhures tenho dito; e querendo eu ainda exaltar-me mais do que ele o fizera, dei-lhe publica e gratuitamente, perante todos os circunstantes, a maior e mais bonita das minhas facas; da qual fez ele tanto apreço, quanto em nossa França faria alguem, a quem se fizesse mimo de um trancelim de ouro do valor de 100 escudos.

§ 25. Si perguntardes agora mais alguma couza sobre vizitas aos selvagens da America, dos quaes prezentemente me ocupo, a saber, si estavamos seguros entre eles, respondo, que assim como odeiam mortalmente os seos inimigos, aos quaes, quando os agarram, matam e comem sem remissão, como sabeis, assim tambem amam tam vivasmente aos seos amigos e confederados, que, quando não têem motivos de desgosto, não duvidam deixar-se cortar

em cem mil pedaços para os defender. Eramos amigos e confederados dos Tupinambás; por tanto gozavamos de plena segurança no meio d'eles.

Fiava-me d'eles; e como os experimentei, considerava-me então mais seguro no meio d'esse povo, que apelidamos selvagem, do que me considerarei em varios lugares da nossa França com Francezes desleaes e degenerados: falo d'aqueles que sam taes, pois quanto á gente onesta, de que aliás o reino não está vazio, muito me pezaria de ofender o seo melindre.

§ 26. Todavia afim de dizer o *pro* e o *contra* do que conheci, vivendo entre os Americanos, relatarei ainda um fato com aparencias de supremo perigo, em que axei-me entre eles.

Em certo dia encontramos-nos inopinadamente seis Francezes na linda aldeia d'*Ocarantin*, da qual varias vezes tenho falado, distante dez ou doze legoas do nosso fortim, e rezolvemos ahi dormir. Dividimos-nos em duas partidas de trez e trez para adquirir galinhas da India, e outras couzas para a nossa ceia.

Aconteceo, que fui eu um dos extraviados, quando procurava aves na aldeia para comprar. Apareceo então um d'esses rapazes francezes, que em principio eu dice termos trazido no navio *Rosee* para aprender a lingua indigena, o qual permanecia n'essa aldeia, e dice-me:— Eis ali um bonito pato da India, matae, e ficareis quite pagando-o.

Não tive duvida em realizar o conselho; pois muitas vezes tinhamos morto galinhas em outras aldeias; com o que os selvagens se não zangavam, contentando-se com algumas facas. Depois apanhei o pato morto, e fui para uma caza, onde quazi todos os selvagens do lugar estavam reunidos para *cauinar*.

Perguntando ali de quem era o pato, afim de pagal-o, apareceo um velho, o qual com muito má carranca dice-me — E' meo! « O que queres que te dê pelo pato? dice eu. E ele respondeo: — Uma faca.

Quiz imediatamente dar uma faca; e quando a vio, dice:—Quero uma mais bonita». E sem replicar aprezentei outra; mas ele dice, que não queria esta.

O que queres pois, que te dê? dice eu. Uma foice »: dice ele.

Além de ser preço excessivo n'esse paiz, dar uma foice por um pato, acontecia, que eu ali não tinha tal instrumento ; por isso dice-lhe então, que se contentasse com a segunda faca aprezentada, pois outra couza não daria.

§ 27. Mas o trugimão, que melhor conhecia o seo modo de proceder (embora n'esta ocazião, como direi, enganou-se como eu) dice-me, que o indigena estava muito zangado, e que convinha, fosse como fosse, arranjar uma foice.

Pedi ao rapaz, de quem falei, uma foice emprestada, e quando a quiz dar ao selvagem, fez nova recuza, como d'antes recusara as duas facas; de sorte que enfadando-me com isso, dice-lhe pela terceira vez:—O que queres pois de mim?

Ao que furiozo replicou, que queria matar-me, como eu matára o seo pato : pois (dice ele) como aquele pato fôra de seo irmão já falecido, o estimava mais do que todas as outras couzas, que possuia.

E com efeito o meo bronco interlocutor sahio e foi buscar uma espada, aliás clava de grossa madeira de cinco a seis pés de comprimento, e voltou rapidamente sobre mim, continuando sempre a dizer, que queria matar-me.

Quem pois ficou assombrado, fui eu : todavia como n'este gentio ninguem deve meter o rabo entre as pernas, como vulgarmente se diz, nem parecer mofino, convinha mostrar-me destemido.

O trugimão, que estava sentado n'uma rede de algodão entre mim e o brigador, advertia-me do que eu não entendia, e dice-me : — De espada em punho e arco e frexas na mão, significae-lhe, que tem de aver-se comvosco ; pois sois forte e valente, e não vos deixareis matar tam facilmente como ele pensa.

Em suma fazendo boa cara e máo jogo, como se costuma dizer, depois de muitos outros ditos, que trocamos eu e o selvagem, sem que os outros selvagens prezentes tratassem de acomodar-nos (conforme o que dice no principio d'este capitulo), o meo agressor, ebrio como estava

pelo *cauim* bebido durante todo o dia, foi dormir e cozinhar a bebedeira: e eu e o trugimão fomos cêar e comer o pato com os nossos companheiros, que nos esperavam na parte superior da aldeia, e ignoravam a nossa contenda.

§ 28. Ora, bem sabiam os Tupinambás, que já tinham os Portuguezes por inimigos como o exito o demonstrou, e que, si matassem um Francez, guerra irreconciliavel lhes seria declarada e ficariam para sempre privados das mercadorias; assim tudo quanto o meo contendor fizera fôra por mero gracejo.

Com efeito despertando quazi trez óras depois, mandou-me dizer por outro selvagem, que eu era seo filho, e que tudo quanto fizera comigo era sómente para experimentar-me e reconhecer por meo porte, si combateria bem contra os Portuguezes e os Maracajás, nossos inimigos comuns.

Por meo lado porém quiz tirar-lhe todo o motivo de repetir o mesmo fato comigo ou com qualquer outro dos nossos patricios, e significar-lhe não serem agradaveis taes brinquedos; por isso não só mandei dizer-lhe, que não queria saber d'ele, nem queria pae, que me experimentasse com espada na mão, mas tambem no dia seguinte entrei na caza, onde ele estava, e para dar-lhe melhor lição e mostrar, que similhante gracejo me dezagradava, dei facas e anzoes de pesca a todos os outros ali prezentes e o exclui da distribuição.

Podemos pois coligir, quer d'este exemplo, quer do outro já referido na minha primeira viagem entre os selvagens, quando por ignorancia dos costumes supuz axar-me em perigo, que é sempre verdadeiro e certo tudo quanto afirmei da sua lealdade para com os amigos, a saber, que muito se molestam, quando lhes cauzam desgostos.

§ 29. Concluindo esta materia, acrecentarei, que os velhos sobretudo a quem nos tempos passados faltavam maxados, foices e facas, que agora axam tam convenientes para cortar madeiras, e fazer arcos e frexas, não só tratam mui bem os Francezes, que os vizitam, mas tambem exortam aos mancebos para praticarem o mesmo no futuro.

CAPITULO XIX

Como os selvagens tratam-se nas suas molestias; lugar das suas sepulturas e funeraes, e prantos levantados junto aos seos defuntos.

§ 1. Para concluzão do que tenho de dizer sobre os nossos selvagens da America, explicarei como procedem em suas molestias e nos seos ultimos dias, isto é, quando aproximam-se da morte natural.

Si acontece cair doente algum d'eles, depois de mostrar e fazer conhecer onde sente o mal, ou nos braços ou nas pernas, ou em qualquer outra parte do corpo, é esse lugar xupado com a boca por algum amigo, e algumas vezes por uma especie de embusteiros, que entre eles vivem com o nome de *pagé*, que equivale a barbeiro ou medico (diverso dos *carahibas*, de que falei, quando tratei de sua religião). Estes pagés fazem crer não só que lhes arrancam as molestias, mas tambem que lhes prolongam a vida.

§ 2. Além das febres e doenças dos nossos Americanos, a que não sam tam sujeitos, como nós o somos cá na Europa, em razão da benigna temperatura do paiz, conforme já referi, sofrem uma molestia incuravel xamada *pian*, a qual ordinariamente se adquire, e provem da lassivia; todavia observei meninos cobertos d'ela, como os vêmos por cá cobertos da variola.

Este contagio converte-se em pustulas mais grossas do que o dedo polegar, as quaes espalham-se por todo corpo e até pelo rosto. Os individuos, que as padecem, ficam com as marcas d'elas por todo a vida, como cá sucede aos galicados, e cancerozos em rezultado de torpezas e impudicicia.

Com efeito vi n'esse paiz um trugimão, natural de Rouen, que, tendo-se xafurdado em toda a sorte de obcenidades com as mulheres e raparigas selvagens, recebera tam amplo e bem merecido salario, que o seo corpo e rosto estavam cobertos e desfigurados por esses

pians, como si fôra verdadeiro leprozo, em quem as cicatrizes se imprimem por tal fórma que impossivel é jámais dezaparecerem : por isso esta molestia é a mais perigoza da terra do Brazil.

§ 3. Voltando ao meo primeiro propozito, direi, que os Americanos têm por costume, empregando nos doentes o tratamento da sucção da boca, nada darem a quem está no leito, si acazo não péde, ainda quando passasse um mez sem comer, e por mais grave que seja a doença os que estam bons de saude nem por isso deixam de beber, cabriolar, cantar, fazendo bulha em roda do mizero paciente; o qual por sua parte sabe, que nada lucraria agastando-se por isso, e antes quer ter atordoados os ouvidos do que proferir palavra alguma.

Todavia si acontece morrer o doente, e si este é bom pae de familia, converte-se a cantarola em subito pranto, fazem taes lamentações, que si nos axarmos em alguma aldeia, onde aja defunto, e ahi tenhamos de pernoitar, ninguem espere poder dormir durante a noite.

E' principalmente admiravel ouvir as mulheres, as quaes reunidas fazem lamentações e dialogos, gritando tanto e tam alto, que dirieis ser uivos de cães e de lobos.

Umas arrastando a voz dirão :—Morreo quem era tam valente e tantos prizioneiros nos deo a comer.

Outras rompendo no mesmo ton responderão : —Oh ! como era bom caçador e excelente pescador.

Dirá outra no meio d'elas :—Ah ! que bravo matador de Portuguezes e Maracajás, dos quaes tam galhardo nos vingava.

Assim no meio taes lamentações, excitam-se todas para levantar maior prantina, abraçando-se umas com outras pelas costas, como vereis no dezenho anexo ; e emquanto o cadaver está prezente não cessão de fazer longa ladainha dos seos louvores, expondo e relatando tudo quanto em vida o defunto dice e praticou.

§ 4. As mulheres de Bearn, conforme dizem, fazendo do vicio virtude no pranto que levantam em prezença do corpo dos maridos falecidos, cantam : —*La mi amon, la mi amon, cara rident, œil de splendon : cama*

leugé, bel dansandon : lo mé balen, lo m'es burbat : mati depes : fort tard au lheit.

Quer dizer : — Meo amor, meo amor, cara rizonha, olhos luzentes, perna ligeira, bom dansador, omem valente, meo madrugador, cedo de pé, tarde na cama.

E dizem alguns que as mulheres da Gascunha acrecentam,: — *Vere vere : ô le bet renegadon, ô le bet iongadon qu'here.*

O que significa : — Ah ! Ah ! que lindo arrenegado, e que lindo jogador era ele !

Assim fazem os nossos pobres Americanos, os quaes ao estribilho de cada estancia acrecentam sempre : — Morreo, morreo, aquele que agora carpimos.

E os omens respondendo, dizem : — Ah ! é verdade, não o veremos mais sinão quando formos para além das montanhas, onde, como nos ensinam os nossos carahibas, dansaremos com ele.

E a isto acrecentam muitas outras couzas.

§ 5. Ora, estas lamurias duram ordinariamente meio dia, pois quazi nunca conservam por mais tempo insepultos os cadaveres.

Depois de aberta a cova, não comprida, como sam as nossas, porém redonda e profunda como um tonel de vinho, curvam o corpo, logo depois do obito e amarram os braços rodeando as pernas, e o enterram quazi em pé.

Si o finado è algum velho estimado, como já dice, sepulta-se na propria caza, envolvido no seo leito de algodão (rêde), e com ele enterram colares, plumas e outros objétos, com que andava, quando vivia.

A este respeito poderiamos alegar muitos exemplos dos antigos, que uzavam couza similhante : assim Jozefo nos diz, que depozitaram-se certas couzas no tumulo de David ; e varios istoriadores profanos testificam a respeito de varios personagens, que depois de falecidos foram adornados com joias preciozissimas, que apodreceram com os cadaveres.

Para não irmos mais longe dos nossos Americanos direi, que os indios do Perú, terra contigua aos selvagens brazilienses, enterram com os seos reis e caciques grande quantidade de ouro e pedras preciozas, como atraz declarei.

§ 6. Muitos dos primeiros Espanhoes, que foram a esse paiz, ficaram riquissimos, buscando os despojos dos cadaveres nos tumulos e nas cavernas, onde os podiam encontrar.

De modo que bem podemos aplicar a estes avarentos o qui diz Plutarco da rainha Semiramis, que mandara gravar na pedra da sua sepultura, a saber, por fóra o seguinte (traduzido em francez):

Quiconque soit le roi de pecune indigent,
Ce tombeau ouvert prenne autant qu'il veut d'argent

Quem abrio o sepulcro pensava axar valioza preza, mas em vez d'isso vio dentro este letreiro:

Si tu n'estoit meschant insatiable d'or,
Jamais n'eusses fouillé des corps morts le thrésor.

§ 7. Volto aos nossos Tupinambás, dizendo que depois que os Francezes se relacionaram com eles, já não enterram abitualmente com os seos defuntos couzas de valor, como dantes costumavam fazer; o que porém é muito peior, como ides ouvir, é manterem a mais extravagante superstição, que podemos imaginar.

Crêem firmemente, que si *Anhanga*, isto é, o diabo na sua linguagem, não axar outras viandas, preparadas junto á sepultura, dezenterrará e comerá o defunto; por isso não só na primeira noite depois de sepultado o cadaver, como fica dito, põem sobre a cova, grandes alguidares de barro xeios de farinha, aves, peixes e outras viandas bem assadas com a bebida xamada *cauim*, mas tambem continuavam a prestar este serviço verdadeiramente diabolico, emquanto o corpo não apodrece.

Do qual erro era-nos bem dificil advertil-os, porquanto os trugimões da Normandia, que nos tinham precedido n'esse paiz, imitando aos sacerdotes de Baal, de que fala a Escritura, tiravam de noite essas viandas excelentes; e assim os entretinham e confirmavam em tal crença de modo que, embora por experiencia mostrassemos, que as couzas ali depozitadas na vespera no dia seguinte ali permaneciam, apenas a mui poucos podemos persuadir o contrario.

§ 8. Assim podemos dizer, que este delirio dos selvagens não é mui diferente da insania dos rabinos, doutores judaicos, nem da vezania de Pauzanias.

Sustentam os rabinos, que o corpo morto fica em poder de um diabo, que eles xamam Zabel ou Azazel, o qual dizem ser denominado no Levitico principe do dezerto; e para confirmar este erro torcem a passagem da Escritura, onde se diz á serpente:—Tú comerás terra por todo o tempo da tua vida.

Dizem eles, que o nosso corpo é creado do limo e do pó da terra, que é a carne da serpente; por tanto fica-lhe sugeito até transformar-se em natureza espiritual.

Pauzanias tambem fala de outro diabo xamado Eurinomo, do qual diceram os interpretes dos Delfios, que devorava a carne dos mortos, e só deixava os ossos; o que em suma redunda no mesmo erro dos nossos Americanos, como acima dice.

§ 9. Finalmente já mostramos no capitulo precedente o modo pelo qual os selvagens renovam e transferem as suas aldeias de uns para outros lugares, e quanto ás sepulturas dos seos finados, eles colocam pequenas cobertura do arbusto xamado *pindoba*, e assim não só os tranzeuntes reconhecem esta fórma de cemiterio, mas tambem as mulheres, quando andam nos bosques e por ali passam, si se recordam dos finados maridos, fazem as costumadas xoradeiras, gritando de tal modo que sam ouvidas na distancia de meia legoa.

E como acompanhei os selvagens até o sepulchro, deixando as mulheres prantear até fartarem-se, rematarei aqui o discurso sobre o procedimento d'essa gente relativamente aos seos defuntos: todavia poderão os leitores ainda vêr alguma couza no seguinte coloquio, que compuz, no tempo em que estive na America, com o adjutorio de um trugimão, o qual bem o podia explicar, não só por ter ali estado sete ou oito annos e entender perfeitamente a linguagem da gente do paiz, mas tambem porque a tinha estudado proveitozamente, confrontando-a com o idioma grego, do qual, como os entendedores já terão podido observar, esta nação dos Tupinambás tem algumas palavras.

CAPITULO XX

Coloquio da entrada ou xegada na terra do Brazil entre a gente indigena xamada Tupirambás ou Tupiniquins em linguagem selvagem e franceza. *

§ 1. TUPINAMBÁ. *Eré-ioubé.* Vieste.

FRANCEZ: Sim, vim.

T. *Teh! auge-ny-po.* Muito bem.

T. *Mara-pe-dereré?* Como te xamas?

L. *Lery oussou.* Ostra grande.

T. *Ere-iacassopienc?* Deixaste teo paiz para vir morar aqui?

F. *Pa.* Sim.

T. *Eori deretani ouani repiac.* Vem ver o lugar, onde deves morar.

F. *Augé-bé.* Muito bem.

T. *I-endé-repiac? Aout i-euderépiac aouté éhérare.*

---

* As palavras indigenas vam escritas com a ortografia da pronunciação franceza. Si tivessemos de exprimir a pronuncia com a ortografia portugueza, fariamos alterações graficas, que desfigurariam o tipo original do autor.

Quem conhecer o idioma indigena verá, que muitos vocabulos estam estropiados pela pronuncia figurada pèlo autor; e cada qual poderá restabelecel-os e escrevel-os conforme os escrevem os escritores nacionaes entendidos no mesmo idioma.

O autor escreve, por exemplo, *Arasature*, Kariauc, Tapiroussou, Toucouar-ousson-tuve, Tupen, os quaes entre nós escrevem-se: — *Araçatiba*, Carioca, Tapirussú, Taquarussutuba, Tupan, etc.

A reprezentação grafica da pronuncia dos vocabulos brazilicos entre os escritores patrios não é identica, e mostra quam diversamente percebiam a linguagem dos nossos indigenas os primeiros exploradores, que com eles se relacionaram e os ouviram falar. Não temos oje meio de verificar qual a verdadeira e exata pronunciação das palavras tupicas ou guaranis, porque já não temos quem as profira com a dição primitiva; pois faltam individuos que falem a lingua dos aborigines, como estes a falavam nos tempos do descobrimento do Brazil.

Não admira, que no idioma dos indigenas americanos encontremos variedade na escrituração das palavras, quando das linguas vivas nenhuma tem sistema uniforme de pronunciação e ortografia.

O testo francez correspondente ás palavras do dialogo acima vae vertido em portuguez. Quem dezejar conhecer o mesmo testo francez, o axará na obra original de João de Leri, que agora damos traduzida.

Teh! ouéreté kernois Lery-ousson yemèen! Ah pois veio para cá, meo filho, lembrando-se de nós.

T. *Eréron dé carameino?* Trouxeste as tuas caixas? Entendem por isto quaesquer outras vazilhas de guardar fato, que alguem possa ter.

F. *Pa arout.* Sim; eu as trouxe.

T. *Mobouy?* Quantas?

Poderemos por palavras exprimir quantas tivermos até o numero de 5, nomeando-as assim:

Augé-pé 1, *mocouein* 2, *mossaput* 3, *oiocondic* 4, *ecoinbo* 5.

Si tiveres duas, bastará nomear quatro ou cinco. Bastará dizer *mocouein* por trez e quatro.

Similhantemente si tens quatro dirás *oiocondic*.

E assim por diante; mas si passar o numero de 5, deves mostrar pelos teos dedos e pelos dedos das pessoas prezentes para completar o numero, que quizeres significar. Pois não têem outro modo de contar.

T. *Maé péréro i, de caramémo poupé?* Que couza trazes dentro das tuas caixas?

F. *A-aub.* Vestimentas.

T. *Mara-vaé?* De que qualidade ou côr?

F. *Sobouy-été*, azul. *Pirenc*, vermelho. *Ioup*, amarelo. *Son*, preto. *Sobouy-masson*, verde. *Pirienc*, de muitas côres. *Pagassou-aue*, rôxo. *Tin*, branco. E entende-se de camizas.

T. *Mae-pamo?* O que mais?

F. *A cang aubé-roupé.* Xapeos.

T. *Seta-pé?* Muitos?

F. *Icatoupané.* Tantos que não podemos contar.

T. *Ai-pogno?* E' tudo?

F. *Erimen.* Não, de modo nenhum.

T. *Esse non bat.* Nomeio tudo.

F. *Coromo.* Espera um pouco.

T. *Nein.* Ora, sus.

F. *Mocap* ou *mororocap.* Arma de fogo, como arcubús grande ou pequeno; pois *mocap* significa toda a especie de arma de fogo, quer canhões de navio, quer outros quaesquer.

Parece algumas vezes, que pronnnciam *Bocap* (com *b*), e seria bom escrever esta palavra com *M B*.

Mocap-coui é polvora, ou póde fogo, e tambem falca, polvarinho, etc.

T. *Mara-vaé?* Quaes sam?

F. *Tapiroussou-alc.* Xifre de boi.

T. *Augé-gaton-tegué.* Muito bem dito.

Máe pé sepouyt rem? O que daremos por isto?

F. *Arouri.* Apenas os trouxe. Como si dicesse: Não tenho pressa em desfazer-me d'isto. Como dando a entender ser bom.

T. *Hé!* E' uma intergeição, que costumam proferir quando pensam no que se lhes diz, querendo replicar de bôa vontade. Todavia calam-se, afim de não parecerem importunos.

F. *Arrou itaygapen.* Trouxe espadas de ferro.

T. *Naoepiac-icho pené?* Não as verei?

F. *Bégoé irem.* Dia de descanso.

T. *Néréroupé guya-pat?* Não trouxestes inxós.

F. *Arrout.* Trouxe.

T. *Igatou-pé?* Sam bonitas?

F. *Guiapav-eté.* Sam inxós excelentes.

T. *Aua-pomoquem?* Quem as fez?

F. *Pagé ouassou remymogneu.* Quem as fez foi aquele que sabeis, que assim se xama?

T. *Augé-terah.* E faz muito bem.

T. *Acepiah mo men.* Ah! Eu as veria de bôa vontade.

F. *Karanmoussee.* Em outra ocazião.

T. *Tacépiah taugé.* Queria ver agora.

F. *Embereingué.* Espere ainda.

T. *Eréroupè itaxé amo.* Trouxestes facas?

F. *Aroureta.* Trouxe com abundancia.

T. *Cecouarantin vaé.* Sam facas de cabo fendido.

F. *En-eu non ivetin.* De cabo branco.

Ivèpép. Navalhas.

Taxe miri. Facas pequenas.

Pinda. Anzoes.

Montemonton. Facões.

Arroua. Espelhos.

Knap. Pentes.

Mourobouy eté. Colares ou braceletes azues.

Cepiah yponyéum. Não temos costume de vêr. Sam os mais bonitos que temos visto depois que começaram a vir cá.

T. *Easo ia-voh de caramemo t'acepiah dè maè.* Abre a tua caixa para eu vêr as tuas fazendas.

F. *Aimossaénen.* Não posso. *Acepiah-ouca iren desne.* Mostrarei, quando eu vier aqui.

T. *Narour ichop' iremmae desnem?* Não te trago fazenda algumas vezes?

§ 2. F. *Mae pererou potat.* O que queres trazer?

T. *Sceh de.* Não sei, mas tu?

Mae perei potat? O que queres tu?

F. *Soo.* Quadrupedes.

Ourá. Aves.

Pirá. Peixe.

Ouy. Farinha.

Ietio. Nabo.

Commenda-ouassou. Favas grandes.

Commenda-miri. Favas pequenas.

Morgonia-ouassou. Laranjas e limões.

Maé tironen. Todas ou muitas couzas.

T. *Mara-vaé soo ereiuscch?* De que qualidade de quadrupede queres comer?

F. *Nacepiah que von gonacuré.* Não quero dos d'este paiz.

T. *Aa sienon desne.* Eu os nomearei.

F. *Nein.* Ora, la.

T. *Tapiroussou.* Animal assim chamado por eles, semi-asno, semi-vaca.

Seouassou. Especie de veado e corsa.

Taiassú. Javali do paiz.

Agouti. Animal avermelhado do tamanho de um bacorinho de trez semanas.

Pague. E' um animal do tamanho de um leitão de mez, raiado de branco e preto.

Tapiti. Especie de lebre.

F. *Esse non ooca y chesne.* Nomêe as aves.

T. *Iacou.* E' ave do tamanho do capão, similhante á galinha de Guiné, e da qual existem trez especies, a

saber: *iacoutin, iacoupem* e *iacou-ouassou*; sam de mui bom sabor, e tam apreciaveis como outras aves.

Moutou. Pavão selvagem, de que existem duas especies, pretos e pardos, tendo o corpo da grandeza do pavão europeo (ave rara).

Mocacouà. E' uma especie de perdiz grande, tendo corpo maior do que o capão.

Inambou-oassú. E' uma perdiz grande, do tamanho da acima nomeada.

Inambou. E' uma perdiz quazi do tamanho das nossas em França.

Pegassou. Rôla do paiz.

Paicacu. Outra especie de rôla menor.

§ 3. F. *Seta pepira senaé*? Existem muitos peixes bons?

T. *Nan*. Temos alguns.

Kurema. Barbo.

Parati. Especie de barbo.

Acara-oassou. Outro peixe grande assim xamado.

Acara-pep. Peixe xato ainda mais delicado, e assim xamado.

Acara-bouten. Outro peixe de côr trigueira e de menor tamanho.

Acara-miri. Peixe de tamanho mui pequeno, víve n'agua doce e é saborozo.

Ouara. Peixe grande de bom sabor.

Kamouroupoui-ouassou. Certo peixe grande.

§ 4. F. *Mamo pe deretam*. Onde é tua caza?

T. Aqui o selvagem nomêa o logar da sua moradia: —*Kariauh, Ora-ouassou-onée, Iaueu-ur assic, Piracan i o-pen, Eircisa, Itanen, Taracouir-apan, Sarapo-u*.

Sam estas as aldeias ao longo da praia entrando no rio de *Geneure* do lado da mão esquerda, declaradas por seo proprio nome; e não sei, que tenham tradução a significação d'estes nomes.

Keriú, Acara-u, Kouroumouré, Ita ané, Ioirarouen, que sam as praias do dito rio do lado da mão direita.

As maiores aldeias na terra firme, quer de um quer de outro lado, sam: *Taucouaroussou-tuve, Oca-rentin, Sapopem, Nouroucuve, Arasa-tuve, Usu-portuve*, e muitas

outras, de cuja gente teremos mais amplo conhecimento pelo trato d'ela, bem como poderiamos julgar dos pais de familia frustraneamente xamados reis, e moradores n'essas mesmas aldeias, si os conhecessemos.

F. *Mobouy-pé, tupicha gaton heuou* ? Quantas aldeias grandes existem por cá ?

T. *Seta-gue*. Existem muitas.

F. *Essenon auge pequoube ychesne*. Nomêa algumas.

T. *N'âu*. E' uma palavra para xamar a atenção da pessoa a quem queremos dizer alguma couza.

E apirau i-ioup. E' nome dado a um omem, com a cabeça semi-calva, e que quazi não tem cabelos ; careca.

F. *Mamo-pè se tam* ? Onde é sua caza ?

T. *Kariauh-bé*. Na aldeia assim denominada ou xamada, que é nome de um pequeno rio, de que a aldeia tira a sua denominação, em razão de estar situada mui perto d'ele, e signfica caza dos *Karios*, composto de *Karios* e *auq*, que significa caza, e tirando *os* e acrecentando *auq* fará *Kariauh*. *Bé* é artigo do ablativo, que significa o lugar, pelo qual se pergunta e para onde se vae ou se quer ir.

Mosseu y gerre. Significa guardador de remedio; ou a quem pertence o remedio ; e uzam d'essa expressão, quando querem xamar uma mulher feiticeira, ou que está possessa do espirito máo ; pois *mosseu* é remedio ; e *gerra* é pertenças.

T. *Ourauh-oussou au areutin* : grande penaxo da aldeia xamada Desestorts.

F. *Tau-couar-oussac-tuve gonare*, etc. N'essa aldeia existe um lugar, onde tiram-se bambus mui grossos.

T. *Ouacau* : principal d'esse lugar, isto é, seo cabeça.

Souar-oussou : isto é, folha que cae da arvore.

Morgonia-ouassou : assim xama-se um limão grande ou laranja.

Mae-du : que está xamuscado pelo fogo de alguma couza.

Maraca-ouassou : campainha grande ou sino.

Mae-uocep : couza que vae saindo da terra ou de qualquer lugar.

Karianpiare: caminho para ir aos Karios.

Sam estes os nomes dos principaes do rio de *Geneure* e dos seos arredores.

§ 5. T. *Che ropup-gatou, derour ari.* Estou muito contente por teres vindo.

Nein tereico, pai Nicolas irou. Ora, fale com o senhor Nicoláo.

Nere roupe déré miceco? Não trouxeste tua mulher?

F. *Arrout iran chereco angernie.* Eu a trarei, quando os meos negocios estiverem arranjados.

T. *Marapè d'érécoran?* O que tens de fazer?

F. *Cher auc-ouam.* Minha caza póde ficar.

Mara-vae-auc? Que especie de caza?

F. *Seth, daè chèréco-rem couap rengue.* Não sei ainda o que devo fazer.

T. *Nein tèreic ouap dèrècorem.* Ora pois, pensa no que tens de fazer.

F. *Peretan repiac-iree.* Depois que eu tiver visto vosso paiz e vossa moradia.

T. *Nercico-icho-pe deauen a irom?* Não te averás com a tua gente, isto é, os do teo paiz?

F. *Marà amo;pè?* Porque perguntas?

T. *Aipo-gué.* Direi a razão.

Che pontoupagué-déri. Estou assim incomodado, como dizendo: Bem queria saber.

F. *Nên pé amotareum pè orèroubicheh?* Não aborreceis o nosso principal, isto é, o nosso velho?

T. *Erymen.* De modo nenhum.

Séré cogaton pouy eùm-eié mo. Si não fosse couza de que se devesse acatar; dever-se-ia dizer:

Sécouaè aponan-é engatouresme y potèré cogaton. E' costume de bom pai respeitar o que ama.

§ 6. T. *Neresco-icho pirem-ouarini?* Não irás á guerra futura.

F. *Asso irénué.* Irei para o futuro.

Marapé peronagérè? Que nome têem os vossos inimigos?

T. *Touaiat* ou *Margaiat.* E' uma nação, que fala como os Tupinambas, e com os quaes os Portuguezes se relacionam.

Ouétaca. Sam verdadeiros selvagens, que vivem entre o rio de Macahé e da Parahiba.*

Ouéauem. Sam selvagens, ainda mais barbaros, que vivem nos bosques e nas montanhas.

Caraia. Sam gentios de mais nobre aspecto e mais abastados de bens, quer em viveres quer em outros generos, do que os supra nomeados.

Karios. Sam outros gentios, que abitam além dos *Tonaire*, para o lado do Rio da Prata, os quaes usam de mesma linguagem que os *Touòup. Toupinenquin*.

Existe diferença na linguagem da terra entre as nações acima nomeadas.

Toüoupinambaoults, Toupinenquin, Touaiaire, Teureuminon e Karios falam a mesma linguagem, ou pelo menos pouca diferença existe entre eles tanto nas expressões como no mais.

Os Karaias têem outras expressões, e diverso modo de falar.

Os Ouetacas diferem quer na linguagem quer nos vocabulos de uma e outra parte.

Os Oneanens tambem uzam de expressões diversas e de outro modo de falar.

§ 7. T. *Teh oivac poeireca a᷉ paau ué, iendésné*. A gente busca a um e outro para o nosso bem.

Esta palavra *iendésné* é um dual, de que os Gregos uzam, quando falam de duas couzas. Todavia aqui é tomado por esse modo de falar.

Ty icrobah apoau ari. Ficamos ufanos da gente que nos busca.

Apoan ae mae gevre, iendesne. Essa gente existe para nosso bem. E' quem nos dá dos seos bens.

Ty réco-gaton indesne. Defendamos bem, e a tratemos de modo que ela esteja contente comnosco.

Iporenc eté-amreco iendesne. Eis uma couza bonita, que se nos oferece.

Ty maran gaton apoau-apé. Sejamos por este povo aqui.

---

* O autor escreve:—*Maoh-hé* e *Parai*.

Ty momouron, mé mac gerre iendesne. Não façamos injuria a pessoas que nos dam dos seos bens.

Ty poih apoaué iendesne. Damos-lhes bens para viver.

Ty porraca apoaué. Trabalhemos para fazer prezas para eles.

Esta palavra *yporraca* é especialmente empregada nas pescarias; mas uzam d'ela em qualquer outro artificio de apanhar quadrupedes ou aves.

Tyrrout maé tyronam ani apè. Tragamos todas as couzas que podermos aver.

Ty re com remoich-meiendé-maé recoussaué. Não tratemos mal aqueles que nos trazem seos bens.

Pe-poironc auu-mecharaire-oueh. Não sejaes máos, meos filhos.

Ta pere coihmaé. Afim de que tenhaes bens.

Toerecoih perairé amo. E vossos filhos tenham.

Ny recoih ienderamouyn maè ponaire. Não temos bens de nossos avós.

Opap cheramouyn maè ponaire aitih. Desperdicei tudo quanto meo avô me deixou.

Apoan maè ry oi ierobiah. Fico ufano com os bens que essa gente me traz.

Ienderamouyn remiè piac potategue aouaire. Isto quereriam nossos avós ter visto, mas nunca viram.

Teh! oip ot arhètè ienderamouyn recohiare ete iendesme. Ora, tudo vae bem; e coube-nos melhor sorte do que a nossos avós.

Iende porrau oussou vocare. Isto nos tira a tristeza.

Iende-co ouassou gerre. Quem nos faz ter grandes ortas (roças).

En sassi piram, ienderè memy non apê. Não faz mal ás nossas criancinhas, quando as tonsuramos.

Entendo esse diminutivo creancinhas como filhos dos nossos filhos.

Tyre coih apouan, ienderoua gerre-ari. Levemos estes comnosco contra os nossos inimigos.

Toere coih mocop ò mae-ae. E tenham arcabuzes, que vieram com eles.

Mara-mo senten goton-enin amo? Porque não serão fortes?

Meme-tae morerobiarem. E' uma nação, que não tem medo.

Ty senenc aponau, maram iende iron. Experimentemos a sua força estando comnosco.

Meurc-tae moreroar roupiare. Sam eles que destroçam os que vencem os outros, a saber, os Portuguezes.

Agne he oueh. Como se dicessem : E' verdade tudo o que digo.

Nein-tyamoneta iendere cassoriri. Conversemos com aqueles que nos procuram.

Querem os selvagens falar de nós em bom sentido, como a fraze o inculca.

F. *Nein-che atam-assaire.* Ora pois, meo aliado.

Sobre este ponto porem cumpre notar, que as palavras *atour-assap* e *coton-assap* diferem de sentido ; pois a primeira expressão significa perfeita aliança entre si e entre eles e nós, de que rezulta serem comuns os bens entre uns e outros.

Todavia os dezignados pela primeira expresão não podem receber a filha nem a irman do seo aliado. O segundo modo de exprimir a aliança consiste n'um meio passageiro de xamarem-se uns aos outros por nomes diversos dos nomes proprios, como: minha perna, meo olho, minha orelha, e outros similhantes.

§ 8. T. *Maé resse iende moneta?* De que falaremos nós?

F. *Séeh mae tirouen resse.* De muitas e diversas couzas.

T. *Mara-pieu y vah reré?* Como se xama o céo?

F. Céo.

T. *Cyh-rengne tassenouh maetironen desne.*

F. *Auge-bè.* E' bem dito.

T. *Mac.* Céo.

Couarassi. Sol.

Iasce. Lua.

Iassi tata ouassou. A grande estrela da manhan e da tarde, que comumente xamamos Lucifer.

Iassi-tata-miri. Sam todas as demais estrelas pequenas.

Ubouy. E' a Terra.
Paranan. O mar.
Uh-été. E' agua doce.
Uh-een. Agua salgada.
Uh-een buhe. Agua que os marinheiros mais frequentemente xamam *sommaque*.

Ita é propriamente tomado por pedra, e tambem por toda a especie de metal e fundamento de edificio, como *aoh-ita*, pilar da caza.
Iapurr-ita. Frente de caza.
Iura-ita. Traves grossas da caza.
Igourahon y bouirah. Toda a especie e qualidade de madeira.

Ourapat. Arco. Embora seja nome composto de *ybouirah*, que significa madeira, e *apat*, que significa ganxo, ou parte, todavia pronunciam *orapat* por sincope.
Arre. Ar.
Arraip. Máos ares.
Amen. Xuva.
Amen-poyton. Tempo disposto e prestes a xuver.
Toupen. Trovão.
Toupen-verap. E' o relampago que o precede.
Ibuoytin. Nuvens, ou nevoeiro.
Ibue-tare. Montanhas.
Guum. Campos ou terra plana, onde não existem montanhas.
Taue. Aldeias.
Auc. Caza.
Uh-ecouap. Rio ou agua corrente.
Uh-paon. Ilha cercada d'agua.
Kaa. E' toda a especie de mato e floresta.
Kaa-paon. E' um bosque no meio de um campo.
Kaa-onau. Couza creada nos bosques.
Kaa gerre. E' um espirito maligno, que constantemente os prejudica nos seos negocios.

Igat. Barquinha de casca de páo, com capacidade para conter 30 ou 40 omens de guerra.

Tambem toma-se por embarcação, a que xamam *Yguerossou*.

Puissa ouassou. E' uma bolsa para apanhar peixe.

Inquea. E' uma canoa grande para apanhar peixe.

Inquei, diminutivo. Canoa que serve, quando as aguas transbordam do seo curso.

Nomognot maè tasse nom dessue. Não nomêa outras couzas.

§ 9. *Emourbeon deretam ichesne*: Fala-me do teo paiz e da tua moradia.

F. *Augé-bé derengueé pourendoup*. E' bem dito: inquire primeiramente.

T. *Ia-eh mèrape deretani-ere*. Concordo n'isto. Que nome tem o teo paiz e a tua moradia?

F. *Rouen*; assim xama-se a minha cidade.

T. *Tan-ouscou-pe-ouim?* E' aldeia grande?

Os selvagens não fazem diferança entre cidade e aldeia em razão do seo costume, pois não possuem cidades.

F. *Pa*. Sim.

T. *Moboü-pe-reroupichah-gatou?* Quantos senhores tendes?

F. *Auge-pé*. Um somente.

T. *Marape-sere:* Como se xama?

F. Enrique.

Foi no tempo do rei Enrique Segundo, que fizemos esta viagem.

T. *Tere-porrem*. Eis um nome bonito.

Mara-pe peron pichau-eta-enin? Porque não tendes muitos senhores?

F. *Moroéré chih-gué*. Não temos mais de um.

Ore ramouin-aué. Desde o tempo dos nossos avós.

T. *Mara pieuc-pee?* Quem sois vos outros?

F. *Oroicogné*. Estamos contentes assim.

Oree-maè gerre. Nos somos os que temos riquezas.

T. *Epé noeré-coih? peronpichah-maè?* E vosso principe tem muita riqueza?

F. *Oerecoig*. Tem muita, muita:

Oree-mae-gerre-ahepé. Tudo o que temos está debaixo de suas ordens.

T. *Oraini-pe ogèpé?* Vai á guerra?

F. *Pa*. Sim.

T. *Mobouy-tane-pe-ionca ny maé* ? Quantas cidades ou aldeias tendes?

F. *Seta-gaton*. Tantas que não posso dizer.

T. *Nirèsce mouih-icho-pene* ? Não as nomearás?

F. *Ipoicopouy*. Seria mui longo, ou prolixo.

T. *Iporrenc-pe-peretani*? O lugar, d'onde sois, é bonito?

F. *Iporren-gaton*. E' muito bonito.

T. *Eugaya-pe-per-auce* ? Vossas cazas sam assim? Isto é, como as nossas.

F. *Oicoe gaton*. Tem muita diferença.

F. *Mara-vae*? Como sam?

F. *Ita-gepe*. Sam todas de pedra.

F. *Youroussou-pe* ? Sam grandes?

F. *Touroussou-gatou*? Sam muito grandes?

F. *Vaton-gaton-pé* ? Sam muito grandes? A saber, altas.

F. *Mahono*. Muito.

Esta palavra exprime mais do que *muito*, pois a empregam na significação de couza maravilhoza.

T. *Eugaya-pe-pet aut ynim*? O interior é assim? a saber, como das d'eles.

T. *Erymen*. De modo nenhum.

§ 10. T. *Esce non de rete renondau eta ichesne*. Nomêa as couzas pertencentes ao corpo.

F. *Escendu*. Escuta.

T. *Yeh*! Estou pronto.

F. *Che-acan*. Minha cabeça.
Dea-can. Tua cabeça.
Y-acan. Sua cabeça.
Ore-acan. Nossa cabeça.
Pé-acan. Vossa cabeça.
Anat-can. Suas cabeças.

Para melhor compreender de passagem estes pronomes declarei sómente as pessoas quer do singular quer do plural.

Primeiramente *che* é a primeira pessoa do singular, que serve em todos os modos de falar quer primitivos, quer derivados, possessivos ou não. E as outras pessoas tambem.

Chè-anè. Minha cabeça, ou meos cabelos.
Chè-vona. Meo rosto,
Chè-membi. Minhas orelhas.
Chè-sshua. Minha testa.
Chè-ressa. Meos olhos.
Chè-tin. Meo nariz.
Chè-iourou. Minha boca.
Chè-retoupané. Minhas faces
Chè-redmina. Meo queixo.
Chè-redmina-ané. Minha barba.
Chè-ape-con. Minha lingua.
Chè-ram. Meos dentes.
Chè-aiouré. Meo colo, ou minha garganta.
Chè-poca. Meos peitos.
Chè-rocapé. Minha dianteira em geral.
Chè-atouconpé. Minhas costas.
Chè-pouy-assoo. Meo espinhaço.
Chè-rousbouy. Meos rins.
Chè-reniré. Minhas nadegas.
Chè-innanpouy. Meos ombros.
Chè-inna. Meos braços.
Chè-papouy. Meo punho.
Chè-po. Minha mão.
Chè-ponen. Meos dedos.
Chè-puyac. Meo estomago, ou figado.
Chè-reguie. Meo ventre.
Chè-pourou-assen. Meo umbigo.
Chè-cam. Minhas mamas.
Chè-oup. Minhas côxas.
Chè-roduponam. Meos joelhos.
Chè-porace. Meos cotovelos.
Chè-redemen. Minhas pernas.
Chè-pouy Meos pés.
Chè-pussempé. As unhas dos meos pés.
Chè-ponampe. As unhas das minhas mãos.
Chè-gui eneg. Meo coração e pulmão.
Chè-eucg. Minha alma, ou meo pensamento.
Chè-eucg-gouere. Minha alma, depois de sahida do corpo.

Nomes das partes do corpo, que por decencia se não declaram. *Cheren-couen*, *chè-rementien*, *chè-rapoupit*.

Por brevidade não darei mais explicações.

E' de notar, que não deveremos nomear a maior parte das couzas, quer as já escritas, quer outras, sem acrecentar o pronome, tanto na primeira como na segunda e terceira pessoa, tanto no singular como no plural.

E para melhor compreensão apontarei separatim :

Singular : *Chè*, eu. *Dè*, tu. *Ahé*, ele.

Plural : *Oree*, nós. *Pêe*, vós. *Au-aé*, eles.

Quanto á terceira pessoa *ahè* é masculino, e para o feminino e neutro emprega-se *aé* sem aspiração.

E no plural *au-aé* serve para os dois generos, tanto masculino como feminino, e por consequencia póde ser comun.

§ 11. Couzas pertencentes ao arranjo domestico e á cozinha :

Emi redu tata. Acende o fogo.

Emo-goep-tata. Apaga o fogo.

Erout-che-rata-rem. Traga com que acender o meo fogo.

Emogip-pira. Vae cozinhar o peixe.

Essessit. Assa-o.

Emoui. Aferventa-o.

Fa vecu ouy amo. Fáze farinha.

Emogip caouin-amo. Faze o vinho ou potagem assim xamada.

Coein-upé. Vai á fonte.

Erout vichesne. Traze-me agua.

Chè-renni-auge-pe. Dá-me de beber.

Guere me che-renuyon-recoap. Vem dar-me de comer.

Taie poch. Eu lavo ao minhas mãos.

Tae-iourouh-eh. Eu lavo a minha boca.

Chè-embouassi. Tenho fome.

Nam chè iouron-eh. Não tenho vontade de comer.

Ehe-usseh. Tenho sede.

Che-reaic. Tenho calor; eu suo.

Che-rou. Tenho frio.

Che-racoup. Estou com febre,

Che-carouc-assi. Estou triste. Embora *carouc* signifique vespera ou tarde.

Aicotene. Estou incomodado, por qualquer negocio que seja.

Chè porora oussoup. Sou tratado incomodamente, ou sou mizeravelmente tratado.

Chèroemp. Estou alegre.

Aicome mouoh. Sou objéto de zombaria, ou zombam de mim.

Aico-gaton. Estou a meo gosto.

Chè-remiac-oussou. Meo escravo.

Chère miboye. Meo servo.

Chè-roiac. Aqueles que estam abaixo de mim, sam para me servir.

Chè pora cassare. Meos pescadores de peixes e de mariscos.

Chè-maé. Meos bens, minhas mercadorias, alfaias, ou qualquer couza que me pertença.

Chè-remig-mognen. E do meo gosto.

Chèrere-couarré. Minha guarda.

Chè-roubichac. Aquele que é maior do que eu. Aqueles a quem xamamos rei, duque ou principe.

Moussacat. E' o pai de familia, que é bom e dá de comer aos viandantes, quer estrangeiros quer patricios.

Querre-muhau. Poderozo na guerra e valente em praticar façanhas.

Teuten. O que é forte em aparencia na guerra ou fóra d'ela.

§ 12. Da parentela:

Chè roup. Meo pai.

Chè-requeyt. Meo irmão mais velho.

Chè-rebure. Meo filho mais moço, caçula.

Chè-renadire. Minha irman.

Chè-rure. Filho de minha irman, sobrinho.

Chè-aiché. Minha tia.

Ai, mãe. Tambem se diz *chè-fi,* minha mãi, e mais frequentemente falando d'ela.

Chè-süt. Companheira de minha mãi, que é mulher de meo pai, como minha mãi.

Chè-raut. Minha filha.

Chè-reme mynon. Filhos de meos filhos e de minhas filhas, netos.

Convem notar, que vulgarmente tratam o tio por pai, e similhantemente o pai xama a seos sobrinhos e sobrinhas meo filho e minha filha.

§ 13. A palavra que na nossa lingua os gramaticos qualificam e xamam verbo, na lingua brazilica é *guengane*, que equivale a locução ou modo de falar. E para melhor inteligencia aprezentarei alguns exemplos.

Primeiramente. Singular indicativo ou demonstrativo *aico*, eu sou; *ereico*, tu és ; *oico*, ele é.

Plural: *Oroico*, nós somos; *peico*, vos sois; *aurac-ico*, eles sam.

A terceira pessoa do singular e do plural sam similhantes, mas no plural acrecenta-se *au ae*, pronome que significa *eles*, como é claro.

No tempo passado imperfeito, e não inteiramente transacto, pois póde ainda ser o que então era, o singular rezolve-se pelo adverbio *aquoémé*, isto é, n'esse tempo.

Assim : *aico aquoémé*, eu era então; *ereico-aquoémé*, tu eras então; *oico-aquoèmé*, ele era então.

Plural imperfeito: *Oroico-aquoémé*, nós eramos então; *peico-aquoémé*, vós ereis então; *auraé-oico-aquoémé*, eles eram então.

Quanto ao tempo perfeitamente passado, e totalmente tranzacto. Singular: toma-se o verbo *oico* como antes, e se acrecentará o adverbio *aquoé-memé*, que equivale ao tempo findo e perfeitamente passado sem mais esperança de sermos do modo porque eramos ao tempo da ação.

Exemplo: *Assavoussou-gaton-aquoé mené:* Eu amei perfeitamente n'esse tempo ; *quovénen-gaton-tegné*, mas agora absolutamente não. Como antes ele devia ligar-se á minha amizade durante o tempo em que lhe tinha amizade. Pois ninguem pode voltar a ela.

Quanto ao tempo vindouro que xamamos futuro : *aico iren*, eu serei no porvir.

E assim indo por diante as outras pessoas tanto no singular como no plural.

Quanto ao determinativo, que se xama imperativo: *oico*, sê tu; *toico*, seja ele ; *toroico*, sejamos nós ; *tapeico*, sêde vós; *aurae-toico*, sejam eles.

E quanto ao futuro, basta acrecentar *iren;* como já

fica explicado; e quanto ao prezente do imperativo, convem dizer *tangé*, que equivale a agora, atualmente.

Quanto á simpatia e afeição que temos a alguma couza, a que xamamos optativo : *Aico-mo men*, oh ! quam bem estaria eu. E segue como já fica dito.

Quanto á couza que pretendémos juntar, e xamamos conjuntivo, rezolve-se com o adverbio *iron*, que significa aquilo que dezejamos juntar. Exemplo : *Taico de iron*, eu seja comtigo. E assim nos cazos similhantes.

O participio é tirado do verbo : *chè recoruré*, estando eu. Este participio não póde ser bem entendido só, sem se lhe acrecentar no singalar o pronome *ahe* e *aé* ; e similhantemente no plural é *ore*, *peè*, *au*, *aé*.

O tempo indefinido d'este verbo póde ser tomado por infinitivo ; mas quazi nunca uzam d'ele.

Conjugação do verbo *aiout*. Exemplo do indicativo ou demonstrativo no tempo prezente. Na nossa lingua franceza é duplo, e assim tem fórma diversa para exprimir o prezente do passado.

Numero singular : *Aiout*, eu venho, ou eu vim ; *ereiout*, tu vens, ou tu vieste ; *oout*, ele vem, ou ele veio.

Numero plural : *Ore iout*, vos vindes, ou viesteis ; *au aé o out*, eles vêem, ou éles vieram.

Quanto aos demais tempos, deve se tomar sómente os adverbios acima declarados ; pois nenhum verbo se conjuga por outra fórma, que se não rezolva por um adverbio, tanto no preterito, prezente, imperfeito, e plusquamperfeito indefinido, como no futuro ou tempo vindouro.

Exemplo do preterito imperfeito, que não está totalmente acabado : *Aiout agnomène*, eu vinha então.

Exemplo do preterito perfeito, e totalmente acabado : *Aiout agnoèmènè*, eu vim, ou tinha vindo, ou fui vindo n'esse tempo. *Aiout dimaè nè*, vae muito tempo que eu vim.

Estes tempos podem ser mais ou menos indefinidos, conforme as circunstancias de quem fala.

Exemplo do futuro ou tempo vindouro. *Aiout irau nè*, eu virei em algum dia. Tambem podemos dizer *irau* sem acrecentar *nè*, como o exigir a fraze no modo de falar.

Cumpre notar, que, acrecentando os adverbios, convem repetir as pessoas, como no prezente do indicativo ou demonstrativo.

Exemplo do imperativo ou determinantivo.

Numero singular. *Eori*, vem. Só tem a segunda pessoa: *Eyot*, pois n'esta lingua não se póde mandar a terceira pessoa, que não vemos, mas póde-se dizer: *Emot-out*, faze-o vir; *pe-ori*, vinde; *pe-iot*, vinde.

Os sons escritos *eiot* e *pe-iot* têem sentido identico, mas o primeiro *eiot* é mais decente para dizer-se entre os omens, entretanto que o ultimo *pe-iot* é comumente empregado para xamar os animaes e aves, que os selvagens criam.

Exemplo do optativo, embora pareça mandar pedindo, ou ordenando.

Singular. *Aiout-mo*, eu queria vir, ou viria de bôa vontade. Seguem-se as pessoas como na conjugação do indicativo. Tem tempo futuro, acrecentando o adverbio como acima está exemplificado.

Exemplo do conjuntivo. *Ta-iout*, eu venha. Para melhor enxer a significação acrecenta-se a palavra *nein*, que é adverbio para exortar, mandar, incitar, ou rogar.

Não conheço indicativo n'este verbo; mas d'ele forma-se o participio *touume*, vindo.

Exemplo. *Chè-rourmé-assoua-nitin*. *Che-remierecoponére*. O que significa: Vindo, encontrei o que outr'ora guardei.

Sénoyt-pe. Sanguesugá.

Inuby-a. Buzina de madeira, de que os selvagens se servem como corneta.

§ 14. No demais afim de que não só aqueles com quem na ida e na vinda atravessei o mar, mas tambem aqueles que me viram n'America (muitos dos quaes ainda vivem) e até os marinheiros e outros, que viajaram e estanciaram por algum tempo no rio de Geneure ou Guanabara, sob o tropico de Capricornio, julguem melhor e mais prontamente dos discursos, que acima tenho feito, a respeito das couzas por mim observadas n'esse paiz, quero ainda, particularmente em bem d'eles, adicionar a este coloquio o catalogo de 22 aldeias, onde estive comunicando familiarmente com os selvagens americanos.

Primeiramente mencionarei as que estam do lado esquerdo de quem entra no dito rio, e sam :

1. *Keriauc*.

2. *Jubarici*. Os Francezes xamam esta segunda aldeia *Pepin* por cauza de um navio, que ali carregou uma vez, e cujo mestre tinha esse nome.

3. *Euramyry*. Os Francezes a xamaram *Gosset* por cauza de um trugimão, que tinha esse nome e ali estivera.

4. *Pira-ouassou*.

5. *Sapopem*.

6. *Ocarentin*, bonita aldeia.

7. *Oura suassou-onée*.

8. *Tentimen*.

9. *Cotina*.

10. *Pano*.

11. *Sarigoy*.

12. Uma xamada *Pedra* pelos Francezes, em razão de um pequeno roxedo, quazi do feitio de uma mó de moinho, que assinalava no bosque a entrada do caminho que la ia ter.

13. Outra xamada *Upec* pelos Francezes, porque avia ali muito caniço da India, a que os selvagens dam esse nome.

14. Item uma que denominamos Aldeia das Flexas, porque da primeira vez que ali fomos pelo mato atiramos muitas flexas sobre um páo seco grosso e alto, as quaes ali permaneceram cravadas, e assim o fizemos para depois mais facilmente axarmos o caminho.

As do lado direito sam :

15. *Keri-u*.

16. *Acara-u*.

17. *Morgouia-ouassou*.

As da ilha grande sam :

18. *Pindo-oussou*.

19. *Corouque*.

20. *Pirauuou*.

21. E outra, cujo nome me escapou da lembrança, entre *Pindo-oussu* e *Pirauuou*, na qual em certa ocazião ajudei a resgatar alguns prizioneiros.

22. Depois outra entre *Corouque* e *Pindo-oussu*, da qual me esqueci o nome.

Em outro logar ja dice como sam essas aldeias, e o feitio das cazas.

CAPITULO XXI

Nossa partida da terra do Brazil, xamada America, e tambem naufragios e primeiros perigos, de que escapamos no nosso regresso por mar.

§ 1. Para bem compreender o motivo da nossa partida da terra do Brazil, cumpre trazer á memoria o que eu dice no fim do capitulo 6, a saber, que depois de estarmos oito dias na ilha, onde permanecia Nicoláo de Villegagnon, ele, incitado por sua rebeldia contra a religião reformada, arrogando autoridade sobre nós, e não podendo domar-nos pela força, coagio-nos a sair dali; retiramos-nos por isso para a terra firme e buscamos o lado esquerdo ao entrar no rio de Ganabara, tambem xamado Geneure, na distancia de meia legoa do fortim de Coligni situado na dita ilha, fixando-nos no lugar que xamamos Olaria (Briqueterie), onde estivemos quazi dois mezes em cazinholas, que os operarios francezes tinham construido para abrigo seo, quando iam á pescaria, ou iam tratar de quaesquer outros negocios.

Durante esse tempo os senhores de Lachapelle e Boissi, que tinhamos deixado com Nicoláo Villegagnon, o abandonaram pela mesma cauza, pela qual o tinhamos feito, a saber, porque ele tinha voltado costas ao Evangelho, vieram reunir-se á nossa companhia, e foram compreendidos no ajuste das 600 libras tornezas e viveres do paiz, que tinhamos prometido pagar e fornecer, como fizemos, ao mestre do navio, em que atravessamos o mar.

§ 2. Na fórma do que em outra parte prometi, cumpre, que eu, antes de proseguir, declare já como

Nicoláo de Villegagnon portou-se para comnosco por ocazião da nossa partida da America.

Constituindo-se vice-rei d'esse paiz, todos os maritimos francezes, que por ali viajavam, não ouzavam fazer couza alguma sem o seo consentimento. Emquanto o navio em que regressamos, estava ancorado no porto d'esse rio de Geneure, onde carregava para partir, não só Nicoláo de Villegagon mandou-nos licença assinada de seo punho, mas tambem escreveo uma carta ao mestre do dito navio, pela qual lhe declarava, que por cauza d'ele não opozesse dificuldade em transportar-nos.

Ahi dizia ele dolozamente: — Pois assim como alegrei-me com a sua vinda, pensando encontrar o que buscava, assim tambem fico contente, que eles voltem, visto não estarem de acordo comigo.

Sob este especiozo pretesto tinha traçado a traição, que ouvireis; e foi, que, dando a esse mestre de navio uma pequena caixa envolta em pano encerado (por cauza do mar) contendo cartas dirigidas a varios personagens, incluira tambem um processo formado contra nós e sem siencia nossa, com ordem expressa ao primeiro juiz, a quem fosse entregue em França, para prender-nos e fazer-nos queimar como ereticos, que ele dizia sermos.

D'esta sorte em recompensa dos serviços, que lhe tinhamos prestado, ele selava e firmava a nossa licença com esta deslealdade, a qual todavia Deos por sua admiravel providencia converteo em alivio nosso, e confuzão do traidor, como adiante se verá.

§ 3. Ora, depois que este navio, que denominava-se *Jacques*, carregou de páo-brazil, pimentão, algodão, bugios, saguins, papagaios e outras couzas raras da terra, com que a maior parte dos passageiros tinham-se premunido, embarcamos em regresso para a Europa a 4 de Janeiro de 1558, dia da natividade.

Antes porém de encetarmos a viagem, afim de dar melhor a entender, que Nicoláo de Villegaignon é a cauza unica de não se terem os Francezes antecipado e permanecido n'esse paiz, não devo esquecer-me de dizer, que um tal Fariban de Rouan, que era o capitão do navio, empreendeo a sua viagem, por solicitação de varios personagens

notaveis, adeptos da religião reformada no reino de França, com o propozito de vir explorar a terra e escolher sitio para morar; e declarou-nos, que n'esse anno se ouvéra deliberado a passar 700 a 800 pessoas em grandes urcas* de Flandres para começar a povoação do lugar, onde estavamos, si não fôra a rebeldia de Nicoláo de Villegagnon.

Com efeito creio firmemente, que si isso não tivesse acontecido, e si Nicoláo de Villegagnon se tivesse mantido fiel, estariam ali mais de 10.000 Francezes, os quaes além da bôa defeza, que prestariam á nossa ilha e ao nosso fortim contra os Portuguezes, que jamais o teriam podido tomar, como o fizeram depois do nosso regresso, possuiriam agora sob a obediencia do rei estensa região na terra do Brazil, a qual n'este cazo com toda a razão poderia continuar a xamar-se França antartica.

§ 4. Volto agora ao meo assunto. Como o navio mercante, em que regressamos, era de mediana capacidade, o mestre d'ele, xamado Martim Boudouin, do Havre de Grace, tinha apenas 25 marinheiros e mais 15 individuos da nossa companhia, formando tudo o numero total de 45 pessoas; e logo no mesmo dia 4 de Janeiro levantamos ancora, e pondo-nos sob a proteção de Deos, começamos a navegar n'esse grande e impetuozo mar Oceano do ocidente.

Não o fizemos todavia sem grandes temores e apreensões; pois, por cauza dos trabalhos passados na ida, muitos dentre nós, encontrando ali meios de servir a Deos, como dezejavamos, e tambem tendo experimentado a bondade e fertilidade da terra, não teriam deliberado regressar á França, onde as dificuldades eram então, e ainda sam incomparavelmente muito maiores, tanto em referencia á religião como a respeito das couzas concernentes a esta vida, si por ventura os não movêra o máo tratamento recebido de Nicoláo de Villegagnon.

Assim dizendo adeos á America, aqui confesso pelo que me respeita, que amei, e ainda amo a minha patria;

---

* Especie de embarcação olandeza.

todavia vejo a pouca e quazi nenhuma fidelidade, que alî encontramos, e o que peior é, as deslealdades de que uzam uns para com os outros, bem como que tudo entre nós agora está italianizado e só consiste em dissimulações e palavras vans; por isso lamento muitas vezes não axar-me entre os selvagens, nos quaes, como amplamente demonstrei n'esta istoria, reconheci mais franqueza do que em muitos patricios nossos, os quaes para a propria condenação trazem o rotulo de cristãos.

§ 5. Ora no começo da nossa navegação era-nos precizo dobrar os grandes baixos, isto é, uma ponta de areia e pedras, avançada quazi trinta legoas pelo mar e assás temida dos marinheiros; e porque o vento servia mal para afastar-nos de terra sem costeal-a, como convinha, estivemos a ponto de arribar.

Todavia depois de andarmos vagando por espaço de sete a oito dias, e sermos atirados para um e outro lado por esse máo vento, que não nos adiantava a marxa, sucedeo, quazi á meia noite (mal muito peior do que os precedentes), que, fazendo os marinheiros o quarto do costume, abrisse agua na popa do navio, e embora ali se conservassem por muito tempo, até contarem mais de 4.000 zonxaduras (os que frequentam o mar Oceano com os Normandos compreendem bem este termo), não poderam esgotar nem estancar a agua.

Depois de cansados de tocar a bomba, o contra-mestre para verificar d'onde provinha a agua, deceo pela escotilha do navio, e não só o axou aberto em varios pontos, mas tambem já tam xeio d'agua (entrando sempre com violencia) que com o pezo já não governava, e começava a afundar pouco a pouco.

§ 6. Assim ninguem deve perguntar, si o fato cauzou estremo assombro a todos nós, quando fomos despertados e soubemos do perigo, que corriamos; e na verdade parecia tam evidente, que a todo o instante nos submergiriamos, que muitos, perdida toda a esperança de salvação, ja faziam conta de morrer e ir ao fundo.

Todavia quiz Deos, que alguns passageiros, em cujo numero entrei eu, rezolutos a prolongar a vida, quanto podessem, tomassem tal coragem, que com duas bombas

sustentaram o navio até meio-dia, isto é, perto de doze oras, durante as quaes a agua entrou no navio com tanta abundancia, que, ainda sem descanso de um minuto, não o podemos esgotar com as ditas duas bombas; e porque a agua enxarcára o páo-brazil, de que o navio ia carregado, corria pelos canaes tam vermelha como sangue de boi.

§ 7. Durante esta diligencia requerida pela necessidade, empregavamos todo o esforço para volvermos á terra dos selvagens, a qual não distava muito, e a avistamos quazi pelas onze oras do mesmo dia; e deliberados a salvar-nos, si podessemos, dirigimos-nos para o cabo fronteiro.

Entretanto os marinheiros e o carpinteiro, que estavam debaixo do convés, procurando os rombos e as fendas por onde entrava agua, que tam violenta nos salteava, tanto trabalharam com toucinho, xumbo, panos e outras couzas, largamente empregadas, que entupiram os buracos mais perigozos; de sorte que quando ja não podiamos mais, fomos um pouco aliviados do nosso trabalho.

Todavia depois que o carpinteiro revistou bem o navio, dice. que esté era muito velho e carcomido dos vermes, e não tinha rezistencia para fazer a viagem, que empreendiamos, e foi seo parecer, que voltassemos ao ponto, d'onde vinhamos, para ali esperarmos a vinda de outro navio de França, ou que fizessemos navio novo: o que foi muito debatido.

§ 8. Objetava porem o mestre, que bem via, que, si voltasse para terra, os marinheiros o abandonariam, e que preferia (tam pouco assizado era) arriscar a vida a perder assim o seo navio e mercadorias, e concluio no propozito de proseguir na sua derrota apezar do perigo manifesto.

Dice, que, si o senhor Dupont e demais passageiros, que estavam sob o seo governo, queriam regressar ao Brazil, lhes daria uma barca; ao que o senhor Dupont imediatamente respondeo, que estava rezolvido a seguir para França, e por isso aconselhava a todos os seos camaradas a fazer a mesma couza.

Então manifestou o mestre, que, alem do perigo da navegação, ele previa, que estariamos no mar por muito tempo, e que não avia bastantes viveres no navio para alimentar a todos que n'ele estavam; por isso seis companheiros, considerando por um lado o naufragio, e por outro a fome, que se nos antolhava, deliberamos voltar á terra dos selvagens, da qual apenas distavamos nove ou déz legoas.

§ 9. E com efeito para realízar este dezignio pozemos apressadamente o nosso fato na barca, que nos foi dada, com alguma farinha de mandioca e bebidas. Quando nos despedimos dos nossos companheiros, um d'eles, penalizado pela minha partida, e impelido por singular afeição da amizade, que me votava, estendeo-me a mão para a barca, onde eu estava, e dice-me. — Peço-vos, que fiqueis comnosco; pois embora não saibamos si poderemos aportar em França, comtudo mais esperança temos de salvarnos do lado do Perú, ou em alguma ilha, que possamos encontrar, do que si retrocedermos para Nicoláo de Villegagnon, o qual, como podeis imaginar, jamais vos deixará aqui em socego.

O tempo não permitia longos discursos, e atentas estas observações deixei na barca parte da minha bagagem, subi aceleradamente para o navio, e d'este modo fui prezervado do perigo, que meo amigo previra, como vereis.

Quanto aos outros cinco, cujos nomes convem aqui especificar, a saber, Pedro Bourdon, João Bordel, Mateos Verneuil, André Lafon, e Tiago Leballeur, despediram-se xorozos de nós e voltaram para a terra do Brazil, onde aportaram com grande dificuldade; e voltando a ter com Nicoláo de Villegagnon, este mandou matar os trez primeiros por cauza da confissão do Evangelho, como no fim d'esta istoria direi.

§ 10. Assim preparados e dando vélas ao vento, buscamos novamente o mar n'esse velho e máo navio, no qual como em verdadeiro sepulcro, esperavamos mais a morte do que a vida.

E com efeito, além de passarmos os ditos baixos com muita dificuldade, tivemos continuas tormentas durante

todo o mez de Janeiro, e o nosso navio não cessava de fazer grande quantidade d'agua; si não estivessemos sempre prontos para tocar a bomba, teriamos, para assim dizer, perecido cem vezes no dia. Assim por muito tempo navegámos entre tormentos sucessivos. Depois de toda essa fadiga, estavamos afastados de terra firme mais de 200 leguas, quando avistamos uma ilha dezabitada, redonda como uma torre, a qual, no meo entender, teria meia legoa de circuito.

Quando a costeavamos e a deixavamos á esquerda, vimos, que a ilha era xeia de arvoredo verdejante n'este mez de Janeiro, e tambem observamos, que d'ela sahia multidão de aves, muitas das quaes vinham pouzar nos mastros do nosso navio, e deixavam-se apanhar á mão; de sorte que vendo isto assim de longe dirieis ser um pombal.

Esvoaçavam passaros pretos, pardos, esbranquiçados e de outras côres, os quaes no vôo pareciam volumozos; mas quando apanhados e depenados, não aprezentavam mais carne do que um pardal.

§ 11. Na distancia de quazi duas legoas, á mão direita, divulgamos roxêdos levantados sobre o mar tam pontudos como sinos; o que incutia-nos grande temor de aver alguns á flôr d'agua, contra os quaes fôsse o nosso navio roçar, sendo nós obrigados a estancal-o, si tal acontecesse.

Durante toda a nossa viagem de cinco mezes, que passamos no mar em regresso, não vimos outra terra além d'estas ilhotas, as quaes os nossos mestres e pilotos não axaram ainda assinaladas nas suas cartas maritimas; e possivel é não terem jamais sido descobertas.

§ 12. No fim do mez de Fevereiro tinhamos xegado a 3 gráos da linha equinocial, pois perto de sete semanas tinham-se passado sem avermos feito a terça parte do caminho, e entretanto os nossos viveres diminuiam assás, por isso estivemos em deliberação, si deviamos arribar ao cabo de São-Roque, abitado por certos selvagens, dos quaes, conforme diziam alguns dos nossos companheiros, não avia meio de obter refrescos.

Foi a maioria dos consultores de parecer, que, para poupar os viveres, era preferivel matar parte dos bugios

e papagaios que traziamos e seguir avante; o que foi executado.

§ 13. Ja declarei no capitulo 4 as aflições e trabalhos, que tivemos na ida, ao aproximar-nos do equador; mas vendo por experiencia que sam menores os embaraços voltando do lado do polo antartico para cá (o que mui bem sabem todos os que passaram a zona torrida), acrecentarei aqui o que me parece dever naturalmente cauzar taes dificuldades.

Supondo pois que esta linha equinocial, tirada de léste a oéste, seja como o dorso e espinhaço do mundo para aqueles que viajam do norte para o sul, e reciprocamente (pois bem sei, que não existe alto nem baixo em uma bola considerada em si) digo, que para xegar ahi de uma e outra parte, não basta somente o trabalho de subir a esta sumidade do mundo, mas tambem sucede, que as correntes maritimas, que podem vir dos dois lados sem alias as percebermos no meio de tamanho abismo das aguas, e tambem os ventos inconstantes que saem d'esse ponto, como de seo centro, e sopram em sentido oposto, repelem os navios em viagem de tal sorte que estas trez couzas, no meo entender, fazem com que o equador seja assim de dificil accésso; e o que me confirma n'esta minha opinião é, que, quando na ida xegamos a quazi um gráo alem da linha equinocial, ou no regresso um gráo aquem d'ela, os marinheiros jubilozos por terem, para assim dizer, transposto este salto, agouram bem da viagem, e exortam-se a regalar-se com refrescos, isto é, com tudo aquilo que tinham sempre cuidadozamente guardado na incerteza de poderem ou não passar além.

De maneira que quando os navios estam no declivio do globo, como si corresse para baixo, não sam impedidos do modo porque o foram na subida.

§ 14. Acrecente-se a isto, que todos os mares communicam-se uns com os outros, sem que pelo admiravel poder e providencia de Deos cubram a terra, embora eles sejam mais altos e fundamentados n'ela, antes apenas as dividem em muitas ilhas e parcelas, as quaes igualmente considero estarem conjuntas e como ligadas por meio de raizes, si assim podemos falar, lançadas na profundeza e

interior dos abismos: este grandiozo montão d'aguas, está assim suspenso com a terra girando sobre dois quicios (os quaes imagino nos dois quadrangulos opostos aos dos pólos, de sorte que os quatro formam dois cruzeiros em roda e em semi-circulo, que volteam toda a esfera) em perpetuo movimento, como o demonstram as maiés e o fluxo e refluxo do mar; e como esse movimento geral tem seo ponto de partida debaixo da linha equinocial, é certo, que, quando o emisferio das aguas meridionaes, em relação a nós, avança, volvendo-se até as estremidades e limites, que lhe sam prescritos, o emisferio setentrional recúa outro tanto; por isso aqueles que estam no meio e na cintura da bola, sam sacudidos e agitados como si estivessem sobre algum ponto culminante ou alça, que constantemente abaixa e ficam d'este modo impedidos de avançar.

A tudo isto acrecento o que já apontei em outro lugar, a saber, que a intemperança do ar, e as calmarias, que frequentes reinam no equador, prejudicam-nos assás, e forçam-nos a permanecer por muito tempo nas suas proximidades e perto d'ele sem o podermos atingir.

§ 15. Eis sumariamente e de passagem o meo parecer sobre esta importante materia, que aliás julgo tam questionavel, que só a póde bem compreender quem creou esta grande machina redonda composta de agua e terra, e miracalozamente a sustem suspensa nos ares; por isso estou certo que nenhum omem, por mais sabio que seja, poderá discorrer em contrario sem estar sugeito á correção.

Na verdade poderiamos com aparente razão contraditar a maior parte dos argumentos, que formalizam nas escolas, e não sam aliás inuteis para aguçar as inteligencias; devendo-se todavia considerar tudo isso como couza secundaria e não como razão suprema, como pretendem os atêos.

Em concluzão nada absolutamente creio a este respeito sinão o que dizem as santas Escrituras; pois como elas procedem do espirito d'aquele de quem toda a verdade depende, tenho por unica indubitavel a autoridade d'elas.

§ 16. Proseguimos em nosso caminho e tendo-nos pouco a pouco e com dificuldade aproximado do equador,

o nosso piloto alguns dias depois tomou altura no astrolabio, e assegurou, que estavamos exatamente n'essa zona e cintura do mundo no dia equinocial, em que o sol ahi entrava, a saber a 11 de Março; * o que dice nos ele por obzequio e como couza poucas vezes acontecida a outros navios.

Daqui já se vê, que n'este lugar tinhamos o sol no zenit e em linha vertical sobre a cabeça; e deixo cada qual julgar quam extremo e intenso calor sofriamos então.

Em outras estações o sol, correndo alternadamente de um e outro lado para os tropicos, desvia-se e afasta-se d'essa linha; portanto impossivel é axar-se em parte alguma do mundo, quer no mar, quer em terra, onde faça mais calor do que no equador; e fico, para assim dizer, mais que maravilhado do que dice alguem, que reputo digno de fé, e escreveo acerca de certos Espanhoes. Refere esse escritor, que, passando taes individuos em certa região do Peru, ficaram surpreendidos de ver nevar sob a linha equinocial, e com grande fadiga e trabalho atravessaram montanhas situadas debaixo d'essa linha cobertas de neve, experimentando ahi frio tam violento que muitos d'eles ficaram enregelados.

§ 17. Não vejo fundamento na comun opinião dos filozofos, a saber, que a neve forma-se na região media do ar, si atendermos, que o sol, dando perpetuamente aprumo n'esta linha equinocial e sendo portanto o ar sempre calido, não póde naturalmente sofrer, e menos congelar a neve; e nem a respeito de similhante clima se me póde objetar a altura das montanhas e a frialdade da lua, salvo a correção dos doutos.

Portanto concluo de minha parte, que este cazo é extraordinario e constitue excéção na regra de filozofia; assim creio, que não temos solução mais certa para esta questão sinão a que o proprio Deos aprezentou a Job, quando, para mostrar que os omens, por mais subtis que sejam, não xegariam a compreender todas as suas magnificentissimas obras, e menos a perfeição d'elas, dice

---

* Ja observamos em nota anterior cair atualmente o equinocio em 21 de Março em razão da reforma gregoriana do calendario cristão.

entre outras couzas: — Entraste nos tezouros da neve? Viste tambem os tezouros do granizo?

Como si o Eterno, esse grande e excelentissimo obreiro, dicesse ao seo servo Job: — Em que celeiro tenho eu essas couzas, conforme o teo endendimento? Darias a razão d'isso? Não, de certo; não te é possivel, pois não és bastante sabio.

§ 18. Voltando agora ao meo assunto, direi, que depois que o vento sudoéste impelio-nos e tirou-nos d'esses grandes calores, no meio dos quaes eramos assados como no purgatorio, avançamos e começamos novamente a ver o nosso pólo artico, cuja elevação tinhamos perdido, avia mais de um anno.

Para evitar porém prolixidade, envio os leitores aos discursos já feitos anteriormente, quando tratei das couzas notaveis, que vimos na ida, e não reitero aqui o que já referi, quer sobre os peixes voadores, quer sobre outros peixes monstruozos e sarapintados de diversas especies, que se encontram na zona torrida.

Assim para proseguir na narração dos estremos perigos, de que Deos nos livrou no mar durante a viagem de regresso, direi, que foi um d'eles a contenda entre o nosso contra-mestre e o nosso piloto, sucitada porque nem um nem outro, por mutuo despeito, desempenham os deveres de seo cargo.

A 26 de Março o dito piloto fazia o seo quarto, isto é, vigiando por trez óras, conservava levantadas e abertas todas as vélas, sem acautelar-se contra *un grain*, isto é, um furacão, que se preparava, e deixou cair sobre as vélas (que deveria ter com antecedencia mandado ferrar) com tal impeto que derriou o navio sobre o costado a ponto de mergulhar os cestos de gavea e a ponta dos mastros, e atirou ao mar os cabos, copoeiras das aves e todos os mais objétos, que não estavam bem amarrados, os quaes perderam-se, e pouco faltou para virarmos de crena.

Todavia depois de cortadas a toda pressa as enxarcias e escotas da vela grande o navio aprumou-se pouco a pouco; mas, como quer que seja, o tivemos por perdido, e bem podemos dizer, que só por milagre o vimos salvo.

Entretanto nem por isso os dois cauzadores do mal quizeram conciliar-se, não obstante os rogos de todos; pois ao contrario, apenas passou o perigo, a sua ação de graças foi engalfinharem-se e baterem-se com tal furia, que julgamos, que se matassem na luta.

§ 19. Ainda tivemos novo perigo. Alguns dias depois correo o mar calmo; e o carpinteiro e outros marinheiros, durante essa tranquilidade, pensaram em aliviar-nos e livrar-nos do trabalho, em que lidavamos de dia e de noite, tocando a bomba; por isso procuraram no porão do navio os buracos, por onde entrava agua, e sucedeo, que, mexendo em um d'eles, que tentavam concertar no fundo do navio perto da quilha, despegou-se uma peça de madeira de quazi um pé em quadro, por onde a agua entrou em tanta quantidade e com tal rapidez, que obrigou os marinheiros a deixar o lugar, abandonando o carpinteiro, e subindo para o convez, onde estavamos, e sem poderem referir o fato, gritavam: — Estamos perdidos, estamos perdidos!

Pelo que vendo o capitão, mestre e piloto evidente perigo, trataram de dezamarrar e pôr ao mar com toda a pressa a barca, e mandaram alijar os toldos do navio, que nos abrigavam, e grande quantidade de páo-brazil e outras mercadorias no valor de 1.000 francos, deliberados a deixar o navio e salvar-se na barca. O piloto, temendo que o grande numero de pessoas, que arrojavam-se na barca, fizesse carga excessiva, saltou n'ela com um grande cutelo na mão, e dice, que cortaria os braços do primeiro que pretendesse entrar.

Assim vendo-nos dezamparados á mercê das ondas, conforme nos parecia, lembramos-nos do primeiro naufragio, de que Deos nos livrára; e rezolvidos a morrer e a viver, empregamos todas as forças em esgotar a agua afim de sustentar e impedir o navio de afundar-se: tanto trabalhamos que a agua não nos superou.

§ 20. Nem todos foram corajozos, pois a maior parte dos marinheiros, só entretidos em beber á farta, e todos dezatinados, temiam por tal modo a morte, que não se importavam com couza alguma.

Estou certo, que si os rabelistas, * escarnecedores e desprezadores de Deos, que em terra e sentados á meza tagarelam e motejam ordinariamente dos naufragios e perigos, em que muitas vezes axam-se no mar os viajantes, aqui estivessem, os seos gracejos se transmudariam em pavorozo assombro; por isso não duvido, que muitos d'aqueles que lerem isto e os demais perigos de que já fiz e ainda farei menção, e pelos quaes passamos n'esta viagem, dirão conforme o proverbio: — Ah! quanto é bom plantar couves, e quanto melhor é ouvir discorrer sobre o mar e os selvagens do que ir vel-os!

Oh! quam sabio era Diogenes em apreciar aqueles que, tendo deliberado navegar, todavia não navegavam!

Entretanto ainda não estava tudo acabado; e porque, quando isto nos aconteceo, estavamos a mais de 1.000 legoas do porto, que bascavamos, ainda tivemos de sofrer muitos outros males e passamos por grande fome, a que muitos sucumbiram, como adiante vereis; todavia eis aqui como nos livramos do prezente perigo.

O nosso carpinteiro, mancebo animozo, não abandonara o porão do navio, como os marinheiros, antes pelo contrario meteo o seo capote de marujo no grande buraco que se abrira, e conservou-se com ambos os pés em cima d'ele para rezistir ao impulso d'agua, a qual, como depois nos dice, muitas vezes o arredou com a sua impetuozidade. N'esta pozição gritou quanto pôde para os que, amedrontados, estavam no convez, pedindo que lhe levassem roupas, redes de algodão, e outras couzas proprias para impedir a entrada d'agua, quanto fôsse possivel, emquanto ele concertava a peça, que se tinha levantado; e sendo assim socorrido, fômos salvos por esforço seo.

§ 21. Depois d'isto tivemos ventos tam insconstantes, que o nosso navio era impelido e corria ora para léste, ora para oéste (que não era o nosso caminho, pois buscavamos o sul), e o nosso piloto, aliás pouco entendido no seo oficio, não soube mais dirigir o rumo, e assim navegamos incertos até sob o tropico de Cancer.

* Sectarios do escritor satirico Francisco Rebelais. O autor emprega a expressão *rabelistes*.

N'essa paragem, por espaço de quazi quinze dias, andamos por entre ervas, que fluctuavam no mar, tam espessas e em tamanha quantidade que, si as não tivessemos cortardo a maxado para abrir caminho ao navio, que com dificuldade as rompia, creio, que ali ficariamos detidos.

E porque essa relva tornava o mar algo turvo, ocorreo-nos a idéa de estarmos em lagoas lamacentas, e conjeturamos, que deveriamos estar perto de ilhas; mas não obstante lançarmos a sonda com mais de 50 braças de corda, não axamos fundo nem margem, e ainda menos descobrimos terra alguma; a respeito do que, citarei o que o istoriador indiano escreveo sobre este objéto.

Ele diz :—Cristovão Colombo na primeira viagem que fez para o descobrimento das Indias, que foi no anno de 1492, refrescou em uma das ilhas das Canarias, e depois de ter singrado por muito dias encontrou tanta relva que parecia verdadeiro prado; o que incutio-lhe medo, embora nenhum perigo ouvésse.

Ora, para descrever estas ervas marinhas, de que fiz menção, cumpre dizer, que elas ligam-se entre si por longos filamentos como *hedera terrestris*, fluctuando no mar sem raizes, tendo as folhas mui similhantes ás da arruda dos jardins, baga redonda e não maior do que a do zimbro; sam de côr alvacenta ou esbranquiçada como feno seco; no demais, tanto quanto observamos, não offerecem perigo ao tacto, como sucede com certas imundices vermelhas, que varias vezes vi no mar, com o feitio de crista de galo, as quaes eram tam venenozas e pestilenciaes, que apenas as tocavamos, a mão ficava rubra e inxada.

§ 22. Tendo agora falado da sondá, da qual muitas vezes ouvi referir contos, que parecem extrahidos do livro das rócas *, a saber, que os navegantes a deitam ao fundo do mar e trazem na extremidade d'ela terra, por meio da qual conhecem a região, onde se axam, cabe-me declarar, que isto é falso em relação ao mar do ocidente, e vou dizer o que vi, e para o que serve a sonda.

---

* O autor diz :—*Livre des quinouilles.*

A sonda é um aparelho de xumbo do feitio do pão meião do jogo da malha, com que os rapazes ordinariamente folgam nas praças e nos jardins. Furado na extremidade despontada, os marinheiros passam e amarram a corda necessaria, e põem sebo ou outra qualquer gordura na extremidade inferior.

Quando se aproximam do porto ou julgam estar em sitio, onde possam ancorar, a soltam e deixam correr para baixo ; e quando a suspendem, si vêem cascalho pegado e seguro n'essa gordura, sinal é de aver bom fundo ; mas si pelo contrario nada traz, concluem ser lama ou pedra, onde a ancora não póde agarrar e prender, e vam sondar adiante.

Foi o que eu quiz dizer de passagem para reparar o sobredito erro; pois além de testimunharem todos aqueles que têem estado no grande mar Oceano ser absolutamente impossivel axar-lhe fundo, ainda quando, para assim dizer, dispuzessemos de toda a cordoalha do mundo, é certo, que, quando venta, somos forçados a andar sem pauza de dia e de noite, e em tempo calmo a fluctuar e parar de repente, porque os navios não podem andar a remo como as galés ; donde se vê, digo, que, sendo insondaveis esses pégos e abismos, é pêta dizer-se, que a sonda traz terra para conhecermos em que situação nos axamos.

Por tanto si isto acontece em outros mares, como no Meditarraneo, ou em terra, tranzitando nos dezertos da Africa, onde tambem o viajante dirige-se pelas estrelas e pela bussola, conforme vemos escrito, não o contesto ; mas em relação ao mar do ocidente, sustento ser verdade o que acabo de dizer.

§ 23. Sahimos d'esse mar relvozo ; e como temiamos ser ali encontrados por piratas, não só assestamos quatro ou cinco peças de artilharia de ferro, que estavam no nosso navio, mas tambem para defender-nos em cazo de necessidade preparamos alcanzias e outras munições belicas que tinhamos.

Todavia por cauza d'isso eis que novo perigo sobreveio : pois quando o nosso artilheiro secava a polvora em uma panela de ferro, deixou-a por tanto tempo no fogo que ela encandeceo, a polvora inflamou-se, e a

flama correo de uma a outra estremidade do navio por tal fórma, que estragou velas e maçame, e por pouco não pegou fogo na gordura e breo, de que o navio estava untado e alcatroado, com risco de sermos todos queimados no meio das aguas.

Com efeito um grumete e mais dois marujos ficaram tam maltratados das queimaduras, que um d'eles morreo poucos dias depois.

Por minha parte, si eu não tivesse tam rapidamente levado ao rosto o meo boné de bordo, teria ficado com a face ofendida ou queimada; mas tendo-me assim abrigado livrei-me de ter a ponta das orelhas e os cabelos xamuscados; e isto aconteceo-nos talvez aos 15 de Abril.

§ 24. Tomemos folego aqui, e eis-nos até agora, por graça de Deos, não só escapos dos naufragios e das ondas, em que por muitas vezes julguei ficarmos submergidos, como estaes informados, mas tambem livres do fogo que quazi nos devora.

CAPITULO XXII

Fome estrema; tormentas e outros perigos, de que Deos prezervou-nos em nosso regresso á França.

§ 1. Ora, depois que todas as sobreditas couzas aconteceram, sahimos das brazas e cahimos na lavareda, como se costuma dizer.

Ainda distavamos da França mais de 500 legoas, quando a nossa provizão ordinaria de bolaxa e outros viveres e bebidas, que ja era pouca, foi subitamente reduzida á metade.

O retardamento da viagem não proveio sómente do máo tempo e ventos contrarios, que tivemos; pois, como ja dice, o piloto por não ter dirigido bem a derrota, enganou-se por tal forma que quando nos dice, que nos aproximavamos do cabo Finisterra (que jaz na costa de

Espanha), estavamos ainda n'altura das ilhas dos Açores, * que ficam a mais de 300 legoas do dito cabo.

Este erro pois em materia de navegação deo cauza a que no fim do mez de Abril estivessemos inteiramente desfalcados de todos os viveres ; de sorte que por ultimo já se sacudia e varria o paiol, isto é, o cubiculo caiado e engessado, onde guarda-se a bolaxa nos navios, no qual axavam-se mais vermes e bostas de ratos do que migalhas de pão, que todavia repartiamos ás colheradas, e mandavamos fazer papa, a qual era tam preta e amarga como fuligem ; por onde podeis avaliar, si teria agradavel paladar.

Aqueles que ainda tinham bugios e papagaios (pois muitos já anteriormente tinham comido os seos) para ensinal-os a dizer palavras, que ainda não sabiam, os conservaram no gabinete da memoria, e os entregaram para servir de alimentação.

Em suma desde principio do mez de Maio todos os viveres ordinarios faltaram entre nós, e morrendo dois marinheiros de idrofobia da fome, foram sepultados no mar, conforme o estilo maritimo.

§ 2. Durante a fome a tormenta continuou de dia e de noite por espaço de trez semanas ; e por cauza do mar levantado e agitadissimo não só fomos obrigados a ferrar todas as vélas e amarrar o leme, mas tambem, por não podermos dirigir o navio, foi precizo entregal-o á discrição das ondas e dos ventos ; de maneira que isto impedio-nos em todo esse tempo, e com grande detrimento nosso, de poder pescar um só peixe.

Emfim eis-nos de novo expostos á repentina e orroroza fome, assaltados d'agua por dentro, e atormentados das vagas por fóra.

Como aqueles que não têm andado no mar, principalmente em tal emergencia, apenas viram metade do mundo, cumpre aqui repetir, que com razão dice o salmista a respeito dos marinheiros, que eles, fluctuando, subindo e

* O autor escreve : — *Essores*.

decendo em tam terrivel elemento, e subzistindo no meio da morte, viam realmente os maravilhas do Eterno.

Entretanto não pergunteis, si os marinheiros papistas, vendo-se em tal estremidade, prometiam, si conseguissem xegar á terra, oferecer a São Nicoláo uma imagem de cera do tamanho de um omem, e faziam outros estupendos votos; mas isto era gritar por Baal, que nada ouvia.

Nós outros aliás julgavamos muito melhor recorrer a aquele, cujo auxilio tantas vezes tinhamos experimentado, como o unico, que, sustentando-nos extraordinariamente durante a fome, podia mandar ao mar, e aplacar a tempestade, a ele por isso, e não a outros, nos dirigiamos.

§ 3. Ora, estavamos já tam magros e debilitadss que apenas podiamos suster-nos de pé para fazer as manobras do navio; todavia a necessidade no meio d'esta asperrima fome sugeria a cada um pensar e refletir com madureza sobre o modo porque podesse enxer o ventre. Lembraram-se alguns de cortar pedaços de rodelas feitas de couro do animal xamado tapirussú, já mencionado n'esta istoria, e os fizeram fever n'agua, imaginando poder comel-os d'este modo; esta receita porém não aproveitou.

Por este motivo outros, que por seo lado tambem buscavam todas as invenções, de que podiam lembrar-se para remediar a fome, puzeram pedaços d'essas rodelas de couro nas brazas, e depois de as tostarem, rasparam com faca a parte queimada; o que deo tam bom rezultado que aqueles, que comiam essa raspagem, declaravam parecer torresmos de toucinho.

Assim feito o ensaio, quem tinha rodelas logo as aprezentava; e porque eram tam duras como couro seco de boi, foram todas cortadas em pedaços com fouces e outras ferramentas; e aqueles, que traziam pedaços em azelhas de seos pequenos sacos de pano, não lhes davam menos importancia do que entre nós os grandes uzurarios cá em terra dam ás suas bolsas rexeadas de escudos.

§ 4. Assim como Flavio Jozefo diz, que os sitiados na cidade de Jeruzalem alimentaram-se com as correias e couro dos seos broqueis, assim tambem entre nós alguns xegaram a comer suas gravatas de marroquim e a sola dos

sapatos ;e os pagens e grumetes do navio, apertados pela furia da fome, comeram todos os xavelhos das lanternas, de que sempre existe grande numero nas embarcações, e quantas vélas de sebo puderam apanhar.

Não obstante porem a nossa debilidade, precizo era com supremo esforço estarmos constantemente tocando a bomba, sob pena de irmos ao fundo, e bebermos mais do que tinhamos para comer.

§ 5. Aos 5 dias de Maio, ao pôr do sol, vimos rutilar e voar no espaço aereo um grande clarão de fogo, que produzio tal reverbero nas vélas do nosso navio, que julgamos terem-se elas incendiado ; todavia sem danificar-nos, passou em um momento.

Si me perguntarem donde podia isso proceder, responderei, que a razão será tanto mais dificil de dar, quanto estando nós na altura das terras novas, onde se pesca o bacalháo, e do Canadá, regiões onde ordinariamente faz estremo frio, não podemos dizer, que o fenomeno proviesse das exalações calidas existentes no ar.

E afim de que sofressemos por todos os modos, fomos n'essas paragens batidos pelo vento de nordeste, quazi o verdadeiro nordeste,* o qual cauzou-nos tal frio, que durante mais de quinze dias não tivemos alivio.

§ 6. Aos 12 do dito mez de Maio, conforme a minha lembrança o nosso artilheiro, ao qual, antes de desfalecer, vi comer as tripas cruas de um papagaio, por fim morreo de fome, e foi, como os precedentes finados da mesma molestia, lançado e sepultado no mar; e a sua falta quanto ao seo encargo foi tam indiferente, que, si fossemos assaltados, em vez de defender-nos, dezejariamos antes ser aprezados e levados por qualquer pirata que nos désse de comer ; tam extenuados nos axavamos!

Como porém aprouve a Deos afligir-nos em toda a prolongação da nossa viagem de regresso, vimos apenas um navio, do qual nem nos podemos aproximar, quando o avistamos, por não nos permitir a nossa fraqueza aparelhar e erguer as velas.

---

* O testo diz:—*Fresque droite bise.*

Ora, faltando totalmente as rodelas, de que falei, todos os couros até da cobertura dos bahús, com tudo quanto em nosso navio axou-se capaz de alimentar, pensavamos ter xegado ao termo da nossa viagem.

§ 7. Mas a necessidade, inventora de todas as artes, despertou no animo de alguns caçar os ratos e ratazanas, os quaes mortos de fome, porque tinhamos-lhes tirado as migalhas e todas as demais couzas, que poderiam roer, corriam pelo navio em grande numero; foram tam perseguidos por meio de toda a sorte de ratoeiras ideadas pelo genio inventivo de cada um, e tam espreitados por olhos vigilantes como gatos, ainda quando sahiam de noite ao clarão da lua, que, por mais escondidos que estivessem, apenas algum escaparia vivo, como suponho.

Com efeito quando alguem apanhava um rato, julgava possuir couza mais valioza do que um boi em terra. Vi venderem cada peça por dois, trez até quatro escudos; e mais notavel é que tendo o nosso barbeiro apanhado dois de uma vez, um dos companheiros ofereceo-lhe, que, si lhe quizesse ceder um, no primeiro porto, a que xegassemos, vestil-o-ia dos pés até á cabeça; o que todavia o barbeiro não quiz aceitar, preferindo a vida ao vestuario.

Em suma tivemos de cozinhar ratos n'agua salgada com intestinos e tripas; e quem podia apanhar estas viceras, dava-lhes mais apreço do que ordinariamente damos em terra aos lombos do carneiro.

§ 8. Para mostrar, que então nada perdiamos, citarei entre outras couzas notaveis o seguinte.

O nosso contra-mestre apanhou um grande rato; e para cozinhal-o cortou-lhe as quatro patas brancas, as quaes deixou no convés; e logo um *quidam* as apanhou, apressadamente as foi assar nas brazas, e as comeo, dizendo nunca ter provado aza de perdiz mais saboroza.

E para tudo dizer em uma palavra, o que em tamanha penuria não teriamos comido ou antes devorado?

Pois em verdade para saciar-nos dezejariamos ossos velhos e outras iguaes imundices, que os cães carregam para os monturos; nem duvideis, que, si tivessemos ervas verdes, ou feno ou folhas de arvores, que aliás em terra poderiamos obter, nós as comeriamos como brutos animaes.

§ 9. N'isto não consiste tudo: pois no espaço de trez semanas, porque durou esta rigoroza fome, não tivemos noticias de vinho nem de agua doce, que desde muito tempo era racionada, nem já nosrestava para beber sinão um pequeno tonel de *cistre*: em consequencia do que os mestres e guardiães o poupavam, e regravam tanto, que ainda quando algum monarca estivesse comnosco n'este navio no meio de tamanha necessidade, não teria maior porção do que outro qualquer, a saber, um pequeno copo por dia.

Como eramos mais vexados pela sêde do que pela fome, não só quando xuvia estendiamos lençóes com uma bala de ferro no centro para distilar a agua da xuva, que d'este modo recolhiamos em vazilhas, mas tambem apanhavamos a agua, que escorria do convés; e embora esta agua fosse mais turva pelo alcatrão e sugidade dos pés do que a que corre nas ruas, nem por isso a deixavamos de beber.

§ 10. Em concluzão direi, que embora a fome que no anno de 1573 sofremos durante o cerco de Sancerre, deva ser colocada na ordem das mais terriveis de que jamais tenhamos ouvido falar, como se póde ver na istoria que imprimi d'esse cerco; todavia não faltou agua nem vinho, não obstante ser mais longa, como ali notei; e posso dizer, que ela não foi tam rigoroza como a fome de que aqui se trata; pois ao menos em Sancerre tinhamos algumas raizes, ervas bravias, rebentos de videira, e outras couzas, que em terra podiamos axar.

Aprouve a Deos abençoar as creações, e ainda aquelas que não entram no uzo comun da alimentação dos omens, como péles, pergaminhos e outras iguaes mercearias, cujo catalogo fiz, e de que vivemos n'esse assedio; e como experimentei, que isso tem valor em cazo de necessidade, devo declarar, que, si eu estivesse assediado em qualquer praça por amor de uma bôa cauza, não me renderia com temor da fome emquanto tivesse cabeções de couro de bufalo, vestuarios de camurça e couzas similhantes, em que existe suco ou umidade.

No mar porém, na viagem de que falo, estivemos reduzidos á estremidade de só termos páo-brazil, madeira

seca e sem umidade, e todavia muitos companheiros, urgidos pela mizeria, a mascavam na falta de outra couza : de sorte que o senhor Dupont, nosso condutor, mastigando um pedaço d'essa madeira em certa ocazião, diceme, soltando grande suspiro :—Ah ! de Leri, meo amigo, tenho em França uma partida de 4.000 francos ; e prouvéra a Deos podesse eu dal-a para ter um pão grosseiro e um copo de vinho.

Quanto ao mestre Pedro Richier, atualmente ministro da palavra de Deos na Roxéla, dirá esse bom omem, que por debilidade esteve durante a viagem estendido a fio comprido no seo pequeno belixe, sem poder erguer a cabeça para orar a Deos, a quem, apezar de prostrado como estava, fervorozamente invocava.

§ 11. Ora antes de terminar este assunto, direi aqui de passagem ter não só observado nos outros, mas tambem sentido em mim, durante essas duas rigorozissimas fomes, porque passei, e de que ninguem escapava, que, quando os corpos se extenuam, a natureza desfalece, os sentidos se alienam, e o animo dezaparece : isto não só torna as pessoas ferozes, mas tambem produz certa colera, que bem podemos denominar uma especie de raiva; de sorte que mui acertada é a comun opinião, quando diz :—*Fulano enraivece de fome*, querendo assim significar que alguem sofre falta de alimento.

Como a experiencia faz mais compreensiveis os fatos, não foi sem razão, que Deos na sua lei, ameaçando seo povo de mandar-lhe a fome, si o não obedecesse, diz expressamente,que fará com que o omem tenro e delicado, isto é, de indole alias benigna e branda, e antes de esfomeado infenso a atos crueis, se desnaturará por forma tal, que, encarando o proximo e até a propria espoza e filhos, apetecerá comer-lhes as carnes.

Entre exemplos por mim citados na istoria de Sancerre, de pais e mãis, que comeram os proprios filhos, como de soldados, que provando a carne de corpos umanos, mortos na guerra, depois confessaram, que, si a aflição continuasse, estavam deliberados a investir contra os vivos, posso assegurar, alem d'essas couzas prodigiozas, que durante a nossa fome no mar andavamos tam

pezarozos, que, si nos não contivesse o temor de Deos, não poderiamos falar uns com outros sem nos agastarmos; e o que peior era (e Deos nos queira perdoar) sem lançar olhadelas e esgares acompanhados de má dispozição tocante a esse acto barbaro.

§ 12. Ora, proseguindo na expozição do final da nossa viagem, cabe dizer, que iamos sempre em declinação, e a 15 e 16 de Maio morreram dois marinheiros, que finaram-se da idrofobia da fome.

Imaginaram alguns d'entre os nossos companheiros, que,atento o prolongado tempo que sem vêr terra vagavamos no mar, deviamos estar, para assim dizer, em novo diluvio, e os vimos lançar-se n'agua como alimentação dos peixes ; então já não esperavamos outra couza sinão ir logo após eles.

Entretanto não obstante este padecimento e inexprimivel fome, durante a qual, como já dice, foram comidos todos os bugios e papagaios, que traziamos, eu pude todavia até então guardar cuidadozamente um papapaio, que tinha, tam grande como um pato, bom falador e de linda plumagem,e porque muito dezejava conserval-o para prezentear ao senhor almirante, o tive por cinco a seis dias escondido, sem poder dar-lhe comida alguma ; mas tanto urgio a necessidade, e tal foi o receio de me o furtarem de noite, que passou pela sorte dos outros.

Lançadas fóra somente as penas, o corpo, tripas, pés, unhas e o bico adunco serviram para mim e alguns amigos meos irmos vivendo por trez ou quatro dias ; todavia grandissimo foi o meo pezar, quando avistamos terra cinco dias depois de o ter morto ; e como esta especie de aves passa bem sem beber agua, bastariam trez nózes para alimental-a por todo esse tempo.

§ 13. Mas para que (dirá alguem), sem particularizar aqui o teo papagaio, com o qual nos não importamos, nos conservarás sempre suspensos a respeito dos teos padecimentos ? Duraram por muito tempo todos esses generos de afliçõés ? Nunca teriam fim na vida ou na morte ?

Ah ! eles findaram ; pois Deos, que sustenta os nossos corpos com outras couzas além do pão e da carne, apontou o porto com a mão, e permitio por sua graça,

que aos 24 dias do mez de Maio de 1558 tivessemos vista de terras da baixa Bretanha, quando todos nós, estendidos no convéz, já quazi não podiamos mover braços nem pernas.

Por muitas vezes tinhamos sido enganados pelo piloto, que em vez de terra nos mostrára nuvens, que se desvaneciam no ar; por isso embora o marinheiro, que estava de vigia no cesto grande de gavea, gritasse por duas ou trez vezes:—Terra! Terra! pensamos ser gracejo; mas sendo o vento propicio e aprôando ao ponto divulgado, logo depois certificamos-nos ser na realidade terra firme.

§ 14. Emfim para consolação de tudo quanto acima tenho exposto a respeito das nossas aflições, para melhor explicar a angustioza estremidade, em que nos axavamos, e quando já não tinhamos recurso em tamanha necessidade, Deus a piedou-se de nós e acudio-nos.

Rendemos-lhe graças por nosso proximo livramento; depois do que dice-nos o mestre do navio, em alta vóz, que, si continuassemos ainda por um dia n'esse estado, tinha deliberado e rezolvido, não lançar sortes, como em tal mizeria praticam comandantes de barcos, mas, sem dizer palavra, matar a um de nós para servir de alimento aos outros; o que nenhum susto me cauzou em relação á minha pessoa; porque embora não ouvésse em nenhum de nós a bordo farta gordura, todavia não seria eu o escolhido, si por ventura não quizessem comer sómente péle e ossos.

§ 15. Ora, como os nossos marinheiros tinham deliberado descarregar e vender o seo páo-brazil na Roxéla, quando estavamos a duas ou trez legoas da terra da Bretanha, o mestre do navio com o senhor Dupont e algumas outras pessoas deixaram-nos fundeados, e foram n'um escaler a um lugar vizinho xamado Hodierne, afim de comprar viveres; e como dois companheiros nossos tambem se meteram n'esse escaler, dei-lhes dinheiro para trazerem-me refrescos: mas eles apenas viram-se em terra, pensando estar a fome encerrada no navio, abandonaram as malas e fatos deixados a bordo, e protestaram não pôr mais pés ahi; e com efeito seguiram róta batida, e nunca mais os vi.

§ 16. Em quanto estivemos ali ancorados, aproximaram-se alguns pescadores, aos quaes pedimos viveres; mas eles, julgando que nós zombavamos, ou que com esse pretesto queriamos incomodal-os, quizeram immediatamente retirar-se.

Forçados pela necessidade, fomos mais ligeiros do que os pescadores, e arrojamos-nos com tal impeto no batel, que pensaram logo ser saqueados; todavia sem lhes tirarmos couza alguma contra vontade, e não axando do que buscavamos sinão alguns pedaços de pão negro, um mizeravel apareceo, que, não obstante a penuria em que lhe mostravamos estar, em vez de compadecer-se de nós, não teve duvida em receber de mim dois totões por um pequeno pedaço, que então em terra não valeria um vintem. *

Ora, voltando a nossa gente com pão, vinho e outras provizões, não deixamos mofar nem azedar, como podeis imaginar.

§ 17. Pensavamos sempre em ir á Roxéla, e tinhamos navegado duas ou trez legoas, quando fomos advertidos pela gente de um navio, que comunicou-se comnosco, de que certos piratas assolavam toda a estensão d'esta costa.

Pelo que considerando que, depois de tamanhos perigos, de que Deos, por sua infinita graça, nos salvára, seria tental-o e procurar nosso infortnnio, arriscando-nos em azares novos, logo no mesmo dia 26 de Maio, sem demorarmos-nos em tomar terra, entramos na linda e espaçoza enseada de Blavet, paiz da Bretanha, aonde tambem xegava grande numero de navios de guerra, que regressavam de viagem a diversos paizes; e dando tiros de artilharia e fazendo as fanfarrices costumadas na entrada dos portos de mar, rejubilavam-se de suas vitorias.

§ 18. Entre outros navios avia um de São-Maló, cujos marinheiros tinham pouco antes capturado e conduziam um navio espanhol, que voltava do Perú, carregado de boas mercadorias avaliadas em mais de 60.000 ducados.

Isto já estava divulgado por toda França, e muitos

* O autor emprega as expressões: —*Deux reales e un liard.*

negociantes parizienses, lionezes e outros aviam xegado a este lugar para as comprar; e sucedendo axarem-se alguns d'eles perto do nosso navio, quando saltavamos em terra, nã só deram-nos o braço para ajudarem a suster-nos, em razão da nossa debilidade, como tambem, sabendo dos nossos sofrimentos de fome, acertadamente nos exortaram a absternos de comer com demazia, e uzar em principio pouco a pouco de caldos de galinha bem cozida, de leite de cabra, e de outras couzas proprias para nos alargar as tripas, que tinhamos assás comprimidas.

Com efeito aqueles que acreditaram no conselho, deram-se bem; mas quanto aos nossos marinheiros, que logo no primeiro dia quizeram fartar-se, de vinte escapos da fome, mais de metade, creio eu, empanzinaram e morreram subitamente por comerem com excesso.

Quanto porém a nós outros quinze passageiros, que, como dice no principio do capitulo precedente, tinhamos embarcado na terra do Brazil, n'este navio, para regressar á França, não morreo nenhum no mar nem em terra.

§ 19. Bem certo é, que apenas tinhamos salvo a péle e os ossos; e si olhasseis para nós, dirieis, que eramos cadaveres dezenterrados. Apenas respiramos o ar da terra, ficamos possuidos de tal desgosto e aborrecemos por tal fórma os alimentos, que, falando particularmente de mim, quando xeguei á caza, e senti o xeiro de vinho, que me ofereciam em uma taça, cahi de costas sobre um bahú, e pensaram os circunstantes, que eu ali expiraria, atenta a minha fraqueza.

Todavia não me fez isto grande mal. Por mais de dezenove mezes não me tinha deitado á franceza, como oje se diz; e como puzeram-me em um leito, aconteceo, que contra a opinião d'aqueles que dizem, que, quando estamos acostumados a deitar-nos em cama dura, não podemos muito tempo depois repouzar em colxão macio, eu dormi tam profundamente d'esta primeira vez, que só despertei no dia seguinte ao nacer do sol.

§ 20. Depois de nos demorarmos trez ou quatro dias em Blavet, fômos para Hanebon, pequena cidade distante dali duas legoas, onde durante quinze dias de estada nos tratamos de acordo com o conselho dos medicos.

Por melhor regimen, que podessemos ter, quazi todos inxaram desde a planta dos pés até o cocuruto da cabeça; e apenas eu e mais dois ou trez inxamos da cintura para baixo sómente.

Além d'isso todos tivemos um fluxo de ventre, e tal desmanxo de estomago, que impossivel era conservar qualquer couza em nosso organismo, salvo certa receita, que nos ensinaram, a saber, suco de *hedera terrestris* e arroz bem cozido, o qual, tirado do fogo, devia ser abafado na panela com panos velhos, devendo-se depois tomar gemas de óvos e misturar tudo em um prato no rescaldo.

Comendo isso com uma colhér, como caldo, ficamos logo fortificados; e creio, que sem este recurso, que Deos nos sucitou, em poucos dias o mal nos teria arrebatado.

§ 21. Eis em suma qual foi a nossa viagem, a qual na verdade não se reputará entre as menores, si considerarmos, que navegamos quazi 73 gráos, redundando tudo isso em perto de 2.000 legoas francezas, na direção do norte a sul.

Mas para dar a onra, a quem pertence, o que é ela em comparação da que fez o insigne piloto espanhol João Sebastião del Cano, o qual circundou o globo, isto é, volteou toda a redondeza do universo (o que julgo não ter omem algum jamais feito antes d'ele), e estando de regresso em Espanha, mandou, com toda a razão, pintar o mundo com suas armas, em torno das quaes pôz esta diviza: *Primus me circumdedisti*, isto é, fôste o primeiro que me rodeaste.

§ 22. Ora, para completar a parte final da nossa redenção, cumpre dizer, que parecia devermos com este golpe estar izentos de todos os males; mas não teriamos evitado a propria ruina, si aquele que tantas vezes prezervou-nos dos naufragios, tormentas, aspera fome e outras mizerias, de que foramos assaltados no mar, não dirigisse em terra os nossos negocios.

Pois Nicoláo de Villegagnon, na ocazião do nosso embarque de regresso, sem que o soubessemos, como já fica notado, entregou ao mestre do navio, em que voltavamos (que tambem o ignorava), um processo, que fizera e organizára contra nós, com ordem expressa ao primeiro

juiz, a quem fôsse aprezentado em França, não só de prender-nos, mas tambem de mandar matar-nos e queimar como ereticos, que ele dizia sermos.

Aconteceo, que o senhor Dupont, nosso xefe, tinha conhecimento com algumas pessoas da justiça territorial afeiçoadas á religião, que professamos; e aberta a caixa coberta de panno encerado em que estavam o processo, e muitas cartas dirigidas a varias pessoas, foram entregues processo e cartas. Viram então essas mesmas pessoas o que lhes era ordenado, e longe estiveram de tratar-nos como dezejava o nosso perseguidor, pois bem pelo contrario obzequiaram-nos com bôa meza, ofereceram aos nossos companheiros necessitados recursos, e emprestaram dinheiro ao senhor Dupont e a outros.

Eis como Deos, que surpreende os astuciozos em suas machinações, não só livrou-nos por meio d'essas boas pessoas do perigo, em que nos colocára a rebeldia de Nicoláo de Villegagnon, mas tambem, o que é de maior valor, permitio, que a traição urdida contra nós assim se descobrisse para confuzão do traidor, voltando-se tudo em nosso favor.

§ 23. Depois de recebermos este novo beneficio da mão de quem, como já dice, tanto no mar como em terra mostrou-se nosso protetor, os nossos marinheiros partiram d'esta cidade de Hanebon com o fim de irem para a sua terra da Normandia; e nós, para sairmos dentre esses Bretões bretonizados, cuja linguagem entendiamos menos do que a dos selvagens americanos, dentre os quaes vinhamos, apressamos-nos em vir para a cidade de Nantes, da qual apenas distavamos 32 legoas.

Entretanto não corriamos na posta; e como em razão da nossa debilidade não tinhamos forças para dirigir os cavalos, em que montavamos, nem suportar o trote, cada um de nós tinha um omem para guiar a montaria pela brida.

E porque n'esse começo era-nos precizo como que renovar os corpos, não só apeteciamos tudo quanto nos vinha á fantazia, como dizem, que comumente sucede ás mulheras gravidas, de que citaria exemplos extravagantes, si não temesse enfadar o leitor, mas tambem alguns

aborreceram o vinho por modo tal, que passaram mais de um mez sem poder sentir-lhe o xeiro, e menos beber.

§ 24. Por cumulo de nossas mizerias, quando xegamos a Nantes, pareciamos ter os sentidos completamente transtornados, e passamos quazi oito dias com as ouças tam duras, e com a vista tam obscurecida, que pensei ficar surdo e cego.

Todavia excelentes doutores medicos e outros notaveis personagens, que repetidamente nos vizitavam em nossas cazas, tiveram tal cuidado de nós, e nos socorreram tam benignos, que, quanto a mim especialmente, não me restou mal algum, e antes pelo contrario, passado quazi um mez, eu ouvia tam claro como nunca, e jamais tive vista mais perfeita.

E' verdade, que em relação ao estomago, depois sempre o tive mui fraco e debilitado ; e dando-se repetição do mal, no fim de quazi quatro annos, durante o cerco e a fome de Sancerre, como tantas vezes tenho declarado, posso dizer, que sentirei as suas consequencias por toda a minha vida. Assim depois de recuperarmos por um pouco as nossas forças em Nantes, aonde fomos mui bem tratados, como já dice, cada um de nós deliberou seguir para onde quizesse.

§ 25. Só resta agora para dar fim á prezente istoria saber qual a sorte dos nossos cinco companheiros, que, como acima ficou dito, voltaram para a terra do Brazil, depois do primeiro naufragio, de que estivemos ameaçados : e eis aqui por que meio soubemos do cazo.

Pessoas fidedignas, que deixamos n'esse paiz, donde voltaram quazi quatro mezes depois de nós, encontraram o senhor Dupont em Pariz, e asseguraram não só que,com grande pezar seo, tinham sido espectadores da sena do afogamento de trez d'eles no fortim de Coligni ordenado por Nicoláo de Víllegagnon por cauza do Evangelho, a saber Pedro Bourdon, João Bordel, e Mateos Verneuil, mas tambem que tinham trazido por escrito tanto a sua confissão de fé, como todo o processo contra eles feito por Nicoláo de Villegagnon, e o entregaram ao dito senhor Dupont; o qual processo eu obtive logo depois.

Vendo assim que, emquanto rezistiamos ás ondas e tempestades do mar, esses fieis servos de Jezus Cristo suportavam tormentos e a morte cruel, que lhes infligia Nicoláo de Villegagnon ; lembrando-me que da nossa companhia só eu (como vimos em lugar competente) sahira da lanxa, em que estava prestes para regressar com eles ; tendo materia para dar graças a Deos por esta minha salvação individual, julgo-me mais obrigado que todos os outros a cuidar, que a confissão de fé d'esses trez bons personagens seja registrada no catalogo d'aqueles que em nosso tempo constantemente afrontaram a morte em testimunho do Evangelho; por isso a entreguei logo n'esse mesmo anno de 1558 ao impressor João Crespin ; o qual com a narração das dificuldades, que padeceram para aportar na terra dos selvagens depois que nos deixaram, a inserio no livro dos martires, ao qual envio o leitor. Si não fôra a sobredita razão, não faria menção aqui d'esta circunstancia.

Todavia direi ainda, que foi Nicoláo de Villegagnon quem primeiro derramou sangue dos filhos de Deos n'esse paiz novamente conhecido ; e assim por cauza d'esse acto alguem com inteira justiça o denominou *Caim da America*.

§ 26. Para satisfazer aqueles que quizerem perguntar o que lhe sucedeo, e qual foi o seo fim, direi, que o deixamos aclimado n'esse paiz no fortim de Coligni, e depois nada indaguei a seo respeito, nem ouvi dizer d'ele outra couza, sinão que, quando regressou á França, depois de aver infamado o mais possivel, quer de palavra quer por escrito, aos sectarios da religião evangelica, morreo afinal revestido da sua antiga péle, em uma commenda da ordem de Malta, que fica perto de São João de Nemours.

Por via de um seo sobrinho, a quem vi com ele no dito fortim de Coligni, soube, que o tio deo tam má direção aos seos negocios, quer durante a molestia quer antes d'ela, e foi tam indisposto contra os parentes, que, sem estes darem motivo algum, nada aproveitaram dos seos bens, nem na vida nem depois da morte d'esse omem.

§ 27. Em conclusão : si não só em geral mas tambem em particular fui livre de toda a sorte de perigos, e

de tantos ameaços de morte, como n'esta istoria tenho mostrado, não poderei dizer com essa santa mulher, mãi de Samuel, que eu experimentei ser o Eterno quem faz viver e faz morrer ? quem faz decer á tumba e surgir d'ela ? Certamente que sim.

Boas razões persuadem, que o omem aqui vive para o dia de oje ; e si isto pertencesse á prezente materia, ainda acrecentaria, que por sua infinita bondade Deos salvou-me de muitas outras angustias, por que passei.

Finalmente ahi fica relatado quanto observei tanto no mar indo e vindo da terra do Brazil xamada America, como entre os selvagens abitantes do mesmo paiz, o qual, pelos motivos já por mim amplamente expendidos, bem póde denominar-se mundo novo a nosso respeito.

Todavia bem sei, que, tendo assunto tam excelente, não tratei as materias, de que me ocupei, com o estilo e gravidade, que convinha ; e entre outras couzas confesso ainda n'esta segunda edição ter algumas vezes amplificado muito um objeto, que devia ser rezumido, e ao contrario caindo em estremidade oposta toquei mui brevemente em outros, que deviam ser com mais largueza deduzidos.

§ 28. Peço de nóvo aos leitores, que supram os meos defeitos de linguagem; e considerando quam penoza e dura foi a tarefa do relator d'esta istoria, recebam em compensação a minha boa vontade e o meo afecto.

Agora, ao rei dos seculos, immortal e invizivel, a Deos, unico sabio, tributemos onra e gloria eternamente. Amen.

FIM

NOTA

N'esta tradução segui o testo da edição de Pariz de 1880 anotado por Paulo Gafarel.

A primeira edição d'esta obra apareceu em 1578 com o seguinte titulo: —*Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, autrement dite Amerique, contenant la navigation et choses remarquables, vues sur mer par l'auteur: le comportement de Villegagnon en ce pais la, les mœurs et façon de vivre estranges des sauvages ameriquains: avec un colloque de leur langage, ensemble la description de plusieurs animaux, herbes et autres choses singulières; et de tout inconnues par deça: dont on vera les sommaires dans les chapitres au commencement du livre. Le tout recueilli par Jean de Léry, natif de la Margelle, terre de Sainct-Sene, au duché de Bourgogne. A la Rochelle, par Antoine Chuppin.* 1578.

Em 1580 foi publicada em Genebra segunda edição correcta e aumentada, a qual servio para a referida edição de Pariz de 1880.

Seguiram-se varias outras edições d'esta obra, que teve duas traduções latinas.

A primeira, publicada em 1586, tem por titulo: —*Historia navigationis in Brasiliam, quæ et América dicitur*. Genevæ etc.

A segunda, impressa em 1592 na coleção de viagens de Teodoro de Bri, tem por titulo: —*Navigatio in Brasiliam Americæ, qua auctoris navigatio, quæ memoriæ prodenda in mari viderit, Brasiliensium victus et mores a nostris valde alieni, animalia etiam, arbores, herbæ et reliqua singularia a nostris penitus incognita describantur: adiectus insuper dialogus, eorum lingua conscriptus; a Joanne Lerio Burgundo gallice primum scripta, deinde latinitate donata.*

ACTAS DAS SESSÕES EM 1889

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE MARÇO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, conselheiro Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Pinheiro de Campos, Henrique Raffard e Dr. João Severiano da Fonceca, abre-se a sessão, e o Sr. prezidente lê a allocução seguinte:

SENHORES.—Na fórma dos nossos estatutos reunimos-nos hoje, em 1ª. sessão annual, para a posse da nova directoria, leitura de expediente, e si houver tempo— propostas e leitura. As nossas férias fôrão luctuozas: não nos poupou a morte em nosso tranquillo descanso, e roubou-nos dois dos nossos consocios. Pagaram o tributo fatal, a que o Creador condemnou a humanidade, o dezembargador Ernesto Ferreira França e o conselheiro Barão de Cotegipe.

O dezembargador Ernesto França, nosso consocio desde 1860, era uma das nossas illustrações. Frequentou a nossa associação por algum tempo; mas aquelle entuziasmo que elle mostrava pelas letras patrias foi arrefecido pela tenaz molestia, que lentamente lhe minou a existencia, e dahi o desgosto cruel, que o acompanhou durante toda a sua vida, pois o gôzo do estudo se lhe convertia em um mal-estar inexplicavel, e assim algumas poezias e outras obras, que imprimira em sua mocidade, resentem-se

do seo estado morbido. Foi pois a morte para elle a terminação de seos males, um descanso abençoado e por assim dizer o seo primeiro e ultimo dia.

O conselheiro Barão de Cotegipe finou-se, quando menos o esperava. Já em avançada idade ainda se sentia com forças para novos embates. Foi uma das figuras politicas mais imponentes do segundo reinado. A imprensa de todo o imperio e de todos os partidos já o julgou com mais ou menos justiça, e o Instituto apreciará pela voz do seo orador o seo elogio historico imparcial e justo. Era elle socio do Instituto desde 1845 e durante tão longo espaço de tempo nunca tomou parte nos nossos trabalhos, limitando-se a assistir a algumas sessões magnas. Ultimamente porém despertou d'essa longa inercia, tocado pela mão da justiça da historia. A *Memoria da rebellião bahiana*, lida aqui pelo nosso conspicuo consocio o Sr. Dr. Sacramento Blake, continha, á seo vêr, muitas apreciações inexactas,porque elle conhecia essa tentativa revolucionaria como testimunha ocular,e até tomára parte n'ella, figurando como advogado de alguns dos implicados na rebeldia. Protestou pois contra as inexactidões e prometteo restabelecer a verdade dos factos. Vio-se por muito tempo o nobre Barão frequentando as nossas bibliothecas e archivos, em busca de documentos,... mas a morte o conteve em tão justa missão, privando esse periodo da historia brazileira de tantas luzes.

Peço ao Instituto, que se insira na acta de hoje um voto de profundo pezar por perdas tão sensiveis.

Inaugurou o gabinete portuguez de leitura os seos trabalhos no seo novo edificio, monumento de architectura que faz honra não só á capital do imperio, como á colonia portugueza n'esta côrte, que tanto se tem assignalado por actos patrioticos dignos de todos os encomios. Assistio á ceremonia, a convite do mesmo gabinete, uma commissão composta de membros do nosso Instituto. Outra commissão assistio á inauguração da expozição geographica sul-americana, que faz n'esta côrte a sociedado de geographia. Para essa expozição pôz o Instituto Historico a sua bibliotheca e archivo á dispozição da benemerita associação. Cumpre agora, que a nossa commissão de

geographia examine e informe a sua importancia, quanto á parte relativa á nossa patria.

Acha-se prompto o catalogo da nossa bibliotheca. Falta imprimil-o ; mas convem demorar a sua impressão. Vê-se pelo seo exame a falta que se dá de obras interessantissimas sobre o Brazil, e que entretanto existem á venda por preços commodos nas principaes livrarias da Europa. Figuram tambem no catalogo muitas obras cuja inclusão se torna irrizoria, pois são de todo o ponto extranhas aos nossos estudos; e conviria antes trocal-as por obras mais adequadas á nossa bibliotheca ou doal-as a outras repartições, como se procedeo com o muzeo nacional. Não fazem mais do que occupar lugar, quando o espaço nos vai faltando para livros mais proprios de uma bibliotheca especial, como é a nossa.

E' tambem da maior necessidade augmentar a verba para encadernação. Ha grande numero de broxuras e jornaes, que necessitam d'esse melhoramento, pois torna-se incommodo o seo exame e leitura, além de estragos a que estão sugeitos.

Sendo os mappas geographicos de difficil accommodação, dirigi-me ao nosso digno 2°. vice-prezidente, director da secção geographica, pedindo-lhe se dignasse de vêr o melhor meio de guardal-os, de modo que não só se prestem promptamente ao estudo, como que occupem o menor espaço. Bati em bôa porta. S. Ex. tem por invenção sua um methodo excellente, que se presta a esses dois fins ; e com toda a sua proverbial bondade ficou de explical-o para ser posto em execução.

Existe uma porção de livros que não são de maior importancia e que se acham reduzidos á completa inutilidade. Convém eliminal-os, pois os insectos que os accommettem propagam-se facilmente, demorando-se pelas estantes.

Além de reduzido numero dos empregados que temos, não são elles obrigados a frequentar a caza sinão em dias intercalados. Da falta de continua frequencia rezultam numerozas difficuldades para o regular serviço do Instituto, que deve ser como uma repartição com o seo regulamento. Desde 1881 que lutamos para que tudo

entre em ordem e methodo. Já se conseguio muito, como foi a abertura da nossa bibliotheca, que se conservava por dias sem luz, nem ar, e sem frequencia, não falando em outros melhoramentos e fiscalização.

Infelizmente os que se acham á frente da administração do Instituto não se podem dedicar excluzivamente ao que lhes determinam os estatutos, porque têm outras occupações, e ainda assim se inutilizam arruinando a sua saude, com o pezo de tão arduas tarefas, como são exemplos vivos o ex-1°. secretario, nosso incansavel consocio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. »

O 1°. secretario interino, Dr. João Severiano da Fonseca, dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE

Officios:

Dos prezidentes das provincias de Alagoas, Bahia, Paraná e Piauhi, remettendo collecções das leis e rezoluções promulgadas no anno de 1888, nas respectivas provincias.

Do prezidente da Parahiba, participando ter assumido a administração da provincia em 4 de Fevereiro passado.

Do ministerio do imperio, estabelecendo a norma que o Instituto terá de observar para receber a subvenção do estado.

Da directoria geral dos correios, pedindo alguns numeros da *Revista Trimensal*, que lhe faltam.

Do circulo dos officiaes do exercito, convidando o Instituto a assistir á sua installação em 1° de Março no salão da bibliotheca do exercito.

Do socio o Sr. Luiz da França Almeida Sá, communicando mudar sua rezidencia para o *Tubarão*, na provincia de Santa Catharina.

Do socio o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, participando não poder comparecer ás sessões por seo máo estado de saude.

Do socio coronel Augusto Fausto de Souza, pedindo exoneração do cargo de 2°. secretario por estar muito sobrecarregado de trabalho e não poder assistir regularmente ás sessões.

Do socio Barão de Tefé, propondo que o Instituto admitta como socios os senhores, general de divizão espanhol Carlos de Ibanez, Bouquet de la Grye, da academia de sciencias de Paris e o major general italiano Anibal Ferrari.

De Adolfo Alexandre de Queiroz Ferreira, porteiro do Instituto, solicitando licença de trinta dias, com metade dos vencimentos.

OFFERTAS

Pelo Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, seo discurso proferido na sessão magna de 15 de Outubro findo.

Pela secretaria da camara dos deputados os *Annaes do Parlamento Brazileiro*, ns. 1 a 7 de 1888.

Pelo Sr. Angel Auguiano o *Annuario del observatorio astronomico nacional de Tucubaia*, para 1889.

Pelo Sr. Vivien Saint Martin o *Nouveau Dictionnaire de géographie universelle*.

Pela typographia nacional a *População, territorio e reprezentação nacional do Brazil, comparada com a de diversos paizes do mundo*, por J. F. Favilla Nunes.

Pela sociedade, scientifica argentina *Annales de Julio* — Setembro 1889.

Pelos Srs. Lombaerts & C., *Catalago dos jornaes mais importantes do estrangeiro*.

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, Berlin, Pariz, Mexico, Bruxellas, Lisbôa e Italiana os seos *boletins*.

Pelo instituto geographico argentino, real academia de historia de Madrid, instituto de Toronto, sociedade imperial dos naturalistas de Moscowa, sociedade africana de Italia, sociedade dos estudos indo-chinezes de Saïgon, club naval, bibliotheca nacional, centro Victorio-Emanuel, de Roma, e o de Osterland, os seos *boletins*.

Pelo curso pratico e theorico da faculdade de medicina do Rio de Janeiro, instituto do Ceará, sociedade de geographia de Tours, Monitor de la education, direcção da Revista Italiana, il Brasile, direcção da Revista Maritima Brazileira as suas *revistas*.

Pela bibliotheca da faculdade de medicina do Rio de Janeiro 586 exemplares de theses de doutorandos.

Pelas respectivas redacções : *Jornal do Recife*, *Jornal da Parahiba*, *Diario Popular*, *Diario Mercantil*, *Diario de Sorocaba*, *Revista sul-americana*, *Revista dos Constructores*, *Revista do imperial observatorio*, *Gazeta de Mogimirim*, *Gazeta da Bahia*, *Gazeta do Povo*, *Gazeta de Campinas*, *Liberal Mineiro*, *La Geographie*, *Publicador Goiano*, *Industrial*, *Treze de Maio*, *Immigração*, *Espirito Santense*, *Paraná*, *Trabalho*, *Baependiano*, *Caxoeirano*, *Patria*, *Imprensa*, *Geographica Brazileira*, *Brésil*, *Etoile du Sud*, *Noveau Monde*, *Carbonario*, *Reformador*, *Echo do Sul*, *Revista de Medicina*, *Boletim da alfandega*, e pelo imperial observatorio o seo *Annuario* para 1889, 5°. anno.

ORDEM DO DIA.—1ª PARTE

O Sr. prezidente submette á consideração da caza a petição do porteiro Adolfo Alexandre de Queiroz Ferreira, que fica autorizado a auzentar-se por um mez, para tratar de sua saude, deixando metade do seo ordenado em favor de quem o substituir.

O 1°. secretario interino procede á leitura dos socios eleitos para a meza administrativa do anno corrente; e a convite do Sr. prezidente o Sr. Barão Homem de Mello passa a occupar a sua cadeira de 1°. secretario, e o 1.° supplente Dr. João Severiano da Fonseca a de 2°. secretario, em consequencia da escuza do socio coronel Augusto Fausto de Souza.

E nada mais havendo que tratar, levantou-se a sessão ás 10 $^1/_4$ horas da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca
2°. secretario interino.

2ª. SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE MARÇO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 7 horas da noite prezentes os Srs. Souza Silva, Barão Homem de Mello, Drs. Teixeira de Mello e Luiz Cruls, conselheiros Alencar Araripe e Pereira de Barros, 1º. tenente Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, Henrique Raffard e Dr. João Severiano da Fonseca, abre-se a sessão, e lê-se a acta da antecedente,que é approvada. O Sr. prezidente communica,que participára ao imperador haver o Instituto começado seos trabalhos ; dignando-se Sua Magestade declarar que por ora não podia frequental-os ; o que faria quando regressasse á côrte. Essa declaração é recebida com geral agrado.

O Sr. 1º. secretario aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officio do Sr. sub-director do correio geral, agradecendo a remessa da *Revista Trimensal* para a bibliotheca da sua repartição, e solicitando a sua continuação.

OFFERTAS

Pelo socio Sr. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco, suas *Viagens pelo interior de Minas e Goiaz*.

Pelo Sr. Pedro L. Figueiroa : *Estudios historicos sud americanos*.

Pelo Sr. Henrique Raffard trez discursos sobre a *immigração chineza*, pronunciados pelo bacharel Oscar Varady na sessão passada da assembléa provincial fluminense ; *Empire du Brésil ; Guide de l'Etoile du Sud*.

Pelas respectivas redações : *Jornal do Recife, Gazeta da Bahia, Revista do club de engenharia, Revista Sul-americana, Revista do imperial observatorio astronomico, Boletim da alfandega do Rio, Boletim do Club naval, Boletin de la societé de géographie de Paris,*

Almanach bibliographico do Rio, Anales de la sociedad cientifica argentina, Reforma Medica.

Do instituto historico mexicano : La *Geographie et le Brésil.*

O Sr. socio Garcez Palha offerece ao Instituto e aos membros prezentes um fasciculo do seo trabalho *Combates de terra e mar.*

O Sr. Barão Homem de Mello communica ao Instituto ter cumprido a sua commissão na sessão inaugural do *circulo dos officiaes do exercito*, em 1 do corrente.

O Sr. thezoureiro communica, que as medalhas commemorativas ao grande acto da abolição estão quazi promptas, conforme se infere do officio que aprezenta, do director interino da caza da moeda. Aprezenta as contas relativas á receita e despeza no anno social findo, e junta a ellas algumas considerações sobre o titulo *Observações sobre o balanço.* * E declara, que o ministerio do imperio, para fazer effectiva a subvenção que do estado o Instituto recebe, exigio, que este lhe remettesse, em tempo, uma explicação das suas despezas.

O Sr. Dr. João Severiano informa, que em 11 e 12 de Dezembro findo recebeo dois officios d'aquelle ministerio, um exigindo até 28 de Fevereiro uma expozição succinta, das occurrencias do Instituto, para d'ellas se fazer menção no relatorio ministerial, e outro exigindo dados sobre a gestão financeira do Instituto, afim de fazer effectiva aquella subvenção ; requizições que satisfez no relatorio, que remetteo.

O balanço e papeis relativos são remettidos á commissão de fundos e orçamento.

O Sr. prezidente propõe e são eleitos por acclamação membros honorarios os effectivos os Srs. Barão de Capanema e Visconde de Souza Fontes.

Inscreve-se para leitura na proxima sessão o Dr. João Severiano da Fonseca.

E nada mais havendo que tratar, levanta-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2o. secretario interino.

---

* Vão no fim da acta.

Observações sobre o balanço

§ 1. *Impressão do balanço*

Aprezento agora o balanço da tezouraria do Instituto correspondente ao anno proximo findo de 1888.

Desde que tomei o encargo da tezouraria tenho sempre mandado imprimir o balanço annual de nossa receita e despeza, e distribuir pelos nossos consocios, afim de que pela publicidade tenham todos conhecimento do nosso estado financeiro, e vejam como são gastas as nossas rendas, sobre tudo porque, consistindo a principal verba da nossa receita no subsidio, concedido pelo estado, convem, que não fique sem exame o seo emprego.

As despezas são todas justificadas por documento, e nenhum pagamento faço sinão em vista de conta vizada pelo nosso 1.° secretario, de acordo com as regras dos nossos estatutos. Esta pratica tenho observado desde que em 1881 entrei no exercicio do cargo, com que me onraes.

§ 2. *Receita e despeza*

Conforme demonstra o balanço, a nossa receita em 1888 foi de 12.009$540 e a despeza de 10.173$130, aparecendo um saldo de 1.836$410, o qual alias deve dezaparecer com o pagamento da impressão da 2.ª parte da *Revista Trimensal* do dito anno, cuja conta ainda não foi aprezentada.

A comparação dos nossos balanços de 1881 para cá dá a conhecer, que a nossa renda tem sido ora de perto de 10.000$ e ora pouco superior a 12.000$.

Sendo fixa a principal verba da receita, qual é a do subsidio concedido pelo estado na importancia de 9:000$

a variação procede da maior ou menor pontualidade no pagamento das contribuições sociaes.

Depois que por efeito das vossas providencias conseguimos saldar os debitos antigos do Instituto, temos sempre podido manter as nossas despezas em condições de não exceder á receita, em alguns annos anteriores a 1887 tinhamos podido rezervar quantia para a compra de 2 apolices, com que annualmente iamos aumentando o fundo pecuniario, destinado a dar acrescimo á renda do Instituto.

Nos dois ultimos annos não foi porém possivel fazer esta rezerva, sendo no anno proximo findo motivado este facto pela despeza com a celebração do nosso jubilêo, determinado pelo complemento do 50.° anno da nossa existencia social.

Esta despeza elevou-se á quantia de 3.733$110, sendo gastos 805$360 com a decoração da sala da sessão extraordinaria e com annuncios feitos na imprensa; e 2.928$750 com a publicação do volume suplementar da *Revista Trimensal* destinado a comemorar a nossa festa.

A primeira quantia foi paga com a receita do anno proximo preterito, a segunda o foi com a renda do corrente anno, e figurará no balanço futuro.

§ 3. *Verba do expediente*

Cabe observar, que nos nossos orçamentos de 1882 em diante sempre se tem marcado para expediente a quantia de 150$, e com esta importancia e ás vezes com pequeno excesso tem-se feito este serviço; nos dois ultimos annos porém este mesmo serviço elevou a despeza muito além da verba votada.

No anno de 1887, o dispendio subio a 646$840, e no anno de 1888 ainda subio á maior soma.

Por conta d'essa despeza do expediente de 1888 já foi paga a importancia de 480$, que entrou no balanço de 1888; restando pagar talvez igual importancia por contas ainda não liquidadas.

O que fica declarado mostra, que ou devemos reduzir a despeza d'esta verba, ou aumental-a nos orçamentos futuros.

§ 4. *Contribuições sociaes*

As nossas contribuições sociaes têm sido regularmente satisfeitas por muitos dos nossos consocios, que estão em dia, como vereis pela relação sob n. 1, sendo elles em numero de 40.

Alguns estão atrazados, como vereis pela relação sob n. 2.

A todos estes tenho previnido sobre o estado de sua conta corrente com o Instituto.

Pelo exame d'esta relação vê-se, que o debito actual dos nossos consocios para com tezouraria do Instituto é do valor de 4.056$000.

Esta elevada cifra porém pouco valor real significa; porquanto n'ella entra o debito de socios, que por muitos annos têm deixado de satisfazer as suas contribuições, apezar de repetidos avizos do seo atrazo, donde colijo não dezejarem continuar no nosso gremio.

O debito proveniente de contribuições atrazadas foi outr'ora muito maior; porém depois da vossa deliberação de 9 de Setembro de 1881, permitindo a remissão dos debitos antigos, isto é, dos debitos anteriores a 10 annos, varios consocios nossos fizeram efectiva essa remissão; os demais que o não tem feito até agora parecem deliberados a não fazel-o jamais.

Estes consocios são em numero de 12: todavia continuarei a solicitar d'elles a devida satisfação do seo compromisso social.

Os nossos estatutos mandam eliminar o socio remisso por 3 annos; o Instituto porém tomou por norma não excluir ninguem do seo seio por esta cauza, parecendo-me que tal pratica deve continuar para com aquelles que por não solicitados e auzentes cahiram em sensivel mora.

Na sobredita relação n. 2 incluem-se alguns socios

com pequena demora de pagamento, o qual certamente se efectuará na proxima cobrança, que deve começar de Junho em diante.

§ 4. *Socios falecidos com debito*

Pela relação n. 3 vereis, que monta a 5.704$000 a importancia do debito de 28 socios, que faleceram com atrazo de suas contribuições sociaes desde 1881 até 1888.

Na maxima parte esse debito pertence a socios de antiga data, que não remiram as suas prestações atrazadas.

§ 5. *Izenção de contribuição*

Pelos nossos estatutos são izentos das contribuições semestraes os socios nacionaes onorarios, os remidos e os rezidentes no estrangeiro, emquanto ahi se axarem.

Os onorarios e remidos constam da relação sob n. 4, e são em numero de 29.

Os socios actualmente rezidentes na Europa vão mencionados na relação sob n. 5., e são em n. de 6.

§ 6. *Joias não pagas*

Alguns socios têm deixado de pagar a joia de entrada; e os que a pagaram desde 1860 estão declarados na relação sob n. 6.

Estas joias pagas montam ao valor de 1.660$000.

§ 7. *Remissão do debito social*

Tem-se remido das contribuições sociaes, desde 1880 até agora, 32 socios, importando o valor d'estas remissões em 1.920$, como vereis da relação sob n. 7.

§ 8. *Distribuição da Revista Trimensal*

Quando tomei conta da tezouraria não axei inventario do depozito da nossa *Revista Trimensal*, nem avía nota de entradas e sahidas.

Fiz o inventario, e incumbi o porteiro de tel-o a seo cargo, cumprindo-lhe notar as entradas e sahidas da mesma *Revista*, bem como de outras obras impressas pelo Instituto.

O inventario só ficou concluido em Novembro de 1881 e tinhamos então em depozito 5.716 exemplares distribuidos pelos respectivos annos. Em 1884 esse depozito era de 9.791 exemplares, em 1885 era de 13.565. Tudo consta da nota aqui junta sob n. 8.

O depozito actualmente, isto é, em 31 de Dezembro de 1888, xega a 17.216 exemplares, como se mostra da nota sob n. 9, assinada pelo porteiro.

Este avultado numero de volumes, que temos em depozito, exige novas acomodações para melhor dispozição e conservação dos exemplares da nossa *Revista*, cujo acervo no correr dos annos vae em progressão.

As sahidas da nossa *Revista* por entrega aos socios, remessa para o estrangeiro, concessão de coleções a estabelecimentos publicos e particulares e por venda mostram, que de 1881 para cá temos distribuido mais de 20.000 exemplares avulsos da mesma *Revista*, e 60 coleções.

Além da *Revista Trimensal* temos algumas obras em depozito impresas pelo Instituto, como são a *Chronica da Companhia de Jezus* por Simão de Vasconcellos, o *Diccionario historico, geografico, biografico, estatistico e noticiozo da provincia de São-Paulo*, por Azevedo Marques, o *Novo Orbe serafico Brazileiro* por frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, e outras de menor importancia, como vereis da nota sob n. 10.

§ 9. *Folhas avulsas da Revista Trimensal*

Em annos anteriores a 1881 deixou-se de broxar todos os numeros da *Revista Trimensal*, preparando-se apenas os exemplares necessarios para a distribuição ordinaria.

Daqui rezultou o extravio de muitas folhas de impressão, de sorte que logo faltaram exemplares nas respectivas coleções.

Para suprir esta lacuna mandei coordenar as folhas existentes, mas não foi possivel formar volumes completos; todavia parte das folhas existentes em maior quantidade respectiva a cada tomo foi aproveitada, mandando-se imprimir algumas que completaram volumes exgotados; com o que evitou-se a impressão total.

Ainda assim restaram muitas folhas de diversos tomos, que se estão coordenando afim de conhecermos si convem aproveital-as, reimprimindo-se as folhas deficientes.

Do rezultado darei noticia ao Instituto para rezolver como melhor convier.

§ 10. *Recebimento do subsidio do estado*

Até agora recebiamos o subsidio prestado pelos cofres publicos no principio de cada semestre dos exercicios financeiros, tendo-se apenas em consideração o acto legislativo, que autorizava o subsidio.

Requizitava-se a entrega d'elle por semestres adiantados, e recebida a respectiva importancia nenhuma dependencia tinhamos de fiscalização externa, prestando o tezoureiro do Instituto as suas contas como negocio de nossa economia interna.

Mas o actual ministro do imperio por avizo de 16 de Janeiro ultimo determinou, que, para entregar-se a subvenção de um anno, convem, que previamente sejam prestadas as contas do emprego da mesma subvenção no exercicio anterior.

O avizo não diz a quem e como devam ser prestadas tees contas; procurarei porém solicitar os necessarios esclarecimentos, para saber como devemos proceder; convindo declarar aqui que já em data de 6 do mez proximo passado me foi entregue a quantia correspondente á metade da subvenção do corrente anno de 1889, na importancia de 4.500$000.

Rio 15 de Março de 1889. *T. Alencar Araripe.*

3ª. SESSÃO ORDINARIA EM 29 DE MAIO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume abre-se a sessão, prezentes os senhores Joaquim Norberto, conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. Joaquim Portella, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca, Teixeira de Mello, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cezar Marques, commendador Jozé Luiz Alves, 1.º tenente Garcez Palha, Dr. Pinheiro de Campos, Henrique Raffard. Lê-se a acta da sessão antecedente, que é approvada. O Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Sr. Barão de Abiahi, 1º. vice-presidente da Parahiba, participando ter assumido a administração da provincia em 17 do mez passado; do Sr. secretario do governo do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar da collecção das *leis provinciaes,* promulgadas em 1887; do secretario geral da commissão central brazileira para a expozição universal de Pariz, em 1889, pedindo ao Sr. thezoureiro se digne de providenciar para que seja entregue ao lycêo de artes e officios uma collecção

completa, ou, si não fôr possivel, mesmo incompleta da *Revista Trimensal*; e do socio o Sr. 1º. tenente Jozé Egidio Garcez Palha, pedindo exoneração do cargo de membro da commissão subsidiaria de geographia, por não ser possivel exercer o cargo.

OFFERTAS

Pelo prezidente, o Sr. commendador Joaquim Norberto, *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil*, por John Luccock; *Life in Brasil*, por Thomas Ewbanck; *A Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*, por Alfredo R. Wallace; *Travels in the interior of Brazil*, por George Gardner; *A History of the Brasil*, por James Henderson.

Pelo Sr. Lafayette de Toledo, *Almanack da Caza Branca*, para 1889.

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin, *Nouveau Dictionnaire de Géographia Universelle.*

Pela universidade central de Venezuela, a sua *Revista Mensal ns.* 8, 9 *e* 10, *tomo* 1º.

Pelas sociedades de geographia de Pariz, Tours, New-York, Bordeaux, Italiana e National Geographie Magasin de Washington os seos *boletins.*

Pela sociedade africana da Italia, academia real de historia de Madrid, instituto do Ceará, instituto milaneze de exportasione, e instituto meteorologico nacional os seos *boletins.*

Pelo observatorio imperial do Rio de Janeiro e o Monitor de la educacion commum, suas *revistas.*

Pela academia dei Lincei, *Atti della R. Accademia*, 2ª. serie, vol. IX; *clase de ciencias morales, istoricas e filologicas*, 3ª serie vols. XII e XIII; *clase de ciencias fisicas, matematicas e naturales*, 3ª serie vols. XVIII e XIX, e 4ª serie vol. I.

Pelo Dr. D. Antonio F. Crespo o *Censo municipal de Buenos Aires*, 1887, vol. I.

Pelo Sr. engenheiro Ernesto da Cunha de Araujo Vianna a *Revista dos constructores.*

Pela sociedade de geographia do Rio de Janeiro a

acta da sessão extraordinaria que teve logar no dia 23 de Fevereiro, e o discurso inaugural do orador official Sr. Barão Homem de Mello.

Pelas respectivas redacções a *Gazeta da Bahia, Jornal do Recife, Diario Popular, Liberal Mineiro, Provincia do Espirito Santo, Espirito Santense, Gazeta de Mogimirim, Imprensa, Paraná, Geographie, Jornal da Parahiba, Nouveau Monde, Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

Pelo Sr. Barão de Macahubas o seo oppusculo *Description de l'appareil cosmographie et intructions sur son emploi.*

Pelo Sr. chefe de divizão Ignacio Joaquim da Fonceca dois minuciozos trabalhos do capitão de fragata Lourenço Amazonas, relativamente ao estudo das *costas do norte do Brazil*, manuscriptos.

1ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

Communicações verbaes e propostas.—O Sr. Dr. Cezar Marques communica, que faltou ás ultimas sessões por gravemente infermo. Identica participação do Sr. monsenhor Manoel da Costa Honorato, e que por ora não poderá frequentar o Instituto. O Sr. Dr. Teixeira de Mello manda á meza uma indicação para que ao cavalheiro Pedro Mallan, redactor unico da interessante revista *il Brasile*, que, tantas, tão valiozas e sérias informações tem dado acerca das nossas couzas, seja dada, como elle pede, por seo intermedio, a *Revista Trimensal*, para melhor poder ainda escrever a nosso respeito. E' concedido.

Vêm á meza os seguintes requerimentos e propostas:

Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. capitão Bazilio de Carvalho Daemon, rezidente na capital do Espirito Santo, servindo de titulo de admissão a obra que agora offereço intitulada *Provincia do Espirito Santo, sua descoberta, historia chronologica, sinopse e estatistica*, impressa na

cidade da Victoria. Dr. *Cezar Augusto Marques*. O Sr. Dr. Teixeira de Mello pede permissão para tambem fazer sua esta proposta. Vae, com a offerta, á commissão de historia.

Do Sr. Dr. Cezar Marques: 1°. uma reclamação contra a troca de nomes, que nota em relação á sua pessoa, no ultimo volume da *Revista*; 2°. pedindo dispensa do cargo de membro da commissão subsidiaria de historia; e 3.°. que se consigne em acta o seguinte voto de pezar:

«A patria está de luto rigorozo. Uma de suas glorias mais puras, um de seos filhos mais distinctos, acaba ella de perder na pessoa do Exm. marechal Barão de Alagoas, ajudante-general do exercito. Não pertenceo ao nosso Instituto, embora lhe servissem de titulos de admissão, e á farta, as esplendidas e heroicas paginas da historia patria, que, com a ponta de sua espada, sempre corajoza e vencedora, elle escreveo em muitos e muitos combates, arriscando com tanta abnegação quanto denodo a sua glorioza existencia. Requeiro pois, em nome da Patria, que em honra do heroico general Severiano Martins da Fonseca, Barão de Alagoas, se lance na acta um voto de profundo pezar pelo seo passamento.»

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan diz, que o Sr. Dr. Cezar Marques adiantou-se-lhe na mesma idéia, que tinha, de consignar-se esse voto de pezar do Instituto Historico, pela morte d'esse general, que tantas paginas de gloria enchêra na historia patria. Foi unanimemente approvado.

O Sr. Dr. João Severiano pede licença para dar sciencia á caza do succinto relatorio, que remetteo ao ministerio do imperio, em cumprimento ao por este ordenado; e que por um descuido não foi aprezentado nas sessões passadas.

Instituto Historico e Geographico Brazileiro.—Secretaria em 22 de Janeiro de 1889. ILLM. E EXM. SR. Satisfaço o ordenado por V. Ex. em circular n. 3880 de 11 do mez passado para remetter-lhe uma expozição succinta das occurrencias havidas n'este Instituto durante o anno de 1888, relatando o seguinte:

Em Janeiro, o 2°. secretario coronel Augusto Fausto de Souza, tendo seguido para a provincia de Santa Catharina como seo prezidente, passou o exercicio d'aquelle cargo ao 1°. supplente de secretario Dr. João Severiano da Fonseca, que mais tarde, em 18 de Agosto, assumio o de 1°. secretario por falecimento do Dr. João Franklin da Silveira Tavora; passando o cargo de 2°. secretario a ser exercido pelo Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 2°. supplente. Durante o anno leram memorias : o socio Dr. Cezar Augusto Marques (uma intitulada *Manoel Odorico Mendes*), senador Alfredo d'Escragnolle Taunay (*Indios Caingangs e seo dialecto*), Barão Homem de Mello (*Excursões geographicas*), Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello (*Biographia do conselheiro Jozé Bernardino Baptista Pereira d'Almeida*) e Dr. João Severiano da Fonseca *Brazões de Cuiabá e Mato-Grosso* e *Novas investigações sobre a provincia do Mato-Grosso.*

Para celebrar o facto da abolição dos captivos no Brazil e a data da aurea lei de 13 de Maio, determinou o Instituto fazer gravar uma medalha commemorativa, cujos exemplares serão, dois de ouro para S. M. o Imperador e S. A. Imperial, cincoenta de prata para o ministerio de 10 de Março e outras pessoas e trezentas de cobre. Festejou condignamente o quinquagenario da sua fundação, fazendo por essa occazião publicar um volume especial em supplemento ao n.51 da sua *Revista* : em livro adornado com os retratos do Augusto protector do Instituto, dos seos dois fundadores, dos seos prezidentes e 1.° secretarios mortos e do prezidente actual e illustrado com gravuras e mappas, é um formozo volume, que, colligido e impresso em pouco mais de mez e meio, não destôa em valor dos outros da precioza collecção da *Revista*, pelo alto interesse e variedade de seos artigos.

Faleceram os socios Domingos Soares Ferreira Penna, Dr. Demetrio Ciriaco Tourinho, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, Barão de Catuama, João da Silva Carrão, Manoel Soares da Silva Bezerra, coronel Francisco Antonio Pimenta Bueno, dezembargador Ernesto Ferreira França e o general argentino Domingo Faustino de Sarmiento. Foram admittidos como correspondentes os

doutores Luiz Cruls, Virgilio Martins de M[illegible]co, 1º. tenente da armada Arthur Indio do Brazil [illegible]quez de Paranaguá, e os commendadores Jozé Luiz Alves e Luiz Rodrigues de Oliveira.

Passaram á classe de honorarios os conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Tristão de Alencar Araripe, o senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, os doutores Maximiano Marques de Carvalho e Cezar Augusto Marques e o conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira; e a effectivos os oito correspondentes mais antigos, rezidentes n'esta capital.

Do balancete aprezentado em 12 de Outubro pelo thezoureiro conselheiro Alencar Araripe, extraio o seguinte:

RECEITA

Saldo de 1887	576$650
Subsidio do tezouro	9.000$000
Juros de apolices	1.010$000
Joias e mensalidades de socios	752$000
Venda da *Revista Trimensal*	28$000
Donativos dos socios para a festa do jubileo	100$000
Somma	11:466$450

DESPESA

Impressão da *Revista Trimensal*	2.576$000
Remessa d'ella para o estrangeiro	293$000
Encadernação	120$700
Compra de livros	20$000
Expediente	361$060
Vencimento dos empregados, em trez quartéis do anno	2.744$994
Porcentagem da cobrança	107$400
Eventuaes	196$020
Somma	6.419$174
Saldo	5.047$275

Observações.— Este saldo está sugeito ás seguintes despezas:

1.° Reimpressão do tomo xv (1852) da *Revista*

2.° Impressão da 2ª. parte da *Revista* de 1888.

3.° Cunhagem das medalhas.

4.° Dois armarios grandes para guarda dos manuscritos.

5.° Vencimento dos empregados no ultimo quartel do anno.

6.° Despezas do jubileo, expediente, impressão do livro do quinquagenario etc.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

LEITURA

O Dr. João Severiano pede desculpa de não continuar hoje a sua leitura. O Sr. Dr. Cezar Marques lê uma pequena memoria intitulada *Primeira graça feita por S. M. o Imperador á provincia do Maranhão.*

E nada mais havendo que tratar levantou-se a sessão ás 9 1/4 horas da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca*.
2°. secretario interino.

4ª. SESSÃO ORDINARIA EM 12 DE ABRIL DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A' hora do costume abre-se a sessão, estando prezentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiros Olegario Herculano d'Aquino e Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello e Alencar Araripe, Drs. Sacramento Blake, Teixeira de Mello, Cezar Marques, Pinheiro de Campos, Luiz Cruls e commendador Jozé Luiz Alves.

E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.
O Sr. 1°. secretario lê o seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Ministerio dos negocios do imperio. Rio de Janeiro 9 de Abril de 1889. — Illm. e Exm. Sr. A intenção do avizo de 16 de Janeiro ultimo, a que se refere o officio de V. Exc. de 4 do mez proximo findo, * não foi a de exigir a prestação de contas do Instituto Historico, Geographico Brazileiro de cada exercicio, perante a repartição fiscal, mas sómente a declaração do emprego do subsidio relativo ao exercicio findo, perante este ministerio, para servir de justificação da proposta do orçamento futuro, de igual, maior ou menor subsidio, conforme as necessidades d'esse importante Instituto; e bastará sua declaração para que este ministerio determine o pagamento do subsidio, como já fez a respeito de outras instituições igualmente subvencionadas. Deos guarde a V. Ex. *Antonio Ferreira Vianna*. Sr. Thezoureiro do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro.*

Recife 18 de Março de 1889.—Exms. Srs. Em meo nome e no da commissão central da colonia portugueza de Pernambuco, que promoveo e levou a effeito uma manifestação de regozijo pelo acabamento da escravatura no Brazil, tenho a honra de offerecer á illustrada corporação, que V. Exs. prezidem, um exemplar, em cobre, da medalha commemorativa de tão notavel acontecimento, cujo exemplar é n'esta occazião registrado no correio. Forão cunhados cincoenta e um exemplares d'esta medalha, sendo um em prata, que se acha depozitado no Instituto archeologico e geographico Pernambucano, e os restantes exemplares em cobre. Queiram pois V. Exs. acceitar esta modestissima offerta, que reprezenta, ainda que mal, o quanto os Portuguezes no Brazil se regozijam com os progressos materiaes e moraes da grande nação,

* Está no fim d'esta acta.

de que são hospedes. Apprezento a V. Exs. os meos protestos de subida estima e alta consideração. Deos guarde a V. Exs. Exms. Srs. presidente e membros da direcção do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. *A. J. Barboza Vianna*, secretario.

OFFERTAS

Do Sr. A. Borges de Sampaio, *Amores de Ovidio Nazão*, parafraze de Castilho, 1858, onze tomos em 5 volumes, *Relatorio e contas* da subscripção em favor das victimas das inundações de Portugal feitas no Brazil em 1876, *Carta topographica das linhas do Porto* 1832, *Mappa topographico dos districtos eleitoraes de Minas* 15° e 16° com tabellas de distancias, 1884; *Os centenarios*, por Matheos Porto, 1882, e nove cedulas de diversos valores do thezouro nacional, já recolhidas.

Do socio o Sr. Estanisláo S. Zeballos *El matrimonio civil*, discurso feito na camara dos deputados da Republica Argentina em 18 e 19 de Outubro do anno passado; *Discripcion amena de la Republica Argentina*, tomo 3°.

Pela sociedades de geographia de Paris, Berlin, Italiana e Instituto Argentino, seus boletins.

Pelo centro bibliographico vulgarisador a sua *Revista*.

Pelo Sr. Alcides Catão da Rocha Medrado a *Revista do Ensino*, publicação quinzenal.

Por intermedio do Instituto Smithsoniano *Denkschriften der Akademie*, vols. 50, 51 e 53, *Sitzungsberichte der Akademie philosophich-historiche classe*, vols. 90 a 94 incluzive, *Mathematisch-naturwissens chaftliche-classe*, 1ª secção, vols. 91 a 94, incl. 2ª secção, vols. 91 a 95, incl. 3ª secção vols. 91 a 94, incl., *Archiv-Osterreichische geschichte*, vols. 67 a 70, incl. e *Fontes rerum austriacarum* vol. 44; todos provenientes da Academia de sciencias de Vienna.

Da academia de sciencias de Munich o *Sitzungsberichte der philosophisch-philologischen und historischen classe*, 1886 e 1887, o *Sitzungiberichte der mathematisch-physikalischen classe* 1886 e 1887, o *Abhandlungen der mathematisch-physikalischen classe*, vol. 15 e 16.

Da sociedade de geographia de V... s *Mittheilungen*, vols. 28 e 29.

Da academia real de sciencias, letras e bellas artes da Belgica, *Mémoires de la Académie*, etc. vol. 46, *Mémoires couronnées* vols. 47 e 48, *Mémoires couronnées et autres mémoires*, toms. 17 e 19, *Bulletins de l' Académie*, 5ª serie tomos 9, 10, 11 e 12, *Annuaire de l' Académie*, 1886 e 1887, *Catalogue des livres de l'Académie*, 3 vols. e *Notices biographiques et bibliographiques*, 1886.

Da sociedade physico-economica de Konisgberg, *Schriften yahrgang*, 1, 2, 4, a 11, 17, a 22, 25 a 27.

Da academy of sciences, *Bulletin*, vols. 2°. ns. 5, 6 e 7.

Da associação americana do progresso das sciencias, *Proceedings*, vols. 34 e 35.

Da academia de sciencias, artes e letras de Madison *Transactions*, vols. 6°, *The Pensylvania Magazine* vol. 10.

Da academia de sciencias physicas e mathematicas, de .... *Rendiconto*, anno XXV.

Do muzeo do Mexico, *Anales*, toms. 3°. e 4°.

Da academia de S. Luiz *The transactions*, vol 4° n. 4.

Da academia de Davenport, *Proceedings*, vol. 4°.

Da sociedade de geographia de Leipsig, *Muttheilungen*, 1885, e pelo proprio Instituto Lunthsoniano o *Annual Rappert*, 1884-85 e o *Geographical survey*, 6.

Pelas respectivas redacções : *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Liberal Mineiro*, *Immigração*, *Paraná*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Cachoeirano*, *Provincia do Espirito Santo*, *Imprensa*, *Patria*, *Espirito-Santense*, *Nouveau Monde*, *Géographie*, *Étoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe pede em nome do consocio o Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, que se remetta uma collecção da *Revista Trimensal* á bibliotheca publica do Paraná, conforme o pedido que esta faz.—E' concedido.

O Dr. João Severiano da Fonseca offerece ao Instituto as copias de trez documentos importantes relativos á provincia de Mato-Grosso; a *carta-patente* de D. Antonio Rolim de Moura, de governador e capitão-general, passada em 25 de Setembro de 1748, *instrucções dadas pela*

rainha a D. Antonio Rolim de Moura, em 19 de Janeiro de 7749, e as *instrucções* para o capitão-general D. Antonio Rolim de Moura, dadas pelo rei em 26 de Agosto de 1758.

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan offerece um exemplar do seu *Diccionario dos vocabulos brazileiros.*

2ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Dr João Severiano continua a leitura de sua memoria *Novas investigações sobre a provincia de Mato-Grosso.*

O Sr. Dr. Cezar Marques inscreve-se para a leitura de um trabalho historico.

Em tempo declaro, que o Sr. thezoureiro aprezentou seis medalhas, das mandadas cunhar pelo Instituto em commemoração á lei de 13 de Maio, sendo duas de ouro, duas de prata e duas de cobre. E nada mais havendo que tratar-se, levanta-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca.
2º. secretario interino.

Officio

Rio 4 de Março de 1889. Illm. e Exm. Sr.

Por avizo de 16 de Janeiro ultimo determinou V. Ex., que para o Instituto Historico e Geografico Brazileiro receber o subsidio concedido pelo estado, cumpria previamente prestar contas do subsidio recebido no anno antecedente. Este avizo foi entendido no Tezouro Nacional como si estabelecesse obrigatoriedade de prestação directa de contas perante a repartição fiscal. Similhante inteligencia tem para o Instituto verdadeiras inconveniencias, sendo a principal a de trazer impossibilidade de se receber o subsidio annual em tempo oportuno, isto é, no principio de cada semestre do exercicio financeiro. Na verdade mostra a experiencia não ser

pronta a tomada de contas nas repartições fiscaes, sendo necessario para isso mezes e as vezes annos. Dahi rezultaria, que, aprezentadas as contas e demorada a sua tomada, ficaria o Instituto privado do subsidio por tempo indeterminado. Desde que o Instituto recebe o subsidio publico, o costume é ser a entrega d'elle pedida por oficio do 1°. secretario da sociedade, e mandar o governo fazel-a por semestres adiantados. Recebido o subsidio annual, e findo o exercicio, organiza o tezoureiro do Instituto o balanço da receita e despeza social, que submete documentadamente ao exame e aprovação do mesmo Instituto, na conformidade dos seos estatutos; e esse balanço faz-se na forma por que consta dos balanços impressos, que aqui junto desde 1881 até 1888. Esta pratica sempre observada será alterada, si prevalecer a inteligencia dada ao referido avizo no Tezouro Nacional, e a prestação de contas dos fundos sociaes ja não será questão de economia interna da sociedade, mas sugeição á jurisdição fiscal. E porque assim não deva ser, rogo a V. Ex., que se sirva explicar o referido avizo no sentido de continuar a pratica anterior da prestação de contas dos fundos sociaes, que alias não consistem somente no subsidio do governo, mas tambem em outras verbas de receita, como se vê dos sobreditos balanços impressos aqui juntos. Deos guarde a V. Ex. Illm. e Exm. Sr. Conselheiro Antonio Ferreira Vianna, D. ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio.—*Tristão de Alencar Araripe*, Tezoureiro do Instituto Historico.

5ª. SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE ABRIL DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Achando-se prezentes ás horas do costume os Srs.: Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, Visconde de Beaurepaire Rohan, conselheiro Alencar Araripe, 1°. tenente Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, Henrique Raffard e os Drs. Sacramento Blake, Pinheiro de

Campos e Teixeira de Mello, o Sr. prezidente abre a sessão e designa o socio Teixeira de Mello para occupar o lugar de 2°. secretario. Procede este á leitura da acta da sessão anterior, que é sem contestação approvada. Comparece n'esse acto o Barão de Capanema.

O Sr. 1°. secretario aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do socio o Sr. coronel Antonio Borges Sampaio, datado de Uberaba a 8 do corrente mez, enviando ao Instituto o quadro, que promettêra, do juramento da constituição prestado pelo 1°. imperador, acompanhado de uma prova photographica do mesmo quadro. Fôra este dado como brinde, por parte do governo de então, aos que haviam concorrido com a quantia de vinte mil réis para cima para as despezas das festas officiaes effectuadas por occazião da solemnidade; segundo referio muitas vezes o capitão das antigas ordenanças Manoel Rodrigues da Cunha Matos e é tradição corrente em Uberaba.

Circular impressa da *Societé de Geographie* de Pariz, communicando o seo intento de convocar, por occazião da expozição universal proxima futura, um *Congresso internacional de sciencias geographicas*, transmittindo ao mesmo tempo as decizões tomadas pela commissão organizadora d'aquelle congresso e o programma dos respectivos trabalhos. A sociedade de geographia rezolvêra pedir a todas as associações congeneres uma expozição summaria das viagens e publicações que têm contribuido, em cada região do globo, para os progressos da geographia durante o seculo actual e esboços de cartas e mappas com o traçado dos itinerarios seguidos, acompanhados de uma succinta noticia dos descobrimentos feitos no decurso das viagens descriptas e dos movimentos economicos e commerciaes, a que ellas deram origem. Pedia pois um indice bibliographico das principaes publicações relativas ás sciencias geographicas realizadas no paiz, que se fizer reprezentar no congressso. Em circular anterior eram

convidados os prezidentes das sociedades de geographia do mundo para tomarem parte no referido congresso, dando-lhes antecipadamente conhecimento dos seos nomes, pronomes, predicamentos e qualidades. — Fca o 1°. secretario incumbido de providenciar.

OFFERTAS

Pelas sociedades de geographia de Pariz, Berlin e Italiana e o Instituto Argentino os respectivos *boletins*.

Pelo centro bibliographico vulgarisador o ultimo fasciculo da *Revista Sul-americana*.

Pelo Sr. Alcides Catão da Rocha Medrado o n. 17 da sua *Revista do Ensino* (Ouro-Preto).

Das academias de sciencia de Vienna e de Munich as suas *memorias*.

Pelas respectivas redacções : *Diario Popular* (São Paulo) *Jornal do Recife, Liberal Mineiro, Immigração, Espirito-Santense, Provincia do Espirito-Santo, Caxoeirano, Patria, Imprensa, Noureau Monde, E'toile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*.

ORDEM DO DIA

Tratando-se em seguida da cunhagem das medalhas commemorativas da extinção do elemento servil no imperio, dá o Sr. conselheiro Alencar Araripe explicações que satisfazem aos Srs. prezidente, 1°. secretario, Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard, que tomaram parte na discussão.

Insistindo por escripto o Sr. 1°. tenente Garcez Palha pela exoneração, que pedira, de membro da commissão subsidiaria de trabalhos geographicos, o Sr. prezidente o dispensa da commissão até ulterior deliberação da assembléa geral.

O Sr. Dr. Pinheiro do Campos offerece o numero da *Gazeta da Tarde* do dia 26 de Abril, contendo apontamentos aproveitaveis para a biographia do finado

consocio e profundo historiador nacional João Francisco Lisbôa.

O Sr. prezidente aprezenta a indicação seguinte, assignada por elle e pelos socios prezentes á sessão: Propomos o seguinte:

A nossa primeira sessão ordinaria do mez de Julho proximo futuro será celebrada na quinta-feira 4 d'esse mez, e não na sexta-feira seguinte, por ser aquelle dia o do centenario da morte de Claudio Manuel da Costa, a quem a Arcadia de Roma chamou *Glauceste Saturnio*, os posteros deram a qualificação de *Metastasio brazileiro*, e o destino tornou o primeiro martir da liberdade nacional, pondo em seos labios o lemma—*Aut libertas aut nihil!*—que é o nosso bordo: *Independencia ou morte.*

Depois do expediente e da primeira parte da ordem do dia será a segunda parte consagrada á commemoração do centenario do martir da patria.

Iniciada a commemoração por uma alocução do prezidente, seguir-se-ão as demais leituras:

1.° Pelo 3°. vice-prezidente, director do archivo publico, do appenso n. 4 á *Devassa*, a que se procedeo na capitania de Minas-Geraes, do auto do corpo de delicto, e da sentença da alçada na parte que se refere ao poeta;

2.° Pelos socios que se inscreverem, das suas compozições em proza ou verso;

3°. Pelos socios, que não se inscreverem para leituras proprias, de uma ou mais poezias do poeta, segundo a sua escolha;

4.° Pelo orador, do seo elogio historico.

Todos estes trabalhos ou escriptos, quer sejam lidos, quer não, por falta de tempo, serão impressos e formarão parte do numero IV do tomo em via da publicação da nossa *Revista Trimensal*, que além d'elles sómente conterá as actas das sessões ordinarias e da sessão magna, seguida das peças officiaes que lhe são peculiares.

A sessão será modesta, izenta de toda a côr politica, e o salão franqueado aos convidados dos socios e da meza, sendo o numero dos convites limitado á lotação da caza.

A despeza que se tiver de fazer será a menor possivel, ficando autorizado o thezoureiro a despender até a quantia de cem mil réis.

Sala das sessões do Institnto Historico em 26 de Abril de 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva. Visconde de Beaurepaire Rohan. Barão Homem de Mello. J. Egidio Garcez Palha. T. de Alencar Araripe. Jozé Luiz Alves. Felizardo Pinheiro de Campos. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Jozé Alexandre Teixeira de Mello. Barão de Capanema. Henri Raffard.*

2ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. Barão de Capanema lê uma nota sua, sob o titulo *Questões a estudar em solução aos principios da nossa historia*, dirigida não só ao Instituto como a todos os estudiozos das couzas patrias, relativas a duvidas que tem sobre a expedição do celebre *adelantado* Alvaro Nunes Cabeza de Vacca pelo territorio comprehendido entre o Iguassú e o Uruguay, partindo de Santa Catharina, em viagem por terra, para Assumpção do Paraguay, e sobre *bandeiras* e expedições anteriores.

Não havendo nada mais a tratar-se, levanta o Sr. prezidente a sessão.

Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello,
2º. secretario supplente

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE MAIO DE 1889

Prezidencia do commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume, prezentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro, Alencar Araripe

e Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão de Capanema, Barão de Miranda Reis, Drs. João Severiano da Fonseca, Cezar Marques, Sacramento Blake, Pinheiro de Campos e Teixeira de Mello, capitão-tenente Garcez Palha, Henrique Raffard, commendador Jozé Luiz Alves e tenente-coronel Francisco Jozé Borges, o Sr. prezidente declara aberta a sessão. Na auzencia do Sr. Barão Homem de Mello, serve o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca de 1°. secretario, e o secretario adjunto Teixeira de Mello como 2°. secretario lê a acta da ultima sessão, que é approvada.

Em seguida o Sr. prezidente communica nos seguintes termos ao Instituto o falecimento do consocio Baráo de Maruiá :

« SENHORES !—No dia 3 d'este mez perdeo o nosso Instituto mais um de seos illustres socios. O conselheiro João Wilkens de Matos, Barão de Maruiá, deixou de pertencer ao numero dos vivos e sua perda foi geralmente sentida. Era um dos mais sinceros caracteres da nossa sociedade, votado em extremo gráo da virtude de fazer bem. Servio altos e honrozos cargos. Foi prezidente do Amazonas, e da provincia do Ceará. Occupou uma cadeira na camara dos deputados eleito pela provincia do Amazonas. Esteve como consul do Brazil em Caiena e em Loreto. Mereceo as honras dos suffragios do povo fluminense para vereador da camara municipal. Exerceo os empregos de director geral dos correios e de chefe de secção da secretaria da agricultura, em que se apozentou. Fez parte de varias associações e companhias importantes. Foi agraciado com a commenda da ordem de Christo de Portugal e do habito da mesma ordem do Brazil e com a commenda da ordem da Roza. Tinha a patente de coronel reformado da guarda nacional e o titulo de conselho. Era socio effectivo do nosso Instituto desde o anno de 1875. Frequentou por algum tempo as nossas sessões e tomou parte em nossos trabalhos como membro de commissões. Votou-se ultimamente de todo o coração á sociedade amante da instrucção e como seo prezidente prestou-lhe relevantes serviços. Peço, que se

insira na acta da prezente sessão um voto de pezar pela sua eterna auzencia. »

O Sr. 1°. secretario interino dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do socio o Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, de 9 do corrente, communicando não poder ainda comparecer á sessão do Instituto, em cujos trabalhos espera porém em breve poder tomar activa parte e para cuja revista prepara uma descripção das mais interessantes curiozidades dos *Campos Geraes*, na provincia do Paraná.

Do Dr. Jozé de Oliveira Campos, director da bibliotheca publica da Bahia, de 10 de Setembro, communicando ter recebido do Sr. thezoureiro conselheiro Alencar Araripe os fasciculos da *Revista Trimensal*; que faltavam áquella bibliotheca.

Do Sr. Manoel S. Ribeiro Carneiro, bibliothecario da bibliotheca publica do Paraná, de 23 de Abril, accuzando o recebimento de 35 volumes da dita *Revista* remettidos áquella bibliotheca pelo mesmo Sr. thezoureiro de ordem do Instituto.

OFFERTAS

Da prezidencia da provincia de Santa Catharina o *Relatorio* com que ao Sr. Dr. Jozé Ferreira de Mello passou a administração da provincia ao Sr. coronel Augusto Fausto de Souza em 15 de Fevereiro de 1889.

Pela redacção os ns. X e XII do 2°. anno e 2°. numero do 3°. anno da *Revista mensal do club de engenharia*.

Pelo director do escriptorio de estatistica geral de Buenos-Aires, um exemplar do *Annuaire Statistique* d'aquella provincia, correspondente ao anno de 1887.

Pela academia pontificia de *Nuovi Lincei* os seos *Atti* do anno XLII, Dezembro de 1888 e Janeiro do corrente anno.

Pela sociedade de sciencias de Neufchatel o tomo XVI do seo *boletim*.

Pelas sociedades de geographia de Paris, Saint—Gall (Suissa) Bordeaux e Italiana os seos *boletins* e *revistas*.

Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Gazeta da Bahia*, *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Provincia do Rio*, *Imprensa Constitucional*, *Géographie* (de Paris), *Nouveau Monde*, *E'toile du Sud* e *Brésil* (de Paris).

Passando-se á 1ª. parte da

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Cezar Marques aprezenta a seguinte proposta, que o Sr. prezidente declara adoptar por sua:

« Proponho, que seja elevado á classe de membro honorario monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato, nosso consocio desde 1881, que durante o longo intervallo de 18 annos tem justificado o honrozo conceito, que d'elle formou o nosso venerando consocio o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, quando o chamou illustrado e patriota sincero, com dispozições naturaes para trabalhos geographicos, sendo reforçado esse juizo pelos nossos consocios Barão de Capanema e Dr. Perdigão Malheiro, de saudoza memoria. Julgando-o portanto muito digno d'essa distinção, hoje que é monsenhor, protonotario apostolico, prelado domestico de Sua Santidade, commendador por Portugal e pela Italia, eu o proponho com toda a satisfação, e estou certo, que este meo acto será apoiado pela justiça de todos os meos consocios. Sala das sessões em 10 de Maio de 1889. O socio honorario *Dr. Cezar Augusto Marques*.»

Posta a votos é unanimemente approvada e declarado socio honorario o Sr. monsenhor Manoel da Costa Honorato.

Depois de agradecer ao Sr. prezidente a gentileza de ter aceitado esta proposta como sua, o mesmo Sr. Dr. Cezar Marques lê a seguinte:

« MEOS SENHORES ! Faz hoje um anno, que o Brazil inteiro estremeceo de sul a norte, porque percorreo por toda a parte, com a rapidez da electricidade, a noticia de que estava gravemente enfermo Sua Magestade o Imperador. O susto e as agonias não eram em vão, pois Sua Magestade foi desde 7 de Abril de 1831 considerado, e com razão, como o penhor da futura felicidade d'este vasto imperio, a qual elle tem realizado desde 23 de Julho de 1840 até hoje.

Felizmente para todos os habitantes d'esta formoza região, abençoada por Deos, como muito bem dice o sabio viajante francez João de Lery, é Sua Magestade o amigo de todos os Brazileiros e estrangeiros, o protector dos que trabalham, a garantia da ordem e bem-estar de que gozamos, o autor da prosperidade, que tem elevado o Brazil ao nivel das nações mais adiantadas do mundo, o sabio, que tem excitado a admiração dos homens mais notaveis da culta Europa, o alto magistrado, que no exercicio de suas arduas e espinhozas funcções magestaticas tem sempre diante de si a justiça, quando não é illudido por informações inexactas de alguns dos seos ministros, do cidadão, que, como particular, é o modelo de todas as virtudes domesticas, mais abrilhantadas pela excelsa senhora, que com elle compartilha o unico throno assentado na America do sul. Por tudo isto o Sr. D. Pedro II não é só respeitado como monarca, e sim geralmente estimado como pai extremozo.

Pelo pezar, que cada um de nós sentio por longos mezes passados entre sustos e dôres, ancias e afflicções, avaliamos o soffrimento geral sem distinção de matizes politicos, nem de nacionalidades. Era geral a dôr, e incessantes a Deos eram os votos, unidos aos rogos e ás supplicas da Augusta Princeza Imperial e de sua virtuosa familia, que n'essa occazião não eraa regente, e sim uma irman extremoza, que comnosco repetia as orações elevadas ao Omnipotente. Foram-se os máos dias, nasceo a esperança, e o mal extingui-se, e nós tivemos a satisfação de vêr restituido á nossa cara patria, aos nossos braços e amo nosso amor o venerando e sempre querido Sr. D. Pedro II, graças em primeiro logar á Divina

Providencia, que não se cansa de proteger o Brazil. Já nos templos, mais de uma vez e em diversas solemnidades religiozas, temos elevado a nossa alma á prezença de Deos para agradecer-lhe tão grande ventura.

Justo é, senhores, que paguemos tambem o nosso tributo de gratidão ao respeitavel cidadão, que, como medico illustrado e talentozo, guiou pelo intrincado dedalo da medicina o tratamento tão sensato das graves molestias, que mortificaram o Sr. D. Pedro II; que não abandonou um só momento o seo leito de dôr; que, quazi como filho extremozissimo, se esforçou o quanto cabia em forças humanas, de dia e de noite, sem cansar e nem descansar, para salvar existencia tão precioza a todos, e mui especialmente para a nossa associação, que tem a gloria de possuil-o como seo protector.

Bem vê o Instituto Historico e Geographico, que o Sr. Conde de Mota Maia prestou singular e notavel serviço ao Brazil, e na primeira pagina de um livro eu escrevi, que por este facto os Brazileiros todos lhe deviam offertar, cada um conforme suas posses, um mimo como prova de gratidão. Com taes crenças eu julgo, que o Instituto a tão distincto e caridozo medico deve dar uma prova de muito apreço e de sua gratidão, e assim proponho, que se lhe offereça, por intermedio de uma commissão, a collecção completa da nossa *Revista Trimensal*, competentemente encadernada, tendo na primeira pagina, escripta pelo nosso respeitavel prezidente, a cauza da tal dadiva.

Parece-me, que, si assim não pagámos, como era para dezejar, a nossa divida, como que a amortizámos d'alguma fórma reunindo n'esta festa de corações agradecidos os espiritos das nossos consocios, de saudoza memoria, que nos precederam desde 21 de Outubro de 1839, e os reunimos aos sinceros votos dos que actualmente existem para dizermos e gravarmos nas paginas da nossa *Revista*: Seja para sempre elogiado, seja para sempre protegido por Deos o Sr. Conde de Mota Maia, pelo maior serviço, que podia prestar ao Brazil, salvando, como medico, da morte quazi certa Sua Magestade o Imperador.

Estou certo, senhores, que este requerimento será

approvado sem discussão, pois o que acabo de dizer está no meo coração, e encontra-se tambem no de nós todos aqui prezentes.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico, na noite de 10 de Maio de 1889. O socio honorario *Dr. Cezar Augusto Marques.* »

Submettido pelo Sr. prezidente á consideração do Instituto, è sem discussão e unanimemente approvado.

O Sr. prezidente communica, que, estando promptas as medalhas commemorativas da extinção da escravidão no Brazil e proximo o dia anniversario da promulgação da lei respectiva, nomeia os socios prezentes para a commissão que tem de entregar a S. M. o Imperador e a S. A. a Princeza Imperial os dois exemplares de ouro a esse fim destinados e designa o Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro para relator d'aquella commissão.

Quanto á distribuição das medalhas de prata e bronze, propõe o Sr. conselheiro Alencar Araripe, que o Sr. prezidente constitua uma commissão especial para acordar nas associações e pessoas, ás quaes tenham ellas de ser offerecidas. Concorda-se, depois de algumas observações do Sr. Henrique Raffard, que faça o mesmo Sr. conselheiro a indicada relação e a aprezente na primeira sessão.

O Sr. Dr. João Severiano da Fonseca communica, que o Sr. Dr. Machado Portella pedia por carta, então recebida, desculpa ao Instituto de não ter comparecido ultimamente ás sessões; que molestia gravissima em pessoas de sua familia motivou e continúa a motivar a sua auzencia.

O mesmo Dr. João Severiano da Fonseca aprezenta um officio do Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, da prezente data, remettendo o opusculo recentemente publicado do Sr. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt, intitulado *Origem das especies e America prehistorica*, para servir de titulo á sua admissão ao Instituto: o mesmo Dr. João Severiano formula a proposta para a sua admissão, que é remettida á commissão de trabalhos historicos.

São distribuidos aos socios prezentes exemplares impressos da proposta feita na sessão passada acerca da

commemoração do centenario da morte do poeta mineiro Claudio Manuel da Costa.

Passando-se á 2ª. parte da

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Cezar Marques, para se defender de accuzações infundadas de plagio, a respeito de discursos que lhe têm sido assacadas na imprensa, lê um estudo comparativo dos diccionarios historicos e geographicos da provincia do Espirito-Santo compostos, um pelo fallecido consocio Braz da Costa Rubim, e outro por elle doutor, com a intenção de demonstrar « como entre nós se aprecia o trabalho alheio, não se recuando ás vezes até o uzo de negras calumnias».

Terminada esta leitura e confronto, levanta o Sr. prezidente a sessão.

Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello,*
servindo de 2.º secretario.

7.ª SESÃO ORDINARIA EM 24 DE MAIO DE 1889.

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

Abre-se a sessão, ás 7 horas da noite, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, conselheiro Olegario H. d'Aquino Castro, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca e Teixeira de Mello, conselheiros Alencar Araripe, Manoel Francisco Correia e Pereira de Barros, Drs. Cezar Marques e Luiz Cruls, capitão de fragata Jozé Candido Guilhobel, Dr. Nogueira Jaguaribe, commendadores Rodrigues de Oliveira e Jozé Luiz Alves, Dr. Francisco Ignacio Ferreira, Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard.

O 2º. secretario lê a acta da sessão antecedente, que é approvada ; e o Sr. prezidente a seguinte allocução :

SENHORES ! A prezente sessão coincide com a commemoração de um facto transcendente. E' hoje o anniversario de um dos grandes dias, que a historia gravou com letras de ouro nas paginas dos annaes do Brazil: 24 DE MAIO é uma efemeride glorioza ; e no nome de TUYUTY rezume-se uma das mais famozas batalhas, que se feriram na America do sul.

Recordar-vos as acções de heroismo praticadas pelo nosso exercito n'essa jornada em que se coroou de immarcessiveis louros, seria duvidar do vosso enthuziasmo pelos patrios feitos, pois essa data memoravel, que jámais se apagará da memoria das gerações prezentes e vindouras menos se extinguirá da mente dos membros do Instituto, a quem a historia nacional impõe o dever de commemorar suas grandes e festivas datas. Proponho, que se lancem na acta de hoje estas palavras : — O Instituto Historico, em lembrança do anniversario da grande batalha do Tuyuty, consagra um voto de glorioza recordação ao exercito brazileiro, que n'esta data, sob o commando do immortal Ozorio, se cobrio de gloria. »

Foi unanimemente approvado.

O Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro pede a palavra e como relator, que foi, na commissão encarregada da entrega a SS. MM. e AA. II. as medalhas commemorativas da extinção da escravidão, declara, que, no dia aprazado ás 7 horas da noite, foi a commissão recebida no paço imperial por SS. MM. e AA. II., pronunciando elle o seguinte discurso :

SENHOR ! As medalhas commemorativas, que, em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, temos a honra de offerecer n'este momento á Vossa Magestade e a S. A. a Serenissima Princeza Imperial, trazem gravadas a efigie da Inclita Redemptora dos captivos e uma data auspicioza, que, mais do que no ouro ou no bronze, perdurará brilhantemente inscripta em caracteres indeleiveis na memoria da patria e no coração agradecido dos Brazileiros, recordando o mais grandiozo feito, que ennobrece as paginas gloriozas da nossa historia contemporanea.

Ha mais de meio seculo prenunciavam os fundadores da nossa nacionalidade a extinção da escravidão como o complemento necessario da nossa emancipação politica; o fanal que nos guiaria seguros na marcha do progresso e da civilização; o titulo de honra que faria do Brazil uma nação livre, feliz e respeitada.

Foi ardua a empreza; longo e dolorozo o estadio percorrido; mas somos alfim chegadados á dezejada méta das nossas mais justas e nobres aspirações. A's negras sombras da triste escravidão succederam as rutilantes galas do astro, que illumina um povo inteiramente livre.

Bem hajam áquelles que tão alto souberam elevar o monumento de nosas grandezas nacionaes!

A vós, Senhor, cujos sentimentos de encendrado patriotismo e indefectivel amor da justiça e da humanidade se manifestaram sempre favoraveis á cauza sacrosanta da liberdade, cabe a immarcessivel gloria de haver iniciado o generozo movimento, que, de acôrdo com a opinião nacional, veio em bôa hora realizar a inestimavel conquista da razão esclarecida sobre os deploraveis erros do passado; a vós, Senhora, a ineffavel satisfação de haver assellado com o vosso bem louvado nome a liberal reforma, dictada pela religião, pela moral, e pelo direito, e que hoje constitue o mais esplendido padrão da nossa dignidade nacional.

As benções do Deos da igualdade, de caridade e de amor, as cordiaes saudações e fervorozas preces dos mizeros redimidos, a estima e a veneração da patria e da posteridade, serão em todo o tempo a solemne consagração das glorias, que reflectem purissimas e serenas sobre as augustas frontes dos bemfeitores de uma raça inteira de opprimidos.

Senhor, quando longe da patria, ha um anno, sentieis vossas forças alquebradas ao pezo de cruel infermidade que vos affligia, e a todos nós profundamente magoava, transpondo os mares, vos enviámos a feliz nova, que com tanto jubilo acolhestes, de que reinaveis já sobre uma nação em que todos os vossos subditos eram tambem vossos concidadãos.

São hoje nossos mais ardente votos,que a Deos praza conceder-vos ainda vida bastante para que possais testimunhar o engrandecimento progressivo d'esta patria, que vos é tão cara, que tanto vos deve, e á qual tendes dedicado todos os esforços, todos os affectos de vossa illustrada intelligencia e magnanimo coração.

Assim presta o Instituto suas respeitozas homenagens á Vossa Magestade e á Sua Alteza Imperial, no primeiro e faustozo anniversario da Lei de 13 de Maio de 1888, que, com geraes applauzos do mundo civilizado, declarou para sempre extincta a escravidão no Brazil. »

Ao qual S. M. o Imperador dignou-se de responder : « Agradeço muito ao Instituto ; e nada mais digo, porque o Instituto bem sabe, que eu sou todo d'elle.»

O Sr. prezidente declara, que o Instituto ouve reverente e com o mais profundo reconhecimento as palavras do soberano, as quaes, sendo mais uma revelação do seo devotamento e entranhado amor ao Instituto, são tambem uma affirmativa de que o Instituto não tem desmerecido do seo alto apreço, e a maior e a mais significativa recompensa aos nossos esforços em buscarmos corresponder com o trabalho a essa especial protecção, toda originada no desvelado e inexcedivel culto á sciencia, por parte do Imperador. E que palavras tão significativas e tão honrozas deverão perdurar em letras de ouro nos annaes do Instituto, como indeleveis ficam nos corações dos seos associados.

Em seguida o mesmo Sr. prezidente, annunciando a morte do socio correspondente estrangeiro, conselheiro Antonio Jozé Viale, lê as seguintes palavras : « Senhores, noticias recebidas de Lisboa nos trouxeram a triste nova do falecimento do nosso consocio e emerito literato, o conselheiro Antonio Jozé Viale, de quem tanto realce colheram as letras portuguezas. Amava sincera e enthuziasticamente o Brazil, como se vê dos seos escriptos ; e muitos Brazileiros, apezar da distancia interposta pelo oceano, o consultavam como um dos mais prestigiozos mestres da lingua commum aos dois povos, dos dois hemispherios. Era socio correspondente desde o anno de 1885. Peço ao Instituto, que se insira na acta de hoje

um voto de muito pezar pelo seo desapparecimento d'este mundo, onde seo nome fica gravado nas suas obras.»

O Sr. 1°. secretario aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Dos socios os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan e Moreira de Azevedo, communicando não poderem por infermos comparecer á sessão. O Sr. Moreira d'Azevedo, no mesmo officio, accuza a remessa de varias propostas, que estão em seo poder para, como relator da commissão de historia, dar parecer; e offe ece duas obras, uma, *Empire du Brésil*, de J. J. E. Roy, e outra, um volume das poezias de Castro Alves, notavel por trazer, autografa, uma dedicatoria do poeta. E do Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, remettendo em nome do autor, o Sr. Evaristo Affonso de Castro, um volume impresso, intitulado *Noticia descriptiva da região missioneira na provincia do Rio-Grande do Sul.*

OFFERTAS

Pelo Sr. coronel Francisco Rafael de Mello Rego *Roteiro e noticias da expedição da commissão alleman em 1887 ás cabeceiras do Xingú*, pelo alferes de infantaria Luiz Perrot; pela secretaria da camara dos deputados o *Relatorio e sinopse* dos seos trabalhos no anno de 1888; pelo imperial observatorio, centro vulgarisador, e sociedade de geographia de Tours, suas *revistas*; pela real academia de historia de Madrid e sociedade adriatica de sciencias naturaes, em Trieste, os seos *boletins*; pelas respectivas redacções os jornaes seguintes: *Brésil, Géographie*, e *Noveau-Monde*, de Pariz, *Mouvement géographique*, de Bruxellas, *Immigração, E'toile du Sud* e o *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro, Espirito-Santense* e *Caxoeirano, Provincia do Espirito-Santo*, todos do Espirito-Santo, *Liberal Mineiro* e *Baependiano*, de Minas, *Gazeta de Mogimirim, Gazeta da Bahia, Jornal*

do Recife, *Imprensa*, de Therezina, *Respigador*, dos Açores, e a *Revista Treze de Maio*, n. 7, 2°. anno, d'esta cidade; pelo Sr. Leonardo Castro Lafayette o seo *Novo Vocabulario universal portuguez* ; e pelo Sr. Henry, trez medalhas, uma de prata, dedicada pela cidade do Porto a D. João, principe regente de Portugal, outra de prata, commemorativa do cazamento de D. Maria Izabel, filha d'este principe, com Fernando de Espanha, e a terceira, de cobre, a D. Pedro IV e D. Maria II, commemorativa das campanhas da liberdade, de 1826 a 1834.

O mesmo Sr. 1°. secretario lê a seguinte proposta:

« Propomos para membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Evaristo Affonso de Castro, rezidente no Rio-Grande do Sul, e autor da *Noticia descriptiva da região missioneira na provincia do Rio-Grande do Sul*, impressa na cidade da Cruz-Alta, e que offerece um volume como titulo para sua admissão. Rio de Janeiro 24 de Maio de 1889. *Augusto Fausto de Souza. Barão Homem de Mello. João Severiano da Fonseca.*

E' remettida á commissão subsidiaria de geographia.

O Sr. Dr. Cezar Marques pede informações sobre o fim que levaram as propostas feitas, ha tempo, e bem assim os trabalhos que aprezentaram os candidatos majores João Vicente Leite de Castro e Gomes Neto.

O Sr. Dr. Sacramento Blake communica, que agora mesmo acaba de receber do Sr. Moreira de Azevedo algumas obras, que estavam em seo poder para serem por elle julgadas, bem como as respectivas propostas, sem os pareceres: são ellas dos senhores major João Vicente Leite de Castro, hoje tenente-coronel, 1°. tenente da armada Antonio Alves da Camara, João Carlos de Souza Ferreira e Clovis Lamarre.

O Sr. prezidente designa o Sr. Dr. Sacramento Blake para relator.

O Sr. Jozé Luiz Alves lê o *relatorio* da commissão de fundos e orçamento sobre o balanço do anno proximo findo, dando por boas as contas prestadas. E' approvado sem discussão.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe submette á consideração da caza a relação das pessoas a quem devem ser distribuidas as medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio de 1888, mandadas cunhar pelo Instituto.

O 2°. secretario, chama a attenção do Instituto para os muitos e relevantes serviços a elle prestados pelo socio correspondente o Sr. Antonio Borges de Sampaio, de Uberaba, e propõe, que a elle seja conferido uma das medalhas de prata não sómente como prova de reconhecimento e gratidão, mas tambem como um incentivo, ao ficar publico que o Instituto sabe ser reconhecido a quem por elle se esforça. E' approvada.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves requer, que seja de ouro a medalha destinada ao chefe da christandade, Sua Santidade o papa; offerecendo-se para mandal-a cunhar a expensas suas e do nosso consocio o Sr. commendador Rodrigues de Oliveira. Sendo porém informado que o cunho respectivo já foi inutilizado, e que um novo com difficuldade sahirá igual ao primeiro, retira sua proposta.

O Sr. Dr. Sacramento Blake, referindo-se á proposta ultimamente approvada, do Sr. Dr. Cezar Marques, relativamente ao offerecimento da *Revista Trimensal*, en[illegible], ao Sr. Conde da Mota Maia, pede licença para [illegible] tambem essa proposta; e entrando em largas [illegible]ções sobre a vida e saude de S. M. o Imperador, [illegible]los desvelos, amor e serviços por elle feitos ao [illegible]s quaes o menor é ter sido o primeiro e unico [illegible], que o fez conhecido na Europa, propõe, que em [illegible] gratidão o Instituto nomêe seos membros hono[illegible] medicos, que conseguiram salvar e restituir ao [illegible]eo mais caro penhor, o Sr. D. Pedro II.

[illegible]erido o adiamento da proposta, é approvado. E [illegible]endo a tratar, levanta-se a sessão ás 9 1/4 da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca

2.º secretario interino.

8ª. SESSÃO ORDINARIA EM 7 DE JUNHO DE 1889

Prezidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume abre-se a sessão, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca, Teixeira de Mello, Cezar Marques, conselheiro Alencar Araripe, Barão de Miranda Reis, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, Dr. Pinheiro de Campos, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Sacramento Blake e Henrique Raffard. O 2°. secretario interino lê a acta da sessão antecedente, que é approvada, com uma modificação proposta pelo Sr. conselheiro Alencar Araripe.

Os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan e senador Alfredo d'Escragnolle Taunay justificam sua falta á sessão de hoje, pedindo este digno consocio para fazer a leitura de um seo trabalho na proxima sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo remette para ser impresso um artigo relativo ao centenario de Claudio Manoel da Costa.

O Sr. 1°. secretario lê officios do prezidente do Rio-Grande do Sul, remettendo a *fala* e *relatorio* do vice-prezidente Barão de Santa Tecla, ao passar-lhe a administração, e a com que abriu a 1ª. sessão de 23ª. legislatura provincial, em 1 de Março ultimo; do Srs. socios Jozé Candido Guillobel e Moreira de Azevedo remettendo os pareceres das commissões de historia e geographia sobre os trabalhos para a admissão dos Srs. major, hoje tenente-coronel, João Vicente Leite de Castro, Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencort, Bazilio de Carvalho Daemon e Evaristo Affonso de Castro, pareceres que adiante constam d'esta acta.

São aprezentadas ao Instituto as seguintes

OFFERTAS

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin o *Nouveau Dictionnaire de geographie universelle;* pelo editor *A' Memoria*

de Victor Hugo, homenagem da provincia do Paraná, e pelas redacções respectivas : *Almanack do municipio neutro*, de Laemmert, para 1889, boletíns das sociedades de geographia de Bordeos e de Giésen e da de estudos indo-sinicos de Saigon ; do club naval, do observatorio imperial, o *Liberal Mineiro*, *Revista Maritima*, *Constitucional*, *Jornal do Recife*, *Caxoeirano*, *Espirito-Santense*, *Gazeta de Mogimirim*, *Ensaio Juvenil*, *Provincia do Rio de Janeiro* e *Imprensa*. E o mesmo 1°. secretario communica, que expediram-se programmas para a celebração do centenario de Claudio Manoel aos seguintes jornaes : *Provincia de Minas*, *União*, *Liberal Mineiro*, *Minas Altiva*, de Ouro-Preto, *Pharol*, *Diario de Noticias* e *Gazeta da Tarde*, de Juiz de Fóra, *Monitor Sul-Mineiro*, da Campanha, *Gazeta de Uberaba* e *Uberabense*, de Uberaba, *Gazeta Mineira* e *Arauto de Minas*, de São-João d'El-rei, *Leopoldinense* e *Irradiação* da Leopoldina. *Sete de Setembro*, de Diamantina, *Folha de Minas*, de Cataguazes, *Municipio*, de São Jozé de Além-Parahiba, e *Gazeta de Passos*, de Passos.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe consulta o Instituto sobre o pedido do medico Dr. Paulo Shrenreich, de uma collecção da *Revista Trimensal*. E' concedida.

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves justifica a auzencia do socio o Sr. bispo do Pará, que allega não ter comparecido por incommodos graves de saude, promettendo vir na 1ª. sessão. E tratando-se de medalhas para Sua Santidade o papa, o Instituto rezolve, que seja de ouro, como a do chefe do estado.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello lembra á commissão de admissão de socios o parecer relativo ao Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire, medico, natural de Serpige, proposto desde o anno passado. O Sr. Dr. Cezar Marques aprezenta os seguinte requerimentos :

1°. Quazi que não se passa uma só sessão, sem que o o nosso illustrado prezidente nos participe, que foi tirado da communhão dos vivos um dos nossos consocios, aqui, nas provincias e na Europa. Vai assim diminuindo o numero dos nossos companheiros, deixando-nos sós n'esta lida, e legando-nos muitas saudades. Poucos são os que

frequentam as nossas officinas de trabalho, e é para lamentar-se, que muitos cidadãos, que manifestaram dezejos de pertencer ao nosso gremio, e que vieram á nossa porta pedir ingresso, quando tudo lhes offerecemos, e os esperavamos de braços abertos, nem siquer vieram por acto de delicadeza tomar posse do seu lugar, e nem ao menos tiveram para comnosco a attenção de dirigir-nos suas desculpas.

Faltaram assim ás promessas, que nos fizeram, e nós sentimos, além do procedimento inesperado, a falta de suas luzes, dos seos talentos e dos seos conhecimentos especiaes. Tudo isto nos faz crêr, que em breve seremos poucos; e para occupar tantos claros em nossas fileiras requeiro, que a illustrada commissão de admissão de socios emitta sua judicioza opinião sobre tantos candidatos, que para lá foram acompanhados de pareceres, sempre sinceros, das diversas commissões a que fôram sugeitos os seos trabalhos. Sejam bemvindos os que tiverem as necessarias habilitações, porem quanto antes. Rio 7 de Junho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques.*

2°. Requeiro, que seja em primeiro lugar aprezentado á commissão de fundos e orçamento qualquer requerimento ou proposta, que traga ao Instituto augmento de despeza por mais pequenina que seja, evitando-se um *deficit* qualquer, o qual de dia para dia mais se augmentará, si não observar-se toda a economia, e prudencia para que os cofres do Instituto não carreguem com despezas superiores ás suas forças, por mais louvavel que seja a intenção do autor da proposta. Em 7 de Junho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques.*

O Sr. 1°. secretario lê os seguintes pareceres das commissões de historia e geographia, os quaes, depois de considerados, são remettidos á commissão de admissão de socios.

1°. Como titulo á admissão do major João Vicente Leite de Castro para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro foi aprezentado o seo *Diccionario geographico e historico das campanhas do Estado Oriental do Uruguay e do Paraguay.* Parte d'esta

obra acha-se publicada no 50°. volume da *Revista Trimensal*, paginas 197 a 266 da parte 2.ª, abrangendo a letra A., e é bastante conhecida do Instituto. Essa publicação, feita nas columnas da nossa revista já demonstra, que está reconhecido o merito da obra; entretanto a commissão de trabalhos historicos dirá sempre, que um livro em que se registram tantos combates e actos de heroismo praticados pelos exercitos alliados, e em que descrevem os lugares, que se tornaram notaveis nas memoraveis lutas, que o Brazil foi obrigado a sustentar, é de incontestavel valor para a historia e geographia patria. Escripta em vista de documentos officiaes e por quem testimunhou os factos narrados, percorrendo os lugares mencionados, si não completa a historia da guerra de mais gigantescas proporções da America meridional, fornece sem duvida os melhores e mais seguros dados a quem tiver de completal-a. A obra do major Leite de Castro merece por tanto o acolhimento, que o Instituto deo-lhe, e seo autor o titulo que aspira.

Rio de Janeiro 1 de Junho de 1889. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

2°. A commissão de trabalhos historicos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro vem dar seo parecer acerca do livro aprezentado para admissão, como socio correspondente, do major Bazilio Carvalho Daemon, nascido e rezidente na provincia do Espirito Santo. *Provincia do Espirito Santo, sua descoberta, historia chronologica, sinopsis e estatistica*, é o titulo d'esse livro, publicado na cidade da Victoria em 1880, de 513 pags. *in* 4°, dividido em trez partes e offerecido a S. M. o Imperador.

Na primeira parte, *estudos sobre o descobrimento da provincia*, dá o autor noticia de todos os navegadores, que descobriram ou aportaram em terras do Brazil desde Pedro Alvares Cabral em 1500, e conclue, que foi Christovam Jacques, quem, sahindo de Lisbôa a 10 de Junho de 1503 com ordem expressa do rei de Portugal para explorar as costas do Brazil, primeiro fez o reconhecimento da provincia de 4 a 8 de Julho do anno seguinte, de 1504, aportando em muitas paragens, onde collocou

alguns marcos, sendo impossivel (diz elle) que á vista do rio São-Matheos, Rio-Doce, rio Santa Cruz, bahia da cidade da Victoria, Guaraparim, rio Benevente, Itapemirim e rio Itabapoana, não lhe chamasse a attenção para pontos tão salientes na commissão, de que se achava encarregado.

Não duvida o major Bazilio Daemon, que posteriormente outros navegadores tocassem a essa costa, e que tambem a descrevessem para a planejada capitania do Espirito Santo, dada a Vasco Fernandes Coutinho ; mas affirma, que muito tarde foi ella explorada, sendo seos primeiros exploradores Sebastião Fernandes Coutinho e outros companheiros, vindos de Porto-Seguro, que navegaram o Rio-Doce acima, e examinaram suas lagôas, rios e confluentes até as Escadinhas. A respeito da questão, que hoje preoccupa os investigadores de nossa historia, a do actual Porto-Seguro, só *per accidens* diz o major Bazilio Daemon, que é o mesmo descoberto em 1500 por Pedro Alvares Cabral.

A segunda parte do livro, a mais volumoza, *datas e factos historicos da provincia*, de pags. 49 a 468, é escripta chronologicamente e abrange datas e factos desde o descobrimento do Espirito Santo por Christovam Jacques até 1879.

Fecha-se finalmente o livro com a *descripção topographica, estatistica, monumentos e nomenclatura*, demonstrando o autor, em todo elle, muito estudo e paciencia, e portanto tornando-se digno de ser admittido ao gremio do Instituto.

Rio de Janeiro 1 de Junho de 1889. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

3°. Para admissão do Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro como socio correspondente foi aprezentado o livro « *Origem das especies e America prehistorica*, conferencias effectuadas na escola publica da Gloria » publicado no Rio de Janeiro 1889.

A primeira parte d'essa obra nada tem com a historia do Brazil ; mas é de alto valor scientifico, e só por ella vê-se, que seo autor está habilitado a ser um excellente

auxiliar nos nossos trabalhos. Sendo natural, como elle diz, que o homem dezeje conhecer sua origem, seos antepassados, a época de sua apparição sobre a terra, assim como o ponto ou pontos em que appareceo, começa o Dr. Pinheiro de Bitencourt a estudar essas questões e declara-se francamente poligenista e sectario da theoria dos centros multiplos de creação.

Tratando-se da antiguidade do homem sobre a terra, diz elle, que é dogma scientifico ter o homem vivido no periodo quaternario ou glacial, anterior ao actual; que está mais que demonstrado ter sido elle contemporaneo do elefante primitivo (mammouth), do rhinocerente, do urso das cavernas, da hiena fossil etc.; que não se póde contestar no seculo actual o facto de haver elle lutado com esses animaes e tel-os vencido com o auxilio de seos rudes instrumentos de pedra lascada. Em seguida occupa-se do darwinismo ou transformismo em duas conferencias e passa a tratar da America prehistorica e de outros assumptos, que pertencem á nossa historia, como dos aborigenes da America; dos mound-builders, de sua ceramica, sua religião e templos; dos sacrificios de victimas humanas; da cremação dos cadaveres; das explorações de minas de cobre e sistema de canaes, com que procuravam elles facilitar suas communicações.

Desenvolvendo suas observações acerca da antiguidade do homem sobre a terra, o Dr. Pinheiro de Bitencourt faz detalhada menção dos trabalhos do naturalista dinamarquez, Dr. Pedro Lund, nosso consocio, falecido em Maio de 1880, que tão incansavel foi no estudo das riquezas naturaes do Brazil, como nas arduas investigações de paleontologia brazileira, investigações, a que foi o mesmo nosso consocio o primeiro no Brazil a dar-se.

A commissão de trabalhos historicos é de parecer, que seja o Dr. Pinheiro de Bitencourt admittido ao gremio do Instituto.

Rio de Janeiro 1 de Junho de 1889. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

4.° A obra, que tem por titulo *Noticia descriptiva da região missioneira na provincia do Rio-Grande do Sul* pelo

Sr. Evaristo Affonso de Castro, impressa na cidade da Cruz-Alta em 1887, fórma um volume de 367 paginas com uma carta geographica da referida região e acha-se dividida em quatro partes.

Na 1ª. parte faz a seo autor o historico de cada um dos sete povos das missões jezuiticas ao oriente do rio Uruguay desde a sua fundação até a sua destruição. Faz um rezumo historico dos fundadores d'esses povos, os padres jezuitas ou da companhia de Jezus, desde a creação da ordem por Santo Ignacio de Loiola em 1534 até 1828. Descreve as diversas tribus indigenas, que habitavam a zona occupada pelos sete povos das missões jezuiticas ao oriente do rio Uruguay, e que fôram conhecidas com os nomes de São-Nicoláo, São-Miguel, São-Luiz Gonzaga, São-João Baptista, São-Francisco de Borja, São-Lourenço, e Santo-Angelo. Na 2ª. parte faz o historico das circunscripções creadas na região occupada pelos sete povos jezuiticos ao oriente do rio Uruguay desde a destruição d'estes até o anno de 1886, descreve phisica e politicamente cada uma d'essas circunscripções, com excepção dos municipios de São-Francisco de Assis, de São-Vicente e de Itaqui. Na 3ª. parte faz o autor uma recapitulação geral da historia das circunscripções creadas na região missioneira desde 1835 até 1886. Trata dos uzos e costumes dos seos habitantes, instrucção, força publica, aldeiamentos indigenas, pozições astronomicas, e altitudes acima do nivel do mar de grande numero de localidades, observações meteorologicas, geographia phisica e politica, clima, rendas, commercio e agricultura. Na 4ª. parte trata o autor de demonstrar os meios, que podem trazer o progresso á região missioneira.

A obra do Sr. Evaristo Affonso de Castro é pois um trabalho historico, geographico e ethnographico da zona da provincia do Rio-Grande do Sul, onde domináram os jezuitas nos seculos XVII e XVIII, que muito honra o seo autor, o qual é digno da consideração do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Rio de Janeiro, 6 de Junho de 1889. *Jozé Candido Guillobel*. O conselheiro *Barão de Miranda Reis*.

O Sr. Cezar Marques lê um pequeno trabalho intitulado : *Porque por longos annos esteve em confuzão o nome do Maranhão, sendo por muito tempo conhecido por tal o rio Amazonas.*

E nada mais havendo que tratar, o Sr. prezidente levanta a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2o. secretario interino.

9a. SESSÃO ORDINARIA EM 21 DE JUNHO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's horas do costume, prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, Drs. João Severiano da Fonseca, Teixeira de Mello, Cezar Marques, senador Manoel Francisco Corrêa, Barão de Capanema, commendador Jozé Luiz Alves, Pinheiro de Campos e Henrique Raffard, abre-se a sessão. O 2º. secretario lê a acta da sessão antecedente, que é approvada. O Sr. 1º. secretario dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

Do socio tenente-coronel Antonio Borges de Sampaio, enviando o manuscripto *Apontamentos que futuramente podem servir para a historia da recente cidade e municipio do Funchal da comarca de Uberaba*, provincia de Minas-Geraes ; do director da bibliotheca nacional, agradecendo, o exemplar da medalha de bronze commemorativa da lei de 13 de Maio do anno passado, com que o Instituto distinguio a bibliotheca, e enviando um exemplar do fasciculo I vol. XIII dos *Annaes da bibliotheca*, e bem assim

um exemplar de cada uma das duas edições especiaes extrahidas do mesmo fasciculo e volume ; do socio Dr. Moreira de Azevedo, offerecendo a obra *L'Empire du Brésil*, de Angleviel La Beaumelle, e o primeiro numero do jornal *Tribuna Liberal* ; do prezidente do Rio-Grande do Sul, Joaquim Galdino Pimentel, enviando o relatorio com qne o Dr. Rodrigo de Azambuja Villanova passou a administração provincial, em 9 de Agosto findo, ao Exm. Barão de Santa Tecla ; da legação do Chile, ministro Manoel de Villamil Blanco, enviando por parte de D. Anibal Echeverrica y Reys, chefe de secção no ministerio do interior, sua obra intitulada *Geografia Politica do Chile*, e o opusculo *Disquicisionis* ultimamente publicado ; do secretario da academia real de sciencias, letras e bellas-artes da Belgica, agradecendo o 1°. e 2°. folhetos do tom. 50 da *Revista Trimensal do Instituto*, e accuzando os numeros que lhe faltam para completo da collecção ; da bibliotheca da universidade real da Noruega, em Christiania, remettendo *Antinoos*, *Catulo Digtring*, e agradecendo os folhetos 1°. 2°. e 3°. tom. XLIV da *Revista Trimensal do Instituto*.

OFFERTAS

Pela sociedade literaria e historica de Quebec, no Canadá, suas *Transations* ; pela academia de sciencias moraes e politicas de Madrid as suas *Memorias*, tom. VI e a *Rezenha historica*, anno de 1889 ; pela sociedade de geographia de Pariz, Neufchatel e Bordéos, pela alfandega do Rio de Janeiro, pelo club naval do Rio e sociedade africana da Italia os seos boletins ; pelas respectivas redacções : *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Liberal Mineiro*, *Constitucional*, *Gazeta de Mogimirim*, *Immigração*, *Baependiano*, *Imprensa*, *Brésil*, *Nouveau Monde*.

ORDEM DO DIA

1ª. PARTE

O Sr. 1°. secretario lê o parecer da commissão de historia e geographia sobre o trabalho aprezentado pelo Sr. Torquato Xavier Monteiro Tapajoz, para sua admissão no Instituto. E' remettido á commissão de admissão de socios.

O Sr. Dr. Cezar Marques requer, que o Instituto destine uma medalha de prata em substituição á de bronze para a illma. camara municipal da côrte, a primeira em todo o imperio, que na prezença de SS. MM. e AA. II., em dias de festas solemnes, quebrou as cadeias da escravidão a muitos dos infelizes captivos; e uma de honra para o Dr. Jozé Ferreira Nobre, creador e fundador do *Livro de Ouro*, para a inscripção de donativos para a libertação dos escravos. O Sr. commendador Jozé Luiz Alves pede, que igual concessão se faça ao Conde de São-Clemente, ao Conde de Nova Friburgo, ao Conde de Araruama, ao Visconde de Quissaman e ao Visconde de Ururahy, os primeiros a libertarem centenas e centenas de escravos.

O Sr. 1°. secretario lê a seguinte proposta:—Propomos para membro correspondente do Instituto o Illm. Sr. Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, servindo de titulo para a sua admissão o seo *Diccionario brazileiro da lingua portugueza, elucidario ethymologico-critico das palavras e phrazes que, originarias do Brazil, ou aqui populares, se não encontram nos diccionarios da lingua portugueza, ou n'elles vêm com fórma ou significação differente*, ultimamente publicado pela bibliotheca nacional. Sala das sessões em 21 de Junho de 1889. Dr. *Cezar A. Marques*. Dr. *João Severiano da Fonseca*. *Barão Homem de Mello*. *Dr. Teixeira de Mello*. A' commissão de estudos ethnographicos e historicos.

SEGUNDA PARTE

O Sr. Dr. Cezar Marques lê uma rectificação sobre a noticia dada pelo consocio o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, sobre o obelisco de Nazareth, que o mesmo consocio no

seo *Indice dos artigos conti los nos cincoenta tomos da Revista do Instituto*, dá como no Maranhão, quando é em Belem, no Pará.

Não tendo comparecido o Sr. senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, que estava inscripto para leitura de trabalhos, o Sr. prezidente communica, que, antes de levantar a sesão, deve participar ao Instituto, que, a sessão extraordinaria commemorativa do centenario de Claudio Manoel da Costa terá lugar no dia 4 do proximo mez de Julho, nas salas do Instituto.

O Sr. 1°. secretario dá parte, que o Sr. Visconde de Baurepaire Rohan não póde comparecer por infermo. O Sr. Cezar Marques propõe-se a lêr uma memoria historica sob o titulo : *Os Jezuitas no Maranhão*, na sessão seguinte.

E ás 8 3/4 o Sr. prezidente levanta a sessão. Annexos á esta acta vão os requerimentos do Sr. Dr. Cezar Marques, sendo os mesmos remettidos á commissão de fundos e orçamento para interpôr parecer.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2°. secretario interino.

1°. A illm. camara municipal da côrte reprezentou papel saliente nas lutas pela libertação dos escravos.

Foi ella a primeira em todo o imperio, que em prezença de S. M. o imperador e da augusta familia imperial, em dia solemne de rigozijo publico, celebrou festas solemnes, onde por entre galas e flôres, canticos e outras demonstrações de prazer quebrou as cadeias de muitos infelizes prezos ao barbaro captiveiro. Foi ella a primeira, que deo tão brilhante exemplo, depois seguida por outras camaras, e por isso merecia ser por nós brindada, com medalha, não igual, e sim muito distincta da concedida ás outras municipalidades. Infelizmente o plano, que seguimos, privou-nos do cumprimento d'esse acto de rigoroza justiça. Para attenual o requeiro, que, praticando assim um acto de pura justiça. seja substituida a medalha de bronze por uma de prata. Rio 21 de Julho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques.*

2°. O Instituto Historico e Geographico não pôde dispôr de medalhas com certas gradações para attender ao merito e serviços de diversos cidadãos, que lutáram na tenaz e porfiada campanha do abolicionismo. Si assim fôsse por certo que ao Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre não seria offerecida uma simples medalha de bronze, e para isso basta lembrarmos-nos, que foi elle o creador e o fundador do *Livro de Ouro*, cujo fim foi a inscripção de donativos para a alforria dos infelizes escravos. Quando o Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre teve essa inspiração divina, a luta estava muito renhida, era crime até fallar-se em liberdade, jogou elle com as suas aspirações politicas, creou grande numero de inimigos, perdeo amigos, nos campos eleitoraes soffreo renhida guerra, curtio profundos desgostos, e seo coração foi ferido dolorozamente até no exercicio de sua profissão de advogado. Para tudo isto achou elle conforto em seos sentimentos de verdadeiro christão, e em sua consciencia. Dentro de pouco tempo o *Livro de Ouro* servio de exemplo para serem creados outros iguaes em diversas localidades do imperio. A arvore do bem, plantada aqui na côrte, espalhou suas raizes, e produziu bons frutos em diversas provincias do imperio. Estava por tanto reconhecido o valiozo serviço, que á cauza santa da liberdade prestou o Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre. Requeiro, que seja substituida a medalha de bronze por uma de prata. Rio 21 de Junho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques*.

Rectificação. Com todo o interesse, que sempre me inspiram os escriptos do nosso talentozo collega o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, li o seo *Indice* dos artigos contidos nos 50 tomos da *Revista Trimensal do Instituto Historico* em relação a cada uma das provincias do imperio, e n'elle sob o titulo *Maranhão*, logo na 2ª. linha vi, que ahi foi considerado como pertencente a essa provincia o *obelisco da estrada de Nazareth*, o qual pertence ao Pará, como se verifica na «conta que deo da instauração do obelisco da estrada de Nazareth ao Exm. Sr. Dr. João Antonio de Miranda, prezidente da provincia do Pará, o tenente-coronel Antonio Ladisláo Monteiro Baena»

impressa nas pags. 204 a 208 do 3°. vol da nossa *Revista Trimensal*, pertencente ao anno de 1841. Foi um simples engano, que convem ser desfeito em homenagem á verdade. Rio 21 de Junho de 1889. Dr. *Cezar Augusto Marques.*

SESSÃO SOLEMNE EM 4 DE JULHO DE 1889

A acta d'esta sessão encontrar-se-á na parte 1ª da *Revista Trimensal* de 1890 com as peças da commemoração do centenario de Claudio Manoel da Costa.

10.ª SESSÃO ORDINARIA EM 5 DE JULHO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, tendo comparecido os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. Cezar Marques, Henrique Raffard, capitão-tenente Garcez Palha, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Rodrigues de Oliveira e Dr. Teixeira de Mello, o Sr. prezidente abre a sessão e designa este ultimo para proceder a leitura da acta da sessão anterior na falta do Sr. Dr. João Severiano da Fonseca. Lida esta e posta em discussão, é approvada depois de algumas rectificações reclamadas pelo Sr. Cezar Marques.

Em seguida o Sr. prezidente lê a seguinte expozição, referente á sessão commemorativa, realizada no dia anterior, do centenario da morte de Claudio Manoel da Costa:

« Hontem celebrámos, como sabe o Instituto Historico, a sessão solemne da commemoração do centenario da morte de Claudio Manoel da Costa, honrada com a

augusta prezença de S. M. o Imperador. Não tenho sinão palavras de louvor para as pessoas que me auxiliaram, afim de que a solemnidade fôsse digna da deliberação tão patrioticamente tomada pelo Instituto Historico.

O nosso digno 3°. vice-prezidente, o Sr. Dr. Machado Portella, encarregou-se da cópia de documentos historicos existentes no archivo publico do imperio, de que é digno director, não comparecendo á sessão, com grande pesar seu, por graves incommodos de pessoa de sua familia. O nosso 1°. secretario supplente Dr. Teixeira de Mello auxiliou-nos na parte literaria, fazendo extractos das obras em que mais de quarenta autores nacionaes e estrangeiros se occupam com o nosso infeliz poeta, e tirando cópia de varias poesias suas, apenas conhecidas de poucos amadores. O nosso consocio o Sr. Henrique Raffard, com a sua invejavel actividade, prestou-nos a sua boa coadjuvação para o ornamente do salão. O nosso consocio o Sr. coronel Augusto Fausto de Souza, digno director do arsenal de guerra, forneceo-nos objectos necessarios para realce da festa.

O Sr. almoxarife do paço da cidade, cumprindo as ordens de S. M. o Imperador, transmittidas pelo nosso consocio o Sr. mordomo Visconde de Nogueira da Gama, esmerou-se em nos fornecer tudo quanto precizámos do mesmo paço. O Sr. Jozé Maria Vieira, honrado proprietario, cedeo-nos gratuitamente as plantas ornamentaes.

Fez a leitura das peças historicas o nosso 1°. secretario o Sr. Barão Homem de Mello, supprindo a auzencia do Sr. Dr. Machado Portella. Abrilhantaram a parte literaria da cerimonia commemorativa os Srs. conselheiro Alencar Araripe, Dr. Teixeira de Mello, João Severiano da Fonseca e Cezar Marques e commendador Jozé Luiz Alves. Fechou a sessão elegantemente o elogio historico, que leo o nosso orador o Sr. senador Alfredo de Escragnolle Taunay. Deixaram de comparecer por incommodo de saude os socios, que se haviam inscripto para leitura, os Srs. conselheiro Olegario H. d'Aquino Castro e Dr. Moreira de Azevedo.

S. M. o Imperador mostrou-se agradavelmente satisfeito e prometteo comparecer a algumas sessões

ordinarias, quando pudesse. Honraram a sessão S. A. o Sr. principe D. Pedro Augusto, e os Srs. ministro do imperio conselheiro Barão do Loreto, camarista Marquez de Tamandaré, medico Conde de Mota Maia, muitos reprezentantes da imprensa, grande numero de illustres convidados e membros da nossa associação, aos quaes tributo sinceros agradecimentos em nome do Instituto. No livro de prezença assignaram os socios e todas as pessôas que se dignaram de assistir á sessão.

Peço, que sejam remunerados de alguma maneira os empregados Adolpho Alexandre de Queiroz Ferreira e Adolpho Alves Pereira Garcia, que se excederam nos trabalhos, que exigi da bôa vontade de ambos, não sendo esses trabalhos da sua immediata competencia. O que me desvanece é ter feito tudo com a maior economia ; é o bom gosto, que prezidio a ornamentação do nosso salão geralmente elogiado ; é a execução do programma, que ficará commemorado no livro, que publicaremos brevemente, de modo que seja distribuido na proxima sessão magna, como mais um monumento á memoria de Claudio Manoel da Costa.

A festa do nosso jubileo, a distribuição de perto de seiscentas medalhas commemorativas da aurea lei de 13 de Maio de 1888, que extinguio a escravidão, e a patriotica commemoração do centenario do nosso poeta martir, em menos de um anno, não são factos efemeros, pois eternizando-se na memoria das couzas, dão solemne testimunho da vitalidade do Instituto Historico Brazileiro.

Continuamos hoje com os nossos trabalhos ordinarios.»

Terminada esta leitura, o Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do socio Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe, agradecendo a medalha commemorativa da lei de 13 de Maio, com que foi contemplado peloInstituto ; do Dr. Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo, agradecendo

o exemplar d'aquella medalha que lhe foi offerecido ; do socio coronel Antonio Borges de Sampaio, da cidade de Uberaba, remettendo o manuscripto : *A Muzica em Uberaba*, 1889, » acompanhado dos estatutos das trez corporações muzicaes ali existentes actualmente e copia de uma compozição das que se guardam no archivo de cada uma d'ellas.

OFFERTAS

Pela repartição hidrographica do Chile um exemplar do *Anuario Hidrografico de la Marina de Chile* ; pela academia de medicina os seos *boletins* e *annaes* ; pelo Sr. Dr. Gusmão Lobo o relatorio e annexos aprezentados á assembléa geral legislativa na 4.ª sessão da 20ª. legislatura pelo ministro da agricultura conselheiro Rodrigo Agusto da Silva; pelo Sr. Elias Lobo mais um exemplar da sua obra *Contributions de Meteology*; pelas sociedade de geographia de Madrid, Italia, Hamburgo e Bordeaux, os seos boletins; pela sociedade africana de Italia em Napoles o respectivo *boletim* ; pela sociedade de geographia de Tours e o imperial observatorio astronomico do Rio de Janeiro as suas *revistas*. Pelas redações: — *Jornal do Commercio, Jornal do Recife, Gazeta de Noticias, Gazeta da Bahia, Diario Popular* (São-Paulo), *Diario do Commercio, Diario de Noticias, Paiz, Tribuna Liberal, Liberal Mineiro, Constitucional, Espirito-Santense, Gazeta de Mogimirim, Paraná, Brésil, Nouveau Monde, Boletim da alfandega do Rio de Janeiro e Archivo Comtemporaneo.*

ORDEM DO DIA

O consocio capitão-tenente J. E. Garcez Palha aprezenta a seguinte proposta:

« Propomos para socio correspondente d'este Instituto Historico e Geographico Brazileiro o commendador Jozé Carlos de Carvalho, nascido no Rio de Janeiro em 2 de Setembro de 1847, condecorado com as ordens imperiaes do Cruzeiro, de Christo e da Roza do Brazil, com as de Christo de Portugal, de Carlos III de Espanha, a

medalha da campanha do Paraguay, a medalha de merito militar, ex-primeiro-tenente da armada e membro effectivo do instituto polytechnico brazileiro e socio benemerito da sociedade de geographia do Rio de Janeiro, da propagadora das bellas artes e do lyceo de artes e officios. E' autor das narrativas de viagem ás provincias do sul e dos guias de immigrantes para as provincias de São-Paulo e Rio de Janeiro e chefe da commissão de remoção do meteorito de Bendegó, servindo o respectivo relatorio de titulo de admissão. Sala das sessões 5 de Julho de 1889. *T. Alencar Araripe. Henri Raffard. J. E. Garcez Palha.*— A' commissão de trabalhos geographicos.

Sendo favoraveis tanto o parecer da commissão subsidiaria de trabalhos geographicos, como o da commissão de admissão de socios os Srs. Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajós, requer o Sr. Henrique Raffard, que, si não houver n'isso inconveniente, seja a proposta relativa áquelle candidato submettida á approvação do Instituto na prezente sessão. O Sr. prezidente, recordando que tem havido mais de um precedente n'esse sentido, submette a escrutinio secreto a proposta. Corrido este, é unanimemente approvado socio correspondente do Instituto o Sr. bacharel Torquato Xavier Monteiro Tapajós e proclamado n'essa qualidade pelo Sr. prezidente.

Aprezentada a proposta do consocio Dr. Sacramento Blake para que o Instituto confira o titulo de socios honorarios aos notabilissimos medicos, que trataram de S. M. o Imperador na Europa e ao Sr. Conde de Mota Maia, medico effectivo de S. M., segundo a letra do art. 4.° dos estatutos vigentes, rezolve o Instituto, que seja ella enviada á commissão de admissão de socios.

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, em solução ao officio que em data de 7 de Dezembro do anno passado, lhe dirigira o Sr. prezidente sobre o meio pratico mais apropriado para se guardarem na devida ordem mappas geographicos, aprezenta o modelo de um apparelho, simples mas engenhozo, que preenche o dezejado fim, e sobre cujo emprego dá S. Ex. algumas explicações. Este modelo foi pelo Instituto recebido com o maior agrado e o Sr. prezidente pede, que se lance na acta um voto de

agradecimento e louvor a seo auctor, digno chefe da secção geographica do Instituto.

O Sr. thezoureiro, conselheiro Alencar Araripe, lê o balancete da despeza e receita do Instituto no semestre de Janeiro a Junho do corrente anno, do qual se verifica, que a receita sobe á quantia de 6:931$130 réis e a despeza é de 6:809$750 réis; havendo em caixa um saldo de 121$380 réis, sugeito ao pagamento da cunhagem das medalhas commemorativas da lei, que extinguio a escravidão. — E' remettido á commissão do orçamento.

O Sr. Henrique Raffard propõe, que o Instituto conceda a collecção completa da *Revista Trimensal* ao consocio commendador Jozé Luiz Alves, em attenção aos seos relevantes serviços ás letras e ao Instituto.— Concedido.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Cezar Marques procede á leitura, para a qual se inscrevêra, de parte da sua memoria historica os *Jezuitas no Maranhão*, propondo-se continual-a nas sessões subsequentes.

Não havendo nada mais a tratar-se, o Sr, prezidente levanta a sessão.

Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello*,
2.° secretario supplente.

11.ª SESSÃO ORDINARIA EM 19 DE JULHO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da tarde, na augusta prezença de S. M. o Imperador, o Sr. prezidente, pedindo a competente venia, abrio a sessão, tendo comparecido os Srs. commendador Rodrigues de Oliveira, Barão Homem

de Mello, Dr. Cezar Marques, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Severiano da Fonseca, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, capitão-tenente Garcez Palha, Henrique Raffard, Barão de Miranda Reis e senador Alfredo de E. Taunay, Dr. Pinheiro de Campos e commendador Jozé Luiz Alves.

Lêm-se as actas da 10ª. sessão ordinaria e a da sessão solemne do centenario de Claudio Manoel da Costa, que são approvadas.

O Sr. prezidente dirige a S. M. o Imperador a seguinte allocução.

« Um attentado louco, sinão inqualificavel, acaba de encher de espanto e indignação a Nação Brazileira,— que vos idolatra, e o mundo que vos admira. Felizmente não cabe ao Instituto Historico o triste dever de inscrever nefasta data em pagina tarjada de luto ; antes, em laudas douradas dos nossos annaes tem de burilar o hymno de suprema gratidão, que de todos os angulos do Imperio se eleva á Divina Providencia, que protege a terra de Santa Cruz. Recebei portanto, Senhor, por tão grande milagre as congratulações de uma associação, que vos é tão cara, qual o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.»

S. M. agradeceo.

O Sr. 1° secretario accuza o seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

O socio o Sr. Dr. Teixeira de Mello, participando que, tendo assumido a direcção da bibliotheca nacional, não pôde, emquanto esteve n'esse cargo, comparecer ás sessões do Instituto; dos Srs. socios Marquez de Paranaguá, senador Pereira da Silva, e Visconde de Nogueira da Gama, e dos Srs. Visconde de Jaguaribe e Felizardo Pinheiro de Campos Muller, agradecendo as medalhas commemorativas da lei de 13 de Maio de 1888, com que o Instituto os distinguio ; do socio Dr. Moreira de Azevedo, offerecendo para a bibliotheca o livro intitulado *Evaristo e Gonçalves Dias*, onde vêm collecionados, discursos e poezias á memoria d'esses dois distinctos Brazileiros, e appensos, discursos e

poezias á do fundador do imperio ; do director da escola normal de São-Paulo, Manoel Jorge Rodrigues, pedindo a collecção da *Revista Trimensal*, para a respectiva bibliotheca ; o Instituto rezolve, que se conceda. Os Srs. socios senador Manoel Francisco Correia e Dr. Joaquim Portella justificam a sua auzencia n'esta sessão.

OFFERTA

Pelo socio correspondente o Sr. Jozé Verissimo os seos *Estudos Brazileiros* ; pelo Sr. Vivien de Saint Martin o *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universele*, 47.° *fascicule* ; pelo Sr. Hachette & C. o prospecto para a qualificação do *Atlas de Geographia Moderna*; pelo instituto homæopathico mexicano *La Reforma Medica* (*II época*, tomo IV; pela universidade central de Venezuela e instituto archeologico e geopraphico pernambucano as suas *revistas* ; pela societé de géographie de Paris, societé de geographie commerciale de Bordeaux, società geografica italiana, societé imperiale des naturalistes de Moscow, e real academia de historia de Madrid os seus *boletins* ; e pelas respectivas redacções, os jornaes : — *Revista Sul-Americana*, *Revista Maritima Brazileira*, *Revista de Ensino*, *Etoile du Sud*, *Nouveau Monde*, *Brésil*, *Respigador*, *Geographie*, *Baependiano*, *Imprensa*, *Provincia do Espirito Santo*, *Liberal Mineiro*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogimirim*, *Diario Popular*.

O Sr. prezidente offerece um trabalho do finado artista Luiz Boulanger, no qual a efigie do Sr. D. Pedro I apparece por um processo especial.

ORDEM DO DIA

1ª. PARTE

Leitura de pareceres. Fica adiada.

2ª. PARTE

O Sr. doutor Cezar Marques continua a leitura da sua memoria os *Jezuitas no Maranhão*.

Com permissão do imperador suspende-se a sessão, retirando-se S. M. com as formalidades de estilo ás 7 3/4 de noite. A's 8 horas continuam os trabalhos.

Achando-se na sala immediata o Sr. Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajós, ultimamente eleito socio correspondente, o Sr. prezidente nomeia os Srs. Drs. Cezar Marques e Pinheiro de Campos para o receberem. Tomando assento, o Sr. prezidente dá-lhe a palavra. A seo discurso de agradecimento responde o orador do Instituto.

Ficam inscriptos para a leitura os Srs. Dr. Cezar Marques e senador Alfredo de E. Taunay.

E nada mais havendo que tratar, levanta-se a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca,
2°. secretario interino.

12ª. SESSÃO ORDINARIA EM 2 DE AGOSTO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da tarde o Sr. prezidente declara aberta a sessão, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, Barão Homem de Mello, commendador Rodrigues de Oliveira, Drs. Cezar Marques e Pinheiro de Campos, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, commendador Jozé Luiz Alves, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Nogueira da Gama, Henrique Raffard, senador Alfredo d'Escragnolle Taunay, Barão de Capanema e Dr. João Severiano da Fonseca.

Justificam suas auzencias os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, senador Manoel Francisco Correia e Dr. Joaquim Portella. O 2°. secretario lê a acta da sessão antecedente, que é approvada.

O Sr. 1°. secretario lê o seguinte

EXPEDIENTE

Officios :

Do Sr. Francisco Luiz da Gama Roza, participando ter assumido em 15 de Junho a prezidencia da provincia

da Parahiba; do Sr. socio Antonio Borges de Sampaio, congratulando-se com o Instituto por ter S.M. o Imperador sahido illezo do infausto attentado de 15 do passado; dos Srs. socios Americo Braziliense, Visconde de Valdetaro e Paulino Nogueira, agradecendo a medalha que o Instituto remetteo-lhes; dos Srs. Francisco de Sales de Macedo e commandante do collegio militar, dando iguaes agradecimentos, e o Sr. Jozé Albano, filho, rezidente no Ceará, agradece a medalha a elle conferida, e remette dois documentos comprobativos de seos esforços em prol da libertação dos captivos.

OFFERTAS

Pelo socio, o Sr. senador Joaquim Floriano de Godoy, seu livro intitulado: *Provincia do Rio Sapucahy*; pela secretaria da marinha, o regimento interno da escola naval; pelas respectivas secretarias da justiça e da agricultura os relatorios ministeriaes de 1888; pelo club naval, academia imperial de medicina e alfandega do Rio de Janeiro, os respectivos boletins; pelo secretario da escola naval o *relatorio da directoria da associação mantenedora do muzeo escolar em* 1888, *o parecer sobre objectos aprezentados á exposição escolar, em* 1888; pelas respectivas reparticções, o *Boletim Postal*; o *programma da* 1.ª *cadeira do* 1.º *anno de engenharia civil da escola polytechnica, Primeiro Congresso Brazileiro de medicina e cirurgia no Rio de Janeiro, relatorio do ministro da marinha Barão de Guahy*; e pelas respectivas redações: *Etoile du Sud, Geographie, Nouveau Monde, Liberal Mineiro, Baependiano, Provincia do Espirito Santo, Imprensa, Jornal do Recife, Gazeta de Mogimirim, Diario Popular* e *Gazeta da Bahia.*

O Sr. Dr. Pinheiro de Campos offerece, em nome do Sr. conselheiro dezembargador Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, um volume manuscripto contendo a 1ª. parte do seo trabalho intitulado:— *Geographia da provincia do Rio-grande do Sul*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe informa ao Instituto saber, que existe algures desprezado em um quintal

um busto em marmore do finado socio o commendador Antonio Jozé de Miranda Falcão; e parecendo que será de utilidade, pelo menos para a conservação d'essa obra d'arte, a sua acquizição, pede autorização para obtel-a para o Instituto, preservando-a assim do abandono em que se acha. E' concedido.

1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves lê o parecer da commissão de fundos e orçamento sobre os requerimentos do Sr. Dr. Cezar Marques para substituir-se por medalhas de prata as concedidas á Illm. camara municipal e a seo prezidente o Dr. Jozé Ferreira Nobre, opinando que deve fazer-se a substituição:

« A commissão de fundos e orçamento d'este Instituto vem aprezentar parecer sobre as duas propostas assignadas pelo nosso illustrado consocio o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, versando ambas sobre a natureza do metal das medalhas, que o Insiituto Historico e Geographico Brazileiro mandou cunhar para perpetuar a memoria da passagem da lei 13 de Maio de 1888, que extinguio a escravidão no Brazil, e que deliberou offertar á Illma. camara municipal d'esta capital uma, e outra ao seo digno prezidente o Sr. Dr. Jozé Ferreira Nobre. A commissão em vista das razões com que o nosso illustrado consocio justifica as suas propostas acha justo, que ambas as medalhas sejam de prata e não de bronze, porquanto a Illma. camara municipal d'esta capital é mais que digna d'esta distincção pela attitude que tomou no movimento emancipador, e a idéa suggerida por seo digno prezidente o Sr. Dr. Ferreira Nobre da creação do Livro de Ouro, muito concorreo para dar impulso a fazer desapparecer a mancha negra da escravidão, e tanto assim que conseguio em limitados annos arrancar do captiveiro a 876 infelizes: o autor d'essa idéa é por certo digno de receber a medalha de prata. E' esta a opinião dos abaixo assignados. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 2 de Agosto de 1889. *Jozé Luiz Alves*, relator. *Luiz Rodrigues de Oliveira.*

O mesmo senhor lê o parecer sobre o balancete do 1.° semestre do corrente anno, aprezentado pelo Sr. thezoureiro, sendo approvado o mesmo parecer, que é o seguinte :

« A commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, recebendo por cópia o balancete do 1° semestre do corrente anno social, que foi aprezentado e lido na sessão do dia 19 do proximo passado mez, vem cumprir o seo dever, dando sobre elle parecer.

A receita arrecadada de Janeiro a Junho foi de 5:095$, que junto ao saldo de 1:836$130, que passou do anno findo monta a 6.931$130. As despezas realizadas n'esse periodo fôram de 6.809$750, que deduzidos da receita deixa um saldo da quantia de 121$380, que passou ao 2.° semestre. Esse saldo, segundo a nota do Sr. conselheiro thezoureiro terá de desapparecer e é insufficiente para pagar na caza da moeda a cunhagem das medalhas, que monta na de 420$023.

Para fazer face a esse compromisso e ás despezas imprescindiveis, que montam a 5:130$, conta o mesmo Sr. conselheiro thezoureiro com as seguintes verbas : 4.500$, 2.ª prestação do subsidio do estado, 505$, juros das apolices do 2.° semestre do corrente anno, 800$ das annuidades dos socios, e o saldo de 121$380, que passou do 1.° semestre, o que tudo reunido somma em 5.926$380. Entre a receita provavel, as despezas imprescindiveis ha um saldo de 796$380, mas que será absorvido pelo custo da impressão do 2.° volume da *Revista* e mais despezas do expediente, que, sendo muito superiores, mostrarão o *deficit*.

Ainda uma vez a commissão lembra a conveniencia de solicitar-se dos altos poderes do estado o augmento do subsidio, porque só assim se poderá evitar *deficits* e attender ás despezas de urgente necesidade, taes como o preenchimento das lacunas que existem na collecção da *Revista*, despeza que de certo importará em cifra importante, e por melhor que seja a dedicação, zelo e bôa vontade do mesmo Sr. conselheiro thezoureiro e da severa economia dos dinheiros sob sua guarda, nada poderá fazer sem o augmento do subsidio.

A commissão conformando-se com o balancete aprezentado e vendo que está elle de accordo com os documentos é de parecer que seja approvado.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 2 de Agosto de 1889. — *Jozé Luiz Alves*, relator.—*Luiz Rodrigues de Oliveira.*

Distribuindo-se pelos socios a 2.ª serie do *Catalogo dos manuscriptos do Instituto* organizado por ordem alphabetica e dividido em 4 partes : *Biographias*, *Documentos*, *Memomorias e Poezias*, o Sr. Henrique Raffard propõe e é approvado unanimemente, que se consigne em acta um voto de louvor por tão relevante serviço prestado pelo digno socio o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, que cada vez mais tem demonstrado seo muito zelo e inexcedivel dedicação ao Instituto.

O Sr. senador Alfredo de Escragnolle Taunay, compartilhando essa demonstração de apreço a tão digno socio, protesta porém contra a orthographia ahi seguida, tanto mais inadmissivel quanto desvirtua completamente a autographia dos proprios autores : acha, que o illustrado socio deve nos trabalhos sociaes, de cuja publicação se encarregar, cingir-se á orthographia uzual. O Sr. barão Homem de Mello, concordando com as observações precedentes, pondera comtudo, que no prezente catalogo o autor seguio a orthographia uzual. O Sr. conselheiro Alencar Araripe explica o modo por que compoz o catalogo, conservando geralmente a orthographia do titulo dos manuscriptos, que incluio ; o que é facil de verificar confrontando os dizeres do catalogo com esse manuscriptos.

O Dr. Cezar Marques requer, que Sr. prezidente lhe mande passar por certidão o theor do requerimento, que fez relativamente ás medalhas para a Illm. camara municipal e seo presidente.— E' approvado.

Propostas. Lêm-se as seguintes :

1.ª Propomos seja admittido ao gremio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro como socio honorario Sua Alteza o principe D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, servindo de titulo de admissão os seos bellos

trabalhos mineralogicos publicados aqui e na Europa, e que têm merecido inserção nos annaes scientificos de Paris e Vienna. Sala das sessões 2 de Agosto de 1889. *Alfredo de Escragnolle Taunay. João Severiano da Fonseca. Henri Raffard. Felizardo Pinheiro de Campos. Jozé Luiz Alves.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Luiz Rodrigues de Oliveira. Barão de Capanema. Visconde de Nogueira da Gama. Barão Homem de Mello.*

O Sr. prezidente declara, que estando a proposta assignada por grande maioria dos socios prezentes, na conformidade dos estatutos no que respeita aos socios honorarios, proclama socio honorario S. A. o principe D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha.

2.ª Propomos seja admittido no gremio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como socio correspondente o Sr. Annibal Echeverria y Reys, cidadão chileno, servindo de titulo de admissão sua *Geographia Politica de Chile* em dois grossos volumes, offerecida ao Instituto. Sala das sessões 2 de Agosto de 1889. *Alfredo de Escragnolle Taunay. João Severiano da Fonseca. Henri Raffard. Jozé Luiz Alves. Barão de Capanema. Felizardo Pinheiro de Campos.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Luiz Rodrigues de Oliveira. Visconde de Nogueira da Gama.*

Na fórma dos estatutos vai á commissão de geographia.

3.ª Propomos para socio correspondente do Instituto o Sr. conselheiro Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, servindo de titulo de admissão o prezente trabalho, por elle offerecido ao Instituto, intitulado *Geographia da provincia do Rio-Grande do Sul.* Sala das sessões em 2 de Agosto de 1889. *Felizardo Pinheiro de Campos. Barão Homem de Mello. João Severiano da Fonseca. Luiz Rodrigues de Oliveira.*

2ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. senador Alfredo de Escragnolle Taunay occupa a attenção da caza, lendo o começo de uma memoria

intitulada : — *Curiozidades naturaes da provincia do Paraná.*

O Sr. prezidente inscreve-se para lêr na proxima sessão uma sua memoria intitulada *a Bandeira brazileira.*

E nada havendo mais que tratar, levanta-se a sessão ás 8 horas da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca,*
2°. secretario interino.

13.ª SESSÃO ORDINARIA EM 16 DE AGOSTO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Noberto de Souza Silva.

A's 7 horas da noite o Sr. prezidente abre a sessão, estando prezentes os socios, Srs. Barão Homem de Mello, Dr. João Severiano da Fouseca, Dr. Cezar Marques, senadores Manoel Francisco Correia e Alfredo d'Escragnolle Taunay, Henrique Raffard e commendador Jozé Luiz Alves. E' lida e approvada a acta da antecedente. O Sr. prezidente, tomando a palavra, lê o seguinte discurso :

Senhores ! Perdemos no dia 4 do corrente, ás 5 horas da tarde, o nosso consocio Antonio Alvares Pereira Coruja. Nasceo na provincia do Rio-Grande do Sul, no anno de 1806; e quando a sua provincia natal, desvairada por uma politica mesquinha, quiz quebrar os laços da integridade e deixar de fazer parte da união brazileira, baze da nossa grandeza e prosperidade, abraçou elle a cauza rovolucionaria, mas foi mandado sahir da provincia. Veio então estabelecer-se n'esta côrte, onde, melhor aconselhado, tomou a si o collegio Minerva e entregou-se ás conquistas pacificas da intelligencia e deo-se á educação da mocidade. Compoz e imprimio alguns compendios didacticos, que tiveram grande voga. Ha cincoenta annos que fazia parte da nossa associação, pois foi admittido no anno de 1839,

foi thezoureiro do Instituto e como tal bons serviços lhe prestou. Ha na nossa *Revista Trimensal* alguns trabalhos devidos a suas locubrações, e que não peccam por falta de interesse. Infelizmente os ultimos annos de sua longa existencia foram amargurados por contrariedades da fortuna, e ainda mais, pela recente perda de seo filho, digno da consideração da sociedade fluminense, na qual se distinguia pela sua intelligencia e moralidade, e grande amor pelo trabalho. Para assistir a missa do setimo dia, pelo repouzo de sua alma, nomeei uma commissão composta dos Srs. Dr. Cezar Marques, Pinheiro de Campos e Henrique Raffard. Peço ao Instituto, que se lance na acta da sessão de hoje um voto de pezar pelo seo passamento.

E' tambem digno de igual voto o nosso sabio consocio D. Domingo de Santa Maria, cuja noticia de obito acaba de chegar-nos pelo telegrapho. Foi um dos mais notaveis filhos da republica do Chile, e seo prezidente durante a guerra com a Bolivia. Ha pouco tempo distinguido pelo nosso governo com a gran-cruz da honrozissima ordem do Cruzeiro, talvez que não tivesse occazião de receber tão alta e merecida honra esse eminente Americano, que tanto honrava sua patria e tão apreciado e respeitado era entre nós.

O Sr. prezidente communica igualmente ao Instituto, que, havendo-se levado á hasta publica, na alfandega de Santos, o mauzoléo, que se destina a guardar as cinzas de Jozé Bonifacio, o velho, n'aquella sua cidade natal, levantou a imprensa do sul do imperio justos protestos; e tendo declarado o *Paiz*, importante folha d'esta côrte, que depois de meio seculo de haver falecido o patriarcha da Independencia, é que se lembraram de erigir-lhe um tumulo, havendo apenas se lhe erigido uma estatua, *quazi ridicula*, elle orador, como autor da proposta para o eregimento d'essa estatua e de um tumulo, e como secretario que foi da commissão executora do primeiro d'aquelles monumentos, durante dez annos, víra-se na obrigação de escrever uma carta ao notavel redactor-chefe do *Paiz*, rezumindo a longa historia d'aquelle monumento, as difficuldades que surgiram, e a razão por que se não levou a effeito, por parte do Instituto, o tumulo proposto, afim de

que nossa associação apparecesse justificada de toda a censura. O illustrado redactor, o Sr. Quintino Bocayuva, publicou com toda a gentileza, e em novo artigo, essa carta historica e justificativa, o que o orador agradece perante o Instituto, pedindo que seja ella transcripta, como supplemento á acta da sessão de hoje. Aproveitando a occazião, promette escrever uma memoria sobre a estatua, trabalho que pretendera fazer o nosso falecido prezidente Visconde do Bom-Retiro, si bem que lhe faltavam muitos documentos, que se extraviaram em tempos do passamento do conselheiro Euzebio de Queiroz, primeiro prezidente d'aquella commissão.

O Sr. Torquato Tapajós communica a auzencia do Sr. Barão de Miranda Reis, motivada por serviço publico.

EXPEDIENTE

O Sr. 1°. secretario communica, que fez acquizição para a bibliotheca do Instituto das obras seguintes, que aprezenta: *Memoria da campanha do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil*, pelo general Raimundo Jozé da Cunha Matos, em 2 tomos. Rio de Janeiro, 1833; e *Guerra da triplice aliança*, pelo conselheiro Schneider, traducção, vols. I e II, de 1875 e 1876.

O Sr. prezidente offerece duas molduras e quadros para a bandeira da Confederação do Equador (1824), e para o *fac-simile* da assignatura de Claudio Manoel da Costa, afim de melhor figurar no muzeo do Instituto.

O Sr. 1.° secretario lê os seguintes

OFFICIOS

Do Sr. commandante do imperial collegio militar, remettendo varios exemplares do *discurso official* pronunciado na inauguração d'aquelle estabelecimento em 6 de Maio do corrente anno pelo socio Sr. conselheiro Barão Homem de Mello, decano do seo corpo docente e seo professor de historia e geographia; do Sr. Antero Ferreira da Rocha, enviando um numero da *Gazeta de Uberaba*, em que fez publicar o acto de installação d'essa villa; das camaras municipaes de Ouro-Preto e São-Paulo, liceo de

artes e officios, sociedade de geographia do Rio de Janeiro, associação commercial da Bahia, associação promotora da instrucção, do Revm. D. abbade do mosteiro de S. Bento, do Exm. Sr. ministro da republica oriental do Uruguay, e do socio o Sr. Antonio Borges de Sampaio, agradecendo a remessa da medalha commemorativa da lei 13 de Maio. Dos Srs. Jozé do Patrocinio e Luiz de Andrade, devolvendo as que lhes foram offerecidas, por julgarem não lhes pertencerem e sim a outros de igual nome.

Do socio Borges de Sampaio, offerecendo um manuscripto relativo ao falecimento do Dr. Zefirino de Almeida Pinto, juiz de díreito da comarca de Uberaba, acompanhado do seo retrato em photographia, assignatura autografa e exemplar do seo sinete em lacre; do Sr. socio João Brigido, pedindo o volume do *jubileo*, que allega não ter recebido; e do socio o Sr. Luiz da França de Almeida Sá, fazendo igual pedido e o do volume ultimo da *Revista Trimensal*.

OFFERTAS

Pelo Sr. senador Alfredo de E. Taunay, para que seja publicado no proximo numero da *Revista* o trabalho, que aprezenta do Sr. tenente-coronel de estado-maior de artilharia Francisco Raimundo Ewerton Quadros, intitulado *Zona do Paranapanema e Rio-Pardo*.

Pelo Sr. Cezar Marques, um volume em manuscripto do Sr. Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares, já proposto para socio do Instituto, intitulado *Chronica do municipio de Campo-Largo*, até 1877, seguida da *Nobiliarchia Campo-Larguense*, até 1881. — São remettidos á commissão de geographia.

Pela real academia dei Lincei, *Atti* vols. 3º e 4º, serie 4ª, 1886 - 1887; pela legação brazileira em Madrid: *Programa del certamen internacional, con el canon del 4.º centenorio del descubrimiento de America*; pela imprensa nacional o *programma do ensino das materias da 4.ª serie da faculdade de medicina do Rio de Janeiro*, para 1889; *Brazil*, boletim postal n. 3, Julho de 1889, 1º. anno; *programmas das diversas cadeiras da escola polytechnica*;

programma das lições das diversas cadeiras e aulas da escolá superior de guerra, no triennio de 1889 - 91, *rezolução de consultas do conselho de estàdo* de 22 de Junho de 1889; pelo imperial observatorio astronomico, sociedade de geographica do Rio de Janeiro, bibliotheca da marinha, suas *Revistas;* pelo Institut Canadian de Toronto, academia nacional de ciencias em Cordoba, Arkeologickoga Drustva e sociedade africana da Italia, societé de geographie de Paris, de New-York, de Greifswold, de Santiago do Chile e de Berlim os seos *boletins*. E pelas respectivas redações:—*Gazeta da Bahia, Gazeta de Mogimirim, Diario Popular, Imprensa, Liberal Mineiro, Provincia do Espirito-Santo, Publicador Goiano, Geographie, Nouveau Monde, Brésil, Etoile du Sud* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro.*

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O Sr. Dr. Cezar Marques dá por escripto informações rectificando o que se lê no *Catalogo Genealogico* de frei Antonio Jaboatão, publicado no ultimo volume da *Revista Trimensal* no artigo de *Eça dos Ilhéos e Bahia*, onde diz, que Manoel de Souza d'Eça falecêra sendo governador do Maranhão. Essa informação vae appensa a esta acta.

O Dr. Severiano diz, que é desnecessario, que o trabalho do Sr. Dr. Macedo Soares, hoje aprezentado, vá a estudos da commissão de geographia, visto não ser trabalho inicial, e já aquelle distincto homem de letras ter outros trabalhos, aprezentados para sua admissão no Instituto. O Sr. senador Alfredo d'E. Taunay pergunta porque não publicou se no jornal as propostas dos Srs. Echevarria e Trigo de Loureiro. O 2.° secretario explica.

2.ª PARTE

O Sr. prezidente lê a sua memoria intitulada: *Bandeira Nacional.*

Ficam inscriptos para leitura os Srs. Dr. Cezar Marques e senador Alfredo de Escragnolle Taunay.

E nada mais havendo a tratar-se, levanta-se a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca*,
2.° secretario interino.

Supplemento á acta de 16 de Agosto de 1889

Lê-se no *Paiz*, importante folha que se publica n'esta côrte,* o seguinte artigo:

O MAUZOLÉO EM LEILÃO

Como se devia esperar, abundam agora as explicações do estranho cazo do leilão do mauzoléo destinado a ser erigido na igreja do convento do Carmo, em Santos, sobre a sepultura onde jazem os despojos do venerando patriarca da independencia, Jozé Bonifacio de Andrada e Silva.

Temos em primeiro lugar a carta, que nos dirigio o illustre esculptor e estatuario brazileiro Rodolfo Bernardelli, e que aqui publicamos na integra para defeza do honrado artista.

....

No *Diario Popular* de São-Paulo vem transcripta a informação prestada ao Sr. prezidente da provincia pelo inspector da thezouraria provincial.

....

Finalmente até o Instituto Historico, pelo orgão do

* Numero 227 de 15 de Agosto de 1889.

seu digno prezidente, julgou-se agg[illegible] por uma fraze do nosso artigo (que aliás não se d[illegible] Instituto).

Compendiando o historico da erecção da estatua, que se vê no largo de S. Francisco de Paula eis que nos diz o honrado prezidente do Instituto.

No artigo editoral de hoje classifica *o Paiz* a estatua de Jozé Bonifacio de *quazi ridicula*—o que parece uma censura ao Instituto Historico, a cujos esforços se deve o que foi possivel fazer sob proposta minha. Dez annos lutou a commissão, que teve por prezidentes o conselheiro Euzebio de Queiroz e o Visconde de Bom-Retiro, com os maiores obstaculos, afim de conseguir os meios necessarios para occorrer ás despezas, pois a capital do imperio apenas concorreo com as quantias que levantaram as companhias de bonds para as festas da inauguração.

Quando o Visconde de Bom-Retiro foi á Europa em companhia do imperador, levou plenos poderes da commissão executora da estatua para a concluzão do monumento pelo escultor Rochet, autor da magnifica estatua equestre do heróe do Ipiranga. Não havia sinão 60:000$ no banco Mauá, rezultado da susbscripção da população de todo o imperio, mas o imperador ordenou, que não fôsse por falta de dinheiro que se não fizesse a estatua, porque elle concorreria de seo bolsinho com o que faltasse. E a estatua ficou contractada para ser inaugurada no dia 7 de Setembro de 1872, quinquagesimo da independecia. Nem por ser n'esse dia o estado concorreo sequer ao menos com um anno da pensão, que teve o patriarca da Independencia. Não palpita muito de enthuziasmo pelas glorias nacionaes o coração brazileiro.

Quando um prezidente de provincia mandou, que um engenheiro fizesse uma chorographia da provincia, mediante a quantia de 1:000$, mostrou-se em extremo admirado ao vêr a obra prompta em 8 dias e circumscripta a quatro ou cinco quadernos de papel.

— Então, perguntou elle, é isto a chorographia da provincia ? !

—Sim, Exm., respondeo a engenheiro, é isto uma chorographia de 1:000$000.

Tambem a estatua de Jozé Bonifacio é um monumento de 60:000$. E de quem é a culpa? Eu lavo as minhas mãos.

Não fôsse Francisco Octavíano, que em nome do partido liberal instava com o Visconde de Bom-Retiro para que se fizesse *alguma couza*; não fôsse o imperador, que se obrigou a pagar de seo bolsinho o que faltasse para cobrir o seo custo, que apezar de todos os esforços do Instituto Historico não teria ainda hoje Jozé Bonifacio essa estatua, modesta sim, mas não ridicula, sinão quando em dia de luminarias a rodeam de bicos de gaz, e que tendo sido entregue á guarda da Illma. camara municipal, não achou ainda a illustre municipalidade occazião para restituir a penna e a espada que um louco lhe arrancára. O enthuziasmo para a erecção da estatua não passou dos estudantes de medicina da faculdade desta côrte. Honra lhes seja feita.

Cumpre-me tambem dizer alguma couza, sobre o tumulo.

Si ha meio seculo, que é falecido Jozé Bonifacio, e ainda não tem um mauzoléo digno de suas cinzas, não é tambem culpa do Instituto Historico. Quando propuz, que se lhe erigisse a estatua, inclui na proposta, que se lhe fizesse igualmente um tumulo, em Santos. Offendeo-se com tão generoza idéa o amor proprio dos santistas e uma commissão chamou a si tão santa missão. Desistio o Instituto e nada fez a commissão santista. E' o nosso séstro.

Com a qualificação de *quazi ridicula*, dada á estatua, renovaram-se os desgostos, que tive como secretario da commissão executora, que até nos dias proximos á inauguração, em que cresceo o trabalho, que todo recahio sobre mim, me negaram a dispensa de alguns dias de ponto, sem que depois se lembrassem de me dizer— obrigado.

Rio de Janeiro 13 de Agosto de 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva.*

INFORMAÇÕES

Na parte I (1.° e 2.° trimestre) do tomo LII lendo o *Catalogo Genealogico*, escripto pelo Reverendo frei Antonio de Santa Maria Jaboatão no anno de 1768, encontrei na pag. 321 o seguinte :

Eças nos Ilheos e Bahia

N. 1. D. Ignez Deça, filha de D. Violante Deça e de seo marido João de Araujo de Souza, cazou nos Ilhéos com Luiz Alves de Espinha etc. etc., e teve filhos.

Manoel de Souza Deça, que *faleceo sendo governador no Maranhão.*

Aqui finda a transcripção.

Prestando ainda uma vez sentida homenagem de profundo respeito a tão distincto Pernambucano, notavel chronista da provincia de Santo Antonio, e frade tão trabalhador, que ainda na idade de 73 annos, quando o corpo pede repouzo e a alma socego, se entregava a um trabalho tão insano, não posso deixar correr tal asserção, pois no *livro de posse* dos governadores e capitães generaes do Maranhão do antigo *Estado do Maranhão e Grão-Pará* e depois do *Estado do Maranhão* não achei tal nome entre os seos governos.

Compulsei esses livros, não uma porém muitas vezes em diversos mezes e annos, sempre com muita prudencia, paciencia, e descanso, e nunca achei tal nome.

Não digo, que seja erro ou descuido, porém sem duvida ha engano, e como dezejo esclarecel-o, já escrevi para Lisbôa a um amigo muito dedicado, para consultar os livros do *Conselho Ultramarino* a vêr si na verdade houve este governader.

O assumpto leva-me a communicar-vos outro ponto, tambem do Maranhão.

Na pag. 452 da *Revista Trimensal* do nosso Instituto, tomo XXII, anno de 1859, encontrei a *Relação dos documentos*, que organizou o Dr. João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, dezembargador do paço e procurador

da real corôa de S. M., acha-se mencionada a patente, com que foi nomeado governador do Maranhão em 25 de Janeiro de 1774 o cidadão Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Sello, doutor na faculdade de canones, pela universidade de Coimbra, e capitão de uma companhia de dragões no Piauhi.

O Dr. Pereira Ramos fez esta observação « Faleceo em Lisbôa, antes de emprehender a viagem para Maranhão, já tendo para isso despendido mais de dez mil cruzados.»

Não encontrei nos *livros de posse* uma observação siquer a tal respeito, porém, graças á bondade de um amigo em Lisbôa, soube, que na verdade houve esta nomeação.

Frei Antonio Jaboatão assevera, que Manoel de Souza Deça faleceo como *governador no Maranhão.*

Basta o que dice para mostrar o engano.

Vou porém mais longe, e do resultado das minhas investigações darei conta em tempo proprio.

Rio 10 de Agosto de 1889.

DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES.

14ª. SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE AGOSTO DE 1889

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

As 6 1/2 horas da tarde, achando-se prezentes os Srs.: commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro, Barão Homem de Mello, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Cezar Augusto Marques, Dr. Felizardo Pinheiro de Campos e Henrique Raffard,

foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador que, recebido com as formalidades do estylo, tomou assento, e o Sr. prezidente, obtendo a imperial venia, declarou aberta a sessão.

Comparecendo o Sr. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, todos os socios conservaram-se levantados até que S. A. tomasse assento pela primeira vez como membro d'este Instituto e então o Sr. prezidente pronunciou o discurso seguinte :

« Achando-se S. A. o principe D. Pedro Augusto pela primeira vez prezente ao Instituto como seo socio honorario, tenho a honra de saudar a S. Alteza em nome d'este Instituto. O Instituto espera, que S. Alteza, que em tão verdes annos tem demonstrado tanto talento em varios ramos de conhecimentos, inscrevendo o seo nome no livro da sciencia, se mostrará digno cooperador nas suas pesquizas.»

S. Alteza respondeo agradecendo ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro a prova de tanta consideração, admittindo-o no seo gremio, e que pela sua parte procurará corrresponder dignamente trabalhando quanto em si couber.

O Sr. Henrique Raffard, servindo de segundo secretario, fez leitura da acta da sessão antecedente, que foi approvada.

Em seguida o Sr. prezidente participa o falecimento do socio conselheiro Quintiliano Jozé da Silva n'estes termos :

« Senhores. Temos de lamentar a falta de mais um socio, de um illustre varão, de um conspicuo magistrado, que muito honrou a patria. Faleceo no dia 25 do corrente o illustrado conselheiro Quintiliano Jozé da Silva. Nascêra na provincia de Minas-Geraes no dia 6 de Junho de 1807. Estudou os seos preparatorios na terra natal. Matriculou-se na universidade de Coimbra, mas os acontecimentos politicos o obrigaram a vir concluir os seos estudos na faculdade de São-Paulo, onde foi um dos bachareis da primeira turma, que ali se formou. Entrando para logo

na carreira da magistratura, prestou assignalados serviços como ouvidor da comarca de Paracatú, como juiz de direito das comarcas do Rio das Velhas e de Ouro-Preto, e como dezembargador da cidade d'este ultimo nome, tendo sido procurador da corôa. Foi finalmente apozentado com o titulo de conselheiro e honras de ministro do supremo tribunal de justiça.

Prestou á administração publica a sua aptidão como prezidente de sua provincia durante quatro annos e como deputado provincial em mais de uma legislatura; e em 1847 entrou na lista sextupla para senador. Era condecorado com o habito e a commenda das ordens de Christo e da Roza. Fez parte de nossa associação pelo espaço de quarenta e quatro annos e si não tomou parte activa em nossos trabalhos é que não o deixaram os seos serviços fóra da côrte. Comparecendo á festa de nosso jubileo procurou conhecer todos os seos collegas, abraçando-os com enthuziasmo; felicitando-os com reconhecimento pelos seos escriptos, que conhecia graças a seos estudos e ao seo amor pelas nossas couzas.

Era um homem amavel, um cidadão illustrado e um magistrado integro e digno das maiores considerações e que levou toda a sua vida a compôr essa mortalha tecida de modestia, de illustração e de probidade, na qual se envolveo para descer á sepultura, lamentado pelos seos amigos e chorado pela sua numeroza e honrada prole.

Peço a inserção na acta de um voto de pezar e nomeio os Srs. conselheiro Olegario, Alencar Araripe e senador Corrêa para assistirem á missa de setimo-dia. »

O Sr. 1° secretario, Barão Homem de Mello, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Exm. Sr. Visconde de Ouro-Preto, prezidente do conselho de ministros e ministro da fazenda, dispensando o pagamento da importancia do metal empregado no fabrico das medalhas commemorativas da lei aurea. Agradeça-se. Do Exm. Sr. Visconde de Ibituruna, prezidente de Minas-Geraes e socio do Instituto, remettendo alguns

apontamentos relativos ao Dr. Claudio Manoel da Costa. Agradeça-se. Dos Exms. e Rvms. Srs. internuncio apostolico, arcebispo-primaz da Bahia, bispos de Marianna e de São-Paulo, dos Exm. Srs. ministro dos Estados-Unidos, de Portugal, das Republicas Argentina e do Chile, da academia imperial de medicina, da bibliotheca da faculdade de direito do Recife, da bibliotheca publica da Porto-Alegre, das escolas militares de Porto-Alegre e do Ceará, das camaras municipaes de Nicteroy, Porto de Cima, e da Bahia, da associação commercial do Rio de Janeiro, e dos Srs. J. P. Malan e Augusto Aguiar — agradecendo a offerta da medalha commemorativa de lei de 13 de Maio de 1888. Do Sr. consul geral do Perú em Southampton, pedindo que se lhe remetta a carta do coronel Labre. — Ao bibliothecario do Instituto para informar por escripto. Do club literario portuguez, convidando o Instituto para se fazer reprezentar na sua sessão solemne no dia 24 ás 7 1/2 horas da noite. Providenciou-se em tempo opportuno.

OFFERTAS

Pelo socio Henrique Raffard : *um autographo* do falecido Dr. Caio da Silva Prado, que foi prezidente das Alagôas e do Ceará. Pelo socio Barão de Ourém : *Notice générale sur la session parlamentaire de* 1877. Pelo socio commendador Joaquim Norberto de Souza Silva : *Historia da literatura brazileira*; rezumo publicado no *Mozaico Poetico* em 1844, e do qual em parte é autor o offertante. Pelo Sr. Francisco Gomes de Amorim o seo trabalho : *Os Luziadas de Luiz de Camões*. Pelo Sr. J. P. Malan uma collecção da sua revista *Il Brazile*, acompanhada de um mappa da provincia do Rio de Janeiro. Pelo Sr. Argemiro da Silveira o seo folheto : *Breve memoria historica sobre a fundação da cidade de São-Roque*, provincia de São-Paulo. Pela sociedade scientifica argentina : *Annales*, entregas 4ª e 5ª de 1889. Pelo Instituto cartographico italiano em Roma : *Annuario*, 1889. Pelo centro bibliographico vulgarizador : *Revista Sul-Americana*. Pelo club de engenharia, instituto do Ceará e sociedade de geographia de Tours as suas revistas. Pelas sociedades de geographia de Roma, de Bordeaux, real academia de historia

de Madrid e sociedade imperial dos naturalistas de Moscova os seos boletins. Pelas respectivas redações:— *Diario Popular, Liberal Mineiro, Imprensa, Gazeta de Mogimirim, Jornal do Recife, Publicador Goiano, Caxoeirano, Provincia do Espirito-Santo, Géographie, Etoile du Sud, Brésil, Nouveau-Monde e Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*. Pela imprensa nacional: *relatorio* aprezentado á assembléa geral legislativa pelo ministro e secretario d'estado dos negocios da justiça conselheiro Francisco d'Assis Roza e Silva, lista geral dos estudantes matriculados na faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 1889, estatutos da companhia industrial Guanabara; parecer da junta de saude da armada sobre o beri-beri, estrada de ferro D. Pedro II, 4.° additamento á broxura das modificações feitas nas tarifas.

ORDEM DO DIA

1ª. PARTE

O Sr. 1°. secretario leo a seguinte proposta:

Propomos, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por occazião da proxima chegada dos officiaes de marinha do Chile, celebre uma sessão solemne extra ordinaria, para a qual serão convidados os mesmos officiaes, e que em discurso analogo, ou pela fórma que parecer mais conveniente, se agradeça a obzequiozidade com que foram acolhidos e tratados os officiaes brazileiros, quando ultimamente vizitaram o Chile; que se mencione com o devido apreço as cordiaes e amistozas relações, que de longa data tem o Brazil entretido com essa adiantada nação; bem como as valiozas offertas de trabalhos literarios, que têm sido feitas ao Instituto em nome de escritores chilenos; dando-se por ultimo breve noticia biographica dos cidadãos mais notaveis d'aquelle paiz, muitos dos quaes fazem ou fizeram parte d'este Instituto. Rio de Janeiro 30 de Agosto de 1889. *D. Pedro Augusto, Joaquim Norberto de Souza Silva. O. H. de Aquino e Castro. Barão Homem de Mello. T. de Alencar Araripe.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Henri Raffard. Jozé Luiz Alves. Felizardo Pinheiro de Campos.*

O Sr. prezidente pondera, que a proposta, achando-se assignada por todos os membros prezentes, não póde soffrer discussão, mas que no entanto convida os socios, que tenham de adduzir algumas considerações a pedirem a palavra. S. M. o Imperador dignou-se externar a sua opinião de applauzo sobre a proposta e aprezentou algumas ideias relativas ao seo modo exequendo, as quaes foram acceitas com muito especial agrado. O Sr. prezidente declara tomar o encargo de providenciar para que a projectada festa corresponda aos dezejos do Instituto.

2ª. PARTE

O Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, a pedido do Dr. Joaquim Maria dos Anjos Espozel, offerece ao Instituto a *rezolução de consulta do conselho de estado* de 22 de Junho de 1889 sobre a sua reintegração no emprego de secretario da relação d'esta côrte.

O Dr. Cezar Augusto Marques participa, que a commissão nomeada para reprezentar o Instituto compareceo na sessão solemne do liceo literario portuguez.

O Dr. Felizardo Pinheiro de Campos communica, que a respectiva commissão assistio á missa de 7°. dia do falecido socio Antonio Alvares Pereira Coruja.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente o Sr. Dr. Cezar Marques proseguio na leitura de sua memoria historica *Jezuitas no Maranhão*.

As 7 1/2 horas, obtendo venia de S. M. o Imperador, o Sr. prezidente levanta a sessão.

Henri Raffard,
servindo de 2°. secretario.

15.ª SESSÃO ORDINARIA EM 13 DE SETEMBRO DE 1889.

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da tarde, achando-se prezentes os Srs. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, Barão Homem de Mello, Barão de Miranda Reis, Dr. Cezar Augusto Marques, Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajoz, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira e Henrique Raffard, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as formalidades do estilo, tomou assento, e o Sr. prezidente, tendo obtido a imperial venia, declarou aberta a sessão. O Sr. Henrique Raffard, servindo de 2°. secretario, leo a acta da sessão anterior, que ficou approvada.

E depois o Sr. prezidente proferio as palavras seguintes:

« SENHORES! Cada uma das nossas ultimas sessões tem correspondido á perda de um de nossos antigos collegas. Hoje é o desapparecimento de um magistrado distincto pela sua illustração e integridade como foi o Conselheiro João Lopes da Silva Coito.

Nasceo este benemerito Brazileiro n'esta capital no dia 6 de Julho de 1807 e faleceo na cidade de Nicteroy aos 30 de Agosto de 1889, contando 82 annos de idade. Estudou aqui os seos preparatorios; encetou na universidade de Coimbra os seos estudos sobre jurisprudencia e os continuou em São-Paulo. Graduado em direito. exerceo successivamente os seguintes cargos com intelligencia, sem que jámais deixasse de merecer elogios pela rectidão de seos julgamentos e independencia de seo caracter: juiz de direito das comarcas de Vassouras,

Cantagallo e Campos, chefe de policia da côrte, chefe de policia da provincia do Rio de Janeiro, prezidente da provincia do Espirito Santo, dezembargador da relação de Pernambuco, dezembargador da relação da côrte, fiscal e prezidente do tribunal do commercio d'esta capital, ministro do tribunal de justiça, logar em que foi apozentado em virtude de sua avançada idade.

Recuzou-se a reprezentar a provincia do Espirito Santo na camara dos deputados, quando foi chamado a supprir a falta de um membro, que falecêra, allegando que se não considerava reprezentante de uma provincia, que apenas lhe dera um voto na eleição.

Era commendador das ordens da Roza e da Conceição de Villa Viçoza e gran-gruz de Christo do Brazil. Foi durante meio seculo socio correspondente do Instituto Historico. Tornou-se sempre distincto pelas suas virtudes e amado e respeitado por todos quantos o conheceram.

Durante a sua longa carreira não adquirio uma inimizade siquer, nem desmerecêra da magistratura brazileira, que tão brilhante e independente se patenteia aos olhos do mundo. Lucrava-se sempre com a sua conversação, porque era elle como que um thezouro de preciozidades tradicionaes, sendo para se lastimar que nada escrevesse. Fizeram outros por elle, porque, praticando-se com elle, lia-se como que n'um grande livro e jámais sem proveito.

Peço, que se consigne na acta de hoje um voto de pezar pelo seo falecimento.»

O Sr. prezidente accrescentou, que para assistir á missa do setimo dia nomeou os Srs. tenente-coronel Francisco Jozé Borges, conselheiro Tristão de Alencar Araripe e Henrique Raffard.

O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

Do Exm. Sr. conselheiro Lourenço Cavalcanti de

Albuquerque, participando ter expedido as ordens necessarias para que pelas repartições a seo cargo sejam cedidos temporariamente todos os objectos e obras que possuirem referentes á republica do Chile. Da sociedade de geographia de Lisboa para que se tome nota do seo protesto contra a linha divizoria de Moçambique, indicada no mappa do Transwall de Zeppe de Pretoria. Do socio Dr. Joaquim Pires Machado Portella, remettendo em nome do commendador Pedro Francisco Correia de Araujo, ministro do Brazil no Chile, um folheto de Jozé Carlos de Carvalho *Alla Provincia di S. Paulo nel Brasile*, e as obras seguintes de Julio Bañados Espinosa : *Historia de America y de Chile*, *Gobierno parlamentario y sistema representativo*, *La Batalla de Roncagua*, *Ensaios y bosquejos e Letras y Politica*. Dos Exms. e revdms. Srs. bispo do Maranhão, vigario capitular do Rio-Grande do Sul, governador do bispado de Pernambuco, da associação commercial beneficente de Pernambuco e do Sr. João Ramos, agradecendo o exemplar da medalha que o Instituto fez cunhar para commemorar a lei aurea de 13 de Maio de 1888. Do prezidente das Alagôas, remettendo o relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Arístides Augusto Milton passou a administração provincial ao Dr. Jozé Cezario de Miranda Monteiro de Barros a 6 de Janeiro do anno corrente.

OFFERTAS

Pela imprensa nacional : *collecções das leis e decisões do Brazil*, dos annos de 1820 e 1888. Pelo departamento nacional de estatistica em Buenos-Aires : *Datos trimestrales del commercio exterior*. Pela academia pontificia de nuovi Lincei em Roma : *actas da mesma academia* (mezes de Fevereiro a Maio de 1889). Pela sociedade de geographia commercial de Bordéos o seo boletim. Pela sociedade de geographia de Tours o seo boletim. Pela sociedade de geographia de Washington *The National geographic Magasin*. Pela sociedade physica economica de Konigsberg o seo relatorio. Pelas respectivas redacções :— *Gazeta da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal*

do Recife, Provincia do Espirito-Santo, Gazeta de Mogi-mirim, Liberal Mineiro, Caxoeirano, Publicador Goiano, Imprensa, Geographie, Nouveau-Monde, Brésil, Boletim da alfandega do Rio de Janeiro, Revista Maritima Brazileira, Revista dos Constructores, Etoile du Sud, Brasile.

ORDEM DO DIA

PRIMEIRA PARTE

O Sr. 1.° secretario leo as propostas seguintes:

1.ª Propomos, que se lance na acta da sessão de hoje um voto de congratulação a S. Ex. o Sr. ministro de estrangeiros Jozé Francisco Diana pelo tratado, que acaba de celebrar sobre a propriedade literaria entre Portugal e Brazil, do qual rezultará grandes beneficios á literatura de ambos os paizes. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 13 de Setembro de 1889. *Barão Homem de Mello. Henri Raffard. Luiz Rodrigues de Oliveira. Torquato Xavier Monteiro Tapajós. Dr. Cezar Augusto Marques. Barão de Miranda Reis. Jozé Luiz Alves.*

2ª Propomos, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, considerando o grande alcance da convenção, que acaba de ser assignada entre o Brazil e a Republica Argentina para que seja rezolvida a questão das Missões, ha tanto tempo pendente, mande cunhar uma medalha commemorativa d'este facto, conferindo-se o titulo de prezidente honorario d'este Instituto ao Sr. Dr. D. Miguel Juarez Celman, prezidente da Republica Argentina e de socios honorarios aos Exms. Srs. D. Estanisláo S. Zeballos, ministro das relações esteriores da republica, D. Enrique B. Moreno, reprezentante da republica n'esta côrte, conselheiro Jozé Francisco Diana, ministro dos negocios estrangeiros do Brazil e Barão de Alencar, ministro do imperio junto á Republica Argentina. Sala das sessões 13 de de Setembro de 1889. *Barão Homem de Mello. Henri Raffard. Luiz Rodrigues de Oliveira. Torquato Xavier Monteiro Tapajós.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Barão de Miranda Reis. Jozé Luiz Alves.*

O Sr. prezidente communica acharem-se as referidas propostas assignadas por todos os socios prezentes, mas que entretanto dará a palavra para toda e qualquer consideração, que se queira fazer; não havendo ninguem pedido a palavra, o Sr. prezidente declara as propostas unanimemente approvadas.

2ª. PARTE

O Sr. Henrique Raffard participa, que o Instituto foi reprezentado na missa de 7°. dia do finado conselheiro João Lopes da Silva Coito, e a convite do Sr. prezidente dá conta ao Instituto das providencias tomadas para a realização da sessão solemne e expozição em via de execução em honra da officialidade chilena.

Sua Magestade o Imperador dignou-se mostrar-se satisfeito e pôz á dispozição do Instituto diversos livros e objectos curiozos de sua propriedade para figurarem na expozição, os quaes o prezidente declarou aceitar com especial agrado.

LEITURA

A convite do Sr. prezidente, o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques proseguio na leitura de sua memoria os *Jezuitas no Maranhão.*

A's 7 1/2 horas, obtida a venia de Sua Magestade o Imperador, o Sr. prezidente declarou finda a sessão.

Henri Raffard,
servindo de 2°. secretario.

16ª SESSÃO EM 17 DE SETEMBRO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite o Sr. prezidente declara aberta a sessão, estando prezentes os Srs. 1°. vice-prezidente conselheiro de estado Olegario H. d'Aquino Castro, 1°. secretario Barão Homem de Mello, 2°. secretario interino

Dr. João Severiano da Fonseca, thezoureiro conselheiro Alencar Araripe, e os socios Dr. Teixeira de Mello, Cezar Marques, Torquato Tapajós, Jozé Luiz Alves, Rodrigues de Oliveira, Garcez Palha e Henrique Raffard. Compareceram mais tarde os Srs. Barão de Capanema, João Capistrano de Abreo e senador Manoel Francisco Correia. E' lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O Sr. prezidente lê as seguintes palavras:

Senhores. No dia 12 d'este mez faleceo n'esta côrte e enterrou-se a 13 o Dr. Francisco Jozé Ferreira Baptista. Desappareceo com elle o ultimo socio quinquagenario, que nos restava, e é o terceiro, que desce ao tumulo este anno. Em cada uma das nossas ultimas sessões temos tido de lamentar successivas perdas de nossos mais antigos consocios. O Dr. Ferreira Baptista, depois de formado em direito, no curso juridico de São-Paulo, foi nomeado lente do mesmo curso, lugar que deixou por desgosto, retirando-se inopinadamente, e quando menos se esperava para esta côrte. exerceo aqui, e por muito tempo o emprego de promotor publico, e por tal modo habiltou-se no papel de accuzador, que tornou-se notavel pela sua dialectica, de modo tal que difficultava a defeza dos advogados contrarios. Demittido por cauzas que me são desconhecidas, deixou a tribuna da accuzação, em que figurára por muitos annos e veio sentar-se na banca da advocacia, na qual se conservou todo o resta de sua vida. Era um homem alto e magro, e de poucas palavras, mesmo no seio da mais intima amizade. Passou sempre por muito probo e gosava da fama de illustrado na sua profissão. Nada escreveo; e durante 50 annos que fez parte da nossa associação, limitou-se a estrictas obrigações. Nunca assistio, siquer, a uma de nossas sessões ordinarias. Na fórma dos estatutos, peço um voto de pezar pela sua morte, que será inserido na acta d'esta sessão.

Em seguida o mesmo senhor declara, que nomeou os Srs. Dr. Cezar Marques, Felizardo de Campos e Henrique Raffard, para assistirem á missa de 7°. dia e darem pezames á familia, por parte do Instituto.

Não ha expediente.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O Sr. 1º. secretario lê as seguintes propostas:

1ª. Proponho para socio honorario o Exm. Sr. conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares, ministro de S. M. F. n'esta côrte ; o qual assignou a convenção sobre a propriedade literaria entre Portugal e Brazil. Sala das sessões em 17 de Setembro de 1889. *O. H. de Aquino e Castro. João Severiano da Fonseca. Barão Homem de Mello. Henri Raffard. Jozé Luiz Alves. Dr. Cezar Marques. T. Alencar Araripe. Jozé E. Garçez Palha. Torquato Tapajós. Dr. J. A. Teixeira de Mello. Luiz Rodrigues de Oliveira.*

Estando a proposta assignada por todos os membros prezentes, o Sr. prezidente assim o declara e na fórma dos estatutos proclama membro honorario o Exm. Sr. conselheiro ministro Duarte Gustavo Nogueira Soares.

2ª Considerando o grande alcance da convenção que, no dia 7 do corrente, anniversario da independencia do Brazil, foi assignada em Buenos-Aires, entre o imperio e a Republica Argentina, para a solução da questão de Missões, propomos, que seja conferido o titulo de membro honorario do Instituto ao Exm. Sr. Dr. D. Norberto Quirno Costa, ministro das relações exteriores da republica, que assignou aquelle acto, conjunctamente com o ministro do Brazil. Sala das sessões em 17 de Setembro de 1889. *Barão Homem de Mello. Henri Raffard. Jozé Luiz Alves. Dr. Cezar Augusto Marques. T. Alencar Araripe. Jozé Egidio Garcez Palha. Torquato Tapajós. Dr. Jozé A. Teixeira de Mello. Luiz Rodrigues de Oliveira. João Severiano da Fonseca.*

Estando tambem esta proposta assignada por todos os membros prezentes, o Sr. prezidente proclama membro honorario do Instituto o Exm. Sr. Dr. D. Norberto Quirno Costa.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, obtendo a palavra, declara, que o Sr. Rodolfo Theofilo, haverá trez

para quatro annos, aprezentou um excellente trabalho seo intitulado : *Historia da seca do Ceará*, 1877—1880, o qual servio de baze para ser prosposto membro correspondente ; mas como até hoje não tenha havido solução, offerece novamente aquelle livro e igualmente a *Monographia da mucunan*, do mesmo autor, e pede que, remettendo-se á commissão de historia, se lhe peça urgencia no parecer.

O 2.° secretario interino pede tambem informações sobre o parecer dado pelo Sr. conselheiro Ladisláo Neto relativamente aos livros aprezentados ao Instituto pelo Sr. Vianna de Lima, e ultimamente aprezentados em sessão. O Sr. prezidente informa, que se acham com o Sr. Barão de Capenema.

O Sr. Henrique Raffard faz identica interpellação sobre a proposta relativa ao Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro. O Sr. Barão de Capanema informa, que de facto tal parecer lhe foi remettido, estando elle fóra da côrte, e que só hontem o recebêra.

Declara o Sr. prezidente, que esta sessão foi convocada para tratar-se da recepção dos socios honorarios, que devem vir tomar assento na primeira sessão, e indica os meios de tornar esse acto mais solemne e formal

Após breve discussão em que se allude ao modo por que tem sido recebidos os outros socios honorarios, decide-se, que, procedendo-se de igual fórma, compareçam os socios em trajo de côrte.

Trata-se em seguida do programma para a sessão solemne, que tem de celebrar-se em honra á nação chilena, reprezentada pela officialidade do couraçado *Almirante Cochrane*. Fica assentado, que, recebida esta á entrada do salão por uma commissão, e por outras commissões o corpo diplomatico e as senhoras, e por todo o Instituto Suas Magestades e Altezas Imperiaes, o prezidente, após as formalidades do estilo, abrirá a sessão, dando a palavra ao 1°. vice-prezidente, que lerá uma allocucão; ao 1°. secretario, que pronunciará um discurso, e o prezidente lerá uma poezia analoga e encerrar-se-á a sessão com um discurso do orador.

O Sr. Dr. Teixeira de Mello informa, que as obras

relativas ao Chile, existentes na bibliotheca nacional, ascendem a quazi mil e quinhentas.

E nada mais havendo que tratar-se, o prezidente levanta a sessão ás 8 3/4 da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*
2.º secretario interino.

17ª. SESSÃO ORDINARIA EM 27 DE SETEMBRO DE 1889

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR E DE SS. AA. O SR. CONDE D'EU E D. PEDRO AUGUSTO

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 3/4 da tarde, estando reunidos os Srs. Barão Homem de Mello, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Taunay, senador Manoel Francisco Correia, Barão de Capanema, commendadores Jozé Luiz Alves e Rodrigues de Oliveira, Dr. Teixeira de Mello, Torquatro Tapajós, Visconde de Nogueira da Gama, Dr. Sacramento Blake, Dr. Cezar Marques, Henrique Raffard e aprezentando-se Sua Magestade o Imperador e Suas Alteza Imperiaes, e sendo recebidos com as formalidades do costume, o Sr. prezidente, pedindo a devida venia, abre a sessão.

Achando-se na sala immediata o Exm.Sr.Dr.D.Enrique B. Moreno, ministro plenipotenciario da republica Argentina, ultimamente eleito membro honorario, o prezidente convida os Srs. Barão Homem de Mello e conselheiro Alencar Araripe para recebel-o, e tomando assento, o Sr. prezidente lê o seguinte discurso:

« Senhores. Acha-se prezente a esta sessão a que, como quazi sempre, se digna de honrar S. M. o Imperador com a sua augusta prezença, o Sr. Dr. D. Enrique B. Moreno, illustrado reprezentante da republica Argentina

n'esta côrte, ao qual, levado da mais alta consideração o Instito Historico admittiu como seo socio honorario em homenagem aos grandes serviços, que prestou ao imperio e á Republica Argentina, dando nova face á questão de limites, cuja solucção ha tantos annos tem occupado a diplomacia de ambas as nações. Por igual motivo foram tambem elevados a socios honorarios os Srs. Dr. D. Estanisláo S. Zeballos, que já era socio correspondente, e Dr. D. Norberto Quirno Costa, ex-minitro, este e aquelle actual ministro das relações esteriores da republica, o Sr. conselheiro Jozé Francisco Diana, nossos ministro dos negocios estrangeiros, e o Sr. Barão de Alencar, reprezentante do Brazil junto a ella.

« Ao prezidente da republica, o Sr. D. Miguel Juarez Celman, conferio o Instituto o diploma de seo prezidente honorario. E' a primeira vez, que o chefe de uma nação americana goza d'essa elevadissima honra do Instituto, que tão parco tem sido em taes nomeações, pois a bem poucos soberanos e principes tem couferido o honroso diploma. O illustre prezidente argentino, com a delicadeza, que em tão alto grão possue, scientificado pelo seo digno ministro n'esta côrte, apressou-se em responder, agradecendo ao Instituto Historico, pelo telegramma que o Sr. 1°. secretario vai lêr ao Iustituto.

O Sr. 1° secretario lê :

« Buenos Aires, Setiembre 17 de 1889. Exm. Ministro argentino Doctor Enrique Moreno. He recebido su telegrama en el que me hace saber que el Instituto Historico, presidido por S. M. el Emperador, ha resuelto conferir-me el titulo de Presidente Honorario, distincion que por primeira vez se acuerda a un gobernante americano. Apreciando debidamente la significacion y la alta trascendencia de esa honrosa distincion, le pido quiera servir-me de interprete, espresando mi reconocimiento á los ilustres membros de ese Instituto y asociando-me á sus importantes trabajos, por cujo exito hago los mas sinceros votos. Aprovechando esta oportunidad, lo saudo com verdadera consideracion. *Miguel Juarez Celman*, Presidente de la republica Argentina.»

O Sr. prezidente continua o seo discurso:

Senhores! E' sempre occazião de maior jubilo para o Instituto Historico a recepção de novos socios notaveis pelas considerações, que os cercam, e que se honram com os nossos diplomas, como ainda mais nos honramos ao vêl-os aqui sentados, attestando ante o mundo culto o valor e o acolhimento que nossa associação merece. E quanto mais illustre tornamos o Instituto, tanto mais somos obrigados a redobrar de esforços para que seja elle tão digno de nossa patria, como do sabio e venerando principe, que o prezide, ha perto de meio seculo.

Senhores! A questão das Missões envelhecêra nas pastas da diplomacia. Reviveo-se na actualidade e força era terminal-a. O povoamento de duas possessões vinha trazendo os povos á face um do outro, e convinha saber onde cada um devia parar. Não era um ponto de honra decidir entre a dignidade de duas nações, mas uma questão de fronteiras a interpretar entre dois povos vizinhos, e sobre esta terra immensa, que Deos formára para tamanho imperio, fôra ironia disputarmos tenazmente um palmo de terreno, como disputam as nações do velho mundo. Contemplando do marco internacional, que vamos plantar para todo o sempre, e vendo todo o terrítorio, que possuimos com o seo vastissimo litoral, recortado por magnificas bahias, cavado por esses rios oceanicos, que se despenham de alterozas cordilheiras, e serpeiam por infindas e uberrimas planicies, atravessando labirintos de florestas seculares, primeiro que levem seos turbilhõos de aguas ao Oceano, no qual ainda cortam leguas e leguas para seos leitos;—podemos dizer com o orgulho do nosso grande poeta BAZILIO DA GAMA:

Isto nos basta a nós e ao nosso mundo!

O tratado ajustado entre as duas prosperas e poderozas nações sul-americanas, quer de uma quer de outra maneira, isto é, ou pela justa interpretação de um tratado antigo elucidado pela sciencia, ou pelo arbitramento de uma nação amiga, tem de dizer a verdadeira palavra sobre a questão secular das Missões. E' a aurora

de um grande dia, que vem raiando para a constante e intima amizade de dois povos, que, juntos, têm combatido em differentes periodos pela santa cauza da liberdade d'esta parte da America.

E' da bôa politica a paz entre os vizinhos povos, e ainda tempo virá em que a humanidade chamará a guerra, com todo o seo poder material, ao seo supremo juizo. Será esse o seo ultimo dia. O ferro voltará ao seo primitivo emprego; e milhões e milhões de guerreiros, ameaça constante á paz e á liberdade, voltarão ás suas pacificas occupações. E' pois com a penna do arbitramento e não com a espada do conquistador, aos hymnos da harmonia das nações e não ao clangor dos clarins da guerra, que se tem de decidir e já vae-se decidindo das questões internacionaes. A esse acertadissimo passo da politica americana de nossos dias, já o Brazil, graças á sua integridade e firmeza, tem sido chamado a dar seo voto no tribunal da civilização, á face de Deos e da eterna justiça.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que, como dice o notavel visconde de São-Leopoldo, é o reprezentante das idéas de illustração, que em differentes épocas se tem manifestado em nosso continente, não podia olhar com indifferença para um facto tão transcendente, que a posteridade acolherá benigno e que registrará nas paginas de seos annaes como um triunfo de gloria para a diplomacia americana.

«Conferindo tão honrozos diplomas aos factores d'esses triunfos diplomaticos, offerece o Instituto a prova não só da importancia, que lhe merece acto tão justo, como da consideração em que tem a tão conspicuos varões, tanto nossos concidadãos como os reprezentantes da grande republica, que nos patenteia por assignalados modos a sua estima e amizade. A voz unanime da imprensa fluminense, que applaudio esse acto de nossa cortezia e consideração, dá sobejo testimunho do nosso acerto, e bem assim da geral simpathia, que entre nós gozam os Argentinos.

Como orgão d'esta benemerita Instituição, a qual não cessa o Imperador de amar e engrandecer aos olhos do

mundo, inclino-me cheio do mais profundo respeito e da maior satisfação para saudar os esclarecidos chefes da republica Argentina e do Imperio Brazileiro, os ministros dos negocios estrangeiros de um e outro Estado, e os eximios representantes de ambas as nações, os quaes tão reaes serviços acabam de prestar á sua e á nossa Patria.

Pedindo a palavra o Sr. D. Enrique B. Moreno lê o seguinte discurso :

Señor:—Sñr. Presidente del Instituto.—Señores. Al tomar posesion del alto cargo, con que me ha honrado el Instituto Historico Geografico del Brazil, siento mi espirito fortalecido, porque pienso, que esta insigne distincion simbolisa mas bien el aplauso á una idéa, que el premio á um indibiduo. El Instituto Historico del Brazil, la institution cientifica mas antigua de la America, la mas respetada en Europa entre sus congeneres del continente americano, la que guarda en sus archivos riquezas incalculables, que serviran mas tarde para levantar el monumiento de nuestra historia, ha querido consagrar con las honras personales discernidas á algunos de mis conciudadanos el triunfo de una idéa, que sintetiza las aspiraciones del siglo. El antigo litigio terrítorial que Brazileiros y Argentinos recebimos en herancia de nuestras metropolis respectivas, acaba de encontrar una fórmula que hace desaparecer en un instante las asperezas del pasado, y nos vincula para lo porvenir de una manera indestructible. El Instituto Historico robustece con este acto las convenciones de los que han dedicado su vida á luchar por la fraternidad americana. Mientra, ilega hasta el seno de esta noble assemblea la espresion de gratitud de aquelles de mis conciudadanos, que merecieron el titulo de Miembros Honorarios, yo diré á los señores aqui presentes :

Señores, esta altissima honra se traduce en fuerza, porque es estimulo. Prometo dedicar á los trabajos del Instituto tantas fuerzas cuantas sean necessarias para hacer-me digno de ocupar un lugar entre un grupo de hombres, que, presididos por el mas sabio de los soberanos

contemporáneos, han levantado ante proprios y ante estraños el nivel intelectual de la América.»

O Sr. prezidente, dando a palavra ao Sr. senador conselheiro de estado Manoel Francisco Correia, para responder, este consocio lê o seguinte discurso :

Cabe-me a agravel tarefa de responder ao eloquente discurso, com que acaba de expressar seo reconhecimento ao Instituto, o illustrado cavalheiro, que com tanto brilho e simpathia reprezenta no Brazil a valoroza Republica Argentina. Si foi apreciada pelo digno ministro a rezolução do Instituto Historico, collocando-o no numero de seos socios honorarios, não menos se congratula esta corporação pela acertada escolha que fez, e por ter tido ensejo de dar novo testimunho da alta estima, que S. Ex. goza entre nós, não só por suas excellentes qualidades pessoaes, como pelo constante empenho com que, no interesse de ambas as nações, se ha esforçado por estreitar ainda mais as relações amigaveis que as ligam. D'esse esforçado empenho deu S. Ex. recente e inequivoca prova. Urgia decidir, e não pelas armas, a antiga questão de limites entre a Republica e o Imperio. Urgia decidil-a de modo que não motivasse queixa para os estados interessados. Nenhum d'elles necessita accrescentar a seo tão vasto territorio qualquer porção arrancada violentamente do outro. Para a patriotica actividade de seos filhos sobeja aquelle em que domina incontestada a sua glorioza bandeira, e estes povos qne já em commum derramaram preciozo sangue para restaurar os fóros da civilização ultrajada, fôra falta igual á que souberam nobremente vingar, o entregar a sorte dos combates cauza, que, sem quebra da honra e do pundonor reciproco, podia ter pacifica solução no meio dos applauzos de todas as nações cultas, e das bençãos de quantos prezam os triunfos da humanidade. Dedicando-se sinceramente a esta solução o Sr. D. Enrique Moreno, além de benemerito de sua patria, tornou-se credor do nosso particular apreço. Manifestou S. Ex. os sentimentos, que, em relação ao Instituto, animam ao homem illustre, que com tanta pericia prezide os destinos do povo argentino, tão saliente

em nosso continente, e bem assim os do distincto ministro das relações esteriores da Republica. Distinguindo a esses vultos notaveis da politica americana, o Instituto distinguio-se tambem; pois é acto de justiça, que engrandece, render preito aos estadistas que merecem. Não me é licito terminar sem dezejar aos demais membros honorarios, ultimamente admittidos, as minhas mais cordiaes felicitações.

Tem em seguida a palavra o Sr. orador, senador Visconde de Taunay, que profere o seguinte discurso:

Senhor. Assignalada para todo o sempre ficará nos annaes a sessão de hoje. Sem grande esforço vêmos com effeito sentado ao lado de Vossa Magestade, no topo da meza de nossas deliberações, o grande e refulgente vulto de uma nacionalidade amiga, a prezidir conjunctamente com o indefesso protector do Instituto Historico, esta significativa reunião, cujo alcance nos infunde as maiores impressões, e tão grande repercussão já tem na opinião publica, quer do paiz, quer do estrangeiro. E, Senhor, permitti, que, na expansão de nossa alma, deixemos bem saliente uma verdade. A republica Argentina, que muito aprendéo em dias de cruel adversidade e nas convulsões da ambição dos homens, ao vosso lado, personificação de um principio tão velho como o mundo, mas que parece antagonico a aspirações por que ella sempre anhelou e que afinal vio realizadas, não se sente por fórma alguma enleiada e constrangida e pelo contrario, commovida e grata vos aperta a dextra, pois sabe e conhece bem, que sois um monarca excepcional, chefe de uma monarchia tambem excepcional, cujas inspirações se radicam na lealdade e no estremecimento do povo brazileiro e de continuo se fortalecem aos vividos ares da liberdade americana! Dahi provém e deve provir a alegria do plenipotenciario, que reprezenta essa republica no nosso modesto recinto, o nosso illustre consocio, e, podemos com ufania proclamar, nosso bom amigo o Sr. ministro D. Enrique Moreno.

Muito orgulho vos é hoje, Exm. Sr., permittido, a par do jubilo, que nos corações bem formados sempre

incutem as festas da paz e da sciencia. Reprezentais com effeito uma victoria, em qne não ha vencidos, e que é, para assim dizer, ainda desconhecida ás nações européas, embora marchem á frente da civilização. E é ella devida, não sómente á indole generoza e larga, que prezide já os destinos do novo continente, mas tambem á evolução que habil e honestamente operaste no espirito de duas nações ha largos seculos contestantes, pela amabilidade de vosso caracter, pela meiguice do vosso trato, pela cordialidade de vossa convivencia, e tudo isso sem esforço, sem calculo, sem plano, a caminhardes sereno e rizonho pela linha recta, justiceiro sempre para com os vossos compatriotas e brazileiro e mais profundo e geitoso diplomata, com aquelles simples elementos de acção, do que muito negociador, perspicuo e tão conhecedor dos homens quanto habituado a enganal-os.

Na solução da espinhoza e interminavel de limites nas Missões fôste um factor da maior importancia, e legitimo desvanecimento devem de vós ter a patria argentina e a diplomacia universal, que ainda uma vez applaudirá tambem a superioridade de vistas e a cordura da nação brazileira.

E de quanta gratidão não se fizeram de vós credores a humanidade, a mãi de familia e a infancia?! Quantas lagrimas não custa o simples movimento de mao humor e impaciencia de um plenipotenciario! Quantos thezouros mal baratados, quanto preciozo sangue vertido, quantas calamidades, a zurzirem impiedozas, sobretudo os velhos, as mulheres, e a crianças!

Mil hosannas, Sr. ministro, á vossa brandura e incansavel amabilidade, tão bem correspondidas pela lhaneza e affabilidade do povo brazileiro. Emfim tudo está terminado; e uma nesga de territorio invio, montanhozo e coberto de asperas florestas, sulcado de rios barrentos e impetuozos, o dominio dos quaes nem os mesmos selvicolas quizeram, não obriga duas nações, de posse de vastissimas terras, e destinadas a abrir os braços aos infelizes e desalentados da Europa, a se degladiarem encarniçadas e sanguinarias, como duas féras do dezerto a disputarem, nos arrancos da fome, escassa e ambicionada preza. Na

historia dos grandes acontecimentos, não ficareis esquecido, Sr. ministro, nem delembrada será a iniciativa, que tomou o Instituto Historico, afim de commemorar o grandioso successo, não diremos do imperio do Brazil e da Republica Argentina, mas de todas as Americas, e ainda mais, de todo o mundo civilizado.

E' pois com immenso estremecimento, que esta associação abre agora de par em par as suas portas, para receber o eminente reprezentante de uma nação vizinha nossa, já poderoza, nobre, alevantada, e que se guia pelos mais adiantados principios d'este seculo de progresso, de justiça e de respeito reciproco! Comprimentando-vos, peço-vos, em nome do Instituto Historico Geographico Brazileiro, transmittais ao Exm. Sr. Dr. D. Miguel Juarez Celman, illustre prezidente da Republica Argentina, aos eminentes Exms. D. Estanisláo Zeballos, ministro de estrangeiros, e Dr. Norberto Quirino Costa os nossos cordiaes emboras e mais vivas felicitações.

O 2°. secretario interino lê a acta da sessão antecedente, que é approvada. O Sr. 1°. secretario dá conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios :

Do Exm. Sr. plenipotenciario argentino. «Exm. Sr. Baron Homem de Mello, Secretario del Instituto Historico y Geografico del Brazil. Distinguido Sr. Baron. Tengo el pracer de enviarle con estas linas copia del télegrama, que acabo de recibir del Exm. Sr. Presidente de la Republica. Asi que el Sr. Presidente reciba la comunicacion official del Instituto, contestará directamente y como és de su deber la altisima distincion, que acaba de conferirle aquella noble associacion. Aprovecho esta oportunidad para reiterar a V. Ex. el oferecimento de mi sincera amistad. De V. Ex. att°. S. S. *Enrique Moreno.*»

Do secretario da sociedade de geographia do Rio de Janeiro: o 1°. de 6 do corrente, dando conhecimento que a sociedade, em sessão de 5, rezolveo pôr á dispozição do Instituto os livros, mappas e mais objectos concernentes

á republica do Chile existentes no seo archivo; o 2°. de 16 do corrente, enviando varias obras para figurarem na expozição, que o Instituto pretende effectuar em homenagem á officialidade do encouraçado *Almirante Cochrane*, as quaes vêm devidamente relacionadas.

Do nosso consocio, o Sr. João Barboza Rodrigues, communicando ter recebido para si é para o muzeo botanico do Amazonas os dois exemplares da medalha de bronze, que o Instituto lhes conferio. Da camara municipal do Recife, da praça do commercio do Pará, do gremio literario portuguez do Pará, e dos Srs. A. Eloy da Camara, D. Claudio Jozé, bispo e Goiaz, socio correspondente Antonio Ribeiro de Macedo, de Paranaguá, fazendo igual communicação. Do director da bibliotheca nacional de Lisboa, communicando o recebimento de um exemplar do livro do *quinquagenario*.

Do. Exm. Sr. ministro da fazenda, communicando que autorizou o administrador da imprensa nacional a mandar fazer na respectiva officina a encadernação, que deverá ficar prompta até o dia 18 deste mez, da *Revista Trimensal* destinada á bibliotheca do encouraçado chileno *Almirante Cochrane*.

OFFERTAS

Pelo Sr. M. Vivien de Saint Martin *Nouveau Dictionnaire de Géographie Universelle*, 48 fasciculos; pelo socio Virgilio Martins de Mello Franco o seo trabalho *Provincia de Minas Geraes perante o immigrante estrangeiro;* pelo Sr. Alfred Marc, *Un explorateur brésilien*; pelo club naval, sociedade de geographia de Lisboa e alfandega do Rio de Janeiro os seos boletins; pelo Sr. Visconde de Taunay, *Questões da immigração* e *Cartas Politicas*; pelo Sr. Dr. Pires de Almeida, *Instruction publique du Brésil;* pelas respectivas redacções: —*Diario da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Liberal Mineiro*, *Provincia do Espirito Santo*, *Gazeta de Mogimirim*, *Baependiano*, *Imprensa*, *Publicador Goiano*, *Caxoeirano*, *Novidades*, *Géographie*, *Nouveau Monde*, *Brésil* e *Etoile*

du Sud, e pelo Sr. conselheiro Alencar Araripe, uma nota do Banco Mauá & C.,de Montevidéo, de 20 centesimos, e quatro notas do Paraguay em circulação actualmente, sendo ellas de 50, 20, 10, e 5 centavos fortes.

1ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

O Sr. Visconde de Taunay, pedindo a palavra, lê o discurso,com que,como orador da commissão do Instituto, felicitou o imperador no dia 7 de Setembro do corrente anno :

Senhor! Pela segunda vez, apoz a glorioza data da abolição, que abrio para o Brazil éra nova, tem o Instituto Historico e Geographico Brazileiro o intenso jubilo de comparecer ante o throno imperial, afim de se associar ás galas e triunfaes recordações do grande dia da nossa Independencia.

Quanto caminho andado, Senhor, desde a memoravel época, em que o augusto pai de V. Magestade cortou com a espada de Alexandre, isto é, com a rezolução e a fé dos espiritos fortes os laços, que nos prendiam ao velho Portugal! E por mais que nos tenhamos adiantado, sempre havemos de ficar aquem da convicção arraigada e do admiravel optimismo, que de continuo alentaram o vosso peito, crente no esplendido porvir rezervado á Patria, que nos é tão cara! Para vós nunca houve negros vaticinios, nem sombrias vacillações, que conturbassem essa esperança viva, e cada vez mais roborada, filha já do conhecimento intimo que tendes do Brazil, já da certeza de que caminhar vigilante pela linha recta é a garantia da victoria na orbita moral e nas contingencias physicas. Na esphera dos maiores conseguimentos todo vos pareceo possivel, e tudo se fez,—até o arrancar d'esse pungente e venenoso espinho, profundamente cravado nas carnes, que nos empecia a marcha, e nos ameaçava, quiçá, de morte ingloria e cruel.

Hoje, novo leão de Andrócles, caminha o Brazil a largos passos e seguros, e de certo a gratidão, quando

não outros sentimentos mais calculados e menos impressionistas, jámais consentirá, que elle se volte, sanguinario e temerozo, contra aquelles, cujas mãos amigas e suaves lhe extirparam o dolorozo e fatal acúleo, para lhe dar vida nobre, serena, digna, cheia de altiva expansão e pujante de magestatica força. Venham, venham medidas novas, estas relativamente bem faceis, e a terra Brazileira será, com a monarchia, que tanto e tão bem a tem servido, justo motivo de orgulho para as Americas e até para a humanidade em pezo. Taes são, Imperial Senhor, os sentimentos e os votos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por nós trazidos hoje á prezença do inclito soberano, que para a nossa associação tem sido, mais que zelozo e constante Protector, um Pai, todo de meiguice e adoravel estremecimento!

O Sr. 1°. secretario lê os seguintes pareceres das commissões de admissão de socios e de historia:

1.° A commissão de admissão de socios examinou attentamente os pareceres das respectivas commissões e propostas acerca de varios illustres cidadãos chamados a fazer parte da nossa associação, e por encontrar n'aquelles illustres cavalheiros todos os requizitos necessarios, é de parecer, que sejam admittidos ao gremio do Instituto Historico e Geographico na qualidade de socios honorarios os eminentes professores Drs. Charcot, Giovanni, Semmola e Conde de Mota Maia, pelo relevantissimo e inexcedivel serviço de haverem conservado a vida do Sr. D. Pedro II, na occazião mais critica e perigoza, salvando na pessoa do inclito soberano o indefeso protector d'este Instituto. E na qualidade de socios correspondentes os Srs. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, Dr. Jozé Ricardo Pires de Almeida, Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt e Annibal Echeverria y Reyes, cidadão chileno, Marquez de Mulhacen (general espanhol Carlos de Ibanez,); Bouquet de la Grye, membro do Instituto de França e general Ferrero, chefe do serviço geographico de Italia, sendo estes trez ultimos propostos pelo nosso distinctissimo consocio o Sr. Barão de Teffé, actualmente na

Europa, e que ali tem reprezentado o Brazil scientifico de modo brilhante e applaudido. Sala das sessões 27 de Setembro de 1889. *Visconde de Taunay. Manoel Francisco Correia.*

2.º A commissão de trabalhos historicos, tendo em consideração a proposta para que seja admittido como socio correspondente do Instituto o Dr. Clovis Lamarre, natural da França, e administrador do estabelecimento de educação Sainte-Barbe, vem aprezentar seo parecer acerca da mesma proposta. Foi offerecido como titulo á sua admissão o livro *Camões et les Luziades, étude biographique e littéraire, suivie du poème annoté*, impresso em Pariz, 1878, com 21 pags. in-8°. Divide-se este livro em quatro partes, a saber: *Vida de Camões, noticia historica sobre os Luziadas, noticia literaria sobre os Luziadas, os Luziadas;* traducção acompanhada de notas mithologicas e georgraphicas, etc.

Bem que muito se tenha escripto, quer em sua patria, quer no estrangeiro, acerca do grande vulto das letras portuguezas e uma das glorias de Portugal; bem que o poema já esteja traduzido com annotações em varias linguas, o livró do illustre tradutor encerra considerações de valor historico e literario e revela muito estudo sebre o assumpto. Entende portanto a commissão, que o Dr. Clovis Lamarre merece ser admittido ao nosso gremio. Rio de Janeiró 25 de Setembro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*.

3.º A commissão de trabalhos historicos vem aprezentar seo parecer acerca do livro offerecido como titulo de admissão do pharmaceutico Rodolfo Marcos Theofilo, natural do Ceará, ao gremio do Instituto como socio correspondente. Este livro *Historia da seca do Ceará* (1877-1880) publicado na cidade da Fortaleza em 1883, de 505 paginas in-8°, abre-se com ligeira noticia sobre a situação, limites, superficie, litoral, configuração physica, constituição geologica, orographia e hydrographia da provincia; sobre seo clima, estações, secas e grandes

invernos, riquezas mineraes e vegetaes; sobre a industria agricola, a extractiva e a creadora ou pastoril; sobre o commercio, movimento maritimo, estradas de ferro, rendas geraes e provinciaes; sobre a população, reprezentação, força publica, divizão civil, judiciaria, policial e ecclesiastica; sobre estabelimentos pios, instrucção publica e sua respectiva despeza, matriculas de 1845, exames geraes, instrucção particular, bibliotheca e jornaes.

D'estes assumptos occupa-se o autor ligeiramente, como ficou dito, até a pag. 76. Dahi em diante trata elle desenvolvidamente da seca de 1877 a 1880, começando comemorar a seca de 1845, que descollocára a população do interior, atirára ás ruas da capital mendigos de todas as classes, ceifára milhares de victimas, mas cujas scenas horriveis já iam sendo esquecidas, quando surgio a nova calamidade, que é descripta com todas as dôres e flagellos, quer physicos, quer moraes, que a acompanharam durante tão longo periodo. Faz ao mesmo tempo minucioza menção dos actos da administração provincial e do governo geral, dos socorros á população flagellada e de tudo quanto se prende ao assumpto. Este livro é adornado de dezenhos de alguns vegetaes, de que se alimentavam os infelizes Cearenses, como a macambira, o xique-xique, o fructo e a raiz da mucunan, a raiz da maniçobinha e do páo de mocó, e ainda de duas estampas, reprezentando o lastimavel estado a que tamanha desgraça reduzia a creatura humana. E' um livro escripto por testimunha occular de tão deploravel calamidade e que merece ser lido e meditado pelos altos poderes do estado, mormente no que se refere a socorros publicos.

O autor escreve depois a *Monographia da mucunan*. E' um opusculo de 23 paginas in-8°, publicado em 1888, acerca da leguminoza brazileira, de que se trata na obra mencionada, mas ainda não devidamente conhecida, como se demonstra. Estudando essa planta, de cuja acção physiologica e therapeutica já havia tratado, e submettendo-a a analises, o autor teve por fim principal saber si os damnos ou por ella cauzados, eram devidos a principio toxico, ou si a dyscrasia do sangue era rezultado da insufficiencia e má qualidade da alimentação.

O pharmaceutico Rodolfo Marcos Theofilo, pelos titulos que exhibe, merece ser admittido ao Instituto.

Rio de Janeiro 25 de Setembro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello*. »

4.° A commissão de trabalhos historicos vem apresentar seu parecer acerca do Dr. José Ricardo Pires de Almeida, proposto para socio correspondente do Instituto.

Foram juntas á proposta, como titulo á sua admissão, duas monographias: uma sobre D. Pedro I e outra sobre D. João VI, enriquecidas com documentos acima de toda excepção, e onde se expoem os factos de modo condigno e verdadeiro. Na primeira ha um apanhado da independencia em todos os estados da America, que, confrontado com os acontecimentos de 1822, mostra a espontaneidade d'este acto, que se fez sem o derrame de uma só gota de sangue.

Publicou o autor depois, em 1887, na *Gazeta da Noticias* no Rio de Janeiro um estudo sobre o Sete de Abril, que passou sem contestação por parte da critica, embora ahi se declarasse, que, perante a historia, a magnanimidade do acto de D. Pedro I deixou a perder de vista generosidade do povo brazileiro. Tendo sempre em vista a manter seo juizo sobre a grandeza e espontaneidade dos actos do fundador do imperio, além dos documentos citados e que encontrou em abandono no archivo da camara municipal, conhecendo por tel-as vista no litoral, arrecadou e trouxe para esta cidade com immenso sacrificio as peças mandadas collocar em todo litoral por esse soberano para defeder-se de aggressões que se esperavam por parte da metropole. Ainda sobre a historia patria escreveo em francez por destinar-se a dar fóra do paiz a medida exacta de nosso adiantamento em materia de instrucção a *Historia e legislação da instrucção publica no Brazil*, livro que acaba de ser publicado com 1138 pags. in-8° e que está sendo distribuido gratuitamente na Europa.

No lugar, que exerce, de archivista da camara municipal, o Dr. Pires de Almeida salvou do esquecimento

e provavelmente da ruina, o archivo historico, já promovendo uma expozição na propria camara, já effectuando outra por occazião da expozição da sociedade de geographia.

Além das obras citadas e do seo drama *os Martires da liberdade*, em que se trata de assumpto historico, ha varias outras de não somenos valor, umas literarias e outras scientificas. Entre as ultimas salientam-se : *Tratado de percussão e escuta*; *Analise medico-pratica dos generos alimenticios*, em dois volumes com 300 gravuras ; *Guia da mulher pejada* ; *A tizica e os tizicos*, hygiene e tratamento ; *Formulario internacional*, livro ainda não concluido, mas já com 1.500 paginas impressas in 4° com duas columnas ; *Considerações sobre os pantanos da bahia do Rio de Janeiro, como cauza efficiente da febre amarella; Constituição medica do Rio de Janeiro de accordo com os quizitos formulados pela inspectoria geral de hygiene; Hygiene das habitações; Officina na escola.*

Dr. Pires de Almeida emfim tem titulos bastantes, que o tornam merecedor de occupar uma cadeira no Instituto.

Rio de Janeiro 25 de Setembro de 1879. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*.

5.° A commissão de trabalhos historicos, em consideração á proposta para que seja admittido como socio correspondente do Instituto o chefe de divizão Ignacio Joaquim da Fonseca, tem a satisfação de dar parecer acerca da referida proposta.

Como titulo para admissão foi aprezentado o volume *a Batalha de Riachuelo* publicado no Rio de Janeiro em 1883 com o retrato do heróe d'essa batalha, Barão de Amazonas, e com cinco plantas indicando as pozições occupadas pelos vazos belligerantes na memoravel acção.

Não ha duvida do valor, para nossa historia, d'esse trabalho elaborado em vista das partes officiaes da esquadra em operações. Ha entretanto outros trabalhos do chefe de divizão Fonseca, que o tornam digno de ser

admittido ao nosso gremio, como são: *Combate de Cuevas em 12 de Agosto de* 1865, conferencia realizada na augusta prezença de S. M. o Imperador no salão da escola da Gloria, e publicada em 1882; as trinta e seis *Cartas do theatro da guerra* remettidas da esquadra brazileira em operações contra o governo do Paraguay e publicadas no *Jornal da Bahia* em 1865 e 1866; o *mappa entre o Rio do Frade e o Mucury copiado das cartas inglezas, mais correcto e augmentado sobretudo nas ilhas, bancos, canaes e recife*, que foi lithographado no archivo militar em 1857, sendo levantado quando o autor era 1°. tenente da armada e commandava o pataxo *Thereza*; o *Plano do ancoradouro de Ilhéos, na Bahia*, levantado de collaboração com M. Ernesto Mouchez e impresso em Paris, 1863.

Ha finalmente outras obras do chefe de divizão Fonseca, que não têm relação com a geographia, e historia do Brazil, como a sua tradução da *Historia naval de Beddecomble* e as *Noções de philologia accommodadas á lingua brazileira ou vernacula*, livro em que o autor lança os fundamentos de futura lingua, excluzivamente nossa, tão arredada da portugueza quanto é vasto o oceano, que separa o Brazil de Portugal.

Rio 24 de Setembro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *J. A. Teixeira de Mello*.

Todos esses pareceres ficam, na fórma dos estatutos, sobre a meza, para serem discutidos na proxima sessão.

O Sr. 1°. secretario pede a palavra e lê o seguinte officio:

« Legação de Sua Magestade Fidelissima. Rio de Janeiro 27 de Setembro de 1889. Illm. e Exm. Sr. A triste noticia da morte de Sua Alteza o Sr. Infante D. Augusto não me permitte ter a honra de assistir hoje á sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. *D. G. Nogueira Soares*.»

O Sr. prezidente declara, que a infausta noticia da morte de S. A. o Infante D. Augusto é recebida com o

mais profundo pezar pelo Instituto, pelo que pede a S. M. o Imperador venia para levantar a sessão, e levanta-a ás 8 3/4 da noite.

Dr. João Severiano da Fonseca.
2º. secretario interino.

18ª. SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE OUTUBRO DE 1889

HONRADA COM A PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 boras abre-se a sessão com as formalidades do costume, estando prezentes os Srs. Joaquim Norberto, conselheiros de estado Olegario Herculano de Aquino e Castro e Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello, Dr. J. Severiano da Fonseca, conselheiro Alencar Araripe, Visconde de Taunay, Dr. Teixeira de Mello, commendadores Jozé Luiz Alves e Rodrigues de Oliveira, Dr. Cezar Marques e Torquato Tapajós, capitão-tenente Garcez Palha, conselheiro Pereira de Barros, Barão de Capanema, Barão de Miranda Reis, Dr. Sacramento Blakc e Henrique Raffard, o 2.º secretario interino lê a acta da sessão antecedente, que é approvada.

O Sr. 1.º secretario communica o expediente seguinte :

Officios :

Do Sr. ministro da agricultura, informando nada haver no muzeo nacional referente á historia natural e ethnographia do Chile, que possa figurar na sessão, que o Instituto pretende celebrar ; do Sr. ministro da guerra, declarando ter providenciado para que a escola militar, bibliotheca do exercito e directoria geral das obras militares facultem ao Instituto as obras e objectos relativos ao Chile ; do Sr. ministro da marinha, fazendo igual declaração relativamente á inspectoria do arsenal de marinha e

bibliotheca de marinha ; do Sr. secretario do instituto archeologico e geographico pernambucano, remettendo um exemplar, vasado em cobre, da medalha que o mesmo instituto mandou cunhar em commemoração á abolição da escravidão; e igualmente agradecendo a que o Instituto Historico por identico motivo offereceo-lhe ; do Sr. secretario da prezidencia do Rio-Grande do Sul, remettendo dois exemplares da collecção de leis da provincia de 1887 e 1888; da directoria da bibliotheca nacional de Lisbôa, agradecendo a primeira parte do tom. 52 da *Revista Trimensal*; por igual motivo, da sociedade geographica e commercial de Saint Gallien, e do conservador da bibliotheca de Evora ; dos Srs. socios coronel Fausto de Souza e Joaquim Portella desculpando, por motivos justos, as suas auzencias ás sessões e remettendo este ultimo cinco exemplares do discurso sobre a *Tolerancia dos Cultos* ; e do Sr. Villamil Blanco, ministro do Chile, offerecendo por parte do Sr. Anibal Echeverria y Reys um exemplar de seo livro intitulado *Disposiciones vijentes en Chile, sobre policia sanitaria y beneficencia publica.*

OFFERTAS

Pelo Sr. Prospero Luiz Peregullo a sua obra *Cristoforo Colombo*; pela real academia de sciencias de Madrid suas memorias e os fasciculos 5, 6 e 7 da *Revista dos progressos* e *ciencias exactas, fisicas y naturales* ; pela commissão central brazileira na expozição de Pariz *Le Brésil en* 1889 ; pela bibliotheca nacional de Buenos-Aires *Ligeros apuntes sobre el clima de la Republica Argentina*; pela legação do Brazil n'essa republica *Descricion del pampa del Rio Negro e de Neuquen*, por Jorge J. Rohde, com mappa ; pela universidade central de Venesuela a sua *Revista Cientifica*, tom. 2°, ns. 13 e 14; pelos Srs. Dulan & C. (de Londres) um mappa do Transwal, de 4 folhas, ; pelo editor, um opusculo *A' memoria do senador Evaristo Ferreira da Veiga* ; pela redação do jornal *Il Brazile* a sua *revista* n. 9 ; pela academia imperial de medicina do Rio de Janeiro, os seos

Annaes, tom. 5°, n. 1; pelas sociedades de geographia de Bordeaux e Italiana, academia de historia de Madrid e bibliotheca nacional (italiana) Vittorio Emanuel ; alfandega do Rio de Janeiro e academia imperial de medicina, os seos *boletins*; pelas respectivas redacções: —*Revista Maritima Brazileira*, anno 9°. n. 3, *Revista Sul-Americana*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Provincia do Espirito-Santo*, *Liberal Mineiro*, *Gazeta de Mogimirim*, *Publicador Goiano*, *Jornal do Amazonas*, *Immigração*, *Nouveau-Monde*, *Brésil*, *Etoile du Sud* e *Geographie*; pelo Sr. Collatino Marques de Souza os seos opusculos *Meio de atenuar os effeitos das sêcas e Barra do Rio-Grande do Sul.*

O Sr. preizdente congratula-se com o Instituto com os premios conferidos pelo jury da expozição de Paris, além do a S. M. o Imperador, aos distinctos socios os Srs. Barão de Teffé, Barão Homem de Mello e coronel Pimenta Bueno, aquelle por suas cartas de exploração do rio Javary e estes pelo seo *Atlas geral do imperio*, capitão-tenente Calheiros da Graça e 1°. tenente Indio do Brazil pelos seos trabalhos geographicos, e finalmente o proprio Instituto, pela collecção de sua *Revista Trimensal.*

O Sr. 1°. secretario communica, que o nosso consocio honorario o Sr. D. Enrique Moreno, tendo de seguir urgentemente para Buenos-Aires, veio pessoalmente ao Instituto fazer suas despedidas, offerecendo seos prestimos n'aquella capital, onde poucos dias se demorará, esperando ter occazião de, em principios do vindouro mez, comparecer de novo ás nossas sessões.

1ª. PARTE DA ORDEM DO DIA

Achando-se na sala immediata o Exm. Sr. bispo do Pará, socio correspondente, e os socios honorarios os Exms. Srs. conselheiros ministro de estrangeiros Jozé Francisco Diana e Duarte Gustavo Nogueira Soares, ministro de Portugal, o Sr. prezidente convida os Srs. conselheiros Olegario e Alencar Araripe, commendador Jozé

Luiz Alves, Barão Homem de Mello, Barão de Capanema, e Barão de Miranda Reis a irem recebel-os.

Ao tomar assento o Sr. bispo do Pará, o Sr. prezidente pronunciou o seguinte discurso:

Senhores! A recepção do Sr. D. Antonio de Macedo Costa, illustrado bispo da mais vasta dioceze do imperio, a quem o Instituto conferio o titulo de seo socio correspondente, é motivo para que a nossa associação se encha de jubilo e conceba as maiores esperanças por bem pensados trabalhos devidos á sua primoroza penna. O reverendo bispo da dioceze amazonica vem honrar o Instituto com o esplendor scientifico de sua mitra, como se distinguiram, honrando-o, os seos predecessores, de saudoza memoria, Conde da Conceição, D. Antonio Ferreira Viçozo, que foi bispo de Marianna, Conde de S. Salvador, D. Manoel Joaquim da Silveira, que foi arcebispo de S. Salvador da Bahia, Conde de Irajá, D. Manoel de Monte Rodrigues de Araujo, que foi bispo do Rio de Janeiro, e mais do que nenhum d'elles o illustrado Marquez de Santa Cruz, D. Romualdo Antonio de Seixas, que tambem foi arcebispo da Bahia, e que tão condigna demonstração de seo talento deixou nas paginas da nossa *Revista*. Pena é que os nossos prelados, percorrendo em vizita as suas vastas diocezes, não escrevam as impressões das suas viagens, tendo á dispozição grande somma de subsidios para o melhor exito, seguindo assim o exemplo transmittido pelo eminente bispo do Pará, D. Jozé João, que nos legou o *Diario* das suas viagens pelas terras e rios de seo bispado, maravilhado da natureza que o cercava, e onde a cada passo, e onde a cada olhar magnificamente se lhe patenteava o dedo de Deos.

Aprezentando ao Instituto o novo e venerando socio, é de esperar, que nos serão concedidas algumas d'essas paginas, que, dictadas pelo seo talento e escriptas pela sua penna, servirão igualmente de estimulo aos demais diocezanos do imperio, de grande proveito á nossa instituição e de muita utilidade á nossa patria.

Depois d'este discurso falou o novo consocio nos seguintes termos:

Senhor! Senhores! Si não fôssem as alternativas crueis de uma saude enfraquecida, de ha muito teria eu

vindo pressurozo trazer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro a expressão do meo reconhecimento pela insigne honra, que me fez, nomeando-me seo socio correspondente; honra contra a qual se insurge, não a minha modestia, mas o sentimento intimo de minha insufficiencia.

Não cuideis porém, que venho mover litigio comvosco por cauza d'esta vossa generoza injustiça. Venho pelo contrario justifical-a. Sem duvida quizestes honrar em um obscuro reprezentante do clero brazileiro contemporaneo os insignes dotes d'aquelles varões eruditos e tão benemeritos da igreja como do estado, que outr'ora, e desde a origem d'este Instituto, se associaram comvosco na obra da sciencia, escopo de vossas lucubrações. Todo o incremento dos estudos referentes ás nossas couzas patrias, todo o esforço para tiral-as da *criminoza obscuridade em que jaziam* tem partido principalmente daqui, d'este fóco luminozo, d'este gremio sabio, que se tem tornado por isso benemerito do paiz e uma das glorias d'elle no estrangeiro. E' uma verdade, que a critica imparcial não poderá desconhecer. Mas não o é menos a animação, que tem dado ao nosso honrozo labor muitos distintissimos membros do clero catholico.

Descabido fôra, e até por ventura indiscreto, pôr-me eu, agora aqui recem-chegado, a rememorar-vos esses nomes gloriozos de que se ufana o Instituto, e que tendes ouvido tanta vezes preconizar n'este recinto. Mas emquanto por delicada discrição me calo, a historia vai dando testimunho de um conego Januario da Cunha Barboza, um dos vossos egregios fundadores, de um Romualdo Antonio de Seixas, o immortal arcebispo, de um conego Gonçalves dos Santos, valentissimo polemista, de um D. Manoel do Monte, preclaro bispo do Rio de Janeiro, de um D. Jozé Affonso, meo veneravel predecessor, de um frei Mariano Vellozo, de um Francisco de Mont'Alverne, de inclitos cardeaes como Mezzofanti e Pacca e tantos outros varões, insignes por letras e virtudes, que brilham como estrellas refulgentes no firmamento do Instituto.

O que vem o humilde bispo do Pará aqui fazer depois d'elles? Trabalhos que levassem um pouco mais de luz ás

nossas origens, a esses tempos da nossa formação nacional ainda insufficientemente estudados, esses seriam em verdade muito do meo gosto e ao sabor das tendencias do meo espirito; si m'os consentissem, com os lembrados agora pelo nosso egregio prezidente, os cuidados absorventes do ministerio apostolico, e as forças decadentes de quem vai já bem entrado pelos annos. Em todo o cazo minha prezença aqui servirá para alguma couza, Senhores; servirá para attestar a solicitude que em todos os seculos tem tido a igreja pela diffuzão das luzes, pela propagação das sciencias; o interesse, o empenho, o esforço constante com que ella acompanha e anima as explorações do espirito humano em todas as provincias do saber.

Vós conheceis melhor do que eu, que si uma ponte nos liga ao mundo literario e scientifico da antiguidade, á igreja catholica a devemos; que foi no interior dos claustros, que se manteve acezo no seio da geral escuridão o lume sagrado, que devia depois irradiar-se com tanto esplendor no meio das nações modernas. Foi a igreja, arroteando campos, abrindo estradas, lançando pontes, multiplicando escolas, erguendo por toda a parte liceos e universidades, com uma profuzão que espanta, quem preparou e desenvolveu o grande movimento da civilização christan na Europa e no mundo.

O que está fazendo n'este momento o sabio Leão XIII para fomentar e desenvolver o gosto dos estudos historicos, franqueando a commissões de sabios escolhidos por elle entre varias nações, archivos preciozos, até aqui quazi inaccessiveis, é obra colossal de efficiencia immensa sobre o progresso da mentalidade humana, e que dá testimunho ainda uma vez da fidelidade com que se conserva na igreja a tradição do amor á sciencia, sobretudo ás sciencias historicas.

Assim explicada a minha prezença aqui, é-me facil desinteressar-me pessoalmente da grande e immerecida honra, que me conferistes. Fico ufano, senhores, de reprezentar a hierarchia catholica no seio d'esta sabia corporação; ao mesmo tempo que me humilho e confundo de não poder corresponder, como devêra, á vossa confiança e

gentileza. Podeis todavia contar com a minha bôa vontade e dedicação.

Findo este discurso, foi dada a palavra ao socio commendador Jozé Luiz Alves, o qual dirigio á associação o seguinte discurso:

SENHOR. O Instituto acabou de ouvir com a mais profunda e religioza attenção o imponente discurso proferido pelo Exm. e Rev. Sr. Dr. D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará, que hoje pela primeira vez compareceo á sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, afim de tomar assento e posse da cadeira de socio correspondente, para a qual foi nomeado por unanimidade de votos na sessão do dia 13 de Julho do anno proximo findo, promettendo abrilhantal-a com os fulgores de sua vasta sabedoria.

Para bem poder eu corresponder á grandeza do assumpto e assim prender a attenção de auditorio tão illustre, fôra mister, que a Divina Providencia me tivesse brindado com o magestozo saber do grande Antonio Vieira, os rasgos oratorios do Pindaro da tribuna sagrada o padre Dr. Antonio Pereira de Souza Caldas, e a rara facundia e prodigioza eloquencia do famozo jezuita o padre Antonio de Sá; porque só assim, distinguido com tão sublimes dotes, poderia, em frazes repassadas de seductora poezia, fazer a apotheoze das peregrinas virtudes, e salientar os altos meritos, e relevantes serviços, que á religião e á patria, á humanidade e ás letras tem prestado no curso de sua glorioza existencia o primeiro ornamento do episcopado brazileiro.

Não tendo porém a ventura de ser distinguido com esses primorozos ornatos da memoria, vou em linguagem despida de galas e floreios dezempenhar-me como puder da missão de que fui encarregado, e que só aceitei em nome da obediencia, contando merecer a gracioza benevolencia de Vossa Magestade Imperial, e a delicada attenção do Exm. e Revm. Sr. bispo do Pará, e a dos meos illustrados consocios, a quem desde já agradeço a gentileza, que me fazem, prestando-me immerecida attenção.

No seculo que se vai deslizando da prezença

do Eterno, a primeira realeza é a intelligencia, que no dizer de um dos mais festejados escriptores da patria de Camões, de Herculano e de Castilho, eleva-se acima de todas as outras, seo poder abrange o mundo, sua legitimidade está vinculada no céo, porque é do céo, que descende, é de lá que emanou a chamma esplendoroza, que illuminou a terra; o suffragio dos homens é zero diante da palavra de Deos; porque a intelligencia é o éco de sua voz. Tudo se gasta, consome, envelhece, definha e morre; menos a intelligencia, que rejuvenesce sempre, vivifica-se cada vez mais, esforça-se, eleva-se e exalta-se ao travez da humanidade, deixando gravado nos acontecimentos o cunho de seo continuo progresso. N'este progresso incessante da intelligencia ha homens, que Deos parece ter fadado para seos reprezentantes, cujos nomes são tidos como simbolos das gerações que passam; e que aspiram a novos commettimentos. O Exm. Revm. Sr Dr. D. Antonio de Macedo Costa, 10°. no catalogo dos bispos do Pará, do conselho de S. M. o Imperador, prelado domestico de Sua Santidade, e assistente ao solio pontifice, é simbolo na geração prezente.

Debaixo do céo esplendido da terra classica dos Caetés e dos Tupinambás, n'esse abençoado e fertil torrão, onde Cabral ergueo o labaro sagrado da Cruz, junto a qual frei Henrique de Coimbra, insigne ornamento da religião do archimandita de Assis, e depois bispo de Ceuta, celebrando a primeira missa do Brazil no ilhéo de Porto Seguro; espargio os perfumes de incenso e mirra, que, desprendendo-se do thuribulo em grossas columnas de fumo, impellidas pelo sopro fagueiro das brizas, despersaram-se por aquelles intensos e serrados bosques, já illuminados pelos clarões do Evangelho, em terras donatarias de Pero de Campos Tourinho, de Jorge de Figueiredo Correia e Francisco Pereira Coutinho. Debaixo d'esse esplendorozo céo, onde tem despontado a aurora brilhante do natalicio de tantos varões insignes nas sciencias e nas letras, e de que tanto se ufana de ser berço a primogenita de Cabral, raiou tambem alli a do ditozo natalicio do eximio prelado no dia 7 do mez de Agosto do anno, em que expirava o sexto

lustro do actual seculo. Cedo madrugou-lhe o talento, que com seo brilho fascinou aos lentes e condiscipulos do seminario archiepiscopal da famoza Athenas do Brazil, revelando por sua applicação nos estudos, e exemplar comportamento, que seria um astro radiante na igreja de Deos.

Dezejando seguir os estudos superiores, deixou a terra fundada por Thomé de Souza, para ir á patria do insigne cantor dos Martires e do Genio do Christianismo; frequentou as aulas do famozo seminario de São Sulpicio, onde rapidamente aprendeo as disciplinas eccleziasticas, com applauzo unanime de todo o corpo docente d'aquella notavel caza de educação; que, em louvor de um tão applicado e talentozo discipulo, proclamavam nada mais saber para ensinar-lhe.

Munido das demissorias de seo venerando prelado o arcebispo Marquez de Santa Cruz, recebeo *prima tonsura* a 2 de Junho de 1855 e a 17 de Maio de 1856 ordens menores, a 24 de Dezembro as de subdiacono, que, na igreja metropolita da capital de França, lhe foram conferidas pelo inditozo arcebispo d'aquella vasta dioceze D. Leon Francisco Sebur, e em solemnissimo pontifical do emminentissimo cardial D. Francisco Nicoláo Magdalena Marlat, arcebispo de Paris, recebeo a 6 de Junho de 1857 as ordens de diacano, e a 19 de Dezembro do dito anno a de presbitero.

Tendo já attingido ao alvo de seos dezejos, despindo o gabinardo e vestindo a samarra do principe dos apostolos, inscrevendo seo nome entre o dos remeiros da barca do pescador dos mares de Tiberiades, avido de devassar os arcanos das sciencias, deixou a patria de Bossuet, de Fenelon e do Conde de Montalambert, para ir em demanda da cidade eterna. Apenas chegou ao famozo emporio da christandade, matriculou-se no liceo pontificio de Santo Apollinario, e ahi, com as mais subidas distinções academicas, recebeo o gráo de bacharel em direito e canones, e o de doutor na sciencia em que fôra luminar o grande São Thomaz de Aquino. Tendo visto e admirado os thezouros da poetica Italia e seos soberbos munumentos, que immortalizam os genios das artes,

orando com religiozo fervor junto dos altares, e dos tumulos dos grandes heróes e martires do christianismo, deixou a terra empapada da immortalidade, para retornar ao seio da patria, trazendo a amphora do coração repleta de vehementes saudades de seos illustres progenitores, que dentro em pouco estreitaram em seos braços ao filho estremecido, com os olhos marejados de pranto, e com os corações repletos do mais intenso jubilo.

Já ha muito ali o havia precedido a fama de seo saber e o esplendor de suas emminentes virtudes, que apezar de procurar sempre occultal-as com a mais demaziada modestia, que é, na fraze eloquente do eximio moralista Marquez de Maricá, a moldura do merecimento, que a guarnece e realça, ellas se denunciaram com a facilidade, com que o delicado perfume da violeta indica a existencia da mimoza flôr, por mais que ella se oculte na espessa ramagem de suas folhas. Tanto merito, virtudes e saber, em tão verdes annos, não puderam deixar de receber, como receberam, as mais subidas recompensas.

S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, que jamais deixou, em dias de seo longo e faustozo reinado, de premiar e elevar a virtude e o merito, sabendo que esses raros dotes ornamentavam a pessoa do joven presbitero da terra de Christovão Jacques, firmou o imperial decreto de 23 de Março de 1860, pelo qual o nomeou para ocupar o solio episcopal da sé de Belém, vago pela renuncia, que d'elle fizera o bispo D. Jozé Affonso de Moraes Torres. S. S. o santissimo padre Pio IX, o immortal pontifice, que, como o santo padre Leão X, ligou seo nome ao seculo, em que vivêra, e que por mais de um quarto de seculo occupou a cadeira de S. Pedro, confirmou a nomeação, preconizando-a no consistorio secreto do dia 20 de Dezembro do dito anno.

A 21 de Abril de 1861, dia faustozo e memoravel nos annaes da religião e da patria, na religião, por ser aquelle em que a igreja catholica, nos transportes de jubilo universal, comemora o transito de Santo Ambrozio, arcebispo de Cantuaria, que depois de ter juncado de palmas, grinaldas e troféos a estrada da vida, voou á Jeruzalém celeste, para cingir aos pés de Deos o

diadema da immortalidade; na patria, por que soára no relogio augusto do tempo a derradeira hora, em que se completaram 361 annos, que aos olhos de Cabral patentearam-se as primeiras montanhas da terra de Santa Cruz. N'esse dia a capella imperial do Rio de Janeiro, monumento da piedade de el-rei o Sr. D. João VI, cobre-se de frondozas galas, e na augusta prezença de SS. MM. Imperiaes, dos membros de sua illustre familia, dos grandes de sua côrte, do ministerio, do conselho de estado, e dos reprezentantes de ambas as cazas do parlamento, corpo deplomatico e consular, e de tudo quanto de grande e de illustre havia na capital do imperio, teve lugar a festa de sua sagração, officiando n'esse acto monsenhor Marianno Falchonelli, arcebispo de Athenas, internuncio da santa sé junto ao governo imperial.

Tendo tomado posse de seo bispado por seo procurador, deixou as plagas formozas do Guanabra, e com feliz e prospera viagem aportou ás do Guajará no dia 14 de Julho do dito anno, e no 1°. de Agosto com regozijo geral dos Paraenses fez sua entrada pontifical, e assumio as redeas do governo.

A 28 annos que sabia e prudentemente tem derigido os destinos de tão vasta e rica dioceze, conquistando a amizade e simpathia das ovelhas de seo rebanho, tanto pela amenidade e delicadeza de seo tracto e docilidade e brandura, como pela severidade irreprehensivel dos seos costumes, nobreza de sua alma, energia inquebrantavel de seo caracter, moderação e rectidão de sua justiça, fulgor de sua sabedoria, e eminentes e raras virtudes, que ornamentam sua sagrada pessoa.

Nas vizitas pastoraes, que tem feito, barateando sua saude e vida, percorrendo seo vasto bispado até ao Alto Amazonas, tem sempre attendido com paternal solicitude, e nos limites de seos recursos, ás mais palpitantes necessidades de suas ovelhas, tanto no espiritual como no temporal.

Sabendo bellamente, que o clero moralizado e instruido de uma nação é, na fraze de um escriptor notavel, o mais habil piloto para dirigir o leme da náo do estado em revoltozos mares, muito já tem feito em prol

da instrucção e da moralidade de seo clero, já reformando o seminario, creando novas disciplinas, nomeando para a regencia das cadeiras a sacerdotes sabios e moralisados ; e assim de certo logrará legar a seo digno successor um clero respeitavel por saber e virtudes, a exemplo d'aquelles que em tempos idos legaram a seos successores D. Sebastião Monteiro da Vide, e D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz, no arcebispado da Bahia ; D. Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, no bispado de Olinda ; D. Marcos Antonio de Souza, no do Maranhão ; D. Antonio Ferreira Viçozo, Conde da Conceição, no de Marianna ; D. frei Antonio de Guadelupe, D. frei Antonio do Desterro, D. Jozé Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco e D. Jozé Caetano da Silva Coutinho, no do Rio de Janeiro ; D. Antonio Joaquim de Mello, no de São Paulo ; e D. Luiz Antonio dos Santos, Marquez de Monte Paschoal, no do Ceará.

A viuva e o orfão, o pobre e o desvalido, e os mizeraveis, que são a guarda de honra do palacio dos bispos, na fraze mimoza do bispo Conde de Irajá, proclamam cheios de vivo reconhecimento os actos sublimes de caridade christan, praticados pela piedade do illustre prelado, que, com o balsamo dóce de consolo e de esperança, lhes tem enxugado o pranto transformado em rizo.

A catecheze e a civilização dos indigenas, onde colheram frondozos louros os Nobregas, Vieiras e Anchietas, atando á cruz de Jezus Christo, o Tupi e o Caeté, muito já deve ao illustre prelado pelo ardente zelo com que se tem dedicado a esse ramo do serviço publico, por amor e gloria de Deos e honra da Patria, e muito ainda fará em tão glorioza conquista, quando levar avante a alevantada idéa de fazer sulcar as aguas do famozo rei dos rios pelo Christophoro, navio—igreja, destinado a levar o pharol do Evangelho ao seio das nações nomadas e errantes, que habitam os vastos sertões das ricas provincias do Pará e do Amazonas.

Nos vastos dominios da historia, assim como na arena da literatura seo nome é vantajozamente conhecido pelos primores de sua delicada penna; para comproval-o bastam suas cartas pastoraes, o livro que denominou Pio IX

pontifice e rei, sustentando com a pujança de seo invejavel talento o poder temporal do augusto successor de São Pedro. A memoria dirigida a S. M. o Imperador em 28 de Julho de 1863, a replica ao ministro do imperio em 10 de Janeiro de 1864, acerca da doutrina do decreto de 22 de Abril de 1863, invadindo attribuições episcopaes no ensino do seminario, e o opusculo refutando á Missão do Exm. Barão de Penedo á côrte de Roma são mais que sufficientes para collocarem seo nome entre os escriptores de primeira plana.

A reprezentação dirigida á assembléa geral legislativa sobre a liberdade de cultos e o minozo discurso recitado na capella imperial na festa solemnissima da entrega da Roza de Ouro, que S.S. o santo padre Leão XIII enviou á S. A. Imperial a Sra. D. Izabel, Condessa d'Eu, por ter como regente do imperio assignado a aurea lei de 13 de Maio de 1888, que extinguio a escravidão no Brazil.

Quando o immortal pontifice o santo padre Pio IX convocou o conselho ecumenico, que sob sua prezidencia se reunio no paço do Vaticano, e onde ao brado do supremo pastor das almas acudiram presurozos os bispos de todo o orbe catholico, e pela primeira vez compareceram os das duas Americas, afim de definirem os mais sagrados dogmas, na arena dos debates d'aquella magna reunião das summidades de igrejas, coube ao illustre Sr. bispo do Pará a gloria immorredoura de tomar a palavra, e em um bem inspirado discurso, que pronunciou com arrebatadora eloquencia, defendeo as regalias da igreja, de que é apostolo e principe.

Era o novo Paulo trovejando na assembléa dos cardeaes e dos bispos, e si no concilio de Trento frei Bartholomeo dos Martires, o erudito arcebispo de Braga, com a rara verbozidade dos filhos de sua ordem, tanto se salientou na defeza das prerogativas da igreja, pugnando pelas mais palpitantes reformas, o illustrado prelado paraense, a exemplo d'aquelle luzeiro do episcopado portuguez mais se distinguio pela gentileza, com que defendeu as regalias do summo pontifice, como provou com o vigor de sua palavra facil e fluente, que de seos labios

irrompeo, quaes relampagos do seio das nuvens, que a lingua immortal do cisne de Mantua, pronunciada por um sacerdote brazileiro, tinha novos encantos, novas seducções e novas harmonias.

Foi por todos esses titulos, que o Instituto Historico Geographico Brazileiro, abrindo de par a par suas portas a tão illustrado varão, rejubila-se ao vêl o hoje em seo seio tomando posse de sua cadeira, esperando que n'ella reviverão as glorias e renome dos luzeiros, do episcopado e de tantos ornamentos do clero secular e regular do Brazil, que de seos serviços e talentos deixaram nos annaes d'esta illustre associação a mais honrada memoria.

Em seguida o Sr. prezidente, alludindo aos dois novos socios honorarios, lê o seguinte discurso:

Senhores. Duas literaturas, tendo por origem a mesma lingua, ou para melhor dizer, irman uma da outra, não podiam deixar de se confundir em seos direitos, sem um tratado que as definisse.

A propriedade literaria de um e outro paiz era atacada pela inconsciencia typographica, que preferia a tezoura á penna, ou pela especulação das emprezas theatraes, que se furtavam ao pagamento de direitos, para auferirem lucros, que na sua totalidade lhes não poderiam pertencer. Todos os dias se alargavam tão graves abuzos, não só em menoscabo dos nossos autores, como em prejuizo dos autores portuguezes. Em vão a imprensa de ambos os paizes, tendo em seos redactores os homens mais habilitados, como o Visconde de Almeida Garrett, Jozé Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Pinheiro Chagas, Silva Guimarães, Justiniano Rocha, e tantos outros, em vão os parlamentos de ambas as nações, tendo por orgãos os seos mais illustrados reprezentantes, se occuparam por vezes com a questão, que n'estes ultimos annos parecia ter cahido no maior esquecimento. Já nada se esperava sobre tão transcendente assumpto, tudo dormia sob o pezo da indifferença, quando do meio das trevas, que abafavam a propriedade literaria e impediam o desenvolvimento das literaturas das duas nações irmans e amigas, rebenta uma luz esplendoroza, alumiando um porvir lizongeiro. O tratado convencionado entre Portugal e o Brazil, pela sabedoria

de seos ministros, foi geralmente recebido com o alvoroço da maior satisfação em um e outro hemispherio.

O Instituto Historico, na sublime missão que se impôz, não podia deixar de applaudir acto de tamanho alcance, que acaba com as contrafacções, e lança o véo da honestidade sobre futuras transacções literarias. Fez pois inserir na acta de uma de suas ultimas sesões um voto de congratulação ao Sr. conselheiro Jozé Francisco Diana, nosso ministro dos negocios estrangeiros, e por unanime proposta nomeou seo socio honorario o Sr. conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares, digno ministro portuguez n'esta côrte, já se tendo concedido o mesmo titulo ao nosso illustrado ministro, por outro não menos transcendental motivo. Folgo com a honra, que me cabe da aprezentação de tão nobre cavalheiro ao Instituto, como seos dignos membros honorarios, certo de que, aos serviços que acabam de prestar ao reino transatlantico e ao imperio americano, se unirão, o que esperamos de seos talentos e letras, á nossa associação.

Tem a palavra o Sr. conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares.

Fez então o recipiendario o seguinte discurso :

A honra que me fez o Instituto Historio e Geographico, admittindo-me no seo gremio, penhora-me tanto que não sei realmente como agradecer-lh'a. Si o mais sincero amor por este paiz e o mais ardente dezejo de vêr constantemente augmentadas a sua grandeza e a sua gloria fôssem sufficientes titulos para merecer um logar entre os eminentes homens de letras, que tão zeloza e efficazmente trabalham para este augmento, eu poderia aprezentar-lh'os devidamente autenticados. Mas o titulo pelo qual me foi conferido o logar, que hoje tenho a satisfação de occupar, pertence principalmente ao illustrado governo de sua Magestade Imperial. Tambem eu creio, que uma justa e cordeal reciprocidade, no que respeita á protecção da propriedade literaria dos autores portuguezes e brazileiros, é um bom serviço prestado ás letras e ás sciencias n'este paiz.

No congresso literario, reunido em Lisbôa em 1880, um distincto escriptor brazileiro dizia: « Temos tido e

temos poetas, que honrariam qualquer literatura ainda a mais rica. A maior parte porém produz muitissimo pouco, quazi nada. E' aqui que se prende a questão, que os congressos literarios são chamados a rezolver. Será por falta de talento e inspiração, que os escriptores brazileiros produzem tão pouco? Não o creio, tanto mais que vejo-os desperdiçar forças extraordinarias e fecundas no jornalismo literario e politico, que é assás numerozo. A cauza a cauza unica e verdadeira é a concurrencia, que lhes fazem os escriptores estrangeiros e especialmente os portuguezes. Como quereis, que os editores nos comprem os nossos trabalhos, por melhores que elles sejam, quando acham outros já feitos, e o que é mais, com successo garantido?

Assim explicava aquelle distincto escriptor como em um paiz, em que tanto abundam os talentos, as aptidões e illustrações nas letras e nas sciencias, a producção das obras literarias e scientificas é relativamente diminuta. Ora, quando os editores estabelecidos no Brazil fôrem obrigados a pagar, tanto aos autores portuguezes como aos autores brazileiros, o fructo do seo trabalho, hão de naturalmente preferir, em igualdade de circunstancias as obras d'estes é animal-os a produzir mais. Vai longe o tempo em que os homens de letras eram obrigados a trazer, como o divino Homero, a sacola e o bordão do mendigo, ou a receber, como Virgilio e Horacio, das mãos de generozos protectores meios de subsistencia. Mas hoje a justiça, a dignidade da profissão e os interesses da civilização exigem, que os homens de letras possam viver do fructo do seo trabalho ou pelo menos contar com elle na luta pela vida, cujas difficuldades augmentam constantemente. E mal poderiam os autores brazileiros contar com o fructo do seo trabalho, emquanto os editores lhes fizessem uma concurrencia desleal, uzurpando as obras literarias dos autores estrangeiros.

Pedem, ha muito, os homens de letras, reunidos em congressos internacionaes, que se estabeleça um acôrdo entre todos os povos cultos para que a propriedade literaria seja constituida e consagrada em toda a parte sobre as mesmas bazes, e cada um conceda aos autores

dos outros a mesma protecção e os mesmos direitos, que conceder aos autores nacionaes. E esta é a baze do acôrdo, que tive a honra de assignar com o Exm. Sr. conselheiro Jozé Francisco Diana, e espero, que dentro em pouco tempo será tambem a baze de um acôrdo entre todos os povos da Europa e da America. Divergem ainda as opiniões dos publicistas e estadistas quanto á natureza, extensão e limites do direito dos autores sobre as suas obras ; mas todos concordam em que nenhuma nação civilizada póde deixar de proteger este direito sem atacar as bazes da sociedade, sem offender o que com razão denominam as raizes da civilização.

Si a propriedade literaria não é uma propriedade como qualquer outra ; si é uma propriedade *sui generis*, nem por isso deixa de ser a mais sagrada de todas as propriedades. E com effeito si ha propriedade, que, perante a moral e o direito, perante o bom senso e a equidade, deva ser considerada e respeitada como sagrada, é sem duvida a propriedade literaria. Não se improvizam obras literarias de verdadeiro merito. Já alguem dice, e é verdade, que o tempo não respeita as obras, que são feitas sem o seo auxilio. Para fazer uma obra literaria, que dure e que preste, não basta, que o autor tenha recebido da Providencia raros e preciozos dotes intellectuaes ; é necessario, que empregue todo o seo tempo, toda a sua attenção, toda a sua energia em desenvolver e aperfeiçoar as faculdades do seo espirito. Que longos e difficeis estudos, que dolorozas vigilias, que penozas contensões de espirito não requer uma obra literaria de algum merito ? As palavras, as idéas, os factos, de que se serve o autor, podem estar no dominio commun e pertencer a todos ; mas o estilo ou a fórma nova e pessoal, que elle dá ás palavras, a combinação das idéas, a concepção e o desenvolvimento do plano, são o fructo do trabalho do seo espirito e pertencem-lhe excluzivamente. Todos podem tirar do dominio commun, dos livros classicos, dos diccionarios da lingua franceza, da historia universal, do estudo dos homens e das couzas, da experiencia do mundo, as palavras, as idéas, os sentimentos, e até os assumptos de que Molière e Racine se serviram

para compôr as suas obras primas ; mas ninguem pôde ainda nem jámais poderá combinar essas palavras e essas idéas, exprimir esses sentimentos, tratar esses assumptos como aquelles immortaes autores.

A propriedade literaria e artistica tem o mesmo fundamento, que a propriedade movel e immovel, o trabalho. E si uma póde ser considerada, em razão da nobreza da sua origem, superior á outra, é indubitavelmente a propriedade literaria e artistica. Desde que o autor materializa ou incarna a sua concepção em uma fórma determinada, livro, partitura, estatua ou quadro, a justiça universal reclama, que a legislação de cada paiz lhe garanta, o fructo do seo trabalho, o seo direito sacratissimo de propriedade, embora prescreva a este direito os limites, que, no interesse geral da sociedade e da civilização, o legislador póde e deve prescrever ao exercicio de todos os direitos.

Não foi de certo por falta de justiça e de benevolencia para com os autores estrangeiros, e especialmente para com os autores portuguezes, que o Brazil não consagrou, ha mais tempo, na sua legislação ou nos seos tratados o direito d'estes autores sobre as suas obras literarias. Circunstancias, que julgo desnecessario referir perante tão illustrado auditorio, têm obstado á promulgação de uma lei especial sobre propriedade literaria e artistica ; e o governo imperial não queria, e com razão, negociar convenções internacionaes, que de algum modo coarctassem a liberdade de apreciação e rezolução do poder legislativo sobre pontos ainda contravertidos e sobre os quaes as leis dos outros paizes divergem.

O convenio de 9 de Setembro entre Portugal e o Brazil tem por baze o tratamento nacional puro e simples, e de nenhum modo coarcta aquella liberdade. Não duvidou o Brazil de firmar a convenção celebrada em 20 de Março de 1883, por virtude da qual diversos estados da Europa e da America se uniram para proteger mais efficazmente a propriedade industrial, que por nenhum titulo póde ser considerada mais respeitavel e mais sagrada do que a propriedade literaria e artistica.

E não obstante ter já o Brazil uma lei especial, que

não era menos efficaz do que as leis de outros estados signatarios da mesma convenção, os poderes publicos entenderam, que para mais completo e escrupulozo desempenho das obrigações contrahidas, deviam elaborar e promulgar uma nova lei, que faz honra a este paiz, porque é uma das mais perfeitas, sinão a mais perfeita, de quantas têm sido promulgadas em outros paizes sobre o mesmo assumpto.

As unicas dispozições legislativas, que actualmente protegem no Brazil a propriedade literaria e artistica, são as do art. 261 do codigo penal. E' porém de esperar que os eminentes jurisconsultos, que estão encarregado, de elaborar o projecto do codigo civil, dêm á propriedades literaria e artistica uma consagração, que satisfaça as justas aspirações dos autores nacionaes e dos autores estrangeiros equiparados aos nacionaes, e de que rezulte para este paiz tanta gloria como a que lhe provém da lei de 14 de Outubro de 1887 sobre a propriedade industrial.

Meos senhores. E', como vêdes, insignificante a parte que tive no serviço prestado ás letras e ás sciencias no Brazil pelo convenio assignado a 9 de Setembro, e sinto, que me faltem recursos para auxiliar os meos illustres consocios no empenho de diffundir os conhecimentos historicos e geographicos, e contribuir assim para a gloria e grandeza d'este paiz, mas farei sempre os mais sinceros e ardentes votos pelo bom exito dos seos trabalhos, e guardarei entre as mais agradaveis recordações da minha vida a confraternidade com tantos e tão eminentes homens de letras, e a benevolencia com que me acolheram no gremio de tão esclarecida e acreditada corporação literaria.

A este discurso respondeo o Sr. conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, como se segue:

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro recebe com o mais sincero jubilo em seo gremio o novo distincto consocio, Exm. Sr. conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares, digno enviado estraordinario e ministro plenipotenciario do S. M. F.junto á côrte do Brazil, e acredita, que a admissão de tão illustrado e prestante collaborador será de inestimavel proveito para esta associação literaria, que de longa data procura nas forças

de que dispõe, e com os estudos e diligencias a que se applica, preparar e coordenar os necessarios elementos para a historia nacional, já tão rica de factos, que assignalam o patriotismo dos Brazileiros e a grandeza dos nossos futuros destinos.

Não é um nome desconhecido nas letras o do illustre consocio, que hoje entre nós tem assento; seo interessante trabalho intitulado: *Considerações sobre o prezente e o futuro politico de Portugal*, abundante de erudição, de doutrina e de judiciozos conceitos sobre a politiça e a administração de um paiz co-irmão, a nós inteiramente ligado por estreitas relações de familia e de interesses, bem demonstra e a inteira proficiencia do escriptor, tão correcto na fórma quão profundo na enunciação de seo discreto juizo.

Mas não é só isso: o honrado diplomata, no exercicio de suas nobres e elevadas funcções, acaba de prestar serviço, que assás o recommenda á attenção de todos quantos se interessam pelas nossas letras.

Promoveo como com louvavel e prudente empenho o ajuste celebrado entre o Brazil e Portugal, sobre a propriedade literaria e artistica, mandado executar pelo decreto n. 10.353 de 14 do mez proximo passado, e assegurou por esse modo aos autores de obras literarias, escriptas em portuguez, e artisticas de cada um dos dois paizes, o gozo em qualquer d'elles do mesmo direito de propriedade, que as leis ahi vigentes concedem ou as que fôrem promulgadas concederem aos autores nacionaes. Teve assim solução essa antiga e debatida questão da propriedade literaria, que tão de perto interessa aos escriptores de ambos os paizes.

Não se comprehende como pôde até agora ser contestado o direito consagrado pela razão e pela justiça, e reconhecido pela legislação de povos cultos, de gozar o auctor e livremente dispôr d'aquillo, que reprezenta o trabalho privativo de sua intelligencia. Nada mais justo, em verdade, do que garantir-se ao autor da obra ou aos seos reprezentantes, com ou sem limitação de tempo, o direito excluzivo de reproduzil-a ou negocial-a. A propriedade, como já tem sido lembrado, não muda de natureza

por ser distincta a materia ou a origem dos productos a que se applica. Entretanto a propriedade por excellencia, a mais nobre e valioza, por ser justamente aquella que revela a superioridade do espirito sobre a materia, da intelligencia sobre o esforço physico da actividade humana, é a que se mostra de todas a menos protegida.

Ao passo que ao mais simples artista se garante de modo efficaz o producto de seo modesto e singelo trabalho, ao grande sabio, ao eximio escriptor se não resguarda o fructo de suas cansadas lucubrações e estudos, revertido muitas vezes em proveito de gananciozas especulações.

A propriedade literaria, já aceita e regulada pelo codigo civil portuguez, posto que, como tantos outros direitos, começasse a apparecer sob a fórma de privilegio, e ainda hoje só tenha garantias juridicas com grandes restricções, ha de, como bem pondera um commentador do mesmo codigo, acabar a sua progressão historica e racional collocando-se nas mesmas condições juridicas da propriedade material. N'este sentido é de crêr-se, que alguma couza se disponha no projecto do codigo civil, que entre nós se prepara. E como para tão dezejado intuito estejam dados os os primeiros passos, bem hajam aquelles que as encaminharam, fazendo-se credores de todo o nosso reconhecimento.

Foi especialmente por tão assignalado serviço prestado ás letras, que merecidamente, e por votação unanime, confirio o Instituto Historico a S. Ex. o Sr. conselheiro Nogueira Soares o elevado titulo de socio honorario ; e com justa razão se desvanece hoje a primeira associação literaria do imperio pela honroza e acertada escolha, que ha pouco foi feita. Seja entre nós bemvindo o novo consocio ; no seio da mais affectuoza confraternidade só vem encontrar amigos, que sabem prezar devidamente o seo nobre caracter e reconhecida illustração.

Seguio-se com a palavra o Sr. conselheiro Jozé Francisco Diana, o qual agradece a sua admissão como socio honorario d'esta associação, e terminado a sua oração gratulatoria, respondeo o consocio conselheiro Alencar Araripe com o seguinte discurso :

Senhor conselheiro Jozé Francisco Diana. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro vê com prazer a vossa admissão em seo gremio. Esta associação nomeou-vos socio honorario, attendendo á illustração, que vos orna, e aos serviços que acabais de prestar ás letras e á civilização da nossa patria, firmando dois importantes tratados, um relativo á propriedade literaria e artistica, e outro concernente ao nosso estado politico.

O tratado celebrado com Portugal, assegurando os direitos de propriedade literaria e artistica entre Brazileiros e Portuguezes, denuncia espirito conhecedor de necessidades reaes do progresso das letras e das artes, e merece a aprovação d'aquelles que, como nós, consideram as letras e as artes instrumentos primarios e essenciaes da civilização e prosperidade dos povos.

Não somos infantes nas artes e nas letras, nem balbuciamos agora os primeiros rudimentos da civilização; nós e Portugal conhecemos todos os metodos de progresso; todavia cumpre-nos ampliar o desenvolvimento d'esses instrumentos da grandeza humana: e tanto mais importante é o acto, que em nome do governo imperial firmastes, quanto mais francamente revela a idéa da generalização dos direitos do homem, que não deve ser alienegena em canto algum da terra, mas cidadão de todos paizes pela igualdade das vantagens sociaes.

Os tempos obscuros, em que o estrangeiro era o *hostis*, na frazeologia romana, e o producto da sua actividade objecto de repulsa, desapareceram. As tendencias modernas levam os povos a essa confraternidade, que se consagra nos seos codigos pela aceitação dos principios do cosmopolitismo, cuja virtude unifica os direitos e obrigação das pessôas, mantendo apenas as raias politicas das nações. Encarado por este modo o recente tratado com Portugal, o Instituto Historico o aprecia e considera como valiozo serviço prestado á cauza da civilização, que esta nossa associação reprezenta no imperio americano, conforme o pensar de um dos seos venerandos prezidentes.

Si o facto internacional, a que me refiro, cauzava satisfação ao Instituto Historico por exprimir idéa generoza, auxiliar da civilização universal, não menos grato lhe foi

o tratado celebrado com a Confederação Argentina relativamente á questão de limites com essa republica. Desde tempos coloniaes a estensão das matas, a escabrozidade do terreno e a multiplice corrente dos rios impediam, que se traçassem justos e claros limites entre os dois povos europêos senhores da America do sul. Portuguezes e Espanhóes lidaram e contenderam sem exito final; e a despeito do empenho dos astronomos e dos engenheiros o territorio de Missões permaneceo litigiozo.

Veio a independecia dos colonos e os novos governos, sucessores no dominio das terras, foram tambem sucessores na incerteza dos limites, e nas dificuldades da solução. De uma e outra parte esforços incessantes fizeram-se por espaço de mais de meio seculo para rezolver o litigio, que por vezes deo-nos esperança de auspicioza terminação; por vezes porém a esperança desvaneceo-se. A dubiedade dos limites, que impedia estabelecimentos permanentes nos terrenos contestados; a dissensão entre duas nações, que se estimam, e consideram a paz como indispensavel condição de prosperidade e grandeza; o perigo eventual de divergencia, que exigisse o extremo recurso da força — eram motivos de dissabor e inquietação.

Esta situação porém agora desapareceo com o tratado, que nos assegura exito pacifico. Sim, o acto já publicado officialmente afiança-nos, que, si na ultima tentativa de acôrdo, que se inicia, não conseguirmos a demarcação dos nossos limites com a Confederação Argentina, o juizo arbitral se pronunciará na questão. Este convenio, digno de povos civilizados, que comprehendem os verdadeiros dictames da politica americana, tem para nós dois brilhantissimos resultados: o 1°. é livrar-nos de todo o risco de guerra; o 2°. é consagrar mais uma vez o espirito de brandura e concordia, com que procuramos desenvolver-nos entre os demais povos da terra.

O Brazil por este modo aceita um salutar principio de progresso social, e contribue para que elle se generalize como regra nas lides internacionaes.

O sonho da paz universal póde não realizar-se; o juizo arbitral porém entre os povos será sempre uma aspiração, em prol da qual a humanidade deve trabalhar.

Agora que tenho recordado os honrozos motivos, que nos induziram a admitir-vos, Sr. conselheiro, em nosso gremio, cabe-me dirigir-vos as nossas saudações, e manifestar-vos a satisfação, com que vos recebemos, e a confiança, que nutrimos, de que a vossa prezença entre nós significa a acquizição de mais um collaborador proficiente dos nossos trabalhos, mais um co-participante das nossas lides pacificas, quando a agitação dos publicos negocios, que hoje vos ocupam, vos der ensejo para lembrar-vos, que sois socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

O Sr. Visconde de Taunay, como orador do Instituto, tem a palavra, e faz a seguinte allocução:

Exm. Sr. Ministro. Esperámos na sessão passada V. Ex. com verdadeira impaciencia, pois queriamos ligar o acto da vossa recepção em nosso seio com o do acolhimento feito ao simpathico reprezentante da Republica Argentina, D. Henrique Moreno. Não pretende o modesto, mas sincero e laboriozo Instituto Historico do Brazil, as altivas prerogativas de Luiz XIV, e é portanto com a lealdade real da mesma alegria de ha 15 dias, que hoje vos vemos tômar logar n'esta meza das nossas assiduas e quinquagenarias investigações. Pleno jus tem V. Ex. ao nosso apreço, e ainda mais, ao nosso reconhecimento. Rompendo com tradições, ha largos annos assentes, de que a pasta de estrangeiros só denuncia vida e actividade em desagradaveis conflictos internacionaes, ficou assignalado, e de modo brilhante, o vosso nome em duas questões de incontestavel transcendencia — o longo dissidio sobre limites de Missões e a convenção relativa á propriedade literaria.

Quanto á primeira, talvez tenha sido preferivel e de maiores vantagens, sobretudo moraes, para ambas as partes litigantes, cortam definitivamente todas as duvidas pela determinação de uma linha média, acabando assim com a maxima rapidez e sem deixar o menor vestigio de resentimento, contestações mais que seculares. Em todo o cazo porém muito se alcançou no sentido das idéas americanas, e não pouca honra vos deve caber pela solução ha tanto tempo almejada.

A respeito da convenção literaria tanto se prendem os vossos esforços e bôa vontade aos do distinctos reprezentante da nação portugueza, o Exm. Sr. conselheiro Nogueira Soares, que haveis de permittir nos dirijamos agora particularmente a esse illustre cavalheiro e diplomata.

Sr. Ministro portuguez. Sobremaneira folga este Instituto de vos inscrever no numero de seos socios de honra. E com effeito honraes qualquer congregação de caracter sobretudo literario e scientifico, porquanto trazeis comvosco os direitos inherentes a distinções d'essa natureza. Sois um cultor das letras e dos bons principios, e na vossa grande obra *Portugal politico* soubestes firmar inteira regalia de vos receberem por toda a parte como historiador e publicista de nota.

Na qualidade de ministro da nação, que é irman nossa por tantos motivos, ninguem melhor do que V. Ex. soube identificar-se comnosco, com os nossos intuitos e as nossas aspirações e melhor exprimir a sinceridade de nosso pensar e a altaneria dos nossos impulsos. Mil agradecimentos por haverdes tão bem comprehendido o generozo povo brazileiro, e esse qualificativo, como caracteristica da indole, redunda todo em elogio do velho, leal, bom e nobre Portugal.

Exm. e Revm. Sr. Bispo. Ha pouco ouvistes o juizo e opinião, que de vossos altissimos meritos e alevantada capacidade faz o Instituto Historico. Ainda ficaes além d'esses conceitos, tão lizongeiros comtudo e tão bellamente externados. Fostes sempre e sois da raça dos fortes e dos batalhadores. Nascestes para as lutas ingentes, e o immortal Julio II de certo de vós diria, como auxiliar : « Eis um bispo bem meo ! » Em tempos outros, embora, inscrevestes, como paladino da fé e das aspirações theocraticas, um nome na historia d'esta nação, que rende, toda ella, homenagem plena ao vosso saber e a inspirada tenacidade de crenças aninhadas no fundo d'alma.

Não temos portanto sinão motivos de desvanecimento e regozijo ao vêrmos sentado ao nosso lado, como confrade e collaborador dos nossos calmos e seguidos trabalhos, o eminente D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

O 2°. secretario interino, tomando a palavra, informa ao Instituto, que o Sr. prezidente, com a acquiescencia da meza, acaba de tomar uma rezolução, que deve ser de grande alcance para os estudos do Instituto. E' que nas sextas-feiras intermediarias ás das sessões ordinarias, reunirão-se-ão os membros das commissões para conferencia; sendo os assumptos descutidos e tomados em consideração, redigidos e trazidos ao conhecimento e deliberação do Instituto nas sessões proximas.

Assim dar-se-á melhor andamento ás propostas e trabalhos sugeitos aos estudos e pesquizas das commissões, que muitas vezes d'elles não se podem desempenhar por impecilhos, que n'essas conferencias poderão ser removidos. Já na proxima sexta-feira tivemos a primeira conferencia, que versou sobre dois pontos: um relativo á conveniencia do reconhecimento do sitio em que Estacio de Sá fundou a Aldeia-Velha, origem da cidade do Rio de Janeiro, e a sua mudança para o morro do Castello e immediações da santa caza da mizericordia; levantando-se a planta d'esses logares, e photographando-se os edificios antigos, que ainda existam: o outro constou em pequenas alterações de artigos dos nossos estatutos. Essas propostas, são:

Nem um estudo temos do local, em que se estabeleceo a primeira povoação do Rio de Janeiro, a chamada Aldêa-Velha, origem da futura capital do imperio. Consta, que ha vestigios como de uma cacimba, e bem assim da localidade em que existio a capella consagrada a S. Sebastião, que pelo voto de Estacio de Sá tornou-se padroeiro da nossa cidade, cimentada com as cinzas do intrepido conquistador, e convem proceder-se a indagações, guiadas pela leitura de nossos historiadores, afim de tirar-se a planta da localidade com as necessarias indicações, o que será de muito valor historico, sinão uma curiozidade digna de apreço para os que se occupam com as nossas couzas. Para ser levada a effeito esta proposta pedir-se-á licença ao ministerio da guerra, afim de nos ser franqueado o exame do terreno, que occupa a escola militar.

Convém igualmente examinar os edificios publicos do morro do Castello, para onde Salvador Corrêa de Sá transferio a séde da nascente cidade e os da caza da mizericordia e suas immediações, cujas datas de fundação, inscriptas em seos frontespicios, se contradizem com as datas citadas por nossos historiadores e as que se lêm em documentos officiaes, como por impulso proprio tem estudado o nosso consocio commendador Jozé Luiz Alves.

Levantar-se-ão tambem as plantas do morro do Castello e das immediações da caza da mizericordia e bem assim se tirarão photographias dos edificios publicos fundados no seculo decimo sexto.

Para esses trabalhos, e approvada que seja esta proposta, nomeará o prezidente do Instituto uma commissão composta de sete membros, dos quaes um será prezidente e relator, outro um profissional, embora não seja socio do Instituto, e os demais auxiliares. Concluidos que sejam esses trabalhos e impressos na *Revista Trimensal*, procurará o Instituto Historico, com permissão do governo imperial, elevar em frente do edificio da escola militar um monumento á fundação da cidade do Rio de Janeiro simbolizada na estatua de Estacio de Sá, com altos relevos em seo pedestal, que se refiram aos seos trabalhos e aos seos denodados companheiros, como Ararigboia, Anchieta, Nobrega e outros.

Sala das conferencias do Instituto Historico em 4 de Outubro de 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva.*

O Sr. prezidente propõe o seguinte, relativamente á admissão de socios :

Além do disposto no artigo dos estatutos, relativamente á nomeação de prezidentes e socios honorarios, será julgada approvada toda a proposta referente á pessoa altamente collocada, por sua pozição social, talentos, virtudes e reputação, uma vez que aprezente-se assignada pelo prezidente e todos os socios prezentes á sessão.

Na recepção dos novos socios serão os discursos, de que tratam os estatutos, lidos, afim de serem transcriptos na acta; devendo o recepiendario entender-se

antecipadamente com o orador ou com o socio encarregado de responder-lhe.

Ao tomarem assento, além dos discursos marcados nos estatutos, lerá o prezidente um dircurso de aprezentação.

Os relatores das diversas commissões, que tenham de julgar dos trabalhos aprezentados, serão nomeados pelo prezidente dentre os membros das effectivas e subsidiarias, de modo que esse serviço se distribua igualmente por todos.

S. R. Sala das sessões 4 de Outubro de 1889. *J. N. de Souza Silva.*

Discutindo-se a primeira d'essas propostas, o Sr. prezidente informa, que foi levado a aprezental-a, não só por ter noticias de que nas immediações da fortaleza da Praia Vermelha tem se descoberto, ao fazerem-se as escavações para obras, varios esqueletos ou ossos humanos, como ainda pela noticia que leo na gazetilha do *Jornal do Commercio* de 18 de Maio do corrente anno, onde vem o seguinte:

« O Sr. ministro da guerra vizitou hontem a escola militar... Vizitou depois as mais obras: a capella, a enfermaria, a bibliotheca e a cocheira, construida ha tempos no logar em que existio a primeira capella edificada n'esta cidade. »

O Dr. João Severiano, sem que ponha em duvida, si a primeira capella edificada n'esta cidade foi no logar, onde é hoje a escola militar, sustenta, que a primeira povoação, a chamada Aldêa-Velha, origem primeira da cidade, foi situada no isthmo que liga a pequena peninsula de São João, antigamente *Cara de Cão*, ao Pão de Assucar. Sabe, que varios ossos têm sido achados em escavações para obras d'aquella escola, principalmente junto ao seo baluarte encostado á montanha da Babilonia, e elle mesmo vio alguns encontrados em escavações feitas em 1863, quando servia como medico na escola; mas que, sem n'aquelle tempo ter ligado especial attenção a esse facto, lembra-se todavia, que, pelo estado em que se aprezentavam, não mostravam indicios de uma vetustez de trez seculos.

O Sr. Visconde de Taunay confirma essas asserções, ainda corroboradas com a esclarecida opinião de S. M. o Imperador.

Para essa commissão o Sr. prezidente nomêa o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, prezidente, e membros o Sr. Dr. Torquato Tapajós, como profissional, e os Srs. commendador Jozé Luiz Alves, Manoel Duarte Moreira de Azevedo, João Capistrano de Abreo, João Severiano da Fonseca e Barão Homem de Mello, como auxiliares.

Os artigos sobre os estatutos vão á commissão respectiva. Estando a hora adiantada, adia-se a leitura, discussão e votação das propostas e pareceres sobre admissão de socios; e obtendo a imperial venia, levanta o Sr. prezidente a sessão ás 9 horas da noite.

Dr. *João Severiano da Fonseca,*
2°. secretario interino.

19ª. SESSÃO ORDINARIA EM 25 DE OUTUBRO DE 1889

HONRADA COM A AUGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

As' 7 horas da noite, achando-se reunidos os socios: commendador Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello, Dr. Sacramento Blake, capitão tenente Garcez Palha, conselheiro Alencar Araripe, Barão de Miranda Reis, Dr. Torquato Tapajós, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, Visconde de Taunay e Henrique Raffard, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que, recebido com as formalidades do estilo, tomou assento.

O Sr. prezidente, obtendo a imperial venia, abre a sessão, chamando o Sr. Henrique Raffard para servir de 2°. secretario, e não estando prezente a acta da ultima sessão, o Sr. prezidente faz a seguinte allocução:

Ao encerrar-se em Pariz o congresso de photographia celeste, de que fez parte o nosso consocio Dr. Luiz Cruls, propoz o bem reputado astronomo Jannen, que fôsse conferido a S. M. o Imperador o titulo de seo prezidente honorario. Esta proposta, que foi geralmente applaudida e unanimemente votada, honra tanto a S. M. o Imperador como ao congresso photographico, e a gloria que d'ella rezulta reflecte toda sobre a nossa patria. Dando parabens a S. M. o Imperador por tão merecida laureação, o Instituto Historico congratula-se com o congresso photographico pela consideração, que em tão alto gráo votou á face do mundo ao chefe da nação brazileira.

Senhores! No dia 21 do corrente extinguio-se em Petropolis, onde ultimamente descansava de sua longa e trabalhoza carreira, o distincto socio honorario Irinêo Evangelista de Souza, Visconde de Mauá. Foi homem amavel, ornado de coração bemfazejo, dotado de actividade não commun e toda desenvolvida em proveito da patria, que tanto amava. Votando-se a grandes commettimentos, levava-o mais o amor da gloria e a coragem do enthuziasmo pelas emprezas uteis ao paiz, do que pelo interesse da accumulação de capitaes na ambição de prospera fortuna. Não foi porém feliz, pois pelos caprixos da sorte tanto subio como desceo. Limitasse-se elle aos sonhos de ouro, que geralmente afagam o somno da humanidade, que talvez tivesse colhido melhores rezultados.

Cabe-lhe, entre importantes serviços prestados ao imperio, a gloria de ter sido entre nós o iniciador dos caminhos de ferro, cujos troféos se honra de guardar o Instituto Historico, por precioza dadiva sua. Nomeado socio honorario d'esta associação, lizongeava-se de seo titulo, e pelo espaço de dez annos prestou o serviço de thezoureiro da commissão nomeada pelo Instituto Historico para a realização do monumento votado a Jozé Bonifacio, o patriarca da nossa independencia.

Paguemos ao illustre finado o nosso tributo de profunda consideração, e pelo seo passamento fique consignado na acta da prezente sessão a nossa saudade.

No dia 15 do corrente, vigesimo quinto anniversario das nupcias de SS. AA. Imperiaes unio o Instituto Historico as suas congratulações de satisfação e jubilo aos signaes de estima e apreço, que geralmente receberam SS. AA. II. por tão faustozo motivo. Fizeram parte da commissão, que nomeei para as cumprimentar, os Srs. Henrique Raffard, Barão de Miranda Reis, conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro, Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan, e Barão Homem de Mello, sendo orador o Sr. Visconde de Taunay.

Para dar pezames a S. M. o Imperador pelo infausto passamento de seo augusto sobrinho S. M. Fidelissima el-rei de Portugal D. Luiz I, nomeei uma commissão composta dos Srs. Barão de Miranda Reis, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão de Capanema, senador Manoel Francisco Corrêa, e conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, sendo seo orador o Sr. Visconde de Taunay.

Nomeei igualmente outra commissão composta dos Srs. conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro e Henrique Raffard para, pelo mesmo motivo, e por parte do Instituto Historico, dar pezames ao nosso consocio honorario o Sr. ministro portuguez n'esta côrte.

A data para a sessão solemne dedicada ao commandante e officialidade do encouraçado chileno *Almirante Cochrane*, deve ser em 31 do corrente ás 7 horas de noite, Para ir a bordo do encouraçado convidar ao commandante e a sua officialidade, nomeei os Srs. Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard e como orador d'esta commissão o Sr. 1.° tenente Garcez Palha.

Em seguida o Sr. senador Visconde de Taunay passa a lêr o discurso seguinte, que proferio como orador official do Instituto perante Suas Altezas a Princeza Imperial e Sr. Conde d'Eu no dia 15 do corrente, 25.° anniversario de suas nupcias.

Senhora ! Encarregou-nos o Instituto Historico e Geographico do Brazil de vir á prezença de VV. AA.

Imperiaes trazer as suas mais sinceras homenagens e os votos de continua ventura, como complemento do faustozo periodo de cinco lustros, que hoje se ultima. Diz o elegante escriptor dinamarquez Andersen : « A felicidade é tambem um habito, que a fortuna tem escrupulos de quebrar, sobretudo quando d'ella emanam beneficios e alegrias, para grande numero de seres.» E ninguem mais do que Vossa Alteza, Senhora, merece esse favor da sorte, essa protecção meiga e misteriosa ; pois desde 13 de Maio de 1888, sem falar em actos anteriores a esse, a cada romper da aurora n'este immenso Brazil, centenas de milhares de entes, que viviam na tristeza e na degradação, pronunciam o vosso nome com indizivel reconhecimento e ternura e o balbuciarão tremulos e hezitantes, entre mil lagrimas de jubilo e gratidão, como um hymno aos Céos.

Feliz, sim, mil vezes feliz quem pôde tornar realidade eterna aquillo que para populações inteiras não passava de fagueiro sonho e illuzoria esperança! Honrozo deve ser a todos os Brazileiros, Senhor Principe, fazer tambem justiça aos vossos constantes serviços, prestados com tamanha dedicação e bôa vontade e repassados todos elles do maior desinteresse patriotico e tendentes sempre á nobilitação e gloria d'esta terra. Taes são, dignos e illustres filhos de D. Pedro II, o bom e grande imperador, os sentimentos em sinthese expressos pela manifestação de hoje do Instituto Historico e Geographico do Brazil.

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan communica ter sido incumbido pelo socio Dr. Cezar Augusto Marques de pedir, que se desculpe a sua auzencia. O Sr. Visconde de Taunay faz identica participação por parte do Dr. Joaquim Pires Machado Portella. O Sr. Dr. Torquato Tapajós traz ao conhecimento do Instituto, que o senador Manoel Francisco Corrêa não póde comparecer, estando prezidindo n'esta noite uma sessão da associação promotora da instrucção. O Sr. Henrique Raffard faz sciente, que devidamente cumprio a sua missão a commissão nomeada para dar pezames ao socio conselheiro Duarte Gustavo Nogueira Soares, digno ministro portuguez pelo infausto passamento de el-rei D. Luiz I.

O Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio :

Do prezidente da provincia do Rio de Janeiro, enviando um exemplar do relatorio com que abrio a 2.ª sessão da 27.ª legislatura da assembléa provincial em 15 do corrente mez. Do socio honorario Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, enviando a obra intitulada *Documentos para a historia da revolução de Minas*. Do socio correspondente Antonio Borges de Sampaio, mandando a sua photographia. Do socio effectivo capitão de fragata Jozé Candido Guillobel, remettendo a sua photographia. Da camara municipal de Aracajú, da de Belém, da bibliotheca da faculdade da Bahia e de D. Maria Thomazia Figueira Lima, agradecendo a offerta da medalha commemorativa da lei 13 de Maio de 1888. Da imperial sociedade russa de geographia um cartão postal agradecendo a 1.ª parte do tomo 52 da *Revista Trimensal*.

OFFERTAS

Pelo ministerio do esterior da Republica Argentina, *Estatistica del commercio y de la navegacion* da mesma republica. Pela imprensa nacional o relatorio aprezentado a assembléa geral legislativa na 4ª. sessão da 20ª. legislatura pelo ministro do imperio conselheiro Antonio Ferreira Vianna ; o curso pratico de topographia da leitura das cartas e do reconhecimento do terreno, traduzido por Joaquim Alves da Costa Matos ; *Boletim Postal* n. 4 de Agosto de 1889 ; conferencia da secção dos negocios da fazenda do conselho de estado ; decreto n. 10.250 de 31 de Maio de 1889, concedendo privilegio e garantia de juros para a construcção de uma estrada de ferro de Caxias para Cajazeiras na provincia de Maranhão ; relatorio da directoria da associação mantenedora do muzeo escolar nacional em 1889 ; termo de contracto que faz o ministerio do imperio com Aleixo Gary & C., para

execução do serviço da limpeza da cidade do Rio de Janeiro ; Coqueiros da India, vantagens de sua cultura no Brazil pelo Dr. J. M. da Silva Coutinho. Pela commissão de estatistica de Praga 2 exemplares de sua publicação para 1885—1886. Pela academia real de sciencias de Lisboa, *Historia do Infante D. Duarte, irmão de el-rei D. João IV*, por Jozé Ramos Coelho, 1°. tom. 1889. Pelo instituto geographico argentino o seo boletim. Pelo club naval o seo boletim n. 11 de Agosto de 1889. Pela sociedade bibliographica de Pariz a sua revista. Pela sociedade cientifica argentina os seos annaes para os mezes de Junho, Julho e Agosto de 1889. Pelas redações respectivas:—*Gazeta da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Liberal-Mineiro*, *Gazeta de Mogimirim*, *Imprensa*, *Provincia do Espirito-Sauto*, *Jornal do Amazonas*, *Provincia de Minas*, *Publicador Goiano*, *Baependiano*, *Caxoeirano*, *Brésil*, *Noveau-Monde*, *Gèographie*, *Etoile du Sud*.

ORDEM DO DIA

1.ª PARTE

O Sr. Henrique Raffard, em nome do socio conselheiro Olegario Herculano de Aquino Castro, offerece ao Instituto o *Trabalho estatistico ou divizão judiciaria* da provincia de São-Paulo, organizado pelo Dr. Brazilio Machado.

O Sr. Visconde de Taunay aprezenta a relação das muzicas de compozição do padre Jozé Mauricio Nunes Garcia, existentes na capella imperial, lembrando que o *Requiem* do nosso falecido compatriota foi equiparado ao *Requiem* de Heyden ; recommenda ao Instituto para providenciar para que não se percam tão importantes trabalhos, dos quaes já apparecêram cópias truncadas e S. M. o Imperador dignou-se approvar as considerações aprezentadas. O mesmo Sr. Visconde offerece os vocabularios das tribus Carijás, Cherente e Caiapó da provincia de Goiaz, organizado pelo Sr. tenente de artilharia Eduardo Arthuro Socrates. Remette-se á

commissão de redação. O mesmo Sr. Visconde pede, que se publique na *Revista do Instituto* os seos apontamentos ácerca da opera *Lo Schiavo* do nosso maestro Carlos Gomes. Remette-se á commissão de redação. O Sr. Barão Homem de Mello communica ter-se feito acquizição em Pariz da importante obra do missionario Martin de Nantes (2.ª edição).

2.ª PARTE

O Sr. 1.º secretario procede á leitura das propostas seguintes:

1.º Propomos, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro admitta no seo gremio como socio correspondente o Sr. Julio Banados Espinosa, cidadão chileno, servindo de titulo de admissão os diversos trabalhos que se acham reunidos nos volumes, que offereceo por intermedio do Sr. commendador Corrêa de Araujo, ministro do Brazil junto á republica do Chile. Sala das sessões 11 de Outubro de 1889. *Henrique Raffard.* Dr. *Teixeira de Mello. Jozé Luiz Alves.* Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake. Tristão de Alencar Araripe. Torquato Xavier Monteiro Tapajós. Barão de Miranda Reis.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Garcez Palha. Luiz Rodrigues de Oliveira. Barão de Capanema. Olegario Herculano de Aquino e Castro. Visconde de Taunay. Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros. Barão Homem de Mello. Visconde de Beaurepaire Rohan.*

2.º Proponho para membros correspondentes do Instituto Historico e Geographico do Brazil os Srs., 1°. Emile Levasseur, membro do Instituto de França, autor da carta mural do Brazil e de grande parte do artigo *Brésil* publicado na grande *Encyclopedia* ; 2°. E. Glaziou, membro do instituto de França, autor da monographia *Institutions primitives des Indiens du Brésil*, lida á academia de sciencias moraes do instituto de França ; 3°. Eduardo Paulo da Silva Prado, bacharel em direito, nascido na cidade de São-Paulo aos 27 de Fevereiro de 1860, autor das monographias sobre a arte no Brazil e a immigração,

publicada no livro *Le Brésil en* 1889 e dos capitulos *literatura* e *muzica* no artigo *Brèsil* da grande *Encyclopedia*, para a qual collaborou muito efficazmente. O Dr. Eduardo Prado publicou em 1886 um volume, *Viagens, Sicilia, Malta, Egypto*. Liverpool 20 de Setembro de 1889. *Barão do Rio Branco*. Subscrevemos a proposta feita pelo nosso consocio o conselheiro Barão do Rio-Branco. *Joaquim Norberto de Souza Silva*. *Barão Homem de Mello*. *Henri Raffard*.

O Sr. Dr. Sacramento Blake, como relator da commissão de historia, lê os pareceres seguintes :

1.° A commissão de trabalhos historicos, tendo em consideração a proposta para que seja admittido ao Instituto o professor de historia e geographia do instituto nacional do Chile e ex-ministro de estado na republica D. Julio Banados Espinoza, vem aprezentar seo parecer a respeito. Fôram cinco os livros offerecidos como titulo á admissão do illustre Chileno, a saber : 1.° *Batalla de Bancagua, sus antecedentes e sus consequencias*. Santiago, 1884, in-4°. E' uma historia circunstanciada d'esta batalha, dos factos que a precedêram e dos que deram-se depois; 2.° *Ensaios y bosquejos*, Santiago, 1884, in-4°. Consta este livro de varios estudos biographicos, sendo um relativo ao principe da poezia franceza falecido em 1778, o eloquente escriptor da *Henriada* e do *Œdipo*, de varias tragedias, genero em que só teve por emulo o grande Racine e da *Historia de Carlos* XII e das *Cartas philosophicas*, o immortal Voltaire. Consta mais de varios discursos, poezias e alguns estudos sobre o cazamento civil, sobre o direito de conquista, etc.; 3°. *Historia de America y de Chile para el curso medio y las escuelas*, Santiago, 1885, in-8°. Tratando da historia de seo paiz, e em geral da historia da America, o autor occupa-se do Brazil, referindo-se ás viagens de Juan Dias de Solis, de Sebastian Caboto, de Pedro de Mendoza e de Pedro Alvares Cabral ; ao estabelecimento dos Portuguezes no terrrtorio brazileiro ; á proclamação de nossa independencia e a outros factos nossos, como a luta da Bahia por essa occazião ; 4.° *Gobierno parlamentario y sistema representativo*, Santiago, 1888, in-8°. N'este livro

occupa-se dos poderes publicos, do parlamentarismo, dos poderes legislativo e executivo, do principio de autoridade, dos partidos politicos, da liberdade do voto, das incompatibilidades parlamentares e de muitos outros pontos, que se ligam ao assumpto d'essa obra. Ahi, referindo-se ao nosso pacto fundamental, diz o autor, depois de tratar de outros estados: «Não menos solicita é a constituição d'este imperio, que póde e deve ser considerado como um modelo de povo civilizado.» 5.° *Letras e politica*, Santiago, 1189, in-4°. N'este ultimo livro, publicado no corrente anno, reune o autor estudos com judiciozas reflexões sobre crize bancaria, instituições de credito, organização da guarda nacional, instrucção publica e instrucção gratuita; sobre a vida de Chilenos illustres, etc. Em uma apreciação ácerca da quéda do eminente estadista inglez Gladstone, diz elle, que ha derrotas, que são victorias, lembrando Roberto Peel e John Russel, que assim tambem cahiram para depois com mais gloria subirem ao poder. Na idade de cerca de 30 annos, que tem o distincto professor do instituto nacional do Chile, exhibe elle documentos irrecuzaveis de sua esclarecida intelligencia e merece ser chamado ao gremio do Instituto Historico.

Rio de Janeiro 25 de Outubro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Tenente-coronel *Francisco Jozé Borges*.

2.° A commissão de trabalhos historicos, tendo em consideração a proposta para que seja admittido ao Instituto o capitão-tenente da armada Antonio Alves Camara vem aprezentar seo parecer acerca do livro offerecido como titulo á admissão *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brazil*, publicado no Rio de Janeiro, 1888, com 212 paginas in-4°; é um livro, sobre cujo assumpto ninguem no imperio se havia occupado, e o autor, para escrevêl-o, não só procurou informações, mas tambem observou, elle mesmo, taes construcções. Para tornar seo livro de mais facil comprehenção, depois de uma relação das madeiras de construção brazileira, já classificadas, ajuntou um vocabulario dos termos technicos e de outros de que se serve. Para tornal-o mais interessante

e mais amena a leitura com as descripções que faz aprezenta alguns factos historicos, expõe costumes e uzos, que lhes são relativos, cita alguns versos a proposito e adorna o livro com dezenhos de todas essas embarcações de pequeno bordo, não somente intercalando-os no testo, como tambem em folhas soltas.

O capitão-tenente Alves Camara entretanto tem outras obras, que pertencem á nossa historia, como as *Impressões de uma viagem na corveta Trajano do Pará ao Recife*, tocando em São-Miguel e Tenerife, obra impressa no Rio de Janeiro em 1879; o *Relatorio dos estudos feitos na bahia de Todos os Santos com relação ao local mais apropriado ao estabelecimento de um arsenal e construções de diques*, publicado em 1884, o *Relatorio da secção de construções navaes do instituto politechnico brazileiro para a sessão solemne da commemoração do seo 25°. anniversario de installação official*, impresso em 1888.

Fóra do dominio da nossa historia existem publicadas outras obras do capitão-tenente Alves Camara, attestando o cabedal de conhecimentos que possue, como são: *Algumas considerações sobre a origem e cauza da formação do Gulf-Stream*, já com trez edições, a primeira na Bahia, em 1878, as outras no Rio de Janeiro, em 1879 e 1880. Este escripto é uma contestação a outro sobre o mesmo assumpto do capitão-tenente Calheiros da Graça, publicado em 1874 e traduzido em francez no anno seguinte pelo Sr. Desiré Mourin. E' um estudo, de que ainda se occupão notabilidades do mundo scientifico, como o distincto official da armada norte-americana o Sr. Maury. O nosso illustre consocio explica a origem e cauza do aquecimento das aguas do Gulf-Stream, admittindo a existencia de uma corrente submarina, ainda desconhecida, verdadeira continuação da corrente equatorial, e o calor central da terra que, aquecendo a tenue camada, como suppõe elle, que fórma a bacia granitica do golfo do Mexico, communica sua temperatura ás aguas em contacto e obriga-as pela dilatação a subir e tomar o movimento horizontal, sendo a corrente, assim formada, alimentada pela corrente submarina equatorial que segue para oeste e que serve para produzir o equilibrio do nivel. E tudo

isto reputa o capitão-tenente Alves Camara, considerando que, « emquanto o microscopio não obrar de concerto com o thermometro e a sonda, e não se reduzirem essas observações a calculos numericos, não se poderá conseguir um rezultado conveniente e satisfatorio.

Sobre este assumpto escreveo depois o autor a conferencia, que fez perante o instituto polytechnico brazileiro, e foi publicada em 1880. E sobre outros o seguinte : Analise dos instrumentos de sondar e perscrutar os segredos da natureza submarina, seguida de um appendice, contendo estudos feitos sobre as cauzas de variação de densidade das aguas no porto de Montevidéo. Rio de Janeiro, 1878. O navisferio e as observações da noite. Rio de Janeiro, 1880. O bathometro de William Siemens. Rio de Janeiro, 1879. Breve noticia sobre as curvas de pozição e os novos methodos de navegação. Rio de Janeiro, 1880. Estes ultimos trabalhos foram tambem publicados na *Revista de Engenharia* e são outros tantos documentos da perseverante actividade e illustração do sobredito capitão-tenente, que merece, sem duvida alguma, um logar no Instituto Historico.

Rio de Janeiro 22 de Outubro de 1889. Dr. *Augusto Victorino A. Sacramento Blake*. Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello*.

O Sr. secretario procede á leitura do seguinte parecer:

A commissão de ethnographia e archeologia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro tomou conhecimento das obras, que lhe foram submettidas como titulo de admissão do Dr. Arthur Vianna de Lima ao lugar de socio correspondente do mesmo Instituto. Estas obras são as seguintes : *Exposé sommaire des theories transformistes de Lamarck. Darwin et Horckes*, Paris, Delagraw 1886, *L'homme selon le transformisme*. Um volume da *Bibliotheca de Philosophia* contemporanea. Pariz, Alcan, 1888. N'estas publicações, que se ligam, e que dizem respeito ás sciencias geographicas modernas, o autor, cujo espirito culto e perfeitamente orientado na sciencia, manifesta idéas muito adiantadas sem os exageros comtudo

de alguns tranformistas, e não se limita a uma simples rezenha das pesquizas dos autores, de que se ocupa. Muito mais vale do que essa apreciação, aliás tão fiel quanto claramente exhibida, a sua consciencioza elaboração pois ahi apreciando e discutindo cada idéa e cada facto, deixa vêr a sua propria contribuição n'esse mesmo campo das theorias coolectivas, cujo sentimento possue distincta e cabalmente. A commissão de ethnographia é portanto de parecer, que os trabalhos apresentados pelo Dr. Arthur Vianna de Lima como titulo de sua admissão ao gráo de correspondente do Instituto não podem deixar de recommendal-o a esta distinção.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 25 de Agosto de 1888. *Ladislão Neto. Barão de Capanema.* Remette-se á commissão de admissão de socios.

O Sr. Visconde de Taunay aprezenta uma declaração de Francisco Augusto Ribeiro e Tiberio Augusto dos Santos, rezidentes na villa de Miranda, provincia de Mato-Grosso, que se julgam com direito á medalha, que o Instituto mandou cunhar para commemorar a lei aurea de 13 de Maio de 1888, alegando terem trabalhado em favor da abolição no Brazil.

TERCEIRA PARTE

O Sr. prezidente, tendo feito correr o escrutinio, declara unanimemente aprovada a admissão no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, dos Srs. Drs. Jean Martin Charcot, Achiles de Giovanni, Marianno Semmola e Conde de Mota Maia como socios honorarios; e dos Srs. general Carlos de Ibañez (Marquez de Mulhacen) membro da academia de sciencias de Madrid, Bouquet de la Grye, membro do Instituto de França, general Anibal Ferrero, chefe do serviço geographico da Italia, D. Anibal Echeverrica y Reis (cidadão chileno) escriptor, tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, Dr. Jozé Ricardo Pires de Almeida, e Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt como socios correspondentes.

Leitura

A convite do Sr. prezidente, o Sr. Visconde de Taunay leo o seo trabalho intitulado *Gruta de Itapirussú.*

Não havendo mais nada a tratar, e obtida a imperial venia, o Sr. prezidente levantou a sessão.

HENRI RAFFARD,
servindo de 2°. secretario.

20ª. SESSÃO EM 7 DE NOVEMBRO DE 1889

HONRADA COM A ANGUSTA PREZENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 6 1/2 horas da noite, prezentes os Srs. Joaquim Noberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão Homem de Mello, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Cezar Marques, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Sacramento Blake, Henrique Rafard, capitão-tenente Garcez Palha, D. Enrique Moreno e Barão de Capanema, abre-se a sessão. O 2°. secretario lê as actas da sessão ordinaria antecedente e da sessão solemne (*) em honra á nação chilena, que são approvadas, esta após pequena emenda aprezentada pelo Sr. Visconde de Taunay. O Sr. 1°. secretario lê os seguintes officios :

Do Sr. conselheiro Jozé Francisco Diana, justificando a sua auzencia na sessão passada e na de hoje, por motivo de serviço do seo ministerio ; dos Srs. enviados extraordinarios da Inglaterra e da Italia, pedindo desculpa por não terem podido comparecer áquella sessão solemne, por

---

(*) A acta d'essa sessão solemne, celebrada a 31 de Outubro de 1889, consta do volume especial consagrado á memoria d'ella.

justos impedimentos; do Sr. socio Luiz da França de Almeida Sá, communicando rezidir actualmente na colonia *Alfredo Chaves*, na provincia do Rio-Grande do Sul, onde exerce as funções de ajudante da commissão de terras e colonisação; de Mr. Charles Bréard, enviando um volume, que acaba de publicar a *societé d'histoire de Normandie*, sob o titulo: Documents relatifs á la marine normande et à ses armements aux XVI et XVII siècles pour le Canadá, l'Afrique, les Antilles, le Brésil et les Indes, no qual vem um capitulo relativo ás primeiras viagens dos marinheiros nomandos ao Brazil.

O mesmo Sr. 2°. secretario dá noticia das seguintes offertas: do socio o Revm. bispo do Pará a sua obra intitulada *Questão religioza no Brazil;* de Mr. A. de Quatrefages a sua *Histoire générale des races humaines;* do Sr. João Xavier da Mota o seo trabalho *Moeda do Brazil;* do Sr. Alfredo Ernesto Jacques Ourique os seos trabalhos: *Questão de limites entre o Paraná e Santa Catharina*, *Colonias Militares de Itapúra* e *Avanhadava* (provincia de São-Paulo), *Defeza estrategica da provincia do Rio-Grande do Sul*; das sociedades de geographia de Iena, Berlim, Bordéos, Madrid e Italia, e d'alfandega do Rio de Janeiro, os seos *boletins*; das respectivas redações as *revistas*: *Il Brazile*, *Sud Americain* e dos *Constructores*, e os jornaes:—*Diario Popular*, *Liberal Mineiro*, *Provincia do Espirito Santo*, *Publicador Goiano*, *Jornal do Recife*, *Gazeta de Mogi-mirim*, *Imprensa*, *Caxoeirano*, *Jornal do Amazonas*, *Nouveau Monde*, *Géographie*, *Etoile du Sud*, *Brésil*, *Immigração*, *Gazeta da Bahia* e *Meio*, e do Sr. Alberto Pimentel o seo trabalho *Obras do poeta Chiado*.

O Sr. prezidente communica ao Instituto a morte do consocio Visconde de Vieira da Silva, pronunciando o seguinte discurso:

Senhores! Em quazi todas as nossas ultimas sessões tenho trazido ao vosso conhecimento uma noticia, que tarja de luto as nossas actas. Hoje é do falecimento do illustrado Visconde de Vieira da Silva, senador do imperio e conselheiro de estado, que se realizou pela manhan do dia 3 do corrente mez.

Nascido em São-Luiz do Maranhão, que já deo uma pleiade de brilhantes talentos á literatura nacional, estudou na Allemanha, e formou-se em direito civil pela universidade de Heidelbergue. De volta á nossa patria exerceo importantes cargos na administração publica; foi advogado na sua provincia e deputado á sua assembléa legislativa, depois deputado geral e por fim senador, e conselheiro de estado. Fez parte, na pasta da marinha, do ministerio de 10 de Março e ligou seo nome á aurea lei de 13 de Maio de 1888. Occupou por vezes a tribuna legislativa, como orador fluente e ameno.

Foi escriptor correcto, e publicou em 1854 a *Historia interna do direito romano privado até Justiniano*, que lhe valeo o titulo de socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa. Ao tempo em que servia de secretario do governo de sua provincia natal, reunio os documentos, que se lhe depararam relativamente á emancipação nacional, e n'elles bazeou a *Historia da independencia da provincia do Maranhão*, a qual entregou ao prelo em 1862.

Consta, que com João Francisco Lisbôa, de quem guarda o Instituto Historico saudoza lembrança, combinára compôr a historia geral da provincia, mas nem por prival-o a morte de tão importante auxiliar deixou de concluir tarefa tão vasta e trabalhoza. Apaixonado da poezia nos annos de sua mocidade, achava no seo cultivo agradavel passatempo para as horas vagas; e ligeiras compozições suas ornam as paginas de varios jornaes. Existem muitas ainda ineditas, tanto originaes como traduzidas do allemão.

Era moço fidalgo da caza imperial, cavalleiro da ordem da Roza e visconde com grandeza. Pertenceo como socio effectivo do nosso Instituto Historico desde o anno de 1863; á academia real das sciencias de Lisbôa, á sociedade de geographia d'esta côrte, ao instituto archeologico de Pernambuco e a outras associações literarias e scientificas. Exercia ultimamente o cargo de grão-mestre da maçonaria brazileira.

Seja-me licito aqui n'este recinto e do fundo de minha alma agradecer ao eminente senador, que, sem que me conhecesse pessoalmente, elevou no senado a sua voz

contra a grande injustiça, que se me fizera em remuneração de serviços prestados á patria, e cujos effeitos ainda sinto.

Já não existe o nosso consocio sinão para a nossa memoria, e pois na acta de nossa sessão de hoje fique consignada a saudade, que nos deixa descendo ao tumulo.

O Sr. Dr. Cezar Marques pede a palavra e faz algumas observações sobre o discurso do Sr. prezidente, rectificando a asserção relativa do lugar do nascimento do socio finado, o qual vio a luz primeira na cidade da Fortaleza, provincia do Ceará, e não em São-Luiz do Maranhão.

O Sr. Visconde de Taunay aprezenta o seguinte discurso, que como relator da commissão do Instituto dirigio a S. M. Imperial, ao dar-lhe os pezames do Instituto pela morte de S. M. o rei D. Luiz de Portugal:

Senhor. Enviou-nos o Instituto Historico e Geographico Brazileiro perante Vossa Magestade Imperial, afim de significar ao seo augusto protector o leal e sincero pezar que sente pelo falecimento do rei de Portugal D. Luiz I, tão ligado á familia imperial do Brazil pelos laços de proximo parentesco e extremoza amizade. N'este dolorozo trance, grato deve ser ao espirito de Vossa Magestade reconhecer, que em ambos os povos, brazileiro e portuguez, permanece vivaz e intensa a scentelha do sentimento monarchico, que só encontra elementos para se robustecer ao influxo da vida hodierna, quer européa quer americana.

Portugal estremece, como sempre, o seu rei, e o Brazil não tem senão motivos de admirar o soberano que possue, e de lhe ser reconhecido. Verdades destas é sempre agradavel ao Instituto Historico assignalar no estudo das couzas patrias!

Queira Vossa Magestade aceitar as nossas mais sentidas condolencias pela cruel perda que tão fundamente ferio o seo magnanimo coração.

Rio de Janeiro 26 de Outubro de 1889. *Visconde de Taunay*.

Achando-se na sala immediata o Sr. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt, eleito membro correspondente, o Sr. prezidente convida os Srs. Barão Homem de Mello e commendador Jozé Luiz Alves a irem recebel-o, e dando-lhe assento pronuncia as seguintes palavras:

Senhores. O Instituto Historico via com inveja occupando a tribuna das conferencias da Gloria um distincto talento. E' limitadissimo entre nós o numero dos que se entregam ás arduas pesquizas da prehistoria, e que mesmo na Europa conta poucos annos de existencia e raros cultores. O illustre Sr. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt se tem tornado digno da maior consideração pelos seos estudos, vulgarizando entre nós os seos conhecimentos n'esta parte da historia, a que primeiro se entregaram os antiquarios do Norte.

Entrando para o gremio de nossa associação é de crêr, que se não arrefeça o seo ardor por tão ardua investigações, e o aprezentando ao Instituto Historico peço, que o recebamos com estas palavras: « Vem, filho do estudo e das arduas pesquizas. O Instituto só se póde honrar com aquelles que o honram. »

O illustre recipiendario agradece nos termos seguintes:

Senhores. Ha muito, que dezejava fazer parte d'este Instituto, por conhecer-lhe bem a historia, e saber quantos serviços tem prestado á nossa patria no longo e gloriozo periodo de 50 annos. Esperava porém occazião oportuna em que pudesse aprezentar algum trabalho digno da vossa apreciação esclarecida, o que só me foi dado realizar este anno, com a publicação das conferencias, que tenho efectuado na escala publica da Gloria a respeito da *origem das especies e da America prehistorica*.

Ambicionava asociar-me a esta ilustre e respeitavel corporação por ser um dos admiradores mais enthuziastas dos importantissimos trabalhos, com que tem ella enrequecido a historia e geographia patrias, que até 1838 jaziam em deploravel atrazo, existindo apenas dois livros bons, mas incompletos, a *Historia do Brazil* de Robert Southey e a *Chorographia Brazilica* da padre Manoel Ayres do Cazal.

Longo e fastidiozo seria e menos proprio d'esta ocaziião, referir minuciozamente quaes os principaes thezouros literarios e scientificos, que o Instituto Historico tem acumulado em meio seculo de proveitoza existencia. Para ter-se d'elles uma noticia exacta basta a leitura atenta da sua *Revista Trimensal*, que fórma actualmente uma precioza colleção de muitos volumes, onde os estudiozos terão muito que aprender.

Agora mesmo, senhores, tratando em conferencias populares do magno problema da origem dos povos americanos primitivos, especialmente dos selvicolas brazileiros, tem-me servido de muito a excellente *Revista* d'este Instituto, onde a dificilima questão foi brilhantemente discutida por Joaquim Norberto, nosso benemerito prezidente; Gonçalves Dias, Francisco Adolfo de Varnhagen, Cunha Matos, Candido Mendes, Jozé Martins Pereira de Alencastro, Ignacio Accioli de Cerqueira Silva, e outros que têm sido luzeiros d'esta douta corporação. E' digna de especial menção a *Memoria Historica e documentada das aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro*, composta pelo socio effectivo Joaquim Norberto de Souza Silva, e laureada na sessão magna deste Instituto, de 15 de Dezembro de 1852, com o premio imperial. Sinto devéras, que a ocaziião me não permita referir-me a esta excelente monographia, depois de cuja leitura fica-se sem sabe o que mais admirar: si a profunda erudição do auctor, si a elegancia e harmonia da fórma, a peregrina beleza do estilo.

Eu dice, ao começar, que ambicionava fazer parte desta illustre corporação; pois bem, satisfeito o meo dezejo, realizada a minha ambição, cumpre-me agradecer summamente ao eminente orador d'este Instituto, o Sr. Visconde de Taunay, por haver proposto o meo nome á vossa aceitação; á digna commissão que lavrou o parecer favoravel á minha admissão, e a todos qantos votaram as suas concluzões. A cada um o meo eterno reconhecimento.

E' ociozo acrescentar, que esforçar-me-ei quanto em mim couber pela prosperidade sempre crescente do Instituto Historico e Geographico do Brazil, uma de

cujas cadeiras venho ocupar, graças á vossa generozidade e benevolencia. A minha diviza aqui serão estas eloquentes e significativas palavras dirigidas ao Instituto Historico por S. M. o Imperador : « E' de mister, que não só reunais os trabalhos das gerações passadas, ao que vos tendes dedicado quazi que unicamente, como tambem pelos vossos proprios torneis aquella a que pertenço digna realmente dos elogios da posteridade ; não dividais pois as vossas forças, o amor da sciencia é excluzivo, e concorrendo todos unidos para tão nobre, util e já difficil empreza, erijamos assim um padrão de gloria á civilização da nossa patria.

O Sr. D. Enrique Moreno, pedindo palavra, aprezenta em nome do nosso consocio Sr. D. Estanisláo S. Zeballos, ministro das relações exteriores da Republica Argentina, o seo retrato ; e por parte do nosso consocio, o Sr. D. Bartolomeo Mitre a sua obra, em trez volumes, *Historia de San-Martin y de la Emancipacion Sud Americana* (segundo novos documentos), 1887.

O Sr. prezidente nomeia para em commissão irem dar pezames á Exma. viuva do Visconde de Vieira da Silva os Srs. Dr. Cezar Marques, Garcez Palha, conselheiro Alencar Araripe, Henrique Raffard, Barão Homem de Mello e commendador Jozé Luiz Alves.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Tem a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques, que lê parte da sua memoria *Jezuitas no Maranhão.*

A's 8 1/2 da noite levanta-se a sessão.

Dr. *João Severiano da Fonseca,*
2.º secretario interino.

21.ª SESSÃO ORDINARIA, CELEBRADA EM 29 DE NOVEMBRO DE 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

A's 7 horas da noite, reunidos no lugar do costume os Srs. Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, conselheiro Alencar Araripe, Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, conselheiro Pereira de Barros, Dr. Luiz Cruls, commendadares Jozé Luiz Alves e Rodrigues de Oliveira, D. Enrique Moreno, Barão Ribeiro de Almeida, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, Dr. Pinheiro de Bitencourt e Dr. Teixeira de Mello, abre o Sr. prezidente a sessão. O Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, servindo de 2.º secretario, procede á leitura da acta da passada sessão, que é sem debate approvada.

Passa depois o mesmo senhor a occupar o logar de 1º. secretario e da conta do seguinte

EXPEDIENTE

Oficios:

Do socio Barão Homem de Mello, 1.º secretario, dando os motivos do seo não comparecimento, enviando uma proposta para socios correspondentes assignada em Pariz pelos consocios Frederico Sant'Anna Neri e Barão do Rio Branco, e propondo a nomeação de uma commissão, da qual dezeja fazer parte, para ir comprimentar em nome do Instituto ao governo provizorio e ao ministro do interior.

Do socio Virgilio Martins de Mello Franco, enviando traços de autobiographia e o seo retrato em photographia, accedendo á recommendação que lhe fôra feita n'esse sentido pelo Instituto, e remettendo uma carta autographa de seo tio o Dr. Francisco de Mello Franco, datada do Rio de Janeiro a 29 de Fevereiro de 1820, dirigida a seo irmão Joaquim de Mello Franco, cavaleiro da ordem de Christo, conego honorario da sé de Olinda, provizor e

vigario colado da igreja de Paracatú do Principe. Do consocio Jozé Verissimo Dias de Matos, remetendo tambem a sua autobiographia e photographia, de conformidade com a citada recommendação do Instituto. Do secretario do governo do Rio Grande do Sul, enviando o relatorio com que o Sr. coronel João de Freitas Leitão passou a administração da provincia ao seo sucessor e os oficios com que o Dr. Joaquim Galdino Pimentel e major Antonio Ferreira Prestes Guimarães passaram aos que lhes sucederam no cargo. Do Sr. Barão de Alencar, ministro do Brazil junto á confederação argentina, agradecendo ao Institulo o diploma que se lhe enviou do socio honorario. Do mesmo senhor, remetendo a nota com que o Sr. D. Quirno Costa, ministro do interior d'aquella confederação, agradece a sua nomeação de socio honorario do Instituto nos termos mais honrozos para esta associação e com alevantados conceitos ácerca do patriotismo dos governos, que assignaram o tratado, que deo cauza á distinção recebida. A nota do illustrado ministro vai transcripta integralmente em seguida á prezente acta. Do Sr. D. Carlos, bispo de Cuiabá, datado de 22 de Setembro ultimo, agradecendo o exemplar que o Instituto lhe offereceo da medalha commemorativa da promulgação da aurea lei de 13 de Maio do anno proximo passado, que extinguio a escravidão no Brazil. Do Sr. conselheiro J. M. Latino Coelho, secretario geral da academia real das sciencias de Lisboa, dotado de 5 de Novembro, agradecendo a remessa feita pelo Instituto áquella academia do tomo LII, parte 1ª. da sua *Revista*. Do Sr. Jozé Ribeiro de Macedo, datado de Piraquara a 18 de Outubro proximo findo, agradecendo a concessão que lhe fizera o Instituto de um exemplar da medalha commemorativa da lei de 13 de Maio, que entretanto ainda não recebeo, e cuja remessa reclama com a maior empenho. Do secretario da real academia de ciencias morales y politicas de Madrid, de 30 de Outubro ultimo, agradecendo a remessa do tomo LII, parte 1ª., da *Revista Trimensal do Instituto*. Do Sr. dezembargador Serafim Muniz Barreto, datado de 10 de Novembro, agradecendo o exemplar, que recebeo, da medalha relativa á extinção do elemento servil.

Do Dr. Jozé de Araujo Rozo Danin, vice-prezidente da provincia do Pará, em data de 4 de novembro, enviando um exemplar do relatorio com que passou a administração da referida provincia ao prezidente Dr. Antonio Jozé Ferreira Braga em 24 de julho ultimo, e outro relatorio aprezentado pelo dito prezidente á assembléa legislativa provincial na sua ultima sessão extraordinaria. Do socio Dr. Cezar Marques, participando que não pôde comparecer á presente sessão.

OFFERTAS

Pela sociedade de geographia americana, geographico-commercial de Bordéos, dita de Antuerpia, bibliotheca nacional de Vittorio Emanuel (de Roma) e commissão geographica e geologica de São-Paulo os seos boletins. Pela sociedade imperial dos naturalistas de Moscow *Nouveaux Mémoires* da mesma sociedade, tomo XV. Pela redação o ultimo numero da *Revista Sul-Americana*, orgão do centro bibliographico vulgarizador. Pelo cavalheiro P. Mallan o fasciculo n. 11, anno III, da sua revista *Il Brazile*. Pelas respectivas redações as publicações seguintes : — *Diario Popular* (São Paulo), *Gazeta de Mogimirim*, *Jornal do Recife*, *Jornal do Amazonas*, *Meio* (Rio de Janeiro) *Imprensa*, *Liberal Mineiro*, *Caxoeirano*, *Géographie*, *Nouveau Monde*, *E'toile du Sud*, *Brésil* (de Pariz) *Provincia do Espirito Santo* e *Boletim da alfandega do Rio de Janeiro*. Pelo Sr. commendador Joaquim Norberto os numeros do *Jornal do Commercio* de Outubro e Novembro do corrente anno. Pelo Sr. Barão Homem de Mello um exemplar nitidamente impresso, com tarjas coloridas, da *Constitucion politica de la republica do Chile*, edição feita no Rio de Janeiro, 1889.

Passando-se á

ORDEM DO DIA

O Sr. prezidente communica nos termos seguintes o falecimento ultimamente occorrido de mais um dos nossos consocios :

A mão do destino acerbo continúa a tarjar de luto e a humedecer de lagrimas as actas das nossas sessões. Passou da vida presente, no dia 24 do corrente, o decano dos nossos consocios Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, que pelo espaço de cincoenta e um annos tomou parte em nossos trabalhos, recommendando-se pela assiduidade com que militava em nossas fileiras.

Era um homem de maneiras chans, de trato ameno e delicado e de ar afavel, — que nunca empregou uma expressão menos conveniente na conversação; que perdoava com resignação evangelica qualqner juizo por menos favoravel que fosse a seo respeito; que jamais se oppunha á opinião contraria a seo modo de pensar, a medo de offender o melindre de seos amigos. O Dr. Pinheiro de Campos foi advogado no fôro desta capital, depois de ter servido á magistratuta n'uma das comarcas de Minas-Geraes. Viveo durante setenta e sete annos lutando sempre com a pobreza, e morreo não tendo para legar á sua numeroza prole sinão a honradez de seo nome.

Pede a saudade da nossa confraternidade que commemorada seja a sua perda na acta de hoje com um voto do nosso profundo pezar. »

Achando-se na caza o Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, recentemente eleito socio correspondente do Instituto, nomeia o Sr. prezidente aos socios Dr. Pinheiro de Bitencourt e tenente-coronel Francisco Jozé Borges para irem em commissão recebel-o. Introduzido com as formalidades do estilo, sauda-o o Sr. prezidente nos seguintes termos:

E' com o maior prazer, que vos aprezento o nosso novo consocio o Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro, commandante da escola de aprendizes de artilharia e da fortaleza de S. João. De seos meritos e talentos, e sobretudo o seo *Diccionario Geographico e Historico das campanhas do Uruguay e Paraguay*, elaborado no campo de batalha e parte do qual já adorna as paginas da nossa *Revista Trimensal*, lhe franquearam as portas de nossa associação, que hoje mais do que nunca preciza de novos obreiros, que ajudem a sustentar e

amparar, para que não sosobre, a obra que erguera Januario da Cunha Barboza e se elevou á maior consideração pela proteção, que recebeo por mais de quarenta annos, de quem vive o nome na gratidão do Instituto Historico.»

O Sr. tenente-coronel Leite de Castro pronuncia em seguida um discurso de agradecimento, a que responde o Sr. conselheiro Alencar Araripe, nomeado para preencher a falta do orador do Instituto, com as seguintes palavras:

« Sr. tenente-coronel João Vicente Leite de Castro. Nós vos recebemos como nosso consocio ; e a vossa aprovação unanime para entrardes em nosso gremio já vos indica, que aqui só vindes encontrar amigos, que esperam de vós a reciprocidade d'este sentimento de amor, vinculo forte e poderozo que dirige todas as sociedades em seo caminho para a exacta consecução dos seos fins. O Instituto Historico, quando vos aceitou como parte d'esta corporação, teve em consideração os vossos trabalhos, os vossos serviços tão liberalmente consagrados ás letras e á patria.

Nós vos saudamos ao entrardes em nosso seio social, e confiados em vossa dedicação ás letras não hezitamos em crêr, que hoje adquirimos um companheiro benemerito dos nossos trabalhos e um dedicado cultor dos estudos historicos, de que já nos tendes oferecido provas sobejas e manifestas na obra, que publicastes sobre a nossa guerra com o Paraguay, facto que nos deo gloria, mas que nem por isso deixamos de deplorar como fatal sucesso dos destinos humanos. Entre povos americanos jámais devem os meios violentos perturbar as relações de benevolencia; são os nossos votos. O vosso patriotismo não vos impedio a imparcialidade, e expuzestes os factos d'essa luta internacional com clareza e justiça ; fostes sincero nos vossos estudos historicos, nos quaes os futuros escriptores encontrarão informações exactas e dignas da historia, que só é valioza e aceitavel, quando respeita a verdade, e pertanto a justiça.

Consocio, sejais bemvindo. Confiamos na promessa, que nos acabais de fazer e entre nós encontrareis amigos para os trabalhos, a que nos consagramos, e que estão sintetizados na vossa diviza—*Pacifica scientiæ occupatio.*»

Concluida assim a ceremonia da recepção do novo socio, pronuncia o Sr. prezidente o seguinte discurso:

Senhores! Imperiozo dever do meo cargo me força a annunciar-vos, que jámais n'essa cadeira se assentará aquelle que durante quarenta annos desempenhou verdadeiramente o titulo de protector de nossa associação, elevando-a á face das nações cultas a grande consideração, que goza actualmente. Das actas das sessões de nossos trabalhos e das nossas sessões magnas, celebradas na sua caza com todo o esplendor e solemnidade, consta, e constará sempre, o que foi o imperador D. Pedro II para com o Instituto Historico, que lhe retribuio numerozos favores com a maior gratidão, pôr consideral-o como seo primeiro alumno e por tel-o sempre como seo desvelado protector.

Os que têm acompanhado a marcha dos trabalhos do Instituto Historico durante meio seculo não podem deixar de reconhecer, que só por amor da patria e da gloria aqui nos reuniamos sob o exemplo da assiduidade de quem foi entre nós o primeiro. Ao transpor aquelle liminar desapparecia o monarca, e vinha o alumno sentar-se n'esse throno da democracia e tomar parte em vossas suadas lucubrações, que a tantos aniquilaram a saude, sem que jamais vizassemos nas graças da cornucopia de sua munificencia a menor recompensa, que empanasse o brilho da gloria de nossa voluntaria dedicação.

A politica tem as suas necessidades instransigentes, não nós que, Vestaes d'este templo da Historia, collaboramos para a posteridade n'esta *pacifica sientiœ occupatio;* e pois a gratidão, um dos mais bellos caracteres da humanidade, viverá na nossa tradição até quando o ultimo de nós tiver baixado á sepultura, em que já dormem os nossos mais distinctos consocios, sem que a queiramos antepor de modo algum á ordem das novas couzas estabelecidas e a que nos curvamos, certos de que o governo do povo pelo povo será uma realidade para a terra á qual Deos outorgou por simbolo a cruz da sua redempção, e a quem imploramos, que a republica seja tão livre como o foi o imperio de Pedro II.

Amparemos com redobrados e novos esforços uma

das mais bellas associações de nosssa patria. Deixal-a perecer seria para nós mais do que um erro,—seria um opprobrio. Quando os nossos antepassados, seos fundadores, a crearam, se dirigiram ao Eterno, supplicando com psalmos de Izaias a sua protecção. Façamos hoje o mesmo, para que no meio da indifferença da patria se não esboroe o archivo de nossas tradições e se não despedace o crizol de nossa historia.»

Continuando a *ordem do dia*, o Sr. Henrique Raffard aprezenta a seguinte proposta : « Proponho, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro eleve a socio honorario o distincto socio correspondente general D. Bartolomeo Mitre. Sala das sessões 29 de Novembro de 1889. *Henri Raffard*. E' unanimemente approvada e declarado socio honorario o illustre general argentino.

O mesmo Sr. Henrique Raffard aprezenta a proposta seguinte, que é tambem unanimemente approvada : «Achando-se no nosso porto um vazo de guerra da nação argentina, cujo chefe é nosso prezidente honorario, propomos, que este Instituto eleja de seo seio uma commissão para cumprimentar o commandante e officiaes d'esse vazo, e outra para, entendendo-se com a grande commissão da imprensa, com ella promover uma manifestação de estima áquella nação amiga. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 29 de Novembro de 1889. *Henri Raffard*. Tenente coronel *João Vicente Leite de Castro. J. A. Teixeira de Mello. Luiz Rodrigues de Oliveira. Jozé Luiz Alves. Luiz Cruls*. Dr. *Barão de Ribeiro de Almeida*. Tenente-coronel *Francisco Jozé Borges. Visconde de Beaurepaire Rohan. João Severiano da Fonseca*.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe, como membro da commissão de redação da *Revista Trimensal* do Instituto, aprezenta exemplares, que são distribuidos pelos socios prezentes, das edições especiaes do volume consagrado á *Commemoração do centenario de Claudio Manoel da Costa pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e da Istoria de uma viagem feita á terra do Brazil por João de Leri, traduzida em linguagem vernacula por Tristão de Alencar Araripe*.

O mesmo Sr. conselheiro aprezenta como thezoureiro do Instituto a nota do orçamento para o anno de 1890, que vai transcripta em seguida á prezente acta. A esse propozito suscita o Sr. Henrique Raffard uma pequena discussão, que termina pela proposta, que foi aceita, da convocação de uma sessão na sexta-feira proxima para se tratar do assumpto.

O Sr. Dr. João Severiano da Fonseca propõe, que se não effectue este anno a sessão magna annual do costume, e assim se decide.

O Sr. D. Enrique Moreno offerece ao Instituto, em nome do autor, o Sr. D. Alessandro Sorondo, prezidente do *Instituto geografico Argentino*, um bellissimo exemplar da obra *Nociones de Geografia Argentina*, escritas con arreglo al programa do segundo año de las escuelas, impresso este anno em Buenos-Aires.

O Sr. Henrique Raffard aprezenta a seguinte proposta : « Proponho, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, attendendo aos altos merecimentos dos distinctos cidadãos argentinos D. Alessandro Sorondo, prezidente do *Instituto Geografico Argentino*, e D. Martin de Rivadavia, commandante da canhoneira argentina, ora surta no nosso porto, admitta-os para socios correspondentes. Sala das sessões 29 de Novembro de 1889. *Henri Raffard*.»

Declarando-se que nenhum dos socios prezentes deixa de annuir a esta proposta, é ella unanimemente approvada e são declarados socios os de que ella trata.

Lê-se em seguida a seguinte proposta, aprezentada pelo Sr. Dr. João Severiano da Fonseca e adoptada pelo Sr. prezidente : « Propomos para membros honorarios do Instituto os Exms. Srs. D. Manoel Villamil Blanco, ministro plenipotenciario da Republica Chilena, e D. Blas Vidal, ministro plenipotenciario da Republica Oriental, e para membro correspondente o Sr. D. Constantino Bannen, commandante do couraçado chileno Almirante Cochrane, notaveis por sua intelligencia, seos serviços á sciencia e seo affecto ao nosso paiz. Sala das sessões do Instituto em 29 de novembro 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva. Dr. João Severiano da Fonseca. Tristão*

de Alencar Araripe. Jozé Mauricio F. Pereira de Barros. Luiz Cruls. Jozé Luiz Alves. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt. Tenente-coronel *João Vicente Leite de Castro. Luiz Rodrigues de Oliveira. Henri Raffard. Enrique Moreno. Dr. Barão de Ribeiro de Almeida.* Tenente-coronel *Francisco Jozé Borges. Visconde de Beaurepaire Rohan. Dr. J. A. Teixeira de Mello.*

Assignada como se acha, a proposta é *ipso facto* unanimemente approvada.

Levanta-se então o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, e pronuncía extremamente commovido o seguinte discurso, que é ouvido de pé :

Sr. prezidente. Srs. consocios. Quaesquer que sejam os sentimentos patrioticos, que animam os Brazileiros, quaesquer que sejam os arroubos d'alma por esta ou aquella idéa de liberdade, ha lugar, ha sempre lugar, senhores, para o são, o justo, o honesto, para os sentimentos de hombridade e dignidade humana; sentimentos cuja auzencia são o indice de que periclita a honorabilidade social; sentimentos cuja auzencia bem se define na expressão conhecida—falta de sentimentos.

O advento da Republica Brazileira trouxe-nos uma perda immensa e um immenso pezar : o afastamento do nosso augusto e venerando imperador. Sahio—, mas o Instituto sabe, que sua retirada não foi um castigo; foi a consequencia imperioza, imprescindivel, fatal, da nova ordem de couzas; foi uma necessidade inevitavel; foi a garantia, não só para a estabilidade da nação, como para a individualidade do imperador. E com elle seguiram todo o respeito, estima e veneração que os Brazileiros devem e têm a esse grande e virtuoso varão. Sahio, porque não podia ficar. Não é um decahido; é antes um apozentado; retirando-se com todas as honras e distincçoes.

Senhores. S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara era o protector, o pai do Instituto. E eu levanto-me aqui, solemnemente, para pedir ao Instituto, que, no meio dos seos arroubos pelos esplendores da mãi patria, não se esqueça da gratidão, que deve áquelle que foi seo protector e pai.

Proponho, Sr. prezidente, que, emquanto fôr vivo S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, aquella cadeira se conserve inoccupada e coberta por um vèo, e que o Instituto, fazendo votos ao Omnipotente pela saude e felicidade do venerando monarca e de sua nobilissima consorte, insira na acta a seguinte moção : « O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, submetendo-se ao novo estado de couzas, no sentido altamente patriotico de não prejudicar os interesses da nação, envidará todos os seos esforços em beneficio da patria adorada. O Instituto sente profundamente não vêr mais em seo gremio, animando-o e dirigindo-o, o seo augusto e venerando protector, que desde seos começos o amparou com especial e indefectivel amor; que ha quarenta annos tamanho lustre lhe deo prezidindo pessoalmente seos trabalhos. O Instituto faz votos ao Omnipotente pela saude e felicidade do Sr. D. Pedro de Alcantara e sua virtuozissima consorte ; espera, que lá do exilio o grande e magnanimo Brazileiro não se esquecerá da sua associação predilecta; e inserindo em acta seos sentimentos de saudade,—levanta a sessão ».

Eu, o socio Teixeira de Mello, secretario interino servindo de 2.° secretario, escrevi e assigno.

Jozé Alexandre Teixeira de Mello.

NOTA PARA O ORÇAMENTO DE 1890

RECEITA

Subsidio do tezouro nacional...........	9:000$000
Juros de apolices.....................	1:010$000
Joia de entrada dos socios.............	60$000
Prestações semestraes dos socios.......	600$000
Venda e assignatura da *Revista Trimensal.*	80$000
	10:750$000

DESPEZA

Impressão da *Revista Trimensal*........		3:200$000
Reimpressão de numeros esgotados......		2:600$000
Remessa da *Revista*..................		200$000
Encadernação de livros...............		200$000
Compra de livros.....................		200$000
Expediente na fórma seguinte :		
Asseio da caza..........	20$000	
Illuminação............	50$000	
Papel, tinta, pennas, etc..	100$000	170$000
Vencimentos de empregados :		
Bibliotecario...........	1:400$000	
Escripturario..........	780$000	
Porteiro...............	840$000	3:020$000
Porcentagem ao cobrador..............		200$000
Eventuaes...........................		120$000
Pagamento de contas ainda não aprezentadas de despezas feitas com a sessão em obzequio aos oficiaes chilenos....		$

Si aparecer em sobras, comprar-se-ão apolices da divida publica na fórma anteriormente determinada.

Rio 29 de Novembro de 1889.

T. de Alencar Araripe
Tezoureiro.

Nós abaixo-assignados, membros da commissão de fundos e orçamento, concordamos com o orçamento apresentado pelo nosso digno consocio o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe para vigorar no anno vindouro. (*)

Rio de Janeiro 6 de Dezembro de 1889.

Jozé Luiz Alves.
Francisco Jozé Borges

(*) Foi aprovado este parecer em sessão de 6 de Dezembro de 1889, como adiante se verá da acta respectiva.

OFFICIO

Ministro del Interior. Buenos Aires Octubre 30 de 1889. Estimado Señor Ministro. Tuve honor de recibir la comunicacion de U. en lo que me participó que el Instituto Historico y Geografico del Brazil me habia nombrado por unanimidad de votos mienbro honorario del mismo. U. me remitió tambien copia de la nota del distinguido Sr. secretario de esa asociacion, avisandole que mi nombramiento habia sido ocasionado por haber firmado con V. Ex. el tratado de arbitraje sobre la cuestion de Misiones. U. se dignó entregarme el diploma respectivo, y nada es para mi mas honroso que aceptarlo como una gran distincion de un cuerpo cientifico, tan vinculado por sus trabajos y su composicion á la gloria del Brazil y al adelanto de las ciencias. El tratado sobre Misiones que ha dado origen á mi nombramiento es y será siempre considerado por todos como la obra del patriotismo de los dos gobiernos, que lo han llevado á cabo, como un triunfo del derecho por el principio del arbitraje que establece, si fallara el arreglo directo y como una nueva demonstracion de que para el mantenimiento de la paz, de la amistad sincera y del reciproco respecto que se merecen nuestros respectivos paizes, no hay ni habrá obstacúlo que no pueda ser digno y cordialmente removido. Quiera el Señor Ministro llevar esta nota al conocimiento del Sr. secretario del Instituto Historico y Geografico, y aceptar mi especial consideracion y particular aprecio. Exm. Sr. Baron de Alencar, E. E. y Ministro Plenipotenciario de S. M. el Emperador del Brazil.

V. Quirno Costa.

22ª. SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE DEZEMBRO DE 1889

Presidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

Achando-se prezentes, ás horas do costume, os Srs. Joaquim Norberto, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Severiano da Fonseca, Marquez de Paranaguá, Drs. Cezar Marques, Luiz Cruls, Sacramento Blake e Pinheiro de Bitencourt, conselheiros Alencar Araripe e Pereira de Barros, Henrique Raffard, tenente-coronel Francisco Jozé Borges, commendador Jozé Luiz Alves, capitão de fragata Garcez Palha, coronel Fausto de Souza, João Capistrano de Abreo e Dr. Teixeira de Mello, abre o Sr. prezidente a sessão.

E' lida e aprovada a acta da sessão anterior. O Sr. Dr. Severiano da Fonseca, secretario supplente servindo de 1°. secretario, aprezenta o seguinte

EXPEDIENTE

Officios:

Do Sr. Manoel Messias de Gusmão, enviando um cxemplar do relatorio com que passon a administração da provincia das Alagôas, no dia 1° de Agosto do corrente anno, ao Sr. Dr. Manoel Victor Fernandes Barros.

OFFERTAS

Pelas sociedades de geographia da Australia e de Washington os seos *boletins*. Pelo director do observatorto astronomico do Rio de Janeiro a sua *revista* de Outubro e Novembro ultimo ns. 10 e 11, anno IV. Pelo consocio o Sr. Henrique Raffard a sua photographia. Pelas respectivas redações os periodicos seguintes:—*Diario da Bahia, Diario Popular, Gazeta de Mogimirim, Jornal de Minas, Jornal do Amazonas, Imprensa, Nouveau Monde, Brésil, Géographie, Etoile du Sud.*

ORDEM DO DIA

O socio Dr. Pinheiro de Bitencourt aprezenta o discurso, que, como orador da commissão encarregada pelo Instituto de comprimentar a bordo da canhoneira *Argentina* o commandante Martin Rivadavia e a officialidade do mesmo navio, pronunciou no dia 30 de Novembro do proximo passado e é o seguinte :

« Sr. commandante Rivadavia, srs. oficiaes da canhoneira *Argentina*. O Instituto Historico e Geographico do Brazil, a mais antiga das associações scientificas do nosso paiz, e da qual é muito digno prezidente honorario o chefe supremo da vossa republica, e membros conspicuos os eminentes cidadãos D. Bartolomeo Mitre e Drs. Estanisláo Zeballos, Quirno Costa e Enrique Moreno, nos envia em commissão para comprimentar-vos e saudar em vossas pessoas a pujante e glorioza nação argentina, a que estão certamente rezervados altos destinos n'esta parte do continente americano.

Os laços de fraternidade, que cada vez mais se têm estreitado entre o vosso e o nosso paiz, é de esperar, que jámais se afrouxem, de sorte que as duas mais poderozas nações da America Meridional possam caminhar desassombradas para a consecução dos seos futuros destinos.

A amizade reciproca entre Argentinos e Brazileiros tem-se afirmado não só nos dias bonaçozos da paz, como nos tempos calamitozos da guerra, quando juntos combatemos para libertar o Paraguay do jugo tiranico de Francisco Solano Lopes.

Sr. commandante Rivadavia, o vosso nome é legendario, pois recorda o do grande patriota Bernardino Rivadavia, que tanto se esforçou para tornar vossa patria indepedente, grande e feliz. O Instituto Historico vos envia suas homenagens e á brioza nação argentina, e nós nos julgamos sumamente honradas por sermos os interpretes dos sentimentos de tão douta corporação.»

O Sr. Dr. Cezar Marques communica, que desempenhou a commissão, de que o encarregára o Instituto, de aprezentar á familia do illustre consocio falecido

Visconde de Vieira da Silva os sentimentos de pezar, que cauzou á associação o seo falecimento.

Aprezentando o Sr. Henrique Raffard uma proposta para que seja elevado á categoria de socio honorario o Sr. Dr. João Severiano da Fonseca, o Sr. prezidente avoca a si e formula-a nos seguintes termos, que são recebidos com unanimes aplauzos: « Na fórma do artigo 4.º dos estatutos na parte que se refere aos membros honorarios, passo para essa categoria o nosso consocio efectivo Dr. João Severiano da Fonseca, de que se torna merecedor não só pelos relevantes serviços prestados ao Instituto Historico, como pelas eminentes qualidades que o caracterizam. »

O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan communica, que desempenhou junto da familia do nosso consocio Dr. Felizardo Pinheiro de Campos a incumbencia de que o encarregára o Instituto de lhe aprezentar o pezar de que se achava possuida a associação pelo falecimento d'aquelle nosso activo companheiro de trabalhos, um dos dois que restavam da época da sua fundação.

O Sr. Henrique Raffard propõe, que se celebre uma sessão especial para o recebimento dos socios ultimamente eleitos, commandante Constantino Bannen e Martin Rivadavia, da marinha argentina; discutida esta proposta entre o aprezentante e os Srs. Drs. Pinheiro de Bitencourt, Cezar Marques e Visconde de Beaurepaire Rohan, adopta-se a de organizar-se, de preferencia, por não haver mais tempo para aquella sessão, uma commissão que lhes vá levar os respectivos diplomas, e são nomeados para a comporem os socíos capitão de fragata Garcez Palha, Henrique Raffard e Dr. Luiz Cruls.

Entra n'essa occazião o novo socio o Sr. ministro do Chile D. Manoel Villamil Blanco, que é saudado pelo Sr. prezidente e responde em frazes eloquentes, exalçando os meritos do Instituto e a nomeada universal de que este goza e agradecendo a honroza distinção que lhe foi conferida de seo socio honorario, a que saberá corresponder.

O Sr. Marquez de Paranaguá responde-lhe em nome do Instituto, fazendo sobresahir os dotes pessoaes

do illustre consocio e o jubilo de que se acha possuida a velha instituição por contar em seo seio tão distincto auxiliar e amigo.

O Sr. Dr. Sacramento Blake lê o seguinte parecer da commissão de trabalhos historicos, de que é relator:

A commissão de historia, a que foi prezente uma proposta para que seja admitido ao gremio do Instituto o conselheiro João Carlos de Souza Ferreira, redactor-chefe do importante orgão da imprensa fluminense, *Jornal do Commercio*, o qual distinctamente se tem occupado sempre com esta associação; tendo examinado as revistas annuarias do commercio do Rio de Janeiro, publicadas no citado jornal e em avulso, reconhece quanto esse ramo de nossa historia tem sido tratado pelo illustre jornalista em todo o seo desenvolvimento e com magistral sufficiencia, de modo a fazer honra á imprensa respectiva d'esta capital, como por vezes se tem dito na Europa. E' assim, que o nosso consocio Barão de Ourém, no seo trabalho estatistico *Quelques notes sur les boureaux des estatistiques au Brésil*, diz o seguinte: « La revue du *Jornal do Commercio* a èté toujours confiée á des écrivanis competents, ce journal étant le plus important de la capitale de l'empire. Aujourd'hui la redaction de cette partie de la feuille quotidienne est confiée á un journaliste du plus grand mérite, Mr. Souza Ferreira, ancien fonctionaire du ministère dés finances. »

A commissão é pois de parecer, que o conselheiro Souza Ferreira seja aceito como socio correspondentes do Instituto. Rio de Janeiro, sala das sessões 5 de Dezembro de 1889. Dr. *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake*. Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello*. Vai á commissão de admissão de socios.

E' lida a seguinte indicação para a modificação de alguns artigos do *regulamento do Instituto*: 1°. Fica creada a commissão de trabalhos ethnographicos, a qual pertencerá á secção de ethnographia. 2°. Os relatores das commissões serão designados pelo prezidente do Instituto Historico por occazião da distribuição dos trabalhos pelas mesmas commissões. 3°. Suprimam-se no art. XII cap. III

dos nossos estatutos as seguintes ultimas palavras: « Sendo sómente eleito por dois o 1°. secretario. Sala das sessões do Instituto 6 de Dezembro de 1889. *Joaquim Norberto de Souza Silva.* Dr. *Jozé Alexandre Teixeira de Mello.* Dr. *Cezar Augusto Marques.* Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake,* com restrição quanto á 3ª. parte. *Jozé Mauricio F. Pereira de Barros. Jozé Luiz Alves. Francisco Jozé Borges. Henri Raffard. Visconde de Beaurepaire-Rohan. Marquez de Paranaguá. Luiz Cruls. T. de Alencar Araripe. João Severiano da Fonseca. Garcez Palha.*»

Postas á votação estas modificações dos estatutos, são sem discrepancia approvadas.

Entra em discussão o orçamento para o anno proximo futuro de 1890, lendo-se antes o parecer da commissão respectiva, que o aprova e adopta. O Sr. Dr. Cezar Marques propõe, que n'elle se inclua uma verba especial, marcando-se a quantia, que se combinar, para gratificações aos empregados do Instituto, que fizeram serviços extraordinarios por ocazião dos preparativos e durante a expozição chilena. O Sr. conselheiro Alencar Araripe entende, que não convem marcar gratificação alguma por ora, quando aliás já esses serviços foram retribuidos com gratificação especial; si porém houver sobras no fim do anno, então poder-se-á tratar d'este objecto augmentando-se essa gratificação. O Sr. commendador Jozé Luiz Alves entende, que não haverá sobras, por isso que ha muitas despezas, a que cumpre attender-se como, por exemplo, o preenchimento das lacunas, que se observam na collecção da *Revista Trimensal.* Falou ainda o Sr. conselheiro Alencar Araripe, cuja opinião no sentido já exposto é adoptada.

O Sr. prezidente recorda ao Instituto a proposta enviada na passada sessão pelo 1.° secretario o Sr. Barão Homem de Mello, relativa á nomeação de uma commissão encarregada de saudar e cumprimentar o governo provizorio da republica, e submette-a á discussão. O Sr. capitão de fragata Garcez Palha declara, que, attendendo-se a que o Instituto, associação perante as letras, nada

tem que ver com movimentos politicos do paiz, inteiramente alheios aos seos fins, entende, que não deve o Instituto tomar conhecimento da alludida proposta. Acrescenta ainda, que a sua opinião nada tem de suspeita, como infensa á nova fórma de governo adoptada pela nação, por isso a aprezenta dezassombradamente. O Sr. Dr. Cezar Marques observa ser incabivel a proposta do consocio Barão Homem de Mello, quando elle a faz estando auzente, e propondo nomes que devem ficar á deliberação do nosso prezidente. Não havendo mais quem a quizesse discutir, o Sr. prezidente submete á votação a proposta em questão, que é regeitada.

Ao tratar-se do orçamento do Instituto para o anno vindouro, aprezentou o Sr. Henrique Raffard a seguinte proposta:

Proponho que o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* aceite o offerecimento feito por um illustre consocio nosso, que se propõe a fornecer a quantia necessaria para o pagamento de todas as despezas relativas á festa chilena, que se realizou a 30 de Outubro ultimo, bem como á impressão de um livro especial commemorativo, ficando garantido este emprestimo ou adiantamento com os fundos do *Instituto Historico e Geographico Brazileiro,* o qual providenciará para o respectivo reembolso, quando se tiver certeza de não se poder obter a importancia para se saldarem as referidas despezas sem sacrificio dos cofres do Instituto. Sala das sessões 6 de Dezembro de 1889. *Henri Raffard.* Depois de breve discussão, e sendo ouvido o Sr. thezoureiro, foi aceita esta proposta.

Lê-se a seguinte declaração: « Sala das sessões do Instituto 6 de Dezembro de 1889. Não tendo assistido á sessão anterior, propomos, que se insira na acta da sessão de hoje, que adherimos com prazer á moção aprezentada pelo nosso consocio Dr. Severiano da Fonseca, bem como ás considerações com que o precedeo e que traduzem nossos sentimentos melhor do que o poderiamos fazer. *Jozé Egidio Garcez Palha. Augusto Fausto de Souza.* Dr. *Cezar Augusto Marques. Marquez de Paranaguá.* Dr. *Pinheiro de Bitencourt.* Dr *Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.*

O Sr. Dr. Sacramento Blake pede, que no dia da eleição dos membros da meza, que têm de servir no anno proximo futuro, o não nomeiem para nenhuma d'ellas, porque, tendo tomado activa parte nas que terminam agora o seo mandato, sente-se fatigado e preciza de descanso.

Nada mais havendo a tratar-se, dá o Sr. prezidente por finda a sessão.

Dr. *Teixeira de Mello*, 2.° secretario-interino.

Sessão em assembléa geral para a eleição da meza e commissões para o anno de 1890, celebrada em 21 de Dezembro de 1889

Prezidencia do Sr. commendador Joaquim Norberto de Souza Silva.

A's 7 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto Historico e Geographico Brazileiro socios em numero sufficiente, o Sr. prezidente abrio a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da meza e das commissões, que devem servir no anno de 1890, e procedendo-se á eleição na fórma dos estatutos, foram eleitos :

PREZIDENTE

Joaquim Norberto de Souza Silva.

1.° VICE-PREZIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

2.° VICE-PREZIDENTE

Visconde de Beaurepaire-Rohan.

3.° VICE-PREZIDENTE

Dr. Cezar Augusto Marques.

1.° SECRETARIO

João Severiano da Fonseca.

2.° SECRETARIO

Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Henrique Raffard.
Capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha.

ORADOR

Visconde de Taunay.

THEZOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Commendador Jozé Luiz Alves.
Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.
Henrique Raffard.

COMMISSÀO DE ESTATUTOS E REDAÇÃO

Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello.
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Dr. João Severiano da Fonseca.

COMMISSÃO DE REVIZÃO DE MANUSCRITOS

João Capistrano de Abreo.
Conselheiro Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Tenente-coronel João Vicente Leite de Castro.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Tenente-coronel João Vicente Leite de Castro.
Capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Barão de Ribeiro de Almeida.
Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato.
Coronel Augusto Fausto de Souza.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Capitão de fragata Jozé Egidio Garcez Palha.
Capitão-tenente Francisco Calheiros da Graça.
Dr. Luiz Cruls.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Barão de Capanema.
Capitão de fragata Jozé Candido Guillobel.
Visconde de Souza Fontes.

COMMISSÃO DE ETHNOGRAPHIA

Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt.
João Capistrano de Abreo.
Dr. Torquato Xavier Monteiro Tapajoz.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA

Dr. Ladisláo de Souza Mello Neto.
Barão de Capanema.
Primeiro-tenente Arthur Indio do Brazil.

COMMISSÃO DE PESQUIZAS DE MANUSCRITOS

Henrique Raffard.
Tenente Pedro Paulino da Fonseca.
Dr. Alfredo Piragibe.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Visconde de Taunay.
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Conselheiro Manoel Francisco Correia.

MEDALHA COMMEMORATIVA

DA

LEI DE 13 DE MAIO DE 1888

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro mandou cunhar uma medalha commemorativa da lei de 13 de Maio de 1888, que declarou extincta a escravidão no Brazil.

Esta medalha reprezenta a efigie da serenissima princeza imperial D. Izabel, que como Regente do Imperio sancionou a dita lei, e consagra a data d'este grande acto legislativo.

Tiraram-se 552 exemplares de ouro, prata e bronze.

No dia 13 de Maio de 1889, anniversario da lei, o Instituto Historico mandou, por uma commissão de seo seio, entregar um exemplar da dita medalha de ouro á Sua Magestade o Imperador, e outro á serenissima princeza, que receberam a offerta com significativas demonstrações de apreço.

O Instituto rezolveo tambem offerecer uma medalha ao Santissimo Padre, e outra ao cardeal secretario.

Os demais exemplares foram mandados distribuir pela fórma que adiante se vê, conservando-se alguns exemplares de bronze para subsequente distribuição. Esta deliberação foi tomada em sessão do Instituto Historico de 25 do mez de Maio de 1889, e em outras posteriores.

Distribuição das medalhas de prata

MINISTERIO 10 DE MARÇO DE 1888

1 João Alfredo Corrêa de Oliveira.
2 Antonio da Silva Prado.
3 Antonio Ferreira Viana.
4 Jozé Fernandes da Costa Pereira.
5 Thomaz Jozé Coelho de Almeida.
6 Luiz Antonio Vieira da Silva.
7 Rodrigo Augusto da Silva.

SENADO

8 Visconde do Serro-Frio, prezidente.

CAMARA DOS DEPUTADOS

9 Barão de Lucena, prezidente.

PRINCIPES

10 Conde d'Eu.
11 Principe D. Pedro Augusto.
12 Principe D. Augusto Leopoldo.

INSTITUTO HISTORICO

Meza administrativa

13 Joaquim Norberto de Souza Silva, prezidente.
14 Olegario Herculano de Aquino e Castro, 1.º vice-prezidente.
15 Visconde de Beaurepaire-Rohan, 2.º vice-prezidente.

16 Joaquim Pires Machado Portella, 3.° vice-prezidente
17 João Franklin da Silveira Tavora, 1.° secretario.
18 Augusto Fausto de Souza, 2.° secretario.
19 Tristão de Alencar Araripe, thezoureiro.
20 Alfredo de Escragnolle Taunay, orador.

Socios honorarios nacionaes

21 João Manoel Pereira da Silva.
22 Maximiano Marques de Carvalho.
23 Barão de Capanema.
24 Visconde de Souza Fontes.
25 Barão Homem de Mello.
26 Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
27 Cezar Augusto Marques.
28 Visconde de Mauá.
29 Manoel da Costa Honorato.

Socios honorarios estrangeiros

30 Fernando Denis, França.
31 Bartolomeo Mitre, Confederação Argentina.
32 Domingos Santa Maria, Chile.

CORPO DIPLOMATICO CONSULAR

33 Ministro Americano.
34 Ministro Argentino.
35 Ministro Oriental.
36 Ministro Chileno.
37 Ministro Portuguez.
38 Decano do corpo consular estrangeiro no imperio (Eugenio Emilio Raffard, consul geral da Suissa no Brazil).

CORPORAÇÕES E SOCIEDADES

39 Camara Municipal do Acarape (1°. municipio livre no Brazil).
40 Confederação Abolicionista.
41 Gabinete Portuguez de Leitura da côrte.
42 Muzeo Nacional.
43 Muzeo Militar.
44 Muzeo de Marinha.
45 Muzeo do Instituto Historico Geographico Brazileiro.
46 Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

DIVERSOS

47 Internuncio do Brazil.
48 Abade geral de S. Bento.
49 Abade de S. Bento da côrte.
50 Antonio Borges de Sampaio.

Distribuição das medalhas de bronze

SOCIOS DO INSTITUTO HISTORICO

Socios nacionaes effectivos

1 Felizardo Pinheiro de Campos.
2 Antonio Alvares Pereira Coruja.
3 Visconde de Nogueira da Gama.
4 Francisco Jozé Borges.
5 Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
6 Barão do Ladario.
7 Jozé Vieira Couto de Magalhães.
8 Barão de Ribeiro de Almeida.
9 Barão do Rio-Branco.
10 Luiz Francisco da Veiga.
11 Ladisláo de Souza Mello Neto.
12 Barão de Ramiz.
13 Nicoláo Joaquim Moreira.
14 Rozendo Muniz Barreto.
15 João Barboza Rodrigues.
16 João Severiano da Fonseca.
17 Alfredo Piragibe.
18 Barão de Tefé.
19 Francisco Calheiros da Graça.
20 Jozé Alexandre Teixeira de Mello.
21 Jozé Candido Guilhobel.
22 Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.
23 Jozé Egidio Garcez Palha.
24 Manoel Pinto Bravo.
25 Pedro Paulino da Fonseca.
26 Francisco Ignacio Ferreira.
27 Henrique Raffard.
28 Manoel Francisco Corrêa.
29 João Capistrano de Abreo.
30 Barão de Miranda Reis.
31 Francisco Jozé Ferreira Baptista.
32 Barão de Lavradio.
33 Visconde de Sinimbú.
34 Visconde de Barbacena.
35 Jozé Jansen do Paço.
36 Jozé Tavares Bastos.
37 Quintiliano Jozé da Silva.
38 Barão de São-Felix.
39 Barão de Macahúbas.
40 Visconde de Valdetaro.

Socios nacionaes csrrespondentes

41 João Lopes da Silva Coito.
42 Barão de Lopes Neto.
43 Barão de Penedo.
44 Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcante.
45 Barão do Desterro.
46 Barão de Souza Queiroz.
47 Jozé de Barros Pimentel.
48 Luiz Antonio Barboza de Almeida.
49 Jozé Joaquim da Gama Silva.
50 Ricardo Gumbleton Daunt.
51 Angelo Thomaz do Amaral.
52 Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.
53 João Brigido dos Santos.
54 João Pedro Gay.
55 Barão de Guajará.
56 Epifanio Candido de Souza Pitanga.
57 Eduardo Jozé de Moraes.
58 Antonio Manoel Gonçalves Tocantins.
59 Jozé de Vasconcellos.
60 Joaquim Floriano de Godoi.
61 Luiz de França Almeida Sá.
62 Americo Braziliense de Almeida Mello.
63 Thomaz Garcez Paranhos Montenegro.
64 Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo.
65 Bernardo Saturnino da Veiga.
66 Antonio Jozé Victorino de Barros.
67 Domingos Jozé Nogueiro Jaguaribe Filho.
68 Francisco de Paula Toledo.
69 Jozé Antonio de Azevedo Castro.
70 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri.
71 Visconde de Ourem.
72 Jozé Higino Duarte Pereira.
73 Francisco Augusto Pereira da Costa.
74 Antonio Borges de Sampaio.
75 Antonio Ribeiro de Macedo.
76 Paulino Nogueira Borges da Fonseca.
77 Jozé Verissimo de Matos.
78 D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará).
79 Barão de Ibituruna.
80 Artur Indio do Brazil.
81 Marquez de Paranaguá.
82 Jozé Luiz Alves.
83 Luiz Cruls.
84 Luiz Rodrigues de Oliveira.
85 Virgilio Martins de Mello Franco.
86 Conde de Mota Maia.

Socios estrangeiros

87 Emmanuel Liais.
88 Vivien de Saint Martin.
89 Diogo de Barros Arana.
90 Benjamin Vicuna Mackena.
91 Jozé Maria Latino Coelho.
92 Alexandre de Serpa Pinto.
93 Alexandre Baguet.
94 Paulo Gafarel.
95 Vicente G. Quezada.
96 Estanisláo S. Zeballos.
97 Francisco Gomes de Amorim.
98 Angelo Justiniano Carranza.
99 Pedro Venceslão de Brito Aranha.
100 Manoel Pinheiro Chagas.
101 Visconde de Wildick.
102 Jorge Bancroft.
103 Antonio da Costa.
104 Jozé Silvestre Ribeiro.
105 Cezar Cantú.

Estabelecimentos Publicos

1 Academia de Bellas-Artes.
2 Archivo Militar.
3 Archivo Publico Nacional.
4 Bibliotheca Nacional.
5 Bibliotheca Militar da côrte.
6 Bibliotheca do Ceará.
7 Bibliotheca de Porto Alegre.
8 Bibliotheca do Recife (faculdade de direito).
9 Bibliotheca do Espirito Santo.
10 Bibliotheca do Paraná.
11 Bibliotheca da Bahia.
12 Bibliotheca do Amazonas.
13 Bibliotheca de São-Paulo (faculdade de direito).
14 Bibliotheca da faculdade de medicina da côrte.
15 Bibliotheca da faculdade de medicina da Bahia.
16 Bibliotheca da Escola Polytechnica.
17 Collegio Militar.
18 Escola Militar do Ceará.
19 Escola Militar do Rio Grande do Sul.
20 Imperial Collegio de Pedro II.
21 Muzêo do Pará.
22 Muzêo Botanico de Manáos.

Corporações

1 Camara Municipal da côrte.
2 Camara Municipal de Niteroy.
3 Camara Municipal de Manáos.
4 Camara Municipal de Belem.
5 Camara Municipal de São-Luiz do Maranhão.
6 Camara Municipal de Therezina.
7 Camara Municipal da Fortaleza.
8 Camara Municipal do Natal.
9 Camara Municipal da Parahiba.
10 Camara Municipal do Recife.
11 Camara Municipal de Maceió,
12 Camara Municipal de Aracajú.
13 Camara Municipal da Bahia.
14 Camara Municipal da Victoria.
15 Camara Municipal de Curitiba.
16 camara Municipal do Desterro.
17 Camara Municipal de Porto Alegre.
18 Camara Municipal de Ouro-Preto.
19 Camara Municipal de Cuiabá.
20 Camara Municipal de Goiaz.
21 Camara Municipal de São-Paulo.
22 Camara Municipal do Icó (1ª. cidade livre no Brazil).
23 Camara Municipal do Porto de Cima.

Bispos

1 Do Pará.
2 Do Maranhão.
3 Do Ceará.
4 De Olinda (Pernambuco).
5 Da Bahia (arcebispo).
6 Do Rio de Janeiro.
7 De São-Paulo.
8 Do Rio grande do Sul.
9 De Marianna (Minas)
10 De Diamantina (Minas)
11 De Goiaz
12 De Cuiabá (Mato-Grosso).

Sociedades nacionaes

1 Academia Imperial de medicina da côrte.
2 Associação Commercial do Rio de Janeiro.
3 Associação Commercial da Bahia.
4 Associação Commercial de Pernambuco.
5 Associação Commercial do Pará.
6 Associação Commercial de Porto Alegre .
7 Associação Promotora da instrução (côrte).
8 Bibliotheca Fluminense.
9 Bibliotheca de Barbacena.
10 Gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão.
11 Gabinete Portuguez de Leitura do Pará.
12 Grande Oriente do Brazil.
13 Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco.
14 Instituto Archeologico das Alagôas.
15 Instituto Archeologico Pernambucano.
16 Instituto do Ceará.
17 Instituto da ordem dos advogados da côrte.
18 Liceo de artes e officios da côrte.
19 Sociedade Amante da Instrucção da côrte
20 Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Imprensa da côrte

1 Jornal do Commercio.
2 Paiz.
3 Gazeta da Tarde.
4 Gazeta de Noticias.
5 Cidade do Rio.
6 Diario de Noticias.
7 Diario do Commercio.
8 Diario Official.
9 Rua.
10 Novidades.
11 Italia.
12 Etoile du Sud.
13 Constitucional.
14 Tribuna Liberal.
15 Apostolo.
16 Revista Treze de Maio.
17 Revista Illustrada.

Diversas pessoas

1 Visconde do Cruzeiro, prezidente da camara dos deputados em 1871.
2 Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, membro do ministerio de 7 de Março de 1871.
3 Manoel Antonio Duarte de Azevedo, idem.
4 Francisco do Rego Barros Barreto, idem.
5 Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, idem.
6 Visconde de Jaguaribe, idem.

7 Manoel Pinto de Souza Dantas, prezidente do conselho de ministros em 1885.
8 Jozé Ignacio Silveira da Mota.
9 Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.
10 João Cordeiro, prezidente da sociedade abolicionista do Ceará.
11 João Clapp, prezidente da confederação abolicionista.
12 Jozé do Patrocinio.
13 Antonio Bento, chefe dos abolicionista em São-Paulo.
14 Barão de Ibiapaba.
15 Frederico Augusto Borges.
16 Antonio Pinto de Mendonça.
17 Jozé do Amaral.
18 Francisco do Nascimento, o famozo jangadeiro cearense.
19 D. Maria Thomazia, prezidente da primeira sociedade abolicionista de senhoras.
20 Tristão de Alencar Araripe Junior.
21 João Lopes Ferreira Filho.
22 Almino Alvares Affonso.
23 Antonio Martins.
24 Antonio Bezerra de Menezes.
25 Pedro Augusto Borges.
26 João Jozé Telles Marrocos.
27 Justiniano Serpa.
28 Rodolfo Marcos Theofilo.
29 Theodureto Souto.
30 Barão do Rio-Branco.
31 Viscondessa do Rio-Branco.
32 Viscondessa de Cavalcanti.
33 Carlos de Lacerda.
34 João Ramos.
35 Jozé Ferreira de Araujo.
36 Jozé Avelino Gurgel do Amaral.
37 Luiz de Andrade.
38 Ignacio Doelinger.
38 Ernesto Senna.
39 Ruy Barboza.
40 Candido Mendes de Almeida, para ser entregue á viuva.
41 Luiz Gama, idem.
42 Agostinho Marques Perdigão Malheiro, idem.
43 Francisco Leopoldino de Gusmão Lobo.
44 Barão de Sobral.
45 Francisco de Paula Barros.
46 Joaquim Maria Machado de Assis.
47 Amarilio Olinda de Vasconcellos.
48 Jozé Diniz Villas-bôas.
49 João Capistrano do Amaral.
50 Jozé Pinto de Cerqueira.
51 Helvecio Mendes Limoeiro.
52 Visconde de São-Francisco.
53 Augusto Cezar Marques.
54 Barão de Itacurussá.
55 João Adriano Chaves.
56 Antonio Jozé Dias de Castro.
57 Eduardo de Mello Coutinho Mercier.
58 Barão de Bomfim.
59 Visconde de Franco.
60 Barão de Mesquita.
61 João Baptista Augusto Marques.
62 Jozé Thomaz Machado Portella.
63 Jozé Fernandes Coelho.
64 João Luiz Coelho.
65 Luiz Jozé Lecocq de Oliveira.
66 Jozé Ribeiro de Macedo.
67 Antonio Pedro de Azevedo.
68 Manoel Ernesto de Campos Porto.
69 Manoel Ferreira dos Passos Costa.
70 Jozé Theodorico de Castro.
71 Antonio da Cruz Saldanha.
72 João Augusto da Frota.
73 João Carlos da Silva Jatahi.
74 Jozé Albano Filho.
75 Alfredo Salgado.
76 Francisco Dias da Silva Junior.
77 João Pedro Mallan.
78 Barão de Espozende.
79 Antonio Joaquim Coelho da Silva.
80 Antonio dos Prazeres Freitas.
81 Augusto Cezar de Macedo Brito.
82 Victor Lobato.
83 Antonio Rodrigues Sodré.
84 Izaias de Assis.
85 Joaquim Pinheiro Muller.
86 Consul de Italia.
87 Conde de Araruama.
88 Visconde de Quissaman.
89 Visconde de Ururahi.
90 João Franklin de Alencar Lima.
91 Luiz Antonio Alves de Carvalho
92 Julio Melli, prezidente do Circulo Suisso.
93 Angelo Eloy da Camara.
94 João Monteiro Cabral.
95 Julio de Freitas Cabral.
96 Barão de Aratanha.
97 Luiz Anselmo da Fonseca.
98 Abade do Carmo do Maranhão.
99 Augusto Alvares Guimarães.
100 Antonio Gomes dos Santos Lopes.

101 Conde de Nova-Friburgo.
102 Conde de São-Clemente.
103 Pedro Eunapio Deiró.
104 Francisco Augusto Ribeiro.
105 Tiberio Augusto d'Arruda.
106 Joaquim da Rocha Santos.

Sociedades e estabelecimentos estrangeiros

1 Academia dei Lincei. Roma.
2 Archivo dos Açores. Ponta Delgada.
3 Academie des Sciences de Pétersbourg. Petersbourg.
4 American Geographical Society. New-York.
5 Asociacion Rural del Uruguay. Montevidéo.
6 Academie Royalle de Science, des Lettres et des B. A. de B. Bruxellas.
7 American Association for the advancement of Science. Washington.
8 Academie Royale des Sciences. Munich.
9 Academie of Science of S. Louis. Missoury.
10 Adirondach Survey Office. Albany.
11 Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa.
12 Africanische Gesellschaft. Dresden.
13 Academie de Stanislas. Nancy.
14 Academie des Sciences, Agriculture, Commerce, Belles-Lettres et Arts du departement de la Somme. Amiens.
15 Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche. Napoles.
16 Academia Nacional de Sciencias en la Universidad de Cordoba.
17 Academia delle Scienze de Torino.
18 Academia de Ciencias Morales y Politicas de Madrid.
19 Academia Nacional de Sciencias em Cordoba (R. A). Cordoba.
20 Antropological Society of Washington. Washington.
21 Bibliotheca Nacional. Lisboa.
22 Bulletin du Canal Interoceanique. Paris.
23 Badische Gesellschaft fur Erdkunde. Lahr in Baden.
24 Bibliotheca Nacional. Montevidéo.
25 Bibliotheca Publica Eborense. Evora.
26 Botanisches Centralblat (A'la Redation du). Gottingen.
27 Bibliotheca Publica do Porto.
28 Bureau Sentifique Central Neerlandais. Harlem.
29 Bureau de Statistique. Budapest.
30 Boston Society of Natural History. Boston.
31 Badlische Geographische Gesellschaftres. Karlsruhe.
32 Boletim Mensual (Ministerio de Relaciones Esteriores). Buenos-Aires.
33 Bulletin of United States Geograraphical and Geological Survey of the Territories. Washington.
34 Comission Central de Agricultura del Uruguay. Montevidéo.
35 Canadian Institute. Toronto.
36 Conneticut Academy of Arts and Sciences. New-Hawen.
37 Commissioners of States Parks of the State of N. Y. Albany.
38 Commissão Central Permanente de Geographia. Lisboa.
39 Commission de statistique de la ville capitale de Prague.
40 Cronica Cientifica. Barcelona.
41 Deutsche Rundschau fur Geographie und statistik in Baviera. Munchen.
42 Department of Agriculture of the United States. Washington.
43 Direction de la Statistique Generale. Roma.
44 Entomological Commission. Washington.
45 Geographische Gesellchaft in Hannover.
46 Gesellschaft Geographische in Hamburg.
47 Geographische Gesellschaft (fur Thuringen) zu Saxe-Weimar. Jena.
48 Geographische Gesellschast zu Prussia. Greifswald.
49 Geographe Gesellschaft in Bremen.
50 Geographischen Gaselischaft in München.

51 Historical Society of Pennsylvania. Philadelphia.
52 Instituto Geographico Argentino. Buenos-Aires.
53 Institut Geografique International. Berne.
54 Indsch Aardrykundige Genootschap. Samarang.
55 Institut Geologique de Hongrie. Budapest.
56 Kaiserlich Akademie der Wissenschaften.
57 Kœniglilh Bayerische Akademie der Wissenschaften.
58 Kœnizl physikalivch-œchonomische Gewlischalt. Kœnigsberg.
59 Kais-Kœnizl geographiche Gesellschaft. Wien.
60 Literary and Philosophical Society of Manchester. Manchester.
61 Literary and Historical society of Quebec.
62 Minesota Academy of Natural sciences. Mineapolis.
63 Musée Teiler. Harlem.
64 Muzêo Publico de Buenos-Aires. Buenos-Aires.
65 Muzêo Nacional do Mexico.
66 Observatorio do Infante D.Luiz. Lisbôa.
67 Observatorio Nacional Argentino. Cordoba.
68 Oberhessische Gesellschaft fur Naturund Kdilcunde. Giessen.
69 Oesterreichische Ingenieurund Architekten. Viena.
70 Orleans County Society of Natural Siences. New-Port.
71 Observatoire Royal de Munich.
72 Ostschweizerischen Geographischen Commerc.Gesellschaft in St. Gallen.
73 Royal Geographical Society (The). London.
74 Real Academia de Sciencias Morales y Politicas. Madrid.
75 Real Academia de la Historia. Madrid.
76 Royal Institut Geologique de Hongrie. Budapest.
77 Societé des Sciences Historiques et Naturelles de Yonne. Auxerre.
78 Societé de Geographie de Marseille. Marseille.
79 Societé Bibliographique (Polibillion). Pariz.
80 Société Normande de Geographie. Rouen.
81 Societé Geographique Roumaine. Bucharest.
82 Societé Belge de Geographie. Bruxelles.
83 Societé Imperiale de Naturalistes de Moscow. Moscow.
84 Societé de Geographie. Anvers.
85 Sociedad Geografica de Madrid. Madrid.
86 Societé de Geographie Commerciale de Bordeaux. Bordeaux.
87 Societé de Geographie de Lyon. Lyon.
88 Societé Hispano-Portugaise. Toulouse.
89 Societé des E'tudes Historiques (Ancien Institut Historique). Pariz.
90 Sociedad Nacional de Agricultura de Santiago do Chile.
91 Societá Adriatica de Scienze Naturali. Trieste.
92 Societé de Geographie de Genève. Genève.
93 Societá Geografica Italiana. Roma.
94 Sociedad de Geografia e Estatistica de la R. Mejicana. Mexico.
95 Sociedad de Ingenieros de Jalisco. Guadalajara.
96 Sociedad Scientifica Argentina. Buenos-Aires.
97 Sociedade de Geographia de Lisboa. Lisboa.
98 Societé de Geographie de Paris.
99 Societé Imperiale Russe de Geographie. Petersbourg.
100 Societé Hongroise des Sciences Naturales. Budapest.
101 Societé de Statistique de Marseille. Marseille.
102 Societé Linneene du Nord de la France. Amiens.
103 Sociedade de instrucção do Porto.
104 Sociedade de Geographia Commercial do Porto.
105 Societé de geographie et d'archeologie de Oran.
106 Societé des arts e des sciences de Batavia.

107 Smithsonian Institution. Washington.
108 Societé Hongroise de Geographie. Budapest.
109 Societá Africana d'Italia. Napoles.
110 Societé d'Antropologie de Lyon.
111 Societé des sciences Naturelles de Neufchatel.
112 Societé Nationale des sciences Naturelles et Mathematiques do Cherburg.
113 Societé de Geographie de Saint-Valeri-en-Caux. St. Valeri-en-Caux.
114 Societé de Geographie de l'Est Meuse (França). Bar-le-Duc.
115 Societé des Études Indo-chinoises de Saigon (Cochinchina). Saigon.
116 Societé Khedeviale de Geographie du Cairo.
117 Societé de Geographie de Tours.
118 Societé d'Etnographie de Pariz.
119 Societé Archeologique Croate. Agram.
120 Sociedad Economica de Amigos del Pais (Revista Filipina). Manilha.
121 Societé de Geographie Commerciale du Havre.
122 Sociedad Española de Geografia Commercial. Madrid.
123 Statiches Handbuch der koniglichen Hanptstadt. Praga.
124 Université Royale de Norveje. Christiania.
125 Universidad de Chile. Santiago.
126 Union Geographique du Nord de la France. Lille.
127 United States Geographical survey. Washington.
128 United States Naval Observatory. Washington.
129 United Stades National Museum. Washington.
130 United States Geological survey of the Territories. Washington.
131 Verein fur Erdkund. Metz.
132 Verein von Freunden der Erdkunde zu, Leipzig.
133 Verein für Erdkunde. Dresden.
134 Verein fur Erdkunde zu Halle.
135 War Departement-Office of the chief signal officer. Washington.
136 Wiscousin Academy of Sciences, Arts and Letters. Madison.

Socios admittidos em 1889

NACIONAES

1 Barão de Alencar.
2 Conde da Mota Maia.
3 Feliciano Pinheiro de Bitencourt.
4 Jozé Francisco Diana.
5 João Vicente Leite de Castro.
6 Jozé Ricardo Pires d'Almeida.
7 D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo.
8 Torquato Xavier Monteiro Tapajós.

ESTRANGEIROS

1 Achiles de Giovanni.
2 Alexandre Sorondo.
3 Anibal Echeverria y Reis.
4 Anibal Ferrero.
5 Blas Vidal.
6 Bouquet de la Grye.
7 Carlos de Ibañes (Marquez de Mulhacen).
8 Constantino Bannen.
9 Duarte Gustavo Nogueira Soares.
10 Enrique Moreno.
11 Jean Martin Charcot.
12 Manoel de Villamil Blanco.
13 Mariano Semmolla.
14 Martin Rivadavia.
15 Norberto Quirno Costa.

Socios falecidos em 1889

NACIONAES

1 Barão de Cotegipe (João Mauricio Wanderley), falecido em 13 de Fevereiro de 1889.
2 Barão de Maruiá (João Wilkens de Matos), em 3 de Maio de 1889.
3 Antonio Alvares Pereira Coruja, em 4 de Julho de 1889.
4 Quintiliano Jozé da Silva, em 25 de Agosto de 1889.
5 João Lopes da Silva Coito, em 30 de Agosto de 1889.
6 Francisco Jozé Ferreira Baptista, em 12 de Setembro de 1889.
7 Visconde de Mauá (Irineo Evangelista de Souza), em 21 de Outubro de 1889.
8 Visconde de Vieira da Silva (Luiz Antonio Vieira da Silva), em 3 de Novembro de 1889.
9 Felizardo Pinheiro de Campos, em 24 de Novembro de 1889.
10 Alvaro Barbalho Uxôa Cavalcante, em 19 de Dezembro de 1889.

ESTRANGEIROS

1 Antonio Jozé Viale.
2 Domingo Santa Maria.
3 Marquez de Thomar (Antonio Bernardo da Costa Cabral).*

---

* Por erro de informação foi este consocio incluido como falecido na relação publicada no tom. 18 parte II, pag. 329 da Revista Trimensal. Antonio Bernardo da Costa Cabral, 1º. conde e 1º. marquez de Thomar, faleceo na Foz em Portugal a 1 de Setembro de 1889, com 86 annos de idade.

Relação nominal dos socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

PROTECTOR IMMEDIATO

D. Pedro de Alcantara.

PREZIDENTES HONORARIOS

Principe de Joinville.
Conde d'Aquilla.
Principe Real da Dinamarca.
Conde d'Eu.
Duque de Saxe.
D. Miguel Juarez Celman.

Socios nacionaes honorarios em 31 de Dezembro de 1889

	ADMISSÃO NO INSTITUTO
1. Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva	12 Ag. 1841
2. Conselheiro Barão Homem de Mello (Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello)	3 Jun. 1859
3. Conselheiro João Manoel Pereira da Silva	1 Dez. 1838
4. General Visconde de Beaurepaire Rohan (Henrique de Beaurepaire Rohan)	10 Jun. 1847
5. Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo	5 Dez. 1862
6. Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino Castro	14 Jul. 1871
7. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe	21 Out. 1870
8. Dr. Maximiano Marques de Carvalho	23 Jan. 1845
9. Dr. Cezar Augusto Marques	4 Ag. 1865
10. Visconde de Taunay (Alfredo d'Escragnolle Taunay)	28 Maio 1869
11. Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira	19 Out. 1887
12. Barão de Capanema (Guilherme Schuch de Capanema)	19 Out. 1848
13. Visconde de Souza Fontes (Jozé Ribeiro de Souza Fontes)	23 Març. 1848
14. Monsenhor Manoel da Costa Honorato	17 Nov. 1871
15. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	2 Ag. 1889
16. Barão de Alencar	13 Set. 1889
17. Conselheiro Jozé Francisco Diana	13 Set. 1889
18. Visconde de Mota Maia	25 Out. 1889
19. Dr. João Severiano do Fonceca *	1 Out. 1880

* Os nomes vão mencionados na ordem chronologica de sua elevação á categoria de socio honorario.

Socios nacionaes effectivos em 31 de Dezembro de 1889

	Admissão no Instituto
1. Visconde de Nogueira da Gama (Nicolau Antonio de Nogueira da Gama)........................	4 Nov. 1841
2. Francisco Jozé Borges..	9 Dez. 1847
3. Conselheiro Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros......................................	19 Set. 1856
4. Barão do Ladario (Jozé da Costa Azevedo)........	7 Nov. 1862
5. Dr. Jozé Vieira Couto de Magalhães.............	5 Dez. 1862
6. Dr. Jozé de Saldanha da Gama.................	18 Agosto 1865
7. Barão de Ribeiro de Almeida (João de Ribeiro de Almeida)........................	11 Out. 1866
8. Barão do Rio Branco (Jozé Maria da Silva Paranhos)......................................	7 Nov. 1867
9. Dr. Luiz Francisco da Veiga.....................	22 Maio 1868
10. Dr. Joaquim Pires Machado Portella............	17 Junho 1870
11. Dr. Ladisláo de Souza Mello Neto................	14 Julho 1871
12. Barão de Ramiz (Benjamim Franklin Ramiz Galvão)	16 Agosto 1872
13. Conselheiro Nicolau Joaquim Moreira...........	17 Julho 1874
14. Dr. Rozendo Moniz Barreto......................	6 Agosto 1875
15. João Barboza Rodrigues.........................	29 Set. 1876
16. Coronel Augusto Fausto de Souza..............	28 Maio 1880
17. Dr. Alfredo Piragibe............................	26 Nov. 1880
18. Barão de Tefé (Luiz Antonio von Hoonholtz)	29 Set. 1882
19. Capitão de fragata Francisco Calheiros da Graça..	29 Set. 1882
20. Dr. Jozé Alexandre Teixeira de Mello..........	24 Nov. 1882
21. Capitão de fragata Jozé Candido Guilhobel.......	24 Nov. 1882
22. Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.....	4 Outub. 1883
23. Capitão-tenente Jozé Egidio Garcez Palha........	7 Dez. 1883
24. Capitão-tenente Manoel Pinto Bravo............	7 Dez. 1883
25. Tenente Pedro Paulino da Fonseca..............	7 Dez. 1883
26. Dr. Francisco Ignacio Ferreira..................	21 Agosto 1885
27. Henrique Raffard................................	16 Outub. 1885
28. Conselheiro Manoel Francisco Correia...........	1 Outub. 1886
29. João Capistrano de Abreo......................	19 Outub. 1887
30. General Barão de Miranda Reis (Jozé de Miranda Silva Reis)........................	15 Julho 1887
31. Barão de Lavradio (Jozé Pereira Rego)..........	25 Jan. 1840
32. Visconde de Sinimbú (João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú).................................	1 Outub. 1840
33. Visconde de Barbacena (Felisberto Caldeira Brante,	12 Agosto 1841
34. Dr. Jozé Jansen do Paço......................	12 Outub. 1843
35. Conselheiro Jozé Tavares Bastos................	23 Jan. 1845
36. Barão de São-Felix (Antonio Felix Martins)......	17 Dez. 1846
37. Barão de Macahubas (Abilio Cezar Borges).......	9 Dez. 1847
38. Conselheiro Fausto Augusto de Aguiar...........	1852
39. Visconde de Valdetaro (Manoel de Jezus Valdetaro)*	23 Jan. 1845

* Os socios effectivos são todos rezidentes na capital federal.

Socios nacionaes correspondentes em 31 de Dezembro de 1889

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1. Barão de Lopes Neto (Felipe Lopes Neto)	14 Out. 1840	Europa
2. Barão de Penedo (Francisco Ignacio Carvalho Moreira)	12 Agt. 1841	»
3. Barão do Desterro (João Jozé de Almeida Couto)	23 Jan. 1845	Bahia
4. Barão de Souza Queiroz (Francisco Antonio de Souza Queiroz)	23 Jan. 1845	São-Paulo
5. Dr. Jozé de Barros Pimentel	23 Jan. 1845	Aracajú
6. Conselheiro Luiz Antonio Barboza de Almeida	23 Jan. 1845	Bahia
7. Commendador Jozé Joaquim da Gama Silva	2 Set. 1847	Belem (Pará)
8. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt	19 Dez. 1847	Campinas
9. Angelo Thomaz do Amaral	10 Out. 1851	Cap. Federal
10. Conselheiro Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja	23 Set. 1853	»
11. Conselheiro Tito Franco d'Almeida	21 Agt. 1857	Belem (Pará)
12. João Brigido dos Santos	22 Agt. 1862	Fortaleza
13. Conego João Pedro Gay	22 Agt. 1862	R. Gr. do Sul
14. Barão de Guajará (Domingos Antonio Raiol)	8 Nov. 1866	Belem (Pará)
15. Conselheiro Epifanio Candido de Souza Pitanga	7 Nov. 1867	Cap. Federal
16. Tenente-coronel Eduardo Jozé de Moraes	5 Jul. 1872	»
17. Antonio Manoel Gonçalves Tocantins	17 Jul. 1874	Belem (Pará)
18. Jozé de Vasconcellos	10 Dez. 1875	Recife
19. Dr. Joaquim Floriano de Godoy	4 Agt. 1876	São-Paulo
20. Luiz da França Almeida Sá	29 Set. 1876	R. Gr. do Sul
21. Dr. Americo Braziliense de Almeida Mello	1 Jun. 1877	São-Paulo
22. Dr. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	10 Maio 1878	Recife
23. Dr. Carlos Artur MOncorvo de Figueiredo	28 Maio 1880	Cap. Federal
24. Bernardo Saturnino da Veiga	13 Agt. 1880	Campanha (Minas)
25. Commendador Antonio Jozé Victorino de Barros	7 Dez. 1883	Cap. Federal
26. Dr. Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe Filho	7 Dez. 1883	São-Paulo
27. Dr. Francisco de Paula Toledo	7 Dez. 1883	Taubaté

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
28. Dr. Jozé Antonio de Azevedo Castro.	24 Jul. 1885	Europa
29. Frederico Jozé de Sant'Anna Neri..	13 Nov. 1885	»
30. Visconde de Ourem (Jozé Carlos de Almeida Arêas).................	1 Out. 1886	»
31. Dr. Jozé Higino Duarte Pereira.....	1 Out. 1886	Recife
32. Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa..........................	9 Dez. 1886	»
33. Coronel Antonio Borges de Sampaio..........................	9 Dez. 1886	Uberaba
34. Tenente-coronel Antonio Ribeiro de Macedo........................	19 Out. 1887	Paraná
35. Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonceca.......................	19 Out. 1887	Fortaleza
36. Jozé Verissimo de Matos...........	16 Nov. 1887	Belém (Pará)
37. D. Antonio de Macedo Costa (Bispo do Pará);......................	13 Jul. 1888	
38. Barão de Ibituruna (João Baptista dos Santos).....................	13 Jul. 1888	Capital Federal
39. Capitão-tenente Artur Indio do Brazil........................	13 Agt. 1888	»
40. Marquez de Paranaguá (João Lustoza da Cunha Paranaguá)......	13 Agt. 1888	»
41. Commendador Jozé Luiz Alves....	13 Agt. 1888	»
42. Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira.........................	13 Agt. 1888	»
43. Dr. Luiz Cruls....................	13 Agt. 1888	»
44. Dr. Virgilio Martins de Mello Franco..........................	13 Agt. 1888	Barbacena
45. Torquato Xavier Monteiro Tapajós.	5 Jul. 1889	Capital Federal
46. Dr. Feliciano Pinheiro de Bitencourt...........................	25 Out. 1889	»
47. Tenente-coronel João Vicente Leite de Castro.......................	25 Out. 1889	»
48. Dr. Jozé Ricardo Pires de Almeida.........................	25 Out. 1889	»

Socios estrangeiros honorarios (*)

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1 Principe de Cariati	1839	Italia.
2 Principe de Scilla	»	»
3 Artur Brooke	»	Inglaterra.
4 Barão de Maltitz	»	Alemanha.
5 João Fernando Denis	»	França.
6 Manoel de Sarratéa	1840	Confeder. Arg.
7 Ambrozio Campadonico	1841	Italia.
8 Agatino Longo	1842	»
9 Filippe Rizzi	»	»
10 Fernando de Lucca	1843	»
11 Giuseppe Ceva Grinaldi (Marquez)	»	»
12 Nicolão de Santo Angelo	»	»
13 Thomas C. de Mosquera	1844	Equador.
14 Jozé Vargas	1845	Venezeuela
15 Alberto Gallatin	1846	Estados-Unidos.
16 Jorge Brancroft	1864	»
17 Bartolomeo Mitre	1871	Confeder. Arg.
18 Alexandre de Serpa Pinto	1881	Portugal.
19 Estanisláo E. Zeballos	1883	Confeder. Arg.
20 Enrique Moreno	1889	»
21 Norberto Quirno Costa	»	»
22 Duarte Gustavo Nogueira Soares	»	Portugal.
23 Jean Martin Charcot	»	França.
24 Mariano Semmola	»	Italia.
25 Achiles de Giovanni	»	»
26 Manoel Villamil Blanco	»	Chile.
27 Blasco Vidal	»	Uruguay.

Socios estrangeiros correspondentes

1 Carlos Zucchi	1839	Italia.
2 João Water House	»	Inglaterra.
3 Manoel Salas Corvaland	»	Chile.
4 Sabino Bertholet	»	França.
5 Guilherme Hunter	1840	Estado-Unidos.
6 Jozé Barandier	»	França.

* Desde 1883 que procuramos eliminar da lista dos socios estrangeiros o nome dos falecidos : não podemos porém conseguir ter exacto conhecimento do obito de todos os socios, que figuram em nosso quadro de 1838 a 1880. Não obstante a diligencia que temos empregado estamos certos, que ainda se conservam na prezente relação muitos finados, que serão riscados á proporção que nos vierem informações exactas e pozitivas.

N. da Red.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
7 Julio Victor Armand Hain	1840	França.
8 William Smith	»	Inglaterra.
9 Mariano Eduardo de Rivera	1841	Perú.
10 Marion de Procé	»	França.
11 Pedro Jozé Mesnard	»	»
12 William Burchell	»	Inglaterra.
13 Woodbine Parish	»	»
14 Duque de Serra de Falco	1843	Italia.
15 Felix de Santo Angelo	»	»
16 Francisco Cervelleri	»	»
17 Samuel Dutot	»	França.
18 Giacomo Castrucci	»	Italia.
19 Girolano Perozzi	»	»
20 Giovani Semmola	»	»
21 Luigi Semitini	»	»
22 Luigi Rizzi	»	»
23 Paulo Anania de Lucca	»	»
24 Carlos van Lede	1843	Belgica
25 João Pie Namur	»	»
26 Fernando de Lucca	»	Italia
27 Pascuale Pacini	»	»
28 Rafael Zarienga	»	»
29 Vicenzo Stellati	»	»
30 Jozé Antonio Pardo	1844	Equador
31 Vicente Rocafuerte	»	»
32 Francis Markoe Junior	1845	Inglaterra
33 Imbert des Mottelletts (Conde)	»	França
34 Duque de Paix	»	»
35 Marquez de Penafiel	»	Portugal
36 Alexandre W. Bradford	1846	Est.-Unidos
37 B. M. Norman	»	»
38 Carlos Wiet	»	Belgica
39 Julio Parigot	»	»
40 João Russel Bartlett	»	Inglaterra
41 Hermann E. Ludwig	»	Allemanha
42 Roberto Greenham	»	»
43 Samuel Jorge Morton	»	Est.-Unidos
44 William B. Hodgson	»	Inglaterra
45 Vicente Martillaro (Marquez de Villarena)	»	Italia
46 Antonio Ramon Vargas	1847	Espanha
47 Ulrico Valia	»	Italia
48 André Lamas	1848	Uruguay
49 James C. Fletcher	1862	Est.-Unidos
50 Frederico Francisco (Visconde de Figanière)	1863	Portugal
51 Jorge Martinho Thomaz	1864	Inglaterra
52 Emmanuel Liais	1866	França
53 Henrique Schutel Ambauer	1868	Italia
54 Vivien de Saint Martin	»	França
55 Jozé Rozendo Gutierres	1869	Bolivia
56 Cezar Cantu	1870	Italia
57 Augusto Carlos Teixeira de Aragão	1871	Portugal
58 Diogo de Barros Arana	»	Chile

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
59 Jozé Maria Latino Coelho.........	1877	Portugal
60 Francisco Gomes de Amorim.......	1880	»
61 Visconde de Wildick.	»	»
62 Alexandre Baguet................	1882	Belgica
63 Antonio da Costa................	»	Portugal
64 Jozé Silvestre Ribeiro.............	»	»
65 Paulo Gafarel.....................	»	França
66 Vicente G. Quezada...............	1883	Confed. Argent.
67 Manoel Pinheiro Chagas...........	1884	Portugal
68 Pedro Venceslão de Brito Aranha...	»	»
69 Angelo Justiniano Carranza.........	1887	Confed. Argent.
70 Anibal Echeverria y Reis...........	1889	Italia
71 Anibal Ferrero.....................	»	Chile
72 Carlos de Ibanes (Marquez de Mulhacen)........................	»	Espanha
73 Bouquet de la Grye...............	»	França
74 Alexandre Sorondo.................	»	Confed. Argent.
75 Constantino Bannen...............	»	Chile
76 Martin Rivadavia..................	»	Confed. Argent.

RELAÇÃO

DAS

SOCIEDADES NACIONAES E ESTABELECIMENTOS PUBLICOS

PARA OS QUAES SE ENVIA A

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro*

NOMES	SEDES
Academia de medicina	Capital federal.
Archivo militar	» »
Archivo publico	» »
Associação promotora de instrução	» »
Archivo do correio geral	» »
Bibliotheca da escola polytechnica	» »
Bibliotheca do exercito	» »
Bibliotheca de marinha	» »
Bibliotheca de medicina	» »
Bibliotheca municipal	» »
Bibliotheca nacional	» »
Bibliotheca publica	Fortaleza.
Bibliotheca publica do	Recife.
Bibliotheca publica de	Itaguahi.
Bibliotheca publica da	Victoria.
Bibliotheca publica do	Ouro-Preto.
Bibliotheca publica do	Desterro.
Bibliotheca publica da	Laguna
Bibliotheca de São João d'El-rei	S. João d'El-rei.
Bibliotheca publica de	Curitiba.
Bibliotheca publica de	Manáos.
Bibliotheca publica do	Maranhão.
Bibliotheca publica de	Porto-Alegre.
Bibliotheca publica da	Bahia.
Bibliotheca publica de	Aracajú.
Bibliotheca publica do	Natal.
Bibliotheca publica de	Therezina.
Bibliotheca da cidade de (Brumado de Suassuhi).	Entre-Rios.
Bibliotheca da Escola Normal de	Niteroy

* O Instituto Historico e Geographico Brazileiro remete a *Revista Trimensal* a todas as sociedades e estabelecimentos estrangeiros mencionados de pag. 556 a pag. 558, aos quaes conferio a medalha commemorativa da lei de 13 de Maio de 1888.

NOMES	SEDES
Bibliotheca Municipal de	Barbacena.
Bibliotheca publica Pelotense	Pelotas.
Bibliotheca Municipal de	Barra-Mansa.
Bibliotheca do Gremio Bibliothecario Caxoeirano.	Itapemirim(E.Santo
Bibliotheca da Faculdade de Direito de	São-Paulo.
Bibliotheca dos Aprendizes Artilheiros	S. João (Fortaleza).
Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro	Capital federal.
Club Literario de	Paranaguá.
Club Curitibano	Curitiba.
Club Recreativo Literario	João-Gomes (Minas).
Club Literario Taubatense	Taubaté.
Club Alfa de Morretes	Paraná.
Club Literario Nazareno	Cid.Nazareth (Bahia)
Escola Dominical	Capital federal.
Gabinete Literario Goiano	Goiaz.
Gabinete Portuguez de Leitura	Capital federal.
Grande Oriente do Brazil	» »
Gabinete de Leitura do Atheneo Ubatense	Ubatuba.
Gabinete de Leitura da villa de Pereiro	Ceará.
Instituto Polytechnico Brazileiro	Capital federal.
Instituto Archeologico e Geogr. Pernambucano	Recife.
Instituto dos Advogados Brazileiros	Capital federal.
Instituto Fluminense de Agricultura	» »
Instituto Archeologico e Geographico Alagoano	Maceió
Liceo Mineiro	Ouro-Preto
Muzeo Nacional	Capital federal
Observatorio Astronomico	Capital federal
Revista Pharmaceutica	Capital federal
Revista Maritima	» »
Revista do Exercito Brazileiro	» »
Revista da Escola de Marinha	» »
Revista do Retiro Literario Portuguez	» »
Revista de Pharmacia	Recife
Secretaria do Governo do Estado das Alagoas	Maceió
» » » do Amazonas	Manáos
» » » da Bahia	
» » » do Ceará	Fortaleza
» » » do Espirito Santo	Victoria
» » » de Goiaz	Goiaz
» » » do Maranhão	São-Luiz
» » » de Mato-Grosso	Cuiabá
» » » de Minas-Geraes	Ouro-Preto
» » » do Pará	Belém
» » » da Parahiba	Parahiba
» » » do Parana	Curitiba
» » » de Pernambuco	Recife
» » » de Piauhi	Therezina
» » » do Rio Grande do Norte	Natal
» » » do Rio de Janeiro	Niteroy
» » » de Santa Catharina	Desterro
» » » de São-Paulo	Cidade de São-Paulo
» » » de Rio Grande do Sul	Porto-Alegre

NOMES	SEDES
Secretaria do Governo do Estado de Sergipe....	Aracajú
» do Interior..........................	Capital federal
» da Agricultura.......................	» »
» de Marinha...........................	» »
» da Guerra............................	» »
» do Esterior..........................	» »
» da Justiça...........................	» »
» da Fazenda...........................	» »
» da Camara dos Senadores..............	» »
» da Camara dos Deputados..............	» »
Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional...	» »
» Central de Immigração................	» »
» de Geographia do Rio de Janeiro......	» »
» » de Lisboa (Secção do Rio de Janeiro)........................	» »
Typographia Nacional.......................	» »
União Medica...............................	» »

Errata

Na *Vida do padre Estanisláo de Campos* convem fazer as seguintes emendas:

A' pag. 8, lin. 46, onde se diz— ducerit, leia-se— duceret.

A' pag. 75, lin. 35, onde se diz— adhibere consuevi, leia-se— adhibere consuevit.

A' pag. 105 lin. 11, onde se diz— Jozé da Costa Lara, leia-se— Jozé de Campos Lara.

Nas *Actas*:

A' pag. 124 e 521, onde se diz— Echeverrica, leia-se— Echeverria.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LII

PARTE SEGUNDA

PAGS.

BALANÇO

da tezouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro no anno de 1889.

RECEITA

1889.	
Janeiro 1. Saldo de 1888..	1:836$410
Dezembro 31. Subsidio do Tezouro Nacional, 1.ª e 2.ª prestações de 1889..	9:000$000
Juros de apolices, 2.° semestre de 1888, e 1.° semestre de 1889	1:010$000
Venda da Revista Trimensal..	162$000
Joia de entrada de socios constantes da relação n. 1......	120$000
Prestações semestraes dos socios constantes da relação n. 2.	690$000
	12:818$410

DESPEZA

1889.	
Impressão da *Revista-Trimensal* (3.° e 4.° trimestre de 1888 e 1.° e 2.° dito de 1889) doc. n. 1 e 2............	3:409$000
Impressão do volume suplementar do tomo 51 da Rev. Trim. em commemoração do jubileo social, doc. n. 3.	2:928$750
Remessa da *Revista Trimensal* para o estrangeiro, doc. n. 4 e 5..	210$900
Encadernação de livros na oficina de Antonio Vieira Junior, e no Instituto dos surdos-mudos, doc. n. 6, 7, 8 e 9..	370$300
Compra de livros e copia de mapas geograficos doc. n. 10 a 17..	233$500
Expediente, isto é, velas para iluminação da sala das sessões, carretos e outras despezas miudas feitas pelo porteiro, papel, tinta, lapis, outros objetos de escritorio, e publicações na imprensa, doc. n. 18 a 38....	939$440
Vencimentos dos empregados nos mezes de Janeiro a Dezembro de 1889, doc. n. 39 a 50...........	3:120$000
Porcentagem da cobrança sobre a quantia arrecadada doc. n. 51, 52 e 53..	119$700
	11:331$590

Transporte	11:331$590
Eventuaes, isto é, 56 caixinhas de madeira para medalhas, 3 caixas de cedro lustradas, 1 armario para guarda de manuscritos, impressão de circulares, inscrições caligraficas, gravura, e gratificação a um servente, doc. n. 51 a 62..	765$250
	12.096$840

REZUMO

Receita..	12.818$410
Despeza..	12.096$840
Saldo..................................	721$570

OBSERVAÇÃO

O Instituto Istorico e Geografico Brazileiro possue 19 apolices da divida publica, sendo 17 do valor de 1:000$, e 2 do valor de 600$000.

A numeração d'estas apolices é a seguinte: 490, 1.339, 6.750, 11.448, 37.131, 40.252, 50.961, 75.319, 75.320, 77.787, 111.846, 120.111, 131.945, 159.125, 172.837, 172.838, 182.910, 231.988, 231.989.

O saldo supra está sugeito ao pagamento do 3.º e 4 º trimestre da Revista Trimensal de 1889 ja impressos.

Rio 15 de Janeiro de 1890.

T. Alencar Araripe.
Tezoureiro.

N.º 1

Relação dos socios que pagaram joia de entrada em 1889

1 Antonio Ribeiro de Macedo..................................	20$000
2 Feliciano Pinheiro Bitencout..................................	20$000
3 Francisco Ignacio Pereira..................................	20$000
4 Jozé Verissimo de Mattos..................................	20$000
5 Marquez de Paranaguá..................................	20$000
6 Torquato Xavier Monteiro Tapajóz..........................	20$000
	120$000

N.º 2

Relação dos socios que pagaram suas prestações semestraes em 1889

1 Angelo Tomaz do Amaral (remissão de debito até 1889).....	60$000
2 Antonio Borges de Sampaio, 1889..........................	12$000
3 Antonio Jozé Victorino de Barros, 1888 e 1889..............	24$000
4 Antonio Ribeiro de Macedo, 1888..........................	12$000
5 Artur Indio do Brazil, 1889..................................	12$000
6 Augusto Fausto de Souza, 1889..............................	12$000
7 Barão de Capanema, 1889..................................	12$000
Somma...............	144$000

	Transporte	144$000
8	Barão de Ibituruna, 1889	12$000
9	Barão do Lavradio, 1889	12$000
10	Barão de Miranda Reis, 1889	12$000
11	Barão de Ramiz, 1889	12$000
12	Barão de Ribeiro de Almeida, 1889	12$000
13	Barão de São-Felix, 1889	12$000
14	Bispo do Pará (D. Antonio de Macedo Costa), 1889	12$000
15	Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1889	12$000
16	Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe, 1889	12$000
17	Enrique Rafard, 1888 e 1889	24$000
18	Epifanio Candido de Souza Pitanga, 1889	12$000
19	Fausto Augusto de Aguiar, 1889	12$000
20	Francisco Calheiros da Graça, 1889	12$000
21	Francisco Ignacio Ferreira, 1887	12$000
22	Francisco de Paula Toledo, 1886, 1887, 1888 e 1889	48$000
23	João Capistrano de Abreo, 1889	12$000
24	João Lopes da Silva Couto, 2.° sem. de 1888 e 1.° 1889	12$000
25	João Severiano da Fonseca, 1889	12$000
26	Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 1889	12$000
27	Jozé Candido Guilhobel, 1889	12$000
28	Jozé Egidio Garcez Palha, 1887	12$000
29	Jozé Luiz Alves, 1889	12$000
30	Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1889	12$000
31	Jozé de Vasconcellos, 1888	12$000
32	Jozé Verissimo de Matos, 1888 e 1889	24$000
33	Luiz Rodrigues de Oliveira, 1889	12$000
34	Manoel Francisco Correia, 1889	12$000
35	Marquez de Paranaguá, 1889	12$000
36	Nicoláo Joaquim Moreira, 1889	12$000
37	Paulino Nogueira Borges da Fonceca, 1888 e 1889	24$000
38	Quintiliano Jozé da Silva, 1889	12$000
39	Ricardo Gumbleton Daunt, 1888 e 1889	24$000
40	Torquato Xavier Monteiro Tapajós, 2.° semestre de 1889	6$000
41	Virgilio Martins de Mello Franco, 1889	12$000
42	Visconde de Nogueira da Gama, 1889	12$000
43	Visconde de Sinimbú, 1889	12$000
44	Visconde de Souza Fontes, 1889	12$000
45	Visconde de Valdetaro, 1889	12$000
46	Visconde de Vieira da Silva, 1889	12$000
		690$000

Existem actualmente 30 socios izentos do pagamento de prestações semestraes por serem onorarios ou rémidos. Constam da relação n. 3.

Na Europa estam prezentemente 7 socios nacionaes, os quaes pelos estatutos sociaes não são obrigados ao pagamento de suas prestações semestraes, emquanto ali rezidem. Constam da relação n. 4.

Dos socios sugeitos ao pagamento das prestações semestraes estam quites até 31 de Dezembro de 1889 os constantes da relação retro n. 2.

Deixaram de pagar as suas prestações de 1889 os 32 socios constantes da relação n. 5. Este debito, na maxima parte por prestações atrazadas, monta na importancia de 3:100$000. A relação n. 5 vae junta aos doc. do balanço.

Os socios Barão de Capanema e Visconde de Souza Fontes pagaram as prestações de 1889 antes de serem elevados á categoria de socios onorarios.

N.º 3

Relação dos socios não sujeitos ao pagamento de prestações semestraes

1	Barão de Alencar	Onorario
2	Barão de Capanema	»
3	Barão do Desterro	Remido
4	Barão de Guajará	»
5	Barão Homem de Mello	»
6	Barão do Ladario	»
7	Barão de Lopes Neto	»
8	Barão de Macahubas	»
9	Barão de Souza Queiroz	»
10	Cezar Augusto Marques	Onorario
11	João Alfredo Correia de Oliveira	»
12	João Brigido dos Santos	Remido
13	João Manoel Pereira da Silva	Onorario
14	João Pedro Gay	Remido
15	Joaquim Norberto de Souza Silva	Onorario
16	Jozé Francisco Diana	»
17	Jozé Joaquim da Gama Silva	Remido
18	Jozé Tavares Bastos	»
19	Jozé Vieira Couto de Magalhães	»
20	Manoel da Costa Honorato	»
21	Manoel Duarte Moreira de Azevedo	»
22	Maximiano Marques de Carvalho	Onorario
23	Olegario Herculano de Aquino Castro	»
24	Tito Franco de Almeida	Remido
25	Tristão de Alencar Araripe	Onorario
26	Visconde de Barbacena	Remido
27	Visconde de Beaurepaire Rohan	Onorario
28	Visconde de Mota Maia	»
29	Visconde de Souza Fontes	»
30	Visconde de Taunay	»

N.º 4

Relação dos socios rezidentes na Europa em 1889, e por isso izentos do pagamento das prestações semestraes.

1 Visconde de Ourem.
2 Barão de Penedo.
3 Barão do Rio Branco.
4 Barão de Tefé.
5 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri.
6 Jozé Antonio de Azevedo Castro.
7 Jozé de Saldanha da Gama.